

A MENINA NA FLORESTA

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA
LÄCKIBERG

UMA CRIANÇA DESAPARECIDA.
UM ASSASSÍNIO.
UMA COMUNIDADE EM CHOQUE.



DOUJNOTE



Ficha Técnica Título: A Menina na Floresta

Título original: Håxan

Autor: Camilla Läckberg

Edição: Maria da Piedade Ferreira Tradução: Ricardo Gonçalves

Traduzido da versão inglesa: © Tiina Nunnally Revisão: Ana Parga

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722065689

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2017, Camilla Läckberg

Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency AB, Suécia Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor www.dquixote.leya.com www.leya.pt

Tradução segundo o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Camilla Läckberg

A Menina na Floresta

Para a Polly

*

ERA IMPOSSÍVEL SABER que género de vida teria tido a menina. Em quem se teria tornado. Em que poderia ter trabalhado, quem teria amado, por quem teria sofrido, quem teria perdido ou conquistado. Ou se teria filhos e, em caso afirmativo, como seriam. Nem sequer era possível imaginar como seria em adulta. Aos quatro anos, ainda nada estava definido. Os olhos haviam mudado de azul para verde, e o cabelo, escuro à nascença, clareara. Mas o louro exibía um tom arruivado e sem dúvida que a cor ainda iria mudar. Era particularmente difícil determiná-lo naquele momento. Ela jazia no fundo do lago com o rosto virado para baixo. A nuca estava coberta de sangue denso, coagulado. Apenas as madeixas que flutuavam em torno da cabeça, apontando em todas as direções, apresentavam aqueles tons subtis no cabelo claro.

Não se podia dizer que este cenário com a menina era particularmente macabro. Não era mais macabro do que se ela não estivesse ali, dentro de água. Os ruídos da floresta eram os mesmos de sempre. A luz filtrava-se por entre as árvores, como sempre acontecia àquela hora do dia. A água movia-se tranquilamente em redor da criança, e a superfície apenas era perturbada por uma libélula que, de vez em quando, pousava ali e produzia uma ligeira ondulação. A metamorfose já começou e, com o passar do tempo, a menina fundir-se-á com a floresta e com a água. Se ninguém a encontrar, a natureza seguirá o seu curso e transformá-la-á numa parte de si.

Até ao momento, ninguém sabia que ela desaparecera.

*

– ACHAS QUE A TUA MÃE VAI DE BRANCO? – perguntou Erica, virando-se para Patrik, deitado ao seu lado na cama.

– Tens cá uma piada! – respondeu o marido.

Erica riu-se e deu-lhe uma cotovelada.

– Porque é que te custa tanto aceitar o casamento da tua mãe? Há muito que o teu pai voltou a casar e ninguém estranhou, pois não?

– Sei que sou ridículo – disse Patrik, abanando a cabeça enquanto pousava os pés no chão e começava a calçar as meias. – Simpatizo com o Gunnar e acho ótimo que a minha mãe já não tenha de viver sozinha, mas...

Levantou-se e vestiu as calças de ganga.

– Para ser franco, estranho um pouco. A minha mãe está sozinha desde que me lembro. Julgo que se poderá dizer que sinto algum constrangimento por se tratar da minha mãe. Enfim, não sei bem porquê, mas parece-me... estranho que volte a casar.

– Quer dizer que te parece estranho que o Gunnar e a tua mãe durmam juntos?

Patrik tapou os ouvidos com as mãos.

– Para com isso!

Rindo-se, Erica atirou-lhe uma almofada. Patrik pagou-lhe na mesma moeda e começaram as hostilidades. Patrik atirou-se para cima da mulher, mas a luta rapidamente deu lugar a carícias e a suspiros profundos. As mãos de Erica deslizaram para os botões das calças de ganga de Patrik e começaram a desabotoar o primeiro.

– Que estão a fazer?

Ao ouvir a voz límpida de Maja, ambos pararam e viraram-se para a porta aberta. Maja não estava sozinha, com ela encontravam-se os irmãozinhos gémeos, que observavam alegremente os pais na cama.

– Só estávamos a fazer cócegas um ao outro – explicou Patrik, levantando-se sem fôlego.

– Tens mesmo de arranjar a fechadura da porta! – sibilou Erica, tapando-se com o lençol para ocultar os seios nus.

Sentou-se na cama e sorriu aos filhos com ar forçado.

– Porque é que não descem e começam a tomar o pequeno-almoço? Nós já vamos ter convosco.

Patrik já conseguira acabar de se vestir e expulsou as crianças à sua frente.

– Se não consegues consertar a fechadura sozinho, podes pedir ao Gunnar. Parece ter sempre a caixa de ferramentas a postos. A não ser que esteja ocupado com a tua mãe noutra atividade...

– Só tu, Erica... – disse Patrik, rindo-se e saindo do quarto.

Com um sorriso nos lábios, Erica voltou a afundar-se na cama. Podia dar-se ao luxo de descansar mais uns minutos. Não ter horários a cumprir era uma das vantagens de ser patroa de si própria, embora, ao mesmo tempo, isso também pudesse considerar-se uma desvantagem. Ganhar a vida como escritora implicava ter força de vontade e autodisciplina, e às vezes sentia-se um pouco sozinha. No entanto, Erica adorava aquele trabalho. Adorava escrever e dar à luz as histórias e os destinos que escolhera retratar. Adorava revolver tudo e pesquisar, na tentativa de descobrir o que realmente acontecera e porquê. Estava ansiosa por meter mãos ao trabalho no caso em que se concentrava naquele momento. O caso da pequena Stella, raptada e assassinada por Helen Persson e Marie Wall, comovera-a profundamente e continuava a comover todos os habitantes de Fjällbacka.

E, agora, Marie Wall regressara. A célebre atriz de Hollywood estava em Fjällbacka para protagonizar um filme sobre Ingrid Bergman. Naquela vila costeira não se falava de outra coisa.

Toda a gente conhecia pelo menos uma das raparigas ou as respetivas famílias e todos se haviam sentido consternados naquela tarde de julho de 1985, quando o cadáver de Stella foi encontrado no pequeno lago.

Erica virou-se de lado e perguntou a si própria se, há trinta anos, o sol estaria tão quente como agora. Era isso mesmo que ia verificar depois de percorrer os poucos metros de corredor que a separavam do seu escritório. Mas não havia pressa. Fechou os olhos e adormeceu, embalada pelas vozes de Patrik e dos filhos lá em baixo, na cozinha.

*

Helen inclinou-se para a frente e olhou em redor. Apoiou-se nos joelhos com as mãos suadas. Tinha acabado de bater o recorde pessoal, apesar de ter ido correr mais tarde do que era costume.

À sua frente, o mar azul e límpido brilhava, porém, interiormente, sentia uma tempestade a agigantar-se. Endireitou-se, esticou-se e envolveu o corpo com os braços sem conseguir parar de tremer. «Alguém acabou de passar por cima da minha campa», dizia sempre a mãe quando tinha calafrios. E talvez aquilo

tivesse algum fundo de verdade. Não que alguém tivesse passado por cima da campá *dela*. Mas talvez por cima da campá de alguém.

O tempo estendera um véu; as memórias eram agora bastante difusas. Só se lembrava das vozes de todas aquelas pessoas a quererem saber exatamente o que acontecera. Tinham repetido a mesma coisa uma e outra vez até Helen já não conseguir distinguir a sua verdade da verdade delas.

Na altura parecera-lhe impossível poder regressar a Fjällbacka e reconstruir ali a vida. Porém, ao longo dos anos, os rumores e as coscuvilhices foram esmorecendo, transformando-se num murmúrio débil até se silenciarem definitivamente. Helen sentia ter voltado naturalmente a fazer parte da vida da vila.

Mas agora o falatório iria recomeçar. Viria tudo de novo à superfície. E, como frequentemente sucede na vida, houve uma série de coincidências. Helen não conseguia dormir há várias semanas, desde que recebera a carta de Erica Falk a dizer que estava a escrever um livro e que queria encontrar-se com ela. Helen vira-se forçada a pedir a receita dos comprimidos que já não tomava há muito. Sem aqueles comprimidos, não estaria preparada para enfrentar o próximo embate: Marie regressara.

Tinham passado trinta anos. Helen e James haviam vivido sossegados e sem dar nas vistas, e Helen sabia que era essa a vida que James queria. *Hão de acabar por deixar de falar nisso*, afirmara o marido. E tinha razão. Aqueles momentos sombrios passaram depressa, mas para isso Helen tivera de se certificar de que não fazia grandes ondas. E tinham conseguido manter as memórias ao largo. Até àquele momento. As imagens começaram a faiscar-lhe na mente. Consequia ver o rosto de Marie com muita nitidez. E o sorriso feliz de Stella.

Helen voltou a olhar para o mar, tentando concentrar-se nas ondas que se enrolavam lentamente em direção à costa. Mas as imagens recusavam-se a deixá-la em paz. Marie estava de volta e com ela trazia a desgraça.

*

– Desculpe, onde é a casa de banho?

Sture presenteou Karim, e todos os outros que se tinham reunido no centro de acolhimento para refugiados de Tanumshede para o curso de sueco, com um olhar encorajador.

Todos repetiram a frase o melhor que puderam:

- Desculpe, onde é a casa de banho?
- Quanto custa um destes? – prosseguiu Sture.
- Mais uma vez, todos repetiram em uníssono:
- Quanto custa um destes?

Karim esforçava-se por relacionar os sons produzidos por Sture, junto ao quadro, com o texto escrito no livro. Era tudo tão diferente. As letras a decifrar, os sons a pronunciar.

Percorreu a sala com os olhos e viu um valoroso grupo de seis pessoas. Todos os outros estavam lá fora ao sol, a jogar à bola, ou em casa, deitados na cama. Alguns tentavam fazer com que o dia e as lembranças passassem enquanto dormiam, outros trocavam *e-mails* com amigos e familiares que ainda estavam vivos e acessíveis ou navegavam em *sites* de jornais. Não é que houvesse muitas informações disponíveis. O Governo só difundia propaganda e as agências de informação internacionais tinham muita dificuldade em fazer entrar os correspondentes no país. Karim também fora jornalista na vida que levava antes e compreendia a dificuldade em difundir notícias precisas e atualizadas de um país em guerra como a Síria, dilacerado interna e externamente.

- Obrigado por nos convidarem para a vossa casa.

Karim resfolegou. Era uma frase que nunca utilizaria. Se havia algo que aprendera imediatamente era que os suecos eram pessoas reservadas. Nem ele nem os outros tinham tido qualquer contacto com os habitantes locais, à exceção de Sture e dos funcionários do centro de acolhimento.

Era como se tivessem ido parar a um enclave dentro do país, isolado do resto do mundo. Só se tinham uns aos outros. E as memórias da Síria. As boas, mas sobretudo as más. Aquelas que muitos reviviam continuamente. As mesmas que Karim tentara suprimir para sempre. A guerra que se transformara no seu quotidiano. A longa viagem em direção ao norte, à terra prometida.

Karim fizera essa viagem com a sua querida mulher, Amina, e os filhos, Hassan e Samia. Só isso interessava. Conseguira pô-los em segurança e dar-lhes a oportunidade de terem um futuro. Às vezes, os cadáveres a flutuar na água entravam à força nos seus sonhos, mas quando abria os olhos já lá não estavam. Karim e a família encontravam-se ali. Na Suécia. Nada mais importava.

- Como se diz fazer amor com alguém?

Adnan riu-se das próprias palavras. Ele e Khalil eram os homens mais novos no centro. Estavam sentados lado a lado e incentivavam-se à vez.

- Tenham respeito – disse Karim em árabe, fulminando-os com o olhar.

Adnan encolheu os ombros como que a pedir desculpa a Sture, que assentiu quase impercetivelmente.

Khalil e Adnan haviam chegado sozinhos, sem família, sem amigos. Tinham conseguido deixar Aleppo antes que a fuga da cidade se tornasse demasiado perigosa. Fugir ou ficar? Ambas as opções se poderiam revelar um perigo mortal.

Karim não podia zangar-se com os conterrâneos apesar da flagrante falta de respeito. Eram miúdos assustados e sozinhos num país estranho. Restava-lhes o descaramento. Tudo o mais lhes era estranho. Karim conversara um pouco com eles depois das aulas. As famílias haviam reunido todo o dinheiro que possuíam para lhes dar a possibilidade de partir. Aqueles rapazes carregavam um grande peso aos ombros. Não só se viram atirados para um mundo completamente diferente como ainda tinham o dever de ganhar a vida o mais depressa possível para poderem salvar os entes queridos da guerra. No entanto, apesar de os compreender, Karim considerava a falta de respeito pela nova pátria inaceitável. Por mais medo que os suecos tivessem dos refugiados, tinham-nos acolhido e tinham-lhes dado abrigo e comida. E Sture passava ali os tempos livres, a esforçar-se por ensinar os refugiados a perguntar quanto custavam os bens e onde era a casa de banho. Karim podia não conseguir compreender os suecos, mas sentia-se eternamente grato pelo que tinham feito pela família. Nem todos partilhavam aquela atitude e aqueles que não respeitavam o novo país comprometiam as relações entre ambos e faziam com que os suecos encarassem todos os refugiados com suspeição.

– Hoje, o tempo está muito bom – disse Sture, articulando cuidadosamente as palavras junto ao quadro negro.

– Hoje, o tempo está muito bom – repetiu Karim, sorrindo para si próprio.

Depois de dois meses na Suécia, compreendia a gratidão dos suecos sempre que o Sol despontava. «Que tempo de merda» tinha sido uma das primeiras frases que aprendera no novo idioma. Mesmo que a pronúncia ainda não fosse a correta.

– Quantas vezes achas que se faz amor naquela idade? – perguntou Erica, bebendo um golinho de espumante.

A gargalhada de Anna atraiu os olhares dos outros clientes do Café Bryggan.

– Estás a falar a sério, mana? É nisso que andas a pensar? Em quantas vezes é que a mãe do Patrik faz amor?

– Sim, mas estou a pensar numa perspetiva mais a longo prazo – explicou Erica, levando à boca uma colherada de *cioppino*. – Quantos anos de vida sexual

satisfatória nos restarão? Será que se perde o interesse algures pelo caminho? O apetite sexual é substituído por um desejo irresistível de resolver palavras cruzadas ou *sudoku*, ou de comer doces, ou será que se mantém constante?

– Hum... não sei.

Anna abanou a cabeça e recostou-se na cadeira numa tentativa de encontrar uma posição confortável. Olhando para a irmã, Erica sentiu um nó na garganta. Ainda passara pouco tempo desde que ambas haviam sido vítimas do terrível acidente de viação em que Anna perdera o bebé que esperava. As cicatrizes que tinha no rosto permaneceriam para sempre. Porém, daí a pouco tempo daria à luz o filho que resultara do amor entre ela e Dan. Às vezes, a vida podia ser muito surpreendente.

– Mas, por exemplo, na tua opinião...

– Se te estiver sequer a passar pela cabeça dizer «a Mãe e o Pai», levanto-me e vou-me já embora – disse Anna, erguendo a mão. – Nem quero pensar nisso.

Erica fez um sorriso rasgado.

– Okay, não vou exemplificar com os pais. Mas, na tua opinião, quantas vezes fazem amor a Kristina e o Bob o Construtor?

– Erica! – Anna cobriu o rosto com as mãos e abanou de novo a cabeça. – Tens de parar de chamar «Bob o Construtor» ao pobre Gunnar, porque por acaso é um homem simpático e prestável.

– Está bem, então vamos antes falar do casamento. Também foste convocada para ajudar a escolher o vestido? Não posso ser só eu a ter de fingir estar entusiasmada e a fazer ar de aprovação enquanto a Kristina me mostra todos aqueles horrorosos vestidos para matronas.

– Sim, a Kristina também me pediu – disse Anna, esforçando-se por conseguir sentar-se direita para comer a sanduíche de camarão.

– Porque é que não pousas o prato na barriga? – sugeriu Erica com um sorriso recompensado por um olhar assassino de Anna.

Por mais que Anna e Dan desejassem aquele bebé, a barriga de Anna estava enorme e não era muito agradável passar a gravidez com aquele intenso calor estival.

– Não podias tentar influenciá-la um pouco? A Kristina tem uma figura excelente, tem menos cintura do que eu e um peito mais bonito... só que nunca se atreve a mostrá-lo. Imagina como lhe deve ficar bem um vestido de renda um pouco decotado!

– Se estás a pensar modificar o estilo da Kristina, não me metas nisso – avisou Anna. – Estou a pensar dizer-lhe que fica fantástica, independentemente dos

vestidos que me mostre.

– És uma cobarde.

– Preocupa-te com a tua sogra que eu preocupo-me com a minha.

Anna deu uma dentada na sanduíche de camarão, saboreando-a.

– Sim, claro, porque a Esther é realmente uma pessoa muito difícil! – disse Erica, visualizando a doce mãe de Dan, que nunca na vida tinha expressado a mais pequena crítica ou manifestado uma opinião contrária.

Erica sabia-o por experiência própria, dos tempos já longínquos em que namorara com Dan.

– Não, tens razão, tive sorte em relação à Esther – disse Anna, soltando depois um palavrão quando deixou cair a sanduíche no vestido.

– Oh, não te preocupes, ninguém vai olhar-te para a barriga com esses balões que tu tens agora – disse Erica indicando as copas G de Anna.

– Está calada, tonta.

Anna limpou o melhor possível a maionese que lhe caiu no vestido. Erica inclinou-se para a frente, puxou o rosto da irmã para si e beijou-a na face.

– Que foi isso? – perguntou Anna com espanto.

– Adoro-te, é só isso – respondeu Erica erguendo o copo com naturalidade. – À nossa, Anna. À tua, à minha e à nossa família louca, a tudo o que já ultrapassámos e ao facto de já não haver segredos entre nós.

Anna pestanejou algumas vezes e, em seguida, ergueu o copo de *Coca-Cola* para brindar com Erica.

– À nossa!

Por uma fração de segundo, Erica pensou ter captado um reflexo escuro nos olhos de Anna, porém, no momento seguinte tinha desaparecido. Devia ter imaginado.

*

Sanna inclinou-se sobre o arbusto de jasmim e inalou o perfume, mas desta vez não sentiu o habitual efeito calmante. Os clientes moviam-se em seu redor, erguiam os vasos e punham húmus nos carrinhos de mão, mas Sanna mal reparava neles. A única coisa que via à frente era o sorriso falso de Marie Wall.

Nem imaginava o que se passara na cabeça de Marie para regressar passados todos aqueles anos. Como se não lhe bastasse dar de caras com Helen na vila e ter de cumprimentá-la com um aceno de cabeça.

Tinha aceitado o facto de Helen viver perto, de poder encontrá-la a qualquer momento. Podia ver o sentimento de culpa nos olhos de Helen, como aquilo a consumia cada vez mais com o passar dos anos. Marie, por sua vez, nunca revelara quaisquer remorsos e aquele sorriso rasgado aparecia em todas as revistas cor-de-rosa.

E agora, a falsa, bela e sorridente Marie, estava de volta. Tinham frequentado a mesma turma na escola, e Sanna sempre lhe invejara as pestanas grossas e o cabelo louro comprido que lhe caía em caracóis nas costas, mas também vira a escuridão dentro dela.

Felizmente, os pais não tiveram de ver o rosto sorridente de Marie na cidade. Sanna tinha treze anos quando a mãe morreu de cancro no fígado e quinze quando o pai faleceu. Os médicos nunca conseguiram identificar uma causa precisa, mas Sanna sabia o que tinha acontecido. O pai morrera de desgosto.

Sanna abanou a cabeça e percebeu que vinha uma enxaqueca a caminho.

Fora obrigada a ir viver com a irmã da mãe, a tia Linn, mas nunca conseguira sentir-se em casa. A tia Linn e o tio Paul tinham filhos muito mais novos e não faziam a mais pequena ideia do que fazer com uma adolescente órfã. Nunca foram maus nem a trataram mal e deram o seu melhor, mas nunca deixaram de ser dois estranhos.

Sanna optara por um instituto distante, especializado em horticultura, e começara a trabalhar logo após a formatura. E a partir desse momento tornara-se independente. Geria um pequeno centro de jardinagem nos arredores de Fjällbacka e ganhava o suficiente para si e para a filha. Não precisava de mais.

Quando Stella foi assassinada, os pais transformaram-se em mortos-vivos, e Sanna compreendia-os perfeitamente. Algumas pessoas nasciam com uma luz mais brilhante do que outras e Stella era uma delas. Sempre feliz, sempre generosa, distribuía beijos e abraços a todos os que a rodeavam. Se, naquela manhã quente de verão, Sanna pudesse ter escolhido morrer em vez de Stella, tê-lo-ia feito sem hesitar. Mas foi Stella que foi encontrada a boiar no lago. E depois disso, não restara nada.

– Desculpe, há algum tipo de rosa que não precise de tantos cuidados?

Sanna estremeceu e ergueu o olhar para a mulher que se aproximara sem que desse por ela.

A mulher sorriu-lhe e as rugas do rosto de Sanna atenuaram-se.

– Adoro rosas, mas infelizmente não tenho queda para a jardinagem.

– Procurava alguma cor em particular? – perguntou Sanna.

Era especialista em ajudar as pessoas a encontrar as plantas mais apropriadas para elas. Para algumas eram preferíveis as flores que precisavam de bastantes cuidados e atenção. Conseguiram fazer as orquídeas medrar e florescer e poderiam viver muitos anos felizes juntas. Outras, mal conseguiam cuidar de si próprias, por isso precisavam de plantas resistentes e fortes. Não necessariamente os catos, reservados para os casos mais difíceis. Mas, por exemplo, podia propor-lhes um lírio-da-paz ou um filodendro. E Sanna orgulhava-se de conseguir encontrar sempre a planta mais adequada a cada pessoa.

– Cor-de-rosa – disse a mulher com olhar sonhador. – Adoro cor-de-rosa.

– Então tenho mesmo a rosa perfeita para si. Chama-se *rosa spinosissima*. O mais importante é ter algum cuidado adicional quando a plantar. Abra um buraco fundo e encharque a terra. Depois, ponha um pouco de fertilizante, eu indico-lhe o mais adequado, e por fim plante a roseira. Encha com húmus e volte a regar. A rega é muito importante no início, quando a roseira está a fixar as raízes. Quando estabilizar basta fazer manutenção regular para que não seque. E deve ser podada todos os anos, na primavera. Quando as bétulas começarem a germinar, diz-se.

A mulher olhou encantada para a roseira que Sanna lhe pôs no carrinho. Sanna compreendia-a perfeitamente. As rosas tinham algo especial. Muitas vezes comparava as pessoas com as flores. Se Stella tivesse sido uma flor, teria definitivamente sido uma rosa. Uma *rosa gallica*. Adorável, magnífica, camadas sobre camadas de pétalas.

A mulher aclarou a voz.

– Está tudo bem? – perguntou.

Sanna abanou a cabeça, apercebendo-se de que estava novamente perdida em recordações.

– Sim, está tudo bem, estou só um pouco cansada. Este calor...

A mulher assentiu perante aquela resposta vaga.

Mas não, não estava tudo bem. O mal regressara. Sanna sentia-o tão distintamente como sentia o perfume das rosas.

*

Passar férias com os filhos não era propriamente algo relaxante, pensou Patrik. Era uma estranha combinação de tudo o que era maravilhoso e de completa exaustão, sobretudo quando, como naquele momento, tinha de desenvencilhar-se

sozinho com os três filhos enquanto Erica almoçava com Anna. Além disso, contra todo o bom senso, fora com eles para a praia, porque em casa deixariam tudo em pé de guerra. Normalmente era mais fácil evitar que se pegassem se os mantivesse muito ocupados, mas esquecera-se de como a praia podia complicar tudo. Primeiro havia o risco de se afogarem. A casa ficava em Sälvik, quase à beira-mar, e acordava muitas vezes com suores frios depois de sonhar que um dos gémeos se escapulira de casa e vagueara até ao mar. Depois havia a areia. Noel e Anton não só a atiravam obstinadamente às outras crianças, o que fazia com que os outros pais dirigissem a Patrik olhares irritados, como, por algum motivo inescrutável, gostavam de encher a boca com ela. Por si só, a areia não constituía um problema, mas Patrik tremia só de pensar em todas as outras coisas nojentas que poderiam ir parar-lhes às pequenas bocas. Já tinha resgatado uma ponta de cigarro da mão cheia de areia de Anton, e era apenas uma questão de tempo até lhes calhar um pedaço de vidro. Ou uma saqueta de *snus*¹ usada.

Graças a Deus que havia Maja. Às vezes, Patrik sentia-se culpado por a filha assumir tanta responsabilidade em relação aos irmãos, mas Erica argumentava sempre que a menina gostava desse papel, tal como ela própria gostara de cuidar da irmã mais nova.

Nesse momento, Maja estava a vigiá-los, certificando-se de que não se aventuravam demasiado longe na água e, se isso acontecia, conduzia-os de volta à margem com mão firme. Também verificava o que punham na boca e limpava a areia do corpo das outras crianças quando os irmãos lhes atiravam areia. Às vezes, Patrik desejava que a filha não fosse sempre tão prestável. Temia que o futuro de Maja pudesse estar repleto de úlceras se continuasse a ser tão conscienciosa.

Por causa do problema cardíaco que tivera há alguns anos, Patrik sabia como era importante cuidar de si próprio, permitindo-se tempo para descansar e relaxar. Mas será que umas férias com os filhos lho proporcionavam? Mesmo que os amasse acima de tudo, em dias como aqueles desejava a paz e o sossego da esquadra de Tanumshede.

*

Marie Wall apoiou-se às costas da espreguiçadeira e esticou a mão para alcançar a sua bebida. Um *Bellini*. Champanhe e sumo de pêssego. Bem, infelizmente não tinha nada que ver com o do Harry's Bar, em Veneza. Não havia pêssegos frescos em Fjällbacka. Tinha de contentar-se com o champanhe

barato com que os forretas da produtora lhe tinham enchido o frigorífico, e misturá-lo com sumo de pêssago *ProViva*. Exigira que os ingredientes para preparar os *Bellinis* estivessem lá quando chegasse e parecia que aquilo era o melhor que tinham conseguido desencantar.

Estar ali outra vez provocava-lhe uma sensação estranhíssima. Claro que não estava em sua casa. Essa fora demolida há muito. Marie não podia deixar de se interrogar se, depois de tudo o que lá acontecera, os habitantes da nova casa, construída no terreno antigo, nunca tinham sido atormentados por espíritos malignos. Provavelmente não. Sem dúvida que o mal tinha ido para debaixo da terra com os pais.

Bebeu outro golo de *Bellini*. Olhou em redor e perguntou-se onde estariam os proprietários daquela vivenda. Uma semana de agosto com um tempo de verão fantástico era decerto a época do ano em que mais podiam desfrutar de uma casa que custara muitos milhões, entre compra e remodelação, mesmo que não passassem muito tempo na Suécia. Mas provavelmente estavam na Provença, naquela casa parecida com um castelo que Marie encontrara quando os pesquisara no *Google*. Os ricos raramente se contentavam com algo menos do que o melhor. Incluindo casas de férias.

No entanto, estava-lhes grata por lha terem alugado. Era ali que se refugiava todos os dias depois de as filmagens terminarem. Sabia que aquela tranquilidade não iria durar muito: algum dia iria seguramente voltar a cruzar-se com Helen e não tinha dúvidas de que ficaria impressionada por terem em tempos significado tanto uma para a outra e por as coisas terem mudado tanto desde então. Mas ainda não estava preparada para isso.

– Mamã!

Marie fechou os olhos. Desde o nascimento da filha que tentara em vão convencer Jessie a chamá-la pelo nome em vez de empregar aquele rótulo terrível. A rapariga chamava-lhe obstinadamente «mamã», como se assim pudesse transformá-la numa dessas mães idiotas e terra-a-terra.

– Mamã?

A voz vinha mesmo de detrás dela, e Marie deu-se conta de que não podia esconder-se.

– Sim? – respondeu, estendendo uma mão para o copo.

As bolhas beliscaram-lhe a garganta. Sentia o corpo mais mole e descontraído a cada golinho.

– Eu e o Sam estávamos a pensar ir dar uma volta de barco. Pode ser?

– Sim, claro – disse Marie, e bebeu mais um pouco.

Olhou para a filha com os olhos semicerrados sob o chapéu.

– Queres um bocadinho?

– Tenho quinze anos, mamã – respondeu Jessie com um suspiro.

Caramba, sempre tão certinha que se tornava difícil acreditar que era sua filha. Felizmente tinha, pelo menos, conseguido conhecer um rapaz depois de chegarem a Fjällbacka.

Marie voltou a recostar-se na espreguiçadeira e fechou os olhos, mas voltou a abri-los de imediato.

– Porque é que ainda estás aqui? – perguntou. – Estás a fazer-me sombra. Estou a tentar bronzear-me. Depois do almoço volto para as filmagens e querem que o meu bronzeado pareça natural. Quando passava o verão em Dannholmen, Ingrid Bergman parecia um biscoito de gengibre.

– Eu... – começou Jessie, mas depois rodou nos calcanhares e afastou-se.

Marie ouviu a porta de entrada bater e sorriu para si mesma. Finalmente sozinha.

*

Bill Andersson abriu a tampa da cesta e tirou uma das sanduíches preparadas por Gun. Antes de voltar a fechar rapidamente a tampa olhou de relance para o céu. As gaivotas eram muito velozes e, se não prestassem atenção, roubar-lhes-iam todo o almoço. No cais, então, estavam particularmente vulneráveis.

Gun deu-lhe uma cotovelada de lado.

– Afinal acho que é boa ideia – disse. – Maluca, mas boa.

Bill fechou os olhos enquanto dava uma dentada na sanduíche.

– Achas mesmo ou estás a dizer isso só para agradar ao teu marido? – perguntou.

– Desde quando é que eu digo alguma coisa só para te agradar? – perguntou Gun, e Bill viu-se forçado a dar-lhe razão.

Nos quarenta anos passados juntos, poucas tinham sido as vezes em que Gun não fora brutalmente sincera.

– Sim, de facto tenho refletido nisso desde que vimos aquele documentário, *Nice People*², sobre a equipa de *bandy*³ que vive e treina cá na Suécia, e acho que também poderá funcionar aqui alguma coisa do género. Falei com o Rolf, no centro de acolhimento, e eles não se divertem muito por lá. As pessoas são tão cobardes que nem sequer têm coragem de se aproximar dos refugiados.

– Aqui em Fjällbacka basta ser-se de Strömstad como eu para se ser considerado um forasteiro – disse Gun, que pegou noutro pão, acabado de comprar na *Zetterlinds*, e barrou-o com uma espessa camada de manteiga. – Se os habitantes locais tratam as pessoas de outro condado como estrangeiras, talvez não seja assim tão estranho não receberem os sírios propriamente de braços abertos.

– Bem, está na hora de começarem todos a mudar de atitude – declarou Bill, abrindo a mão. – Esta gente veio para cá com os filhos para fugir da guerra e da miséria e passou por muito na viagem, por isso temos de encontrar uma maneira de fazer com que as pessoas daqui comecem a falar com eles. Se conseguimos ensinar os somalis a patinar no gelo e a jogar *bandy*, então também devemos ser capazes de ensinar os sírios a velejar. Por acaso a Síria tem costa? Talvez até já sejam capazes de velejar.

Gun abanou a cabeça.

– Não faço ideia, meu querido, tens de pesquisar na Internet.

Bill pegou no *iPad* que ficara pousado junto deles depois de terem acabado o desafio matinal de *sudoku*.

– Tinha razão, a Síria realmente tem costa, mas é difícil saber quantos dos que cá estão viviam perto do mar. Sempre disse que *todos* podem aprender a velejar e esta será uma boa oportunidade de prová-lo.

– Mas não basta velejarem pelo simples prazer de o fazer? Têm mesmo de competir?

– Era exatamente aí que o documentário *Nice People* queria chegar. Os somalis foram motivados por uma competição a sério. Foi uma espécie de afirmação.

Bill sorriu. Era uma satisfação conseguir expressar-se de maneira a que aquilo parecesse ao mesmo tempo uma ideia refletida e razoável.

– Sim, mas porque tem de ser uma, como é que disseste?... Uma «afirmação»?

– Porque senão não terá o mesmo impacto. Quanto mais pessoas ficarem inspiradas, tal como aconteceu comigo, mais a ideia se propagará como círculos na água, e será mais fácil os refugiados integrarem-se na sociedade.

Bill já se imaginava a dar início a um movimento nacional. Era assim que as grandes mudanças começavam. Quem sabe aonde poderia chegar o que fora iniciado com a entrada dos somalis no campeonato mundial de *bandy* e continuado com os sírios a competir em regatas de vela?

Gun pôs a mão sobre a dele e sorriu-lhe.

– Ainda hoje vou falar com Rolf para tentar marcar uma reunião no centro – acrescentou Bill, pegando noutro pão.

Depois de um momento de hesitação, pegou noutro e atirou-o às gaivotas. Afinal de contas, também tinham o direito de comer.

*

Eva Berg arrancava as ervas e colocava-as na cesta junto de si. Como de costume, ficava emocionada quando olhava para os campos. De como tudo aquilo era deles. A história da quinta nunca os tinha incomodado. Nem ela nem Peter eram particularmente supersticiosos. Claro que, quando compraram a quinta, há dez anos, tinha-se falado muito sobre todos os infortúnios que atingiram a família Strand. No entanto, pelo que Eva percebera, fora um único acontecimento trágico a causar todos os problemas. A morte da pequena Stella conduziu aos acontecimentos em cadeia que destruíram os Strand, e isso não tinha nada que ver com aquela quinta.

Inclinou-se para frente e continuou a procurar ervas daninhas, ignorando a dor nos joelhos. Para ela e Peter, a nova casa era um paraíso. Vinham da cidade, se é que Uddevalla podia ser considerada uma cidade, mas sempre tinham sonhado viver no campo. A quinta nos arredores de Fjällbacka parecia-lhes perfeita em todos os aspetos. E só puderam dar-se ao luxo de a comprar porque o preço baixara por causa do que acontecera aos Strand. Eva esperava conseguirem preenchê-la com amor e energia positiva suficientes.

O melhor de tudo era a forma saudável como Nea estava a crescer ali. Tinham-lhe chamado Linnea, porém, como a menina se referia a si própria como Nea desde muito pequena, o diminutivo tornara-se tão natural para Eva e Peter que começaram também a chamar-lhe assim. Tinha quatro anos e era tão teimosa e decidida que Eva já receava a adolescência. Mas parecia que ela e Peter não iam ter mais filhos, por isso, quando chegasse o momento, poderiam dedicar-se completamente a Nea. Mas esses dias ainda pareciam muito longínquos. Nea corria pela quinta como uma pequena bola repleta de energia, o cabelo louro e macio herdado da mãe a emoldurar-lhe o rosto claro. Eva receava sempre que a filha pudesse apanhar um escaldão, mas aparentemente tudo o que o sol provocava era o despontar de mais sardas.

Ergueu-se e limpou o suor da testa com o pulso, para não se sujar com as luvas de jardinagem. Adorava limpar as ervas daninhas na horta. Era um contraste refrescante com o trabalho anterior no escritório. Enchia-se de uma felicidade

infantil ao ver as sementes que tinha semeado tornarem-se pequenas plantas que cresciam e floresciam até poderem ser colhidas. Eva e Peter cultivavam exclusivamente para consumo doméstico, já que não tinham meios para explorar a quinta toda. Porém, entre horta, ervas aromáticas e batatas semeadas, conseguiam praticamente sustentar-se. Às vezes, no entanto, Eva sentia-se culpada por estarem a dar-se tão bem. A vida corria-lhe melhor do que algum dia podia ter imaginado. Não precisava de mais para além de Peter, Nea e da casa que tinham naquela quinta.

Começou a colher cenouras. Ao longe viu Peter a aproximar-se no trator. Peter trabalhava na *Tetra Pak*, mas gostava de passar a maior parte do tempo livre no trator. Naquela manhã saíra cedo, muito antes de Eva acordar, e levava o almoço num saco e um termo com café. Decidira limpar uma faixa de floresta que fazia parte da quinta, e Eva sabia que regressaria com lenha para o inverno. Chegaria sem dúvida transpirado e encardido, com os músculos doridos e um sorriso rasgado no rosto.

Eva colocou as cenouras num cestinho e pousou-o. Ia cozinhá-las para o jantar daquela noite. Depois tirou as luvas de jardinagem, deixou-as cair ao lado do cestinho e foi ao encontro de Peter. Semicerrou os olhos e procurou Nea no trator. Devia ter adormecido, como sempre acontecia. Levantara-se ainda de madrugada, mas adorava ir com Peter à floresta. Gostava mesmo muito da mãe, mas tinha uma verdadeira adoração pelo pai.

Peter entrou no pátio com o trator.

– Olá meu amor – disse Eva depois de Peter desligar o motor.

Quando o viu sorrir, o coração acelerou-lhe no peito. Passados todos aqueles anos, o marido ainda lhe fazia tremer as pernas.

– Olá minha linda! O dia correu-vos bem?

– Hum, sim...

Porque é que Peter perguntara se o dia «lhes» tinha corrido bem?

– E o vosso? – perguntou Eva.

– O nosso? – perguntou por sua vez Peter, dando-lhe um beijo suado.

Olhou em redor.

– Onde está a Nea? Está a dormir uma sesta?

Os ouvidos de Eva zumbiram e, parecendo vir de longe, ouviu a própria voz dizer:

– Pensei que a Nea estivesse contigo.

Olharam um para o outro enquanto o mundo deles se desmoronava.

1 Tabaco para pôr na boca muito popular nos países nórdicos. (*N. do T.*)

2 Realizado na Suécia em 2015 por Anders Helgeson e Karin af Klintberg. (*N. do T.*)

3 Desporto de inverno. Antepassado do hóquei no gelo. (*N. do T.*)

O Caso Stella

Linda olhou de relance para Sanna, que oscilava no banco do passageiro.

– Que achas que a Stella vai dizer quando vir toda a roupa que compraste?

– Acho que vai ficar contente – respondeu Sanna com um sorriso que, por um segundo, a deixou parecida com a irmã mais nova. Depois franziu a testa daquela sua maneira tão caraterística. – Mas talvez também um pouco invejosa.

Ao entrar com o carro no pátio, Linda sorriu. Sanna era a mais velha das duas irmãs e sempre fora muito ponderada.

– Temos de explicar-lhe que também vai ter muitas roupas bonitas quando for para a escola.

Mal tinha parado e já Sanna saltara para fora do carro e abrira a mala para tirar todos os sacos.

A porta da frente da casa abriu-se e Anders saiu, permanecendo nos degraus.

– Desculpa estarmos um bocado atrasadas – disse Linda. – Ainda fomos lanchar.

Anders olhou para Linda com uma expressão estranha.

– Sei que falta pouco para a hora de jantar, mas a Sanna queria tanto ir a um café... – explicou Linda, sorrindo para a filha, que abraçou apressadamente o pai e depois entrou em casa a correr.

Anders abanou a cabeça.

– Não é isso. É que... A Stella ainda não voltou.

– Como assim?

O olhar de Anders deixou-a com um nó no estômago.

– Ainda não voltou e já liguei para Marie e para Helen. Nenhuma delas estava em casa.

Linda soltou um suspiro e fechou a porta do carro.

– Oh, vais ver que só estão atrasadas. Sabes como é a Stella, deve ter querido atravessar a floresta e parar para lhes mostrar tudo e mais alguma coisa.

Linda beijou Anders nos lábios.

– Espero que tenhas razão – disse, embora não parecesse convencido.

O telefone tocou e Anders entrou apressadamente na cozinha para atender a chamada.

Enquanto se inclinava para descalçar os sapatos, Linda franziu a testa. Anders nunca costumava ficar tão preocupado. Mas tivera uma hora inteira para se interrogar sobre o que teria acontecido às miúdas.

Quando Linda se endireitou, Anders estava à sua frente. A expressão que exibia no rosto provocou-lhe um nó ainda maior no estômago.

– Era a KG. A Helen já chegou a casa e agora vão jantar. A KG ligou para a casa da Marie e disse que ambas garantem ter deixado a Stella aqui por volta das cinco.

– Essa agora!

– Procurei-a pela quinta toda, mas talvez tenha voltado à floresta e se tenha perdido.

Linda assentiu.

– Temos de ir procurá-la.

Dirigiu-se às escadas e disse em voz alta para a filha no andar de cima.

– Sanna? Eu e o Pai vamos procurar a Stella. Deve estar na floresta. Sabes como ela gosta de lá ir. Não demoramos!

Depois olhou para o marido. Não queria que Anders desse a entender à filha como estavam agitados.

Mas, meia hora mais tarde já não conseguiam esconder a preocupação um do outro. Anders apertava o volante com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos. Depois de procurarem na floresta perto da propriedade tinham ido e vindo pela estrada, passando por todos os sítios aonde sabiam que a menina costumava ir, mas Stella nem vê-la.

Linda pôs uma mão no joelho de Anders.

– Temos de voltar para casa.

Anders assentiu e olhou para a mulher. A preocupação que via nos olhos de Linda era o reflexo aterrador da que ele próprio sentia.

Tinham de telefonar à polícia.

*

GÖSTA FLYGARE FOLHEAVA A PILHA de documentos à sua frente. Não era demasiado alta, já que estavam numa segunda-feira de agosto. Não lhe custava trabalhar no verão. Além de alguns jogos de golfe, não tinha nada melhor para fazer. De vez em quando Ebba ia visitá-lo, porém, com o nascimento do segundo filho, não aparecia muitas vezes e Gösta compreendia. Bastava-lhe saber que tinha um convite permanente para ir ter com Ebba a Gotemburgo, e que o convite era genuíno e sincero. Mesmo uma pequena dose daquela que agora se tornara a sua família era melhor do que nada. E, afinal de contas, Patrik, que tinha filhos pequenos, merecia mais do que ele tirar férias em pleno verão. Estar ali com Mellberg para lidar com os problemas que aparecessem era suficiente, como uma velha parelha de cavalos. Martin aparecia de vez em quando para ver como estavam «os velhotes», como dizia em tom brincalhão, mas Gösta suspeitava de que a verdadeira razão era a necessidade que sentia de companhia. Desde que Pia morrera, Martin ainda não conhecera outras mulheres, o que era uma pena. Era um jovem bem-parecido. E a filha precisava de uma influência maternal. Claro que Gösta sabia que, por vezes, Annika, a secretária da esquadra, levava Tuva para sua casa para brincar com a filha, Leia, mas isso não era suficiente. A menina precisava de uma mãe. Mas Martin não estava pronto para um novo relacionamento e não havia nada a fazer. O amor não aparece à força, e para Gösta só existira uma mulher. Só lhe parecia que Martin era demasiado jovem para sentir o mesmo.

Sabia muito bem que não era fácil encontrar um novo amor. Esses sentimentos eram impossíveis de controlar e, como viviam numa vila, as escolhas eram bastante limitadas. Além disso, antes de conhecer Pia, Martin fora uma espécie de Don Juan, por isso corria sempre o risco de se relacionar com as mesmas pessoas. E, na opinião de Gösta, as coisas raramente melhoravam se à primeira tentativa não tivessem resultado. Mas que sabia de tudo isso? O amor de Gösta fora Maj-Britt, com quem partilhara toda a vida adulta. Não houvera mais ninguém, nem antes nem depois de Maj-Britt.

O toque estridente do telefone devolveu-o à realidade.

– Esquadra de Tanumshede. – Ouviu atentamente a voz na outra extremidade da linha. – Vamos já para aí. Qual é a morada?

Anotou-a, desligou e entrou precipitadamente na divisão ao lado sem bater à porta.

Despertado do sono profundo, Mellberg praguejou:

– Mas que raio! – Olhou para Gösta e puxou freneticamente o ninho de cabelo para o seu lugar.

– Há uma menina desaparecida – anunciou Gösta. – Quatro anos. Ninguém sabe dela desde esta manhã.

– Esta manhã? E os pais só telefonam agora?! – exclamou Mellberg, saltando da cadeira.

Gösta olhou de relance para o relógio. Passava pouco das três da tarde.

As crianças desaparecidas não faziam parte do expediente quotidiano. No verão, a polícia lidava sobretudo com bêbedos, roubos por esticção, assaltos a casas, agressões, contendas e, ocasionalmente, tentativas de violação.

– Os pais pensavam ambos que a filha se encontrava com o outro. Disse-lhes que íamos já para lá.

Mellberg enfiou os pés nos sapatos que descalçara junto à secretária. O cão, *Ernst*, que acordara ao mesmo tempo que o dono, baixou pesadamente a cabeça depois de se ter apercebido de que aquela agitação não proporcionaria um passeio ou algo comestível.

– Aonde vamos? – perguntou Mellberg, tentando acompanhar o passo apressado de Gösta em direção à garagem.

– À quinta dos Berg – respondeu Gösta. – Onde vivia a família Strand.

– Maldição! – exclamou Mellberg.

Era um caso antigo, que ocorrera muito antes de ter sido transferido para Fjällbacka, e só o conhecia por ter lido e ouvido falar dele. Gösta, por seu lado, estivera lá quando tudo aconteceu e a situação parecia-lhe demasiado familiar.

*

– Estou?

Patrik limpou as mãos antes de atender, mas o telemóvel ainda estava cheio de areia. Com a mão livre acenou aos filhos para que se aproximassem e depois deu-lhes um pacote de bolachas *Maria* e um *tupperware* com fatias de maçã. Noel e Anton atiraram-se ao pacote de bolachas e tentaram arrancá-lo das mãos um do outro, até que o pacote caiu na areia, assim como algumas bolachas. Havia outros pais a observá-los e Patrik sentiu os olhares reprovadores. Compreendia-os. Pensava que ele e Erica eram pais relativamente competentes, só que às vezes os gémeos comportavam-se como se tivessem sido criados por lobos.

– Espera, Erica – disse Patrik, que suspirou e recolheu um par de bolachas, soprando a areia.

Noel e Anton já tinham comido tanta areia que um pouco mais não lhes faria mal.

Maja pegou no *tupperware* com fatias de maçã e colocou-o no colo quando se sentou a olhar para a zona de banhos. Patrik observou as costas magras e os cabelos molhados que se encaracolavam na nuca. Estava muito bonita, ali sentada, embora, como era habitual, Patrik não tivesse conseguido fazer-lhe um rabo-de-cavalo decente.

– Bem, agora já posso falar. Estamos na praia e só tive de resolver um pequeno contratempo com as bolachas...

– *Okay* – disse Erica. – Mas de resto está tudo bem?

– Claro, tudo ótimo – mentiu Patrik enquanto tentava mais uma vez limpar a areia das mãos, esfregando-as nos calções de banho.

Noel e Anton recolhiam as bolachas da areia e continuavam a comê-las ruidosamente. Uma gaivota voava em círculos por cima das duas crianças e esperava que deixassem as bolachas sem vigilância por um segundo que fosse, mas iria ficar desapontada: os gémeos conseguiam devorar um pacote inteiro de bolachas *Maria* em tempo recorde.

– Acabei agora de fazer o almoço – disse Erica. – Posso ir ter convosco?

– Sim, vem – respondeu Patrik. – Podes trazer um termo de café? Inexperiente como sou nestas saídas, esqueci-me.

– Claro. Os teus desejos são uma ordem.

– Obrigado, meu amor, não fazes ideia de como me apetece um café.

Desligou com um sorriso. Ao fim de cinco anos de casamento e três filhos, ainda sentia borboletas no estômago sempre que ouvia a voz da mulher ao telefone. Erica foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida. Além dos filhos, claro, mas sem Erica também não os teria tido.

– Era a mamã? – perguntou Maja, que se virara e protegia os olhos do sol com a mão.

Meu Deus, como era parecida com a mãe de alguns ângulos! Isso deixava Patrick feliz. Erica era a mulher mais bonita que conhecia.

– Sim, era a mamã. Vem agora para cá.

– Viva! – gritou Maja.

– Espera, estão a ligar-me da esquadra, tenho de atender – disse Patrik pressionando com um dedo sujo de areia o botão verde do telemóvel.

No ecrã aparecera o nome de Gösta, e Patrik sabia que o colega não o teria incomodado nas férias se não fosse importante.

– Olá, Gösta – disse Patrik. – Só um momento. Maja, podes partilhar com os gémeos algumas fatias de maçã? E tira a Noel aquele chupa-chupa velho que está prestes a meter na boca... Obrigado, querida.

Levou novamente o telemóvel ao ouvido.

– Pronto, Gösta, já podes falar; estou em Sälvik, na praia com os miúdos e a palavra caos não chega para descrever minimamente o que para aqui vai.

– Desculpa incomodar-te em plenas férias – disse Gösta –, mas tenho estado a pensar que talvez quisesses saber que nos comunicaram um desaparecimento. Uma menina está desaparecida desde esta manhã.

– Desde esta manhã?

– Sim, não temos informações mais precisas, mas eu e o Mellberg estamos a caminho da casa dos pais.

– Onde moram?

– Aí é que está. A menina desapareceu da quinta dos Berg.

– Oh, merda! – exclamou Patrik, franzindo a testa. – Não era aí que a Stella Strand vivia?

– Exatamente.

Patrik olhou para os filhos que agora brincavam de modo relativamente pacífico na areia. A simples ideia de que um deles pudesse desaparecer fazia-o transpirar. Não demorou muito a decidir. Embora Gösta não o tenha dito explicitamente, Patrik percebeu que o colega queria a ajuda de outra pessoa além de Mellberg.

– Vou lá ter – disse. – A Erica chega daqui a cerca de um quarto de hora e depois posso ir.

– Sabes onde fica a quinta?

– Sim, sei – respondeu Patrik.

Sabia muito bem. Em casa, nos últimos tempos, ouvira falar muito daquela quinta.

Carregou no botão vermelho para terminar a chamada e inclinou-se para a frente para chegar os filhos para si. Todos protestaram e Patrik ficou coberto de areia, mas queria lá saber.

*

– Estás com um ar cómico – disse Jessie.

O vento estava constantemente a atirar-lhe o cabelo para o rosto e Jessie afastou-o com a mão.

– Como assim, «cómico»? – perguntou Sam, semicerrando os olhos por estar a olhar na direção do Sol.

– Bem, não pareces propriamente um... tipo dos barcos.

– E qual é o aspeto de um tipo dos barcos?

Sam virou o volante para evitar outro veleiro.

– Então, tu percebes o que quero dizer. Normalmente usam sapatos de vela com borlas, calções azul-marinhos, um polo e uma camisola de malha com um grande decote em V aos ombros.

– E um boné de capitão, não é? – acrescentou Sam com um pequeno sorriso. – Mas como sabes que aspeto tem um tipo dos barcos se quase nunca andas de barco?

– Então, vi filmes, não é? E fotos nas revistas.

Sam fingia não saber do que Jessie estava a falar.

Claro que não parecia um tipo dos barcos, com as roupas rasgadas que usava, o cabelo muito preto e *kohl*² em torno dos olhos. Para não falar das unhas, pretas e roídas até ao sabugo. Mas Jessie não tinha dito aquilo como uma crítica. Sam era o rapaz mais giro que alguma vez vira.

Não devia ter dito aquilo dos tipos dos barcos. Sempre que abria a boca, saía-lhe algo estúpido. Disseram-lhe sempre isso nos vários colégios internos que frequentara. Todos diziam que era estúpida. E feia.

E tinham razão, Jessie sabia-o.

Era gorda e desajeitada, com o rosto coberto de acne e cabelo que parecia sempre oleoso, por mais que o lavasse. Jessie sentiu virem-lhe as lágrimas aos olhos, mas rapidamente pestanejou para as afastar, pois não queria que Sam se apercebesse. Não queria fazer má figura à frente dele. Era o primeiro amigo que fizera. E o único, desde o dia em que se aproximara dela quando estava na fila do quiosque central. Ele dissera-lhe que sabia quem ela era e nessa altura Jessie percebera quem era ele.

E quem era a mãe dele.

– Porra, há gente por todo o lado! – disse Sam, procurando uma enseada que não tivesse já dois ou três barcos amarrados ou ancorados.

De manhã, a maioria dos melhores lugares já estava ocupada.

– Turistas de merda! – murmurou Sam.

Conseguiu encontrar uma fenda rochosa abrigada por detrás da Ilha de Långskär.

– Bem, vamos encostar aqui. Podes saltar para terra com o cabo de amarração? Sam indicou o cabo pousado no convés na proa do barco.

– Saltar? – perguntou Jessie.

Saltar era algo que nunca tinha feito. Sobretudo de um barco para rochas escorregadias.

– Não é difícil – disse calmamente Sam. – Eu paro o barco mesmo antes de chegarmos. Tu agachas-te na proa para que possas saltar para terra. Vai correr tudo bem. Confia em mim.

Confia em mim. Poderia realmente fazer tal coisa? Confiar em alguém? Em Sam?

Respirou fundo, rastejou até à proa, pegou no cabo com firmeza e agachou-se. À medida que a ilha se aproximava, Sam ia abrandando e o barco deslizou suavemente em direção às rochas onde iam ancorar. Para sua grande surpresa, Jessie saltou do barco para as rochas, aterrando sem qualquer problema e com o cabo ainda na mão.

Tinha conseguido.

*

Era a quarta ida à *Hedemyrs* em dois dias, só que em Tanumshede não havia muito mais para fazer. Khalil e Adnan vagueavam pelo segundo andar dos grandes armazéns, por entre roupas e acessórios. A princípio, Adnan teve dificuldade em lidar com todos os olhares que os suecos lhes dirigiam, e com a suspeição. Mas agora aceitava o facto de que chamavam a atenção. Não se pareciam com os suecos, não falavam como eles, não se moviam como eles. Provavelmente também teria ficado a olhar especado se tivesse visto um sueco na Síria.

– Por que raio é que está a olhar? – disse bruscamente Adnan em árabe para uma septuagenária que olhava fixamente para eles.

Estava sem dúvida a vigiá-los para se certificar de que não roubavam nada. Khalil poderia ter-lhe dito que nunca tocariam em nada que não lhes pertencesse. Que nem sequer sonhariam em fazê-lo. Não haviam sido educados dessa maneira. Mas quando a mulher resfolegou e se encaminhou em direção às escadas que conduziam ao andar de baixo, apercebeu-se de que teria sido inútil.

– Mas quem é que eles pensam que nós somos? É sempre a mesma história.

Adnan continuou a praguejar em árabe, abanando os braços com tanto ênfase que por pouco não derrubou um candeeiro numa prateleira.

– Deixa-os pensar o que quiserem. Se calhar nunca viram um árabe na vida – disse Khalil.

Acabou por conseguir fazer sorrir o amigo. Adnan tinha apenas dezasseis anos, menos dois do que ele, e às vezes ainda parecia um miúdo. Deixava-se levar pelas emoções em vez de as controlar.

Khalil há muito que deixara de se sentir um miúdo. Desde o dia em que a bomba lhe levava a mãe e os irmãos mais novos. Só de pensar em Bilal e em Tariq vieram-lhe as lágrimas aos olhos, por isso pestanejou várias vezes para as afastar, de modo a que Adnan não visse. Bilal, sempre a fazer traquinices, mas que era tão alegre que se tornava impossível irritar-se com ele. Tariq, curiosíssimo, estava constantemente a ler, e todos diziam que seria alguém na vida. Num instante, tinham desaparecido. Encontraram-nos na cozinha, o corpo da mãe por cima dos corpos dos filhos. Não tinha conseguido protegê-los.

Olhou em redor, cerrando os punhos e pensando em como a vida mudara. Passava os dias num pequeno quarto do centro de acolhimento ou arrastava-se pelas ruas daquela estranha terra aonde tinham ido parar. Tão tranquila e deserta, sem cheiros, ruídos e cores.

Os suecos viviam num mundo próprio, mal se cumprimentavam e, se alguém lhes dirigisse a palavra, pareciam quase assustados. Falavam todos muito baixo e sem gesticular.

Adnan e Khalil desceram as escadas e saíram para o calor do verão. Pararam no passeio em frente aos grandes armazéns. Sempre o mesmo todos os dias. Era difícil matar o tempo. As paredes do centro de acolhimento pareciam aproximar-se cada vez mais, como que a tentar sufocá-los. Khalil não queria ser ingrato. Aquele país tinha-lhes dado um teto para se protegerem e comida para lhes encher a barriga. E segurança. Ali não caíam bombas. Não se vivia sob a ameaça dos soldados ou dos terroristas. Porém, embora se sentisse seguro, era difícil viver num limbo. Sem um lar, sem nada para fazer, sem um objetivo.

Aquilo não era vida. Era uma mera existência.

Ao lado dele, Adnan suspirou. Em silêncio voltaram a dirigir-se ao centro de acolhimento.

*

Eva estava como que petrificada, abraçando o próprio corpo. Peter, por seu lado, não conseguia estar quieto. Já tinha procurado em todo o lado pelo menos quatro ou cinco vezes. Levantava as mesmas cobertas, deslocava as mesmas

caixas e chamava Nea sem cessar. Mas Eva sabia que era inútil. Nea não estava lá. Sentia fisicamente a ausência da filha.

Semicerrou os olhos e reparou num ponto ao longe. Um ponto que ia crescendo cada vez mais à medida que se aproximava, tornando-se uma mancha branca. Calculou que fosse a polícia. Pouco depois, distinguia claramente as listras amarelas e azuis no carro, e dentro dela abriu-se um abismo imenso. A filha tinha desaparecido. A polícia estava ali porque Nea desaparecera. Desde aquela manhã. O cérebro recusava-se a interiorizar o facto de Nea ter desaparecido naquela manhã. Que raio de pais não davam conta de que a sua filha de quatro anos estava desaparecida há tantas horas?

– Foi você quem nos telefonou?

Um homem mais velho de cabelos grisalhos saiu do carro-patrulha e foi ao encontro de Eva. Quando esta assentiu em silêncio, o polícia estendeu-lhe a mão.

– Gösta Flygare. E o meu colega Bertil Mellberg.

Um polícia mais ou menos da mesma idade, mas muito mais gordo, apertou-lhe igualmente a mão. Transpirava profusamente e ergueu o braço para limpar a testa à manga da camisa.

– O seu marido está cá? – perguntou o agente mais magro e mais grisalho, percorrendo o pátio com o olhar.

– Peter! – chamou Eva, alarmada com a debilidade da própria voz.

Fez uma segunda tentativa e Peter apareceu a correr saído da floresta.

– Encontraste-a? – exclamou.

Porém, ao ver os agentes, sentiu um aperto no peito.

Eva achava tudo aquilo irreal. Não podia estar a acontecer. Ia acordar a qualquer momento e ficar aliviada ao perceber que tudo não passara de um pesadelo.

– Vamos conversar lá dentro? Oferece-nos um café? – perguntou Gösta com voz calma, tocando no braço de Eva.

– Sim, entrem, vamos sentar-nos na cozinha – disse Eva, começando a dirigir-se para o interior.

Peter estava espedado no meio do pátio com os compridos braços pendendo ao lado do corpo. Eva sabia que o marido queria continuar a procurar, mas não tinha coragem para enfrentar aquela conversa sozinha.

– Anda, Peter.

Com passos pesados, Peter seguiu a mulher e os agentes para dentro da casa. Eva começou a preparar café na máquina, virando-lhes as costas, mas nunca

deixou de estar consciente da presença dos agentes. Os uniformes pareciam preencher a sala.

– Leite? Açúcar? – perguntou, e ambos assentiram.

Foi buscar o leite e o açúcar enquanto o marido permanecia à entrada.

– Senta-te – disse-lhe de modo um pouco abrupto, e Peter obedeceu.

Mecanicamente, Eva pôs na mesa chávenas de café, colheres e um pacote de biscoitos *Ballerina* que encontrara na despensa. Nea adorava biscoitos *Ballerina*. Aquele pensamento fez com que Eva se sobressaltasse e deixasse cair no chão uma colher. Gösta inclinou-se para a apanhar, mas Eva adiantou-se-lhe. Pô-la no lavatório e tirou outra do tabuleiro para talheres.

– Não deviam começar a fazer-nos perguntas? – perguntou Peter, olhando fixamente para as próprias mãos. – Nea está desaparecida desde esta manhã e cada segundo é importante.

– Vamos esperar que a sua mulher se sente e depois começamos – respondeu Gösta, apontando com a cabeça para Eva, que se sentou depois de servir café a todos.

– Quando viram a menina pela última vez? – perguntou o polícia gordo enquanto esticava a mão para pegar num biscoito.

Eva sentiu-se tomada por uma raiva súbita. Tinha posto os biscoitos na mesa por boa educação para com os convidados, mas o facto de aquele homem ter a lata de comer um biscoito de chocolate enquanto fazia perguntas sobre Nea deixava-a fura.

Respirou fundo, apercebendo-se de que estava a ser irracional.

– Ontem à noite. A Nea foi para a cama à hora habitual, para o quarto dela. Li-lhe uma história para ela adormecer e depois desliguei a luz e fechei a porta.

– E depois nunca mais a viram? A vossa filha não acordou durante a noite? Nenhum dos dois se levantou para ir vê-la? Nem ouviram nada?

A voz de Gösta era tão doce que quase fez com que Eva ignorasse ao facto de o colega estar a servir-se de outro biscoito.

Peter aclarou a voz.

– Não, a Nea nunca acorda durante a noite. Esta manhã fui o primeiro a levantar-me. Tinha de ir à floresta com o trator e tomei o pequeno-almoço a correr, uma chávena de café e uma fatia de pão com manteiga. Depois saí.

Falara num tom quase suplicante, como se esperasse encontrar alguma resposta no que tinha dito. Eva pousou a mão na do marido. Estava fria como a sua.

– E não viu Linnea a essa hora? De manhã?

Peter abanou a cabeça.

– Não, tinha a porta do quarto fechada. Passei por lá pé ante pé e tentei não fazer barulho para não a acordar. Esperava que a Eva ainda pudesse dormir mais um pouco.

Eva apertou-lhe a mão. Aquelas palavras diziam tudo sobre Peter. Sempre tão atencioso. Só pensava nela e em Nea.

– E a Eva? Fale-nos da sua manhã.

A voz suave de Gösta fez com que Eva tivesse vontade de chorar.

– Acordei tarde, já eram nove e meia. Não sei quando foi a última vez que dormi até tão tarde. A casa estava completamente silenciosa e fui logo espreitar a Nea. A porta do quarto estava aberta e a cama desfeita. Como não estava lá, parti do princípio de que...

Eva não conseguiu conter um soluço. Peter pôs a outra mão sobre a dela e apertou-a.

– Parti do princípio de que tinha ido com o Peter para a floresta. A Nea adora fazer isso e vai muitas vezes com o pai, por isso não era nada de estranhar. Nem por um segundo pensei que...

Eva não conseguiu conter as lágrimas durante mais tempo. Limpou-as com a mão livre.

– Eu teria pensado o mesmo – afirmou Peter, apertando-lhe novamente a mão. Sabia que o marido tinha razão. No entanto, se tivesse...

– Será que não foi ter com uma amiguinha? – perguntou Gösta.

Peter abanou a cabeça.

– Não, anda só aqui pela quinta. Nunca tentou sair da propriedade, nem uma única vez.

– Há sempre uma primeira vez – interveio o agente gordo. Tinha permanecido em silêncio até àquele momento, limitando-se a comer biscoitos uns atrás dos outros, e por pouco Eva não deu um pulo na cadeira quando ele falou. – Pode ter corrido para a floresta.

Gösta lançou a Bertil Mellberg um breve olhar que Eva foi incapaz de decifrar.

– Vamos organizar uma equipa de busca – disse.

– Pensa que foi isso que aconteceu? Que a Nea se perdeu na floresta?

A floresta era imensa. Eva ficava maldisposta só de pensar que Nea pudesse estar lá perdida. Nunca se tinham preocupado com isso e Nea nunca tinha ido sozinha à floresta. No entanto, talvez tenham sido ingénuos. Ingénuos e irresponsáveis, ao deixarem que uma menina de quatro anos andasse livremente

por uma quinta junto a uma floresta tão grande. Nea tinha-se perdido e a culpa era só deles.

Quase como se lhe tivesse lido o pensamento, Gösta disse:

– Se estiver na floresta, vamos encontrá-la. Vou fazer já alguns telefonemas e as buscas começarão num abrir e fechar de olhos. Temos de organizar uma equipa o mais depressa possível para podermos aproveitar ao máximo as horas de luz.

– Será que a Nea sobreviverá a uma noite ao ar livre? – perguntou Peter com voz monótona.

O rosto estava mortalmente pálido.

– As noites ainda estão relativamente quentes – respondeu Gösta tranquilizadamente. – Não vai morrer de frio, mas faremos tudo para a encontrar antes de escurecer.

– Como estava vestida? – perguntou Bertil Mellberg, tirando o último biscoito do prato.

Gösta pareceu surpreendido.

– Sim, ótima pergunta. Sabem o que vestia ela quando desapareceu? Mesmo que não a tenham visto de manhã, talvez possam verificar se falta alguma roupa no quarto.

Eva assentiu e levantou-se para se dirigir ao quarto de Nea. Podia finalmente dar um contributo concreto.

À porta do quarto de Nea, no entanto, Eva hesitou. Respirou fundo várias vezes antes de conseguir abri-la. No interior estava tudo exatamente como sempre, o que a fez sentir uma pontada no coração. O papel de parede com estrelas cor-de-rosa, às quais faltavam alguns pedaços por Nea ter andado a mexer-lhes. Os peluches amontoados aos pés da cama. A roupa de cama decorada com imagens de Elsa, do filme *Frozen*. O boneco de Olaf, que estava sempre sobre a almofada. O cabide com... Eva teve um sobressalto. Sabia exatamente o que Nea tinha vestido. Por uma questão de segurança procurou no guarda-fatos e depois deu uma volta pelo quarto. Não, não estava em lado nenhum. Precipitou-se para o rés-do-chão.

– Nea está a usar o vestido de Elsa.

– Como é um vestido de Elsa? – perguntou Gösta.

– É um vestido azul de princesa. Com a imagem da princesa à frente. A Elsa, do *Frozen*. Nea adora o filme. De certeza que também vestiu as cuequinhas com a imagem de *Frozen*.

Eva apercebeu-se de que, como mãe de crianças pequenas, algumas coisas que para ela eram garantidas para outra pessoa qualquer eram completamente estranhas. Tinha visto e ouvido aquele filme pelo menos cem vezes, tendo em conta que Nea o via pelo menos duas vezes por dia durante todo o ano. Era o DVD preferido de Nea e ela sabia de cor toda a sequência em que cantavam a música *Já passou*. Engoliu as lágrimas. Via claramente à sua frente a imagem da filha a rodopiar no seu vestido azul e com as longas luvas brancas calçadas, a dançar e a cantar toda a letra. Onde estava? E porque se limitavam a estar para ali sentados?

– Agora vou telefonar e depois vamos começar as buscas – disse Gösta, quase como se tivesse ouvido o grito silencioso de Eva.

Eva não pôde fazer mais do que assentir. Olhou para Peter. Na mente de ambos revolviam-se os mesmos pensamentos negros.

⁴ Cosmético natural preto ou cinzento utilizado sobretudo pelas mulheres do Norte de África e do Médio Oriente para escurecer as pálpebras ou como máscara para os olhos. (*N. do T.*)

Bohuslän, 1671

ERA UMA MANHÃ ENEVOADA DE NOVEMBRO E, SENTADA AO LADO DA FILHA NA CARROÇA QUE AVANÇAVA COM ESTRONDO, ELIN JONSDOTTER TREMIA DE FRIO. O PRESBITÉRIO, DO QUAL SE IAM APROXIMANDO, MAIS PARECIA UM CASTELO EM COMPARAÇÃO COM A PEQUENA CASA DE OXNÄS ONDE MORARA COM PER.

COMO SEMPRE, BRITTA TINHA TIDO SORTE. DURANTE A INFÂNCIA A IRMÃ MAIS NOVA ERA A PREFERIDA DO PAI, E COMO DESFRUTARA DE TODOS OS PRIVILÉGIOS, DESDE O INÍCIO FICOU CLARO QUE SERIA UM BOM PARTIDO. E O PAI TIVERA RAZÃO. BRITTA CASARA-SE COM O PASTOR E MUDARA-SE PARA O PRESBITÉRIO, AO PASSO QUE ELIN TIVERA DE CONTENTAR-SE COM PER, O PESCADOR. NO ENTANTO, ELIN NÃO SE QUEIXARA. PER PODIA SER POBRE, MAS FORA O HOMEM MAIS BONDOSO DO MUNDO.

AO PENSAR NO MARIDO, ELIN SENTIU UM PESO OPRIMIR-LHE O PEITO, MAS ENDIREITOU-SE E ENCHEU-SE DE CORAGEM. NÃO VALIA A PENA VERTER MAIS LÁGRIMAS SOBRE O QUE NÃO PODIA MUDAR. DEUS QUISERA PÔ-LA À PROVA E AGORA ELA E MÄRTA TINHAM DE TENTAR SOBREVIVER SEM PER.

NÃO PODIA NEGAR QUE BRITTA FORA MUITO GENEROSA AO OFERECER-LHE UM LUGAR COMO CRIADA NO PRESBITÉRIO, ASSIM COMO UM TETO PARA ELA E PARA A FILHA. NO ENTANTO, QUANDO A CARRUAGEM DE LARS LARSSON COM OS ESCASSOS BENS DAS DUAS ENTROU NO PÁTIO, ELIN FOI ASSALTADA POR UMA FORTE SENSACÃO DE DESCONFORTO. BRITTA NÃO TINHA SIDO UMA CRIANÇA PARTICULARMENTE BOA E ELIN NÃO ACREDITAVA QUE A IDADE A TIVESSE DEIXADO MAIS AMÁVEL. POR OUTRO LADO, NÃO PODIA DAR-SE AO LUXO DE RECUSAR A OFERTA. COMO INQUILINOS NO LITORAL, APENAS TINHAM ALUGADO OS CAMPOS, E DEPOIS DA MORTE DE PER, O PROPRIETÁRIO DA QUINTA INFORMOU-A DE QUE PODIAM FICAR ATÉ AO FINAL DO MÊS, MAS DEPOIS TERIAM DE IR-SE EMBORA. SEM UMA CASA E SEM MEIOS DE SUBSISTÊNCIA, COMO POBRE VIÚVA QUE ERA, ELIN TERIA DE DEPENDER DA BENEVOLÊNCIA DOS OUTROS. E OUVIRA DIZER QUE PREBEN, O MARIDO DE BRITTA E PASTOR DE TANUMSHED, ERA UM HOMEM BOM E GENTIL. SÓ O TINHA VISTO NAS CERIMÓNIAS RELIGIOSAS, JÁ QUE NÃO TINHA SIDO CONVIDADA PARA O CASAMENTO E, CLARO, NUNCA SE TINHA SEQUER FALADO DE

VISITAR O PRESBITÉRIO COM A FAMÍLIA. NO ENTANTO, ELIN RECORDAVA-SE DE QUE PREBEN TINHA UM OLHAR GENTIL.

QUANDO A CARRUAGEM PAROU E LARS LHES RESMUNGOU QUE DESCESSEM, ELIN ABRAÇOU MÄRTA COM FORÇA POR UM MOMENTO. IA CORRER TUDO BEM, DISSE A SI PRÓPRIA. MAS UMA VOZ DENTRO DELA DIZIA-LHE ALGO COMPLETAMENTE DIFERENTE.

*

MARTIN EMPURROU NOVAMENTE O BALOIÇO, sem conseguir deixar de sorrir ao ouvir os alegres gritinhos de Tuva.

Sentia-se um pouco melhor a cada dia que passava e dava-se conta de que o mérito era sobretudo da filha. Com o infantário de Tuva fechado para férias, Martin tirara duas semanas de folga e os dois aproveitavam para passar cada segundo juntos. E isso fora muito benéfico para os dois. Desde a morte de Pia que Tuva dormia na cama de Martin e todas as noites adormecia com o rosto encostado ao peito do pai, muitas vezes a meio de uma história. Quando tinha a certeza de que Tuva estava a dormir, Martin levantava-se sorrateiramente e ia pôr-se à frente do ecrã da televisão durante uma ou duas horas, bebendo uma chávena de chá de ervas calmante que comprara numa ervanária. Fora Annika que, no inverno anterior, quando o sono era mais agitado, o aconselhara a procurar um calmante natural. Martin não sabia se era do efeito placebo ou se realmente o chá funcionava, mas tinha finalmente conseguido dormir alguma coisa. E talvez fosse isso a fazer toda a diferença, a permitir-lhe enfrentar a sensação de perda. Nunca desaparecera completamente, mas começava a atenuar-se e até já conseguia pensar em Pia sem ficar de coração despedaçado. Falava da mãe a Tuva e viam fotografias. Era tão pequena quando Pia morreu, que tinha muito poucas memórias da mãe. Por isso, Martin queria contar-lhe o máximo possível sobre ela.

– Empurra-me com mais força, papá!

Tuva estremeceu de alegria quando o pai lhe deu um impulso maior que fez o baloiço subir ainda mais.

Os cabelos escuros da filha esvoaçavam-lhe em redor do rosto e, como acontecera tantas outras vezes, Martin ficou impressionado com a incrível semelhança com Pia. Pegou no telemóvel para a filmar e recuou para enquadrar toda a cena. Quando atingiu algo com os calcanhares, ouviu um grito agudo. Atarantado, olhou para trás e viu um menino pequeno a gritar a plenos pulmões com uma pá suja de areia na mão.

– Oh, desculpa – disse Martin, ajoelhando-se para tentar confortá-lo.

Olhou em redor, mas vendo que nenhum dos outros adultos fazia menção de se aproximar, concluiu que os pais da criança não se encontravam entre eles.

– Pronto, calma, já vamos encontrar a tua mamã ou o teu papá – disse, tentando acalmar o rapazinho, que gritava cada vez mais alto.

Então, junto a um arbusto a pouca distância, viu uma mulher mais ou menos da sua idade a falar ao telemóvel. Tentou chamar-lhe a atenção, mas sem sucesso. Parecia perturbada. Falava com voz irritada e gesticulava com a mão livre. Martin acenou-lhe, mas mais uma vez a mulher não reparou no gesto. Acabou por se virar para Tuva, que oscilava cada vez mais devagar agora que ninguém empurrava o baloiço.

– Espera aqui. Vou só levar este menino à mamã dele.

– O papá deu um pontapé ao menino – disse Tuva em voz alta, ao que Martin abanou enfaticamente a cabeça.

– Não, o papá não deu um pontapé ao menino, o papá... Bem, deixa, já falamos.

Ergueu a criança que continuava aos berros e esperava chegar até à mãe antes que ela pudesse pensar que um estranho lhe ia a levar o filho. Na verdade, Martin não tinha motivo para preocupações. A mulher continuava completamente embrenhada no telefonema. Martin sentiu um acesso de irritação ao vê-la continuar a falar e a gesticular quando devia estar de olho no filho. O rapazinho berrava tão alto que parecia ir rebentar-lhe os tímpanos.

– Desculpe – disse Martin, aproximando-se da mulher, que se calou a meio de uma frase.

Tinha lágrimas nos olhos e o rímel escorria-lhe pelas faces.

– Tenho de desligar. O TEU filho está desesperado! – disse, terminando a chamada.

Limpou os olhos e esticou os braços em direção ao menino.

– Peço desculpa, recuei e não o vi, estava por detrás de mim – explicou Martin. – Não me parece que se tenha magoado, mas se calhar assustei-o um bocado.

A mulher abraçou o menino.

– Não se preocupe, está naquela idade em que se tem medo de estranhos – disse a mulher, pestanejando para afastar as últimas lágrimas.

– Está tudo bem consigo? – perguntou Martin, vendo-a corar.

– Que vergonha, estar para aqui a chorar em pleno dia e ainda por cima ter perdido Jon de vista. Desculpe, devo parecer a pior mãe do mundo.

– Não, claro que não, e o menino não correu nenhum perigo. Mas está mesmo tudo bem consigo?

Não queria dar a impressão de ser metediço, mas a mulher parecia realmente infeliz.

– Bem, não morreu ninguém. É só o idiota do meu ex. Parece que a nova namorada não está interessada na «bagagem» do casamento dele, por isso achou por bem cancelar os três dias em que o Jon ia ficar com ele. A desculpa é que a namorada está «ansiosa por passar um tempinho a sós» com ele.

– Patético – disse Martin, sentindo-se solidariamente irado. – Que parvalhão.

Quando a mulher lhe sorriu, o olhar de Martin foi atraído pelas covinhas dela.

– E você?

– Oh, eu estou bem – respondeu Martin, e a mulher deu uma gargalhada.

– Não, não, estava a perguntar qual é o seu filho.

Indicou o parque infantil com a cabeça e Martin deu uma palmada na testa.

– Ah, sim, claro. A minha filha é aquela ali, a menina no baloiço que, neste momento, parece um bocado aborrecida por já não estar a baloiçar.

– Oh, então é melhor ir lá empurrá-la. Ou a mãe também cá está?

Martin corou. Estaria a flirtar com ele? Deu por si a esperar que estivesse. Não sabia o que responder, mas pensou que o melhor era dizer a verdade.

– Não, sou viúvo.

– Ah, peço imensa desculpa – disse a mulher, levando a mão à boca. – E eu com aquela saída estúpida de «não morreu ninguém».

Tocou-lhe no braço e Martin lançou-lhe o sorriso mais animador que conseguiu desencantar. Alguma coisa dentro dele não queria que ela se desculpasse ou que ficasse incomodada. Queria vê-la rir-se, rever aquelas covinhas.

– Não faz mal – disse, e sentiu que a mulher se acalmava.

Nas suas costas, Tuva berrava «Papáaa!» de modo cada vez mais estridente e exigente.

– É melhor ir empurrá-la de novo – disse, limpando ranho e areia do rosto de Jon.

– Talvez voltemos a encontrar-nos por aqui? – aventou Martin.

Apercebeu-se do tom esperançoso com que dissera aquelas palavras. A mulher sorriu-lhe e as covinhas tornaram-se ainda mais evidentes do que antes.

– Sim, vimos aqui muitas vezes. Talvez até voltemos já amanhã – afirmou, e Martin assentiu alegremente, retrocedendo para se juntar a Tuva.

– Então vamos encontrar-nos de certeza – disse, tentando não sorrir demasiado.

Depois deu mais um passo atrás e sentiu os calcanhares baterem em algo e imediatamente ouviu um grito agudo. Sentada no baloiço, Tuva suspirou.

– Papá, cuidado...

No meio do caos, o telemóvel tocou. Martin tirou-o do bolso e olhou para o ecrã: *Gösta*.

*

– Mas onde é que foste desencantar esta mulher? – Marie afastou bruscamente a mulher que passara a última hora a maquilhá-la e virou-se para olhar para o realizador Jörgen Holmlund.

– A Yvonne tem muito jeito – disse Jörgen com aquele seu tremor irritante na voz. – Trabalhou na maior parte dos meus filmes.

Por detrás dela, a maquilhadora deixou escapar um soluço. A dor de cabeça que assolava Marie desde que chegara à rulote estava a piorar.

– Tenho de ser a Ingrid Bergman até ao pormenor, em cada cena. A Ingrid estava sempre irrepreensível, impecável. Não posso parecer uma das manas Kardashian. Contornos? Que raio de coisa. As minhas feições são perfeitas e não preciso da porra de nenhuns contornos!

Indicou o próprio rosto, que apresentava manchas distintas brancas e castanho-escuras.

– Vai ficar tudo esbatido, não vai ficar assim depois de eu terminar – disse Yvonne com uma voz tão desmaiada que Marie mal a conseguiu ouvir.

– Não quero saber dessa merda. As minhas feições não precisam de correções!

– Tenho a certeza de que a Yvonne consegue maquilhar-te a teu gosto – disse Jörgen. – Basta dizeres-lhe o que queres.

Tinha a testa perlada de gotas de suor, apesar de estar fresco na rulote.

A grande equipa de filmagens estava alojada no TanumStrand, um hotel e centro de conferências a meio caminho entre Fjällbacka e Grebbestad, onde se encontrava também o escritório da produção. Mas no local de filmagens, em Fjällbacka, utilizavam rulotes como camarins e salas de maquilhagem.

– *Okay*, vamos lá começar do zero, depois logo se vê – disse Marie, incapaz de conter um sorriso ao ver o alívio de Yvonne.

Nos primeiros tempos de Hollywood, Marie deixara-se sempre moldar à vontade dos outros, fazendo tudo o que lhe pediam, mas agora era uma pessoa diferente. Sabia perfeitamente como recriar a sua personagem e que aspeto devia ter.

– Temos de estar prontos dentro de uma hora no máximo – disse Jörgen. – Esta semana filmamos algumas das cenas mais fáceis.

Marie virou-se. Com um toalhete húmido, Yvonne tinha anulado uma hora de trabalho em dez segundos e o rosto da atriz já não apresentava nenhum vestígio de maquilhagem.

– Quer dizer que esta semana vais filmar as cenas menos dispendiosas? Pensava que havia luz verde por parte de toda a gente.

Marie não pôde evitar o tom de preocupação nas suas palavras. Não era um daqueles projetos seguros em que os investidores faziam fila para participar. No ambiente cinematográfico sueco, o clima mudara: dava-se prioridade aos filmes independentes, e os que tinham orçamentos mais exigentes tinham de andar a mendigar. Não era a primeira vez que aquele projeto corria o risco de ser cancelado.

– Ainda se discutem... as prioridades... – de novo aquele tremor nervoso na voz. – Mas não te preocupes com isso. Concentra-te em fazer um excelente trabalho nas cenas que filmarmos. Só deves ocupar o teu pensamento com isso.

Marie voltou-se de novo para o espelho.

– Há uma data de jornalistas a querer entrevistar-te – prosseguiu Jörgen. – Sobre a tua ligação a Fjällbacka. E por teres voltado cá pela primeira vez em trinta anos. Compreendo que te possa ser... difícil falar sobre esses tempos, mas se não te importasses de...

– Marca lá as entrevistas – disse Marie sem desviar o olhar do espelho. – Não tenho nada a esconder.

Se havia alguma coisa que tinha aprendido era que toda a publicidade era boa publicidade. Sorriu para a própria imagem refletida no espelho. Talvez aquela maldita dor de cabeça começasse finalmente a passar.

*

Após ter rendido Patrik, Erica reunira os filhos tendo depois subido a colina que ia dar a casa. Patrik afastara-se apressadamente pouco depois de Erica chegar, e ela conseguira ler no olhar do marido uma sombra de inquietação. Partilhava a preocupação dele. Imaginar que alguma coisa pudesse acontecer aos filhos era como mergulhar num abismo.

Uma vez chegada a casa, Erica deu aos três mais beijos do que o habitual. Em seguida pôs os gémeos na cama, para uma sesta vespertina, instalou Maja à frente de *Frozen* e agora encontrava-se finalmente sentada no escritório. Quando Patrik lhe disse o nome da quinta onde morava a menina que desapareceu e lhe falou da semelhança perturbadora de idades, sentira de imediato uma

necessidade urgente de rever o material de pesquisa que tinha recolhido. Ainda estava longe de se sentir preparada para começar a escrever o livro, mas tinha a secretária juncada de fichas, cópias de artigos de jornal e notas manuscritas sobre a morte de Stella. Por um instante, ficou para ali a observar as pilhas de papéis. Até àquele momento, tinha-se limitado a reunir factos, não tendo ainda começado a estruturar, a organizar ou a separar o material. Esse seria o próximo passo na longa e tortuosa estrada que conduziria a um livro acabado. Pegou na cópia de um artigo e observou as duas raparigas na fotografia a preto e branco. Helen e Marie. Ambas tinham um olhar sombrio e agressivo. Era difícil dizer se havia raiva ou medo nos olhos delas. Ou maldade, como muitos garantiram na altura. Erica, por seu lado, tinha dificuldade em acreditar que alguém pudesse ser maldoso naquela idade.

As especulações eram as mesmas que surgiam em todos os casos famosos de crianças envolvidas em atos terríveis. Mary Bell, a rapariga que tinha onze anos quando assassinou duas crianças. Os assassinos do pequeno James Bulger, de apenas três anos. Pauline Parker e Juliet Hulme, as duas raparigas que mataram a mãe de Pauline na Nova Zelândia. Erica tinha gostado muito do filme de Peter Jackson, *Amizade sem Limites*⁵, inspirado nesse caso. Depois dos homicídios, ouvia-se sempre frases como: «Foi sempre uma criança terrível.» Ou então: «Vi-lhe logo a maldade nos olhos quando ainda era muito pequeno». Os vizinhos, os amigos e até mesmo membros da família forneciam de bom grado a sua opinião sobre o assunto e referiam os elementos que os levavam a opinar acerca de uma espécie de maldade inata. Mas será que uma criança podia realmente ser má? Erica acreditava mais no que tinha lido algures, ou seja, que «o mal é a ausência do bem». E também acreditava que uma pessoa nascia seguramente com uma propensão para uma coisa ou a outra, que depois era reforçada ou atenuada de acordo com a forma e o meio em que fora criada.

Por isso, Erica precisava de se documentar o melhor possível sobre as duas raparigas na fotografia. Que género de crianças eram Marie e Helen? Como tinham sido criadas? Não ia contentar-se com o que as outras pessoas sabiam acerca delas e das respetivas famílias. Achava que o que acontecia na família à porta fechada era muito importante. Que valores lhes tinham sido instilados? Tinham sido bem tratadas? O que é que o mundo lhes ensinara antes do que acontecera naquele terrível dia de 1985?

As duas raparigas tinham acabado por se desdizer e insistido obstinadamente na sua inocência. Embora a maior parte das pessoas continuasse convencida da culpa de Helen e de Marie, fizeram-se muitas suposições. E se o culpado da

morte de Stella tivesse sido outra pessoa qualquer, alguém que naquele dia simplesmente aproveitara a oportunidade? E se essa oportunidade se tivesse voltado a proporcionar? Não poderia ser uma coincidência que outra menina de quatro anos tivesse desaparecido da mesma quinta. Quais eram as probabilidades de isso acontecer? Tinha de haver uma ligação entre os dois acontecimentos. E se naquela época a polícia tivesse descurado uma pista deixada pelo assassino? E se o criminoso, por algum motivo, tivesse decidido voltar a atacar? Talvez inspirado pelo regresso de Marie? E, em qualquer dos casos, porquê? Haveria outras meninas em perigo?

Se ao menos estivesse mais adiantada nas pesquisas. Erica levantou-se da cadeira. Estava um calor sufocante e inclinou-se sobre a secretária para abrir a janela. Lá fora a vida continuava como de costume. Chegavam-lhe os sons do verão. Crianças a gritar e a rir na praia lá em baixo. Gaivotas a grasnar enquanto rasavam a superfície do mar. O vento a soprar por entre as copas das árvores. Lá fora, tudo parecia idílico, mas Erica mal se apercebia disso.

Voltou a sentar-se e começou a organizar o material que recolhera, mas nem sequer tinha começado as entrevistas. A lista de pessoas com quem queria falar era muito extensa e, como era óbvio, Marie e Helen encabeçavam-na. Tentara já aproximar-se de Helen, enviando-lhe várias cartas sem resposta, e até contactara a relações públicas de Marie. Em cima da secretária havia cópias de várias entrevistas com a atriz que falavam do caso Stella, por isso não lhe parecia que se opusesse a falar com ela. Na verdade, era voz corrente que a carreira de atriz de Marie não teria sido tão fulminante se depois dos primeiros papéis secundários em algumas produções menores as notícias não tivessem chegado aos ouvidos dos média.

Se havia algo que Erica tinha aprendido com os livros que escrevera anteriormente sobre casos verídicos de homicídios era que o ser humano tinha um desejo inato de confessar, de contar a sua história. Quase sem exceção.

Voltou a ligar o som do telefone para o caso de Patrik decidir contactá-la, embora provavelmente o marido estivesse demasiado ocupado para poder pô-la ao corrente dos desenvolvimentos. Erica oferecera-se para ajudar nas buscas, mas Patrik respondera que já havia voluntários suficientes. Era melhor ficar com os miúdos. Erica não protestara. Da sala de estar no rés-do-chão ouviu que o filme chegara ao ponto em que Elsa fugira e construía um castelo de gelo. Pousou lentamente as folhas que tinha na mão. Sem dúvida que passara demasiado tempo desde a última vez em que se sentara com Maja frente ao ecrã. Vou ter de voltar a aturar aquela princesa do ego desmesurado, pensou,

levantando-se. Além disso, Olaf tinha o seu encanto. E, porque não admiti-lo, a rena também.

*

– O que é que já fizeram? – perguntou Patrik, indo direto ao assunto quando chegou à quinta.

Gösta estava à entrada da quinta, junto de uns móveis de jardim em madeira pintada de branco.

– Liguei para Uddevalla e já mandaram um helicóptero.

– E a Guarda Costeira?

Gösta assentiu.

– Foram todos contactados e a ajuda vem a caminho. Liguei ao Martin e pedi-lhe para reunir voluntários para as buscas na floresta. Foi logo passar a palavra em Fjällbacka, por isso não tarda vamos ter aqui muita gente. Também vêm colegas com cães pisteiros de Uddevalla.

– Que acham? – perguntou Patrik mantendo a voz baixa, uma vez que os pais da menina se encontravam abraçados não muito longe deles.

– Também querem ir procurá-la – disse Gösta, que reparou para onde Patrik estava a olhar. – Mas disselhes para esperarem que nos organizássemos, senão ainda íamos ter de mobilizar recursos para procurá-los também a eles. – Aclarou a voz. – Não sei o que pensar, Patrik. Nenhum dos dois viu a filha depois das vinte horas da noite passada, quando foram deitar-se, e é uma criança pequena. Só tem quatro anos. Se estivesse nas proximidades já teria dado sinal de vida durante o dia. Quanto mais não fosse, teria ido a casa quando tivesse fome. Por isso deve ter-se perdido. Ou então...

A palavra ficou a pairar no ar.

– É uma coincidência tão estranha – afirmou Patrik. Estavam constantemente a insinuar-se-lhe na mente pensamentos que preferia evitar.

– Sim, a mesma quinta – disse Gösta, assentindo. – E a menina é da mesma idade. É impossível não relacionar os casos.

– Imagino que não estamos apenas a trabalhar na hipótese de a menina se ter perdido, certo?

Patrik teve o cuidado de não olhar para os pais enquanto falava.

– Certo – disse Gösta. – Vamos começar a falar com os vizinhos o mais depressa possível, pelo menos com os que moram ao longo da estrada para aqui, para saber se viram alguma coisa ontem à noite ou hoje. Mas primeiro temos de

concentrar-nos nas buscas. Os dias já não são tão compridos em agosto e nem quero pensar que a miúda possa estar algures na floresta, sozinha e assustada. Mellberg queria que contactássemos os média, mas acho que seria preferível esperarmos.

– Valha-me Deus, que ideia fixa – suspirou Patrik.

O superintendente dava-se grandes ares enquanto recebia os voluntários que começavam a chegar.

– *Okay*, temos de organizar-nos. Trouxe um mapa da zona que rodeia a quinta – disse Patrik, e o rosto de Gösta iluminou-se.

– Vamos subdividir o perímetro de busca em áreas – afirmou, tirando o mapa a Patrik.

Pousou-o na mesa do pátio, tirou uma caneta do bolso da camisa e começou a traçar linhas.

– Que te parece? Será que uma área com estas dimensões é suficiente para um grupo, pensando em equipas de três ou quatro pessoas?

– Sim, parece-me que sim – respondeu Patrik, assentindo.

Nos últimos anos a colaboração com Gösta funcionava muito bem, e embora o parceiro habitual de Patrik fosse Martin Molin, gostava de trabalhar com o colega mais velho. Não fora assim nos anos em que o parceiro de Gösta era Ernst, recentemente falecido, mas isso apenas confirmava que nunca é tarde de mais para mudar. Gösta tendia a ter a cabeça mais no campo de golfe do que na esquadra, porém, quando era mesmo necessário, como naquele momento, Gösta tinha uma mente perspicaz e completamente focada no trabalho.

– Queres ser tu a dar as instruções? – perguntou Patrik. – Ou encarrego-me eu disso? – Não queria passar por cima do colega, assumindo a liderança.

– Trata tu disso – pediu Gösta. – O importante é impedirmos o Bertil de dizer seja o que for.

Patrik assentiu. Raramente era boa ideia deixar Mellberg falar em público. Acabava sempre por ofender ou irritar alguém, obrigando-os a desperdiçar tempo precioso a lidar com a crise provocada em vez de continuarem com o trabalho que tinham em mãos.

Olhou de relance para os pais de Nea, que estavam agora no meio do pátio, ainda abraçados.

– Vou apresentar-me aos pais – disse. – Depois vou dar instruções a quem já cá estiver, e à medida que forem chegando mais pessoas vamos ter de as repetir. Os voluntários estarão sempre a aparecer, por isso vai ser impossível juntar toda a gente ao mesmo tempo. E devíamos começar as buscas o mais depressa possível.

Aproximou-se cautelosamente dos pais da menina.

– Boa tarde, chamo-me Patrik Hedström. Também sou da polícia – afirmou, apertando-lhes as mãos. – Como podem ver, começámos a reunir voluntários para as equipas de busca e agora vou ter com eles para fazer um breve ponto da situação. Depois poderemos começar.

Apercebeu-se de que soou muito oficial, mas era a única maneira de manter as emoções controladas e concentrar-se no que precisava de ser feito.

– Chamámos os nossos amigos, e os pais do Peter já disseram que vêm de Espanha – explicou Eva em voz baixa. – Tentámos dissuadi-los, mas estão muito preocupados.

– Os cães pisteiros estão prestes a chegar de Uddevalla – informou Patrik. – Vão precisar de algo que pertença à vossa filha... Como se chama ela?

– Nea – respondeu Eva engolindo em seco. – Linnea, na verdade, mas chamamos-lhe Nea.

– Nea. Que lindo nome. Têm alguma coisa que pertença à Nea para os cães farejarem e poderem depois localizar o cheiro dela?

– No cesto da roupa suja há a roupa que usou ontem. Será que serve?

Patrik assentiu.

– Perfeito. Pode ir já buscá-la? E não se importa de fazer café para os voluntários?

Deu-se conta de como devia parecer estúpido falar em servir café naquela situação, mas tinha dois motivos para fazer aquele pedido: não queria ser perturbado no momento de dar instruções e queria manter os pais ocupados. Geralmente isso facilitava as coisas.

– Não devíamos também participar nas buscas? – perguntou Peter.

– Ser-nos-ão mais úteis aqui. Quando encontrarmos a vossa filha é melhor sabermos onde estão, por isso é preferível que permaneçam na quinta. Já temos voluntários mais do que suficientes.

Peter pareceu hesitar, por isso Patrik pôs-lhe a mão no ombro.

– Sei que é difícil ficar aqui à espera. Mas acreditem em mim, os senhores são mais úteis aqui.

– Okay – respondeu Peter em voz baixa, e começou a dirigir-se à casa com Eva.

Com um apito agudo, Patrik chamou a atenção das cerca de trinta pessoas que se tinham reunido na quinta. Um jovem com cerca de vinte anos que estava a filmar a cena guardou o telemóvel no bolso.

– Vamos começar as buscas daqui a poucos minutos. Quando uma criança pequena desaparece, cada minuto é importante. Estamos a procurar Linnea, mais conhecida por Nea, que tem quatro anos. Não sabemos exatamente há quanto tempo desapareceu, mas os pais não a veem desde que a foram deitar a noite passada, por volta das oito horas. Devido a um infeliz mal-entendido, cada um deles acreditava que a filha estava com o outro durante todo o dia de hoje, por isso só há cerca de uma hora é que deram pelo seu desaparecimento. Uma das teorias em que estamos a trabalhar, a mais provável, é a de que a menina se tenha perdido na floresta.

Patrik apontou para Gösta, que ainda permanecia junto à mesa de jardim com o mapa aberto.

– Vão ser divididos em grupos de três ou quatro pessoas e, em seguida, o meu colega Gösta irá atribuir-vos uma área específica. Não temos outros mapas para distribuir, por isso terão de fazer o melhor possível. Talvez possam fotografar a vossa área com o telemóvel, para que possam manter as buscas nessa zona.

– Também se pode visualizar um mapa GPS no telemóvel – disse um homem calvo, mostrando o próprio aparelho. – Se precisarem de uma boa aplicação de mapas venham ter comigo antes de começarem a andar e eu mostro-vos qual é a melhor. Utilizo-a sempre quando faço caminhadas pela floresta.

– Obrigado – disse Patrik. – Depois de vos ser atribuída uma área de busca, peço-vos que caminhem à distância de um braço uns dos outros. Avancem lentamente. Sei que pode ser tentador varrer a área o mais depressa possível, mas há muitos sítios numa floresta onde uma criança de quatro anos possa estar escondida, ou... hum... possa esconder-se, por isso mais vale fazer as coisas com calma. – Tossiu, levando um punho fechado à boca. – Se por acaso... encontrarem alguma coisa... – disse, mas depois calou-se.

Não sabia como continuar e esperava que as pessoas ali reunidas compreendessem o que queria dizer sem que fosse mais específico. Patrik recomeçou. – Se por acaso encontrarem alguma coisa, por favor não toquem em nada e não mudem nada de lugar. Pode ser uma pista ou, enfim, qualquer outra coisa.

Alguns assentiram, mas a maioria continuou a fitar o chão.

– Por isso, fiquem onde estiverem e telefonem-me imediatamente. Este é o meu número – disse, e afixou com fita-cola uma grande folha de papel na parede do celeiro. – Gravem-no nos vossos telemóveis. Ficou tudo claro? Fiquem onde estiverem e liguem-me. Apenas isso, *okay*?

Um homem mais velho, mais ao fundo, ergueu a mão. Patrik reconheceu-o: era Harald, há muitos anos proprietário da padaria de Fjällbacka.

– Há alguma... – fez uma pausa e depois recomeçou a falar. – Poderá tratar-se de uma coincidência? Quer dizer, tendo em conta o que aconteceu aqui na quinta? E a menina? E o que aconteceu...

Não precisou de dizer mais nada. Todos perceberam exatamente aonde queria chegar. Patrik não sabia muito bem como responder.

– Não excluimos nada – acabou por dizer. – Mas, por enquanto, o mais importante é revistar a floresta nas proximidades.

Pelo canto do olho, Patrik viu a mãe de Nea sair pela porta da frente com roupa de criança nos braços.

– Muito bem, vamos lá começar.

Um primeiro grupo de quatro elementos foi ter com Gösta para lhe ser atribuída a área de busca. No mesmo instante ouviu-se o ruído de um helicóptero a aproximar-se por cima das árvores. Não teria qualquer dificuldade em pousar, porque havia muito espaço na quinta. Os voluntários começaram a encaminhar-se em direção à floresta e Patrik observou-os enquanto se afastavam. Por detrás de si ouviu o helicóptero a pousar. Ao mesmo tempo, os carros com os cães pisteiros da polícia de Uddevalla viravam para a quinta. Se a menina estivesse na floresta, iam encontrá-la, estava convencido disso. O que o assustava era a possibilidade de não estar perdida.

O Caso Stella

Tinham procurado a menina a noite toda. Havia cada vez mais pessoas nas buscas e Harald ouvia-as em seu redor na floresta. A polícia tinha feito um bom trabalho e voluntários não faltavam. A família era estimada e todos conheciam a menina com o cabelo louro-arruivado. Era uma daquelas crianças que quando encontrava alguém numa loja não se dava por vencida enquanto não lhe sorriam.

Harald partilhava o sofrimento dos pais de Stella. Os filhos já eram crescidos e dois dos rapazes acompanhavam-no nas buscas. Fechara a padaria, tanto mais que já não havia muitos clientes. A época de férias já tinha praticamente terminado e passava muito tempo entre cada toque da campainha pendurada por cima da porta. Mas claro que teria fechado a loja mesmo que fosse época alta. Sentiu um peso no peito só de tentar imaginar o horror que os pais de Stella deviam estar a viver naquele momento.

Ia vasculhando os arbustos com uma vara. A tarefa não era fácil. A floresta era grande, porém, até onde poderia ter ido uma criança pequena sozinha? Se é que estava mesmo na floresta. Era apenas uma das possibilidades que a polícia explorava. O rosto da menina aparecera em todos os noticiários. Podia muito bem ter sido obrigada a entrar num carro e, se fosse esse o caso, já estaria muito longe. Mas Harald recusava-se a pensar nisso. Naquele momento, a sua tarefa era ajudar a procurar ali, com todos os outros de quem ouvia os passos e as vozes por entre as árvores.

Parou por um momento e sentiu o cheiro da floresta. Atualmente, era raro aventurar-se na natureza. Quando era novo passava muito tempo ao ar livre, mas nas últimas décadas estivera absorvido pela padaria e pela família. Prometeu a si próprio retomar os hábitos antigos. A vida era curta. Os factos das últimas horas acabavam de lhe recordar: nunca se consegue saber o que está ao virar da esquina.

Poucos dias antes os pais de Stella estavam, sem dúvida, convencidos de que sabiam o que o destino lhes reservava. Tinham deixado a vida correr, sem parar de vez em quando para desfrutar do que possuíam. Tal como a maior parte das pessoas. Só quando acontecia algo é que se parava para apreciar cada segundo passado com os entes queridos.

Recomeçou a caminhar, muito devagar, metro a metro. Um pouco mais à frente viu água a brilhar por entre as árvores. Tinham recebido instruções pormenorizadas sobre o que fazer se encontrassem uma lagoa ou um lago. Deviam alertar a polícia, que os dragaria ou enviaria mergulhadores se fosse muito fundo. A água para a qual olhava agora apresentava-se calma e lisa, à exceção de pequenas ondulações provocadas por algumas libélulas que pousavam à superfície. Harald não viu mais nada. Naquele pequeno lago só havia mais uma coisa que saltava à vista, um tronco caído na água, abatido pelo vento ou por um relâmpago muitos anos antes. Aproximou-se e apercebeu-se de que as raízes ainda estavam agarradas à margem. Subiu à árvore rachada. Tudo o que via era a superfície calma do lago. Então, Harald olhou lentamente para os próprios pés. Foi quando reparou nos cabelos. Nos cabelos louro-arruivados que flutuavam como algas na água turva.

*

SANNA ESTAVA PARADA no meio de um corredor do supermercado *Konsum*. No verão costumava ter o centro de jardinagem aberto até o mais tarde possível, mas naquele dia não conseguia concentrar-se nos clientes. Ao contrário do que era habitual, todas aquelas perguntas que lhe faziam, sobre a frequência com que se devia regar os gerânios, por exemplo, pareciam-lhe demasiado estúpidas.

Esforçou-se por voltar à realidade e olhou em redor. Vendela ia regressar a casa depois de um período passado em casa do pai, e Sanna queria certificar-se de que a filha tinha na despensa o que mais gostava, incluindo bolachas e doces. Numa semana era *vegan*, na outra só comia hambúrgueres, e depois podia pôr-se a fazer dieta, limitando-se a morder uma cenoura enquanto Sanna discorria sobre os perigos que as raparigas corriam de ficar anoréticas se não comessem. Nada era permanente, nada era como dantes.

Interrogava-se se Niklas também estaria a sentir as mesmas dificuldades com a filha. A guarda partilhada e alternada de duas em duas semanas funcionara bem durante muitos anos, mas ultimamente parecia que Vendela se dera conta do poder que detinha. Se não gostava daquilo que Sanna lhe cozinhava, dizia que se comia melhor em casa de Niklas, e que o pai a deixava sair à noite com Nils. Às vezes, exausta, Sanna perguntava a si própria como é que os primeiros meses da vida da filha lhe podem ter parecido tão cansativos; os anos da adolescência pareciam ser dez vezes piores.

Era como se Vendela se tivesse tornado uma estranha. Cada vez que suspeitava de que a mãe fumara um cigarro às escondidas nas traseiras da casa, caía-lhe em cima, pregando-lhe grandes sermões sobre os riscos de vir a ter cancro. Mas nos últimos tempos reparara que a roupa da filha tresandava a fumo.

Sanna percorreu as prateleiras com os olhos. Acabou por conseguir decidir-se. Ia jogar pelo seguro. Tacos. Com carne picada normal ou com tofu, para o caso de aquela ser uma semana *vegan*.

Nunca fora adolescente. Crescera demasiado depressa. A morte de Stella e todo o horror que se seguiu tinham-na catapultado diretamente para a idade adulta. Não houvera espaço para se lamentar das dores da adolescência, nem pais a quem revirar os olhos.

Conhecera Niklas no instituto. Tinham decidido viver juntos quando Sanna conseguiu o primeiro emprego. Depois chegara Vendela, mais por acidente do que por qualquer outra coisa, para ser sincera. Se as coisas entre eles não tinham

funcionado, a culpa não era do ex-marido, mas dela. Niklas era um bom homem, só que Sanna nunca o tinha deixado entrar plenamente no seu coração. Quer se tratasse de um marido ou de uma filha, amar alguém doía demasiado. Foi algo que Sanna não tardou a aprender.

Pôs tomate, pepino e cebola no carrinho e dirigiu-se à caixa.

– Imagino que já saibas das novidades! – disse Bodil enquanto registava os artigos que Sanna colocava no tapete rolante.

– Não, que aconteceu? – perguntou por sua vez Sanna, pegando na garrafa de *Coca-Cola* para a deitar no tapete.

– Não soubeste daquilo da menina?!

– Qual menina?

Sanna só ouvia de um ouvido. Já se arrependera de ter comprado *Coca-Cola* a Vendela.

– Aquela que desapareceu. Da vossa antiga quinta.

Bodil não conseguia esconder a emoção na voz. Sanna estacou. A mão que segurava a embalagem de queijo ralado *tex-mex* ficou parada no ar.

– A nossa quinta? – perguntou, sentindo um zumbido nos ouvidos.

– Sim – respondeu Bodil, continuando a passar os artigos pelo leitor sem perceber que Sanna parara de descarregar o carrinho. – Uma menina de quatro anos desapareceu da vossa antiga quinta. O meu marido foi para lá participar nas buscas na floresta. Parece que apareceu uma data de gente para ajudar.

Sanna pousou lentamente o pacote de queijo no tapete rolante à sua frente. Depois encaminhou-se para a porta, deixando as compras para trás. Também se esqueceu da mala. Ouviu Bodil chamá-la enquanto se afastava.

*

Anna recostou-se na cadeira e olhou para Dan. Estava a serrar uma prancha ao meio. Agora é que decidira, no pico do verão, que era a altura ideal para começar o projeto «novo alpendre». Andavam a falar nisso há três anos, mas parecia que agora aquele trabalho não podia ser adiado. Devia tratar-se da versão masculina do instinto maternal. No que lhe dizia respeito, Anna expressara-o através da reorganização de todos os guarda-fatos da casa. Os filhos tinham começado a esconder as roupas preferidas com medo de que ela pudesse querer dá-las e fossem parar ao contentor de vestuário usado.

Lançando um sorriso a Dan, que continuava a serrar, todo transpirado, Anna apercebeu-se de que, pela primeira vez desde há muito tempo, estava realmente a

gozar a vida. Talvez o pequeno negócio de decoração de interiores ainda não estivesse pronto para entrar na bolsa, mas tinha ganho a confiança de muitos dos turistas mais refinados e já começara a recusar clientes por falta de tempo. Enquanto isso, o bebé crescia dentro dela. Tinham decidido que não queriam saber qual o sexo da criança e chamavam-lhe genericamente «bebé». Os outros filhos estavam completamente envolvidos na questão do nome, mas propostas como «Buzz Lightyear», «Rackar Alex» e «Dart Vader» não foram certamente uma grande ajuda. E, uma noite, Dan repetiu a resmungar uma frase da série televisiva *Solsidan*: «Cada um de nós fez uma lista dos nomes preferidos e depois ficou com o primeiro da lista da minha mulher.» E tudo porque Anna recusara a proposta de Dan de lhe chamar Bruce se fosse menino, como Bruce Springsteen. No entanto, Dan argumentava que Philip, a escolha de Anna, era um nome demasiado pretensioso e que parecia que o bebé já ia nascer de *blazer* assertado. Por isso estavam num impasse. O bebé nasceria daí a um mês e nem sequer tinha um nome, quer fosse menino ou menina.

Mas tudo se resolverá, pensou Anna enquanto Dan se aproximava dela. O companheiro inclinou-se para lhe dar um beijo salgado na boca.

– Ora cá estás tu, sentadinha e toda contente da vida – disse, acariciando-lhe a barriga.

– Sim, os miúdos estão todos em casa de amigos – disse Anna, bebendo um golo de café gelado.

Ouvira dizer que não se devia beber demasiado café durante a gravidez, mas tinha direito a algo agradável, já que o álcool e os queijos não pasteurizados estavam proibidos.

– Hoje já me estava a passar a ver a minha irmã a beber um enorme copo de champanhe gelado – lamentou-se.

Dan apertou-lhe o ombro. Sentou-se ao lado dela, recostando-se com os olhos fechados para aproveitar o sol de fim de tarde.

– Já falta pouco, meu amor – consolou-a ele, acariciando-lhe a mão.

– Depois do parto vou encharcar-me de vinho – disse Anna com um suspiro, fechando os olhos.

Depois lembrou-se de que, por causa das hormonas da gravidez, corria o risco de ficar coberta de manchas castanhas. Praguejou para si própria e pôs o chapéu de aba larga na cabeça.

– Merda, nem sequer posso tomar banhos de sol – disse Anna.

– O quê? – perguntou Dan, distraído, e Anna apercebeu-se de que o companheiro estava prestes a adormecer ao sol.

– Não é nada, meu amor – respondeu, mas de repente sentiu uma vontade irresistível de lhe dar uma canelada pelo simples facto de ser homem, de ser poupado a todas as dificuldades da gravidez e por não ter de abdicar de nada.

Que porra de injustiça. Como aquelas mulheres que suspiravam, sonhadoras, sobre como era *maravilhoso* engravidar e o *dom* de trazer um filho ao mundo! Bem, só lhe apetecia bater-lhes. Com força.

– As pessoas são estúpidas – resmungou.

– O quê? – perguntou outra vez Dan, ainda mais ensonado.

– Nada – disse Anna, puxando ainda mais a aba do chapéu para os olhos.

Em que é que estava a pensar antes de Dan se aproximar e a ter interrompido? Ah, pois, em como a vida era maravilhosa. E realmente era. Apesar dos inconvenientes da gravidez e de tudo o resto. Era amada. E tinha uma família à sua volta.

Tirou o chapéu e virou a cara para o Sol. As manchas que se lixassem. A vida era demasiado curta para deixar de aproveitar o sol.

*

Sam gostaria de poder ficar ali para sempre. Desde novo que adorava aquela sensação: o calor das rochas, a água que gorgolhava, os guinchos das gaivotas. Ali podia fugir de tudo. Bastava fechar os olhos e tudo o mais desaparecia.

Jessie estava deitada ao seu lado. Sam sentia o calor dela. Aquilo era um milagre, nada mais, nada menos. Era um milagre ter aparecido na sua vida naquele preciso momento. A filha de Marie Wall. Que ironia do destino.

– Gostas dos teus pais?

Sam entreabriu os olhos e olhou para Jessie. Deitada de barriga para baixo, apoiava o queixo na mão e olhava-o fixamente.

– Porque perguntas?

Era uma pergunta íntima. Especialmente porque se conheciam há muito pouco tempo.

– Nunca conheci o meu pai – disse Jessie, desviando o olhar.

– Porque não?

Jessie encolheu os ombros.

– Olha, não sei. Penso que a minha mãe também não me queria. Nem tenho a certeza se sabia quem é o meu pai.

Sam estendeu a mão para tocar no braço de Jessie. Esta não se retraiu, por isso Sam não retirou a mão. Os olhos brilhavam-lhe com uma nova luz.

– E tu? O teu relacionamento com os teus pais é bom?

A segurança e a tranquilidade que estava a sentir desapareceram de repente, mas Sam compreendia os motivos daquela pergunta e, em certo sentido, sentiu que lhe devia uma resposta.

– O meu pai está... quer dizer, estive na guerra. Por vezes fica fora durante vários meses. E às vezes traz a guerra para casa com ele.

Jessie inclinou-se mais para Sam e pousou-lhe a cabeça no ombro.

– O teu pai já...?

– Não quero falar sobre isso. Ainda não.

– E a tua mãe?

Sam fechou os olhos e deixou-se aquecer pelos raios de sol.

– A minha mãe é fixe – acabou por dizer.

Por um momento, Sam pensou naquilo em que se recusava a pensar e cerrou ainda mais os olhos. Procurou no bolso os charros que trouxera com ele. Sacou dois, acendeu ambos e passou um deles a Jessie.

A tranquilidade invadiu-lhe o corpo, o zumbido na cabeça diminuiu, as recordações esfumaram-se. Inclinou-se e beijou-a. De início, Jessie ficou rígida. De medo. De surpresa. Mas depois os lábios suavizaram-se e acolheram-no.

– Oh, que lindinhos!

Sam teve um sobressalto.

– Olhem-me só para estes pombinhos!

Movendo-se com desenvoltura, Nils desceu das rochas, com Basse e Vendela a reboque. Como sempre. Parecia que aqueles três não conseguiam sobreviver uns sem os outros.

– E quem temos nós aqui? – Nils sentou-se ao lado deles e fitou propositadamente Jessie, que ajeitou a parte de cima do biquíni. – Arranjaste uma namorada, Sam?

– Chamo-me Jessie – disse, estendendo-lhe a mão, mas Nils ignorou-a.

– Jessie? – repetiu Vendela por detrás de Nils. – Deve ser a filha de Marie Wall.

– Aha! A filha da amigalhaça da tua mãe. A estrela de Hollywood.

Agora, Nils olhava com interesse para Jessie, que continuava a mexer na parte de cima do biquíni. Sam desejava protegê-la daqueles olhares indiscretos. Queria envolvê-la com os braços e dizer-lhe que não lhes ligasse importância. Em vez disso, estendeu o braço para a *T-shirt* de Jessie e entregou-lha.

– Bem, não é estranho ter havido faísca – afirmou Basse, dando uma cotovelada no flanco de Nils.

Falava num falsete agudo e feminino, do qual ninguém ousava gozar, porque depois estariam à perna com Nils. Na verdade, chamava-se Bosse, mas já na preparatória insistira para que toda a gente lhe chamasse Basse, porque era mais *cool*.

– Sim, realmente não é estranho – concordou Nils, desviando o olhar de Jessie para Sam.

– Porra, estou esfomeado – disse. – Vamos bazar.

Vendela sorriu a Jessie.

– Até logo.

Sam olhou para eles, surpreendido. Era só?

Jessie inclinou-se para ele.

– Quem eram aqueles? – perguntou Jessie – São estranhos. Simpáticos, mas estranhos.

Sam abanou a cabeça.

– Simpáticos é que não são. Acredita.

Sacou o telemóvel do bolso. Abriu a pasta das imagens. Sabia porque guardara aquele vídeo em particular: era uma lembrança do que as pessoas podiam fazer umas às outras. E a ele. Nunca pensara mostrá-lo a Jessie. Já havia demasiadas pessoas que o tinham visto.

– Carregaram-no no *Snapchat* no verão passado – explicou, e passou o telemóvel a Jessie. – Consegui descarregá-lo antes de desaparecer.

Quando Jessie começou a ver o vídeo, Sam desviou o olhar. Não precisava de voltar a vê-lo. Bastava ouvir as vozes, e desenrolava-se tudo com nitidez na sua mente.

«Não estás nada em forma», ressoou a voz de Nils. «Estás mole como uma miúda. Um pouco de natação vai fazer-te bem.»

Nils fora ao barco de Sam, ancorado não muito longe de onde estavam naquele momento.

«Podes voltar a Fjällbacka a nado, assim ganhas um bocado de músculo.»

Vendela ria-se enquanto filmava a cena com a câmara de vídeo. Basse apareceu a correr ao lado de Nils.

Nils atirou o cabo de amarração para dentro do barco, encostou o pé à proa e empurrou-o. O pequeno barco de madeira começou a afastar-se lentamente da ilha; porém, passados alguns metros, foi apanhado pela corrente e a distância aumentou rapidamente.

Nils virou-se para a câmara com um grande sorriso.

«Boa natação.»

E o vídeo acabava ali.

– Caraças. – disse Jessie. – Grande merda!

Olhou para Sam com lágrimas nos olhos.

Sam encolheu os ombros.

– Já passei por pior.

Jessie pestanejou para afastar as lágrimas e Sam suspeitou que a rapariga também já sobrevivera a más experiências. Pousou-lhe a mão no ombro e sentiu-a tremer, mas também se deu conta da ligação que havia entre eles. E do que os unia.

Um dia mostrar-lhe-ia o caderno e partilharia todos os pensamentos com Jessie. Incluindo o grande plano que tinha. Um dia, todos iram ver.

Jessie pôs-lhe os braços em volta do pescoço. Cheirava maravilhosamente a sol, a suor e a marijuana.

*

Começava a fazer-se tarde, mas ainda havia luz, como uma recordação do sol que brilhara durante todo o dia no céu azul-claro. Eva olhou para o pátio onde as sombras começavam a alongar-se. Mãos frias pareciam apertar-lhe o coração enquanto pensava em Nea, que se apressava sempre a entrar em casa antes de escurecer.

Lá fora as pessoas andavam de um lado para o outro. As vozes misturavam-se com os latidos dos cães à medida que se revezavam nas buscas. Os dedos gelados aferraram-se-lhe novamente ao coração.

O polícia mais velho, Gösta, entrou pela porta da frente.

– Vim beber um café, depois volto para lá.

Eva levantou-se para encher a chávena. Já perdera a conta à quantidade de café que preparara nas últimas horas.

– Ainda não há nenhuma novidade? – perguntou, embora soubesse a resposta.

Se Gösta soubesse alguma coisa, dir-lhe-ia imediatamente em vez de ter pedido café. Mas havia algo de reconfortante e de calmante em fazer a pergunta.

– Não, mas somos muitos a procurar. Quase se pode dizer que toda a população de Fjällbacka veio ajudar.

Eva assentiu, tentando controlar a voz antes de falar.

– Sim, as pessoas têm sido fantásticas – disse, deixando-se cair pesadamente na cadeira. – O Peter também está a participar. Não consegui impedi-lo.

– Eu sei – Gösta sentou-se à frente dela. – Vi-o numa das equipas de busca.

– O que... – a voz quebrou. – O que acha que aconteceu?

Não se atrevia a olhar para Gösta. Vários cenários, cada um mais sombrio do que o outro, preenchiam-lhe a mente, porém, quando tentava agarrar-se a um, para o tornar compreensível, a dor tirava-lhe o fôlego e mal conseguia respirar.

– Não adianta especular – respondeu Gösta, esticando gentilmente uma mão que pousou sobre a de Eva. Aos poucos, a preocupação calma do agente aqueceu-a.

– Mas a Nea já está desaparecida há muitas horas.

Gösta apertou-lhe a mão.

– É verão e está calor lá fora. Pelo menos o frio não a afetará. A floresta é enorme, há uma vasta área a pesquisar e precisamos apenas de mais tempo. Vamos encontrá-la e a Nea estará assustada e em estado de choque, mas vai estar bem, *okay*?

– Só que... não foi isso que aconteceu à outra menina.

Gösta retirou a mão e bebeu lentamente um gole de café.

– Isso aconteceu há trinta anos, Eva. Outra vida, outros tempos. O facto de estarem a viver nesta quinta é pura coincidência, tal como é pura coincidência que a sua filha tenha a mesma idade. As crianças de quatro anos perdem-se. São extremamente curiosas e, pelo que percebi, a vossa filha tem muita vivacidade e é muito aventureira. Por isso, se calhar não é assim tão estranho não ter resistido à ideia de fazer uma incursão na floresta. Só que depois não correu como ela pensava, mas nós vamos encontrá-la. Há muita gente à procura dela. – Gösta levantou-se. – Obrigado pelo café. Agora vou voltar para lá. Vamos continuar a procurar a noite toda, mas seria boa ideia tentar dormir um pouco.

Eva abanou a cabeça. Como poderia ela dormir enquanto Nea estava lá fora, na floresta?

– Pois, já calculava – disse Gösta. – Mas pelo menos tentei.

Eva ficou a olhar para a porta quando Gösta a fechou ao sair. Estava de novo sozinha. Sozinha com os seus pensamentos e aqueles dedos gelados que lhe apertavam o coração.

Bohuslän, 1671

ELIN INCLINOU-SE PARA A FRENTE PARA FAZER A CAMA DE BRITTA. ENTÃO ENDIREITOU-SE E LEVOU UMA MÃO ÀS COSTAS. AINDA NÃO ESTAVA HABITUADA À DUREZA DAS CAMAS DOS ALOJAMENTOS DA CRIADAGEM.

POR UM MOMENTO, OLHOU PARA A CAMA CONFORTÁVEL EM QUE BRITTA DORMIA E PERMITIU-SE EXPERIMENTAR ALGO SEMELHANTE À INVEJA, MAS APENAS POR UM MOMENTO. ABANOU A CABEÇA E PEGOU NO JARRO VAZIO QUE ESTAVA NA MESA-DE-CABECEIRA.

ELIN DESCOBRIU COM SURPRESA QUE A IRMÃ NÃO PARTILHAVA NEM A CAMA NEM O QUARTO COM O MARIDO. MAS NÃO LHE CABIA JULGAR, EMBORA SEMPRE TIVESSE ACHADO QUE A MELHOR ALTURA DO DIA ERA AQUELA EM QUE SE ENFIAVA SOB AS COBERTAS COM PER. DESCANSAR NOS BRAÇOS QUENTES E RECONFORTANTES DELE DERA-LHE A SENSÇÃO DE QUE NENHUM MAL DO MUNDO PODERIA ATINGI-LA, NEM A ELA NEM A MÄRTA.

COMO SE ENGANARA.

– ELIN?

SOBRESSALTOU-SE QUANDO OUVIU A VOZ GENTIL DO PATRÃO. ESTAVA TÃO EMBRENHADA NOS SEUS PENSAMENTOS QUE QUASE DEIXOU CAIR O JARRO.

– SIM? – RESPONDEU, FAZENDO UMA PAUSA PARA SE RECOMPOR ANTES DE SE VIRAR.

OS OLHOS AZUIS E MEIGOS DE PREBEN ESTAVAM FIXOS NELA, FAZENDO COM QUE O SANGUE LHE AFLUÍSSE AO ROSTO. ELIN BAIXOU RAPIDAMENTE OS OLHOS.

NÃO SABIA COMO LIDAR COM O MARIDO DA IRMÃ. PREBEN ERA SEMPRE MUITO BOM PARA ELA E PARA MÄRTA, APESAR DE SER O PASTOR E O PATRÃO E ELA NÃO PASSAR DE UMA CRIADA. UMA VIÚVA QUE VIVIA DA CARIDADE NUMA CASA QUE NÃO ERA A SUA.

– LILL-JAN DIZ QUE SABES CURAR A FEBRE DO LEITE. A MINHA MELHOR VACA LEITEIRA ESTÁ DOENTE.

– É A STJÄRNA? – PERGUNTOU ELIN, MANTENDO O OLHAR FIXO NO CHÃO. – ESTA MANHÃ, O RAPAZ DISSE QUALQUER COISA SOBRE ISSO.

– SIM, É A STJÄRNA. ESTÁS OCUPADA OU PODES IR COMIGO VÊ-LA?

– OH, CLARO QUE POSSO.

ELIN POUSOU O JARRO NA MESA-DE-CABECEIRA E SEGUIU PREBEN EM SILÊNCIO ATÉ AO ESTÁBULO. STJÄRNA ESTAVA DEITADA MESMO AO FUNDO E MUGIA. VIA-SE QUE ESTAVA COM DORES E QUE NÃO CONSEGUIA SUPORTAR O PESO DAS PATAS. ELIN ACENOU COM A CABEÇA PARA LILL-JAN, QUE ESTAVA ALI PERTO E COM AR DESANIMADO.

— VAI À COZINHA E TRAZ-ME UM POUCO DE SAL.

AGACHOU-SE PARA ACARICIAR SUAVEMENTE O FOCINHO MACIO DA VACA. OS OLHOS DE STJÄRNA ESTAVAM MUITO ABERTOS DE MEDO.

— PODES AJUDÁ-LA? — PERGUNTOU PREBEN EM VOZ BAIXA, ACARICIANDO POR SEU TURNO A PELAGEM BRANCA E CASTANHA DO ANIMAL.

POR UM MOMENTO, AS MÃOS DE AMBOS TOCARAM-SE E ELIN AFASTOU SUBITAMENTE A SUA, COMO SE TIVESSE SIDO MORDIDA POR UMA COBRA. SENTIU-SE CORAR OUTRA VEZ E REPAROU NUM LIGEIRO RUBOR NO ROSTO DO PASTOR, ANTES DE ELE SE LEVANTAR DE REPENTE AO VER QUE LILL-JAN REGRESSAVA A ARFAR.

— AQUI ESTÁ O SAL — DISSE O RAPAZ COM O SEU LEVE CECEAR, ENTREGANDO O SALEIRO A ELIN.

ELIN ENTORNOU UM POUCO DO CONTEÚDO NA PALMA DA MÃO ESQUERDA. COM O INDICADOR DIREITO MEXEU O SAL NO SENTIDO DOS PONTEIROS DO RELÓGIO E PRONUNCIOU EM VOZ ALTA A LADAINHA QUE LHE ENSINARA A AVÓ MATERNA: — NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, VIAJAI POR TODA A PARTE, CURAI A VARÍOLA E O MÍLDIO, A ÁGUA ENVENENADA, ASSIM COMO TODAS AS MALEITAS ENTRE O CÉU E A TERRA. PALAVRA DE DEUS, AMÉN.

— AMÉN — REPETIU PREBEN, E LILL-JAN LOGO O IMITOU.

STJÄRNA MUGIU.

— QUE ACONTECERÁ AGORA? — PERGUNTOU PREBEN.

— AGORA TEMOS DE ESPERAR. A REZA DO SAL COSTUMA SER EFICAZ, MAS PODE DEMORAR TEMPO E EM PARTE DEPENDE DA GRAVIDADE DA FEBRE. TERÁ DE VIR VÊ-LA AMANHÃ BEM CEDO: PENSO QUE ISTO PODERÁ TER AJUDADO.

— OUVISTE, LILL-JAN? — DISSE PREBEN. — AMANHÃ DE MANHÃ, A PRIMEIRA COISA QUE FAZES QUANDO ACORDARES É VIRES VER COMO ESTÁ A STJÄRNA.

— ÀS SUAS ORDENS, PATRÃO — DISSE LILL-JAN, SAINDO ÀS ARRECUAS DO ESTÁBULO.

PREBEN VIROU-SE PARA ELIN.

— ONDE APRENDESTES ESTAS COISAS?

— COM A MINHA AVÓ — RESPONDEU ELIN SEM ACRESCENTAR MAIS NADA.

AINDA CONSEGUIA SENTIR O TOQUE DA MÃO DE PREBEN.

— QUE MAIS CONSEGUES CURAR? — PERGUNTOU PREBEN, ENCOSTANDO-SE A UMA DAS PAREDES DO ESTÁBULO.

ELIN REMEXEU LIGEIRAMENTE A TERRA COM O PÉ E RESPONDEU DEPOIS DE FAZER UMA PAUSA.

— BEM, A MAIOR PARTE DAS MALEITAS QUE NÃO SEJAM MUITO GRAVES.

— QUER EM PESSOAS, QUER EM ANIMAIS? — PERGUNTOU PREBEN COM CURIOSIDADE.

— SIM — RESPONDEU ELIN.

ESTRANHOU QUE BRITTA NUNCA TIVESSE CONTADO NADA DAQUILO AO MARIDO. NO ENTANTO, LILL-JAN TINHA OUVIDO RUMORES ACERCA DOS CONHECIMENTOS DE ELIN. MAS TALVEZ ISSO NÃO FOSSE ASSIM TÃO ESTRANHO. QUANDO VIVIAM JUNTAS SOB O TETO DO PAI, A IRMÃ SEMPRE DESDENHARA QUER A AVÓ MATERNA DE ELIN, QUER A SUA SABEDORIA.

— FALA-ME MAIS DESTAS COISAS — PEDIU PREBEN ENQUANTO SE DIRIGIA À PORTA.

ELIN SEGUIU-O RELUTANTEMENTE. NÃO ERA APROPRIADO ANDAR A PASSEAR E A CONVERSAR COM O PATRÃO E OS RUMORES ESPALHAVAM-SE MUITO FACILMENTE PELA QUINTA. POR OUTRO LADO, PREBEN É QUE MANDAVA, POR ISSO ELIN NÃO TINHA OUTRA OPÇÃO A NÃO SER SEGUI-LO. LÁ FORA ESTAVA BRITTA, DE MÃOS NAS ANCAS E EXPRESSÃO CARREGADA. ELIN SENTIU UM APERTO NO PEITO. TEMERA AQUELA REAÇÃO. PREBEN NÃO ARRISCAVA NADA, MAS ELA PODIA ACABAR EM DESGRAÇA. E ARRASTAR MÄRTA NA SUA QUEDA.

OS RECEIOS SOBRE COMO SERIA VIVER À MERCÊ DA IRMÃ MAIS NOVA TINHAM-SE CONCRETIZADO EM PLENO. BRITTA ERA UMA DONA DE CASA SEVERA E MÁ, E ELIN E MÄRTA JÁ TINHAM SENTIDO A LÍNGUA AFIADA DA IRMÃ.

— A ELIN AJUDOU-ME A TRATAR DA STJÄRNA — DISSE PREBEN, ENFRENTANDO CALMAMENTE O OLHAR DA MULHER. — E AGORA VAI PARA CASA PÔR A MESA PARA NÓS JANTARMOS. ELA SUGERIU QUE DEVÍAMOS PASSAR MAIS TEMPO JUNTOS, EU E TU, JÁ QUE ULTIMAMENTE TENHO PASSADO MUITO TEMPO AFASTADO A TRATAR DE ASSUNTOS RELIGIOSOS.

— A SÉRIO? — PERGUNTOU BRITTA, DESCONFIADA, EMBORA DE MODO MENOS RÍSPIDO DO QUE ERA HABITUAL. — BEM, PARECE-ME UMA BOA SUGESTÃO.

DEU O BRAÇO A PREBEN COM UM GESTO BRUSCO.

— TENHO SENTIDO TERRIVELMENTE A FALTA DO MEU AMO E SENHOR, E PENSO QUE ELE TEM NEGLIGENCIADO UM POUCO A SUA ESPOSA.

— MINHA QUERIDA MULHER, TENS TODA A RAZÃO — DISSE PREBEN, COMEÇANDO A ENCAMINHAR-SE COM BRITTA EM DIREÇÃO À CASA. — MAS AGORA VAMOS

REMEDIAR ESSA SITUAÇÃO. A ELIN DISSE QUE PODEREMOS SENTAR-NOS À MESA DAQUI A MEIA HORA E ISSO DAR-ME-Á TEMPO PARA ME PREPARAR DE MODO A NÃO PARECER UM MENDIGO AO LADO DA MINHA BELA MULHER.

— OH, O MEU MARIDO NUNCA PARECERÁ UM MENDIGO — DISSE BRITTA, DANDO-LHE UMA PALMADINHA NO OMBRO.

POR AGORA IGNORADA, ELIN SEGUIU-OS COM UM PROFUNDO SUSPIRO DE ALÍVIO. CONHECIA BEM A EXPRESSÃO SOMBRIA QUE VIRA NOS OLHOS DA IRMÃ E SABIA QUE ELA NÃO HESITARIA EM MAGOAR AQUELES QUE CONSIDERAVA TEREM-NA AFRONTADO. DAQUELA VEZ, NO ENTANTO, PREBEN SALVARA-A, A ELA E A MÄRTA, E ELIN FICAR-LHE-IA ETERNAMENTE GRATA, EMBORA, NO FUNDO, PREBEN DEVESSE TER EVITADO DEIXÁ-LA NAQUELA SITUAÇÃO.

APRESSOU O PASSO E PRECIPITOU-SE PARA A COZINHA. EM APENAS MEIA HORA TERIA DE PÔR A MESA E FAZER COM QUE A COZINHEIRA PREPARASSE ALGUMA COISA ESPECIAL. ALISOU O AVENTAL, SENTINDO NOVAMENTE O CALOR DA MÃO DE PREBEN.

*

– QUE ESTÁS A FAZER, PAI?

Bill estava tão concentrado no texto que escrevia que se sobressaltou ao ouvir o som da voz do filho. Quase derrubou a chávena, tendo salpicado a secretária com café.

Virou-se e olhou para Nils, à entrada.

– Estou a trabalhar num novo projeto – explicou Bill, e virou o ecrã do computador para que Nils pudesse ver.

– *Nicer people*⁶ – leu Nils em voz alta.

Por baixo do texto via-se a foto de um veleiro a avançar na água.

– O que é?

– Não te lembras do documentário que vimos? *Nice People*?

Nils assentiu.

– Ah, sim. Aquele sobre os pretos que queriam jogar *bandy*.

Bill fez uma careta.

– Os somalis que queriam jogar *bandy*. Não lhes chames «pretos».

Nils encolheu os ombros.

Bill olhou para o filho, de pé na penumbra do escritório. Tinha as mãos nos bolsos e a franja loura a cair-lhe para os olhos. Chegara tarde nas suas vidas. Não planeado e, para se ser franco, não particularmente desejado. Na altura, Gun tinha quarenta e cinco anos, Bill tinha quase cinquenta, e os dois irmãos mais velhos de Nils já eram adolescentes. Gun insistira em ter a criança, afirmando que, se tinha acontecido, queria dizer alguma coisa. Mas Bill nunca tivera com Nils o mesmo entendimento que conseguira com os dois rapazes mais velhos. Não se via, nem desejava, verdadeiramente recomeçar a mudar fraldas, brincar numa caixa de areia e repetir a matemática da escola primária pela terceira vez.

Bill virou-se de novo para o ecrã.

– Esta é a apresentação multimédia. A minha ideia é fazer alguma coisa para ajudar ativamente os refugiados desta zona a integrarem-se na sociedade sueca.

– Vais ensiná-los a jogar *bandy*? – perguntou Nils ainda com as mãos nos bolsos.

– Não vês o veleiro? – Bill apontou para o ecrã. – Vão aprender a velejar! E depois vamos competir na regata de Dannholmen.

– A regata de Dannholmen não é exatamente a mesma coisa do que o campeonato mundial de *bandy* em que aqueles pretos participaram – disse Nils.

– É outro nível completamente diferente.

– Não digas pretos! – corrigiu Bill.

Nils estava sem dúvida a tentar provocá-lo.

– Eu sei que a regata de Dannholmen é uma coisa de muito menor dimensão, mas aqui na zona tem um grande simbolismo e vai aparecer nas notícias. Sobretudo agora, com o filme que estão a rodar aqui.

Nils resfolegou.

– Se é que são realmente refugiados. Só os que têm dinheiro é que conseguem cá chegar. Li na Internet. E esses tipos que dizem ser miúdos refugiados têm barba e bigode.

– Nils, então!

Bill olhou para o filho, que exibia o rosto vermelho de indignação. Parecia estar a olhar para um estranho. Se não tivesse a certeza do contrário, teria pensado que o filho era... racista. Mas não era possível. Os adolescentes sabiam muito pouco sobre o que acontecia no mundo. Mais uma razão para promover um projeto daquele género. No fundo, quase todos os seres humanos eram bons. Só precisavam de ser instruídos e de um impulso na direção certa. Nils em breve compreenderia como estava enganado.

Nas suas costas, ouviu o filho a retirar-se e a fechar a porta do escritório. Na manhã do dia seguinte haveria uma reunião preliminar e precisava de ter tudo pronto para a imprensa. Ia ser uma coisa em grande. Mesmo em grande.

*

– Está alguém em casa? – gritou Paula quando entrou com Johanna, três malas e dois carrinhos de bebé. Trazia a filha apoiada na anca.

Enquanto pousava a mala mais pesada, Paula sorriu a Johanna. Umas férias em Chipre com um menino de três anos e uma bebé de poucos meses. Talvez não tivesse sido a decisão mais sensata, mas tinham sobrevivido.

– Estou na cozinha!

Quando ouviu a voz da mãe, Paula tranquilizou-se. Se Rita e Bertil estivessem em casa podiam tomar conta das crianças, dando-lhes tempo para desfazerem calmamente as malas ou mesmo para adiar tudo até à manhã seguinte, enfiarem-se na cama e adormecerem a ver um filme.

Entraram na cozinha e Rita recebeu-as com um sorriso. Não era nada estranho a mãe estar a preparar uma refeição na cozinha delas como se estivesse em casa. Rita e Bertil moravam no apartamento do andar de cima, porém, quando as

crianças nasceram, os limites entre as duas casas tinham sido atenuados a ponto de terem chegado a instalar uma escada interior entre os dois apartamentos.

– Fiz as *enchiladas*². Pensei que estariam com fome depois da viagem. Correu tudo bem?

Rita estendeu os braços para Lisa.

– Bem. Quer dizer, não muito bem – respondeu Paula, entregando-lhe a bebé, agradecida. – Se eu voltar a falar em como seria maravilhoso ir para fora com os miúdos durante uma semana dêem-me um tiro.

– Mas a ideia foi tua – murmurou Johanna, tentando acordar Leo, que tinha adormecido.

– Foi terrível – disse Paula, arrancando um pedaço de queijo derretido de uma *enchilada*. – Crianças por todo o lado e adultos travestidos de animais de peluche que andavam para lá ao sol a cantar um maldito cântico de guerra qualquer.

– Não me parece que se pudesse propriamente chamar àquilo um cântico de guerra – riu-se Johanna.

– Não, mas era doutrinação sectária. Se tivesse de ouvir aquela música mais uma vez, estrangulava aquele urso peludo gigante.

– Conta-lhes da fonte de chocolate – sugeriu Johanna.

Paula gemeu.

– Ah, pois, todas as noites ofereciam um *buffet* a pensar nas crianças, por isso havia panquecas, almôndegas, piza e esparguete à descrição. E uma fonte de chocolate. Houve um menino que nos deixou particularmente impressionadas. Toda a gente sabia que se chamava Linus porque a mãe dele limitou-se a andar a semana toda de um lado para o outro a gritar: «Não, isso não, Liiinus! Não faças isso, Liiinus! Não dês pontapés à menina, Liiinus!» Enquanto isso, o pai começava a deitar abaixo uma cerveja logo a seguir ao pequeno-almoço. E no último dia...

Johanna sufocou uma risada enquanto Paula pegava num prato, se servia de uma *enchilada* e o pousava na mesa da cozinha.

– No último dia – prosseguiu –, Linus bateu naquela enorme fonte de chocolate e derrubou-a. Havia chocolate por toda a parte! E o miúdo atirou-se lá para dentro e começou a besuntar tudo de chocolate, enquanto a mãe andava à volta dele, completamente histérica.

Deu uma grande dentada na *enchilada* e suspirou. Era a primeira coisa saborosa que comera durante toda a semana.

– O avô Bertil? – perguntou Leo, começando a acordar nos braços de Johanna.

– Sim, onde está o Bertil? – perguntou Paula. – Adormeceu outra vez à frente da televisão?

– Não – disse Rita. – Está a trabalhar.

– A estas horas?

Era raro Bertil fazer o turno da noite.

– Sim, teve de ir. Mas tu ainda estás em licença de maternidade – disse Rita, olhando com preocupação para Johanna.

Sabia que não fora fácil convencer a filha a pedir a licença, e Johanna ainda receava que Paula pudesse recomeçar a trabalhar demasiado cedo. A ideia era passarem o verão em família.

– Porque é que o Bertil foi chamado? – perguntou Paula, pousando os talheres.

– Andam a procurar uma pessoa desaparecida.

– Quem?

– Uma menina – respondeu Rita, desviando o olhar. – De quatro anos.

Conhecia demasiado bem a filha.

– Há quanto tempo está desaparecida?

– Desde ontem à noite, mas os pais só descobriram ao final da tarde de hoje, por isso as buscas só começaram há umas horas.

Paula olhou para Johanna, implorante. A companheira baixou os olhos para Leo e assentiu.

– Vai. Precisam de toda a ajuda possível.

Paula levantou-se e beijou Johanna na face.

– Amo-te. Vou já para lá. Dirigiu-se ao vestíbulo e enfiou um casaco de verão.

– Onde é? – perguntou à mãe.

– Numa quinta. O Bertil disse que era a quinta dos Berg.

– A quinta dos Berg?

Paula estacou. Conhecia bem a quinta e também a sua história. E era demasiado cética para acreditar em coincidências.

*

Karim bateu à porta com força. Sabia que Adnan estava lá dentro e não tencionava sair dali enquanto o amigo não abrisse a porta. Os anos que passaram num mundo onde uma batida na porta podia significar a morte, a deles ou a de um membro da família, fizera com que muitos refugiados tivessem relutância em abrir portas. Karim bateu de novo com o punho. A porta acabou por abrir-se.

Ao ver os olhos arregalados de Adnan, Karim quase se arrependeu de ter batido com tanta força.

– Acabei de falar com o Rolf, que me disse que em Fjällbacka anda toda a gente à procura de uma menina desaparecida. Também temos de dar uma ajuda.

– Uma menina? Uma criança?

– Sim, o Rolf disse que tem quatro anos. Pensam que se perdeu na floresta.

– Claro que os ajudamos – Adnan pegou no blusão, virou-se e chamou lá para dentro: – Khalil! Anda cá!

Karim recuou alguns passos.

– Ajuda-me a avisar os outros. Diz-lhes para nos encontrarmos junto do quiosque. Rolf prometeu levar-nos lá de carro.

– Claro. É melhor apressarmo-nos. Uma menina não pode passar a noite sozinha na floresta.

Karim continuou a bater às portas e ouviu Khalil e Adnan a fazerem o mesmo. Passado pouco tempo tinham reunido cerca de quinze pessoas que queriam dar o seu contributo. Rolf teria de fazer duas ou três viagens para os levar a todos, mas decerto que isso não era um problema. Era muito atencioso. Queria ajudar.

Karim teve um momento de hesitação. Rolf era boa pessoa, mas como reagiriam os outros suecos quando os vissem chegar? Um grupo de baratas do centro de acolhimento. Sabia que era o que lhes chamavam. Baratas. Ou árabes de merda. Mas encontrar uma menina desaparecida era uma responsabilidade de todos. Sueca ou síria, era a mesma coisa. Algures, havia uma mãe a chorar desesperadamente.

Quando Rolf chegou com o carro, Karim, Adnan e Khalil estavam à espera dele com Rashid e Farid. Karim olhou de relance para Rashid, cujos filhos ainda estavam na Síria. Rashid retribuiu-lhe o olhar. Não sabia se ainda estavam vivos, mas naquela noite ia ajudar a procurar uma menina sueca de quatro anos.

*

Com as crianças na cama, reinava um silêncio abençoado lá em casa. Às vezes, Erica sentia-se culpada por apreciar tanto a paz da noite. Quando Maja era pequena entrara no fórum *Vida Familiar* para encontrar pessoas que pensassem da mesma maneira que ela e para desabafar um pouco. De certeza que não podia ser a única a sentir um conflito entre ser mãe e a necessidade de ter tempo para si de vez em quando. Mas depois de toda a lama que lhe tinha sido atirada para cima quando escrevera honestamente sobre os seus sentimentos, deixara de

visitar o fórum. Tinha sido apanhada completamente desprevenida pelas injúrias e os insultos que outras mães lhe tinham lançado. Isto apenas por Erica não adorar cada minuto de amamentação, as noites em branco, mudar fraldas e ouvir o bebé a chorar. Disseram-lhe que não devia ter tido filhos e que era uma cabra egoísta e interesseira por sentir necessidade de ter tempo para si. Ainda ficava revoltada ao pensar naquelas mulheres que a julgavam porque não agia como elas e não sentia o mesmo que elas. Porque que é que cada um não podia fazer o que considerasse ser melhor para si? – interrogou-se, deitada no sofá com um copo de vinho tinto, a tentar descontrair à frente da televisão.

Os seus pensamentos rapidamente se concentraram noutra mãe. Eva, a mãe de Nea. Erica mal podia imaginar a angústia que devia estar a sentir naquele momento. Tinha enviado uma mensagem a Patrik a perguntar se realmente não podia fazer nada para ajudar. Podia pedir a Kristina para tomar conta das crianças. Mas o marido respondera que já havia voluntários suficientes a procurar a menina e que era preferível ficar em casa com os filhos.

Erica não conhecia os Berg e nunca fora à quinta deles. Como queria descrever o local da forma mais precisa possível, pensara várias vezes ir lá para dar uma vista de olhos e tirar algumas fotografias, mas nunca calhara. Havia fotografias antigas disponíveis, por isso sabia exatamente como era a quinta quando a família Strand lá morara. Mas era sempre uma experiência diferente ir lá pessoalmente, absorver a atmosfera e sentir como teria sido a vida quotidiana na quinta.

Pesquisara sobre os Berg e ficara a saber que se tinham mudado de Uddevalla para a quinta para encontrarem paz e tranquilidade no campo, assim como um bom lugar para criar a filha. Erica tinha esperança de que os sonhos daquela família se tornassem realidade. Esperava receber a qualquer momento uma mensagem de Patrik a dizer-lhe que tinham encontrado Nea na floresta, assustada e confusa, mas viva. No entanto, tinha um mau pressentimento de que não era assim que aquela história ia terminar.

Fez girar o vinho tinto no copo. Apesar do calor opressivo da noite, concedera-se um robusto *Amarone*. No verão, quase todos bebiam rosé frio ou vinho branco com cubos de gelo. Mas Erica não gostava nem de vinho branco nem de rosé, apenas de espumante ou de vinhos tintos robustos, fosse qual fosse a estação do ano. Não conseguia perceber a diferença entre um champanhe caro ou uma *cava*^B barata, por isso era uma mulher de fácil manutenção, como Patrik gostava de dizer por brincadeira.

De repente sentiu-se culpada por estar para ali confortavelmente sentada a pensar em vinhos enquanto uma miúda de quatro anos andava perdida na floresta, na melhor das hipóteses. Mas era assim que o seu cérebro funcionava. Era demasiado difícil pensar em todo o mal que podia acontecer a uma criança e então a mente desviava-se inconscientemente para coisas banais e sem importância. Era um luxo a que a mãe de Nea não podia permitir-se naquele momento. Eva e o marido viram-se envolvidos num pesadelo.

Endireitou-se no sofá e pousou o copo de vinho na mesinha da sala de estar. Pegou num bloco-notas ali pousado. Ter sempre papel e caneta à mão era um hábito que adquirira ao longo dos anos. Gostava de anotar pensamentos e ideias à medida que lhe ocorriam, e fazia listas de coisas de que era preciso tratar para conseguir avançar com o livro. E, naquele momento, era nisso que pensava. O instinto dizia-lhe que o desaparecimento de Nea estava relacionado com a morte de Stella. Nas últimas semanas permitira-se mandriar, deixando que a lassidão do verão e o sol se sobrepusessem, e não progredira no livro como esperara. Agora era imperioso voltar ao trabalho. Assim, se acontecesse o pior, talvez pudesse ajudar, recorrendo aos conhecimentos que adquirira do caso anterior. Talvez conseguisse encontrar a ligação que acreditava existir.

Olhou de relance para o telemóvel. Ainda não havia notícias de Patrik, pelo que Erica começou febrilmente a tomar notas.

⁶ Em inglês no original. «Pessoas mais simpáticas.» (*N. do T.*)

⁷ Panqueca de farinha de milho de origem mexicana, muito condimentada, recheada de carne de vaca, feijão ou frango. (*N. do T.*)

⁸ Tipo de espumante produzido na Catalunha. (*N. do T.*)

O Caso Stella

Compreendeu tudo mesmo antes de terem chegado junto dela. Os passos pesados. O olhar fixo no chão. Não precisavam de dizer nada.

– Anders! – gritou com voz estridente.

O marido saiu de casa a correr, mas parou quando viu os polícias.

Caiu de joelhos no cascalho do pátio. Linda precipitou-se a ir abraçá-lo. Anders sempre fora tão grande, tão forte, mas agora era Linda a ter de apoiar os dois.

– Pai? Mãe?

Sanna encontrava-se na soleira da porta. A luz da cozinha iluminava-lhe o cabelo louro como um halo.

– Encontraram a Stella, mãe?

Linda não conseguiu olhar a filha nos olhos. Virou-se para um dos agentes, que assentiu.

– Encontrámos a vossa filha. Receio que esteja... morta. Lamentamos muito.

O agente olhou para as pontas dos sapatos e engoliu em seco para sufocar as lágrimas. Estava mortalmente pálido e Linda interrogou-se se teria visto Stella. Se teria visto o corpo.

– Morta? Não é possível, pois não? Mãe? Pai?

Ouviu a voz de Sanna nas suas costas. Aquela saraivada de perguntas. Mas Linda não tinha respostas para dar à filha. Nenhum conforto para lhe oferecer. Sabia que devia ter largado o marido e abraçado Sanna. Mas só Anders compreendia a dor que sentia em todas as fibras do corpo.

– Queremos vê-la – acabou por dizer, obrigando-se por fim a erguer a cabeça do ombro do marido. – Temos de ver a nossa filha.

O polícia mais alto aclarou a voz.

– E vão vê-la, mas primeiro temos de fazer o nosso trabalho. Temos de descobrir o responsável.

– Têm de fazer o quê? Mas foi um acidente, não foi?

Anders soltou-se dos braços de Linda e levantou-se.

O polícia alto respondeu calmamente.

– Receio que não tenha sido um acidente. A vossa filha foi assassinada.

O chão aproximou-se tão repentinamente que Linda nem teve tempo de se admirar antes de tudo ficar escuro.

*

MAIS VINTE E BASTAVA.

Quando fez a flexão seguinte, James Jensen quase respirava normalmente.

A mesma rotina todos os dias, de verão e de inverno. Na véspera de Natal e no solstício de verão. Aquelas coisas tinham significado. As rotinas tinham significado. A persistência. A ordem.

Faltavam dez.

O pai de Helen soube o que significavam aquelas palavras. James ainda sentia a falta de KG, embora a nostalgia fosse uma fraqueza a que não se permitia. Desde que KG sofrera o ataque cardíaco, quase dez anos antes, ninguém conseguira substituí-lo.

A última.

James levantou-se depois das suas cem flexões. Longos anos no Exército ensinaram-lhe a importância de estar completamente em forma.

Olhou de relance para o relógio. Oito e um minuto. Estava atrasado. Em casa tomava sempre o pequeno-almoço às oito em ponto.

– Está pronto – gritou Helen, como se lhe tivesse lido o pensamento.

James franziu a testa. Se Helen o tinha chamado era porque tinha reparado no atraso.

Limpou o suor com uma toalha e entrou na sala de estar vindo do alpendre. A cozinha ficava mesmo ao lado e James sentiu o cheiro a bacon a fritar. Comia sempre a mesma coisa ao pequeno-almoço. Ovos mexidos com bacon.

– Onde está o Sam? – perguntou quando se sentou e começou a comer os ovos.

– Ainda está a dormir – respondeu Helen, servindo-lhe as fatias estaladiças de bacon. Estavam no ponto.

– Já são oito da manhã e ainda está a dormir?

A irritação atravessou-lhe o corpo como acontecia sempre que pensava em Sam. A dormir depois das oito horas da manhã. No verão, James levantava-se sempre às seis horas e depois trabalhava até à noite.

– Vai acordá-lo – ordenou. Bebeu um golo de café, mas cuspiu-o de volta para a chávena. – Mas que raio, não tem leite?

– Oh, desculpa – disse Helen, tirando-lhe a chávena das mãos.

Deitou o café no lava-louças, encheu novamente a chávena e adicionou um pouco de leite gordo.

Agora sim, tinha o sabor certo.

Helen saiu apressadamente da cozinha. James ouviu os passos rápidos da mulher escada acima, seguidos por vozes a murmurar.

A irritação voltou, a mesma que sentia quando estava com uma unidade e um ou alguns soldados tentavam protelar ou evitar certas situações por medo. Não tinha qualquer compreensão por tais comportamentos. Se um homem decidia entrar para o Exército, sobretudo num país como a Suécia, onde apenas os voluntários eram enviados para zonas de guerra no estrangeiro, o trabalho atribuído devia ser realizado. O medo tinha de ficar em casa.

– Qual é o problema? – murmurou Sam quando entrou na cozinha a arrastar os pés e com o cabelo preto em pé. – Porque é que eu deveria levantar-me a esta hora?

James cerrou os punhos debaixo da mesa.

– Nesta casa não se dorme o dia todo – declarou.

– Mas se eu não consegui encontrar um trabalho de verão, porque raio é que preciso de levantar-me tão cedo?

– Não te ponhas a praguejar!

Helen e Sam sobressaltaram-se. Por um momento, a raiva fez com que James visse tudo negro, mas forçou-se a respirar fundo várias vezes. Tinha de manter o controlo. Sobre si próprio e também sobre a família.

– Às nove em ponto encontramos-nos nas traseiras para o exercício de tiro ao alvo.

– *Okay* – disse Sam com o olhar fixo na mesa.

Por detrás dele, Helen continuava encolhida.

*

Tinham caminhado toda a noite. Harald estava tão exausto que já trocava os olhos, mas voltar para casa parecia impensável. Isso significaria desistir. Quando a fadiga se tornara insuportável, tinha ido até à quinta para se aquecer e beber um café. Eva Berg estava sempre lá, na cozinha, silenciosa e com o rosto de uma palidez acinzentada por causa da preocupação. Era o suficiente para o fazer voltar a sair e continuar as buscas.

Perguntava a si próprio se os outros sabiam quem ele era. Qual tinha sido o seu papel há trinta anos. Fora Harald que encontrara a outra menina. Os que moravam em Fjällbacka naquela época claro que sabiam disso, mas estava convencido de que não era o caso de Eva e Peter. Pelo menos, esperava que não fosse.

No momento da atribuição das áreas de busca, Harald tinha escolhido propositadamente a que englobava o lago onde encontrara Stella. E fora aí que procurara em primeiro lugar. O pequeno lago secara há muito e no seu lugar havia arbustos. O tronco velho, no entanto, ainda lá estava. A enorme árvore tinha sido claramente fustigada pela chuva e pelo vento e estava mais quebradiça e seca do que há trinta anos. Mas Harald não encontrou nenhuma menina debaixo dela. Deu por si a respirar fundo de alívio.

Durante a noite, os grupos foram reorganizados várias vezes. Alguns voluntários foram para casa dormir algumas horas, mas depois regressaram e juntaram-se a outros grupos. E quando a noite de verão deu lugar à manhã chegaram novos voluntários. No grupo dos que não tinham ido para casa descansar incluíam-se os homens e rapazes do centro de acolhimento. Enquanto procuravam, Harald conversara com os refugiados. Falavam num sueco pouco fluente e Harald tentava explicar-se no seu inglês enferrujado, porém, lá tinham conseguido comunicar.

No pequeno grupo de que Harald fazia parte naquele momento estava o homem que se apresentara como Karim, assim como Johannes Klingsby, um construtor civil da zona, a quem Harald recorria quando precisava de fazer obras na padaria. Resolutos, avançavam lentamente pela floresta, enquanto rompiam os primeiros raios de sol e o dia nascia. Os agentes que dirigiam as buscas tinham repetido várias vezes, ao longo da noite, que ninguém devia precipitar-se e que deviam avançar de forma metódica.

– Vasculhámos esta área a noite toda – disse Johannes. – Não pode ter chegado tão longe...

Abriu os braços.

– Da última vez procurámos durante vinte e quatro horas – disse Harald.

Reviu o cadáver de Stella à frente dos olhos.

– O quê? – perguntou Karim em inglês, abanando a cabeça. Era-lhe difícil entender o sotaque de Bohuslän de Harald.

– Harald encontrou aqui uma menina morta há trinta anos – explicou Johannes em inglês.

– Menina morta – disse Karim, detendo-se. – Aqui?

– Sim, de quatro anos, tal como esta.

Johannes ergueu quatro dedos no ar.

Karim olhou para Harald, que assentiu lentamente.

– Sim. Aqui mesmo. Mas naquele tempo havia água.

Teve vergonha do seu mau inglês, mas Karim assentiu.

– Ali – disse Harald, apontando para o tronco. – Não era um lago grande, era mais uma... a palavra sueca é «*tjärn*».

– Um pequeno lago, mais parecido com uma lagoa – interveio Johannes.

– Sim, exatamente – afirmou Harald. – Havia uma lagoa junto da árvore, e a menina estava lá, morta.

Karim dirigiu-se lentamente à árvore. Ajoelhou-se e apoiou a mão no tronco. Quando se virou para olhar para os outros estava tão pálido que Harald deu um passo atrás.

– Há alguma coisa debaixo da árvore. Vejo uma mão. Uma mão muito pequena.

Harald cambaleou ligeiramente para trás. Johannes inclinou-se sobre um arbusto e logo depois ouviram-se soluços. Harald olhou Karim nos olhos e viu o próprio desespero refletido neles. Tinham de chamar a polícia.

*

Marie tinha o guião no colo e tentava ler as falas da cena seguinte, mas não conseguia concentrar-se. A cena seria filmada dentro do grande armazém industrial de Tanumshede. Haviām sido construídos vários cenários, quase como mundos em miniatura prontos para que os atores neles pudessem entrar. A maior parte das filmagens que restavam seria feita no local, na ilha de Dannholmen. Bergman passou lá bastante tempo quando estava casada com o encenador Lars Schmidt, e continuou a frequentar a ilha muito depois de se ter divorciado do marido.

Marie esticou os braços e abanou a cabeça. Queria livrar-se de todos os pensamentos que a perseguiram desde que se começara a falar da criança desaparecida. Todas aquelas recordações de Stella a rir e a saltar à frente dela e de Helen.

Suspirou. Agora estava ali, prestes a desempenhar o papel dos seus sonhos. Era o objetivo de tantos anos de trabalho, a recompensa, agora que a fonte de Hollywood tinha secado. Merecia-o, porque era boa atriz. Não fazia grande esforço para representar um papel, para fingir ser outra pessoa. Tinha aprendido a fazê-lo logo em criança. Mentir ou representar, havia pouca diferença, e Marie aprendera rapidamente a dominar ambas as artes.

Se ao menos conseguisse parar de pensar em Stella.

– Como está o meu cabelo? – perguntou a Yvonne.

A maquilhadora aproximou-se nervosamente e parou tão de repente que quase tropeçou. Examinou cuidadosamente Marie da cabeça aos pés, sacou um pequeno pente que enfiara no coque, junto à nuca, e compôs algumas madeixas. Depois entregou-lhe um espelho e esperou atrás dela enquanto Marie inspecionava o resultado.

– Parece-me bem – disse Marie, e a expressão ansiosa no rosto de Yvonne desapareceu.

Marie virou-se para a zona destinada ao guarda-roupa, onde Jörgen discutia com Sixten, o técnico de iluminação.

– Estão prontos ou não?

– Dá-nos mais um quarto de hora! – gritou Jörgen.

A frustração na voz era óbvia. Marie sabia porquê. Tempo era dinheiro.

Interrogou-se novamente sobre o estado do financiamento do filme. Não era a primeira vez que se via envolvida em filmagens que começavam sem a certeza de os fundos estarem disponíveis, e todos esses projetos tinham sido suspensos. Nada era certo até chegarem ao ponto em que as despesas eram tão elevadas que já não fazia sentido parar. Mas ainda não tinham chegado a esse ponto.

– Desculpe, posso fazer-lhe algumas perguntas enquanto espera?

Marie ergueu os olhos do guião. Um homem na casa dos trinta olhava-a com um sorriso rasgado. Era claramente um jornalista. Em circunstâncias normais nunca se teria deixado entrevistar sem marcação, mas aquele homem usava uma *T-shirt* muito justa que revelava músculos bem tonificados. E isso fez com que hesitasse em mandá-lo embora assim sem mais nem menos.

– Vá, pergunte lá. Estou para aqui sentada sem fazer nada.

Ainda bem que Ingrid sempre tivera estilo, pelo que a camisa que vestia para a cena que iam filmar ficava-lhe a matar.

O homem com o físico perfeito apresentou-se como Axel, jornalista do diário *Bohusläningen*. Começou por algumas perguntas banais sobre o filme e a carreira de Marie e depois aproximou-se do que era claramente o propósito da entrevista. Marie recostou-se na cadeira e cruzou as longas pernas. O passado fora uma benesse para a carreira.

– Como se sente por ter regressado? Oh, estive quase para dizer «ao local do crime», mas seria um lapso freudiano, porque tanto a senhora como a Helen sempre se declararam inocentes.

– E estávamos *realmente* inocentes – disse Marie, enquanto constatava com agrado que o jovem jornalista não conseguia tirar os olhos do decote.

– Mesmo tendo sido condenadas? – perguntou Axel, desviando a custo o olhar do peito de Marie.

– Éramos crianças, completamente incapazes de cometer o crime de que nos acusaram e pelo qual fomos condenadas. A caça às bruxas continua, mesmo no nosso tempo.

– Como foi a sua vida nos anos que se seguiram?

Marie abanou a cabeça. Nunca conseguiria descrever-lhe aquele período. De certeza que aquele homem tinha crescido com pais impecáveis que o ajudavam em tudo e agora vivia com uma companheira e os filhos. Lançou-lhe uma olhadela à mão esquerda. Mulher, e não companheira, corrigiu-se Marie.

– Foram anos... instrutivos – respondeu. – Um dia conto-os ao pormenor nas minhas memórias. É difícil descrevê-los em poucas palavras.

– A propósito de memórias, ouvi dizer que a escritora local, Erica Falk, planeia escrever um livro sobre o homicídio e sobre si e Helen. Está a colaborar com ela? E a senhora e a Helen aprovaram o livro?

Marie hesitou antes de responder. Erica contactara-a, mas ela estava em negociações com uma das principais editoras de Estocolmo para a sua própria versão da história.

– Ainda não decidi se colaboro ou não – respondeu, e deixou claro que não tencionava responder a mais perguntas sobre aquele assunto.

Axel percebeu a mensagem e mudou de tópico.

– Suponho que tenha ouvido falar da menina que está desaparecida desde ontem? Da mesma quinta onde a pequena Stella vivia quando desapareceu.

– Uma estranha coincidência, mas nada mais do que isso. Deve ter-se perdido algures.

– Esperemos – disse Axel.

Ele olhou para o bloco de notas, mas naquele momento Jörgen acenou com a cabeça na direção de Marie. A atriz gostava de falar com os média, mas agora queria dirigir-se ao cenário que recriava uma sala de estar de Dannholmen e ter uma atuação brilhante. Tinha de convencer os financiadores de que aquele filme ia ser um sucesso.

Apertou a mão a Axel, segurando-a durante um pouco mais de tempo do que seria necessário enquanto lhe agradecia a entrevista. Começou a dirigir-se a Jörgen e aos outros membros da equipa, mas depois parou e virou-se. O gravador ainda estava ligado e Marie inclinou-se para a frente. Com voz rouca, enunciou alguns números para o microfone. Depois olhou de relance para Axel.

– É o número do meu telemóvel.

Depois afastou-se e entrou nos anos 70, no cenário da ilha varrida pelo vento que para Ingrid Bergman fora o paraíso na terra.

*

Quando Patrik atendeu a chamada de um número desconhecido já sabia que acontecera o que temiam. Ouviu a voz no outro lado da linha e, ao mesmo tempo, acenou com a cabeça na direção de Gösta e de Mellberg, que estavam um pouco afastados e conversavam com a equipa cinotécnica.

– Sim, sei onde é – disse. – Não mexam em nada, absolutamente nada. E esperem aí até chegarmos.

Quando terminou a chamada, Mellberg e Gösta já estavam junto dele. Não havia necessidade de dizer nada. Bastou verem a expressão de Patrik para compreenderem o que se passava.

– Onde está? – perguntou Gösta.

Fitava a casa onde a mãe de Nea preparava mais café na cozinha.

– No mesmo sítio onde a outra menina foi encontrada.

– Caramba! – disse Mellberg.

– Mas já tínhamos procurado nessa área. Sei que andaram por lá vários grupos – afirmou Gösta, franzindo a testa. – Como é possível não a terem visto?

– Não sei – respondeu Patrik. – Falei com o Harald, o dono da padaria *Zetterlinds*. Foi o grupo dele que a encontrou.

– Também foi o Harald que encontrou a Stella – disse Gösta em voz baixa.

Mellberg olhou para o colega, perplexo.

– Não é uma grande coincidência? Quais as probabilidades de a mesma pessoa, passados trinta anos, encontrar uma segunda menina assassinada?

Gösta rejeitou a pergunta com um gesto da mão.

– Da outra vez investigámos o Harald, mas tinha um álibi a toda a prova. Não teve nada que ver com o homicídio – olhou para Patrik. – Porque estamos a falar de um homicídio, não é? Não foi um acidente. Tendo em conta que a menina foi encontrada no mesmo sítio, parece mais provável que se trate de homicídio.

Patrik assentiu.

– Temos de esperar para ver o que os técnicos dizem, mas o Harald disse que estava nua.

– Caramba! – exclamou novamente Mellberg, empalidecendo.

Patrik respirou fundo. O sol da manhã começara a elevar-se no céu e a temperatura já era tão alta que a camisa se lhe colava ao corpo por causa do suor.

– Sugiro que nos separemos. Eu vou ter com o Harald ao sítio onde encontraram a menina. O grupo dele está à nossa espera. Levo a fita e delimitamos a área. Bertil, entre em contacto com o Torbjörn, em Uddevalla, e peça-lhe que venha para cá o mais depressa possível com uma equipa de técnicos forenses. Quando as outras equipas regressarem, pode informar os voluntários de que as buscas terminaram. Não precisamos que continuem a procurar na floresta. E diga à equipa cinotécnica e aos pilotos dos helicópteros que podem parar de procurar. E tu, Gösta, podias...

Patrik ficou em silêncio e olhou atormentado para o colega.

Gösta assentiu.

– Eu trato disso – afirmou.

Patrik não o invejava, mas era a solução mais lógica. Desde que tinham chegado à quinta que Gösta era quem tinha tido mais contacto com os pais de Nea, e Patrik sabia que era capaz de lidar com a situação.

– Telefona também ao Pastor – acrescentou Patrik, e então olhou para Mellberg. – Bertil, quando o grupo do pai da Nea regressar, assegure-se de que o chama de parte, de modo a que não saiba de nada antes de o Gösta ter oportunidade de falar com ele.

– Não vai ser fácil – disse Mellberg com uma careta.

Tinha o lábio superior coberto de grandes gotas de suor.

– Eu sei, a notícia vai espalhar-se à velocidade do vento, mas tente à mesma.

Mellberg assentiu, Patrik deixou os colegas e começou a caminhar em direcção à floresta. Ainda não conseguia compreender. A área onde Stella fora encontrada há trinta anos foi a primeira a ser revistada. No entanto, sabe-se lá porquê, não a tinham visto.

Depois de uma caminhada de dez minutos pela floresta, Patrik viu os três voluntários que se encontravam à espera dele. Além de Harald, o grupo era formado por dois homens mais jovens, um dos quais parecia estrangeiro. Patrik estendeu a mão e saudou-os. Nenhum deles queria olhá-lo nos olhos.

– Onde está? – perguntou.

– Debaixo daquele grande tronco lá em baixo – respondeu Harald, apontando com o dedo. – Foi por isso que não a vimos logo. Debaixo do tronco formou-se uma cavidade e alguém pôs o corpo da menina lá dentro. Só se consegue ver se nos aproximarmos e movermos o tronco.

Patrik assentiu. Isso esclarecia as coisas. Amaldiçoou-se por não ter dado instruções para vasculharem mais profundamente a área.

– Sabe que ela regressou, não é? Pela primeira vez desde que a mandaram embora.

Patrik não precisava de perguntar a quem é que Harald se referia. Toda a gente em Fjällbacka sabia da chegada de Marie Wall, sobretudo tendo em conta que a sua chegada coincidira com circunstâncias tão dramáticas.

– Sim, nós sabemos – respondeu sem entrar em explicações sobre o que a chegada de Marie podia significar.

Patrik também já pensara no assunto. Era uma coincidência no mínimo bizarra que, na mesma altura em que Marie tinha regressado, outra menina a morar na mesma quinta aparecesse morta, sendo encontrada exatamente no mesmo lugar.

– Vou delimitar a área e não tarda os nossos técnicos forenses estarão aqui para investigar o local do crime.

Pousou o saco que tinha trazido e extraiu dois grandes rolos de fita azul e branca.

– Então e nós, voltamos para a quinta? – perguntou o homem mais novo, que tinha dito chamar-se Johannes.

– Não, preciso que fiquem todos aqui e que se desloquem o mínimo possível. Os técnicos vão querer examinar as vossas roupas e os vossos sapatos, uma vez que caminharam pelo local do crime.

O homem que tinha ar de estrangeiro parecia desorientado. Harald dirigiu-se-lhe num inglês hesitante:

– Vamos ficar aqui. *Okay*, Karim?

– *Okay*. – O homem assentiu e Patrik percebeu que era um dos voluntários do centro de acolhimento que Rolf tinha levado.

Permaneceram em silêncio por um momento. Todos conscientes de que o contraste entre o motivo que os levava ali e a natureza idílica que os rodeava era surreal. O alegre chilrear dos pássaros continuava como se nada tivesse acontecido, ignorando que a poucos metros de distância jazia o cadáver de uma menina de quatro anos. O restolhar das copas das árvores, agitadas suavemente pelo vento, acompanhava o canto dos pássaros. A cena era de uma beleza arrebatadora àquela hora, com o sol a filtrar-se por entre as árvores e a iluminar a clareira onde estavam. O olhar de Patrik pousou num aglomerado de cogumelos. Normalmente, o seu coração teria dado pulos de alegria, mas naquele momento estava longe de se imaginar a colher cogumelos.

Começou a desenrolar a fita. A única coisa que podia fazer pela criança era fazer o seu trabalho o melhor que sabia. Por isso trabalhou em silêncio e tentou evitar olhar para o tronco da árvore.

*

Eva estava junto ao lava-louça a passar o recipiente de café por água. Já perdera a conta à quantidade de café que preparara durante a noite. Alguém aclarou a voz por detrás dela, o que fez com que se virasse. Viu o olhar de Gösta, a postura tensa, e o recipiente caiu-lhe das mãos. Pouco depois do ruído dos estilhaços ouviu-se o grito, tão perto mas ao mesmo tempo tão longe. Um grito que expressava uma dor e uma perda inconcebíveis.

Um grito saído da sua própria boca.

Caiu nos braços de Gösta e o abraço do agente foi a única coisa que a impediu de desfalecer. Gösta aflagava-lhe o cabelo enquanto Eva arfava em busca de ar. Queria que Nea estivesse ali, que andasse a correr junto dela a dar gargalhadas. Queria que Nea nunca tivesse nascido, queria nunca ter tido uma menina que depois lhe seria levada.

Agora estava tudo perdido. Tudo morreria com Nea.

– Telefonei ao Pastor – disse Gösta, conduzindo-a a uma cadeira da cozinha.

Deve ter-se apercebido de que estou destroçada, pensou Eva, para estar a tratar-me com tanta delicadeza.

– Porque fez isso? – perguntou, genuinamente confusa.

Que poderia um pastor fazer por ela? Nunca tivera grande fé. E os filhos deviam estar com os pais, não com um deus qualquer no céu. Que poderia um pastor dizer que lhes desse algum consolo que fosse, a ela e ao marido?

– E o Peter? – perguntou.

A voz soou seca e frágil. Até a voz morreria com Nea.

– Estão à procura dele. Em breve estará aqui.

– Não – disse Eva, abanando a cabeça. – Não façam isso. Não lhe digam nada.

Deixem-no ficar na floresta, pensou. Deixem-no continuar a ter esperança. Agora só Peter estava vivo. Ela morreria com Nea.

– O Peter tem de saber, Eva – disse Gösta, rodeando-lhe os ombros com o braço. – Não o podemos evitar.

Eva assentiu junto ao peito de Gösta. Claro, Peter não podia continuar a caminhar por lá como uma criatura da floresta. Tinham de lhe dizer, mesmo que isso significasse matá-lo a ele também.

Libertou-se do abraço de Gösta e inclinou-se para a frente para apoiar a cabeça na mesa. Estava acordada há vinte e quatro horas, desperta pela esperança e pelo medo. Agora só queria dormir e fugir de tudo. Fingir que aquilo não passava de um sonho. O corpo descontraiu-se, o tampo de madeira pareceu-lhe macio como

uma almofada, e Eva deixou-se ir, cada vez mais à deriva. Uma mão quente acariciava-lhe gentilmente as costas enquanto o calor se espalhava pelo corpo.

Então, alguém entrou pela porta da frente. Eva não queria abrir os olhos. Não queria ver Peter ali de pé. Mas quando Gösta lhe apertou um ombro, não teve escolha. Levantou os olhos e encontrou o olhar de Peter, destroçado como o seu.

Bohuslän, 1671

DE MANHÃ, QUANDO LILL-JAN FOI VER STJÄRNA, O ANIMAL TINHA RECUPERADO. PREBEN NÃO O DISSE A ELIN, MAS OLHARA-A COM UM NOVO INTERESSE. ENQUANTO PREPARAVA O PEQUENO-ALMOÇO, ELIN SENTIU OS OLHOS DO PASTOR POSTOS NELA. DEPOIS, FOI AJUDAR BRITTA A VESTIR-SE E ENCONTRARA-A EXCECIONALMENTE BEM-DISPOSTA. MAS AOS DOMINGOS A IRMÃ ESTAVA SEMPRE MAIS FELIZ. ADORAVA FICAR NA FILA DA FRENTE, NA IGREJA, DURANTE AS CERIMÔNIAS RELIGIOSAS, BEM VESTIDA E COM PENTEADOS ELEGANTES. ADORAVA VER OS BANCOS DA CONGREGAÇÃO DE PREBEN REPLETOS DE FIÉIS.

O TRAJETO DO PRESBITÉRIO À IGREJA NÃO ERA LONGO E A CRIADAGEM DIRIGIA-SE PARA LÁ EM GRUPO. PREBEN E BRITTA SEGUIAM DE CARRUAGEM, PARA QUE AS ROUPAS ELEGANTES DE BRITTA NÃO SE SUJASSEM DE ESTERCO E DE LAMA.

ELIN LEVAVA MÄRTA PELA MÃO, SEGURANDO-LHA COM FORÇA. A CRIANÇA SALTITAVA MAIS DO QUE CAMINHAVA E AS TRANÇAS LOURAS FAZIAM RICOCHETE NAS COSTAS DO CAPOTE SURRADO. ESTAVA UM FRIO GÉLIDO E ELIN TINHA ENCHIDO CUIDADOSAMENTE OS SAPATOS DA FILHA COM PAPEL, PARA NÃO A DEIXAR APANHAR FRIO E PARA AJUDAR A PREENCHÊ-LOS, UMA VEZ QUE HAVIAM SIDO HERDADOS DE OUTRA CRIADA COM PÉS MUITO MAIORES. MAS MÄRTA NÃO SE QUEIXAVA: SAPATOS ERAM SAPATOS E JÁ APRENDERA QUE DEVIA CONTENTAR-SE COM O QUE TINHA.

QUANDO CHEGARAM A VINBÄCK, O CORAÇÃO DE ELIN ALEGROU-SE AO VER A IGREJA IMPONENTE DIANTE DELAS. O CAMPANÁRIO, ACABADO DE CONSTRUIR, ERA MAJESTOSO E O TELHADO METÁLICO RELUZIA AO SOL DE INVERNO. O CEMITÉRIO E A IGREJA ENCONTRAVAM-SE RODEADOS POR UM MURO DE TÁBUAS PINTADAS DE VERMELHO. HAVIA TRÊS GRANDES ENTRADAS EM TIJOLO COBERTAS POR TELHAS, QUE NORMALMENTE ESTAVAM FECHADAS PARA IMPEDIR O GADO DE ENTRAR NO CEMITÉRIO E PROVOCAR DANOS.

BASTOU-LHE CRUZAR O PORTÃO PARA O CORAÇÃO CANTAR DE ALEGRIA. QUANDO PUSERAM OS PÉS NA IGREJA, ELIN RESPIROU FUNDO E DEIXOU-SE INVADIR POR AQUELA ATMOSFERA TRANQUILA.

ELIN E MÄRTA SENTARAM-SE AO FUNDO DA IGREJA. HAVIA QUARENTA E OITO BANCOS AO TODO, MAS ULTIMAMENTE NUNCA FICAVAM COMPLETAMENTE

OCUPADOS. A MULTIDÃO QUE CEM ANOS ANTES ACORRERA À ZONA COSTEIRA NA IDADE DE OURO DO ARENQUE NÃO PASSAVA AGORA DE UMA RECORDAÇÃO. A AVÓ DE ELIN FALARA-LHE DESSA ÉPOCA, HISTÓRIAS QUE OUVIRA DOS PAIS E DOS AVÓS. ENTÃO TUDO ERA DIFERENTE. HAVIA TANTO ARENQUE QUE NINGUÉM SABIA O QUE FAZER COM TANTO PEIXE, E AS PESSOAS CHEGAVAM DE TODOS OS CANTOS DO PAÍS PARA SE INSTALAREM NA REGIÃO. MAS O ARENQUE DESAPARECERA E A GUERRA E A FOME TINHAM EMPOBRECIDO A REGIÃO. AGORA RESTAVAM APENAS AS HISTÓRIAS E VÁRIOS BANCOS PERMANECIAM VAZIOS. OS OUTROS ERAM OCUPADOS PELOS HABITANTES DE BOHUSLÄN, PÁLIDOS, MAGROS E DE OLHAR VAZIO. UM POVO DERROTADO, DESPROVIDO DE ESPERANÇA, PENSOU ELIN, OLHANDO-LHES PARA OS ROSTOS.

A IGREJA APENAS TINHA JANELAS NA PAREDE VOLTADA A SUL, MAS A LUZ QUE SE FILTRAVA ERA TÃO BONITA QUE LHE VIERAM LÁGRIMAS AOS OLHOS. O PÚLPITO TAMBÉM FICAVA DESSE LADO, E QUANDO PREBEN SUBIU AS ESCADAS PARA TOMAR O SEU LUGAR, O BURBURINHO ESMORECEU.

A CERIMÓNIA COMEÇOU COM UM HINO E ELIN JUNTOU-SE ARREBATADAMENTE AO CORO, COMO SEMPRE FAZIA, PORQUE SABIA QUE TINHA UMA BELA VOZ CANORA. ERA UMA PEQUENA VAIDADE A QUE SE PERMITIA, UMA VEZ QUE MÄRTA ADORAVA OUVI-LA CANTAR.

ESFORÇOU-SE POR COMPREENDER AS PALAVRAS DE PREBEN. O FACTO DE APENAS O SUECO SER PERMITIDO NA IGREJA, TANTO NO SERMÃO COMO NAS ORAÇÕES, ERA UMA GRANDE COMPLICAÇÃO PARA A MAIOR PARTE DOS MEMBROS DA CONGREGAÇÃO, PORQUE ESTAVAM MUITO MAIS FAMILIARIZADOS COM O DINAMARQUÊS E O NORUEGUÊS.

MAS PREBEN TINHA UMA VOZ MUITO BONITA. ELIN FECHOU OS OLHOS E SENTIU DE IMEDIATO O CALOR DA MÃO DO PASTOR. REABRIU-OS E FORÇOU-SE A OLHAR PARA A NUCA DA IRMÃ NAS PRIMEIRAS FILAS DA IGREJA. BRITTA TINHA O CABELO APANHADO NA LINDA TRANÇA QUE ELIN LHE FIZERA NAQUELA MANHÃ. A GOLA BRANCA DO VESTIDO FORA CUIDADOSAMENTE ENGOMADA. ENQUANTO PREBEN PREGAVA, BRITTA ABANAVA A CABEÇA EM SINAL DE APROVAÇÃO.

ELIN OBRIGOU-SE A AFASTAR O PENSAMENTO DO SOM DA VOZ DE PREBEN E DA MEMÓRIA DA MÃO DO PASTOR A TOCAR NA SUA. ERA O MARIDO DE BRITTA, E NO ENTANTO, ELIN ESTAVA ALI, NA CASA DE DEUS, A ENTREGAR-SE A PENSAMENTOS PROIBIDOS. NÃO FICARIA SURPREENDIDA SE UM RAIOS ATINGISSE A IGREJA, FULMINANDO-A COMO CASTIGO. APERTOU A MÃO A MÄRTA E FORÇOU-SE A OUVIR E A TENTAR ENTENDER AS PALAVRAS VINDAS DO PÚLPITO. PREBEN FALAVA DA GRANDE AGITAÇÃO QUE GRASSAVA NO REINO E NA PARÓQUIA E DE COMO OS

CONTERRÂNEOS LEVAVAM A CABO UMA CORAJOSA BATALHA CONTRA O DIABO, PROCURANDO OS SEUS ENVIADOS E LEVANDO-OS A JULGAMENTO. A CONGREGAÇÃO OUVIA-O COMO QUE HIPNOTIZADA. O DIABO FAZIA TANTO PARTE DAS SUAS VIDAS QUOTIDIANAS COMO DEUS. SATANÁS ESTAVA OMNIPRESENTE – O PERIGO ESPREITAVA NOS OLHOS DOS GATOS, NA ESCURIDÃO DO MAR, NO CORVO POUSADO NA ÁRVORE. SATANÁS ERA TÃO REAL COMO UM PAI OU UM IRMÃO, OU O VIZINHO DA CASA AO LADO. O FACTO DE NÃO SE CONSEGUIR VÊ-LO A OLHO NU TORNAVA-O AINDA MAIS PERIGOSO, ERA PRECISA VIGILÂNCIA CONSTANTE.

«ATÉ AGORA TEMOS SIDO POUPADOS», AFIRMOU PREBEN, A VOZ A ECOAR MARAVILHOSAMENTE PELAS PAREDES DE PEDRA. «MAS É SÓ UMA QUESTÃO DE TEMPO: MAIS CEDO OU MAIS TARDE, SATANÁS TAMBÉM ENTERRARÁ AS SUAS GARRAS NAS MULHERES E NAS CRIANÇAS DO NOSSO CANTINHO DO MUNDO. POR ISSO EU IMPLORO, MANTENHAM-SE VIGILANTES. OS SINAIS APARECERÃO. OBSERVEN A VOSSA MULHER, A VOSSA FILHA, AS VOSSAS CRIADAS, A VOSSA VIZINHA, A VOSSA SOGRA E A VOSSA IRMÃ COM O OLHO ATENTO DE DEUS. QUANTO MAIS DEPRESSA ENCONTRARMOS AS NOIVAS DO DEMÓNIO QUE SE ESCONDEM ENTRE NÓS, MAIS FACILMENTE PODEREMOS RETALIAR E IMPEDIR SATANÁS DE SE ENRAIZAR NA NOSSA COMUNIDADE.»

TODOS ASSENTIRAM COM UM RUBOR DE EXCITAÇÃO NAS FACES. AS CRIANÇAS QUE SE ATREVERAM A RIR À SOCAPA FORAM SILENCIADAS COM UMA VIGOROSA COTOVELADA, UM PUXÃO NOS CABELOS OU UM PUXÃO DE ORELHAS.

DEPOIS A MISSA TERMINOU DEMASIADO DEPRESSA. ERA UMA PAUSA NO QUOTIDIANO, UM MOMENTO PARA REPOUSAR E DAR ALIMENTO À ALMA.

ELIN LEVANTOU-SE E AGARROU FIRMEMENTE A MÃO DE MÄRTA PARA EVITAR QUE SE PERDESSE NA MULTIDÃO QUE SE DIRIGIA À SAÍDA. ASSIM QUE CHEGARAM LÁ FORA, COMEÇOU A TREMER DE FRIO.

– MALDITA SEJAS – GRITOU UMA VOZ ATRÁS DELA.

VIROU-SE, SURPREENDIDA, MAS QUANDO VIU QUEM A TINHA AMALDIÇOADO, BAIXOU O OLHAR. ERA EBBA DE MÖRHULT, VIÚVA DE CLAES, QUE SE AFOGARA COM PER E OS OUTROS QUE TINHAM PARTIDO NO BARCO À PESCA. ERA UM DOS MOTIVOS PELOS QUAIS ELIN NÃO CONSEGUIRA PERMANECER EM FJÄLLBACKA, TENDO PREFERIDO ACEITAR A OFERTA DA BRITTA. O ÓDIO QUE EBBA LHE TINHA NÃO CONHECIA LIMITES. CULPAVA-A PELO QUE ACONTECERA. E ELIN SABIA BEM PORQUE É QUE EBBA TINHA ESSE SENTIMENTO, APESAR DE NÃO TER SIDO O QUE DISSE A PER NAQUELA FATÍDICA MANHÃ A CAUSA DO SUCEDIDO. NÃO FORAM AQUELAS PALAVRAS A FAZER COM QUE PER E OS SEUS HOMENS SE AFOGASSEM, MAS SIM A TEMPESTADE QUE SURGIRA DE REPENTE.

PORÉM, APÓS A MORTE DE CLAES, A VIDA NÃO SORRIRA A EBBA E ELA CULPAVA ELIN POR TODOS OS SEUS INFORTÚNIOS.

— EBBA, NÃO FAÇAS ISSO AQUI NA IGREJA, NESTE SOLO SAGRADO — EXORTOU-A HELGA KLIPPARE, DANDO O BRAÇO À IRMÃ MAIS NOVA E AFASTANDO-A DALI.

ELIN LANÇOU-LHE UM OLHAR DE GRATIDÃO E APRESSOU-SE A AFASTAR-SE COM MÄRTA ANTES DE ATRAIR AINDA MAIS ATENÇÕES. AS PESSOAS FICARAM A OLHAR E ELA SABIA QUE MUITAS DAVAM RAZÃO A EBBA. HELGA, POR OUTRO LADO, SEMPRE DEMONSTRARA SER BOA E JUSTA. AFINAL DE CONTAS, TINHA SIDO ELA QUE AJUDARA MÄRTA A VIR AO MUNDO NAQUELA MANHÃ DE PRIMAVERA, HÁ OITO ANOS, E NÃO HAVIA CRIANÇA NA REGIÃO QUE TIVESSE NASCIDO SEM A AJUDA DE HELGA E OS SEUS CONHECIMENTOS DE PARTEIRA. TAMBÉM SE DIZIA QUE AJUDAVA EM SEGREDO AS POBRES RAPARIGAS QUE TINHAM DE LIVRAR-SE DE UM CERTO PROBLEMA, MAS ELIN NÃO ACREDITAVA MUITO NISSO.

COMEÇOU A DIRIGIR-SE AO PRESBITÉRIO COM PASSO PESADO. A SERENIDADE QUE SENTIRA NA CERIMÓNIA RELIGIOSA DISSIPARA-SE E AS RECORDAÇÕES DAQUELE DIA INFELIZ FIZERAM-NA PERCORRER O BREVE TRAJETO ATÉ CASA A ARRASTAR OS PÉS. NORMALMENTE TENTAVA NÃO PENSAR NO PASSADO. NEM SEQUER DEUS PODIA REMEDIAR O QUE ACONTECERA. E, EM CERTO SENTIDO, A CULPA FORA UNICAMENTE DE PER. DESGRAÇARA-SE POR CAUSA DO ORGULHO. DESDE QUE CONCORDARA CASAR-SE COM ELE QUE ELIN O AVISARA, MAS ELE NÃO LHE DERA OUVIDOS. E AGORA REPOUSAVA COM OS OUTROS NO FUNDO DO MAR, A SERVIR DE ALIMENTO AOS PEIXES ENQUANTO ELA E A FILHA ERAM POBRES CRIADAS A ARRASTAREM-SE EM DIREÇÃO À CASA DA IRMÃ. ELIN TERIA DE VIVER ATÉ AO FIM DOS SEUS DIAS ATORMENTADA COM A RECORDAÇÃO DAS PALAVRAS DURAS QUE LANÇARA AO MARIDO DA ÚLTIMA VEZ QUE O VIRA. PALAVRAS PELAS QUAIS EBBA E SABE DEUS QUANTOS MAIS HABITANTES DE FJÄLLBACKA A CULPAVAM.

*

TUDO COMEÇOU COM UM BARRIL DE SAL. UM NOVO DECRETO ESTIPULAVA QUE, A PARTIR DAQUELA DATA, AS TROCAS COMERCIAIS COM OUTROS PAÍSES SÓ PODIAM TER LUGAR A PARTIR DE GOTEMBURGO. TODA A BOHUSLÄN FORA PROIBIDA DE QUALQUER TIPO DE COMÉRCIO COM A NORUEGA E COM TODOS OS OUTROS PAÍSES COM OS QUAIS REALIZARA TROCAS COMERCIAIS NO PASSADO. A MEDIDA ACABARA POR AJUDAR A EMPOBRECER A REGIÃO, E A INDIGNAÇÃO CONTRA O PODER CENTRAL, QUE COM TANTA LIGEREZA TOMARA UMA DECISÃO DAQUELAS,

ERA GRANDE. NEM TODOS SE HAVIAM RESIGNADO, POR ISSO AOS FUNCIONÁRIOS ALFÂNDEGÁRIOS NÃO RESTAVA MAIS DO QUE CONFISCAR A MERCADORIA QUE NÃO FORA SUJEITA AO SEU CONTROLO. ELIN AVISARA POR DIVERSAS VEZES PER DE QUE DEVIA OBEDECER AO DECRETO, LEMBRANDO-LHE DE QUE VIOLÁ-LO SÓ LHES TRARIA INFORTÚNIOS. E PER ASSENTIRA, GARANTINDO-LHE QUE CONCORDARA.

ENTÃO, QUANDO, NAQUELA TARDE NO INÍCIO DE SETEMBRO, O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA HENRIK MEYER BATEU À PORTA, ELIN RECEBEU-O EM CASA SEM PREOCUPAÇÕES. MAS BASTARA UM OLHAR A PER, SENTADO À MESA DA COZINHA, PARA A FAZER COMPREENDER QUE TINHA COMETIDO UM GRANDE ERRO. MEYER DEMOROU APENAS ALGUNS MINUTOS A ENCONTRAR O BARRIL DE SAL NÃO DECLARADO, ESCONDIDO NAS TRASEIRAS DO TELHEIRO DAS FERRAMENTAS. ELIN SABIA EXATAMENTE O QUE AQUILO SIGNIFICAVA E CERROU OS PUNHOS NOS BOLSOS DA TÚNICA. QUANTAS VEZES REPETIRA A PER QUE NÃO FIZESSE NADA ESTÚPIDO! MAS O MARIDO NÃO CONSEGUIRA CONTER-SE.

CONHECIA-O DEMASIADO BEM. AQUELE OLHAR REBELDE DE ONDE DESPONTAVA O ORGULHO, APESAR DA POBREZA, CONFERIA-LHE UMA FORÇA TENAZ. O SIMPLES FACTO DE A TER CORTEJADO TESTEMUNHAVA A CORAGEM QUE MUITOS NÃO POSSUÍAM. PER NÃO PODIA SABER QUE O PAI DE ELIN NÃO SE IMPORTAVA MUITO COM O SEU DESTINO. AOS OLHOS DELE, ELIN DEVIA SER A FILHA DE UM HOMEM RICO, QUE ESTAVA FORA DO SEU ALCANCE. E ERA ESSA MESMA CORAGEM, ESSA MESMA AUDÁCIA E ESSE MESMO ORGULHO QUE OS CONDUZIAM AGORA À RUÍNA.

DEPOIS DE INSPECIONAR A PEQUENA CASA, O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA DISSE A PER QUE TINHA TRÊS DIAS. DEPOIS VOLTARIA PARA LHE CONFISCAR O BARCO, COMPRADO DEPOIS DE ANOS DE ESFORÇO, APESAR DE A PESCA SER ESCASSA E DE A FOME ANDAR À ESPREITA. PER COMPROMETERA O ÚNICO BEM QUE ALGUMA VEZ POSSUÍRA, E TUDO POR UM BARRIL DE SAL COMPRADO ILEGALMENTE NA NORUEGA.

ELIN FICARA FURIOSA, MAIS ZANGADA DO QUE NUNCA. TINHA VONTADE DE LHE BATER, DE LHE ARRANHAR AQUELES OLHOS VERDES E DE LHE ARRANCAR OS CABELOS LOUROS. O MALDITO ORGULHO DO MARIDO ESTAVA PRESTES A PRIVÁ-LOS DE TUDO. COMO ASSEGURARIAM AGORA O SUSTENTO? ELIN ACEITAVA TODOS OS PEQUENOS TRABALHOS QUE ENCONTRAVA, MAS NÃO ERAM MUITOS OS RIKSDALER⁹ QUE CONSEGUIA LEVAR PARA CASA, E PARA O MARIDO NÃO SERIA FÁCIL ENCONTRAR TRABALHO NOUTRA EMBARCAÇÃO, UMA VEZ QUE O DECRETO PROIBIA O COMÉRCIO INTERNACIONAL. JÁ NEM SEQUER A PESCA ERA LUCRATIVA.

PER TENTARA PÔR-LHE A MÃO NO OMBRO, MAS ELIN REPELIRA-O E VIRARA-LHE AS COSTAS. DEPOIS CHORARA LÁGRIMAS AMARGAS. DE RAIVA E DE MEDO. DO

LADO DE FORA DA PEQUENA CASA, O VENTO SOPRAVA MAIS FORTE E, QUANDO PER SE LEVANTOU AO AMANHECER, ELIN SENTOU-SE NA CAMA E PERGUNTOU-LHE ONDE TENCIONAVA IR.

– VAMOS SAIR COM O BARCO – RESPONDEU, VESTINDO A CAMISA E AS CALÇAS.

ELIN FULMINARA-O COM O OLHAR, ATÓNITA. MÄRTA DORMIA PROFUNDAMENTE NO BANCO DA COZINHA.

– COM ESTA TEMPESTADE? ESTÁS LOUCO?

– SE VÃO CONFISCAR-ME O BARCO DENTRO DE TRÊS DIAS, TEMOS DE TIRAR PROVEITO DO POUCO TEMPO QUE NOS RESTA – RESPONDEU ENQUANTO ENFIAVA O CAPOTE.

ELIN VESTIU-SE À PRESSA E SEGUIU-O PARA FORA DE CASA. PER NEM SEQUER SE PREOCUPARA EM COMER ALGUMA COISA. PARECIA TER TANTA PRESSA DE IR PARA O MEIO DA TEMPESTADE QUE ERA COMO SE TIVESSE O DEMÓNIO NOS CALCANHARES.

– NÃO PODEM SAIR COM ESTE TEMPO! – GRITOU ELIN PARA SE FAZER OUVIR POR CIMA DO BARULHO DAS RAJADAS DE VENTO. ENQUANTO O PERSEGUIA RUA ABAIXO, DAS CASAS EM REDOR ASSOMAVAM OS VIZINHOS CURIOSOS.

CLAES, O MARIDO DE EBBA DE MÖRHULT, TAMBÉM SAÍRA DE CASA, COM UMA ESPOSA TÃO FURIOSA COMO ELIN A CORRER ATRÁS DELE.

– SE SAÍREM COM ESSE TEMPO ESTARÃO A CONVOCAR A MORTE! – GRITOU EBBA COM VOZ ESTRIDENTE, AGARRANDO CLAES PELO CASACO.

O MARIDO LIBERTOU-SE, SIBILANDO: – SE QUERES QUE AS CRIANÇAS COMAM NÃO TEMOS ALTERNATIVA.

PER ACENOU A CLAES E DIRIGIRAM-SE OS DOIS PARA O CAIS, ONDE O BARCO ESTAVA AMARRADO.

ELIN OBSERVOU OS OMBROS LARGOS DO MARIDO ENQUANTO O MEDO AFUNDAVA AS GARRAS NELA COM TANTA FORÇA QUE MAL CONSEGUIA RESPIRAR. ENTÃO, GRITOU A PLENOS PULMÕES: – SE É ASSIM, PER BRYNGELSSON, QUE O MAR TE LEVE A TI E A ESSE TEU MALDITO BARCO, PORQUE NÃO QUERO VOLTAR A VER-TE!

REPAROU NO OLHAR ASSUSTADO DE EBBA QUANDO LHE VIROU COSTAS. COM AS SAIAS A ESVOAÇAR-LHE EM TORNO DAS PERNAS, ELIN APRESSOU-SE PARA CASA. QUANDO SE ATIROU PARA CIMA DA CAMA A CHORAR, NÃO IMAGINAVA COMO AQUELAS PALAVRAS IRIAM CONTINUAR A ATORMENTÁ-LA ATÉ À MORTE.

*

JESSIE VIROU-SE NA CAMA. A mãe saíra para o local das filmagens pouco antes das seis da manhã e Jessie desfrutava da sensação de ter a casa só para si. Esticou-se e pôs a mão na barriga, encolhendo-a o máximo possível. Parecia maravilhosamente plana. Nada gorda e mole como na realidade era, mas magra e plana. Como a de Vendela.

Acabou por ser obrigada a expirar novamente e a barriga inchou. Desgostosa, retirou a mão. Detestava a barriga. Detestava tudo no próprio corpo e tudo na vida. A única coisa que não detestava era Sam. Ainda conseguia sentir o sabor do beijo dele nos lábios.

Sentou-se e rodou as pernas sobre a borda da cama. Sentindo o marulhar das ondas debaixo da casa, abriu as cortinas. Mais um fantástico dia de sol. Esperava que Sam quisesse voltar a sair de barco, apesar do vídeo que lhe mostrara.

Toda a vida conhecera gente como Nils, Basse e Vendela, em diferentes escolas, em diferentes países, em diferentes continentes. Sabia o que queriam. E o que eram capazes de fazer.

Ainda assim, por algum motivo, não parecia que aqueles três quisessem chateá-la.

Jessie percebia sempre quando as notícias sobre a mãe começavam a espalhar-se numa nova escola. A princípio havia sorrisos, orgulho pelo facto de a filha de uma estrela de cinema frequentar a instituição. Mas isso mudava assim que alguém fazia uma pesquisa na Internet e descobria quem Marie realmente era: a assassina que se tornou atriz. Então chegava o momento dos olhares, das coscuvilhices. Nunca poderia ser uma das raparigas populares – porque tinha o aspeto que tinha e por ser quem era.

A mãe não compreendia, convencida de que ser o centro das atenções era sempre uma coisa positiva. Por pior que as coisas corressem numa escola, Jessie tinha de a frequentar até Marie receber uma nova proposta para filmar noutro lugar qualquer.

Com Sam acontecia o mesmo. O que as mães tinham feito há trinta anos ainda pendia sobre ambos como uma nuvem negra.

Jessie entrou na cozinha e abriu o frigorífico. Como era costume, não havia nada comestível, apenas garrafas de champanhe. Para a mãe, comer nunca era uma prioridade. A comida não lhe interessava minimamente, só pensava em

cuidar da figura esbelta. Jessie sobrevivia à custa da generosa mesada que recebia da mãe e que gastava sobretudo em *fast food* e guloseimas.

Passou a mão sobre as garrafas, sentindo o vidro frio sob as pontas dos dedos. Pegou numa – era surpreendentemente pesada – e pousou-a na bancada de mármore. Nunca provara champanhe, ao passo que a mãe, ou antes, *Marie*, estava constantemente a bebê-lo.

Arrancou o invólucro de metal e durante alguns segundos fitou o arame em redor da rolha, para depois o desapertar com cautela. Puxou um pouco a rolha, mas não ouviu o famoso «pop». Parecia estar firmemente enfiada na garrafa. Jessie olhou em redor antes de se lembrar que Marie envolvia sempre a rolha com uma toalha para a retirar. Pegou numa das toalhas de cozinha brancas, puxou a rolha ao mesmo tempo que a rodava. Por fim começou a libertar-se. Fez mais força e, com um «pop», a rolha voou do gargalo da garrafa.

Entornou uma grande quantidade de espuma e Jessie deu um salto para trás para evitar ficar salpicada de champanhe. Deitou rapidamente um pouco num copo que tinha encontrado na bancada, bebeu um golinho, hesitante, e fez uma careta. Sabia horrivelmente. Mas Marie costumava acrescentar sumo, o que certamente fazia com que o sabor melhorasse, e bebia-o num copo de champanhe como devia ser. Jessie pegou num copo alto e estreito que estava numa das prateleiras e tirou do frigorífico o único pacote de sumo que restava. Não fazia ideia da quantidade de sumo a misturar, mas encheu o copo com dois terços de champanhe e depois deitou o sumo de pêssago por cima. A mistura estava prestes a transbordar e Jessie bebeu rapidamente um golo. Muito melhor. Até era bom.

Recolocou a garrafa aberta no frigorífico juntamente com o sumo, depois pegou no copo e saiu para o cais à frente da casa. A mãe passaria o dia todo nas filmagens, por isso podia fazer tudo o que lhe apetecesse.

Pegou no telemóvel. Talvez Sam quisesse passar por lá para beber um pouco de champanhe.

*

– Posso? – perguntou Erica pela porta aberta, emoldurada por uma enorme latada de rosas trepadeiras cor-de-rosa. Tinham um perfume maravilhoso e demorara-se alguns minutos a admirá-las.

– Entre! – disse uma voz alegre vinda do interior da casa. Erica descalçou os sapatos no vestíbulo e avançou.

– Oh, mas é mesmo você? – exclamou uma senhora na casa dos sessenta que apareceu com um pano da louça numa mão e um prato na outra.

Erica achava sempre estranho que as pessoas a reconhecessem sem a conhecerem pessoalmente. Depois do sucesso dos livros que escrevera tornara-se uma espécie de estrela e às por vezes acontecia-lhe mesmo alguém detê-la na rua para lhe tirar uma fotografia ou pedir-lhe um autógrafo.

– Olá. Sim, Erica Falk – disse, apertando-lhe a mão.

– Viola – respondeu a mulher, com um sorriso rasgado.

Tinha uma delicada rede de rugas de expressão em torno dos olhos, a demonstrar que sorria muitas vezes.

– Tem uns minutos? – perguntou Erica. – Estou a escrever um livro sobre um dos casos antigos do seu pai e como ele já não está entre nós...

– ... pensou vir cá ouvir o que eu sabia – concluiu Viola, sorrindo novamente.

– Venha, pus agora mesmo café a fazer. Julgo saber de que caso está a falar.

A mulher seguiu à frente de Erica em direção à cozinha, que era afastada da entrada e era luminosa e arejada, com algumas aguarelas nas paredes para alegrar. Erica parou, admirada, à frente de um dos quadros. Não era especialista nem se interessava particularmente por arte, mas era óbvio que o artista era talentoso e sentiu-se atraída pela pintura.

– Que belos quadros! – exclamou, observando-os um a um.

– Obrigada – retorquiu Viola, corando. – Durante muito tempo era apenas um *hobby* para mim, mas agora comecei a expô-los. E parece que as pessoas querem mesmo comprá-los. Tenho uma exposição na sexta-feira, no Stora Hotel, se quiser aparecer.

– Vou fazer os possíveis. E compreendo perfeitamente a razão do seu sucesso: são maravilhosos – disse Erica sentando-se a uma grande mesa branca, disposta em frente a uma enorme janela com travessas.

Adorava janelas antigas. Havia algo na irregularidade do vidro que as tornava muito mais vivas do que as janelas modernas, produzidas industrialmente.

– Leite? – perguntou Viola, e Erica assentiu.

– Se faz favor.

Viola foi buscar um pão-de-ló que estava na bancada da cozinha e cortou duas fatias grandes. Erica ficou com água na boca.

– Suponho que queira falar sobre a investigação do meu pai sobre o homicídio da pequena Stella – disse Viola, sentando-se à frente dela.

– Sim, é exatamente nesse caso que estou a trabalhar e o seu pai, Leif, é uma peça importante do *puzzle*.

– Já passaram quase quinze anos desde a morte dele. Bem, talvez já saiba, mas o meu pai suicidou-se. Foi um grande choque, embora devêssemos ter-nos apercebido de que podia acontecer. Desde que a nossa mãe morreu de cancro do pulmão que andava profundamente deprimido. Dizia que já não tinha qualquer motivo para viver. Mas recordo-me de ter falado muitas vezes desse caso enquanto era vivo.

– Recorda-se do que dizia?

Trincando a fatia de bolo, Erica resistiu ao impulso de fechar os olhos de prazer. A manteiga e o açúcar misturavam-se-lhe na boca.

– Passou muito tempo. Já me fogem os pormenores. Talvez se pensar um pouco me venham à mente. Mas lembro-me de que o caso o perturbava. Tinha começado a duvidar.

– A duvidar de quê?

– De que as raparigas eram culpadas.

Pensativa, Viola bebeu um golo de café da chávena de cerâmica branca.

– Quer dizer que achava que eram inocentes?

Era a primeira vez que Erica ouvia dizer aquilo e a informação fez com que a pulsação acelerasse. Por conviver há tantos anos com um polícia, Erica sabia que muitas vezes os pressentimentos não mentiam. Se Leif tinha duvidado da culpa das raparigas é porque deve ter tido um bom motivo.

– Chegou a explicar-lhe porque é que tinha dúvidas?

Viola segurou a chávena de café com as duas mãos, acariciando-lhe os riscos com os polegares.

– Não – respondeu, franzindo a testa. – O meu pai nunca disse nada em concreto. Mas isso não invalidou o facto de as raparigas se terem retratado e desde então, durante todos estes anos, terem sustentado a sua inocência.

– Mas ninguém lhes deu ouvidos – interrompeu Erica, lembrando todos os artigos que lera sobre o caso e os muitos comentários que tinha ouvido dos habitantes locais sempre que o caso vinha à baila.

Pareciam estar todos de acordo: tinham sido as duas raparigas a matar Stella.

– Mesmo antes de morrer, o meu pai falou em reabrir o caso, mas matou-se antes de ter conseguido fazer alguma coisa. Além disso, estava reformado, portanto teria de convencer o novo chefe da esquadra, e não me parece que o homem pudesse ficar muito entusiasmado com a ideia. O caso estava solucionado. A questão da culpa ficara esclarecida, apesar de não ter havido um julgamento como deve ser, dada a tenra idade das raparigas.

– Não sei se soube, mas... – começou a dizer Erica, olhando para o telemóvel. Ainda não havia nenhuma mensagem de Patrik. – Ontem à tarde, ou possivelmente até na noite anterior, desapareceu uma menina que morava na mesma quinta de Stella.

Viola olhou para Erica, atónita.

– O quê? Não, não sabia. Tenho estado fechada no meu estúdio a preparar os quadros para a exposição. Que aconteceu?

– Ainda não se sabe. As buscas começaram ontem à tarde. O meu marido é polícia, por isso também está lá.

– Oh, não. Valha-me Deus.

Viola lutava para encontrar as palavras adequadas. Debatia-se decerto com a mesma enchente de emoções que assaltaram Erica quando soube do desaparecimento da menina.

– Sim, é uma estranha coincidência – disse Erica. – Demasiado estranha. E a menina tem a mesma idade que Stella. Quatro anos.

– Oh, meu Deus – disse Viola. – Não é possível que se tenha simplesmente perdido? Aquela quinta é bastante isolada, não é?

– Sim, é. Espero que tenha sido isso que aconteceu.

Mas era evidente que Viola também não estava convencida.

– O seu pai tomou notas sobre o caso? É possível que tenha guardado algum material da investigação aqui em casa?

– Não, pelo menos que eu saiba – respondeu Viola. – Eu e os meus dois irmãos é que tratámos do inventário dos bens depois da morte do nosso pai, mas não me lembro de ter visto nada desse género. Posso perguntar aos meus irmãos, mas não me parece que haja notas ou pastas relacionadas com a investigação. E, mesmo que houvesse, receio que as tivéssemos deitado fora. Não temos o hábito de guardar objetos por razões sentimentais. Para nós, as memórias são guardadas aqui.

Levou a mão ao coração.

Erica sabia o que Viola queria dizer e também desejava ser assim. Fazia um esforço tremendo para se separar de objetos com valor afetivo e Patrik gozava sempre com ela, afirmando que se tinha casado com uma acumuladora.

– Mesmo assim pergunte-lhes. Eu dou-lhe o meu número, para o caso de encontrar alguma coisa ou de se lembrar de alguma observação do seu pai sobre o caso. Qualquer coisa. Ligue-me por mais pequena ou insignificante que possa parecer. Nunca se sabe.

Erica tirou um cartão de visita da mala e entregou-o a Viola, que o estudou por um momento antes de pousá-lo na mesa.

– Que coisa horrível, isso da menina. Só espero que a encontrem – disse, abanando a cabeça.

– Eu também espero – disse Erica, olhando novamente de relance para o telemóvel.

Ainda não havia nenhuma mensagem de Patrik.

– Bem, obrigada – disse, levantando-se para se ir embora. – Se tiver tempo passo pela exposição na sexta-feira. Os seus quadros são muito bonitos.

– Então espero voltar a vê-la – disse Viola, corando por causa do elogio.

Quando se dirigia para o carro, Erica ainda sentia o perfume das rosas nas narinas. As palavras de Viola ressoaram-lhe nos ouvidos. Leif duvidara da culpabilidade de Marie e de Helen.

*

A espera parecera infinita, porém, uma hora depois da chamada de Mellberg, Torbjörn Ruud e a equipa de técnicos forenses de Uddevalla que chefiava chegaram à floresta. Patrik apertou-lhe a mão e gesticulou na direção do tronco de árvore que se encontrava a poucos metros para lá do cordão de segurança da polícia.

– Que coisa horrível – disse Torbjörn sem desperdiçar demasiadas palavras, e Patrik assentiu.

Sabia que os técnicos forenses estavam habituados a ver de tudo e que, com o tempo, ficavam inevitavelmente imunes ao horror, mas o cadáver de uma criança nunca os deixava indiferentes. O contraste entre a vitalidade contida naquele pequeno corpo e a irrevogabilidade da morte era um murro no estômago.

– Está ali? – perguntou Torbjörn.

Patrik assentiu.

– Debaixo do tronco. Ainda não fui lá ver. Preferi esperar que chegassem para não pisar ainda mais o local, mas os homens que a encontraram dizem que há uma cavidade debaixo do tronco e que a menina foi empurrada lá para dentro. Por isso é que não a encontrámos antes, apesar de termos procurado várias vezes nesta área.

– São os homens que a encontraram?

Torbjörn apontou para Harald, Johannes e Karim, que se encontravam a curta distância.

– Sim, pedi aos três que esperassem, para que vocês pudessem assegurar-se de que não há vestígios deles no local do crime. Calculo que queiras fotografar-lhes os sapatos para identificar as pegadas deles.

– Exatamente – disse Torbjörn, e deu algumas instruções rápidas a um dos técnicos que trouxera. Depois vestiu o fato protetor e calçou as proteções de plástico para os sapatos. Patrik imitou-o.

– Anda – disse quando estavam ambos prontos.

Patrik inspirou profundamente e seguiu Torbjörn até à árvore. Encheu-se de coragem, antecipando o que ia ver, mas o espetáculo atingiu-o na mesma com tanta violência que o fez ficar petrificado por um momento. A primeira coisa que viu foi a mão de uma criança. Como lhe haviam dito, o corpo nu da menina fora enfiado numa cavidade no solo debaixo da árvore. Estava enroscada, como se estivesse em posição fetal. O rosto encontrava-se virado para eles, mas parcialmente escondido pela mãozinha suja de terra. Tinha o cabelo louro cheio de folhas e sujidade e Patrik teve que conter o impulso de se inclinar para o limpar. Quem podia ter feito tal coisa? Que género de pessoa era capaz de tal barbaridade? A raiva começou a percorrer-lhe as veias dando-lhe a força necessária para fazer o que tinha de ser feito e ajudando-o a manter-se frio e profissional. Daria largas aos sentimentos mais tarde. Devia-o à menina e aos pais. E, como já trabalhava com Torbjörn há muitos anos, sabia que o chefe dos técnicos forenses ia fazer o mesmo.

Agacharam-se um ao lado do outro para observar todos os pormenores. O corpo da menina encontrava-se praticamente fora de vista, por isso era impossível estabelecer uma causa de morte. Isso teria de ser apurado mais tarde. Por enquanto só importava não deixar escapar eventuais vestígios que o criminoso tivesse deixado para trás.

– Bem, vou sair daqui e deixar-vos trabalhar – disse Patrik. – Por favor, avisem-me quando a pudermos tirar do buraco. Quero ajudar.

Torbjörn assentiu e fez sinal aos técnicos para avançarem e começarem o meticuloso trabalho de recolha de provas na zona em redor da árvore. Era uma tarefa que não podia ser apressada. O mais pequeno fio de cabelo, uma ponta de cigarro ou um fragmento de plástico, tudo o que fosse encontrado na zona em redor da menina tinha de ser fotografado, recolhido em sacos e rotulado. Era necessário recolher todas as pegadas no terreno mole, e isso fazia-se deitando um líquido viscoso nas marcas encontradas. Quando o líquido endurecia, os técnicos podiam retirar a pegada completa e levá-la para o laboratório, onde seria comparada. Era uma tarefa muito morosa, e depois de ter investigado

vários casos de homicídio, Patrik tinha aprendido a conter a impaciência e a deixar Torbjörn e a equipa que liderava trabalhar em paz e sossego. As provas que recolhessem seriam vitais quando o criminoso fosse levado a tribunal. Se alguma coisa se perdesse devido a negligência, talvez nunca mais se conseguisse recuperar.

Patrik deixou a zona delimitada com a fita e permaneceu ligeiramente afastado. Não conseguia reunir energia para conversar com ninguém. Tinha de pôr as ideias em ordem e preparar-se para o que teria de ser feito. As primeiras vinte e quatro horas eram sempre cruciais para o sucesso de uma investigação. Era necessário localizar as testemunhas antes que se esquecessem do que tinham visto. E de se certificarem de que as pistas eram recolhidas antes de poderem ser destruídas ou danificadas pela natureza ou pelo criminoso, que podia regressar ao local do crime para apagar todos os vestígios. Muitas coisas podiam acontecer naquele intervalo temporal, portanto era preciso estabelecer prioridades. Em teoria, era Mellberg, como chefe da esquadra, quem deveria tratar disso, mas na prática cabia a Patrik assumir aquela responsabilidade.

Pegou no telemóvel para enviar uma mensagem a Erica avisando-a de que ia chegar atrasado. Ela deveria decerto interrogar-se sobre o que estava a acontecer, e ele confiava na discrição de Erica: não contaria a mais ninguém antes de Patrik lhe dar luz verde. Mas não havia rede e teve de voltar a guardar o telemóvel no bolso. Voltaria a tentar mais tarde.

Estava calor. Patrik fechou os olhos e virou o rosto para o Sol. Os murmúrios da floresta misturavam-se com os murmúrios das conversas dos técnicos.

Pensou em Gösta e perguntou a si próprio como estaria a sair-se, grato por não lhe ter calhado a ele a tarefa de dar a notícia aos pais de Nea.

Um mosquito pousou-lhe no braço nu. Patrik abriu os olhos mas resistiu ao impulso de o matar, limitando-se a enxotá-lo. Já houvera morte suficiente naquele dia.

*

Era tudo tão irreal. Estar para ali, no meio de uma floresta sueca, junto de pessoas que nunca vira.

Não era a primeira vez que Karim via um cadáver. Quando fora preso, em Damasco, tinham arrastado um cadáver para fora da cela mesmo diante dos seus olhos. E, na travessia do Mediterrâneo, vira cadáveres de crianças a flutuar junto ao barco.

Mas aquilo era diferente. Tinha ido para a Suécia por ser um país onde as crianças não morriam violentamente. No entanto, a poucos metros de distância, estava a confirmação do contrário.

Karim sentiu uma mão no braço. Era o homem mais velho, Harald, o dos olhos castanhos bondosos. Falava inglês com um sotaque sueco tão forte que Karim só a custo conseguia compreendê-lo. Mas gostava dele. Tinham passado o tempo a conversar. Quando não encontravam as palavras certas, recorriam a gestos e a mímica. E o homem mais novo, Johannes, ajudava o mais velho a encontrar as palavras que lhe escapavam.

Pela primeira vez desde que chegara à Suécia, Karim dava por si a falar sobre a família e a pátria. Ao falar da cidade que tinha deixado para trás, para talvez nunca mais voltar, sentira a nostalgia na própria voz. Mas sabia que a imagem que dera não era algo incorreta. O local e as pessoas que lhe deixaram saudades não tinham nada que ver com o terrorismo.

E, no entanto, que sueco poderia compreender a sensação de ter de olhar constantemente para trás, de poder ser traído a qualquer momento por um amigo, por um vizinho ou mesmo pela própria família? O Governo tinha olhos em toda a parte. E as pessoas só pensavam em acautelar os próprios interesses. Todos faziam o que era preciso para salvar a pele. Todos tinham perdido alguém. Todos tinham visto entes queridos morrer, o que significava que se dispunham a fazer o que fosse preciso para proteger quem lhes restasse. Como jornalista, Karim estivera particularmente vulnerável.

– Tudo *okay*? – perguntou Harald, deixando a mão pousada no braço de Karim.

Karim podia ver os próprios pensamentos refletidos no rosto do outro homem. Baixara a guarda, mostrando a nostalgia e a frustração, e isso inquietava-o. Fechou com força a porta às memórias.

– Estou bem. Estava a pensar nos pais da menina – respondeu. Por um momento viu o rosto dos filhos diante de si.

Provavelmente, Amina já estava preocupada e, como sempre, a preocupação contagiava os filhos. Mas não havia rede e Karim não conseguira contactá-la. Quando regressasse, ia encontrá-la zangada. Amina ficava sempre zangada quando se preocupava. Não importava, ficava ainda mais bonita quando se zangava.

– Coitados – disse Harald, e Karim viu que tinha os olhos luzidios das lágrimas.

A pouca distância, os homens de fato de proteção branco trabalhavam ajoelhados no chão ao lado da menina. Um dos técnicos tinha fotografado os sapatos de Karim, assim como os de Johannes e os de Harald. E também aplicou fita adesiva às roupas dos três, colocando cuidadosamente os pedaços de fita em sacos de plástico que selara e rotulara. Karim compreendia aqueles gestos, apesar de nunca os ter visto. Os técnicos poderiam excluir os vestígios que ele e os outros homens pudessem ter deixado ao entrarem na área onde a menina jazia.

Johannes disse algo em sueco ao homem mais velho e os dois assentiram. Então, Johannes traduziu:

– Estávamos a pensar perguntar aos agentes se já podemos ir embora. Parece que já não precisam de nós aqui.

Karim assentiu. Queria afastar-se do sítio onde estava a menina morta. Do cabelo louro, da mãozita que escondia o rosto. Queria afastar-se do local onde fora enfiada num buraco no chão, aninhada em posição fetal.

Harald foi falar com o agente que estava do outro lado da fita. Conversaram em voz baixa por um momento, e Karim viu que o agente assentia.

– Podemos ir – disse Harald quando regressou para junto deles.

Com o abrandar da tensão, Karim sentiu que começava a tremer. Queria ir para casa, para os filhos e para os olhos flamejantes de Amina.

*

Sanna fechou os olhos ao ouvir Vendela subir as escadas com estrondo. Doía-lhe muito a cabeça, e quando ouviu a porta bater com força não pôde evitar um sobressalto. Imaginou a moldura de madeira a rachar.

Limitara-se a propor à filha que a acompanhasse ao centro de jardinagem. Vendela nunca gostara particularmente de lá estar, e atualmente parecia considerar aquilo um castigo. Sanna sabia que devia ser mais firme com a filha, mas não tinha energia. Era como se, ao tomar conhecimento do desaparecimento de Nea, todas as forças a tivessem abandonado.

Ouvia-se a música do quarto de Vendela no andar de cima, os baixos a martelar; tão alta que as paredes vibravam. Perguntou a si própria como é que a filha ia passar o dia. Ultimamente parecia andar sempre com aqueles dois rapazes e de certeza que não eram a melhor das companhias. Uma rapariga de quinze anos e dois rapazes da mesma idade eram sarilhos garantidos.

Afastou o prato do pequeno-almoço. Vendela tinha comido apenas um ovo. Era óbvio que achava que o pão de forma que sempre comera de manhã desde

criança continha demasiado açúcar. Torrou uma fatia e barrou-a com uma grossa camada de compota de laranja. Já estava tão atrasada que cinco minutos a mais ou a menos não fariam diferença.

Não se importava que Vendela estivesse num daqueles dias de rebeldia. Pelo menos isso impedia-a de pensar em Nea. E também não tinha tido tempo de pensar em Stella. Naquele momento, no entanto, na solidão da cozinha, as memórias avassalaram-na. Recordou aquele dia ao ínfimo pormenor. A alegria que sentira por ir a Uddevalla comprar roupa nova para o início das aulas, misturada com a inveja por Stella ter ficado com aquelas duas raparigas fixes mais velhas como *baby-sitters*. Mas os ciúmes tinham passado assim que o *Volvo* arrancara rumo à cidade com a mãe ao volante e Sanna se virara para se despedir, acenando com a mão.

No caminho de regresso a casa lançara constantemente olhadelas ao banco de trás, onde se encontravam os sacos de compras. Que roupa fantástica. Estava tão feliz que mal conseguia ficar quieta no carro. A mãe repreendera-a entre risos.

Foi a última vez que a viu rir-se.

Sanna pousou o resto da torrada na mesa. O pão parecia inchar-lhe na boca. Recordou o momento em que saíram do carro e a expressão do pai quando se dirigira a elas. As náuseas apoderaram-se dela de repente. Sanna precipitou-se para a casa de banho e conseguiu levantar a tampa da sanita mesmo a tempo. Pouco depois, na sanita, flutuavam pedaços de pão e de compota de laranja, e Sanna voltou a sentir o estômago revolver-se.

Depois, deixou-se cair no frio pavimento de azulejos, toda a tremer. Do andar de cima, a música continuava a martelar.

*

A bala atingiu um dos alvos pregados a uma árvore na clareira nas traseiras do pátio.

– Boa – disse James, lacónico.

Sam conteve um sorriso. Era a única coisa pela qual era felicitado. Parecia que a sua única qualidade enquanto filho era ser bom atirador.

– Estás cada vez melhor – prosseguiu o pai, olhando-o por cima da armação dos óculos de sol.

Eram do modelo *aviator* e faziam-no parecer uma paródia a um xerife americano.

– Vê se consegues atingir o alvo de um pouco mais longe – disse James, fazendo sinal a Sam para recuar.

Sam afastou-se mais da árvore.

– Mão firme. Expira no preciso momento em que primes o gatilho. Concentra-te.

Durante muitos anos, James tinha treinado as forças especiais suecas e Sam sabia que o pai gozava de boa reputação. O facto de ser um sacana frio e insensível provavelmente não só beneficiara a sua carreira como fazia com que Sam aguardasse ansiosamente a sua próxima missão no estrangeiro.

Os meses em que James estava ausente, às vezes em locais desconhecidos, eram como uma lufada de ar fresco. Tanto Sam como a mãe ficavam logo mais tranquilos. Helen ria-se com mais frequência e Sam adorava vê-la feliz. Assim que o pai entrava pela porta, o riso extinguia-se e a mãe ia correr ainda com mais frequência do que o habitual. Emagrecia, mas em vez de ficar com um ar mais saudável, parecia apenas stressada. Sam odiava aquela versão da mãe tanto quanto adorava a mais alegre. Sabia que estava a ser injusto, mas fora a mãe que escolhera ter um filho com aquele homem. Recusava-se a chamar-lhe pai, e muito menos papá.

Deu alguns tiros em rápida sucessão. Sabia que tinham acertado no centro do alvo. James assentiu com satisfação.

– Porra, se tivesses tomates podia fazer de ti um bom soldado – disse James com uma risada.

A mãe saiu para o pátio.

– Vou correr – gritou a ambos, mas nenhum dos dois reagiu.

Sam estava convencido de que a mãe já tinha saído. Normalmente saía logo a seguir ao pequeno-almoço para evitar o calor mais opressivo, mas já eram quase dez da manhã.

– Recua mais uns dois metros – comandou James.

Sam sabia que conseguiria acertar no centro do alvo, mesmo àquela distância. Durante a ausência do pai treinara distâncias muito superiores. No entanto, por algum motivo, preferia não revelar com exatidão ao pai o nível que alcançara. Não queria dar-lhe a satisfação de acreditar que o filho herdara algo dele. James não merecia qualquer crédito. O que era bom na vida de Sam era-o apesar do pai, não graças ao pai.

– *Nice!* – gritou James quando a série seguinte de disparos atingiu o alvo.

Sam detestava aquilo. O hábito de James intercalar no discurso palavras em inglês, acentuando o sotaque americano. Não tinha ascendência norte-americana;

o nome devia-se simplesmente à paixão do avô paterno por James Dean. Mas, claro, com todo o tempo passado na companhia dos americanos, James acabara por adquirir o sotaque deles. Fechado e nasalado. Sempre que James substituía o sueco, Sam sentia-se envergonhado.

– *One more time*¹⁰ – disse James, novamente em inglês, como se pudesse ler-lhe o pensamento e quisesse provocá-lo.

Sam apontou a arma ao alvo e disparou. Mesmo em cheio.

¹⁰ *Mais uma vez.* Em inglês na versão original (*N. do T.*)

Bohuslän, 1671

– ONTEM, A MENINA ENTROU DE NOVO NA CASA PAROQUIAL. SABES O QUE VOS DISSE ACERCA DISSO, NÃO SABES, ELIN?

A VOZ DE BRITTA ERA RÍSPIDA E ELIN INCLINOU A CABEÇA.

– VOU FALAR COM A MÄRTA – DISSE EM VOZ BAIXA.

BRITTA RODOU AS PERNAS PARA FORA DA CAMA E PLANTOU OS PÉS NO CHÃO.

– HOJE VAMOS RECEBER UM VISITANTE ESPECIAL – PROSSEGUIU. – DEVE ESTAR TUDO PERFEITO. LAVASTE E ENGOMASTE O MEU VESTIDO AZUL? O DE BROcado DE SEDA?

ENFIOU OS PÉS NAS PANTUFAS QUE ESTAVAM AO LADO DA CAMA E SENTIU O CALOR RECONFORTANTE. EMBORA ELIN ACHASSE QUE A CASA PAROQUIAL ERA A MELHOR QUE ALGUMA VEZ VIRA, NÃO DEIXAVA DE SER FRIA E CHEIA DE CORRENTES DE AR E, NO INVERNO, O CHÃO ERA GELADO.

– ESTÁ TUDO PRONTO PARA O RECEBER – RESPONDEU ELIN. – ESFREGÁMOS TODOS OS CANTOS DA CASA E AINDA ONTEM CHEGOU BOEL DE HOLTA, QUE JÁ COMEÇOU A PREPARAR A REFEIÇÃO. SERVIRÁ CABEÇAS DE BACALHAU RECHEADAS COMO APERITIVO, GALO COM GROSELHAS COMO PRATO PRINCIPAL E CREME DE FARINHA CUSTARD PARA A SOBREMESA.

– EXCELENTE – DISSE BRITTA. – TEMOS DE RECEBER O EMISSÁRIO DE HARALD STAKE COM UMA REFEIÇÃO DIGNA DA SUA LINHAGEM. HARALD STAKE É O GOVERNADOR DO CONDADO DE BOHUSLÄN E RECEBEU PESSOALMENTE ORDENS DO REI PARA FALAR COM OS PASTORES SOBRE ESTE FLAGELO DE BRUXARIA. HÁ POUCOS DIAS, PREBEN DISSE-ME QUE TINHAM PRENDIDO UMA BRUXA EM MARSTRAND.

BRITTA TINHA AS FACES CORADAS DE INDIGNAÇÃO.

ELIN ASSENTIU. AS PESSOAS NÃO FALAVAM DE OUTRA COISA POR AQUELES DIAS. A RECÉM-CRIADA COMISSÃO PARA A ERRADICAÇÃO DA BRUXARIA ANDAVA OCUPADA A CAPTURAR BRUXAS EM TODOS OS CANTOS DE BOHUSLÄN, E EM BREVE COMEÇARIAM OS JULGAMENTOS. POR TODA A SUÉCIA ERAM TOMADAS FORTES MEDIDAS CONTRA AQUELE MAL. ELIN ESTREMECEU AO PENSAR EM FEITICEIROS E EM BRUXAS, VIAGENS A BLÅKULLA, A MONTANHA DAS BRUXAS, E NAS ALIANÇAS

COM SATANÁS EM PESSOA. CHOCAVA-A PENSAR QUE EXISTIAM TAIS ABOMINAÇÕES TÃO PERTO DO SÍTIO ONDE MORAVAM.

– OUVI DA BOCA DE IDA-STINA QUE AJUDASTE SVEA DE HULT A ENGRAVIDAR – DISSE BRITTA ENQUANTO ELIN A AJUDAVA A ENFIAR O VESTIDO. – QUERO QUE ME FAÇAS TUDO O QUE LHE FIZESTE.

– SÓ POSSO FAZER O QUE A MINHA AVÓ ME ENSINOU – RETORQUIU ELIN, APERTANDO COM MAIS FORÇA OS LAÇOS DO CORPETE DE BRITTA NAS COSTAS.

NÃO FICOU SURPREENDIDA COM O PEDIDO. BRITTA COMEÇAVA A APROXIMAR-SE DOS VINTE ANOS E, DOIS ANOS DEPOIS DE TER CASADO COM PREBEN, A BARRIGA AINDA NÃO TINHA INCHADO E A IRMÃ NUNCA CARREGARA UM FILHO.

– BASTA QUE FAÇAS O QUE FIZESTE A SVEA. ESTÁ NA ALTURA DE DAR UM FILHO AO MEU MARIDO. O PREBEN JÁ SE COMEÇOU A PERGUNTAR QUANDO IRÁ ISSO ACONTECER.

– PARA SVEA PREPAREI UMA INFUSÃO DE ERVAS DE ACORDO COM UMA RECEITA DA AVÓ – DISSE ELIN ENQUANTO PEGAVA NA ESCOVA PARA ESCOVAR OS LONGOS CABELOS DE BRITTA.

AS IRMÃS NÃO ERAM NADA PARECIDAS. ELIN HERDARA O CABELO LOURO DA MÃE, ASSIM COMO OS OLHOS DE UM AZUL PÁLIDO. BRITTA TINHA CABELO ESCURO E OS OLHOS AZUIS COMO OS DA MULHER QUE TOMARA O LUGAR DA MÃE DE ELIN MESMO ANTES DE ELA MORRER. NA VILA, ALGUMAS LÍNGUAS AFIADAS DIZIAM QUE KERSTIN, A MÃE DE ELIN, MORRERA POR TER O CORAÇÃO DESPEDAÇADO. MAS, MESMO QUE FOSSE VERDADE, ELIN NÃO PODIA PERDER TEMPO A PENSAR NISSO. O PAI MORRERA NO ANO ANTERIOR E BRITTA ERA AGORA A ÚNICA PESSOA QUE PODIA IMPEDIR QUE ELA E MÄRTA MORRESSEM À FOME.

– TAMBÉM APRENDI ALGUMAS REZAS – DISSE ELIN COM CAUTELA. – SE QUISESSES POSSO PREPARAR UMA INFUSÃO E FAZER AS REZAS APROPRIADAS. TENHO TUDO AQUILO DE QUE PRECISO PARA A INFUSÃO. ESTE VERÃO SEQUEI ERVAS SUFICIENTES PARA DURAREM TODO O INVERNO.

BRITTA ABANOU A MÃO BRANCA E DELICADA COM DESDÉM.

– FAZ COMO QUISESSES. TENHO DE DAR UM FILHO AO MEU MARIDO, CASO CONTRÁRIO PODEMOS COBRIR-NOS DE INFORTÚNIO.

ELIN ESTAVA PRESTES A DEIXAR ESCAPAR QUE, NAQUELE CASO, SERIA BOA IDEIA PARTILHAR A CAMA DE CASAL COM PREBEN, MAS SABIA MUITO BEM QUE DEVIA ESTAR CALADA. JÁ TIVERA OCASIÃO DE VER QUAIS ERAM AS CONSEQUÊNCIAS DE DESPERTAR A IRA DE BRITTA. POR UM MOMENTO, INTERROGOU-SE COMO ERA POSSÍVEL QUE UM HOMEM TÃO BONDOSO COMO PREBEN TIVESSE CASADO COM UMA MULHER COMO BRITTA. DE CERTEZA QUE

NAQUELE CASAMENTO HAVIA A MÃO DO PAI, ANSIOSO POR GARANTIR UM BOM PARTIDO PARA A FILHA.

— AGORA PODES IR — DISSE BRITTA, LEVANTANDO-SE. — DEVES TER MUITOS AFAZERES ANTES DA CHEGADA DO EMISSÁRIO DE STAKE. E FALA COM A TUA FILHINHA, CASO CONTRÁRIO VOU CERTIFICAR-ME DE QUE SEJA A VARA A FALAR COM ELA.

ELIN ASSENTIU, MAS A AMEAÇA DA IRMÃ DE BATER EM MÄRTA FEZ-LHE FERVER O SANGUE. BRITTA AINDA NÃO TINHA LEVANTADO A MÃO À FILHA, MAS NO DIA EM QUE O FIZESSE, ELIN SABIA QUE NÃO PODIA RESPONDER PELOS SEUS ATOS. POR ISSO ERA MELHOR CONVERSAR COM A FILHA O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL, PROIBINDO-A DE PÔR OS PÉS NA CASA PAROQUIAL.

ELIN SAIU PARA O PÁTIO E OLHOU ANSIOSAMENTE EM REDOR.

— MÄRTA? — CHAMOU.

BRITTA NÃO GOSTAVA QUE A CRIADAGEM FALASSE DEMASIADO ALTO. ERA OUTRA REGRA A CUMPRIR SE ELIN NÃO QUERIA CAIR NO DESFAVOR DA IRMÃ.

— MÄRTA? — CHAMOU NUM TOM LIGEIRAMENTE MAIS ALTO, ENTRANDO NOS ESTÁBULOS.

ERA O SÍTIO MAIS PROVÁVEL PARA ENCONTRÁ-LA, MAS TAMBÉM NÃO ESTAVA LÁ. INFELIZMENTE, A FILHA HERDARA DO PAI NÃO SÓ OS OLHOS VERDES, MAS TAMBÉM A TEIMOSIA. PARECIA QUE NUNCA OUVIA AS RECOMENDAÇÕES DA MÃE.

— ESTAMOS AQUI — RESPONDEU UMA VOZ FAMILIAR.

PREBEN. ELIN ESTACOU.

— VEM CÁ, ELIN — DISSE O PASTOR NUM TOM SUAVE VINDO DA ESCURIDÃO DO ÚLTIMO ESTÁBULO.

— SIM, ANDA MAMÃ! — DISSE MÄRTA COM ENTUSIAMO.

ELIN HESITOU, MAS LEVANTOU AS SAIAS PARA NÃO SUJAR A BAINHA COM A PORCARIA QUE JUNCAVA O CHÃO E DIRIGIU-SE COM PASSO LIGEIRO PARA O SÍTIO DE ONDE TINHAM PARTIDO AS VOZES.

— OLHA, MAMÃ — DISSE MÄRTA NUM TOM REVERENTE.

ESTAVA SENTADA MESMO AO FUNDO DE UM ESTÁBULO VAZIO COM TRÊS GATINHOS NOS BRAÇOS. PARECIAM NÃO TER MAIS DE UM OU DOIS DIAS DE VIDA E VIRAVAM A CABEÇA DE UM LADO PARA O OUTRO, CEGOS PARA O MUNDO. AO LADO DE MÄRTA ESTAVA SENTADO PREBEN, TAMBÉM ELE COM O COLO CHEIO DE GATINHOS.

— NÃO VOS PARECE UM MILAGRE DO SENHOR? — EXCLAMOU O PASTOR, ACARICIANDO UM GATO CINZENTO MINÚSCULO.

A CRIATURA MIAVA DEBILMENTE E ESFREGAVA A CABEÇA NA MANGA DA CAMISA DO PASTOR.

— MAMÃ, TOMA UM — DISSE MÄRTA, ENTREGANDO-LHE UM GATINHO COM MANCHAS BRANCAS E NEGRAS QUE AGITAVA AS PATAS NO AR.

ELIN HESITOU. ESPREITOU POR CIMA DO OMBRO. BRITTA FICARIA DESAGRADADA SE A VISSE ALI COM MÄRTA. E COM PREBEN.

— SENTA-TE, ELIN — DISSE PREBEN COM UM SORRISO FUGAZ. — A MINHA QUERIDA ESPOSA ESTÁ COMPLETAMENTE ABSORVIDA PELOS PREPARATIVOS PARA ACOLHER O NOSSO ILUSTRÍSSIMO VISITANTE LOGO À TARDE.

ELIN HESITOU POR ALGUNS INSTANTES. DEPOIS NÃO CONSEGUIU RESISTIR MAIS TEMPO AO GATINHO NEGRO E BRANCO E PEGOU NELE. SENTOU-SE NO FENO COM O PEQUENO ANIMAL NO COLO.

— O PASTOR DIZ QUE POSSO ESCOLHER UM E QUE ELE SERÁ MEU, SÓ MEU.

DELEITADA, MÄRTA LANÇOU A PREBEN UM SORRISO. ELIN OLHOU BREVEMENTE PARA O PASTOR, SEM SABER O QUE FAZER. PREBEN SORRIA — UM SORRISO QUE LHE CHEGAVA AOS OLHOS.

— ATÉ PODES DAR-LHE UM NOME — AFIRMOU. — MAS, COMO DECIDIMOS, É UM SEGREDO QUE PERMANECERÁ ENTRE NÓS OS DOIS.

LEVOU O INDICADOR AOS LÁBIOS E OLHOU PARA A MENINA COM EXPRESSÃO SÉRIA. MÄRTA ASSENTIU, IGUALMENTE SÉRIA.

— NÃO DIREI A NINGUÉM. VAI SER O MEU SEGREDO MAIS PRECIOSO — DISSE, OLHANDO PARA OS GATINHOS. — QUERO ESTE.

ACARICIOU A CABEÇA A UM GATO CINZENTO MINÚSCULO. ERA O MAIS PEQUENO DA NINHADA. ELIN OLHOU PARA PREBEN E TENTOU ABANAR A CABEÇA SEM QUE A MENINA REPARASSE. O GATO PARECIA SUBNUTRIDO E ELIN QUESTIONOU-SE SOBRE AS HIPÓTESES DE SOBREVIVÊNCIA DO ANIMAL. MAS O PASTOR RETRIBUIU-LHE CALMAMENTE O OLHAR.

— MÄRTA TEM BOM OLHO PARA GATOS — DISSE, COÇANDO O GATINHO POR DETRÁS DA ORELHA. — EU TAMBÉM TERIA ESCOLHIDO ESTE.

A MENINA LANÇOU AO PASTOR UM OLHAR QUE ELIN NÃO VIA DESDE QUE O INFORTÚNIO AS ATINGIRA, E SENTIU UM APERTO NO CORAÇÃO. APENAS PER RECEBERA AQUELES OLHARES DE MÄRTA. MAS TALVEZ HOUVESSE EM PREBEN ALGUMA COISA QUE LHE LEMBRAVA O PAI. UMA BONDADE NO OLHAR QUE ACALMAVA E INSPIRAVA CONFIANÇA.

— VOU CHAMAR-LHE VIOLA — DISSE MÄRTA. — PORQUE A VIOLETA É A MINHA FLOR PREFERIDA.

— UMA EXCELENTE ESCOLHA — ASSENTIU PREBEN.

OLHOU PARA ELIN. AMBOS ESPERAVAM QUE NÃO VIESSE A REVELAR-SE UM MACHO.

— A MÄRTA QUER APRENDER A LER — DISSE PREBEN, ACARICIANDO-LHE O CABELO LOURO. — O SACRISTÃO DÁ LIÇÕES ÀS CRIANÇAS DUAS VEZES POR SEMANA.

— NA VERDADE, NÃO SEI SE HAVERÁ ALGUMA VANTAGEM NISSO — DISSE ELIN.

SE HAVIA ALGUMA COISA QUE A VIDA LHE ENSINARA ERA QUE AS MULHERES FAZIAM MELHOR EM NÃO DAR NAS VISTAS E EM EVITAR ALBERGAR ESPERANÇAS EXCESSIVAS. A DESILUSÃO ERA TUDO O QUE PODIAM ESPERAR NA VIDA.

— A MÄRTA DEVE CONSEGUIR LER O CATECISMO — DISSE PREBEN, E ELIN SENTIU-SE ENVERGONHADA.

COMO PODIA OPOR-SE A UM ARGUMENTO DAQUELES? SE O PASTOR PENSAVA QUE ERA APROPRIADO OU MESMO ACONSELHÁVEL QUE A FILHA APRENDESSE A LER, QUEM ERA ELA PARA LEVANTAR OBJEÇÕES?

— NESSE CASO, A MÄRTA PODE FREQUENTAR AS AULAS — DISSE, INCLINANDO A CABEÇA.

ELIN NUNCA APRENDERA A LER. CONSEGUIA LIDAR COM AS PERGUNTAS SUCESSIVAS DO CATECISMO PORQUE APRENDERA TUDO DE COR.

— BEM, ENTÃO ESTÁ DECIDIDO — AFIRMOU PREBEN, RADIANTE, DANDO UMA ÚLTIMA PALMADINHA NA CABEÇA DE MÄRTA.

LEVANTOU-SE E SACUDIU O FENO DAS CALÇAS. ELIN TENTOU NÃO OLHAR. ALGUMA COISA NAQUELE HOMEM A ATRAÍA, E SENTIA-SE ENVERGONHADA SÓ DE OUSAR DEIXAR TAL PENSAMENTO AFLORAR-LHE A MENTE. PREBEN ERA O MARIDO DA IRMÃ E O PASTOR DA PARÓQUIA. SENTIR ALGO MAIS DO QUE GRATIDÃO E REVERÊNCIA POR UM HOMEM ASSIM ERA UM PECADO PELO QUAL MERECEIA O CASTIGO DE DEUS.

— É MELHOR EU VOLTAR PARA AJUDAR BRITTA COM OS PREPARATIVOS, ANTES QUE DÊ UM RASPANETE DOS GRANDES À CRIADAGEM — DISSE ELE ALEGREMENTE. ENTÃO VIROU-SE PARA MÄRTA. — AGORA TOMA CONTA DE VIOLA. TENS BOM OLHO PARA AQUELES QUE PRECISAM DE UMA MÃO AMIGA.

— OBRIGADA — DISSE MÄRTA, OLHANDO PARA PREBEN COM TAL ADORAÇÃO QUE ELIN SENTIU O CORAÇÃO DERRETER-SE-LHE NO PEITO.

E DOER-LHE AO MESMO TEMPO. AS SAUDADES DO MARIDO ASSALTARAM-NA COM TANTA FORÇA QUE TEVE DE SAIR DALI. AO OUVIR OS PASSOS DE PREBEN A AFASTAREM-SE, ELIN BANIU AS RECORDAÇÕES DA MENTE. PER ESTAVA MORTO. QUANTO A ISSO NÃO HAVIA NADA A FAZER. AGORA ELA E MÄRTA SÓ SE TINHAM UMA À OUTRA. E A VIOLA.

*

– HOJE É UM DIA MUITO TRISTE – disse Patrik, olhando para todos os colegas na sala de reuniões.

Ninguém reagiu, ninguém olhou para Patrik, que calculou que, tal como ele, todos pensavam nos filhos. Ou nos netos.

– Bertil e eu vamos cancelar as férias e licenças de todos. A partir deste momento, estamos todos ao serviço – afirmou. – Espero que compreendam.

– Acho que posso falar em nome de todos: mesmo que quisesses, não conseguirias manter-nos afastados – disse Paula.

– Já calculava – disse Patrik, comovido pela reação dos colegas. Até Mellberg estava ansioso por trabalhar.

– Quer dizer que conseguem resolver as questões práticas? Sei que alguns têm filhos que estão de férias.

O olhar de Patrik deteve-se em Martin.

– Os pais de Pia tomam conta de Tuva.

– Ótimo – disse Patrik.

Na ausência de outras intervenções, assumiu que também Paula e Annika tivessem tudo resolvido em casa. A morte de uma criança era uma prioridade absoluta. Era necessária a colaboração de todos e Patrik sabia que os esperavam muitas horas de trabalho pela frente.

– Gösta, como estão os pais da criança? – perguntou, sentando-se numa cadeira ao lado do quadro branco.

– Bem, não é difícil imaginar – respondeu Gösta, pestanejando várias vezes. – O Pastor foi lá a casa e também chamei o médico. Quando saí, ambos tinham tomado um sedativo para os ajudar a dormir.

– Não têm familiares que lhes possam fazer companhia? – perguntou Annika, que tinha uma família grande e estava habituada a ter uma data de pessoas disponíveis para ajudar quando havia algum problema grave.

– Os pais de Eva já morreram e os de Peter vivem em Espanha, mas estão num avião a caminho da Suécia. Devem chegar daqui a algumas horas.

– Que te disse o Torbjörn? Como está a correr o trabalho deles? – perguntou Martin enquanto alcançava o termo que Annika tinha enchido de café antes de a reunião começar.

– O corpo da menina está a caminho de Gotemburgo, para a autópsia – respondeu Patrik em voz baixa.

Nunca mais ia conseguir apagar a memória do pequeno corpo de Nea a ser retirado de debaixo do tronco. Os animais selvagens não tinham conseguido alcançá-la no buraco onde jazia, porém, quando a retiraram, saíram de lá uma data de insetos. As imagens faiscaram-lhe em rápida sucessão na retina; sabia que todas as noites, no futuro próximo, ao fechar os olhos, voltaria a ver a mesma sequência. Já tinha assistido a autópsias e conhecia demasiado bem o processo. Não queria imaginar a menina nua e exposta na mesa de aço inoxidável. Não queria saber onde Pedersen lhe faria as incisões, como lhe removeria os órgãos, nem em como tudo o que em tempos lhe dera vida seria pesado e medido. Não queria saber como os pontos lhe desenhariam depois um grande «Y» no peito.

– Como correu tudo no local do crime? – perguntou Gösta. – Encontraram alguma coisa com interesse?

Patrik estremeceu e tentou afastar da mente as visões de Nea na mesa de autópsias.

– Os forenses recolheram muito material, mas ainda não sabemos se vai servir para alguma coisa.

– Que género de coisas encontraram? – quis saber Martin.

– Pegadas, mas podem muito bem ser dos homens que a encontraram ou das equipas de busca anteriores. Toda a gente que esteve envolvida nas buscas teve de deixar as suas pegadas. Algum de vocês procurou naquela área? Porque, nesse caso, as vossas pegadas também são precisas.

– Não, a área onde a criança foi encontrada não foi atribuída a nenhum de nós – respondeu Gösta, servindo-se de uma chávena de café.

– Okay, pegadas e que mais? – perguntou Paula.

– Não sei ao certo. Só reparei que estavam a pôr muita coisa em sacos de plástico, mas só vou saber os pormenores quando o relatório do Torbjörn chegar. Normalmente não revela nenhuma informação antes de ter oportunidade de examinar o material recolhido com atenção.

Mellberg levantou-se e aproximou-se de uma das janelas.

– Porra, está aqui um calor do caracas!

Repuxou a gola da camisa como se não conseguisse respirar. Tinha grandes manchas de suor debaixo dos braços e o ninho de cabelo no topo da cabeça escorregara-lhe para uma orelha. Abriu a janela. O ruído do trânsito era um pouco irritante, mas ninguém protestou quando o ar fresco entrou na sala sufocante. A mascote da esquadra, o cão *Ernst*, que até àquele momento estivera

a arfar aos pés de Mellberg, levantou-se e dirigiu-se vagarosamente à janela para cheirar o ar.

– Quer dizer que o Torbjörn não te adiantou nada? – perguntou Paula.

Patrik abanou a cabeça.

– Não, temos de esperar pelo relatório preliminar dele. Depois tenho de ver com Pedersen daqui a quanto tempo teremos o relatório da autópsia. Infelizmente, acho que a fila é muito comprida, mas vou falar com ele para ver o que pode fazer.

– Tu estiveste presente. No local do crime. Reparaste em alguma coisa? – insistiu Paula. – Alguma coisa no cadáver, ou...

Martin fez uma careta.

– Não, e não há nenhum motivo para começar a fazer suposições antes de Pedersen ter tido tempo de examiná-lo.

– Há suspeitos óbvios? – perguntou Martin, tamborilando com uma caneta no tampo da mesa. – O que sabemos dos pais da menina? Não seria a primeira vez que os pais matam os filhos e depois tentam fazer crer que foi outra pessoa.

– Não, neste caso custa-me a acreditar nisso – disse Gösta, pousando a chávena na mesa com tanta força que o café se entornou.

Patrik ergueu a mão.

– De momento, não temos motivos para acreditar que os pais da Nea estejam de alguma forma envolvidos. Mas o Martin tem razão quando diz que ainda não podemos excluir essa possibilidade. Temos de conversar com os pais o quanto antes, quer para descobrir se têm um álibi, quer para ver se têm informações que nos possam ajudar na investigação. Mas estou inclinado a concordar com o Gösta. Nesta fase, não há nada que aponte na direção dos pais.

– Como a menina estava nua, talvez devêssemos verificar se foram avistados pedófilos na zona da quinta – sugeriu Paula.

O silêncio instalou-se na sala. Ninguém queria pensar nas implicações reais daquela sugestão.

– Receio que tenhas razão – disse Mellberg passado um tempo. – Mas como sugeres que atuemos?

Continuava a suar em bica e a arfar tanto como *Ernst*.

– Neste momento estão cá milhares de turistas – prosseguiu. – É impossível saber se há agressores sexuais ou pedófilos entre eles.

– Pois, isso é verdade. Mas podemos investigar as denúncias de presumíveis agressores sexuais que possam ter aparecido por cá durante o verão. Na semana

passada não apareceu para aí uma senhora a queixar-se de um tipo que andava a fotografar crianças na praia às escondidas?

– Sim – assentiu Patrik. – Fui eu que tomei conta dessa ocorrência. Boa ideia. Annika, podes rever todas as queixas que nos chegaram a partir de maio? Separa tudo o que te possa parecer interessante. Passamos depois tudo a pente fino.

– Eu trato disso – afirmou a secretária, tomando nota num bloco.

– Temos de falar sobre a questão que estamos todos a tentar evitar – disse Paula, servindo-se de outro café do termo. O aparelho começou a piscar, sinal de que estava quase vazio, e Annika levantou-se para voltar a enchê-lo. O café era o combustível que os mantinha a todos a funcionar.

– Sim, percebo o que queres dizer – disse Patrik, que parecia algo desconfortável. – O caso Stella. Helen e Marie.

– Sim – disse Gösta. – Embora já estivesse a trabalhar aqui há trinta anos, infelizmente não me recordo de todos os pormenores da investigação. Passou muito tempo; além disso, o Leif incumbiu-me de tratar dos assuntos rotineiros enquanto se ocupava da investigação e dos interrogatórios. Mas lembro-me de como toda a vila ficou chocada quando a Helen e a Marie, que primeiro tinham assumido ter morto Stella, acabaram por retratar-se. Na minha opinião, não pode ser uma coincidência a Nea ter desaparecido da mesma quinta e ter sido encontrada no mesmo sítio. Ou o facto de acontecer na altura em que Marie regressa pela primeira vez passados trinta anos.

– Concordo – disse Mellberg. – Temos de falar com ambas. Embora eu ainda não estivesse cá quando isso aconteceu, ouvi falar muito do caso, e sempre pensei que era realmente horrível que raparigas tão novas pudessem ter matado uma criança.

– No entanto, há anos que reclamam estar inocentes – disse Paula.

Mellberg resfolegou.

– Sim, mas primeiro confessaram. Porquê? Nunca duvidei de que tivessem sido elas a matar a miúda. E não é preciso ser-se um Einstein para somar dois mais dois quando tudo volta a acontecer, agora que, pela primeira vez passados trinta anos, estão de novo juntas.

– Temos de ter o cuidado de não tirar conclusões precipitadas – disse Patrik. – Mas concordo, acho que devíamos conversar com elas.

– Para mim é claro como o sol – disse Mellberg. – Marie regressa, Helen e Marie juntam-se. Há um novo homicídio.

Annika voltou com o termo cheio de café.

– Perdi alguma coisa?

– Só constatámos a necessidade de ter em conta eventuais semelhanças com o caso Stella – disse Patrik. – E também de interrogar a Helen e a Marie – Patrik olhou para o quadro branco. – Annika, podes tentar encontrar os registos dos interrogatórios e as restantes notas e pistas relacionadas com o caso? Provavelmente será difícil, tendo em conta a desordem em que está o arquivo, mas pelo menos tenta.

Annika assentiu e voltou a tomar nota no bloco.

Patrik permaneceu em silêncio por alguns segundos, a refletir sobre a oportunidade de dizer aquilo, porém, mesmo que tivesse ficado calado, o assunto acabaria por vir à baila noutro contexto qualquer e depois seria criticado por não ter dito nada.

– A propósito do caso Stella... – disse, deixando a frase pendente. Então ganhou outra vez balanço. – Ora bem, o que acontece é que a Erica começou a trabalhar no próximo livro. E... decidiu escrever sobre esse caso.

Mellberg endireitou-se na cadeira.

– Terá de esperar um pouco – disse ele. – Já tivemos problemas suficientes com a tua mulher, que anda constantemente a intrometer-se nas nossas investigações. Isto é um caso de polícia, não é um assunto para civis sem formação nem experiência de trabalho policial.

Patrik teve de abster-se de sublinhar que Erica fora sem sombra de dúvida muito mais útil do que Mellberg na resolução dos últimos casos importantes. Sabia que de nada adiantaria ofender o superintendente. Mellberg depositava enorme fé no seu talento, embora fosse o único a pensar assim. Patrik tinha aprendido a contorná-lo em vez de trabalhar com ele. Na verdade, também sabia, por experiência própria, que não valia a pena dizer a Erica para se manter afastada do caso Stella. Quando a mulher começava a investigar, não descansava até ter resposta para todas as perguntas. Por outro lado, não era necessário dizer isso aos colegas, pois apercebeu-se de que era claro para todos, exceto para Mellberg.

– Claro – disse. – Vou avisá-la. Mas a Erica já teve tempo para pesquisar bastante, por isso pensei que podíamos considerá-la um recurso útil para obter informações. Que diriam se eu lhe pedisse que viesse cá hoje à tarde para nos expor o que sabe sobre o caso?

– Acho que é uma ótima ideia – disse Gösta, e todos exceto Mellberg assentiram em sinal de concordância.

Mas até o superintendente sabia quando estava em minoria e acabou por murmurar:

– Pronto, está bem.

– Ótimo, vou falar com a Erica assim que terminarmos a reunião – disse Patrik. – Gösta, se calhar podes acrescentar os pormenores de que te recordas da investigação.

Gösta assentiu. O sorriso desmaiado indicava que não se recordava de muita coisa.

– Bem, que mais há na lista de coisas a fazer? – perguntou Patrik.

– A conferência de imprensa – disse Mellberg, parecendo logo mais animado.

Patrik franziu a testa, mas sabia que tinha de escolher as batalhas.

Mellberg podia encarregar-se da conferência de imprensa. Restava agora fazer figas e esperar que o superintendente não prejudicasse a investigação.

– Annika, podes marcá-la para esta tarde?

– Claro – respondeu a secretária, tomando notas. – Antes ou depois da visita de Erica?

– Vamos fazê-la antes – disse Patrik. – Por volta das duas. Vou pedir à Erica para vir cá por volta das três e meia.

– Eu convoco os média para as duas. Não param de telefonar, por isso fico contente por poder finalmente dizer-lhes alguma coisa.

– Devemos todos ter em mente que o caso vai transformar-se num circo mediático – disse Patrik.

Mexeu-se na cadeira. Ao contrário de Mellberg, que gostava de ser o centro das atenções, considerava o interesse dos média um mero obstáculo para as investigações. Em raras ocasiões, no entanto, a cobertura mediática podia gerar informações importantes por parte da população, porém era mais frequente os efeitos positivos serem eclipsados pelos negativos.

– Estejam descansados, eu trato disso – afirmou Mellberg, recostando-se na cadeira com satisfação. *Ernst* deitara-se novamente sobre os pés de Mellberg, que apesar de provavelmente sentir que tinha umas meias quentes de lã calçadas, o deixou estar. Erica dizia sempre que o amor por aquele cão enorme e peludo era uma das poucas qualidades de Bertil Mellberg.

– O importante é medir cuidadosamente cada palavra – disse Patrik, bem ciente do hábito de Mellberg de tagarelar livremente e sem censura, completamente alheio às consequências.

– Lembrem-se de que tenho grande experiência nas relações com os média. Quando estava em Gotemburgo...

– Excelente – interrompeu-o Patrik. – Então o Bertil tratará disso. Mas o que lhe parece de fazermos antes um apanhado do que queremos enfatizar e do que

não queremos divulgar?

Mellberg fez um ar ofendido.

– Estava eu a dizer que, quando estava em Gotemburgo...

– Como distribuímos as outras tarefas? – perguntou Martin para interromper a tirada de Mellberg.

Patrik virou-se para o colega com gratidão.

– Eu falo com o Torbjörn e com o Pedersen para tentar saber quando podemos esperar mais informações.

– Eu falo com os pais da Nea – disse Gösta –, mas antes estava a pensar ir falar com o médico para saber como estão.

– Queres que alguém te acompanhe? – perguntou Patrik. Nem queria imaginar o que Eva e Peter deviam estar a passar.

– Não, eu trato disso sozinho, assim podemos utilizar os outros recursos noutras coisas.

– Posso falar com as raparigas condenadas pelo homicídio da Stella – sugeriu Paula. – Ou antes, as «mulheres», uma vez que já não são raparigas.

– Vou contigo – disse Martin, erguendo a mão como um aluno.

– Ótimo – assentiu Patrik. – Mas espera que a Erica venha cá para completarmos um pouco as escassas informações que temos. Aproveitem o tempo que falta para irem bater às portas dos habitantes na zona da quinta. Quando se vive num sítio isolado como aquele, tem-se tendência para reparar em tudo o que se desvie da rotina e nas pessoas estranhas que apareçam por lá, por isso acho que vale a pena tentar.

– Okay – disse Paula. – Vamos falar com os vizinhos mais próximos.

– Eu fico aqui a defender o forte – disse Patrik. – O telefone toca constantemente e tenho de fazer o ponto da situação da investigação antes da conferência de imprensa.

– E eu tenho de preparar-me – disse Mellberg, levando a mão ao cocuruto da cabeça para pôr o ninho de cabelo no devido lugar.

– Bem, temos muito que fazer – concluiu Patrik, dando a entender que a reunião terminara.

A pequena sala de conferências estava agora tão quente e sufocante que era difícil respirar. Mal podia esperar para sair dali e suspeitava de que os colegas sentiam o mesmo.

A primeira coisa que fez foi ligar a Erica. Não estava convencido de que fosse boa ideia envolvê-la nas investigações, porém, também sabia que não tinham

alternativa. Com um pouco de sorte, a mulher podia ter informações que os ajudassem a encontrar o assassino de Nea.

Apesar de todos os anos de treino, o primeiro quilómetro era sempre pesado. Depois, tudo era mais fácil. Helen sentiu o corpo a reagir e a respiração a tornar-se mais regular.

Tinha começado a correr depois do fim do longo processo. No primeiro dia correu cinco quilómetros para expulsar toda a frustração acumulada no corpo. Os passos a martelar o cascalho, o vento a soprar-lhe no cabelo, os ruídos à sua volta – eram as únicas coisas capazes de silenciar o resto do mundo.

Aos poucos, aumentara a distância e ficara cada vez mais em forma. Ao longo dos anos tinha participado em mais de trinta maratonas. Mas apenas na Suécia. Sonhava com as maratonas de Nova Iorque, de Sydney e do Rio de Janeiro, mas já era muito bom que James a deixasse correr no país natal.

Só lhe tinha concedido a possibilidade de cultivar aquele interesse pessoal e de dedicar algumas horas por dia à corrida porque apreciava a disciplina inerente ao desporto. O facto de correr dezenas de quilómetros todas as manhãs, de a mente conseguir levar a melhor sobre os limites do corpo, era a única coisa que James respeitava nela. Mas Helen nunca conseguiria explicar aos outros que, quando corria, tudo o que acontecera desaparecia, tornando-se desfocado e distante como um sonho longínquo.

Através da visão periférica viu a casa construída no terreno onde em tempos se erguera a casa de infância de Marie. Quando Helen regressara a Fjällbacka, a nova casa já estava lá. Os pais tinham decidido mudar-se para Marstrand imediatamente depois da tragédia. A mãe, Harriet, não suportava as conversas, as coscuvilhices, os olhares furtivos e os murmúrios dos habitantes locais.

James e o pai de Helen, KG, encontraram-se muitas vezes antes da morte de KG. Às vezes, Helen e Sam acompanhavam James nas visitas a Marstrand, mas apenas para que Sam pudesse conviver com os avós maternos. Helen não tinha o mais pequeno desejo de ver os pais. Tinham-na abandonado quando mais precisara deles e nunca lhes perdoaria.

Começava a sentir as pernas pesadas e lembrou a si própria que tinha de corrigir a passada. Como acontecia com tantas outras coisas, tivera de lutar para conseguir uma boa passada. Nunca alcançara nada com naturalidade.

Não, estava a mentir a si própria. Antes daquele dia, a vida fora fácil. Então ainda eram uma família. Não conseguia recordar-se de quaisquer problemas ou obstáculos, apenas de dias luminosos de verão e do perfume agradável da mãe

quando a aconchegava à noite, antes de dormir. E do amor. Lembrava-se do amor.

Aumentou a velocidade para afugentar os pensamentos. Todos aqueles pensamentos que normalmente eram apagados pela corrida. Porque teriam reaparecido? Teria de abdicar até daquelas tréguas temporárias? Seria possível que o regresso de Marie tivesse arruinado tudo?

Sentia a cada respiração que as coisas tinham mudado. Faltava-lhe o ar e acabou por se ver obrigada a parar. Tinha as pernas tensas e o corpo fraco por causa do ácido láctico. Pela primeira vez o corpo levava a melhor sobre a vontade.

Helen não se apercebeu de que estava a cair até aterrar no chão.

*

Bill percorreu com o olhar o restaurante do hotel e centro de conferências TanumStrand. Só tinham aparecido cinco pessoas. Viu cinco rostos cansados. Sabia que tinham andado a procurar Nea durante toda a noite. Pelo caminho, conversara com Gun sobre isso, interrogando-se se deviam ou não adiar a reunião, mas Bill estava convencido de que era exatamente aquilo que era preciso naquele momento.

No entanto, não previra que estariam presentes apenas cinco pessoas.

Rolf providenciara para que numa mesa houvesse um termo com café e sanduíches recheadas de queijo e chouriço, e Bill já se servira. Bebeu um pouco de café enquanto, na cadeira ao lado, Gun bebericava o seu.

Desviou o olhar dos rostos exaustos e viu Rolf, de pé junto à entrada do restaurante.

– Tratas tu das apresentações? – perguntou.

Rolf assentiu.

– Aqui está o Karim, que veio com a mulher e os dois filhos. Era jornalista em Damasco. Depois temos o Adnan e o Khalil, respetivamente com dezasseis e dezoito anos. Vieram para a Suécia sozinhos e conheceram-se no centro de acolhimento. E aqui temos o Ibrahim, o mais velho do grupo. – Rolf começou a falar em inglês: – Quantos anos tens, Ibrahim?

O homem sentado ao lado de Rolf tinha uma barba comprida. Ergueu cinco dedos e sorriu.

– Cinquenta – respondeu, também em inglês.

– Isso, Ibrahim tem cinquenta anos e viajou para a Suécia com a mulher. Por fim temos o Farid, que veio com a mãe.

Bill acenou com a cabeça na direção do homem com a cabeça rapada e um corpo enorme que Rolf indicara. Parecia estar na casa dos trinta e, a julgar pelo porte, passava grande parte do tempo a comer. Com alguém que parecia pesar pelo menos o triplo dos outros podia haver alguma dificuldade na distribuição de peso num veleiro, mas para tudo havia uma solução. Era preciso ser-se positivo. Se assim não fosse nunca teria sobrevivido quando o barco se virou ao largo da costa da África do Sul e Bill deu por si rodeado de enormes tubarões brancos.

– E eu chamo-me Bill – disse, falando pausada e claramente. – Falarei convosco o máximo possível em sueco.

Bill e Rolf tinham chegado à conclusão de que era o melhor. Dessa forma os refugiados aprenderiam o idioma com mais facilidade e conseguiriam inserir-se mais rapidamente na sociedade.

Todos olharam para Bill com ar interrogativo, exceto Farid que, apesar de falar com sotaque estrangeiro, empregava um sueco razoavelmente aceitável:

– Sou o único que compreende suficientemente o sueco. Estou cá há mais tempo do que todos os outros e estudei bastante, mesmo muito. Talvez possa ajudar a traduzir um pouco no princípio, para que os rapazes consigam perceber, não?

Bill assentiu. Parecia sensato. Até os suecos teriam dificuldade em aprender todos aqueles termos específicos da vela na própria língua materna. Farid depressa começou a falar em árabe, explicando o que Bill tinha dito. Os outros assentiram.

– Tentamos... compreender... sueco... e aprender – disse o homem que se chamava Karim.

– Ótimo! Excelente! – disse Bill, erguendo o polegar em sinal de aprovação. – Todos sabem nadar?

Deu algumas braçadas no ar e Farid repetiu a pergunta em árabe. Os cinco homens conversaram rapidamente uns com os outros e foi de novo Karim a responder, procurando as palavras em sueco.

– Sim... por isso é que vamos fazer corrida. Senão, não.

– Como foi que aprenderam? – perguntou Bill, aliviado, mas admirado. – Costumam ir à costa com frequência?

Farid traduziu imediatamente, suscitando algumas gargalhadas.

– Sabe que nós também temos piscinas – disse com um sorriso.

– Ah, sim, claro.

Bill sentiu-se estúpido. Não se atreveu a olhar para Gun, sentada ao lado dele, embora a tenha ouvido tentar abafar o riso. Precisava mesmo de ler alguma coisa

sobre a Síria para evitar voltar a fazer figura de ignorante. Já visitara muitos cantos do mundo, mas o país deles era um espaço em branco no mapa.

Pegou noutra sanduíche. A camada de manteiga era muito espessa, mesmo como gostava.

Karim ergueu a mão e Bill assentiu.

– Quando... quando começar?

Karim acrescentou algo em árabe e Farid interveio:

– Quando começamos a velejar?

Bill abriu os braços.

– Não há tempo a perder: a regata de Dannholmen é daqui a algumas semanas, por isso começamos amanhã! Rolf vai dar-vos boleia para Fjällbacka e às nove saímos. Levem roupa quente. Quando há vento, no mar faz mais frio do que em terra.

Depois de Farid traduzir, Bill viu que ficaram pouco à vontade, mas olhou-os com ar encorajador e lançou-lhes um sorriso que esperava ser suficiente para os convencer. Tudo correria bem, mesmo muito bem. Não havia problemas. Estava tudo bem.

*

– Obrigada por teres tomado conta dos miúdos durante este tempo – disse Erica, sentando-se à frente de Anna no alpendre em construção.

Aceitara agradecida a oferta de um *iced tea* gelado. O calor era opressivo e com o ar condicionado do carro avariado parecia que tinha andado a vaguear quarenta dias no deserto. Pegou no copo e esvaziou-o de um trago. Anna riu-se e voltou a encher-lho. Agora que já matara a sede já podia beber com mais calma.

– Correu tudo muito bem – disse. – Portaram-se tão bem que nem os ouvi.

Erica sorriu.

– Tens a certeza de que estás a falar dos meus filhos? Maja é bastante dócil, mas não consigo reconhecer as duas pestinhas nessa descrição.

Erica estava a falar a sério. Quando os gémeos eram mais pequenos, eram muito diferentes um do outro. Anton era mais calmo e introvertido, ao passo que Noel nunca parava quieto e andava sempre a fazer traquinices. Nos últimos tempos, porém, tinham entrado ambos numa fase em que pareciam ter uma reserva inesgotável de energia que a deixava totalmente de rastos. Maja nunca atravessara um período do género. Nem sequer fizera grandes birras quando era pequena, por isso Erica e Patrik não estavam preparados para enfrentar aquela

fase, ainda para mais multiplicada por dois. Erica gostaria imenso de deixar os filhos com Anna o resto do dia, mas a irmã parecia tão exausta que não teve coragem de lhe pedir mais nada.

– Como correu? – perguntou Anna, recostando-se na almofada garrida com sóis da espreguiçadeira.

Anna detestava olhar para aquelas almofadas sempre que se sentava no alpendre, mas tinham sido feitas pela mãe de Dan, uma mulher tão simpática que Anna não tinha coragem de substituí-las. Erica tinha sorte a esse respeito: Kristina, a mãe de Patrik, definitivamente não era dada a lances.

– Bem, não fiz grandes progressos – respondeu Erica com ar desiludido. – A senhora não se lembra de grande coisa. Leif, o pai, morreu há muito tempo e parece que não guardou nenhum material relativo à antiga investigação. Mas disse uma coisa interessante: que Leif começara a duvidar de terem sido elas.

– Queres dizer que afinal achava que as raparigas não eram culpadas? – perguntou Anna, enxotando um moscardo.

Erica ficou de olho no inseto. Detestava vespas, moscardos e toda a bicharada do género.

– Hã, hã. Disse que não estava convencido, sobretudo perto do fim da vida.

– Mas as raparigas confessaram, não foi? – perguntou Anna, batendo com a mão no moscardo, que ficou apenas um pouco atordoado e continuou a atacá-la assim que recuperou. – Que raio, desaparece! – Levantou-se, pegou numa revista que estava em cima da mesa, enrolou-a e bateu no moscardo, esmagando-o contra a toalha de mesa encerada.

Erica fez um sorrisinho ao ver a irmã mais nova em estado avançado de gravidez a caçar o moscardo. Não era uma tarefa fácil.

– Ri-te, vá – disse Anna, irritada, limpando a testa suada e voltando a sentar-se. – Onde íamos? Ah, pois: as raparigas não tinham confessado?

– Sim, claro, e foi por causa dessa confissão que as declararam culpadas. Como eram muito novas, não foi proferida nenhuma sentença, mas o tribunal emitiu uma declaração a sublinhar a culpabilidade de ambas.

– E se estivessem *mesmo* inocentes? – perguntou Anna, olhando fixamente para Erica. – Isso seria uma tragédia. Duas miúdas de treze anos com a vida arruinada. Mas uma delas ainda mora cá, não é? Bem, lá corajosa é ela.

– Sim, voltou para cá depois de ter vivido durante alguns anos em Marstrand. Imagina o que as pessoas não devem ter dito dela de início. Deve ter sido um inferno. Mas passado algum tempo, o falatório acabou por esmorecer.

– Já estiveste com ela? Por causa do livro?

– Não, enviei-lhe vários pedidos de entrevista, mas não recebi nenhuma resposta. Por isso estou a pensar ir visitá-la para ver se aceita falar comigo.

– De que forma achas que o teu trabalho no livro será influenciado pelo que aconteceu? – perguntou Anna em voz baixa. – Quer dizer, com o que aconteceu à criança.

Erica telefonara à irmã a contar-lhe o que tinha acontecido a Nea logo que soube que o cadáver fora encontrado. A notícia da morte da menina começaria a espalhar-se pela comunidade num piscar de olhos.

– Não sei bem – respondeu Erica, hesitante, pegando no jarro e deitando mais *iced tea* no copo. – Talvez as pessoas estejam mais propensas a falar agora, ou então é o oposto. Não vou demorar muito a descobrir.

– E a Marie, a nossa glamorosa estrela de Hollywood? Estará disposta a deixar-se entrevistar?

– Já estou em contacto com a relações públicas dela há seis meses. Acho que está a tentar fazer com que publiquem o seu próprio livro e não tem a certeza se o meu pode vir a ajudar ou a prejudicar as vendas. Mas, independentemente disso, também vou fazer-lhe uma visita.

Anna olhou-a de esguelha. Erica sabia que, para a irmã, a simples ideia de contactar com pessoas desconhecidas e tentar convencê-las a falar era um pesadelo.

– E se falássemos de alguma coisa mais agradável? – perguntou. – Temos de organizar uma despedida de solteira à Kristina.

– Sim, claro. – Anna riu-se tanto que a barriga abanou. – Mas que será que se faz quando a noiva já não está propriamente... na flor da idade? Aquelas brincadeiras tradicionais, como pô-la a vender beijos num quiosque, parecem um pouco inadequadas, já para não falar em paraquedismo ou *bungee jumping*.

– Sim, realmente não estou a ver Kristina a fazer nada disso – concordou Erica. – Podemos simplesmente reunir um grupo de amigas dela e passarmos um serão agradável juntas, não? Que tal um jantar no Café Bryggan? Boa comida e bom vinho. Não é preciso nada mais complicado.

– Parece-me boa ideia – disse Anna. – Mas acho que podíamos organizar um rapto a fingir, ou uma coisa desse género.

Erica assentiu.

– Claro, senão não é uma despedida de solteira como deve ser! Já agora, quando é que o Dan vai fazer de ti uma mulher respeitável?

Anna corou.

– Então, já viste o estado em que estou? Decidimos esperar que o bebé nasça antes de pensarmos no casamento.

– Então e quando é que achas que... – começou a dizer Erica, mas foi interrompida pelo toque *Mambo N.º 5*.

– Olá meu amor – disse ao ver o nome no ecrã do telemóvel. Ouviu Patrik e respondeu com alguns comentários breves. – Sim, claro, não te preocupes, eu trato dos miúdos. Até logo.

Desligou e enfiou o telemóvel na mala. Depois olhou para Anna. Sabia que pedir à irmã para tomar outra vez conta dos filhos era demasiado, mas não tinha alternativa. Kristina ia passar a tarde toda em Uddevalla, por isso não podia pedir-lhe.

– Pronto, eu tomo conta deles. Quanto tempo ficas fora? – perguntou Anna, rindo-se ao ver a expressão envergonhada da irmã.

– Posso trazer-tos por volta das três? O Patrik pediu-me para ir à esquadra falar sobre o caso Stella às três e meia. Ou seja, devo voltar por volta das cinco, cinco e meia. Pode ser?

– Tudo bem – respondeu Anna. – Os teus filhos portam-se melhor comigo do que contigo.

– Para com isso – disse Erica, atirando-lhe um beijo.

Mas sem dúvida que a irmã tinha alguma razão. Os filhos tinham-se portado como anjinhos.

*

– De que achas que têm medo?

Sam apercebeu-se de que tinha começado a arrastar a voz. A combinação de sol e champanhe tinha-lhe subido à cabeça. Segurava o copo na mão esquerda, porque a direita estava dorida depois da sessão de tiro ao alvo matinal.

– Medo? – perguntou Jessie.

Também estava a arrastar as palavras. Já tinha bebido vários copos antes de Sam chegar e agora iam na segunda garrafa.

– Será que a tua mãe não vai reparar que faltam garrafas? – perguntou Sam, assinalando as garrafas com o copo.

Os raios de sol faziam cintilar as bolhas amarelas. Nunca pensou que o champanhe fosse tão bonito, mas não era estranho, pois nunca o tinha visto de perto.

– Oh, não te preocupes. Está-se nas tintas! – disse Jessie, abanando a cabeça. – Se tiver o suficiente para ela, não se importa.

Pegou na garrafa.

– Mas que queres dizer com medo? Não me parece que tenham medo de nós.

– Claro que têm, porra – disse Sam, estendendo o copo.

A espuma atingiu o topo e transbordou, mas Sam limitou-se a rir e lambeu a mão.

– Sabem que não somos como eles. Sentem... conseguem sentir as trevas que temos dentro de nós.

– As trevas?

Jessie observou-o em silêncio. Sam adorava o contraste entre os olhos verdes e o cabelo claro dela. Ele gostava tanto que ela percebesse como era bela. Conseguia ver para lá dos quilos a mais, para além das borbulhas. Quando reparara em Jessie, no quiosque central, reconhecera-se nela. Sabia que ambos sofriam da mesma perturbação. E vira nela as mesmas trevas.

– Sabem que os odiamos. Veem o ódio que já provocaram em nós, mas não conseguem parar e insistem, continuam a fomentar algo que depois não conseguirão controlar.

Jessie deu uma risadinha.

– Meu Deus, que palavras tão pretensiosas. *Skål*! Aqui estamos nós, sentados ao sol no cais ao lado de uma vivenda toda chique, a beber champanhe e a gozar a porra da vida.

– Tens razão – quando os copos se tocaram, Sam sorriu. – Estamos mesmo a gozar a vida, porra.

– Porque merecemos – disse Jessie, tropeçando nas palavras. – Tu e eu. Porra, merecemos mesmo. Somos melhores do que eles. Comparados connosco, não são nada.

Ergueu o copo com tanto ímpeto que metade do champanhe se entornou e lhe caiu na barriga nua.

– *Ups* – disse, dando outra risadinha.

Esticou-se para pegar numa toalha, mas Sam deteve-a. Olhou em redor. O cais estava resguardado por uma cerca, e os barcos na água bastante distantes. Encontravam-se sozinhos no mundo.

Ajoelhou-se à frente dela. Entre as pernas. Jessie observou-o, excitada. Lentamente, Sam lambeu-lhe o champanhe da pele. Sugou o líquido que tinha ficado no umbigo e depois fez deslizar a língua pela pele aquecida pelo sol. Jessie sabia a champanhe e a suor. Ergueu o olhar para o rosto dela. Sem tirar os

olhos de Jessie, agarrou na parte de baixo do biquíni pelos lados e baixou-o lentamente. Quando começou a beijá-la, sentiu os arquejos de Jessie misturarem-se com os gritos das gaivotas no céu. Estavam sozinhos. Completamente sozinhos no mundo.

¹¹ Expressão utilizada nos países nórdicos para brindar. (*N. do T.*)

O Caso Stella

Antes de entrar na pequena sala de interrogatórios, Leif Hermansson respirou fundo. Helen Persson esperava lá dentro com os pais, KG e Harriet. Leif conhecia-os, bem como todos os que viviam em Fjällbacka, mas apenas de vista. O mesmo não se podia dizer dos pais de Marie Wall. Ao longo dos anos, foram inúmeras as ocasiões em que a polícia de Tanumshede se cruzara com eles.

Leif não gostava de ser o chefe da polícia. Não gostava de supervisionar os outros nem de tomar decisões, mas desempenhara tão bem o seu trabalho que merecidamente fora promovido. Na esquadra de Tanumshede, claro. Tinham-lhe proposto outros cargos, mas rejeitara-os, educadamente mas com firmeza, porque teriam implicado uma transferência. Tinha nascido em Tanumshede e era aí que pretendia ficar até ir desta para melhor.

Eram dias como aquele que faziam com que detestasse ser chefe. A responsabilidade de descobrir um criminoso, homem ou mulher, que matara uma menina, pesava-lhe demasiado nos ombros.

Abriu a porta da sala sombria com paredes cinzentas e deixou que o olhar pousasse por um momento na figura encolhida de Helen, sentada à mesa, antes de acenar com a cabeça a Harriet e a KG, que ladeavam a filha.

– É mesmo necessário termos esta conversa aqui na esquadra? – perguntou KG.

Era o presidente dos Rotários e um dos pesos pesados da comunidade empresarial local. A mulher, Harriet, apresentava-se sempre impecavelmente vestida, com o cabelo bem penteado e as unhas perfeitamente arranjadas. Mas Leif não sabia o que aquela mulher fazia além de tratar da aparência e de participar ativamente na Associação Casa e Escola. Aparecia sempre ao lado de KG em festas e eventos, um sorriso omnipresente nos lábios e um Martini na mão.

– Pensámos que fosse mais fácil virem até cá – respondeu Leif, dando a entender que o assunto estava encerrado.

Era a polícia que decidia como trabalhava, e Leif tinha a sensação de que, se não segurasse as rédeas com firmeza, KG tentaria controlar a situação.

– Faria melhor em falar com a outra rapariga – disse Harriet, compondo a blusa branca bem engomada. – A Marie. Tem uma família horrível.

– Temos de conversar com ambas as raparigas, porque há muitos indícios de terem sido as últimas pessoas a ver Stella com vida.

– Mas a Helen não tem nada que ver com isto. Compreende isso, não é verdade?

KG estava tão indignado que o bigode estremecia.

– Não estamos a dizer que as raparigas têm alguma coisa que ver com a morte da menina, mas foram as últimas a vê-la viva e temos de analisar a cadeia de acontecimentos para conseguirmos encontrar o culpado.

Leif olhou de relance para Helen, que fitava as mãos em silêncio. Tinha o cabelo escuro como a mãe e era bonita, embora não fosse muito vistosa. Tinha os ombros tensos e mexia nervosamente no vestido.

– Helen, podes dizer-me o que aconteceu por palavras tuas? – perguntou suavemente, sentindo com surpresa uma certa ternura pela rapariga.

Tinha um ar tão vulnerável e assustado, e os pais pareciam demasiado focados neles próprios para reparar no terror da filha.

Helen olhou brevemente para o pai, que assentiu secamente.

– Prometemos à Linda e ao Anders tomar conta da Stella. Vivemos perto deles e, de vez em quando, vamos lá brincar com ela. Disseram que nos davam vinte coroas a cada uma se fôssemos ao quiosque com a Stella para ela comer um gelado.

– E quando foram buscá-la? – perguntou Leif.

A rapariga não o olhou nos olhos.

– Por volta da uma, julgo. Fui lá ter com a Marie.

– A Marie – resfolegou Harriet, e Leif ergueu uma mão para a silenciar.

– Portanto, por volta das 13h.

Tomou um apontamento no bloco-notas que estava à sua frente. O gravador trabalhava silenciosamente ao fundo, mas tomar notas ajudava-o a organizar os pensamentos.

– Sim, mas a Marie deve saber melhor do que eu.

Helen agitou-se na cadeira.

– Quem estava em casa quando foram buscá-la?

Leif ergueu a caneta do bloco e sorriu a Helen, que continuava a evitar encará-lo e tirava fios invisíveis do vestido branco de verão.

– A mãe dela. E a Sanna também. Estavam prestes a sair quando chegámos. A mãe deu-nos o dinheiro para o gelado. A Stella estava mesmo contente. Saltitava

à nossa frente.

– Saíram logo ou ainda ficaram na quinta algum tempo?

Helen abanou a cabeça e uma madeixa de cabelo escuro caiu-lhe para o rosto.

– Brincámos um bocado com ela na quinta, a saltar à corda. A Stella gosta que a rodemos para ela saltar. Mas estava sempre a enganar-se e a ficar presa na corda, por isso acabámos por ficar fartas.

– E depois, que fizeram?

– Fomos com a Stella até Fjällbacka.

– Devem ter demorado um bom bocado, não?

Leif fez um cálculo rápido. Ele próprio teria demorado cerca de vinte minutos da quinta dos Strand até ao centro. Porém, com uma menina de quatro anos a reboque, demoraria muito mais. A criança decerto pararia para cheirar a relva e para colher flores. Depois, uma pedra entrar-lhe-ia no sapato, teria vontade de fazer xixi e ficaria com as pernas tão cansadas que não queria continuar a caminhar. Sim, ir até Fjällbacka com uma menina de quatro anos teria demorado uma eternidade.

– Levámos o carrinho de bebé – disse Helen. – Um daqueles que podem encolher-se e ficam muito pequenos...

– Pois, um carrinho desdobrável – disse Harriet.

Leif calou-a com um olhar ameaçador.

Helen lançou uma olhadela à mãe.

Leif pousou a caneta.

– Quanto tempo demoraram a percorrer o caminho? Com a Stella no carrinho?

Helen franziu a testa.

– Demorámos uma data de tempo. É preciso apanhar um caminho de cascalho para chegar à estrada principal e é difícil empurrar um carrinho no cascalho. As rodas estavam sempre a ficar presas.

– Mas, na tua opinião, quanto tempo demoraram, mais ou menos?

– Três quartos de hora, talvez? Mas não olhámos para o relógio. Não temos nenhum.

– Mas tu tens um – disse Harriet –, só que não o usas. Mas não me surpreende que essa outra rapariga não tenha nenhum. Se tivesse, decerto seria um relógio roubado.

– Mãe! Para com isso!

Os olhos de Helen faiscaram.

Leif olhou para Harriet.

– Se não se importa, não vamos fugir ao assunto que nos trouxe aqui.

Voltou a virar-se para Helen.

– E depois? Quanto tempo ficaram em Fjällbacka com a Stella?

Helen encolheu os ombros.

– Não sei. Comprámos gelados e ficámos um bocado sentadas no cais, mas não deixámos que a Stella se chegasse à beira porque não sabe nadar e não tínhamos levado nenhum colete salva-vidas.

– Fizeram muito bem – disse Leif, e assentiu.

Tomou nota para não se esquecer de falar com Kjell e com Anita, os proprietários do quiosque, para saber se se lembravam de ter visto as raparigas com a Stella no dia anterior.

– Portanto, comeram os gelados e ficaram um pouco sentadas no cais. Fizeram mais alguma coisa?

– Não, passado algum tempo voltámos para casa. A Stella estava cansada e adormeceu no carrinho.

– Quer dizer que ficaram cerca de uma hora em Fjällbacka? Parece-te que está correto?

Helen assentiu.

– Fizeram o mesmo caminho no regresso?

– Não, no regresso a Stella quis ir pela floresta, por isso desceu do carrinho e atravessámo-la até à quinta.

Leif tomou algumas notas.

– E quando chegaram, que horas pensas que eram?

– Não sei ao certo, mas demorámos mais ou menos o mesmo tempo a ir e a voltar.

Leif olhou para as notas que tinha tomado. Se as raparigas chegaram à quinta por volta da uma, brincaram durante cerca de vinte minutos e depois demoraram quarenta minutos até Fjällbacka, ficaram lá durante uma hora e demoraram outros quarenta minutos para regressar, devem ter chegado à quinta às vinte para as quatro. Porém, tendo em conta as estimativas incertas de Helen, Leif não estava totalmente convencido, por isso escreveu no bloco «15h30-16h15» e fez um círculo em volta da nota. E nem mesmo nesse intervalo temporal se atrevia a confiar demasiado.

– Que aconteceu quando chegaram a casa da Stella?

– Vimos o carro do pai dela no pátio, por isso calculámos que já tivesse chegado. E quando vimos a Stella a correr em direção à casa, fomo-nos embora.

– Quer dizer que não viram o pai da Stella? E que não viram a menina a entrar em casa?

– Não.

Helen abanou a cabeça.

– E depois foram diretamente para casa?

– Não...

Helen olhou de esguelha para os pais.

– O que fizeram?

– Fomos tomar banho no lago por detrás da quinta onde a Marie mora.

– Quantas vezes te dissemos para não...

Harriet interrompeu-se perante o olhar que Leif lhe lançou.

– Quanto tempo ficaram lá, mais ou menos?

– Não sei. Mas por volta das seis eu estava em casa para jantar.

– Sim, é verdade – confirmou KG. – No entanto, não nos falou do banho no lago. Disse que tinham ficado sempre a tomar conta da pequena Stella.

Olhou com severidade para a filha, que continuava a olhar fixamente para o vestido.

– Claro que reparámos que tinha o cabelo molhado, mas ela disse-nos que tinham andado a correr com a Stella debaixo do sistema de rega.

– Foi estúpido mentir, eu sei – disse Helen. – Mas os meus pais não me deixam ir ao lago. Não querem que vá a lado nenhum com a Marie por causa dos pais, mas ela não tem culpa nenhuma por ter os pais que tem, pois não?

Os olhos faiscaram de novo.

– Essa rapariga é feita da mesma massa da família dela – afirmou KG.

– É só... um bocado mais rebelde do que as outras – disse Helen baixinho. – Mas talvez tenha uma boa razão para ser assim, já pensaram nisso? A Marie não escolheu crescer naquela família.

– Vamos todos acalmar-nos – disse Leif, erguendo as mãos.

Embora aquela troca de galhardetes revelasse pormenores preciosos sobre a dinâmica familiar, não era o momento nem o local indicado para discutir aqueles assuntos.

Leif leu as notas em voz alta.

– Isto é mais ou menos aquilo de que te lembras do dia de ontem?

Helen assentiu.

– Sim, é isso.

– E a Marie vai dizer-me o mesmo?

Por um momento, Leif pensou ter vislumbrado um brilho de incerteza nos olhos da rapariga. Mas, depois, Helen respondeu calmamente:

– Sim, a Marie vai dizer o mesmo.

*

– COMO TE SENTES? – perguntou Paula, olhando para Martin com ar inquisitivo.

Martin perguntou-se quanto tempo mais iria toda a gente continuar a preocupar-se com ele.

– As coisas estão a correr bem – respondeu, e apercebeu-se de que estava a ser sincero.

A dor da morte de Pia nunca iria desaparecer completamente. Perguntar-se-ia sempre como seria ter vivido com ela e vê-la-ia sempre como uma sombra em todos os momentos importantes da vida de Tuva. Na verdade, mesmo nos pequenos. Quando Pia morreu, as pessoas disseram-lhe que um dia voltaria a apreciar a vida, que um dia se sentiria feliz e daria por si a rir-se. Que a dor nunca desapareceria, mas que aprenderia a conviver com ela, a caminhar lado a lado com a mágoa. Nessa altura, quando vagueava no escuro, parecera-lhe impossível. Nos primeiros tempos parecia frequentemente estar a dar um passo para a frente e dois para trás; porém, passado algum tempo, começara a dar dois passos para frente e um para trás. Até que, gradualmente, recomeçara a mover-se apenas para a frente.

Os pensamentos de Martin recuaram para a mãe que conhecera no parque infantil no dia anterior. Para ser franco, tinha andado a pensar muito nela. Apercebeu-se de que devia ter-lhe pedido o número de telemóvel ou, pelo menos, perguntado como se chamava. Mas agora que o momento passara era fácil pensar nisso. Aquele desejo de voltar a vê-la apanhara-o desprevenido. Por sorte, viviam numa pequena comunidade e esperava encontrá-la no parque infantil nesse mesmo dia. Ou, pelo menos, era esse o plano até o homicídio de Nea o ter obrigado a abdicar das férias e a recomeçar a trabalhar.

De repente sentiu-se culpado. Como podia estar para ali sentado a pensar numa mulher num momento daqueles?

– Pareces feliz, mas um pouco preocupado – disse Paula como se lhe tivesse lido a mente.

Antes que conseguisse deter-se, Martin pôs-se a falar com a colega sobre a mulher do parque infantil. Por pouco não deixava passar a saída e teve de guinar bruscamente à esquerda no último momento.

– Aha – disse Paula. – Linda ao ponto de nem saberes conduzir quando pensas nela! – disse a colega, agarrando-se à pega por cima da janela do lugar do morto.

– Pareço-te ridículo, não é? – perguntou Martin, corando tanto que as sardas se destacaram ainda mais na pele clara.

– Acho que é fantástico – afirmou Paula, dando-lhe uma palmadinha na perna.
– E não te sintas culpado. A vida tem de continuar. Se te sentires bem, trabalhas melhor. Por isso descobre quem ela é e liga-lhe. Não podemos trabalhar vinte e quatro horas por dia, senão ficamos demasiado cansados e só cometemos erros.

– Sim, acho que tens razão – disse Martin, que começou imediatamente a pensar numa forma de a encontrar.

Sabia o nome do filho, já era alguma coisa. Tanumshede não era assim tão grande, por isso devia conseguir localizá-la. Desde que não fosse apenas uma turista de passagem. E se nem sequer morasse naquela zona?

– Não vamos parar por aqui? – perguntou Paula quando Martin passou, sem fazer menção de parar, pela primeira casa depois de terem virado para a estrada de cascalho.

– O quê? Ah, sim, desculpa – respondeu Martin, corando de novo.

– Depois ajudo-te a encontrá-la – disse Paula, rindo-se.

Martin estacionou no acesso para carros de uma velha casa vermelha debruada a branco com uma data de ornamentos em marcenaria. Deu por si a suspirar de inveja. Era exatamente o tipo de casa que sonhava ter. Ele e Pia haviam começado a pôr dinheiro de parte para uma casa e quase tinham conseguido poupar o necessário para a entrada. Ele e Pia entravam todas as noites no *site* de uma imobiliária e até tinham conseguido fazer uma primeira visita. Mas depois veio o diagnóstico do cancro. E o dinheiro ainda se encontrava na conta-poupança. O sonho de comprar uma casa tinha morrido com Pia. Como todos os outros sonhos de Martin.

Paula bateu à porta.

– Está cá alguém? – chamou passado um pouco.

Lançou uma olhadela a Martin, descobriu que a porta estava destrancada e entrou no vestíbulo. Numa cidade grande, um comportamento daqueles teria sido impensável, mas naquela zona poucas pessoas trancavam as portas e era frequente os amigos entrarem e saírem à vontade das casas uns dos outros. Na verdade, a mulher que se dirigia a eles neste momento não parecia minimamente sobressaltada por ouvir vozes estranhas no seu vestíbulo.

– Olá. Ena, uma visita da polícia! – disse com um grande sorriso.

Era tão pequena, delicada e enrugada que por um momento Martin temeu que fosse empurrada pela corrente de ar gerada pela porta aberta.

– Entrem. Estou a ver o terceiro *round* entre Alexander Gustafsson e Daniel Cormier – continuou a mulher.

Martin olhou para Paula, intrigado. Não fazia ideia do que a velhota estava a dizer. O interesse de Martin pelo desporto era muito limitado. De vez em quando podia ver um jogo de futebol quando a Suécia chegava às meias-finais do campeonato europeu ou do mundial, mas era tudo, e sabia que a paixão de Paula era ainda mais reduzida do que a sua, se é que isso era possível.

– Seja lá o que for que queiram, vai ter de esperar. Enquanto isso, sentem-se no sofá – disse a mulher, apontando para um sofá forrado com um estranho tecido brilhante com rosas estampadas.

Subiu lentamente para uma grande poltrona com apoio para as costas e uma banquetta para os pés em frente de uma televisão enorme. Para seu espanto, Martin percebeu que o *round* de que a mulher falara consistia em dois homens a lutar ferozmente dentro de uma gaiola.

– No segundo *round*, o Gustafsson apanhou-o num *armlock*¹² e o Cormier quase sucumbiu, mas o gongo soou mesmo quando estava prestes a desistir. E agora, no terceiro *round*, o Gustafsson começa a parecer cansado, ao passo que o Cormier ganhou outra vez confiança. Mas ainda não me dei por vencida: o Gustafsson tem um espírito combativo incrível e, na minha opinião, basta atirá-lo ao tapete para levar a vitória para casa. O Cormier é o mais forte quando está de pé, mas no chão não é tão bom lutador.

Martin fitava a velhota e estava sem palavras.

– *Mixed Martial Arts*,¹³ não é? – perguntou Paula. – MMA.

A mulher olhou para Paula como se esta fosse uma idiota.

– Claro que é MMA. O que haveria de ser, hóquei?

Deu uma risadinha e Martin reparou num copo de *whisky* na mesinha ao lado da poltrona. Quando chegar a esta idade, pensou, também vou ter o que quiser, quando quiser, sem pensar no que se deve ou não fazer.

– É o encontro decisivo – disse a velhota com os olhos fixos na televisão. – Estão a competir pelo título mundial. É a partida mais aguardada deste ano, por isso têm de desculpar-me por não vos estar a prestar atenção neste momento. Não perderia isto por nada deste mundo.

Esticou o braço na direção do copo de *whisky* e bebeu um longo golo. No ecrã, o pugilista louro deitou por terra o homem de pele escura com ombros anormalmente largos e pôs-se a bater-lhe em cima dele. Aos olhos de Martin, aquilo era uma agressão que na vida real lhe custaria uma pena de prisão de vários anos. E aquelas orelhas? Que tinham feito aqueles dois às orelhas? Eram

enormes e grossas, e pareciam pedaços de barro mal amassado. De repente, compreendeu porque é que as pessoas falavam em «orelhas de couve-flor» quando se referiam aos pugilistas.

– Faltam três minutos – disse a mulher, bebendo outro golo de *whisky*.

Martin e Paula trocaram olhares. Viu que a colega estava a conter o riso a custo. Não estavam à espera daquilo.

De repente, a velhota gritou e saltou da poltrona.

– *YES!*

– Ganhou? – perguntou Martin. – O Gustafsson?

O gigante louro estava a correr como um louco à volta da gaiola. Depois pôs-se a saltar e a berrar junto à rede. Era evidente que tinha ganhado.

– O Cormier foi derrotado. O Gustafsson apanhou-o num *rear naked choke*¹⁴ e o Cormier acabou por desistir.

Emborcou o último golo de *whisky* que restava.

– É dele que se tem falado em todos os jornais? The Mole? Não é assim que se chama? – perguntou Paula com ar de satisfação por se lembrar daquele pormenor.

– The Mole? Essa agora! The Mauler, rapariga!¹⁵ – bufou a velhota. – O Gustafsson é um dos melhores do mundo. Deve saber isso, não? É cultura geral.

Levantou-se e dirigiu-se à cozinha.

– Vou fazer café, querem?

– Sim, se faz favor – disseram Martin e Paula em coro.

Beber uma chávena de café era uma parte integrante das visitas que faziam às casas das pessoas. Se houvesse muitas no mesmo dia, nessa noite seria difícil dormir.

Levantaram-se e seguiram a mulher até à cozinha. Martin apercebeu-se de que ainda não se tinham apresentado.

– Peço desculpa, não tivemos oportunidade de dizer-lhe os nossos nomes. Chamo-me Martin Molin, e a minha colega, Paula Morales. Somos da esquadra de Tanumshede.

– Dagmar Hagelin – disse alegremente a velhota, pondo uma cafeteira ao lume. – Sentem-se à mesa. Está-se melhor aqui do que na sala. Só vou lá para ver televisão e passo a maior parte do tempo aqui na cozinha.

Indicou uma mesa de madeira gasta, repleta de revistas de palavras cruzadas. Recolheu-as rapidamente num monte e colocou-as no peitoril da janela.

– Ginástica para o cérebro. Em setembro faço noventa e dois anos, por isso a mona tem de praticar, senão corremos o risco de ficar dementes enquanto o

diabo esfrega... Como é que se costuma dizer? Olha, esqueci-me.

Dagmar riu-se com gosto da própria piada.

– Como é que começou a interessar-se por MMA? – perguntou Paula.

– O meu bisneto pratica MMA ao mais alto nível. Bem, ainda não compete na UFC,¹⁶ mas é apenas uma questão de tempo. Tem jeito e é ambicioso.

– Estou a ver. Mas não deixa de ser um bocado... enfim, insólito – aventou Paula.

Dagmar não reagiu imediatamente. Retirou a cafeteira do fogão com uma pega em croché e pousou-a na mesa numa base de cortiça. Em seguida apareceu com três adoráveis e delicadas chávenas de porcelana com decorações cor-de-rosa e rebordo dourado. Pô-las na mesa e só falou depois de estar sentada e de ter começado a servir o café.

– Sempre fomos muito chegados, eu e o Oscar, e então comecei a ir às partidas dele. E então uma pessoa deixa-se levar por tudo aquilo. Não conseguimos evitar o envolvimento. Na minha juventude fui uma atleta com algum sucesso, por isso consigo sentir aquela tensão e aquela emoção.

Apontou para uma imagem a preto e branco na parede onde se via uma mulher jovem e atlética a caminho da fasquia do salto em altura.

– É a senhora? – perguntou Martin, impressionado, tentando combinar a imagem da mulher alta, esbelta e musculosa com a avozinha diminuta e grisalha sentada à sua frente.

Dagmar pareceu ler-lhe os pensamentos e lançou-lhe um sorriso rasgado.

– Até eu própria tenho dificuldade em reconhecer-me. Mas o mais estranho é que cá dentro sinto-me a mesma. Às vezes fico chocada quando me vejo ao espelho e dou por mim a perguntar: «Quem é esta velhota?»

– Durante quanto tempo competiu? – perguntou Paula.

– Não muito, segundo os padrões atuais, mas sem dúvida que demasiado tempo para aquela época. Quando conheci o meu marido tive de pôr o desporto de lado, e depois tinha de tomar conta da miúda e de tratar da lida da casa. Mas não quero culpar a minha filha, porque os tempos eram o que eram. É boa rapariga. Quer que vá morar com ela quando já não conseguir dar conta do recado aqui em casa. Além disso, a minha filha também já está a começar a envelhecer. Neste inverno vai fazer sessenta e três, por isso acho que não devemos ter problemas em viver sob o mesmo teto.

Martin bebeu um golo de café da delicada chávena.

– É café *Kopi Luwak* – disse Dagmar, vendo a expressão satisfeita de Martin. – O meu neto mais velho importa-o para a Suécia. É feito das bagas comidas pelas

zibetas¹⁷. As zibetas expõem-nas nas fezes e depois as bagas são colhidas, lavadas e torradas. Não é um café barato. Normalmente fica a cerca de seiscentas coroas¹⁸ por chávena. Mas, como eu disse, o Julius importa-o, por isso consegue-o a um preço especial, e de vez em quando oferece-me algum, por saber que adoro *Kopi Luwak*. Não há melhor café.

Martin olhou para o café, horrorizado, mas depois encolheu os ombros e bebeu outro golo. Que importa de onde tinha vindo, se tinha um sabor tão divino? Hesitou por um momento, mas por fim decidiu que já tinham conversado o suficiente.

– Não sei se sabe o que aconteceu? – perguntou, inclinando-se para a frente. – Que uma menina foi encontrada morta aqui na floresta.

– Sim, eu soube, contou-me a minha filha quando passou por cá – disse Dagmar com a expressão ensombrada. – Aquela linda menina loura que andava sempre a girar por aí como um tornado. Ainda faço uma longa caminhada todos os dias e passo muitas vezes pela quinta dos Berg. Vi-a várias vezes no pátio.

– Quando foi a última vez que a viu? – perguntou Martin, bebendo outro gole de café.

– Deixem cá ver, quando terá sido? – interrogou-se Dagmar com ar pensativo. – Não foi ontem, foi no dia anterior, penso eu. No domingo.

– A que horas? – perguntou Paula.

– Vou sempre dar um passeio de manhã, antes de ficar demasiado calor. A menina estava a brincar no pátio. Quando passei à frente dela acenei-lhe, como faço sempre, e ela disse-me adeus.

– Portanto, domingo de manhã – disse Martin. – E depois disso nunca mais a viu?

Dagmar abanou a cabeça.

– Não, ontem não a vi.

– Não reparou em mais nada que lhe tenha chamado a atenção? Nada fora do normal? Até o mais ínfimo pormenor pode ser importante, por isso, mesmo que algo lhe pareça trivial, diga-nos à mesma e deixe-nos a nós a avaliar se é ou não importante.

Martin bebeu a última gota de café. Sentia-se extremamente desajeitado por estar com aquela chávena pequena e frágil na mão. Pousou-a suavemente no pires.

– Não, não consigo pensar em nada que possa ter interesse. Quando estou aqui à janela da cozinha tenho uma vista bastante boa, mas não lembro de ter visto nada digno de nota.

– Caso se lembre de alguma coisa mais tarde, não hesite em telefonar-nos – disse Paula, levantando-se depois de lançar uma olhadela interrogativa a Martin, que assentiu.

Pousou um cartão-de-visita na mesa e arrumou a cadeira.

– Obrigado pelo café – disse Martin. Era bom e também foi...uma experiência.

– Tal como devem ser as coisas na vida – retorquiu Dagmar com um sorriso.

Martin olhou novamente de relance para a fotografia da bonita jovem atleta e captou-lhe nos olhos a mesma centelha que via nos da Dagmar de noventa e um anos. Reconheceu aquele brilho. Pia também o tinha. Era uma centelha que testemunhava a alegria de viver.

Fechou suavemente a bela e antiga porta de entrada.

*

Mellberg sentou-se a uma das extremidades da mesa de reuniões e endireitou os ombros. Tinha-se reunido um grupo impressionante de jornalistas, não só dos jornais locais mas também da imprensa nacional.

– É o mesmo assassino? – perguntou Kjell do *Bohuslänningen*.

Patrik observava Mellberg atentamente. Teria preferido ser ele a conduzir a conferência de imprensa, mas o chefe batera o pé. As conferências de imprensa eram o momento de glória do superintendente, que não abdicava delas por nada deste mundo. Era um contraste gritante com a rapidez com que se demarcava de tudo o que cheirasse a trabalho duro.

– Não podemos excluir a possibilidade de existirem ligações ao caso Stella, mas não queremos limitar-nos a uma única teoria – afirmou.

– Mas de certeza que não se trata de uma coincidência – insistiu Kjell.

A barba escura do jornalista começava a ficar salpicada de cinzento.

– Como já disse, vamos evidentemente investigar todos os ângulos, contudo, quando algo parece demasiado óbvio corremos o risco de descurar outras possibilidades.

Boa resposta, Mellberg, pensou Patrik, surpreendido. Talvez tenha aprendido alguma coisa com o tempo.

– Embora seja claramente uma estranha coincidência que aquela estrela de cinema tenha regressado muito pouco tempo antes da ocorrência – prosseguiu Mellberg, e todos os jornalistas tomaram febrilmente notas.

Patrik teve de cerrar os punhos para não dar uma palmada na testa. Já conseguia adivinhar quais seriam os títulos das edições da tarde.

– Então, estão a pensar interrogar a Marie e a Helen? – perguntou um estagiário enviado por um dos diários vespertinos.

Os mais novos eram sempre os mais insistentes: aspiravam a um lugar no jornal e estavam dispostos a tudo para ganhar nome.

– Sim, planeamos falar com elas – confirmou Mellberg. Via-se que apreciava toda aquela atenção.

Virou prontamente o rosto para as máquinas fotográficas que crepitavam e, por precaução, apalpou o ninho de cabelo para se certificar de que estava no lugar.

– Quer dizer que são as vossas principais suspeitas? – perguntou uma jornalista do principal diário vespertino.

– Bem, enfim... Não, eu não colocaria a questão nesses termos...

Mellberg coçou a cabeça e pareceu aperceber-se de que talvez tivesse encaminhado a conversa numa direção errada. Olhou para Patrik, que aclarou a voz e disse:

– Nesta fase da investigação ainda não temos nenhum suspeito. Como o Bertil Mellberg explicou, não descartamos nenhuma hipótese. Estamos a aguardar o relatório dos técnicos forenses e estamos a conduzir interrogatórios numa ampla frente, junto das pessoas que julgamos poderem fornecer informações sobre a hora do desaparecimento da Nea.

– Quer dizer que pensa tratar-se de mera coincidência que uma criança que morava na mesma quinta tenha desaparecido e tenha sido encontrada morta no mesmo local em que a Stella apareceu? Isto na mesma semana em que uma das pessoas condenadas no caso Stella regressa pela primeira vez passados trinta anos?

– As ligações mais óbvias nem sempre são as mais significativas – respondeu Patrik em resposta à pergunta. – Por isso, neste momento não seria sensato limitarmo-nos a uma única teoria, como Mellberg já sublinhou.

Kjell, do *Bohuslänningen*, ergueu a mão para indicar que tinha outra pergunta.

– Como é que a menina morreu?

Mellberg inclinou-se para a frente.

– Como o Patrik Hedström disse, ainda não recebemos o relatório dos técnicos forenses e a autópsia ainda não foi realizada. Por isso, de momento não podemos comentar esse assunto.

– Há o risco de outras crianças poderem vir a ser assassinadas? – prosseguiu Kjell. – Os pais desta zona devem manter os filhos em casa? Como devem compreender, os rumores começaram a espalhar-se e as pessoas estão assustadas.

Mellberg não respondeu imediatamente. Patrik abanou ligeiramente a cabeça, na esperança de que o chefe captasse o sinal. Não havia qualquer motivo para assustar a população.

– De momento, não há motivo para preocupações – acabou por responder Mellberg. – Estamos a empregar todos os nossos recursos nesta investigação. Vamos descobrir quem matou a Linnea Berg.

– Foi morta da mesma maneira que a Stella?

Kjell não desistia. Os outros jornalistas olhavam alternadamente para o colega e para Mellberg. Patrik fez figas e esperou que o superintendente se mantivesse firme.

– Como já disse, só saberemos quando recebermos o relatório do médico-legista.

– Mas não nega que a menina tenha morrido da mesma maneira... – O estagiário não desarmava.

Patrik reviu mentalmente a imagem do corpo da menina, exposto e só na fria mesa de autópsias, e não conseguiu conter-se.

– Já dissemos que só saberemos quando recebermos o relatório do médico-legista!

O jovem jornalista calou-se com um ar ofendido.

Kjell ergueu de novo a mão, olhando diretamente para Patrik.

– Ouvi dizer que a sua mulher está a escrever um livro sobre o caso Stella. É verdade?

Patrik já calculava que a pergunta pudesse surgir, mas apesar disso não estava preparado. Olhou para os punhos cerrados.

– Por algum motivo, a minha mulher recusa-se a discutir os seus projetos até com os excelentes recursos que tem em casa – acabou por responder, o que despertou risos entre os jornalistas. – Portanto, só ouvi falar disso de passagem. Não sei em que ponto da pesquisa está a Erica. Como eu disse, normalmente sou excluído do processo criativo e não me envolvo até a Erica me pedir para ler o manuscrito depois de terminado.

Aquilo não era completamente verdade, mas quase. Tinha mais ou menos uma ideia da fase em que Erica se encontrava, mas apenas por observações ocasionais que a mulher deixara escapar. Erica mostrava-se sempre relutante em falar sobre os livros em que ainda estava a trabalhar e, normalmente, Patrik só se envolvia se a mulher precisasse de consultá-lo sobre algum aspeto relacionado com o trabalho policial. Mas as perguntas eram quase sempre fora do contexto, por isso raramente lhe davam uma ideia do livro em si.

– Pode ter sido um fator que desencadeou o novo homicídio?

A jovem jornalista olhou-o, esperançosa, e Patrik podia ver-lhe o brilho nos olhos. De que raio estava a falar? Que Erica podia ter provocado o homicídio da menina?

Estava prestes a abrir a boca para dar uma resposta à altura à jornalista quando ouviu a calma admoestação de Mellberg.

– Julgo que a questão é ao mesmo tempo irrelevante e de mau gosto. E não, não temos indícios de que haja a mais pequena ligação entre o projeto editorial de Erica Falk e o homicídio de Linnea Berg. E se não se ativerem a perguntas respeitadas nos... – Mellberg olhou de relance para o relógio – dez minutos que restam para esta conferência de imprensa, não hesitarei em interrompê-la antecipadamente. Estamos entendidos?

Patrik trocou um olhar espantado com Annika. E, para sua grande surpresa, os jornalistas contiveram-se durante o resto do tempo.

Depois de Annika ter conduzido todos à saída, ignorando os leves protestos e a tentativa de fazerem mais perguntas, Patrik e Mellberg ficaram sozinhos na sala de reuniões.

– Obrigado – disse simplesmente Patrik.

– Que um raio me fulmine se os vou deixar incomodar a Erica – murmurou Mellberg, virando-lhe as costas.

Chamou *Ernst*, que se mantivera debaixo da mesa em que Annika tinha posto café à disposição dos jornalistas, e depois saiu da sala. Patrik riu-se sozinho. Caramba, parecia que afinal o velhote sabia o que era a lealdade!

¹² Golpe de artes marciais. Chave de braço aplicada no chão. (N. do T.)

¹³ Artes Marciais Mistas. (N. do T.)

¹⁴ Golpe de artes marciais que consiste no estrangulamento do adversário pelas costas. (N. do T.)

¹⁵ *Mole* em inglês significa toupeira e *Mauler*, malhador (N. do E.)

¹⁶ Sigla de *Ultimate Fighting Championship*, organização de MMA que produz eventos por todo o mundo. (N. do T.)

¹⁷ Mamífero carnívoro da família dos Viverrídeos que vive na Ásia e é também conhecido por almiscareiro, civeta ou gato-de-algália. (N. do T.)

¹⁸ Cerca de 62 euros. (N. do T.)

Bohuslän, 1671

ELIN TINHA DE RECONHECER QUE BRITTA ESTAVA ENCANTADORA. OS OLHOS ESCUROS CONTRASTAVAM MARAVILHOSAMENTE COM O TECIDO AZUL DO VESTIDO E O CABELO TINHA SIDO ESCOVADO ATÉ FICAR BRILHANTE. USAVA-O APANHADO POR UMA LINDA FITA DE SEDA, DEIXANDO O ROSTO A DESCOBERTO. NÃO ERA FREQUENTE RECEBEREM UM CONVIDADO TÃO RESPEITÁVEL. ALIÁS, EM BOA VERDADE, NUNCA ACONTECERA. DIGNITÁRIOS COMO AQUELE NÃO TINHAM QUAISQUER MOTIVOS PARA VISITAR UM SIMPLES PRESBITÉRIO NA PARÓQUIA DE TANUMSHED, MAS O ÉDITO DO REI DIRIGIDO AO GOVERNADOR DE BOHUSLÄN, HARALD STAKE, FORA CLARO. ERA NECESSÁRIO ENVOLVER TODOS OS REPRESENTANTES ECLESIASTICOS DO CONDADO NA BATALHA CONTRA A BRUXARIA E AS FORÇAS DO MAL. O ESTADO E A IGREJA UNIAM-SE PARA LUTAR CONTRA O DIABO E, PORTANTO, O PRESBITÉRIO DE TANUMSHED DEVIA SENTIR-SE HONRADO COM AQUELA VISITA. A MENSAGEM TINHA DE SER DIFUNDIDA POR TODOS OS CANTOS DO REINO, COMO O REI TINHA DECRETADO. E BRITTA NÃO DEMOROU A COMPREENDER E A EXPLORAR A OPORTUNIDADE. DURANTE A VISITA DE LARS HIERNE TINHAM DE OFERECER O MELHOR EM REFEIÇÕES, HOSPEDAGEM E CONVERSA. HIERNE SUGERIRA EDUCADAMENTE QUE PERNOITARIA NA POUSADA, MAS PREBEN DISSERA-LHE QUE ISSO ESTAVA FORA DE QUESTÃO. TERIAM O MAIOR GOSTO EM RECEBER NO PRESBITÉRIO UM CONVIDADO TÃO ESTIMADO. E, EMBORA A POUSADA TIVESSE UMA ALA RESERVADA AOS CONVIDADOS NOBRES E REFINADOS, O PRESBITÉRIO DE TANUMSHED PROPORCIONARIA TODAS AS COMODIDADES QUE O ENVIADO DO GOVERNADOR PUDESSE DESEJAR.

QUANDO A CARRUAGEM CHEGOU, BRITTA E PREBEN ESPERAVAM À PORTA. ELIN E OS OUTROS CRIADOS PERMANECIAM AO FUNDO, COM A CABEÇA INCLINADA E A OLHAR FIXAMENTE PARA OS PÉS. FORA ORDENADO A TODOS QUE APARECESSEM LIMPOS, ARRANJADOS E VESTIDOS COM ROUPA LAVADA. AS CRIADAS TINHAM-SE PENTEADO CUIDADOSAMENTE PARA QUE NEM UMA MADEIXA ESCAPASSE À TOUCA. POR TODA A PARTE SE SENTIA O PERFUME FRESCO DO SABÃO E DOS RAMOS DE PINHEIRO COM QUE O CRIADO DECORARA OS QUARTOS NAQUELA MANHÃ.

QUANDO O PASTOR E A MULHER SE SENTARAM À MESA COM O CONVIDADO, ELIN SERVIU-LHES VINHO NAS GRANDES CANECAS QUE O PAI USAVA QUANDO

RECEBIA CONVIDADOS QUANDO ELIN ERA CRIANÇA. TINHAM SIDO OFERECIDAS A BRITTA COMO PRESENTE DE CASAMENTO. POR SEU LADO, QUANDO CASARA, ELIN RECEBERA APENAS ALGUMAS TOALHAS BORDADAS PELA MÃE. O PAI NÃO QUISERA QUE OS OBJETOS MAIS FINOS QUE POSSUÍA FOSSEM PARAR AO CASEBRE DE UM PESCADOR. EM CERTO SENTIDO, ELIN SENTIA-SE INCLINADA A CONCORDAR COM ELE. QUE PODERIAM TER FEITO, ELA E PER, COM PEÇAS TÃO REQUINTADAS? MAS DAS TOALHAS DA MÃE CUIDAVA COM TODO O CARINHO. GUARDAVA-AS NUM PEQUENO BAÚ, JUNTAMENTE COM AS ERVAS QUE COLHIA E SECAVA TODOS OS VERÕES. EMBRULHAVA SEMPRE AS ERVAS EM PAPEL PARA QUE NÃO DEIXASSEM MANCHAS NOS TECIDOS BRANCOS.

DESDE PEQUENA QUE MÄRTA FORA SEVERAMENTE AVISADA PARA NUNCA ABRIR O BAÚ, NÃO SÓ PORQUE ELIN QUERIA MANTER OS DEDOS PEGAJOSOS DA CRIANÇA LONGE DAS TOALHAS, MAS TAMBÉM PORQUE ALGUMAS DAS ERVAS PODERIAM SER VENENOSAS SE NÃO FOSSEM UTILIZADAS DE MODO CORRETO. A AVÓ MATERNA ENSINARA-LHE AS UTILIZAÇÕES DAS DIFERENTES ERVAS, ASSIM COMO AS REZAS A PROFERIR. NÃO DEVIA CONFUNDI-LAS, CASO CONTRÁRIO AS CONSEQUÊNCIAS PODIAM SER DESASTROSAS. A AVÓ COMEÇARA A INSTRUÍ-LA QUANDO ELIN TINHA DEZ ANOS, E ELIN, POR SUA VEZ, DECIDIRA ESPERAR QUE MÄRTA TIVESSE A MESMA IDADE ANTES DE TRANSMITIR-LHE OS CONHECIMENTOS.

– QUE COISA HORRÍVEL, ESTAS NOIVAS DO DIABO – DISSE BRITTA, LANÇANDO UM SORRISO GENTIL A LARS HIERNE.

O EMISSÁRIO DO GOVERNADOR OLHAVA FASCINADO PARA AS BELAS FEIÇÕES DE BRITTA QUE CINTILAVAM À LUZ DAS NUMEROSAS VELAS. O VESTIDO DE BROcado AZUL FORA UMA ESCOLHA ACERTADA POR PARTE DA IRMÃ DE ELIN; O TECIDO RELUZIA E SOBRESSAÍA CONTRA AS PAREDES ESCURAS DA SALA DE JANTAR DO PRESBITÉRIO CONFERINDO-LHE AO OLHAR UM REFLEXO AZUL COMO O MAR NUM DIA ENSOLARADO DE JULHO.

ELIN INTERROGOU-SE EM SILÊNCIO COMO ESTARIA PREBEN A REAGIR AO MODO IMPUDICO COMO O VISITANTE OLHAVA PARA A ESPOSA, MAS O PASTOR PARECIA COMPLETAMENTE IMPASSÍVEL. NA VERDADE, NEM PARECIA REPARAR NO QUE SE ESTAVA A PASSAR. EM VEZ DISSO OLHAVA PARA ELIN QUE, MAL SE APERCEBEU, BAIXOU RAPIDAMENTE OS OLHOS. NO ENTANTO, TEVE TEMPO DE REPARAR QUE TAMBÉM PREBEN ESTAVA EXCECIONALMENTE ELEGANTE. QUANDO NÃO USAVA AS SUAS VESTES ECLESIAÍSTICAS, VESTIA SOBRETUDO ROUPA DE TRABALHO SUJA. APESAR DA POSIÇÃO QUE OCUPAVA, O PASTOR ERA UM HOMEM QUE MOSTRAVA UM INTERESSE SINGULAR PELO TRABALHO MANUAL E PELO CUIDADO COM OS ANIMAIS DA QUINTA. LOGO NO PRIMEIRO DIA QUE PASSARA NO PRESBITÉRIO, ELIN

PEDIRA A UMA DAS OUTRAS CRIADAS QUE LHE EXPLICASSE AQUELA CONDUTA. A MULHER DISSERA-LHE QUE, POR MAIS ESTRANHO QUE PARECESSE, O PATRÃO COSTUMAVA TRABALHAR LADO A LADO COM A CRIADAGEM E QUE SE TINHAM PURA E SIMPLEMENTE ADAPTADO ÀQUELE COMPORTAMENTO POUCO HABITUAL. NO ENTANTO, PROSSEGUIRA A CRIADA, A MULHER DO PASTOR NÃO APRECIAVA AQUELA CONDUTA DO MARIDO, QUE FORA MOTIVO DE MUITAS BRIGAS. DE REPENTE, NO ENTANTO, A CRIADA APERCEBERA-SE DE QUE ESTAVA A FALAR COM A IRMÃ DA PATROA E FICARA MUITO CORADA. AQUELA REAÇÃO OCORRIA FREQUENTEMENTE. ELIN OCUPAVA UMA POSIÇÃO ESTRANHA NA QUINTA, JÁ QUE ERA AO MESMO TEMPO CRIADA E IRMÃ DA ESPOSA DO PASTOR. POR UM LADO ESTAVA AO MESMO NÍVEL DAS OUTRAS CRIADAS; POR OUTRO, NÃO. MUITAS VEZES, QUANDO ENTRAVA NOS ALOJAMENTOS DA CRIADAGEM, AS OUTRAS MULHERES PARAVAM REPENTINAMENTE DE FALAR E NÃO SE ATREVIAM A OLHAR NA SUA DIREÇÃO. ISTO SÓ AUMENTAVA A SOLIDÃO QUE SENTIA, MAS ELIN NÃO SE DEIXAVA PERTURBAR. NUNCA TIVERA MUITAS AMIGAS. CONSIDERAVA QUE AS MULHERES PASSAVAM DEMASIADO TEMPO A COSCUVILHAR E A DISCUTIR.

— SIM, SÃO TEMPOS PERTURBADORES — DISSE LARS HIERNE. — MAS, FELIZMENTE, TEMOS UM REI QUE NÃO FECHA OS OLHOS E QUE NÃO FOGE DA BATALHA CONTRA OS PODERES DO MAL. O REINO ATRAVESSOU UM ANO DIFÍCIL E HÁ VÁRIAS GERAÇÕES QUE A FÚRIA DE SATANÁS NÃO SE MANIFESTAVA TÃO VIOLENTAMENTE. QUANTAS MAIS MULHERES DESTAS CONSEGUIRMOS ENCONTRAR E LEVAR A JULGAMENTO, MAIS DEPRESSA SUFOCAREMOS O PODER DO DIABO.

PEGOU NUM PEDAÇO DE PÃO E COMEU-O COM GOSTO. O OLHAR DE BRITTA ESTAVA CRAVADO NOS LÁBIOS DE HIERNE E O ROSTO BRILHAVA-LHE DE FASCÍNIO E DE ALARME.

ELIN ESCUTAVA ATENTAMENTE ENQUANTO VOLTAVA A ENCHER AS CANECAS DE VINHO. O PRIMEIRO PRATO JÁ FORA SERVIDO E PARECIA QUE BOEL DE HOLTA TINHA MOTIVOS PARA SE ORGULHAR DA REFEIÇÃO QUE PREPARARA. TODOS COMIAM COM APETITE E LARS HIERNE ELOGIOU VÁRIAS VEZES A COMIDA.

— MAS COMO PODE TER A CERTEZA DE QUE ESTAS MULHERES FORAM APANHADAS NA REDE DO DIABO? — PERGUNTOU PREBEN AO MESMO TEMPO QUE SE REOSTAVA NA CADEIRA COM A CANECA NA MÃO. — NA NOSSA REGIÃO AINDA NÃO TIVEMOS NECESSIDADE DE LEVAR NINGUÉM A JULGAMENTO, MAS CALCULO QUE NÃO IREMOS ESCAPAR. NO ENTANTO, ATÉ AGORA SÓ OUVIMOS RUMORES E UM OU OUTRO RELATO IMPRECISO SOBRE OS PROCEDIMENTOS QUE A COMISSÃO EMPREGA.

LARS HIERNE TIROU OS OLHOS DE BRITTA E VIROU-SE PARA PREBEN.

– NA VERDADE HÁ UM PROCESSO MUITO SIMPLES E DIRETO DE RECONHECER UMA BRUXA, OU MESMO UM FEITICEIRO. NÃO DEVEMOS ESQUECER-NOS DE QUE ATÉ OS HOMENS PODEM SUCUMBIR ÀS TENTAÇÕES DE SATANÁS. NO ENTANTO, É MAIS COMUM ENTRE AS MULHERES, PORQUE É MAIS FÁCIL DEIXAREM-SE ENCANTAR PELAS LISONJAS DO DIABO.

O OLHAR GRAVE DO EMISSÁRIO VOLTOU A POUSAR EM BRITTA.

– PARA DETERMINAR SE A ACUSADA É REALMENTE UMA BRUXA, SUBMETEMO-LA PRIMEIRO AO TESTE DE FLUTUABILIDADE. A BRUXA É ATIRADA PARA DENTRO DE ÁGUA FUNDA DE MÃOS E PÉS ATADOS.

– E DEPOIS, QUE ACONTECE?

BRITTA INCLINOU-SE PARA A FRENTE. PARECIA ACHAR O TEMA FASCINANTE.

– SE FLUTUAR É UMA BRUXA. POSSO DIZER COM ORGULHO QUE, ATÉ AGORA, NENHUMA MULHER INOCENTE FOI INJUSTAMENTE ACUSADA. TODAS AS QUE FORAM SUBMETIDAS AO TESTE FLUTUARAM, REVELANDO A SUA VERDADEIRA NATUREZA. DEPOIS É-LHES OFERECIDA A OPORTUNIDADE DE CONFESSAREM E RECEBEREM O PERDÃO DE DEUS.

– E AS BRUXAS QUE APANHARAM, CONFESSARAM?

BRITTA INCLINOU-SE AINDA MAIS PARA O CONVIDADO E AS CHAMAS DAS VELAS ENCHERAM-LHE O ROSTO DE SOMBRAS BRUXULEANTES.

LARS HIERNE ASSENTIU.

– SIM, CLARO, TODAS CONFESSARAM. PARA ALGUMAS CONFESSAREM FOI NECESSÁRIA... ALGUMA PERSUASÃO. QUANDO UMA FICA MUITO TEMPO SOB O PODER DE SATANÁS, IMPIEDOSAMENTE ESCRAVIZADA, O CONTROLO DO DEMÓNIO PODE SER MAIS PODEROSO. MAS NO FIM TODAS CONFESSAM. E, DEPOIS DE TEREM CONFESSADO, FORAM EXECUTADAS DE ACORDO COM O DECRETO DO REI E DE DEUS.

– É UM TRABALHO MUITO MERITÓRIO, O QUE FAZEM – DISSE PREBEN PENSATIVO, ACENANDO COM A CABEÇA. – NO ENTANTO, TEMO O DIA EM QUE TENHAMOS DE LEVAR A CABO ESSA PENOSA TAREFA AQUI NA NOSSA PARÓQUIA.

– SIM, É SEM DÚVIDA UMA PESADA CRUZ QUE TEMOS DE CARREGAR, PORÉM, DEVEMOS TER CORAGEM PARA CUMPRIR AS OBRIGAÇÕES QUE NOS SÃO PEDIDAS PELO SENHOR.

– É BEM VERDADE – DISSE PREBEN, LEVANDO A CANECA AOS LÁBIOS.

O PRATO PRINCIPAL CHEGOU À MESA E ELIN APRESSOU-SE A SERVIR MAIS VINHO TINTO. JÁ TODOS TINHAM BEBIDO BASTANTE E OS OLHOS DOS TRÊS ESTAVAM LIGEIRAMENTE OPACOS. ELIN VOLTOU A SENTIR PREBEN A OLHÁ-LA E LUTOU PARA MANTER OS OLHOS BAIXOS. SENTIU UM FRÉMITO PERCORRER-LHE AS

COSTAS E QUASE DEIXOU CAIR A JARRA. A AVÓ DIZIA SEMPRE QUE AQUELA SENSÇÃO ERA UM PRESSÁGIO DE ALGUMA COISA MÁ PRESTES A ACONTECER, MAS ELIN CONVINCEU-SE DE QUE NÃO PASSARA DE UMA CORRENTE DE AR VINDA DE UMA DAS JANELAS QUE NÃO FECHAVA BEM.

MAIS TARDE, PORÉM, QUANDO SE DEITOU, AQUELA SENSÇÃO VOLTOU. TENTOU AFASTÁ-LA, CHEGANDO-SE MAIS A MÄRTA NA CAMA ESTREITA QUE PARTILHAVAM, MAS A SENSÇÃO NÃO DESAPARECEU.

*

GÖSTA ESTAVA SATISFEITO por não ter tido de participar na conferência de imprensa. Na sua opinião, não passava de um espetáculo. Tinha sempre a sensação de que os jornalistas estavam lá mais para os apanhar em falta e criar problemas que não existiam do que para transmitir notícias úteis à comunidade e contribuir para as investigações. Mas talvez fosse apenas cinismo da sua parte, um hábito difícil de contrariar depois de ter passado tanto tempo na polícia.

Apesar da satisfação por não participar na conferência de imprensa, sentia um nó no estômago só de pensar que tinha de ir falar com Eva e Peter. De acordo com o médico, apesar de abalado, o casal estava capaz de responder às perguntas que tinha para lhes fazer. Gösta lembrou-se da altura em que perdera o filho pequeno e de como a dor o paralisara a ele e à mulher, Maj-Britt, durante muito tempo depois da sua morte.

Quando passou diante de uma casinha pintada de vermelho e debruada a branco, viu o carro de Paula e de Martin e teve esperança de que a ronda que os colegas andavam a fazer pela vizinhança desse frutos. Sabia que, quando se morava no campo, os vizinhos tinham tendência para estar de olho em tudo o que acontecia nas redondezas. Mesmo Gösta morava um pouco isolado, perto do campo de golfe de Fjällbacka, e muitas vezes dera por si sentado à janela da cozinha a observar quem passava. Outro hábito que adquirira com o passar dos anos. Tinha memórias vívidas do pai sentado à mesa da cozinha e a olhar pela janela. Quando era pequeno, aquilo parecia-lhe disparatado, mas agora compreendia porque é que o pai o fazia. Era algo relaxante ficar simplesmente a olhar pela janela. Não que alguma vez se tivesse dedicado a coisas absurdas como a meditação, mas imaginava que o efeito pudesse ser semelhante.

Virou para o caminho que conduzia à quinta. O pátio que no dia anterior fervilhava de atividade estava agora deserto. Não se via viva alma. Reinava uma quietude silenciosa. Muito silenciosa. O Sol já passara o zénite e a brisa que soprara naquela manhã diminuía de intensidade. O calor fazia vibrar o ar.

Uma corda de saltar jazia no chão junto ao celeiro e Gösta evitou cautelosamente pisar as linhas traçadas na terra que formavam o percurso do jogo da macaca. Tinham começado a desvanecer-se e, provavelmente, dentro de alguns dias deixariam de ser visíveis. Nea devia tê-las traçado com a ponta do pezinho, ou talvez a mãe e o pai a tivessem ajudado.

Gösta deteve-se por um momento a observar a casa. Nada naquela quinta revelava o mais pequeno indício da tragédia que ali tivera lugar. O antigo celeiro estava um pouco mais periclitante e inclinado do que quando o vira há trinta anos, mas a pintura da casa era recente, estava bem conservada, e o jardim florescia, mais exuberante do que nunca. Num canto do pátio havia roupa estendida, e Gösta viu as pequenas roupas de criança que nunca mais seriam usadas. Sentiu um nó na garganta e teve de tossir. Depois dirigiu-se à casa. Tinha de se conter, pois havia trabalho a fazer. Se havia alguém indicado para falar com os pais de Nea, era ele.

– Com licença. Posso entrar?

A porta estava entreaberta e Gösta empurrou-a. Uma versão de Peter mais velha e muito mais bronzada levantou-se e foi ao seu encontro de mão estendida.

– Bengt – disse com ar grave.

Levantou-se também uma mulher delgada com cabelo à pajem, queimado pelo sol, e igualmente bronzada, que se apresentou como Ulla.

– O médico disse-nos que vinha cá – disse Bengt.

A mulher voltou a sentar-se. A mesa estava coberta de pedaços de papel de rolo de cozinha amarrotados.

– Sim, pedi-lhe para os avisar para que a minha visita não fosse inesperada – afirmou Gösta.

– Sente-se. Vou chamar a Eva e o Peter – disse Bengt em voz baixa, e dirigiu-se às escadas. – Têm estado a descansar.

Quando Gösta se sentou à frente de Ulla, a mulher olhou-o com lágrimas nos olhos.

– Quem é que foi capaz de fazer uma coisa daquelas? A Nea era tão pequena...

Pegou num rolo de cozinha pousado em cima da mesa, arrancou um pedaço de papel e limpou os olhos.

– Daremos o nosso melhor para descobrir – disse Gösta, entrelaçando os dedos sobre a mesa.

Pelo canto do olho viu Bengt a descer as escadas, seguido de Eva e de Peter. Moviam-se lentamente e Gösta sentiu o nó na garganta apertar.

– Quer um café? – perguntou mecanicamente Eva.

Ulla levantou-se apressadamente.

– Senta-te, querida, eu trato disso.

– Mas eu posso... – insistiu Eva, voltando-se para a bancada da cozinha.

Ulla conduziu gentilmente a nora até à mesa.

– Não, tu ficas aqui sentada enquanto eu faço o café – disse, começando a procurar nos armários.

– Os filtros estão no armário da direita, mesmo por cima do lava-louça – disse Eva, prestes a levantar-se novamente.

Gösta pôs-lhe a mão no braço a tremer.

– A sua sogra encarrega-se disso.

– Queria falar connosco, não era? – perguntou Peter, sentando-se no lugar deixado vago por Ulla.

Olhou para todas as bolas de papel amarrotado como se não compreendesse o que estavam ali a fazer.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Eva. – Tem alguma informação? Onde é que ela está?

A voz era inexpressiva, mas os lábios tremiam.

– Ainda não sabemos nada, mas acredite em mim, todos estamos a envidar todos os esforços, estamos a fazer tudo o que podemos. A Nea está em Gotemburgo neste momento. Podem ir vê-la mais tarde, se quiserem, mas não agora.

– O que é que lhe vão... Que vão fazer-lhe? – perguntou Eva, trespassando Gösta com o olhar.

Reprimiu um esgar. Sabia demasiado bem o que iria ser feito ao corpinho da menina, mas não era algo que uma mãe devesse ouvir.

– Eva, não faças essas perguntas – interveio Peter, e Gösta viu que também ele tremia.

Podia ter que ver com o choque ou, pelo contrário, com o facto de estar a sair do choque. Cada pessoa reagia de forma diferente.

– Lamento, mas precisava de fazer algumas perguntas – disse Gösta, acenando com a cabeça em sinal de agradecimento a Ulla, que lhe pôs uma chávena de café à frente.

A mãe de Peter parecia ter-se acalmado, agora que tinha uma tarefa em mãos, e tanto Ulla como Bengt pareciam mais serenos quando se sentaram à mesa.

– Faremos qualquer coisa para vos ajudar. Vamos responder a todas as perguntas que quiserem fazer-nos. Mas não sabemos nada, não conseguimos compreender como tal pode ter acontecido. Quem pode ter...

A voz de Peter sumiu-se e deixou escapar um soluço.

– Vamos dar um passo de cada vez – disse calmamente Gösta. – Sei que já responderam a algumas destas perguntas, mas vamos voltar a fazê-las. É importante sermos bastante meticolosos.

Pousou o telemóvel na mesa e, depois de Peter acenar em sinal de consentimento, ativou a função de gravação.

– Quando a viram pela última vez? – perguntou. – Por favor, tentem dar uma resposta o mais precisa possível.

– Domingo à noite – respondeu Eva. – Anteontem. Li-lhe uma história depois de ter vestido a camisa de noite e ter escovado os dentes às oito. Devo ter lido durante meia hora. Era o livro preferido da Nea, aquele sobre a pequena toupeira que apanha com cocó na cabeça.

Eva limpou o nariz e Gösta pegou no rolo de cozinha, rasgou um pedaço e entregou-lho. Eva assoou-se.

– Quer dizer que terá acabado entre as oito e trinta e as nove menos um quarto? – perguntou.

Eva olhou para o marido, que assentiu.

– Sim, diria que foi isso.

– E depois? Ouviram-na ou foram ver como estava? A Nea não poderá ter acordado durante a noite?

– Não, a Nea dormia sempre como uma pedra – respondeu Peter, abanando vigorosamente a cabeça. – Dormia sempre com a porta fechada e não íamos mais ao quarto dela depois de lhe termos dado as boas-noites. A Nea nunca teve dificuldade em dormir, mesmo quando era bebé. Adora a cama dela... Adorava a cama dela.

Pestanejou várias vezes e o lábio inferior começou a tremer.

– Falem-me da manhã – pediu Gösta. – De segunda-feira de manhã.

– Levantei-me às seis da manhã – disse Peter. – Andei em bicos de pés para não acordar a Eva nem a Nea. Preparei umas sanduíches para levar comigo. O café estava preparado desde a noite anterior, por isso só tive de aquecê-lo. E depois... depois saí.

– Não reparou em nada estranho? A porta da frente estava fechada e trancada?

Peter permaneceu em silêncio durante algum tempo antes de responder:

– Sim, estava fechada. – A voz sumiu-se outra vez e Peter começou a soluçar. Bengt deu-lhe uma palmadinha nas costas. – Senão eu tinha reparado. Se estivesse aberta, sem dúvida que teria reparado.

– E a porta do quarto da Nea?

– A mesma coisa. Estava fechada. Se estivesse aberta ia lembrar-me.

Gösta inclinou-se para Peter.

– Ou seja, tudo normal? Não reparou em nada diferente, por mínimo que fosse? Não viu nada estranho quando saiu de casa? Pessoas? Ou carros a passar?

– Não. Nada. Quando saí, tive a sensação de ser a única pessoa acordada em todo o mundo. Não se ouvia mais nada além do chilrear dos pássaros e só vi o gato, que veio esfregar-se na minha perna.

– E depois foi-se embora? Sabe mais ou menos a que horas?

– Tinha posto o despertador para as seis e demorei-me cerca de vinte minutos na cozinha. Portanto, deviam ser seis e vinte ou seis e meia.

– E depois não voltou a casa até à tarde, não foi? Encontrou alguém? Viu alguém? Falou com alguém?

– Não, passei o dia todo na floresta. Quando comprámos a quinta estava incluído um bom pedaço de floresta que precisa de manutenção e...

A voz extinguiu-se e deixou a frase a meio.

– Quer dizer que não há ninguém que possa confirmar onde esteve durante o dia?

– Não, mas... que quer dizer com isso?

– Está a acusar o Peter de alguma coisa? – perguntou Bengt com o rosto vermelho. – Bem, acho que agora já...

Gösta ergueu a mão. Tinha previsto aquela reação. Reagia toda a gente da mesma maneira e era perfeitamente compreensível.

– É uma pergunta que temos de fazer. Temos de poder excluir o Peter e a Eva da investigação. Não considero que estejam envolvidos, mas de acordo com o procedimento habitual, faz parte do meu trabalho excluí-los.

– Tudo bem – disse debilmente Eva. – Eu compreendo. O Gösta está só a cumprir o seu dever, Bengt. Na verdade, quanto mais depressa e melhor o cumprir...

– Okay – disse o sogro, mas continuava rígido na cadeira, pronto para defender o filho.

– Não, não encontrei ninguém naquele dia – disse Peter. – Estava no meio da floresta e, além disso, lá não há rede, por isso não pude fazer nem receber nenhuma chamada. Estive completamente sozinho. Depois regresssei a casa. Cheguei às duas e quarenta e cinco. E sei ao certo porque olhei para o relógio quando entrei no pátio com o trator.

– Okay – disse Gösta. – E a Eva? Como foi a sua manhã e o resto do dia? Pode fazer-me um resumo?

– Dormi até às nove e meia. Também sei ao certo porque a primeira coisa que faço quando acordo é olhar para o relógio, a menos que tenha posto o despertador, claro. E lembro-me de ter ficado surpreendida...

Abanou a cabeça.

– Surpreendida com o quê? – perguntou Gösta.

– Surpreendida por ser tão tarde. Normalmente acordo automaticamente antes das sete. Devia estar muito cansada...

Esfregou os olhos.

– Levantei-me, fui ao quarto da Nea e vi que não estava lá, mas não me preocupei. Na verdade, não fiquei mesmo nada preocupada.

Agarrou firmemente a borda da mesa.

– Porque é que não ficou preocupada? – perguntou Gösta.

– A Nea ia frequentemente com o Peter – respondeu Ulla.

Eva assentiu.

– Sim, adorava ir com ele para a floresta e normalmente também acordava muito cedo. Por isso, julguei que tivesse ido com o pai.

– E depois? Como passou o resto do dia?

– Tomei o pequeno-almoço sem pressa, li o jornal e vesti-me. Por volta das onze decidi ir a Hamburgsund de carro para fazer algumas compras. É tão raro ter tempo para mim.

– Encontrou alguém por lá?

Gösta bebeu um golo de café, porém, ao sentir que estava frio, pousou a chávena.

– Vou buscar-lhe mais – disse repentinamente Ulla, levantando-se. – Já deve estar frio.

Gösta não se opôs e agradeceu-lhe com um sorriso.

– Dei uma volta pelas lojas – disse Eva. – Havia muita gente, mas não encontrei ninguém conhecido.

– Okay – disse Gösta. – Apareceu alguém na quinta antes ou depois da sua visita a Hamburgsund?

– Não, ninguém. Passaram alguns carros, isso sim, e também várias pessoas a fazer *jogging*. E, mesmo antes de sair, vi a Dagmar, que andava a dar um passeio como faz todas as manhãs.

– A Dagmar? – perguntou Gösta.

– A mulher que mora na casa vermelha, não muito longe daqui. Faz uma caminhada todas as manhãs.

Gösta assentiu e pegou na chávena cheia que Ulla lhe estendia.

– Obrigado – disse, bebendo um gole de café quente. – Okay, não houve nada de especial que lhe tenha chamado a atenção? Nada que fugisse à normalidade?

Eva concentrou-se, franzindo a testa.

– Pense nisso com calma. Até os pormenores mais insignificantes podem ser importantes.

Eva abanou a cabeça.

– Não, estava tudo como era habitual.

– E quanto a telefonemas? Falou com alguém ao telefone durante o dia?

– Não, que me lembre, não. Quer dizer, liguei-te, Ulla, depois de ter regressado a casa.

– Pois ligaste, é verdade.

Ulla parecia surpreendida com o facto de que, apenas um dia antes, a vida decorresse como era habitual, sem o mais pequeno pressentimento de que tudo estava prestes a desmoronar-se.

– Que horas eram?

– Lembras-te? – Eva olhou para Ulla. As tremuras tinham passado. Gösta sabia que aquela calma relativa era apenas temporária. Por alguns instantes, o cérebro conseguia manter os acontecimentos ao largo, mas no momento seguinte tudo lhe voltaria à memória. Vira aquilo acontecer muitas vezes ao longo da carreira policial. A mesma dor. Rostos diferentes. Reações diferentes e, contudo, tão semelhantes. Nunca acabava. As vítimas nunca acabavam.

– Devia ser por volta da uma da tarde. Bengt, tu também ouviste a chamada de Eva. Não era uma hora, mais ou menos? Tínhamos ido tomar banho a La Mata e voltámos antes da uma para fazer o almoço.

Virou-se para Gösta.

– Em Torrevieja fazemos sempre uma refeição leve: um pouco de queijo mozarela e tomate, e está feito. Sabe, o tomate é muito melhor em Espanha... – Levou a mão à boca, apercebendo-se de que, por alguns segundos, se esquecera de tudo e começara a falar como se nada tivesse mudado. – Chegámos ao apartamento pouco antes da uma – prosseguiu em voz baixa. – A Eva telefonou logo a seguir e ficámos ao telefone durante uns dez minutos.

Eva assentiu. Tinha de novo lágrimas nos olhos e Gösta esticou-se para alcançar um pedaço de papel.

– Ontem falou com mais alguém?

Deu-se conta de que devia parecer uma loucura estar para ali a perguntar por telefonemas e por quem tinham encontrado, mas as coisas eram exatamente como lhes explicara: era preciso excluí-los da investigação e perceber se tinham algum álibi. Nem por um momento colocou a hipótese de Eva e Peter estarem envolvidos. No entanto, não era o primeiro polícia da História a ter dificuldade em acreditar que os pais pudessem fazer mal aos próprios filhos. E, infelizmente,

em alguns casos, isso tinha mesmo acontecido. Os acidentes acontecem. E por vezes não eram acidentes, por mais horrível que isso fosse.

– Não, só com a Ulla. Depois chegou o Peter e eu compreendi que a Nea tinha desaparecido, e depois... bem, depois...

Apertava o papel de cozinha com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

– Há alguém que pudesse querer fazer mal à vossa filha? – perguntou Gösta. – Consegue pensar num possível móbil? Uma pessoa que possam ter conhecido no passado? Algum inimigo vosso ou da vossa família?

Ambos abanaram a cabeça.

– Somos pessoas completamente normais – respondeu Peter. – Nunca nos envolvemos em atividades criminosas ou em coisas do género.

– Não há nenhum ex-marido ou ex-mulher em busca de vingança?

– Não – respondeu Eva. – Conhecemo-nos quando tínhamos quinze anos e não houve mais ninguém na nossa vida.

Gösta respirou fundo antes da pergunta seguinte, mas por fim decidiu-se:

– Sei que é uma pergunta muito ofensiva, sobretudo dada a situação atual, mas algum dos dois tem ou teve um relacionamento extraconjugal? Não estou a tentar deixar-vos embaraçados. Só preciso de tentar identificar um possível móbil. Alguém que possa ter considerado a Nea um obstáculo.

– Não – disse Peter, olhando fixamente para Gösta. – Valha-me Deus. Não. Estamos sempre juntos e nunca poderíamos... Não.

Eva abanou a cabeça com firmeza.

– Não, não, não! Porque é que estão a perder tempo com estas coisas? Porque é que estão aqui connosco? Porque não andam lá fora à procura do assassino? Será que há alguém por estas bandas...

Apercebendo-se do que estava prestes a perguntar e das implicações dessas palavras, Eva empalideceu de repente.

– Terá ela... É possível que tenha sido... Oh, meu Deus...

Os soluços ecoaram pelas paredes da cozinha e Gösta teve de fazer um esforço para não se levantar e precipitar-se porta fora. Era insuportável ver o olhar nos rostos dos pais de Nea quando se aperceberam de que havia uma pergunta que preferiam não ver respondida.

E Gösta não tinha nada para lhes dizer, nenhum conforto para lhes oferecer, porque não sabia.

– Desculpa, mas isto aqui está um autêntico caos.

Jörgen virou-se para o jovem assistente que tinha falado. Uma veia latejava-lhe na têmpora quando disse:

– Mas que raio é que tu queres? Aqui trabalha-se!

Empurrou um operador de câmara que estava demasiado próximo dele e quase atingiu uma das mesas montadas no cenário da sala que tinham recriado, por pouco não derrubando um vaso, que estremeceu.

Marie quase teve pena do assistente, que pestanejava nervosamente. O quarto *take* estava prestes a começar e Jörgen parecia cada vez mais irritado.

– Peço desculpa – disse o assistente que Marie julgava chamar-se Jakob, ou talvez Jonas.

O jovem tossiu.

– Não vou conseguir mantê-los afastados por muito mais tempo. Há uma multidão de jornalistas lá fora.

– Mas não era para chegarem às quatro? Se não me engano, era essa a hora agendada para as entrevistas.

Jörgen olhou para Marie, que abriu os braços. Esperava que ele não ganhasse o hábito de lhe falar naquele tom de voz, senão as filmagens seriam longas e desgastantes.

– Estão a falar de uma menina morta – disse nervosamente Jakob, ou Jonas, e Jörgen revirou os olhos.

– Sim, já sabemos. Mas vão ter de esperar até às quatro.

O pescoço do jovem ficou muito vermelho, mas ele não se mexeu.

– É que não estão a falar dessa menina, mas de outra. E querem conversar com a Marie. Agora.

Marie percorreu o pequeno cenário com o olhar. O realizador, os operadores de câmara, a secretária de produção, a maquilhadora e todos os assistentes tinham os olhos postos nela. O mesmo olhar fixo de há trinta anos. Em certo sentido, a familiaridade com a situação dava-lhe uma sensação de segurança.

– Vou falar com eles – disse, compondo rapidamente a blusa e certificando-se de que tinha o cabelo em ordem.

Claro que também deviam lá estar fotógrafos.

Olhou para o assistente nervoso.

– Diz-lhes para irem para a sala de estar – pediu. Depois olhou para Jörgen. – Vamos inverter a ordem das coisas e tratamos já das entrevistas. Filmamos a cena às quatro. Assim não perdemos tempo.

Quando se rodava um filme, o horário das filmagens era Deus, e Jörgen parecia alguém que vira o mundo desabar.

Chegada à entrada da pequena sala de estar, Marie parou por um momento. A multidão de jornalistas era impressionante. Ficou contente por estar vestida como Ingrid, de calções com botões dos dois lados, uma blusa branca e um lenço a envolver-lhe o cabelo. Assentavam-lhe na perfeição e ficariam bem em qualquer fotografia. Seria uma excelente publicidade para o filme.

– Olá! – disse com uma voz ligeiramente rouca que se tornara a sua imagem de marca. – Soube que tinham perguntas para me fazer.

– Tem algum comentário sobre o que aconteceu?

Um jovem com olhos famintos de jornalista de diário vespertino olhou para Marie, ansioso.

Os outros jornalistas que estavam na sala fixavam-na, também com grande expectativa. Marie empoleirou-se no braço de um sofá que ocupava grande parte do espaço e cruzou as pernas compridas, exibindo-as, porque isso sempre a beneficiara.

– Desculpem, mas estivemos aqui fechados nos estúdios o dia todo. Podem dizer-me o que aconteceu?

O jovem jornalista inclinou-se para a frente.

– Encontraram a menina que desapareceu ontem. Foi assassinada. Aquela que vivia na mesma quinta que a Stella.

Marie pressionou a mão contra o peito. De repente, imaginou uma menina de cabelo louro-arruivado. Tinha na mão um grande cone de gelado e o gelo derretido escorria-lhe para os dedos.

– Que coisa horrível – disse.

Um homem mais velho, sentado ao lado do primeiro, levantou-se e dirigiu-se à mesa onde se encontravam copos e um jarro de água. Encheu um copo e entregou-lho.

Marie agradeceu-lhe com um aceno de cabeça e bebeu vários golinhos.

O jornalista dos olhos famintos não desistia.

– A polícia acaba de dar uma conferência de imprensa e, de acordo com Bertil Mellberg, a senhora e a Helen Jensen são consideradas pessoas com interesse para a investigação. Que tem a dizer sobre isso?

Marie olhou para o gravador que ele lhe estendia. A princípio, todas as palavras lhe fugiram. Engoliu várias vezes em seco. Veio-lhe à mente outra sala, outro interrogatório. E o homem que a olhara com suspeição.

– Não estou surpreendida – declarou. – Há trinta anos, a polícia também tirou conclusões precipitadas e erróneas.

– Tem um álibi para a hora em questão? – perguntou o homem que lhe dera o copo de água.

– Uma vez que desconheço de que hora se trata, é-me naturalmente impossível responder-lhe.

As perguntas sucederam-se em catadupa.

– Já teve algum contacto com a Helen desde que regressou?

– Não é uma coincidência um tanto ou quanto estranha que uma menina da mesma quinta tenha morrido logo quando a senhora regressa?

– Tem mantido o contacto com a Helen ao longo dos anos?

Normalmente, Marie adorava ser o centro das atenções, mas naquele momento sentiu que era de mais para ela. Aproveitara o passado para construir a carreira, uma vantagem sobre milhares de raparigas ambiciosas que lutavam por papéis. Mas as memórias daqueles horríveis anos sombrios também a tinham consumido.

E agora tinha de reviver tudo aquilo.

– Não, eu e a Helen não tivemos nenhum contacto. Depois de termos sido acusadas de um crime que não cometemos, fizemos vidas completamente separadas. Estarmos em contacto só ajudaria a manter vivas aquelas terríveis memórias. Nenhum contacto depois de ter sido expulsa daqui e de terem destruído a vida de duas meninas inocentes.

Os fotógrafos fizeram crepitar as câmaras e Marie recostou-se na cadeira.

– E a questão da coincidência? – insistiu o jovem jornalista. – A polícia parece pensar que há uma ligação entre os dois homicídios.

– Não posso responder a isso – disse Marie. Franziu a testa como que a pedir desculpa. Um mês antes tinha levado mais uma injeção de *botox* e só recuperara algum controlo da expressão mesmo a tempo do início das filmagens. – De qualquer forma, não me parece que tenha sido coincidência. E isso só reforça o que tenho sustentado durante todos estes anos: enquanto a polícia se focava em nós, o verdadeiro assassino conseguiu escapar.

As máquinas fotográficas voltaram a disparar vários *flashes*.

– Quer dizer que está a culpar a polícia de Tanumshede pela morte de Linnea? – perguntou o jornalista mais velho.

– Chamava-se Linnea? Pobre criança... Sim, acredito que se tivessem feito bem o trabalho deles há trinta anos, isto não teria acontecido.

– Mas não considera um pouco estranho que um novo homicídio tenha sido cometido poucos dias depois da sua chegada? – perguntou uma mulher com cabelo escuro cortado à pajem. – É possível que o seu regresso tenha sido o fator que levou o assassino a voltar a atacar?

– É possível. Não é uma suposição bastante razoável?

Já estava a ver os títulos dos jornais do dia seguinte. Os investidores iam ficar exultantes com toda aquela publicidade. Se não servisse para mais nada, garantia pelo menos a sobrevivência do projeto.

– Peço que me desculpem, fiquei realmente abalada com esta notícia. Preciso de tempo para digerir o que aconteceu antes de poder responder a mais perguntas. Por enquanto, terão de dirigir-se ao gabinete de imprensa da produtora.

Marie levantou-se, reparando com surpresa que as pernas tremiam. Mas agora não devia pensar nisso. Recusava-se a pensar nas memórias obscuras que a atormentavam constantemente.

Na sua profissão havia muita gente no topo. E, se queria manter a posição de estrela que alcançara, tinha de continuar a apresentar trabalho. Atrás de si, Marie ouviu os jornalistas a precipitarem-se para fora da sala, para os carros e os computadores, de modo a cumprirem os prazos. Voltou a fechar os olhos e viu-se uma vez mais à frente de uma menina sorridente com cabelo louro-arruivado.

*

– Que sorte teres uma mãe que passa tanto tempo fora.

Nils acendeu um cigarro. Soprou o fumo em direção ao teto do quarto de Vendela e depois sacudiu a cinza para uma lata de refrigerante vazia pousada na mesa-de-cabeceira.

– Sim, mas ontem tentou obrigar-me a ir com ela ao centro de jardinagem – disse Vendela, tirando-lhe o cigarro da mão.

Deu uma passa e depois voltou a entregá-lo a Nils, que limpou um pouco de batom que ficara no filtro antes de repetir o gesto.

– Não estou a ver-te a plantar essas flores merdosas.

– Dás-me um? – perguntou Basse, que estava esparramado num pufe vermelho.

Nils lançou-lhe um maço de *Marlboro* e Basse agarrou-o com ambas as mãos.

– Imagina se alguém me tivesse visto lá. Toda a escola iria rir-se de mim.

– Então, tens umas mamas demasiado boas para que alguém gozasse contigo na escola.

Nils apertou-lhe os seios e Vendela deu-lhe uma palmada no ombro, mas sem grande convicção. Nils sabia muito bem que Vendela gostava daquilo.

– Viram as mamas grandes daquela vaca? – perguntou Basse, incapaz de ocultar um vestígio de desejo na voz.

Nils lançou-lhe uma almofada.

– Não me digas que ficaste excitado com as mamas daquela vaca. Porra, não viste que é feia como o caraças?

– Sim, claro que vi. Mas tem mamas enormes, porra.

Desenhou-as no ar com as mãos e Vendela suspirou.

– És doido.

Ergueu os olhos para as manchas pálidas no teto. Há pouco tempo, Nils dissera-lhe que os *One Direction* eram uma banda para putos. No dia seguinte, Vendela removera todos os cartazes.

– Acham que eles andam a comer-se?

Nils soprou um anel de fumo em direção ao teto inclinado. Não precisava de esclarecer a quem se referia com aquela pergunta.

– Sempre pensei que ele era *gay* – disse Basse, soprando alguns anéis de fumo mal feitos. – Não sei como é que o pai o deixa usar aquela maquilhagem toda.

Quando eram pequenos, todos admiravam James Jensen, um verdadeiro herói de guerra. Nos últimos tempos, porém, começava a ter um aspeto envelhecido e enrugado. Afinal de contas, já tinha quase sessenta anos. Talvez tivesse sido por o pai parecer tão extraordinário que tinham começado a gozar com Sam na escola. Era o exato oposto de James.

Nils pegou na lata. Ouviu-se um silvo quando deixou cair o cigarro lá dentro. Suspirou. A velha inquietação estava de volta.

– É melhor que aconteça alguma coisa, e depressa.

Basse olhou para Nils.

– Senão, vais tu fazer com que aconteça.

O Caso Stella

Leif abriu lentamente a porta. Estivera várias vezes com Larry e Lenita ao longo dos anos. E também com os filhos, mas nunca vira a filha. Até àquele momento.

– Olá – disse simplesmente ao entrar na sala.

Larry e Lenita viraram-se para o agente, enquanto Marie evitava encará-lo.

– Quando acontece alguma coisa, a polícia arrasta-nos logo para cá – disse Larry. – Já estamos habituados a ser acusados de tudo, mas obrigar a Marie a vir cá para uma espécie de interrogatório é de mais, porra.

Ao falar, o pai de Marie soltava perdigotos pelos intervalos nos dentes. Tinha perdido três incisivos em várias rixas. Fosse numa festa de aldeia, num concerto de *rock* ou numa simples saída de sábado à noite, Larry nunca falhava, bêbado e sempre pronto para brigar.

– Não é um interrogatório – explicou Leif. – Só queremos conversar com a vossa filha. Até agora, só sabemos que a Marie e a Helen foram as últimas pessoas a ver a Stella viva, por isso é importante reconstituir as últimas horas que passaram com ela.

– Reconstituir, essa é boa! – bufou Lenita, fazendo ondular os cabelos oxigenados e com permanente. – Tramá-la pelo homicídio, isso sim. Mas lembrem-se de uma coisa: a Marie só tem treze anos.

Indignada, acendeu um cigarro, e Leif não teve coragem de lhe dizer que era proibido fumar dentro da esquadra.

– Queremos saber como é que elas passaram o tempo com a Stella, só isso.

Estudou Marie, que até àquele momento ficara sentada em silêncio entre os pais. Como teria sido crescer numa família como aquela, com brigas e bebedeiras constantes e o vaivém das autoridades por causa das queixas de violência doméstica?

Lembrou-se de uma véspera de Natal quando Marie ainda era bebé. Se não estava enganado, tinha sido o rapaz mais velho a ligar à polícia. Quantos anos teria na altura? Nove? Ao entrar, Leif encontrou Lenita na cozinha com o rosto todo ensanguentado. Larry tinha-lhe atirado a cabeça contra o fogão, que estava salpicado de sangue. Na sala, por detrás da árvore de Natal, os dois filhos

escondiam-se do pai, que deambulava pela casa a praguejar e a gritar. O mais velho tinha a irmãzinha nos braços. Leif nunca esqueceria aquela visão.

Lenita recusara-se a apresentar queixa. E, em todos aqueles anos de espancamentos e nódoas negras, continuara sempre a defender obstinadamente Larry. Também acontecia ser Larry a apresentar um hematoma dos grandes, e uma vez até ficara com um grande galo, quando Lenita lhe batera com um balde de ferro fundido na cabeça. Leif sabia que as coisas aconteceram assim porque na altura estivera presente.

– Está bem – disse Marie em voz baixa. – Pergunte-me o que quiser. Também vai falar com a Helen, não é?

Leif assentiu.

– Vi-os chegar – disse, cruzando as mãos no colo.

Era muito bonita e, se bem se lembrava, a mãe também fora uma beldade quando era nova.

– Conta-me por palavras tuas tudo o que fizeste ontem – pediu Leif, acenando com a cabeça na direção de Marie. – Vou gravar o que dizes e tomar notas. Espero que não te importes.

– Tudo bem.

Estava calmamente sentada e ainda tinha as mãos entrelaçadas. Vestia calças de ganga e uma camisola branca, e o cabelo louro comprido caia-lhe até meio das costas.

Descreveu o dia anterior de forma calma e metódica. Sem hesitações nem tremores na voz, Marie descreveu hora a hora o tempo que tinham passado com Stella. Leif deu por si a ouvir com fascínio o relato da rapariga. A voz era um pouco rouca, cativante, e Marie parecia mais madura do que os seus treze anos. Talvez crescer num lar tão caótico pudesse provocar aquele efeito.

– As horas que me deste são precisas?

Leif repetiu-as e Marie assentiu.

– Quer dizer que a deixaram na quinta quando viram o carro do pai de Stella lá estacionado? Mas não o viram?

Marie já tinha dito que não, mas aquele era um pormenor crucial e Leif queria ter a certeza de ter ouvido corretamente.

– Sim, é isso.

– E depois foram tomar um banho no lago? Tu e a Helen?

– Sim, Helen até nem podia, por causa dos pais. Não queriam que nos déssemos.

Lenita bufou novamente.

– Uns convencidos do caraças, sempre de nariz empinado – disse. – Acham-se muito superiores a todos. Mas, que eu saiba, cagam como todas as outras pessoas.

– São muito amigas? – perguntou Leif.

– Sim, acho que sim – respondeu Marie, encolhendo os ombros. – Damo-nos desde muito novas. Bem, até nos terem dito que não devíamos dar-nos.

Leif pousou a caneta.

– Há quanto tempo vos proibiram de se encontrarem?

Nem Leif tinha a certeza se, na mesma situação, deixaria que a filha fosse amiga de um membro da família Wall. Pelos vistos também era um convencido.

– Há cerca de seis meses. Descobriram que eu fumava e, desde então, deixei de poder dar-me com a princesinha deles. Sou uma má companhia.

Larry e Lenita abanaram a cabeça.

– Há mais alguma coisa que queiras acrescentar? – perguntou Leif, olhando-a nos olhos.

A expressão da rapariga era completamente inescrutável, mas então franziu a testa.

– Não. Só quero dizer que acho horrível o que aconteceu à Stella. Era uma menina tão doce... Espero que apanhem o culpado.

– Estamos a dar o nosso melhor – afirmou Leif.

Marie limitou-se a assentir calmamente.

*

ERA UM ALÍVIO poder ficar sentado no gabinete com a porta fechada durante algum tempo. Tinham passado toda a noite a procurar na floresta e, depois da descoberta de Nea, toda a atividade cessara. Patrik sentia as pálpebras tão pesadas que mal conseguia mantê-las abertas. Se não se concedesse rapidamente um momento de repouso, em breve adormeceria sobre a secretária. No entanto, ainda não podia dar-se ao luxo de se deitar na pequena cama da sala de repouso da esquadra. Primeiro tinha de fazer alguns telefonemas e depois chegaria Erica para relatar o que sabia sobre o caso Stella. Patrik mal podia esperar que a mulher chegasse. Apesar do que Mellberg dissera na conferência de imprensa, todos os colegas tinham a sensação de que os casos estavam de alguma forma relacionados. Mas a grande questão era: de que modo? Será que o assassino voltara? Teria sido um imitador? O que estaria por detrás da morte da criança?

Pegou no telemóvel e fez a primeira chamada.

– Olá, Torbjörn – disse quando o experiente chefe dos técnicos forenses atendeu passados alguns segundos. – Queria saber se podia dar-me algumas informações preliminares.

– Sabe tão bem como eu quais os procedimentos – respondeu Torbjörn.

– Sim, eu sei que têm de examinar cuidadosamente todas as provas, mas estamos a falar de uma criança assassinada, e cada minuto conta. Há algo que lhe tenha chamado a atenção? Alguma coisa no corpo? Ou alguma coisa encontrada no local?

– Desculpe, Patrik, mas de momento não posso dizer-lhe nada. Recolhemos uma série de coisas, mas temos mesmo de examinar tudo com atenção.

– *Okay*, compreendo. Mesmo assim valia a pena tentar. Pressione um pouco os rapazes, por favor, e dê-me um toque assim que tiver alguma coisa concreta. Precisamos de toda a ajuda possível.

Patrik olhou de relance para o céu azul-claro lá fora. Um grande pássaro planou por um momento, aproveitando os ventos ascendentes, para depois descer de repente em voo picado e desaparecer do campo de visão.

– Conseguir recuperar os relatórios do caso Stella? – perguntou. – Precisamos deles para fazer uma comparação.

– Já fiz isso. Daqui a pouco já lhos envio pelo sistema de *e-mail* seguro.

Patrik sorriu.

– É uma pérola, Torbjörn.

Patrik desligou e respirou fundo algumas vezes antes da próxima chamada. O corpo tremia-lhe de cansaço.

– Olá, Pedersen, fala Hedström. Como está a correr a autópsia?

– Que quer que lhe diga? – respondeu o diretor do Instituto de Medicina Legal de Gotemburgo. – É sempre difícil.

– Sim, compreendo. E quando se trata de crianças ainda é pior. Calculo que para vocês ainda seja mais complicado.

Tord Pedersen murmurou algumas palavras em sinal de concordância. Patrik não lhe invejava o trabalho.

– Quando julga poder dar-nos alguma coisa?

– Talvez para a semana.

– A sério? Que merda. Para a semana? Não pode mesmo ser antes?

O médico-legista suspirou.

– Sabe como isto é no verão...

– Eu sei, por causa do calor. Sei que o número de vítimas aumenta. Mas estamos a falar de uma menina de quatro anos. De certeza que pode...

Apercebeu-se de como o tom parecia suplicante. Tinha todo o respeito pelas regras e pelos regulamentos, mas ao mesmo tempo via mentalmente o rosto de Nea e estava disposto a implorar se isso pudesse de alguma forma acelerar a investigação.

– Dê-me pelo menos alguma coisa em que possamos começar a trabalhar. Por exemplo, uma causa de morte preliminar. De certeza que teve tempo de dar uma vista de olhos ao corpo...

– É decididamente demasiado cedo para termos a certeza, mas tinha uma ferida na nuca, isso posso dizer-lhe.

Patrik tomou nota enquanto segurava no telefone entre o ombro e a orelha. Não tinha reparado na ferida quando levantaram o corpo.

– Okay, mas não sabe o que poderá tê-la provocado?

– Não, infelizmente não sei.

– Compreendo, mas por favor, acelere a autópsia tanto quanto possível, e ligue-me assim que tiver alguma coisa. Obrigado, Pedersen.

Patrik desligou com uma sensação de frustração. Queria resultados, rapidamente. Mas os recursos eram limitados e havia muitos cadáveres. Fora quase sempre assim desde que entrara para a polícia. Seja como for, alguma coisa tinha conseguido descobrir. Embora de momento não servisse para muito. Esfregou os olhos. Tão depressa não haveria esperança de poder dormir um bocado.

*

Paula não conseguiu evitar um arrepio quando passaram pela quinta onde Nea tinha vivido. O filho, Leo, tinha três anos, e ficava doente só de pensar que alguma coisa lhe podia acontecer.

– Está ali um dos nossos carros – disse Martin, continuando a avançar. – O Gösta deve estar a falar com os pais.

– Sim, não o invejo nem um bocadinho – disse em voz baixa.

Martin não disse nada.

Olharam para a casa branca para onde se dirigiam. Ficava a poucos passos da propriedade dos pais de Nea e talvez se conseguisse vê-la do celeiro, mas não da casa da quinta.

– Vamos lá? – perguntou Martin.

Paula assentiu:

– Sim, é o vizinho mais próximo, por isso diria que é o mais lógico – respondeu, apercebendo-se de que utilizara um tom mais austero do que tencionara.

Mas Martin não pareceu levar a mal. Virou para o acesso à casa e estacionou. Não parecia estar ninguém em casa.

Bateram, mas a porta permaneceu fechada. Paula bateu novamente, com mais força. Chamou em voz alta sem obter resposta e procurou uma campainha que não estava lá.

– Devem ter saído...

– Primeiro vamos ver nas traseiras – disse Martin. – Pareceu-me ouvir música lá ao fundo.

Contornaram a casa. Paula não pôde deixar de admirar as flores que floresciam no pequeno jardim que quase impercetivelmente se fundia com a floresta. Agora também ouvia a música. Nas traseiras encontrava-se uma mulher a fazer uma rápida sucessão de abdominais com a música em altos berros.

Ao vê-los, a mulher sobressaltou-se.

– Desculpe o incómodo – disse Paula. – Batemos à porta.

A mulher assentiu.

– Não há problema, apenas me assustei. Estava completamente absorvida...

Desligou a música, levantou-se, limpou as palmas das mãos suadas a uma toalha e depois cumprimentou-os, primeiro Paula, e depois Martin.

– Chamo-me Helen. Helen Jensen.

Paula franziu a testa. O nome parecia-lhe familiar. Então, percebeu. Caramba, era aquela Helen. Não fazia ideia de que morava tão perto da família Berg.

– E então, o que veio a polícia fazer aqui? – perguntou a mulher.

Paula olhou de relance para Martin. Pela expressão viu que também o colega se dera conta de quem Helen era.

– Não ouviu as notícias? – perguntou Paula, surpreendida.

Era possível que estivesse a fingir? Será que não se apercebera mesmo do vaivém na floresta durante toda a noite? Não se falava noutra coisa.

– O quê? – perguntou Helen, olhando primeiro para Martin e depois para Paula. De repente ficou hirta. – Aconteceu alguma coisa ao Sam?

– Não, não – respondeu Paula, erguendo a mão.

Calculou que Sam devia ser o filho ou o marido de Helen.

– Trata-se da menina da quinta ao lado. A Linnea. Desapareceu ontem à tarde, ou melhor, os pais aperceberam-se de que tinha desaparecido ontem à tarde. E esta manhã, infelizmente, foi encontrada morta.

Helen deixou cair a toalha no chão do terraço. Não fez menção de voltar a apanhá-la.

– A Nea? A Nea está morta? Como? Onde?

Levou uma mão ao pescoço e Paula viu uma veia latejar sob a pele. Amaldiçoou-se a si própria. Tinham programado conversar com Helen depois da visita de Erica à esquadra para falar do caso Stella. Mas agora não havia nada a fazer. Estavam ali e não podiam simplesmente retirar-se para depois voltarem. Tinham de tirar partido da situação o melhor possível

Olhou de relance para Martin, que assentiu.

– Podemos sentar-nos ali? – perguntou, apontando para os móveis de jardim de vinil a poucos metros de distância.

– Sim, sim, claro, desculpem – respondeu Helen.

Dirigiu-se para a porta aberta que dava para a sala de estar.

– Com licença. Vou só vestir mais alguma coisa – disse Helen, que estava de *top* desportivo e de *leggings*.

– *Okay* – disse Paula.

Sentaram-se nas cadeiras do terraço, trocando olhares. Paula viu que Martin também estava insatisfeito com o evoluir da situação.

– Um jardim destes é que eu gostava de ter – disse Martin, olhando em redor. – Uma data de rosas, rododendros e malvas-rosas. E também há ali umas peónias.

Apontou para um dos cantos do jardim. Paula não fazia ideia de quais eram as flores de que Martin falava. Os jardins não eram a sua paixão. Estava satisfeita

por viver num apartamento e nunca quisera ter uma vivenda nem um relvado.

– Sim, têm-se dado bem – disse Helen quando regressou. Vestia um fato de treino leve. – Transplantei-as no ano passado. Primeiro estiveram ali.

Apontou para uma ala do jardim à sombra.

– Mas pensei que iam crescer melhor onde estão agora. E realmente foi o que aconteceu.

– Cuida do jardim sozinha? – perguntou Martin. – Se precisar de ajuda recomendo a Sanna, a dona do centro de jardinagem. Tem muito jeito para...

Calou-se de repente, apercebendo-se da ligação entre as duas mulheres, mas Helen limitou-se a encolher os ombros.

– Não, eu cuido do jardim sozinha.

Sentou-se à mesa, à frente dos dois agentes. Parecia ter tomado um duche rápido, porque tinha os cabelos molhados na nuca.

– Então, que aconteceu à Nea? – perguntou Helen com um ligeiro tremor na voz.

Paula observou-a. A aflição parecia autêntica.

– Os pais comunicaram-nos ontem o desaparecimento da filha. A Helen e a sua família não repararam realmente nas equipas de busca que varreram a zona durante toda a noite? Houve grandes movimentações mesmo ao virar da esquina.

Era estranho que Helen não tivesse ouvido toda aquela gente que andara lá fora a vasculhar a floresta a poucas centenas de metros da sua casa.

Helen abanou a cabeça.

– Não, fomos deitar-nos cedo. Tomei um comprimido para dormir e não teria acordado mesmo que rebentasse uma guerra mundial. E o James... bem, dormiu na cave. Acha que é mais fresca e lá não se ouve nada do exterior.

– Há pouco mencionou um certo Sam – disse Martin.

Helen assentiu.

– É o nosso filho. Tem quinze anos. De certeza que esteve acordado até tarde, com auscultadores a ouvir música em altos berros. Mas, quando adormece, é impossível acordá-lo.

– Quer dizer que nenhum de vocês ouviu nada?

Paula apercebeu-se de que utilizara um tom de suspeição, mas não conseguia esconder a perplexidade que sentia.

– Não, pelo menos que eu saiba, não. Esta manhã, nenhum deles falou nisso.

– Okay – disse Paula. – Como deve compreender, vamos ter de falar com o seu marido e com o seu filho.

– Sim, claro. Neste momento não estão em casa, mas podem voltar ou telefonar.

Paula assentiu.

– Ontem viu a Linnea?

Helen pensou enquanto fitava as próprias unhas, que não estavam pintadas nem limadas. Via-se que eram mãos que trabalhavam a terra e arrancavam ervas daninhas com frequência.

– Não me lembro de a ter visto ontem. Vou correr todas as manhãs e, quando ela está fora de casa, costuma dizer-me adeus. Acho que faz isso a toda a gente que passa. Ontem não me lembro de tê-la visto, mas não tenho a certeza. Não me lembro bem. Quando corro vou muito concentrada. Abstraio-me e entro num mundo só meu.

– Corre só para se manter em forma ou também participa em corridas? – perguntou Martin.

– Sou maratonista – respondeu Helen.

Isso explicava porque era tão elegante e estava tão em forma. Paula evitou pensar nos quilos a mais que carregava. Todas as segundas-feiras de manhã pensava em começar a fazer exercício e dieta, mas como cuidava de dois filhos pequenos e trabalhava na polícia não lhe restava tempo nem energia. Além disso, saber que Johanna a amava tal como era, com ou sem banhas, não ajudava a motivá-la.

– Ontem passou pela quinta dos Berg? – perguntou Martin.

Helen assentiu.

– Sigo sempre o mesmo caminho, fora nos meus dois dias de descanso semanais, em que não corro. Mas isso acontece aos sábados e aos domingos.

– E não se lembra de ter visto a Nea? – repetiu Paula.

– Não, não me parece.

Helen franziu a testa.

– Como... O que...? – balbuciou, incapaz de completar a pergunta. Então fez outra tentativa. – Como é que a Nea morreu?

Paula e Martin trocaram olhares.

– Ainda não sabemos – respondeu Martin.

Helen levou novamente a mão ao pescoço.

– Pobre Eva e pobre Peter. Não os conheço muito bem, mas são os nossos vizinhos mais próximos, por isso falamos de vez em quando. Foi um acidente?

– Não – respondeu Paula, observando atentamente a reação de Helen. – A Nea foi assassinada.

– Assassinada?

Abanou a cabeça.

– Uma menina da mesma idade, da mesma quinta. Sim, compreendo porque vieram cá.

– Na verdade foi uma coincidência – disse Martin com sinceridade. – Temos de conversar com os vizinhos mais próximos para saber se viram alguma coisa. Não sabíamos que a Helen morava aqui.

– Pareceu-me ter ouvido que os seus pais venderam a quinta e se mudaram – disse Paula.

– Sim, é verdade – disse Helen. – Venderam-na logo depois do julgamento e mudámo-nos para Marstrand. Mas o comprador, o James, era um grande amigo do meu pai. E, enfim, depois eu e o James casámos e o meu marido quis que viéssemos morar para aqui.

– Onde está o seu marido? – perguntou Paula.

– Está a tratar de vários assuntos – respondeu, encolhendo os ombros.

– E o seu filho? – perguntou Martin. – O Sam?

– Não faço ideia. É verão. Quando cheguei a casa depois da corrida, o Sam não estava cá, nem a bicicleta. Deve ter ido ter com os amigos a Fjällbacka.

Houve um momento de silêncio. Helen olhou para os agentes com os olhos cintilantes.

– Agora vão pensar... vão todos pensar que fomos nós? – A mão passou do pescoço ao cabelo. – Os jornais? As pessoas vão... Calculo que vá começar tudo de novo.

– Estamos a analisar todas as possibilidades – disse Paula, sentindo alguma compaixão pela mulher à sua frente.

– Teve algum contacto com a Marie desde que ela voltou? – perguntou Martin.

Não conseguiu resistir, mesmo sabendo que seria melhor adiar para outra altura as perguntas sobre o caso anterior.

– Não, não temos nada a dizer uma à outra – respondeu Helen, abanando a cabeça.

– Quer dizer que não se encontraram nem falaram ao telefone? – perguntou Paula.

– Não – repetiu Helen. – A Marie pertence a outra época, a outra vida.

– Okay – disse Paula. – Teremos de voltar a conversar mais tarde, mas neste momento estamos a falar consigo apenas na qualidade de vizinha dos Berg. Viu ou ouviu alguma coisa invulgar nos últimos dias? Carros? Pessoas? Algo que lhe tenha chamado a atenção ou lhe tenha parecido deslocado? O que quer que seja?

Paula tentava o mais possível expressar-se em termos gerais. Não sabiam ao certo o que perguntar.

– Não – respondeu Helen passado um momento. – Não, não posso dizer que vi ou ouvi algo estranho recentemente.

– Como já dissemos, temos de fazer a mesma pergunta ao seu marido e ao seu filho – disse Martin, levantando-se.

Paula acrescentou:

– Sim, e também teremos de voltar para lhe fazer outras perguntas.

– Compreendo – disse Helen.

Quando os dois agentes se retiraram, Helen permaneceu sentada à mesa do terraço. Ao fundo resplandeciam as rosas e as peónias. Helen não ergueu os olhos.

*

Patrik foi ter com a mulher à receção e Erica deu-lhe um beijo rápido. O rosto de Annika iluminou-se e a secretária levantou-se e contornou o balcão para a abraçar.

– Olá! – disse afetuosamente. – Como estão os gémeos? E a Maja?

Erica retribuiu o abraço e perguntou pela família de Annika. Gostava muito da mulher que punha a esquadra em ordem e respeitava-a cada vez mais. Às vezes conseguiam reunir-se para jantar, mas não tão frequentemente como gostariam. Como ambas tinham filhos pequenos, era fácil passar semanas e meses sem conseguirem dar espaço à vida social.

– Vamos para a sala de reuniões – disse Annika, e Erica assentiu.

Tinha estado muitas vezes na esquadra e sabia onde era a divisão a que a secretária se referia.

– Já lá vou ter – disse Annika em voz alta para Erica e para Patrik, que avançavam já pelo corredor.

– Olá, *Ernst!* – exclamou alegremente Erica quando o grande cão se aproximou dela com a língua de fora e a abanar a cauda.

Provavelmente estivera a dormir debaixo da secretária de Mellberg, mas tinha saído de lá à pressa ao ouvir a voz de Erica. O cão cumprimentou-a com uma lambidela na mão e Erica recompensou-o fazendo-lhe cócegas atrás das orelhas.

– Atenção, há civis presentes – disse Mellberg com ar carrancudo da entrada do gabinete.

Erica, no entanto, apercebeu-se de que, apesar daquelas palavras ásperas, o superintendente ficara contente ao vê-la.

– Ouvi dizer que foi brilhante na conferência de imprensa – disse ela sem sombra de sarcasmo.

Patrik deu-lhe uma cotovelada. Sabia que Erica estava a gozar com o chefe, mas Bertil Mellberg estava radiante de satisfação.

– Sim, há muito que sou perito nessas coisas. Aqui, nesta pasmaceira, as pessoas não estão habituadas a ver uma pessoa com a minha experiência a conduzir uma conferência de imprensa e a manter um nível tão elevado de profissionalismo. Os jornalistas estavam praticamente a comer da minha mão. E, quando se sabe lidar com jornalistas como eu sei, os tipos podem tornar-se uma ferramenta muito valiosa para uma investigação.

Erica assentiu com gravidade e Patrik fulminou-a com o olhar.

Entraram na sala de reuniões e o dossiê que levava na pasta de repente pareceu-lhe muito pesado. Pegou nele e pousou-o na mesa à sua frente. Enquanto esperava que Patrik e Mellberg se sentassem, Erica contornou rapidamente a mesa para cumprimentar Gösta, Paula e Martin.

– O Patrik disse-me que o Gösta podia ajudar-me com os pormenores do caso – disse ao agente mais velho.

– Vamos ver do que me recordo – disse Gösta, coçando a nuca. – Afinal de contas, já passaram trinta anos.

– Fico-lhe grata por qualquer contributo que possa dar-me.

Annika tinha montado o grande quadro branco e trouxera bastantes marcadores. Erica tirou algumas folhas do grosso dossiê e fixou-as no quadro com pequenos ímanes prateados. Depois pegou num marcador e refletiu sobre como havia de começar.

Aclarou a voz.

– Stella Strand tinha quatro anos quando desapareceu da quinta dos pais. Duas raparigas de treze anos, Marie Wall e Helen Persson – cujo atual apelido é Jensen –, tinham ficado de tomar conta de Stella durante algumas horas, porque a mãe, Linda, e a irmã mais velha, Sanna, precisavam de ir às compras a Uddevalla.

Apontou para as duas fotografias que afixara, tiradas de um anuário escolar. Uma retratava uma rapariga de cabelo escuro com ar sério, e a outra mostrava uma loura com olhar desafiante, mas já com feições tão belas que tiravam o fôlego. Helen ainda apresentava as feições indefinidas de uma adolescente, enquanto Marie já tinha o olhar de uma mulher.

– Ambas moravam perto da quinta dos Strand e por isso é que conheciam a Stella e a família. Já tinham feito de *baby-sitter* da menina muitas vezes, e embora não fosse habitual, também não era novidade.

Reinava um silêncio pesado na sala. Todos conheciam parcialmente o caso, mas era a primeira vez que alguém lhes apresentava o quadro completo.

– As raparigas chegaram a casa da família Strand por volta da uma da tarde. Nunca foi possível estabelecer a hora precisa, mas devia ser mais ou menos uma hora. Quando Linda e Sanna partiram para Uddevalla, as raparigas estavam a brincar com a Stella no pátio. Pouco tempo depois começaram a dirigir-se a Fjällbacka com a Stella num carrinho de criança. Tinham-lhes dado dinheiro para comprar gelados, por isso foram ao quiosque. Passado algum tempo regressaram à quinta.

– É um trajeto bastante longo – disse Martin. – Não sei se teria permitido que duas miúdas andassem a caminhar por aí durante tanto tempo com a minha filha de quatro anos.

– Eram tempos diferentes – contrapôs Erica. – As pessoas não andavam preocupadas com a segurança como hoje em dia. Quando éramos novas, eu e a minha irmã íamos em pé entre os bancos do carro enquanto o meu pai conduzia, e sem cintos de segurança. Atualmente é difícil de aceitar, mas na altura ninguém achava estranho. Portanto, as raparigas regressaram depois à quinta com a Stella no carrinho e chegaram por volta das quatro. Tinham combinado com Linda deixar a Stella com o pai, o Anders, às quatro e meia; porém, quando viram o carro dele estacionado no pátio, presumiram que tivesse chegado a casa mais cedo do trabalho e deixaram simplesmente a Stella na quinta.

– Mas as raparigas não viram o pai da Stella? – perguntou Paula, e Erica acenou com a cabeça na direção de Gösta.

– O Anders estava dentro de casa – explicou Gösta.

Erica olhou de relance para o quadro branco antes de prosseguir.

– Em 1985, o chefe da esquadra era Leif Hermansson. Esta manhã fui conversar com a filha dele para saber se se lembrava de alguma coisa da investigação realizada pelo pai, mas a senhora não se recordava de grande coisa e parece que ela e os irmãos não encontraram nenhum material do caso após a morte do pai. No entanto, disse-me que nos últimos anos de vida Leif afirmava duvidar da culpabilidade das duas raparigas.

Patrik franziu a testa.

– Mas explicou qual era o fundamento dessas dúvidas?

Erica abanou a cabeça.

– Não, ou pelo menos a filha não se recordava. Gösta, tens alguma coisa a acrescentar?

Gösta coçou o pescoço.

– Não, não me lembro do Leif ter expressado quaisquer dúvidas acerca do resultado da investigação. Mas sei que considerava o caso uma tragédia terrível, todos achávamos. Muitas vidas foram destruídas de uma penada, e não apenas as de Stella e da sua família.

– E enquanto Leif estava a trabalhar no caso? – perguntou Martin. – Alguma vez expressou alguma dúvida?

– Não, que eu me lembre, não – respondeu Gösta. – Depois da confissão das raparigas tudo parecia claro como a água. O facto de elas terem voltado atrás depois de se aperceberem da gravidade da situação, segundo Leif não alterava nada. O caso era sólido.

Baixou os olhos, refletindo. Era novidade para ele que, nos anos anteriores à sua morte, Leif tivesse tido dúvidas.

– E depois, o que aconteceu? – perguntou Patrik, impaciente. – Estávamos a dizer que as raparigas deixaram a Stella na quinta porque julgavam que o pai já lá estava.

– O pai alguma vez chegou a ser suspeito? – perguntou Paula.

– O Anders Strand foi interrogado várias vezes – respondeu Gösta. – O Leif verificou pormenorizadamente as declarações dele, comparando repetidamente as horas que ele indicou. Também interrogou a mãe da Stella e a irmã mais velha para verificar se...

Hesitou e Martin completou as palavras do colega:

– Para saber se haveria eventuais problemas no seio da família, como abuso sexual ou violência doméstica.

– Sim – confirmou Gösta. – Nunca é uma tarefa agradável ter de fazer essas perguntas.

– Faz-se o que tem de ser feito – acrescentou Patrik em voz baixa.

– Não foi encontrado nada do género – disse Erica. – Nunca houve qualquer sinal de problemas. Eram uma família normal e afetuosa. Nenhum sinal de que houvesse algo errado. Então, a investigação avançou para a fase seguinte, ou seja, procurar alguém fora do círculo familiar.

– Mas isso também não levou a lado nenhum – afirmou Gösta. – Não foi visto nenhum estranho na proximidade da quinta, nem antes do homicídio nem por volta da hora da morte da Stella. Nem encontrámos pedófilos referenciados na zona. Ou seja, nada.

– Como morreu a Stella? – perguntou Paula enquanto coçava distraidamente *Ernst* por detrás da orelha.

– Na sequência de golpes violentos na cabeça – respondeu Erica. Depois de um momento de hesitação, afixou outra fotografia no quadro branco.

– Valha-me Deus – disse Annika, pestanejando para afastar as lágrimas.

Gösta teve de desviar o olhar. Já tinha visto aquelas fotografias.

– A Stella sofreu repetidos golpes na nuca. No relatório de autópsia diz-se que provavelmente os golpes foram infligidos já depois de ter morrido.

– Com dois objetos contundentes diferentes – acrescentou Patrik. – Dei uma vista de olhos ao relatório enviado por Pedersen e reparei nesse pormenor.

Erica assentiu.

– Sim, foram encontrados resíduos de pedra e de madeira na ferida. Colocou-se a hipótese de ter sido atingida por um ramo e por uma pedra.

– Foi uma das razões pelas quais o Leif começou a suspeitar de que houvesse dois culpados – disse Gösta, olhando para cima.

– Não tendo visto a Stella e as raparigas regressarem como tinha sido combinado, o pai começou a ficar preocupado – prosseguiu Erica. – Quando a Linda e a Sanna regressaram a casa, às cinco e meia, o Anders estava à beira de um ataque de nervos. Recebera uma chamada de KG a dizer que a Helen e a Marie tinham deixado a Stella na quinta quase meia hora antes. A Linda e o Anders começaram a procurar na floresta e ao longo da estrada, mas depressa desistiram. Chamaram a polícia por volta das seis e um quarto e as buscas começaram imediatamente. Tal como desta vez, apareceram bastantes voluntários da zona para ajudar.

– Ouvi dizer que a Nea foi encontrada pelo mesmo homem que encontrou a Stella – disse Martin. – Não é uma circunstância que devíamos examinar com mais atenção?

Patrik abanou a cabeça.

– Não, na minha opinião, não. Até foi uma sorte ele ter decidido vasculhar mais cuidadosamente o local onde tinha encontrado a Stella.

– É estranho que os cães pisteiros não a tenham descoberto – afirmou Paula, continuando a coçar *Ernst* por detrás da orelha.

– As equipas cinotécnicas ainda não tinham tido tempo de lá chegar – disse Patrik. – Diz-nos mais alguma coisa sobre as raparigas.

Erica compreendeu aonde Patrik queria chegar. Ela empenhava-se sempre muito a fazer pesquisas sobre as pessoas envolvidas nos casos e estava convencida de que esse era um dos fatores do sucesso dos livros que escrevia. A

maior parte dos leitores já lera os nomes dos implicados nos jornais e visto os rostos em fotografias granuladas sob os títulos; o objetivo de Erica era dar-lhes vida, descrever o caráter de cada um.

– Infelizmente, ainda não tive tempo de fazer as entrevistas que queria com toda a gente que conhecia a Helen e a Marie na altura, mas consegui falar com algumas pessoas e isso permite-me, pelo menos em parte, descrever algumas das circunstâncias em que elas e as famílias viviam.

Erica aclarou a voz.

– Ambas as famílias eram muito conhecidas na comunidade, mas por razões completamente diferentes. Aparentemente, a família da Helen era perfeita. A mãe e o pai eram figuras de renome na comunidade empresarial e cultural. O pai era presidente dos Rotários e a mãe colaborava com a Associação Casa e Escola. Tinham uma vida social ativa e chegaram a organizar várias iniciativas culturais em Fjällbacka.

– Havia irmãos ou irmãs? – perguntou Paula.

– Não, a Helen era filha única. Uma rapariga conscienciosa e sossegada. E boa aluna. Foi assim que a descreveram. Tocava bem piano e, pelo que ouvi dizer, os pais gostavam de exibir o talento dela. A Marie, pelo contrário, vinha de uma família que vos deve ter dado muito que fazer mesmo antes do homicídio.

Gösta assentiu.

– Podes apostar.

– Brigas, álcool, furtos, enfim, sabem como é... E isso inclui não apenas os pais, mas também os dois irmãos mais velhos da Marie, que andavam sempre metidos em confusões. Marie era a única rapariga e, antes da morte da Stella, não aparece nos registos criminais. Já os irmãos sim, e muito antes dos treze anos.

– Se houvesse um sarilho qualquer, bicicletas roubadas, furtos no quiosque, etc., íamos sempre primeiro à quinta dos Wall – disse Gösta. – E nove vezes em cada dez encontrávamos lá a maldita bicicleta ou o que quer que tivesse sido roubado. Não eram muito espertos.

– Mas a Marie nunca esteve envolvida, pois não? – perguntou Patrik.

– Não, a única queixa que nos chegou foi feita pela direção da escola. Suspeitavam de que a Marie era vítima de maus-tratos. Mas a rapariga negou-o sempre com firmeza. Dizia que tinha caído da bicicleta e coisas do género.

– Mas não podiam ter interferido à mesma? – perguntou Paula, franzindo a testa.

– Sim, embora naquela época fosse muito raro.

Erica reparou que Gösta estava atrapalhado, provavelmente porque sabia que Paula tinha razão.

– Eram outros tempos. Envolver a Segurança Social era o último recurso. E o Leif resolveu o assunto indo lá e dando um grande sermão ao pai da Marie. Desde então, a escola não voltou a sinalizar nenhuma situação. Claro que é impossível saber se o pai parou de lhe bater ou se passou a ter mais cuidado para não deixar marcas visíveis.

Tossiu para o punho fechado e não disse nada mais.

– Apesar de terem vindo de ambientes familiares tão diferentes – prosseguiu Erica –, as duas raparigas tinham-se tornado boas amigas. Passavam o tempo juntas, mesmo que a família da Helen não aprovasse. A princípio tinham fechado os olhos, esperando que fosse uma coisa passageira, porém, com o passar do tempo, começaram a ficar cada vez mais irritados com a companhia que a filha escolhera e proibiram as raparigas de se encontrarem. O pai da Helen já morreu e ainda não tive tempo de falar com a mãe, mas falei com outras pessoas que os conheciam naquela época. Todas dizem que houve grande alvoroço quando a Helen foi proibida de sair com a Marie. Podem imaginar o drama que foi para duas pré-adolescentes. Mas no fim foram forçadas a obedecer e pararam de se encontrar nos tempos livres. Mas os pais da Helen não podiam impedir que se encontrassem na escola, já que eram colegas de turma.

– Mas quando se tratou de fazerem de *baby-sitter* da Stella, os pais da Helen abriram uma exceção – disse Patrik, pensativo. – Porque terá sido, uma vez que se opunham tão firmemente a que as raparigas se dessem?

Gösta inclinou-se para a frente.

– O pai da Stella era o gerente do banco de Fjällbacka, o que significa que era uma das pessoas mais importantes da região. E, como Anders Strand e a mulher, Linda, já tinham pedido às duas raparigas para tomarem conta da Stella juntas, KG Persson não quis ofendê-lo e abriu uma exceção.

– Quanto tempo demoraram a confessar? – perguntou Paula.

– Uma semana – respondeu Erica, olhando novamente para as fotografias no quadro branco.

Voltava sempre à mesma pergunta. Porque é que as raparigas confessaram um homicídio brutal se não eram culpadas?

O Caso Stella

– Isto é uma loucura. A minha filha já passou o suficiente!

Lenita compôs a farta cabeleira loura. Marie estava sentada à mesa em silêncio com as mãos no colo. Os longos cabelos emolduravam-lhe o bonito rosto.

– Somos obrigados a fazer estas perguntas. Peço desculpa, mas é necessário.

Leif nunca tirava os olhos de Marie. Os pais da rapariga podiam dizer o que quisessem, mas estava convencido de que as raparigas não estavam a dizer toda a verdade. A polícia tinha falado várias vezes com Anders Strand e examinado meticulosamente a história da família, sem no entanto encontrar nada. Eram as raparigas que podiam abrir uma janela no caso. Tinha a certeza disso.

– Está bem – disse Marie.

– Podes contar mais uma vez o que aconteceu quando entraram na floresta?

– Voltou a falar com a Helen? – perguntou Marie, olhando para Leif.

Mais uma vez, Leif pensou que, quando fosse adulta, Marie seria linda. Perguntou-se como é que Helen se sentiria perante ela? Tendo igualmente uma filha, Leif conhecia, pelo menos em parte, a dinâmica das amizades entre as raparigas e sabia que nem sempre era fácil ser invisível, viver na sombra da amiga bonita. Helen parecia bastante vulgar ao lado da bela Marie, e Leif interrogava-se que influência teria isso na relação das duas. Eram uma dupla estranha, sob muitos pontos de vista, e era-lhe difícil compreender o que as tinha levado a juntar-se. Leif pura e simplesmente não conseguia lá chegar.

Pousou a caneta. Agora ou nunca. Olhou para os pais de Marie.

– Gostava de falar a sós com a Marie durante alguns minutos.

– Nem pensar nisso!

A voz aguda de Lenita ricocheteou nas paredes da pequena sala de interrogatórios da esquadra.

– Às vezes, é mais fácil uma pessoa recordar-se de alguma coisa se estiver descontraída e acho que esta é uma situação de grande tensão para a Marie – disse calmamente Leif. – Se tiver a possibilidade de lhe fazer algumas perguntas sobre o passeio na floresta, talvez obtenhamos algumas informações que façam com que a investigação avance, e este problema ficará resolvido num abrir e fechar de olhos.

Larry tocou numa das muitas tatuagens que tinha no braço e olhou de relance para a mulher.

Lenita bufou.

– Na nossa família, uma conversa a sós com a polícia nunca correu bem. Basta pensar naquela vez em que Krille chegou a casa com um olho negro depois de ter sido levado para a esquadra. – A voz tornou-se estridente: – Não tinha feito nada! Estava a divertir-se com os amigos quando o levaram e depois chegou a casa com um olho negro.

Leif suspirou. Sabia exatamente a que Lenita se referia. Krille tinha realmente saído para uma farra, mas já estava perdido de bêbado. A certa altura, quando um rapaz se meteu com a namorada, ameaçou-o com uma garrafa de cerveja partida. Foram precisos três agentes para o obrigar a entrar no carro da polícia e, enquanto o levavam para a cela, continuou a esmurrar os agentes. Foram obrigados a usar a força para o acalmar e acabaram por atingi-lo no rosto. Mas Leif sabia que não era boa ideia argumentar, sobretudo se queria os pais de Marie fora da sala.

– É realmente lamentável – disse. – Se quiserem posso tentar analisar o incidente com um pouco mais de atenção. Pode haver até fundamentos para uma indemnização. Por maus-tratos por parte da polícia. Mas, antes de fazer isso, preciso da vossa autorização para falar um pouco a sós com a Marie. A vossa filha fica em boas mãos.

Leif lançou-lhes um sorriso rasgado e reparou que a referência à indemnização fez com que o rosto de Lenita se iluminasse.

A mãe de Marie virou-se para Larry.

– É claro que a polícia deve poder trocar algumas palavras a sós com a Marie. Afinal de contas, é testemunha na investigação de um homicídio. Não compreendo porque é que estás a fazer finca-pé com isso.

Larry abanou a cabeça.

– Não sei bem se...

Lenita levantou-se sem o deixar terminar a frase.

– Vá, deixa a polícia fazer o seu trabalho. Quando acabarem de falar, podemos tratar do outro assunto.

Levou Larry pelo braço e arrastou-o para fora da sala. Mas depois parou à entrada.

– Vê lá se te portas bem, Marie. Tenta aprender um pouco mais com o exemplo dos teus irmãos.

Olhou para Leif.

– Aqueles dois vão ser alguém na vida. Já esta só me tem dado problemas desde que nasceu.

A porta fechou-se nas costas de Leif e de Marie, e fez-se silêncio na sala. Marie ainda tinha as mãos entrelaçadas no colo e a cabeça descaída. Quando a ergueu, a expressão era inesperadamente negra.

– Fomos nós – disse com voz rouca. – Fomos nós que a matámos.

*

JAMES ABRIU O FRIGORÍFICO. Helen mantinha-o cheio e bem organizado, tinha de o reconhecer. Tirou a manteiga e pô-la na bancada da cozinha. Havia um copo junto ao lavatório. Sam devia ter-se esquecido de o arrumar. James cerrou os punhos, dominado pela desilusão ao pensar no filho. Sam, que parecia uma aberração. Sam, que nem sequer conseguira que o contratassem para um trabalho de verão. Que parecia não ter sucesso em nada.

Mas sabia disparar, tinha de reconhecê-lo. Quando estava nos seus dias, Sam disparava melhor do que ele. Mas iria decerto passar o resto da sua vida inútil sentado a perder tempo com jogos de vídeo.

James pensava que quando Sam fizesse dezoito anos o ia pôr fora de casa. Helen podia dizer o que quisesse, mas ele não tencionava sustentar um adulto preguiçoso e inepto. Então, sim, Sam ia perceber como era difícil encontrar um emprego com toda aquela maquilhagem preta e aquelas roupas deprimentes.

Ouviu baterem à porta e teve um sobressalto. Quem poderia ser?

Quando a abriu, ficou encandeado pelo sol e teve de proteger os olhos com a mão.

– Sim? – perguntou.

À porta estava um homem com cerca de vinte e cinco anos, que aclarou a voz.

– James Jensen?

James franziu a testa. Que significava aquilo? Deu um passo em frente e o homem recuou. Tinha muitas vezes aquele efeito sobre as pessoas.

– Sim, sou eu. Que quer?

– Sou jornalista do *Expressen* e estava a pensar se teria algum comentário a fazer sobre o facto de o nome da sua mulher aparecer de novo ligado à investigação de um homicídio.

James fitou-o sem compreender o que aquele homem estava para ali a dizer.

– «De novo» em que sentido? Que quer dizer? Está a referir-se ao homicídio de que a minha mulher foi injustamente acusada há trinta anos? Sabe muito bem que há anos que não temos absolutamente nada a dizer sobre isso!

Uma veia começou a latejar-lhe na têmpora. Porque estavam a remexer outra vez naquela história? Durante anos tinham sido atormentados por pedidos de entrevistas por parte de alguém que queria «porporcionar a Helen a oportunidade de dar a própria versão dos acontecimentos», mas tinham acabado por desistir. Há pelo menos dez anos que não os incomodavam.

– Estou a falar do facto de a menina que morava na mesma quinta da Stella ter sido encontrada morta esta manhã. Esta tarde, a polícia deu uma conferência de imprensa tendo sido referidos os nomes da sua mulher e da Marie Wall.

Mas que porra é esta?

– Ou seja, queria saber como encara o facto de, após trinta anos, a Helen voltar a ser considerada uma possível suspeita. Sei que sempre sustentou que era inocente. A propósito, a sua mulher está em casa? Se também pudesse trocar algumas palavras com ela seria excelente. É importante ouvir a versão dela sobre a história, antes que as pessoas comecem a tirar conclusões precipitadas.

A veia latejava cada vez com mais força. Aquelas malditas hienas. Será que não podiam deixá-los em paz? Será que iam outra vez andar a rondar a casa, como tinham feito quando os pais de Helen lá moravam? KG contara-lhe que, à noite, os jornalistas ficavam sentados no carro com os faróis desligados. Tinha assediado impiedosamente a família quer batendo à porta quer telefonando. A ponto de parecer que a casa estava a ser sitiada.

Viu que a boca do jornalista continuava a debitar palavras. Calculou que continuasse a fazer perguntas na tentativa de o convencer a falar, mas James não ouvia uma palavra que fosse. Sentia apenas um forte rugido na cabeça e a única maneira de calá-lo era fazer com que a boca à sua frente parasse de falar.

Cerrou o punho ainda com mais força e deu um passo em direção ao jornalista.

Depois do encontro daquela manhã tinham parado para nadar um pouco. Falaram do entusiasmo de Bill e riram-se do projeto louco em que tinham concordado participar. Aprender a velejar. Ninguém dos seus conhecimentos tinha alguma vez posto os pés num veleiro. E daí a algumas semanas iam participar numa competição.

– Nunca dará resultado! – disse Khalil, fechando os olhos no *jacuzzi*.

Adorava o calor. Na Suécia, o calor era apenas superficial; quando menos se esperava, podia vir uma rajada de vento frio e ficava com pele de galinha. Tinha saudades do calor seco e opressivo. Aquele que nunca se dissipava, apenas se atenuava um pouco, tornando as noites misericordiosamente frescas. Além disso, era um calor com um perfume muito específico. Na Suécia, o calor não tinha cheiro. Era vazio e insosso como os suecos. Mas Khalil nunca se atreveria a dizê-lo em voz alta.

Karim repreendia-o sempre mal se queixava da Suécia ou dos habitantes do país. Dizia que tinham de estar-lhes agradecidos, que aquele era o seu novo lar, que tinham ali um refúgio onde poderiam viver em paz. E Khalil sabia que Karim tinha razão. O problema é que era incrivelmente difícil gostar dos suecos.

Irradiavam desconfiança e olhavam-no como se tivesse um estatuto inferior. Não apenas os racistas. Com esses era fácil lidar. Mostravam abertamente o que pensavam e as palavras deles faziam-lhe ricochete na pele. Era com os suecos normais que era mais difícil lidar. Aqueles que eram basicamente boas pessoas, que se consideravam tolerantes e generosos. Aqueles que liam sobre a guerra na Síria nos jornais, que ficavam chocados com aquela situação terrível, que doavam dinheiro às organizações humanitárias e ofereciam roupa para os refugiados, mas que jamais sonhariam em convidar um para as suas casas. Era esses que nunca aprenderia a conhecer. Por isso, como poderia conhecer aquele novo país? Não conseguia convencer-se a considerá-lo um «lar» como Karim. Não estava em casa, apenas noutra país.

– Olha para aquelas miúdas – disse Adnan, e Khalil virou-se para ver a quem o amigo se referia.

Uma rapariga loura e duas morenas, mais ou menos da mesma idade dos sírios, chapinhavam ruidosamente ao fundo da piscina.

– Vamos falar com elas? – sugeriu Adnan, apontando na direção das raparigas.

– Só vamos meter-nos em sarilhos – disse Khalil.

Numa das aulas de sueco, Sture tinha-lhes explicado como se deviam comportar com as raparigas locais. Era melhor nem sequer meter conversa com elas. Khalil, no entanto, não pôde deixar de pensar como seria bom poder conhecer uma rapariga sueca. Então sim, poderia aprender mais sobre o país e melhorar o sueco.

– Anda, vamos conversar com elas – insistiu Adnan, arrastando-o pelo braço.

– Que mal pode acontecer?

Khalil soltou-se.

– Pensa no que o Sture disse.

– Então, o Sture é um velho. Não percebe nada destas coisas.

Adnan saiu do *jacuzzi* e mergulhou na piscina. Com algumas braçadas rápidas aproximou-se das raparigas. Khalil seguiu-o, hesitante. Não era nada boa ideia.

– Olá! – ouviu o amigo exclamar, e apercebeu-se de que não tinha alternativa a não ser juntar-se a ele.

De início, as raparigas pareciam desconfiadas, mas depois sorriram e responderam em inglês. Khalil descontraíu-se. Talvez Adnan tivesse razão e Sture estivesse errado. As raparigas não pareciam ofendidas por lhes ter sido dirigida a palavra. Apresentaram-se e disseram que estavam numa estância com as famílias. Tinham-se conhecido lá.

– Ei, vocês aí, que porra estão a fazer?

Khalil teve um sobressalto.

Um homem na casa dos cinquenta aproximou-se deles.

– Desculpe, não falo sueco – disse em inglês, abrindo os braços.

Sentiu um nó no estômago. Só queria sair dali.

A rapariga loura fulminou o homem com o olhar e dirigiu-lhe algumas frases irritadas em sueco. Khalil compreendeu que devia ser o pai.

– Deixem as raparigas em paz e voltem para onde vieram!

O homem que os estava a expulsar usava uma tanga com o «S» de Super-homem, o que teria sido bastante cómico se a situação não fosse tão desagradável.

– Desculpe – disse Khalil, afastando-se.

Não teve coragem para olhar para Adnan, cuja impetuosidade muitas vezes lhe criara problemas. Quase conseguia sentir a ira a irradiar do amigo.

– Não precisamos de pessoas como vocês por cá – prosseguiu o sueco. – Vocês só arranjam problemas!

Khalil olhou para o rosto do homem, vermelho de raiva, e interrogou-se o que diria se soubesse que tinham andado toda a noite a pé à procura da pequena Nea. Mas provavelmente não teria importância. Pessoas como aquele homem já tinham decidido o que pensar dos refugiados.

– Anda – disse, desta vez em árabe, arrastando Adnan atrás de si.

Era melhor retirarem-se. A rapariga loura encolheu os ombros como que a pedir desculpa.

*

Quando Erica acabou de expor o caso Stella na esquadra, o relógio já marcava as cinco e meia. Patrik apercebera-se de que estavam todos exaustos. Ninguém tinha dormido. Por isso, depois de alguma hesitação, ordenara-lhes que fossem todos para casa. Era melhor que no dia seguinte estivessem repousados e alerta para não cometerem um possível erro devido ao cansaço, que depois seria difícil remediar. O mesmo era válido para si próprio. Não se lembrava de ter desejado tão intensamente uma boa noite de sono.

– Não te esqueças dos miúdos – disse Erica, sorrindo e pousando-lhe a cabeça no ombro quando já iam no carro a caminho de Fjällbacka.

– Bolas, e eu a pensar que me tinha safado! – brincou. – Não podemos «esquecer-nos» deles em casa do Dan e da Anna até amanhã, pois não? Estou

completamente de rastos e há muito tempo que não passamos uma noite inteira sem que um deles se vá enfiar na cama no meio de nós.

– Não me parece que seja o momento certo para nos esquecermos deles – respondeu Erica, sorrindo e acariciando-lhe a face. – Esta noite podias dormir no quarto de visitas, não? Eu encarrego-me dos miúdos. Tens de descansar.

Patrik abanou a cabeça. Detestava dormir sem Erica. E, no fundo, o ruído dos pezinhos a aproximarem-se pelo corredor à noite era bastante reconfortante. Assim como era enternecedor quando um, ou mais do que um, dos filhos ia aninhar-se neles na cama. Sobretudo naquele momento em que precisava mais do que nunca de saber que a família estava por perto e em segurança. Estava mais do que disposto a renunciar a uma noite de sono em troca de paz de espírito. Além de que, cansado como estava, dificilmente o conseguiriam acordar.

Passaram por casa de Anna e de Dan para ir buscar três crianças felizes que tinham claramente ingerido demasiado açúcar. Foram convidados para jantar, porém, depois de uma olhadela a Patrik, Erica declinou. Patrik nem sequer tinha a certeza de ter energia para comer alguma coisa.

– Papá, papá, deram-nos gelado – disse Maja do banco traseiro, felicíssima. – E rebuçados. E bolo.

Certificou-se de que os irmãos estavam bem presos nas cadeirinhas. Parecia pensar que os pais não eram capazes de tomar conta deles sem a sua ajuda.

– Ótimo, parece que a Anna e o Dan conseguiram abranger toda a roda dos alimentos – disse Patrik, rolando os olhos na direção de Erica.

– Não te preocupes – disse a mulher, rindo-se –, da próxima vez que fizermos de *baby-sitter* vingamo-nos e empanturramos-lhes os filhos de açúcar.

Ah, como adorava ouvi-la rir. Na verdade, para ser completamente sincero, adorava tudo nela, incluindo os maus hábitos. Sem eles não seria a mesma. Sentira-se tão orgulhoso ao ouvi-la passar cuidadosa e metodicamente em revista os resultados obtidos até ao momento na pesquisa para o livro. Patrik era o primeiro a admitir que, com toda a probabilidade, Erica era a mais inteligente dos dois. Tinha uma mente brilhante e não conseguia evitar admirar a dedicação e o profissionalismo da mulher. Às vezes perguntava-se como teria sido a vida se não tivesse conhecido Erica, mas acabava sempre por afastar esses pensamentos. Erica estava ali, era sua e tinham três miúdos maravilhosos sentados no banco traseiro. Enquanto continuavam em direção a Sälvik, Patrik pegou-lhe na mão e foi recompensado com aquele sorriso que o aquecia sempre por dentro.

Quando chegaram a casa, os filhos quase não cabiam nas paredes com tantos doces que tinham comido e, para fazer com que se acalmassem antes de ir dormir, Patrik e Erica decidiram deixá-los enroscar-se no sofá a ver um filme. Patrik estava preparado para a luta, porque a escolha do DVD habitualmente desencadeava uma batalha entre três crianças determinadas, mas Maja decerto conduziu negociações de alto nível ainda no carro, porque anunciou com ar sabichão:

– Papá, sei que eles não devem ver *Frozen*, porque é muito assustador e só as crianças grandes é que podem ver esse filme quando já é tão tarde... mas eu disse que hoje podiam abrir uma insecção...

Depois piscou-lhe exageradamente o olho. Patrik lutou para conter o riso. Atrevida, a miúda! Saía à mãe, sem dúvida. Além disso falava quase como um adulto, apesar de ter dito «insecção» em vez de «exceção». Não teve coragem de a corrigir e forçou-se a permanecer sério. Os gémeos olhavam ansiosamente para ele.

– Hum... não sei... De dia é uma coisa, mas como tu dizes, à noite, o filme é demasiado assustador para crianças pequenas. Pronto, tudo bem, abrimos uma *insecção*. Mas só desta vez!

Os gémeos aplaudiram e Maja sorriu de satisfação. Meu Deus, que seria aquela criança quando crescesse? Patrik teve um vislumbre da residência oficial do primeiro-ministro em Estocolmo.

– Ouviste aquilo? – perguntou, rindo-se, quando foi ter com Erica.

A mulher lançou-lhe um sorriso rasgado. Estava a cortar vegetais para a salada na bancada da cozinha.

– Sim, sem dúvida. Que será dela?

– Estava aqui a pensar que daria uma boa primeira-ministra – respondeu Patrik. Abraçou-a por trás e cheirou-lhe o pescoço.

Adorava o perfume de Erica.

– Senta-te. Mais um minuto e o jantar está pronto – disse a mulher, beijando-o.

– Servi-te um copo de vinho tinto e pus no forno um pedaço da lasanha da tua mãe.

– Não devíamos realmente queixar-nos dos mimos exagerados da minha mãe – disse Patrik, sentando-se pesadamente à mesa da cozinha.

Kristina, a mãe de Patrik, preocupava-se constantemente que as crianças – e até mesmo Erica e Patrik – pudessem morrer de malnutrição por comerem demasiadas refeições prontas. Pelo menos uma vez por semana, Kristina passava lá por casa com pratos caseiros para guardarem no congelador. E, apesar de

resmungarem que estava na altura de Kristina os tratar como adultos, em ocasiões como aquela a ajuda da mãe de Patrik era inestimável. Além disso, cozinhava muito bem e a lasanha tinha um cheiro delicioso.

– O que te parece? O meu relatório foi útil? – Erica sentou-se à frente dele e serviu-se igualmente de um copo de vinho tinto. – Fizeram progressos na investigação?

– Até agora não temos nada de concreto em que trabalhar – respondeu Patrik enquanto rodava o vinho no copo.

Olhando para o reflexo das duas velas acesas no líquido vermelho, pela primeira vez em quase dois dias permitiu-se relaxar um pouco, mesmo que não pudesse realmente descansar até descobrirem o que tinha acontecido a Nea.

– Novidades da parte da Helen ou da Marie? – perguntou, olhando para Erica. Erica abanou a cabeça.

– Não, nenhuma resposta. Tudo vai depender do que a editora com quem a Marie está em negociações a aconselhou a fazer, e se consideram que ela devia combinar uma entrevista comigo ou não. Pessoalmente, acredito que o meu livro poderia ser um chamariz e aumentar as vendas do dela, mas a editora pode ter outra ideia.

– E a Helen?

– Também ainda não respondeu, mas penso que há cinquenta por cento de possibilidade de me conceder a entrevista. A maioria das pessoas sente uma necessidade inata de desabafar, só que a Helen conseguiu reconstruir a vida em Fjällbacka, embora o tenha feito mantendo-se na sombra. Não tenho a certeza de que queira sair de lá por vontade própria logo agora. Ainda que, depois do que aconteceu, possa ter de fazê-lo à força. Todos os olhos estarão postos nela e em Marie.

– E tu, o que achas de tudo isto? – perguntou Patrik enquanto se levantava para abrir o forno e verificar a lasanha.

O queijo começara a borbulhar, mas ainda demorava algum tempo até ficar dourado como devia ser. Voltou a sentar-se e olhou para Erica, que tinha a testa franzida. Depois, a mulher acabou por responder:

– Sinceramente já não sei. Quando comecei as pesquisas para este livro estava absolutamente convencida de que as raparigas eram culpadas. O facto de ambas terem confessado pesa muito contra elas, mesmo que mais tarde se tenham retratado e tenham alegado inocência desde então. A minha ideia era escrever um livro em que tentaria compreender como fora possível duas adolescentes terem matado uma menina de quatro anos. Mas agora não tenho tanta certeza...

A possibilidade de o Leif Hermansson acreditar que eram inocentes fez-me ver a história de outra perspectiva. No fundo, o Leif era a pessoa mais concentrada no caso. E tudo se baseava na confissão das raparigas. Depois de consegui-la, a polícia parou de investigar. Quando as raparigas alegaram inocência, não havia interesse na reabertura do caso, inclusivamente para o Leif. As dúvidas dele surgiram mais tarde.

– Então o que poderá ter feito o Leif mudar de ideias acerca da inocência das raparigas?

– Não sei mesmo – respondeu Erica, abanando a cabeça e fazendo com que os caracóis louros lhe caíssem para o rosto. – Mas vou descobrir. Vou começar por entrevistar as pessoas que conheciam a Marie e a Helen há trinta anos, enquanto espero que as duas deem notícias.

Erica levantou-se para tirar a lasanha do forno.

– Liguei à mãe da Helen, e ela estava disposta a receber-me e a responder a algumas perguntas.

– O que te parece que a Helen vai pensar disso? – perguntou Patrik. – Quer dizer, disso de a mãe falar contigo.

Erica encolheu os ombros.

– Pelo que ouvi sobre mãe da Helen, ela só se preocupa consigo própria. Não me parece que esteja minimamente preocupada com a aprovação da filha.

– E a família da Marie? Os pais já morreram, mas também tem dois irmãos, não é?

– Sim, um mora em Estocolmo e parece que anda metido na droga, e o outro está na prisão, em Kumla, por assalto à mão armada.

– Preferia que te mantivesses longe deles – disse Patrik, embora soubesse que era como falar para uma parede.

– *Okay* – disse Erica, sabendo que Patrik tinha consciência de que não podia controlá-la.

Por acordo tácito mudaram de assunto e começaram a comer a lasanha.

Da sala de estar chegou-lhes o som de *Let it go* em altos berros na televisão.

O Caso Stella

Leif tentou pôr as ideias em ordem antes de entrar na pequena sala de reuniões. Era lógico. E, no entanto, não era. Mais do que qualquer outra coisa, fora a serenidade de Marie a convencê-lo. Durante a confissão do homicídio, a voz da rapariga não tinha vacilado.

Era uma criança, como tal nunca seria capaz de enganar um agente experiente como ele. Como poderia uma criança mentir sobre um crime inimaginável como aquele? Marie contara tudo de forma calma e objetiva, do princípio ao fim, enquanto a mãe soluçava e gritava, e o pai lhe berrava que se calasse.

Passo a passo, Marie descrevera o que aconteceu com a sua voz de menina. Olhara-lhe para as mãos entrelaçadas no colo e para o cabelo louro iluminado por um raio de sol que entrava pela janela. Era muito difícil acreditar que alguém com um ar tão angélico pudesse ter sido capaz de uma ação tão bárbara, mas não duvidava de que fosse verdade. Agora só precisava de juntar as últimas peças do *puzzle*. Ou melhor, a última peça.

– Peço desculpa por vos ter feito esperar tanto tempo – disse, fechando a porta atrás de si.

KG assentiu secamente e pôs a mão no ombro da filha.

– Estamos realmente a começar a ficar fartos disto – disse Harriet, abanando a cabeça.

Leif aclarou a voz.

– Acabei de falar com a Marie – afirmou.

Helen ergueu lentamente a cabeça. Tinha os olhos velados, como se estivesse noutra sítio qualquer.

– A Marie confessou que foram vocês.

KG arfou em busca de ar e Harriet levou a mão à boca. Por um momento, Leif pensou ver um lampejo de surpresa nos olhos da rapariga, mas desapareceu tão rapidamente como tinha aparecido e, mais tarde, nem sequer tinha a certeza de o ter visto.

Helen permaneceu em silêncio por alguns segundos, depois assentiu.

– Sim, fomos nós.

– Helen!

Harriet estendeu uma mão, mas KG permaneceu imóvel, o rosto como uma máscara.

– Devemos chamar um advogado? – perguntou.

Leif hesitou. Queria ir ao fundo do caso, mas não podia passar por cima dos procedimentos.

– É um direito que vos assiste, se quiserem – respondeu.

– Não, quero responder às perguntas – disse Helen, virando-se para olhar para o pai.

Parecia decorrer uma batalha silenciosa entre eles e, para espanto de Leif, Helen saiu vitoriosa.

Olhando para o agente, a rapariga perguntou:

– O que quer saber?

Voltou a percorrer a declaração de Marie ponto por ponto. Às vezes, Helen limitava-se a assentir e então Leif lembrava-lhe de que devia responder em voz alta, por causa do gravador. Ela mostrava a mesma calma contranatura de Marie, e Leif não sabia o que pensar daquela serenidade. Já interrogara muitos criminosos ao longo dos anos. Houvera de tudo, desde ladrões de bicicletas a maridos violentos, passando por uma mulher que afogara o bebé recém-nascido na banheira. Tinham mostrado uma ampla gama de emoções: raiva, dor, pânico, fúria, resignação. Nunca, no entanto, lhe acontecera interrogar uma pessoa com aquela atitude completamente neutra. Ainda mais duas suspeitas assim. Perguntou a si próprio se tal acontecia por serem crianças; talvez fossem demasiado novas para compreenderem o que tinham feito. A ausência de emoções ao contarem aquela história terrível tinha de assentar em algo diferente da maldade.

– Então e depois foram tomar banho? A Marie disse que tinham de limpar o sangue.

Helen assentiu.

– Sim, foi isso. Ficámos sujas de sangue e tivemos de tomar um banho.

– E não sujaram a roupa? Como eliminaram as manchas?

Helen mordeu o lábio.

– Conseguimos esfregar e retirar a maior parte com água. Depois, a roupa secou rapidamente ao sol. E, quando cheguei a casa, os meus pais não olharam para a minha roupa. Apressei-me a mudar-me antes do jantar e enfiei a roupa suja na máquina de lavar.

Por detrás de Helen, Harriet chorava com o rosto enterrado nas mãos. Helen não olhava para a mãe. KG continuava sentado, imóvel como uma estátua.

Parecia ter envelhecido vinte anos.

A incrível tranquilidade de Helen fazia com que se assemelhasse a Marie. Já não pareciam um par assim tão incompatível. Moviam-se do mesmo modo, falavam da mesma maneira e a expressão de Helen lembrava a de Marie. Havia um vazio no rosto de Helen. Um vazio silencioso.

Por um momento, observando a rapariga à sua frente, Leif estremeceu. Algo que teria repercussões durante muitos anos, talvez para o resto da sua vida, tinha-se posto em movimento. Obtivera as respostas, mas estas tinham dado origem a outras perguntas, muito mais importantes. Perguntas às quais provavelmente nunca conseguiria responder. Quando Helen olhou para Leif, o olhar era insondável e inexpressivo.

– Vão mandar-nos para o mesmo sítio, não vão? Vamos ficar juntas, não vamos?

Leif não respondeu. Levantou-se e saiu para o corredor. De repente sentia muita dificuldade em respirar.

*

A PEDRA EM QUE ESTAVA SENTADO ERA LISA, mas Karim mudava constantemente de posição. Apesar de o sol estar quente, tremia de vez em quando. Havia tantas palavras estranhas para aprender que sentia a cabeça a andar à roda. *In irons, cana do leme, navegar com vento à popa, vento de través, bolina cerrada*. Em vez de direita era necessário dizer estibordo. Ainda nem eram dez da manhã e já estava completamente exausto.

– Navegar «*in irons*» significa que a parte da frente do barco, a proa, fica diretamente apontada ao vento.

Bill gesticulava furiosamente, misturando inglês e sueco, e o que dizia era imediatamente traduzido para árabe por Farid. Karim retirou algum consolo ao ver que os outros pareciam igualmente confusos. Bill apontava para o barco ao lado do qual se encontrava, puxando as velas ora para um lado, ora para o outro, mas Karim pensava acima de tudo que o barco era terrivelmente pequeno e instável em comparação com o vasto fundo azul. O mais leve golpe de vento fá-lo-ia voltar-se e acabariam todos na água.

Porque concordara em participar? Na verdade, Karim sabia a resposta. Era uma oportunidade de se integrar na comunidade sueca, de conhecer os suecos, de saber como se comportavam, e talvez de pôr fim aos olhares de suspeição que lhe lançavam.

– Com a proa diretamente apontada ao vento, as velas apenas se agitam, não se vai a lado nenhum e o barco detém-se. – Bill ilustrou aquela ideia puxando as velas. – O barco tem de estar num ângulo de pelo menos trinta graus para poder mover-se a qualquer velocidade. E a velocidade é uma coisa maravilhosa, porque nós vamos participar numa regata!

Agitou os braços.

– Temos de descobrir a maneira mais rápida de fazer avançar o barco. Usem o vento!

Karim assentiu, embora não tivesse verdadeiramente compreendido. Sentiu um formigueiro na nuca e virou-se. Num rochedo não muito distante encontravam-se três adolescentes a olhar para eles. Uma rapariga e dois rapazes. Algo na atitude do grupo deixou-o desconfortável, por isso voltou novamente a atenção para Bill.

– Ajustam-se ou mareiam-se as velas utilizando a escota. É assim que se diz quando se puxa a vela mais para dentro do barco ou mais para fora.

Bill puxou aquilo a que Karim até àquele momento chamava corda e a vela retesou-se. Havia tantas coisas para aprender... Não iam conseguir fazê-lo até à regata. Talvez nunca.

– Para navegar contra o vento sem se ficar com a proa diretamente apontada ao vento, vira-se de bordo. Significa navegar à bolina.

Ao lado dele, Farid suspirou.

– Como um ziguezague. – Bill fez o gesto com os braços para mostrar o que queria dizer. – Vira-se o barco e depois volta a virar-se, para a frente e para trás. Isso chama-se bolinar.

Bill apontou de novo para o pequeno barco.

– Hoje pensei que podiam ir ao mar comigo, um a um. Só um pequeno passeio, para ficarem com uma ideia de como se faz.

Apontou para os barcos amarrados a uma certa distância. No início da aula, Bill explicara-lhes que se chamavam *lasers*. Pareciam ridiculamente pequenos.

Bill sorriu a Karim.

– Pensei começar com o Karim. Depois é a tua vez, Ibrahim. Os outros podem consultar estas fotocópias para rever os conceitos de que vos falei. Consegui encontrá-los em inglês na Internet, por isso vamos começar por aí. Mais tarde aprenderão os termos em sueco. *Okay?*

Todos em redor assentiram, mas Karim e Ibrahim entreolharam-se, alarmados. Karim estava a lembrar-se da viagem de Istambul para Samos. Os enjoos. As ondas oscilantes. O barco que seguia na frente a virar-se. Os gritos das pessoas. Os corpos dos que se afogaram.

– Aqui está um colete salva-vidas – disse alegremente Bill, sem se dar conta da tempestade que rugia dentro de Karim.

Karim enfiou o colete, tão diferente daquele que comprara por um preço muito inflacionado antes de iniciar a grande travessia.

Voltou a sentir o formigueiro na nuca. Os três adolescentes continuavam a observá-los. A rapariga dava risadinhas. Karim não gostava do olhar do rapaz louro. Resistiu à vontade de comentar com os outros. Já estavam suficientemente tensos.

– Está tudo pronto – disse Bill. – Só resta verificarmos se vestiram os coletes como deve ser e depois podemos partir.

Apertou mais as correias e assentiu em sinal de aprovação. Espreitou por detrás de Karim e riu-se.

– Parece que temos visitas. Os jovens vieram dar-nos apoio! – Bill acenou aos adolescentes. – Venham cá, venham!

Os três adolescentes desceram do rochedo e aproximaram-se deles. Quanto mais se aproximavam, mais os olhos do rapaz louro deixavam Karim com pele de galinha.

– Este é o meu filho, Nils – explicou Bill, pondo uma mão no ombro do rapaz de olhar sombrio. – E estes são os amigos dele, a Vendela e o Basse.

Os dois que tinham sido apresentados como amigos do filho deram um aperto de mão a todos, mas Nils limitou-se a olhar fixamente para eles.

– Cumprimenta-os também – disse Bill a Nils.

Karim estendeu a mão. Passados vários segundos, Nils apertou-lha. Tinha a mão gelada, mas os olhos eram ainda mais frios. De repente, o mar parecia um refúgio quente e acolhedor.

*

Helen mordiscava o interior da bochecha, como fazia sempre que tentava concentrar-se. Estava empoleirada no banquinho, tendo o cuidado de não se mexer demasiado para não cair. Provavelmente não se magoaria, mas iria perturbar James, sentado ali perto a ler o jornal.

Compôs as latas e as embalagens na prateleira superior do frigorífico para se certificar de que os rótulos ficavam voltados para fora. Sentia os olhos de James a observá-la. Um único suspiro que soltara ao abrir o frigorífico fora suficiente para lhe deixar um nó no estômago. Por isso estava a antecipar-se para evitar a ira do marido.

Aprendera a viver com James. A mania do controlo. As alterações de humor. Simplesmente não havia alternativa, sabia-o bem. Durante os primeiros anos vivera demasiado assustada, mas depois nascera Sam e agora já não receava por si e só sentia medo pelo filho. A maior parte das mães temia o momento em que os filhos saíam de casa. Helen contava os segundos que faltavam para o dia em que Sam seria livre. E estivesse em segurança.

– Assim está bem? – perguntou, virando-se para a mesa.

As sobras do pequeno-almoço tinham desaparecido há muito, a máquina de lavar louça zumbia e todas as superfícies brilhavam.

– Escapa – disse James sem erguer os olhos do jornal.

Tinha começado a usar óculos para ler. Em certo sentido, tinha-a surpreendido descobrir que James também tinha pontos fracos. Para James, não ter falhas era um motivo de orgulho, e também valia para aqueles que o rodeavam. Por isso é que Helen estava tão preocupada com Sam. Aos seus olhos, o filho era perfeito.

Para o pai, no entanto, era um desapontamento desde muito pequeno. Quando era criança, Sam era sensível, tímido e ansioso. Gostava de brincadeiras sossegadas. Não trepava às árvores, não corria veloz e não gostava de lutar com outros rapazes. Preferia passar horas no quarto a inventar mundos de fantasia com os brinquedos. Já crescido, adorava desmontar as coisas e voltar a montá-las. Rádios antigos, gravadores, uma televisão que encontrara na garagem, Sam conseguia desmontar e voltar a montar tudo. Curiosamente, James não desencorajava aquele interesse do filho. Até cedera a Sam um canto da garagem só para ele. Pelo menos era um passatempo que compreendia.

– Que mais queres que faça hoje? – perguntou Helen, descendo do banquinho.

Recolocou-o no lugar, ao fundo da ilha da cozinha. Alinhado com o outro banco, deixando cerca de dez centímetros entre os dois, de modo a ficarem centrados.

– Há roupa suja no cesto. E as minhas calças não foram passadas como deve ser, por isso vais ter de passá-las outra vez.

– *Okay* – disse Helen, inclinando a cabeça.

Bem, aproveitava e passava de novo todas as camisas. Era preferível.

– Mais logo vou às compras – disse. – Queres alguma coisa para além do habitual?

James virou a página. Continuava a ler a edição da manhã do *Bohuslänningen* e depois ainda lhe restavam o *Dagens Nyheter* e o *Svenska Dagbladet*. Lia-os sempre pela mesma ordem. Primeiro o *Bohuslänningen*, depois o *Dagens Nyheter* e, por fim, o *Svenska Dagbladet*.

– Não, o mesmo de sempre.

Levantou os olhos do jornal.

– Onde está o Sam?

– Foi a Fjällbacka de bicicleta. Ia encontrar-se com alguém.

– Com quem?

James olhou para a mulher por cima da armação dos óculos de leitura.

Helen hesitou.

– Chama-se Jessie.

– Jessie? Quer dizer que é uma rapariga. Quem são os pais dela?

Baixou o jornal. Helen viu-lhe um brilho nos olhos.

Respirou fundo.

– A mim não me disse nada, mas ouvi dizer que se tem encontrado com a filha da Marie.

James controlou a respiração por um momento.

– Achas que isso é boa ideia?
– Se queres que lhe diga para não se encontrar mais com ela, eu digo. Ou talvez prefiras ser tu a falar com ele.

Helen manteve os olhos baixos. Voltava a sentir o nó no estômago. Havia tanta coisa que fora desenterrada e que devia ter permanecido no passado distante.

James pegou novamente no jornal.

– Não. Deixa-o andar. Por enquanto.

O coração de Helen martelou-lhe o peito sem que pudesse fazer nada para o acalmar. Não tinha a certeza de James ter tomado a resolução certa, mas não lhe cabia a ela decidir. Desde aquele dia, há trinta anos, nunca mais decidira nada.

*

– Avançaste alguma coisa nos relatórios? Há alguma coisa digna de uma investigação mais aprofundada?

Patrik olhou para Annika, que abanou a cabeça.

– Não, para além do homem que andava a filmar os miúdos na praia não consegui encontrar um único incidente que sugira que houvesse menores em perigo. Mas ainda não examinei todos os documentos.

– Em que período estás a procurar?

Gösta pegou numa fatia de pão e começou a barrá-la com manteiga. Naquela manhã, Annika tinha posto na mesa um pequeno-almoço variado, porque calculara que ninguém ia tomá-lo em casa na ânsia de começar a trabalhar.

– Recuei até maio, como tínhamos decidido. Queres que ande mais para trás?

Olhou para Patrik, que abanou a cabeça.

– Não, por enquanto vamos começar por aí. Mas, se não encontrares nada relacionado com crianças, provavelmente devemos pensar em alargar a nossa pesquisa e começar a procurar queixas de assédio sexual e de violação.

– Mas há algum indício de que o homicídio tenha tido motivação sexual? – perguntou Paula, dando depois uma dentada no pão com queijo e presunto.

Ernst estava sentado ao lado dela com um olhar suplicante, mas Paula ignorou-o. Com todas as iguarias que Mellberg lhe dava, o animal tinha começado a engordar.

– O Pedersen ainda não terminou a autópsia, por isso não sabemos. Mas a Nea estava nua quando foi encontrada e as duas motivações mais comuns para os homicídios de crianças são o sexo ou...

Hesitou.

Gösta foi em sua ajuda e completou a frase:

– Ou o culpado é alguém próximo da vítima.

– Bem, qual é a tua sensação neste caso? – perguntou Paula, empurrando o focinho de *Ernst*, que tentava pousar-lho nos joelhos.

– Já tinha dito isto: custa-me muito a acreditar que os pais da Nea possam ter alguma coisa que ver com a morte da filha, mas não tenho a certeza absoluta. Depois de ter passado tantos anos na polícia, sei perfeitamente que nada deve ser excluído.

– Parece realmente ser um dos cenários menos prováveis – disse Patrik.

– Concordo. Também acho que devíamos explorar quaisquer possíveis ligações ao homicídio da Stella – disse Martin. Levantou-se, pegou no recipiente da máquina de café e encheu as chávenas a todos. – As semelhanças são evidentes, apesar de ter sido há muitíssimo tempo.

– Ontem, tu e a Paula falaram com a Helen – disse Patrik. – E hoje talvez possam conversar com a Marie enquanto eu vou ter com a Helen, *okay*? Quero saber se ambas têm um álibi.

– Mas um álibi para que horas? – perguntou Paula. – Os pais nunca mais a viram desde que se foi deitar, por isso não sabemos se a Nea desapareceu de manhã ou se foi raptada durante a noite.

– Há algum sinal de entrada forçada? – perguntou Martin, voltando a sentar-se.

– Posso perguntar aos pais se seria possível alguém entrar em casa durante a noite sem terem reparado – disse Gösta. – As noites têm estado muito quentes e, no campo, muita gente dorme com a janela aberta.

– *Okay* – disse Patrik – trata tu disso, Gösta. E tu tens razão, Paula, temos de verificar os álibis a partir de domingo à noite.

– Muito bem, então vamos falar com a Marie e ouvir o que tem para dizer.

– Falem também com a filha – disse Patrik. – Se não me engano, a Marie tem uma filha adolescente chamada Jessie. Espero encontrar não só a Helen, mas também o filho, Sam, e o marido. É aquele soldado da ONU que parece comer arame farpado ao pequeno-almoço.

Patrik levantou-se para guardar o leite no frigorífico antes que azedasse com o calor estival. Na pequena cozinha pintada de amarelo não havia ar condicionado, apenas um velho ventilador, e apesar de a janela se encontrar aberta de par em par, estava um calor desumano.

– É verdade, já alguém viu o Mellberg hoje? – perguntou.

– A porta do gabinete está fechada e quando bati ninguém respondeu. Portanto, deve estar mergulhado num sono profundo – respondeu Gösta com um sorriso

irónico.

Já ninguém tinha forças para se irritar com Mellberg. Além disso, enquanto o chefe dormia a sesta no gabinete, os outros podiam fazer o seu trabalho em paz.

– Há novidades do Torbjörn ou do Pedersen? – perguntou Paula.

– Sim, ontem telefonei aos dois – respondeu Patrik. – Como é costume, o Torbjörn não quis adiantar nada antes de terminar o relatório, mas enviou o relatório forense sobre o caso Stella. E, depois de alguma insistência da minha parte, o Pedersen revelou que a Nea tinha uma ferida na nuca. Não sei o que isso poderá significar, mas é melhor do que nada.

– É possível que a Helen e a Marie fossem inocentes? – perguntou Paula, olhando para Gösta. – Ou achas que uma delas pode ter assassinado a Stella e voltasse a agir?

– Não sei – disse Gösta. – Naquele tempo estava absolutamente convencido de que eram culpadas. Mas agora que soube que o Leif tinha dúvidas, começo a interrogar-me. Parece-me muito forçado. Que motivos poderiam ter para matar outra menina, sobretudo trinta anos depois?

– Pode ser um imitador – sugeriu Martin, abanando a camisa para se refrescar. Tinha o cabelo ruivo colado à testa por causa da transpiração.

– Bem, por enquanto não podemos excluir nada – disse Gösta, olhando para o tampo da mesa.

– Continuas à procura das antigas transcrições das entrevistas e do resto do material? – perguntou Patrik.

– Sim, estou a trabalhar nisso – respondeu Annika. – Sabes como o arquivo era gerido no passado. Alguns documentos foram mudados de sítio. Outros desapareceram. E alguns foram destruídos. Mas eu não desisto: se restar algum material do caso Stella, estou determinada a encontrá-lo.

A secretária lançou um sorriso a Patrik.

– Já agora, perguntaste à tua mulher? Normalmente tem mais jeito do que nós para encontrar materiais de investigação antigos.

– Bem sei, acredita! – respondeu Patrik com uma gargalhada. – Mostrou-me tudo o que recolheu até agora, mas são sobretudo cópias de artigos de jornais. Ainda não conseguiu apoderar-se dos documentos da investigação.

– Eu continuo a procurar – disse Annika. – Se encontrar alguma coisa, digo-te logo.

– Perfeito. Bem, parece que hoje temos pano para mangas – disse Patrik. Queria manter-se objetivo, mas era difícil, para não dizer impossível.

– Ah, aqui estão vocês a beber café com toda a calma do mundo! – trovejou uma voz vinda da entrada da cozinha.

Mellberg olhava para todos ainda com ar ensonado.

– É melhor alguém começar a trabalhar por aqui. Anda, *Ernst*! O teu dono vai mostra-lhes como se fazem as coisas.

Ernst seguiu alegremente o dono para fora da cozinha. Ouviram Mellberg a atravessar o corredor com passos pesados e a fechar a porta do gabinete com estrondo, sem dúvida para continuar a sesta matinal. Ninguém se deu ao trabalho de comentar. Tinham mais que fazer.

*

Jessie saboreava a sensação de paz que lhe transmitia a respiração regular de Sam. Era algo novo: aquela serenidade, aquela segurança. Saber que alguém a via.

Virou-se na cama, tentando não o incomodar, mas o braço que a cingia apertou-a ainda mais. Nada do que fizesse parecia incomodá-lo.

Acariciou-lhe gentilmente a barriga sob a *T-shirt* preta. Era uma sensação estranha. Estar tão perto de outra pessoa. De um rapaz. Tocá-lo, sem ser ridicularizada ou rejeitada.

Ergueu a cabeça para olhar para Sam. Aquelas faces cinzeladas, aqueles lábios sensuais, aquelas longas pestanas pretas.

– Já tinhas estado com alguém? – perguntou-lhe em voz baixa.

Sam pestanejou uma vez, mas depois manteve os olhos fechados.

– Não – acabou por dizer. – E tu?

Jessie abanou a cabeça, esfregando o queixo no peito dele.

Não queria pensar naquele episódio humilhante na primavera passada, no colégio em Londres. Por um breve instante, Jessie acreditara que Pascal queria ir para a cama com ela. Era filho de um diplomata francês e era bonito de cortar a respiração. Tinha começado a enviar-lhe mensagens maravilhosas e doces. Depois convidara-a por SMS para o baile da escola e Jessie quase não conseguira dormir só de pensar em como iriam todos ficar de boca aberta, vendo-a entrar de braço dado com Pascal. Tinham continuado a trocar mensagens. Pascal conseguia aos poucos fazê-la sair da concha à medida que iam namorando, brincando e se iam lentamente aproximando da fronteira do que era proibido.

Uma noite, Pascal pediu-lhe uma foto dos seios, dizendo-lhe que queria dormir com aquela imagem na mente. Disse que Jessie devia ter os seios mais bonitos do mundo e que mal podia esperar para os acariciar. Então, trancada no quarto, Jessie levantou a *T-shirt* e tirou uma fotografia sem sutiã, completamente exposta.

No dia seguinte, a foto já tinha dado a volta à escola. Todos estavam ao corrente daquilo que Pascal e os amigos tinham arquitetado desde o primeiro dia. Tinham-lhe montado deliberadamente uma armadilha. Tinham escrito todas as mensagens juntos. Jessie só queria morrer, desaparecer da face da Terra.

– Não – respondeu. – Nunca tive nenhum namorado.

– Fomos espertos por termos esperado pela pessoa certa – disse Sam, virando-se lentamente para olhar para Jessie.

Aqueles olhos azuis fitavam-na e Jessie sabia que podia confiar nele. Eram como dois veteranos cheios de cicatrizes que tinham passado pela mesma guerra e não precisavam de palavras para contar um ao outro o que tinham passado.

O que as mães de ambos tinham feito deixara marcas nos dois.

– Não sei quase nada sobre o que aconteceu aqui naquela altura. Há trinta anos.

– A sério? – perguntou Sam. – Nada de nada?

– Bem, sei o que se consegue encontrar no *Google*. Mas naquela época escreveram tanta coisa sobre o caso, e esses artigos não se conseguem encontrar na Net. Mas nunca perguntei à minha mãe... não falamos sobre esse assunto.

Sam acariciou-lhe o cabelo.

– Talvez eu possa ajudar-te. Queres?

Jessie assentiu. Pousou-lhe a cabeça no peito, deixando-se preencher por uma tranquilidade que quase a fez adormecer.

– Daqui a um ano vou poder fugir de tudo isto – disse Sam.

Estava a falar da escola. Jessie sabia-o sem precisar que Sam o dissesse. Eram tão parecidos.

– Que vais fazer?

Sam encolheu os ombros.

– Não sei. Não quero enfiar-me na roda do hamster. Correr e correr sem nenhum objetivo.

– Eu quero viajar – disse Jessie, abraçando-o. – Levar comigo o que couber numa mochila e ir para onde me der na gana.

– Para fazer isso é preciso esperar até ter dezoito anos e ainda falta uma data de tempo. Não sei se consigo aguentar.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Jessie.

Sam virou a cabeça para outro lado.

– Nada – disse em voz baixa. – Não quero dizer nada.

Jessie não insistiu e continuou a acariciar-lhe a barriga, como se assim pudesse desfazer o nó no estômago que sabia estar ali. O mesmo que ela própria sentia sempre.

Sentiu algo sob os dedos e puxou-lhe a *T-shirt* para cima.

– O que é isto? – perguntou, tocando no sinal circular.

– Uma queimadura. Porra... O Basse e outros rapazes da minha turma imobilizaram-me enquanto o Nils me queimava com um cigarro.

Jessie fechou os olhos. Agora, aquele rapaz era o seu Sam. Queria curar-lhe todas as feridas.

– E isto?

Percorreu-lhe a coluna vertebral com a mão e depois fez uma ligeira pressão para que Sam se virasse de lado e lhe mostrasse as costas. Estrias longas e irregulares sulcavam-lhe a pele.

– Também foi o Nils?

– Não. O meu pai. Com o cinto. Quando o professor de ginástica me fez perguntas, menti-lhe e disse que me arranhei nuns espinhos. Ninguém se atreve a meter-se com o James. Mas, depois, o meu querido pai foi suficientemente inteligente para perceber que não podia fazer nada que deixasse marcas. E há três anos que parou completamente com esse tipo de castigo. Nem sei porquê.

– Tens outras cicatrizes? – perguntou Jessie, sentindo um certo fascínio ao tocar-lhe nas estrias nas costas.

As suas cicatrizes eram todas interiores. Mas isso não significava que lhe doessem menos do que se um cinto lhe rasgasse a pele das costas.

Sam sentou-se na cama. Subiu as calças para lhe mostrar os joelhos. Ambos tinham cicatrizes. Jessie estendeu a mão para acariciar igualmente aquelas marcas. Sentiu pequenos altos ao tocar-lhes.

– Como... como te fizeram isto?

– Obrigaram-me a ajoelhar-me no chão, que estava coberto de açúcar. Pode não parecer lá muito doloroso, mas acredita, dói mesmo. Foi assim que fiquei com estas marcas.

Jessie inclinou-se para a frente para lhe beijar os joelhos.

Sam virou-se de costas e baixou as calças revelando as nádegas.

– Vês?

Jessie viu. Outra cicatriz circular, mas aquela não parecia uma queimadura.

– Foi feita com uma esferográfica. O velho truque de pôr uma esferográfica na cadeira com a ponta virada para cima mesmo quando estás a sentar-te. Penetrou alguns centímetros e depois partiu-se. A turma riu-se tanto que pensei que iam mijar-se todos.

– Que merda! – exclamou Jessie.

Não queria ouvir mais nada. Não queria ver mais cicatrizes. Sentia demasiado as próprias cicatrizes invisíveis para querer ver mais das visíveis de Sam. Inclinou-se para a frente e beijou-o nas nádegas. Sam virou-se de frente e puxou lentamente as calças para baixo sem olhar para Jessie. Sentiu que a respiração de Sam mudava, tornando-se mais pesada. Beijou-lhe as ancas e as coxas ao de leve. Sam esticou a mão e acariciou-lhe o cabelo. Por um momento, Jessie estremeceu ao lembrar-se das fotografias que tinham circulado na escola e em como se tinha sentido depois. A seguir abriu os lábios e afastou as imagens da mente. Já não estava lá. Jessie estava ali, com a sua alma gémea. A única pessoa capaz de lhe curar as feridas.

*

– Caramba, que calor. – Enquanto se dirigiam ao carro-patrolha, Martin arfava como um cão. – Tu nem sequer estás a transpirar, pois não?

Paula riu-se e abanou a cabeça.

– Sou chilena. Isto não é nada.

– Mas não viveste quase tempo nenhum no Chile – disse Martin, limpando o suor da testa. – És tão sueca como eu.

– Ninguém pode ser tão sueco como tu, Martin. Tu és o maior sueco que eu conheço.

– Dizes isso como se fosse uma coisa má – disse Martin a sorrir quando abriu a porta do carro e entrou.

Logo a seguir saltou para fora do carro.

– Mas que estúpidos que nós somos! A esta hora está de certeza nos estúdios.

– Tens razão – disse Paula, abanando a cabeça. – É a dois passos daqui.

– Pode ser interessante ver uns estúdios de cinema – disse Martin, dirigindo-se à zona industrial onde rodavam o filme sobre Ingrid Bergman num dos armazéns abandonados.

– Não me parece que seja tão glamoroso como imaginas.

Martin virou-se para Paula, que tinha dificuldade em acompanhá-lo por causa das pernas curtas, e piscou-lhe o olho.

– Vamos ver. Mas vai ser emocionante conhecer a Marie Wall. É muito bonita e está muito bem para a idade que tem.

Paula suspirou.

– A propósito de mulheres – disse. – Como estão a correr as coisas com aquela que encontraste no outro dia?

Martin sentiu-se corar.

– Bem, como sabes, só falei com ela durante uns minutos no parque infantil. Nem sequer sei como se chama.

– Mas pareceu-me que admitiste ter havido faísca.

Martin gemeu. Conhecia Paula e sabia que a colega não ia desistir facilmente do assunto. Na verdade, quanto mais envergonhado ficava, mais Paula se divertia.

– Enfim...

Tentou lembrar-se desesperadamente de uma piada brilhante, mas não conseguiu.

– Para com isso! – limitou-se a dizer, abanando a cabeça. – Temos de ir trabalhar.

– Okay – respondeu Paula a sorrir.

Os estúdios cinematográficos ficavam num edifício industrial com uma fachada muito pouco glamorosa e rodeado por uma vedação, mas quando Martin tentou abrir o portão deu-se conta de que não estava trancado, por isso conseguiram entrar sem problemas. Havia uma porta aberta, certamente para arejar o local, e os dois agentes entraram hesitantemente. O interior era do tamanho de um hangar, com o teto alto e uma única divisão enorme. À frente deles havia sofás, dispostos de modo a formar uma área de descanso, e muita roupa em cabides num dos lados. O guarda-roupa, provavelmente. À esquerda, algumas portas pareciam conduzir às casas de banho e a uma sala de maquilhagem improvisada. À direita tinham construído paredes falsas com janelas para criar a ilusão de uma verdadeira divisão. O cenário estava rodeado por dezenas de luzes.

Uma mulher loura foi ao encontro de Paula e de Martin. Usava um coque preso por um pincel fino e um cinto largo com uma série de bolsos dos quais despontava todo o género de acessórios de maquilhagem.

– Bom dia! Quem procuram?

– Somos da polícia e gostaríamos de falar com Marie Wall – respondeu Paula.

– Neste momento estão a filmar uma cena, mas quando terminarem já lhe digo. É urgente?

– Não, podemos esperar um pouco, obrigada.

– Bem, então sentem-se e bebam um café.

Sentaram-se depois de se terem servido de café e de alguma comida da mesa que estava ao lado do sofá.

– Tens razão: não é lá muito glamoroso – disse Martin, olhando em redor.

– Pois – afirmou Paula, levando alguns frutos secos à boca.

Olharam na direção do local de filmagens, de onde lhes chegava o murmúrio vago de vozes a ler falas. Passado algum tempo ouviram um homem a gritar: «Corta!» Alguns minutos depois apareceu a mulher com toda aquela parafernália de maquilhagem, acompanhada pela estrela, Marie Wall. De repente, aquele sítio pareceu bastante mais atraente. Marie usava uma camisa branca e calções justos, e tinha o cabelo cingido por uma fita branca. Martin não pôde deixar de notar que tinha pernas belíssimas para a idade, mas forçou-se a concentrar-se no propósito que os levava ali. Deixava-se sempre distrair facilmente por mulheres bonitas. Antes de conhecer Pia, isso causara-lhe muitíssimos problemas, e ainda havia sítios em Tanumshede que evitava, para não dar de caras com uma ex-namorada.

– Que maravilha, um homem bonito de farda a esta hora da manhã – disse Marie com uma voz rouca que fez com que os pelos dos braços de Martin se eriçassem.

Perceberam logo de onde vinha a reputação de famosa devoradora de homens de Hollywood. Martin deixar-se-ia mesmo devorar por ela sem qualquer problema.

Paula olhou-o com severidade e Martin apercebeu-se, embaraçado, de que ficara a olhar para a atriz de boca aberta. Aclarou a voz enquanto Paula se levantava para tratar das apresentações.

– Paula Morales e Martin Molin, da polícia de Tanumshede. Estamos a investigar o homicídio de uma criança que foi encontrada morta em Fjällbacka. Gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas.

– Claro – disse Marie, sentando-se no sofá ao lado de Martin.

Quando lhe apertou a mão, Marie reteve-a durante mais alguns segundos do que seria natural. Martin não tinha nada contra isso, mas pelo canto do olho viu que Paula o fulminava com o olhar.

– Suponho que queiram falar comigo sobre o que aconteceu há trinta anos.

Martin aclarou novamente a voz e assentiu.

– Há semelhanças incríveis entre os dois casos, por isso sentimos necessidade de falar consigo. E com a Helen.

– Compreendo – disse calmamente Marie. – Mas certamente sabem que eu e a Helen temos alegado a nossa inocência durante todos estes anos e que durante a maior parte das nossas vidas tivemos de sofrer as consequências de uma coisa que não fizemos.

Recostou-se e acendeu um cigarro. Martin olhava-a fixamente e ficou hipnotizado quando a atriz cruzou as pernas.

– Podemos não ter ido parar à prisão, mas isso não fez diferença aos olhos da sociedade – prosseguiu. – Ficaram todos convencidos de que éramos culpadas do homicídio. As nossas fotografias apareceram em todos os jornais, fui tirada à minha família e as nossas vidas nunca mais foram as mesmas.

Soprou um anel de fumo, olhando Paula nos olhos.

– Diga lá se isso não é uma prisão...

Paula não teceu nenhum comentário.

– Antes de mais, temos de perguntar-lhe se tem um álibi das oito da noite de domingo até segunda-feira à tarde – disse Martin.

Marie deu mais uma passa no cigarro antes de responder.

– No domingo à noite estive com a nossa equipa toda. Fizemos uma festa improvisada no Stora Hotel.

– Quando voltou para casa? – perguntou Martin, tirando um bloco de notas e uma esferográfica do casaco.

– Hum... Na verdade, acabei por passar a noite no hotel.

– Há alguém que possa confirmar isso? – perguntou Paula.

– Jörgen, querido? Podes vir aqui?

Marie chamou um homem alto de cabelo escuro que se encontrava no local de filmagens a falar alto e a agitar os braços. Ao ouvir Marie, interrompeu-se subitamente e foi ter com eles.

– Apresento-vos o Jörgen Holmlund. O realizador.

Holmlund saudou-os com um aceno de cabeça, apertou-lhes a mão e depois olhou interrogativamente para Marie, que parecia apreciar a situação.

– Podias dizer a estes agentes onde eu estive no domingo à noite e na segunda-feira de manhã, querido?

Jörgen cerrou os dentes. Marie deu mais uma passa no cigarro e soprou um anel de fumo.

– Não te preocupes, querido, não me parece que tencionem telefonar à tua mulher.

O realizador bufou, mas depois afirmou:

– No domingo à noite a equipa reuniu-se no Stora Hotel, e depois a Marie passou a noite no meu quarto.

– E a que horas chegou a casa de manhã? – perguntou Paula a Marie.

– Não cheguei a ir para casa. Eu e o Jörgen viemos juntos para os estúdios. Chegámos por volta das oito e meia e às nove já estava a ser maquilhada.

– Mais alguma coisa? – perguntou Jörgen.

Perante a resposta negativa dos dois agentes rodou nos calcanhares e retirou-se.

Marie parecia divertida com o desconforto do realizador.

– Pobre Jörgen – disse, apontando para Holmlund com o cigarro. – Passa decididamente demasiado tempo a tentar evitar que a mulher descubra as aventuras dele. É um daqueles homens que têm o infortúnio de ter problemas de consciência e uma libido insaciável.

Marie inclinou-se sobre a mesa e apagou o cigarro numa lata de refrigerante.

– Mais alguma coisa? Penso que não há grandes pontos de interrogação em torno do meu álibi, pois não?

– Também gostaríamos de conversar com a sua filha. Como é menor, precisamos da sua autorização.

Martin tossiu um pouco por causa da nuvem de fumo que já os tinha envolvido completamente.

– Muito bem – respondeu Marie, encolhendo os ombros. – Claro que compreendo a gravidade da situação, mas se não tiverem mais perguntas tenho de regressar. O Jörgen tem um ataque de *stress* se não cumprirmos o horário das filmagens.

Levantou-se e apertou-lhes a mão. Depois pegou no bloco de notas e na esferográfica de Martin. Escreveu algo e restituiu-lhos com um sorriso travesso. Depois voltou para o local de filmagens com passo apressado.

Paula revirou os olhos.

– Deixa-me adivinhar. Deu-te o número de telemóvel.

Martin olhou para o bloco de notas e assentiu, incapaz de esconder um sorriso parvo.

Bohuslän, 1671-1672

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM À VISITA PARECIA QUE NÃO SE FALAVA DE MAIS NADA ALÉM DE LARS HIERNE E DA COMISSÃO PARA A ERRADICAÇÃO DA BRUXARIA. A EXCITAÇÃO DE BRITTA CONTRASTAVA FORTEMENTE COM O ÓBVIO DESAGRADO DE PREBEN EM RELAÇÃO À TAREFA QUE O ESPERAVA, MAS LOGO SE REGRESSOU À VIDA QUOTIDIANA E A CONVERSA CESSOU. HAVIA MUITO PARA FAZER, TANTO PARA OS CRIADOS DA QUINTA COMO PARA PREBEN, QUE ERA RESPONSÁVEL PELAS QUESTÕES ECLESIASTICAS NAS PARÓQUIAS DE TANUM E DE LUR.

OS DIAS DE INVERNO SUCEDIAM-SE COM UMA REGULARIDADE MONÓTONA, QUEBRADA APENAS PELOS VISITANTES OCASIONAIS E PELAS VIAGENS DE TRABALHO DE PREBEN. O PASTOR LEVAVA PARA CASA HISTÓRIAS DE CONFLITOS A RESOLVER, BOAS-NOVAS A CELEBRAR E MÁGOAS A LAMENTAR. CELEBRAVA CASAMENTOS, BATISMOS E FUNERAIS; DAVA CONSELHOS SOBRE QUESTÕES RELATIVAS A DEUS E À FAMÍLIA. ÀS VEZES, QUANDO FALAVA COM OS PAROQUIANOS, ELIN ESCUTAVA-O ÀS ESCONDIDAS E ACHAVA SEMPRE OS CONSELHOS DO PASTOR SÁBIOS E PONDERADOS, EMBORA PREBEN TENDESSE A SER ALGO CAUTELOSO. NÃO ERA UM HOMEM CORAJOSO, NÃO COMO O SEU PER TINHA SIDO, E TAMBÉM LHE FALTAVAM O ORGULHO E A TEIMOSIA DO MARIDO. TINHA ARESTAS MAIS POLIDAS E OLHOS MAIS MEIGOS. NA ALMA DE PER SEMPRE SE OCULTARA UMA ESCURIDÃO QUE ÀS VEZES LHE ENSOMBRAVA O ROSTO, AO PASSO QUE PREBEN NÃO PARECIA DE TODO CONHECER A MELANCOLIA. BRITTA LAMENTAVA-SE FREQUENTEMENTE DE TER UM FILHO COMO MARIDO E REPREENDIA-O PORQUE TODOS OS DIAS APARECIA COM A ROUPA SUJA POR TER ANDADO A TRABALHAR NOS CAMPOS COM OS SERVOS OU COM O GADO. MAS PREBEN LIMITAVA-SE A SORRIR E A ENCOLHER OS OMBROS COMO SE NADA FOSSE.

MÄRTA TINHA COMEÇADO AS AULAS COM O SACRISTÃO, JUNTAMENTE COM AS OUTRAS CRIANÇAS. ELIN NÃO SABIA COMO REAGIR PERANTE O ENTUSIASMO E A ALEGRIA QUE A FILHA DEMONSTRAVA ENQUANTO IA TENTANDO DOMINAR AQUELES ESTRANHOS RABISCOS QUE PESSOALMENTE ACHAVA ABSOLUTAMENTE INCOMPREENSÍVEIS. CONCORDAVA QUE APRENDER A ESCREVER ERA UM DOM, MAS QUE FARIA A FILHA COM AQUELES CONHECIMENTOS? ELIN ERA UMA POBRE CRIADA, O QUE SIGNIFICAVA QUE MÄRTA TAMBÉM O SERIA. PARA AS PESSOAS DA

SUA CONDIÇÃO NÃO HAVIA OUTRA SAÍDA. ERA ELIN, A FILHA QUE O PAI NUNCA TINHA AMADO, VIÚVA DE UM HOMEM QUE O MAR TINHA ENGOLIDO. ERAM FACTOS QUE NÃO PODIAM SER ALTERADOS POR UM PASTOR QUE INSISTIA QUE A FILHA DEVIA APRENDER A LER. O SABER QUE TINHA SIDO TRANSMITIDO A ELIN PELA AVÓ MATERNA TERIA SIDO MAIS ÚTIL À FILHA. NÃO SERVIA PARA TRAZER PÃO PARA A MESA, NEM PARA GANHAR DINHEIRO PARA LEVAR PARA CASA, MAS FIZERA-A CONQUISTAR UM RESPEITO QUE NÃO ERA DE DESPREZAR.

MUITAS VEZES, ELIN ERA CHAMADA PARA AJUDAR UMA PARTURIENTE, OU ALGUÉM QUE TINHA DORES DE DENTES OU QUE SOFRIA DE MELANCOLIA. ERA A PRIMEIRA PESSOA A SER CHAMADA QUANDO ALGUÉM FICAVA DOENTE, ALIVIANDO MUITAS MALEITAS COM AS SUAS ERVAS E REZAS. PEDIAM-LHE AJUDA POR CAUSA DE UM AMOR NÃO CORRESPONDIDO OU DE UM PRETENDENTE DEMASIADO INSISTENTE, ASSIM COMO POR CAUSA DE ASSUNTOS MAIS MUNDANOS, COMO AS DOENÇAS QUE AFLIGIAM O GADO. ERA SEM DÚVIDA A ESSE PAPEL QUE MÄRTA DEVIA ASPIRAR. ERA BASTANTE MELHOR DO QUE ENCHER-SE DE CONHECIMENTOS QUE NUNCA PODERIA UTILIZAR, CONHECIMENTOS QUE LHE DARIAM IDEIAS PERIGOSAS SOBRE SER SUPERIOR ÀS OUTRAS PESSOAS.

NO ENTANTO, APESAR DOS SEUS PODERES CURATIVOS, PARECIA QUE AS POÇÕES DE ELIN NÃO SURTIAM QUALQUER EFEITO SOBRE BRITTA. OS MESES SUCEDIAM-SE E O SANGUE CONTINUAVA A APARECER, E O RESENTIMENTO DA IRMÃ COMEÇAVA A CRESCER. INSISTIA QUE ELIN DEVIA ESTAR A FAZER ALGUMA COISA MAL, QUE NÃO ERA TÃO DOTADA COMO AFIRMAVA. UMA MANHÃ, QUANDO ELIN CHEGOU COM A INFUSÃO, BRITTA ATIROU O JARRO CONTRA A PAREDE E O LÍQUIDO VERDE ESCORREU LENTAMENTE, FORMANDO UMA POÇA NO CHÃO. ENTÃO, BRITTA CAIU POR TERRA E COMEÇOU A CHORAR.

ELIN NÃO ERA UMA PESSOA MÁ, MAS NÃO CONSEGUIU DEIXAR DE SENTIR ALGUMA SATISFAÇÃO PERANTE O DESESPERO DA IRMÃ. BRITTA ERA MUITAS VEZES MALVADA, NÃO SÓ COM OS CRIADOS MAS TAMBÉM COM MÄRTA. E ÀS VEZES ELIN PERGUNTAVA A SI PRÓPRIA SE NÃO SERIA A MALDADE QUE BRITTA TINHA DENTRO DE SI A IMPEDIR QUE UMA CRIANÇA LHE CRESCESSE NO VENTRE. DEPOIS AMALDIÇOAVA-SE SEMPRE POR CAUSA DAQUELES MAUS PENSAMENTOS. NÃO QUERIA PARECER INGRATA. QUEM SABE ONDE ELA E MÄRTA TERIAM IDO PARAR SE BRITTA NÃO TIVESSE TIDO PIEDADE DELAS E NÃO AS TIVESSE ACOLHIDO SOB A SUA PROTEÇÃO. POUCOS DIAS ANTES SOUBERA QUE EBBA DE MÖRHULT TINHA IDO PARA O HOSPÍCIO DOS POBRES COM OS DOIS FILHOS MAIS NOVOS. SE NÃO FOSSE BRITTA, ELA E MÄRTA TAMBÉM LÁ TERIAM IDO PARAR.

MAS NÃO LHE ERA FÁCIL SER UMA CRISTÃ DEVOTA QUANDO SE TRATAVA DE BRITTA. HAVIA UMA DUREZA E UMA FRIEZA NA IRMÃ QUE NEM MESMO UM BOM HOMEM COMO PREBEN PARECIA SER CAPAZ DE MUDAR. ELIN ACHAVA QUE O PASTOR MERECIA UMA ESPOSA MELHOR, UMA MULHER COM UM CORAÇÃO AFETUOSO E UMA DISPOSIÇÃO MAIS ALEGRE, EM VEZ DE UMA MEGERA COM UM BELO ROSTO E CABELO ESCURO ONDULANTE. MAS NÃO LHE CABIA JULGÁ-LO.

ELIN APANHAVA COM FREQUÊNCIA PREBEN A OBSERVÁ-LA SECRETAMENTE. TENTAVA EVITÁ-LO, MAS NÃO ERA FÁCIL. O PASTOR MOVIMENTAVA-SE NATURALMENTE ENTRE A CRIADAGEM COMO SE FOSSE UM DELES E VIA-O MUITAS VEZES NOS ESTÁBULOS OU NA PASTAGEM A CUIDAR DOS ANIMAIS. TINHA O DOM DE SABER LIDAR COM TODAS AS CRIATURAS VIVAS E MÄRTA ANDAVA SEMPRE ATRÁS DELE COM AS MÃOS ATRÁS DAS COSTAS ENQUANTO TENTAVA DAR PASSOS LARGOS PARA CONSEGUIR ACOMPANHÁ-LO. SEMPRE QUE ELIN LHE PEDIA DESCULPA PELO MODO COMO A FILHA O IMPORTUNAVA, PREBEN LIMITAVA-SE A RIR-SE E A ABANAR A CABEÇA, DIZENDO QUE SERIA DIFÍCIL ENCONTRAR COMPANHIA MAIS AGRAVÁVEL. ERA VERDADE QUE OS DOIS PARECIAM TER SEMPRE MUITO DE QUE FALAR, POIS ESTAVAM CONSTANTEMENTE EMBRENHADOS NA CONVERSA. ELIN TENTARA INDAGAR SOBRE OS ASSUNTOS DAQUELES DIÁLOGOS, MAS MÄRTA ENCOLHIA SIMPLEMENTE OS OMBROS E RESPONDIA QUE FALAVAM DE TUDO. DE ANIMAIS, DE DEUS E DAS COISAS QUE MÄRTA ANDAVA A LER. PREBEN GANHARA O HÁBITO DE LHE EMPRESTAR CONSTANTEMENTE NOVOS LIVROS, QUE TIRAVA DA BIBLIOTECA QUE TINHA NO PRESBITÉRIO. ASSIM QUE TERMINAVA AS TAREFAS, E QUANDO NÃO ESTAVA ATRACADA A PREBEN, MÄRTA SENTAVA-SE A LER UM LIVRO EMPRESTADO PELO PASTOR. ELIN FICAVA ESPANTADA COMO AQUELES RABISCOS NAS PÁGINAS DOS LIVROS PODIAM SER TÃO INTERESSANTES PARA A FILHA, MAS RELUTANTEMENTE DEIXAVA-A CONTINUAR A LER, EMBORA ESTIVESSE CONVENCIDA DE QUE NADA DE BOM DAÍ ADVIRIA.

E DEPOIS HAVIA BRITTA, QUE AO REPARAR NO INTERESSE DE PREBEN PELA CRIANÇA FICAVA MAIS CARRANCUDA A CADA DIA QUE PASSAVA. ELIN APANHAVA VÁRIAS VEZES A IRMÃ A OBSERVAR MÄRTA E PREBEN DA JANELA COM AR CIUMENTO. TAMBÉM OUVIRA VÁRIAS DISCUSSÕES ACALORADAS ENTRE MARIDO E MULHER SOBRE O ASSUNTO. MAS, NESSA MATÉRIA, PREBEN RECUSAVA-SE A CEDER. DEIXAVA QUE MÄRTA O SEGUISSSE PARA ONDE QUER QUE FOSSE. E ATRÁS DELA IA VIOLA. DURANTE O INVERNO, A GATINHA CRESCERA E SEGUIA A DONA COM A MESMA LEALDADE COM QUE MÄRTA SEGUIA PREBEN. AQUELE TRIO ANIMADO PERCORRIA A QUINTA E ELIN NÃO CONSEGUIA DEIXAR DE SORRIR QUANDO VIA OS TRÊS, EMBORA SOUBESSE QUE CIRCULAVAM RUMORES SOBRE O

INTERESSE DO PATRÃO PELA CRIANÇA. A ELIN, NO ENTANTO, NÃO IMPORTAVA O QUE PUDESSEM PENSAR AS CRIADAS E OS TRABALHADORES DA QUINTA. COCHICHAVAM À VONTADE NAS SUAS COSTAS, MAS ASSIM QUE TINHAM UMA DOR DE CABEÇA OU LHE DOÍA UM DENTE, IAM PROCURÁ-LA. E, QUANDO A MURMURAR LHE PERGUNTAVAM QUANTO QUERIA PELO INCÓMODO, ELIN PEDIA SEMPRE ALGUMA COISA PARA A FILHA. UMA PORÇÃO ADICIONAL DE COMIDA. UNS SAPATOS QUE JÁ NÃO ERAM USADOS. UMA SAIA QUE PODIA TRANSFORMAR NUM NOVO VESTIDO. MÄRTA ERA O SEU MUNDO E, SE A FILHA FOSSE FELIZ, ELIN ERA FELIZ. BRITTA PODIA PENSAR O QUE QUISESSE.

APENAS PODIA CERRAR OS DENTES QUANDO MÄRTA IA TER COM ELA A CHORAR, A QUEIXAR-SE DE QUE A PATROA LHE TINHA DADO UM BELISCÃO OU LHE PUXARA OS CABELOS. DIZIA SEMPRE A SI PRÓPRIA QUE AQUELAS CRUELDADES ERAM UM PEQUENO PREÇO A PAGAR PELO TETO POR CIMA DAS CABEÇAS E A COMIDA SOBRE A MESA. QUANDO ERAM PEQUENAS, A IRMÃ BELISCAVA-A FREQUENTEMENTE E ELIN SUPORTAVA AQUELAS MALDADES SEM GUARDAR RANCOR. PREBEN PROTEGERIA MÄRTA. E TAMBÉM PROTEGERIA ELIN. OS GENTIS OLHOS DO PASTOR, QUE POUSAVAM NELA QUANDO PENSAVA QUE ELA NÃO ESTAVA A VER, DAVAM-LHE ESSA CONFIANÇA. E ÀS VEZES, QUANDO OS OLHOS DE AMBOS SE ENCONTRAVAM, POR UM SEGUNDO QUE DURAVA UMA ETERNIDADE, ELIN SENTIA A TERRA A TREMER DEBAIXO DOS PÉS.

*

ERICA SENTIU A EMOÇÃO A AUMENTAR à medida que se aproximava de Marstrand. Lera muito sobre os pais de Helen, criando uma imagem de ambos pelas entrevistas que tinham dado. O pai, KG, já morrera há muito, mas pelo menos conseguiria entrevistar a mãe. Embora fizesse sempre o possível por o evitar, Erica tinha de admitir que tinha uma imagem preconcebida de Harriet Persson. Isto porque a mãe de Helen e o marido tinham atribuído toda a culpa a Marie, pintando Helen como uma vítima. Os pais de Helen pertenciam à alta sociedade; KG possuía uma cadeia de lojas especializadas em material de escritório, e, antes de casar, Harriet tinha sido modelo; KG era rico e Harriet era linda – a combinação do costume. No mundo dos Persson, as aparências eram tudo; mas em pouco tempo, de alvo da inveja de toda a Fjällbacka passaram a ser os pais injuriados da assassina da pequena Stella.

Erica virou para o parque de estacionamento em Koön. Estava um dia quente e ensolarado e mal podia esperar pela viagem. Passara muito tempo desde a última vez que estivera na ilha e ficou impressionada com a beleza da pequena localidade costeira.

Apreciou a curta travessia de *ferry* para Marstrand, mas assim que pisou terra firme concentrou toda a atenção na entrevista. Enquanto subia a encosta que conduzia à casa da mãe de Helen, rodopiavam na sua cabeça as perguntas a fazer a Harriet. Chegada à morada certa, Erica parou por um momento para recobrar o fôlego e admirar a construção. Era encantadora. Branca e debruada com belos e antigos entalhes em madeira, com rosas deslumbrantes e tremoceiros cor-de-rosa e roxos na parte da frente, assim como uma grande varanda com vista para o mar. Se Harriet alguma vez a quisesse vender arrecadaria alguns milhões de coroas, refletiu Erica. Uma cifra com sete zeros.

Abriu o portão de madeira branco e enveredou pelo estreito caminho de cascalho até à porta principal. Não havia campainha, apenas uma pequena e antiquada aldrava em forma de cabeça de leão, que Erica levantou e deixou cair contra a porta de madeira. Quase imediatamente apareceu uma mulher muito elegante, na casa dos sessenta.

– Erica Falk! Que prazer em conhecê-la. Finalmente! Sabe, li *todos* os seus livros e acho que é uma escritora muitíssimo talentosa. E parabéns pelo seu sucesso no estrangeiro. – A mulher puxou Erica para o vestíbulo sem lhe dar oportunidade de dizer sequer uma palavra. – Espero que possa ficar para beber

um café comigo. Não recebo convidados tão distintos todos os dias – disse, percorrendo à sua frente uma espaçosa sala de estar em direção à varanda.

Erica não era decoradora de interiores, mas reconheceu móveis de Josef Frank, Bruno Mathsson e Carl Malmsten. Parecia haver ali a mão de um profissional talentoso; Erica duvidava de que tivesse sido Harriet a escolher uma única daquelas peças.

– Queria agradecer-lhe por ter acedido receber-me – disse Erica, sentando-se na cadeira que Harriet lhe assinalara.

– Não tem de quê. Depois de todos estes anos à espera de que a verdade viesse ao de cima, para o bem da pobre Helen, fico encantada por uma escritora do seu calibre ter decidido escrever sobre o caso. Sobretudo desde que soube por alguns amigos de Estocolmo que aquela pessoa horrível também planeia lançar um livro.

– E isso seria assim tão mau? – perguntou cautelosamente Erica, acenando com a cabeça na direção de Harriet quando esta ergueu o bule de café. – Tal como a Helen, a Marie sempre se declarou inocente, por isso, na realidade, o livro dela poderia reforçar a versão da sua filha sobre o que aconteceu.

Enquanto servia o café, que parecia preocupantemente pálido, Harriet franziu os lábios.

– Não acredito de todo que essa mulher seja inocente, acho que foi ela quem matou aquela pobre menina e depois tentou incriminar a Helen.

– Mesmo tendo sido a Marie a primeira a confessar o homicídio?

Erica bebeu um golinho de café, que era decididamente fraco.

– Fazia tudo parte do plano dela, é óbvio! – De repente, a voz tornou-se esganiçada e Harriet engoliu em seco algumas vezes.

– Queria induzir a Helen a confessar – disse em seguida. – A Helen sempre foi tão influenciável, tão crédula, e essa Marie era uma rapariga astuta com uma família horrível. Desde o princípio que nos preocupámos com a influência que podia exercer sobre a nossa filha. Quando começou a dar-se com essa rapariga, a Helen mudou muito. Porém, embora pensássemos que podia não ser boa ideia, deixámo-las continuar a conviver. Não queríamos ser acusados de ser snobes e, claro, é importante que as crianças contactem com pessoas de meios diferentes, mas aquela família... – Harriet estremeceu quando se lembrou. – Devíamos ter acabado com aquilo logo no início, como eu disse ao KG. Mas sabe como são os homens, nem sempre estão dispostos a ouvir quando metem alguma coisa na cabeça, por isso recusou-se a intervir até ser demasiado tarde. Depois deu no que

deu, claro! Ao longo dos anos, o meu marido disse-me muitas vezes: «Porque é que não te dei ouvidos, Harriet?»

Parou para recobrar o fôlego e bebeu um gole de café.

– Não sei se soube o que aconteceu – disse apressadamente Erica. – Uma menina que morava na mesma quinta onde a Stella viveu foi encontrada morta. E o corpo foi encontrado no mesmo sítio.

– Sim, eu soube, que coisa horrível.

Harriet estremeceu, fazendo tilintar a bijuteria. Usava um grosso fio de ouro ao pescoço, pulseiras pesadas também em ouro e um discreto broche *Chanel* preso à blusa. Pela aparência, era óbvio que tinha sido modelo. Apesar da idade, mantivera a postura correta, e o cabelo exibia madeixas habilmente aplicadas em diferentes tons de louro que não deixavam perceber se já ficara grisalho. O aspeto de Harriet aproximava-se mais do de uma mulher de cinquenta anos do que de sessenta. Erica endireitou as costas na cadeira. Tinha tendência a sentar-se como um saco de batatas, uma deformação profissional que era uma consequência de todas as horas passadas à frente do computador.

Harriet serviu-lhe mais um pouco daquele café aguado e, interiormente, Erica fez uma careta perante a perspectiva de ter de o beber.

– Bem, isso só confirma o que eu estava a dizer: a Helen é inocente. Não pode ser coincidência a morte de outra criança logo que a Marie regressa. De certeza que foi ela.

– Na sua opinião, porque é que então a Helen confessou? – perguntou Erica. – Porque haveria uma rapariga de treze anos de confessar um homicídio que não cometeu?

Harriet demorou a responder. Remexia nervosamente o colar com os olhos cravados na fortaleza de Marstrand. Quando se virou para Erica havia algo indecifrável no olhar.

– A Helen era uma rapariga frágil e sempre será frágil. O KG estragou-a com mimos. Não tínhamos mais filhos e a Helen era a menina do papá. O KG protegia-a de tudo e dava-lhe tudo o que ela queria. Tenho de admitir que às vezes me sentia um pouco excluída. Passavam horas juntos, só os dois. Era como se tivessem um pequeno mundo só deles. Eu também tinha sido a menina do papá em criança, por isso compreendia e não interferia. Mas quando a Marie apareceu, foi como se tivesse entrado em jogo uma força primitiva à qual a Helen não conseguia resistir. Eu via como a minha filha estava fascinada pela Marie. Era linda, a rapariga, e já aos treze anos tinha uma aura de dona do mundo e..., como poderei dizer?, uma espécie de sobrevivência. Acho

que a Helen, que tinha medo de tudo, se sentia segura com a Marie. A minha filha mudou quando se conheceram. Evitava-nos. Até o KG se apercebeu disso e tentou dedicar-lhe ainda mais tempo. Nem o meu marido nem eu aprovávamos aquela amizade. Passado algum tempo, tentámos impedi-las de se encontrarem, mas Fjällbacka é uma terra pequena e é difícil manter duas pessoas separadas. Que podíamos ter feito? Ficar na escola com a Helen o dia inteiro?

Continuava a remexer o colar, que tilintava contra a pele bronzeada junto ao decote da blusa.

– Sendo assim, na sua opinião, porque é que a sua filha confessou? Tinha medo da Marie? – Erica reconduziu-a à pergunta original, já que Harriet começara a divagar.

– Na minha opinião, queria agradar-lhe. Creio que a polícia lhe disse que a Marie confessou e a Helen não quis ficar-lhe atrás. A Helen era assim. É assim. É uma pessoa que nunca quer andar contra a corrente. Depois, quando a Marie se retratou, a Helen também a imitou. Mas o mal já estava feito. – A voz tremia-lhe. Aproximou de Erica um prato de bolos de canela. – Sirva-se, estão frescos. Foram comprados esta manhã na padaria.

Erica pegou num.

– A Helen pôde ficar com os pais, não foi? – perguntou. – Ao contrário da Marie, que foi entregue a uma família de acolhimento?

Erica fez com que a frase soasse como uma pergunta, mesmo que na realidade fosse mais uma constatação.

– Sim, graças a Deus que as raparigas não podiam ser presas. Foi a Segurança Social a intervir e a avaliar o que era melhor para ambas. Como era de esperar, aquela horrorosa família Wall foi considerada inapta para cuidar da Marie. Mas a Helen pôde voltar para casa depois de um curto período no reformatório. E com razão. Não nos podia ser atribuída qualquer responsabilidade pelos acontecimentos. Na infância de Helen e na educação que lhe demos não havia absolutamente nada de errado. Se nunca tivesse conhecido aquela desgraçada nada disto teria acontecido.

A voz voltara a sair-lhe estridente.

– E saíram de Fjällbacka pouco tempo depois, não foi? – perguntou calmamente Erica.

Harriet assentiu.

– Sim, obviamente, seria impraticável continuar a viver lá com todos os rumores e coscuvilhices que circulavam. Ser-se de repente tratado como um

pária não era agradável. Até destituíram o KG da presidência dos Rotários. Como se ele tivesse culpa do que aconteceu!

Harriet respirou fundo algumas vezes. Não havia dúvida de que as velhas feridas ainda não tinham sarado completamente. Erica reparou no facto de Harriet parecer mais incomodada com a própria queda e a queda de KG do cimo da pirâmide social do que com o trauma que a filha sofrera.

– Mas, mesmo assim, a Helen optou por regressar de novo a Fjällbacka, não foi?

– Sim, nunca consegui compreender porquê. Mas o James, que nos tinha comprado a casa, não se quis mudar depois de casar com a Helen. O KG apoiou-o. Por isso, que podia eu fazer?

– O James e o seu marido eram grandes amigos, pelo que percebi. E a Helen era muito jovem quando se casou com um homem que na altura tinha a idade do pai. Quais eram os vossos sentimentos em relação a este casamento? Erica inclinou-se para a frente, ansiosa por ouvir o que Harriet ia dizer. Durante os meses de pesquisa para o livro, tinha refletido várias vezes sobre aquela questão.

– O KG estava no sétimo céu. Ele e o James eram amigos de infância, tinham crescido em Fjällbacka e o meu marido tinha muita admiração por aquele homem. Encorajou aquele relacionamento desde o início e eu não vi nada de mal nisso. Conheço o James desde que casei com o KG e, de certa forma, fazia parte da nossa família. Por isso, quando o James tocou no assunto antes de a Helen completar dezoito anos, claro que respondemos que a decisão era dela, mas que não tínhamos nada contra o casamento.

Erica pensou ter apanhado algo na expressão de Harriet. Algo que não combinava com as palavras que tinha proferido. Seria possível que aquela mulher não tivesse a mais pequena reserva em relação ao facto de um amigo da família, um homem que, pela idade que tinha, podia ser o pai da filha, se ter mostrado de repente interessado nela e depois ter casado com ela? Não, não lhe parecia. Havia alguma coisa que não batia certo, mas percebeu que não ia conseguir arrancar mais nada a Harriet sobre aquele assunto.

– Tentei contactar a Helen várias vezes – disse Erica –, mas a sua filha nunca me atendeu e não me parece que queira ser entrevistada por mim. No entanto, seria extremamente valioso para o livro se pudesse ter a versão dela dos factos. Acha que podia tentar convencê-la?

Harriet assentiu.

– É óbvio que a Helen vai falar consigo. Sei que receia reviver tudo o que aconteceu e claro que de início também pensei nisso. Que falar consigo ia voltar

a trazer tudo ao de cima. Mas depois dei-me conta de que esta é a oportunidade por que sempre esperámos, a possibilidade de vermos a nossa reputação ser reabilitada de uma vez por todas. Mesmo passadas três décadas, as pessoas ainda me olham de lado e a cada ano que passa sinto-me cada vez mais excluída dos eventos sociais aqui na ilha. E eu que tenho tanto para dar. – Engoliu em seco algumas vezes. – Por isso, sim, vou falar com a Helen. Não se preocupe, ela vai aceitar.

– Obrigada – disse Erica.

– Vou telefonar-lhe ainda hoje – declarou Harriet com um decidido aceno de cabeça. – Não quero deixar escapar esta oportunidade de redimir o nosso bom nome.

Quando Erica saiu, Harriet continuava sentada na varanda.

*

Por volta do meio-dia reinava sempre a calma. As pessoas encontravam-se na água ou a almoçar ao ar livre enquanto desfrutavam do sol. Não tinham forças para percorrer os corredores do centro de jardinagem, para ver flores e arbustos quando o calor estava no auge. Tanto melhor, pensava Sanna. As estufas sempre tinham sido o seu ambiente preferido e, apesar da habitual dor de cabeça matinal, não se sentia incomodada pelo calor trémulo do Sol no seu zénite. Aquela pausa no dia dava-lhe a oportunidade de se dedicar às suas plantas. Ultimamente andavam a devorar litros e litros de água e era essencial não deixar de regar nem mesmo a mais pequena plantinha sedenta.

Também tinha tempo de reerguer os vasos que haviam sido derrubados por clientes descuidados e podia aproveitá-lo para conversar um pouco com as hortênsias e por alguns instantes trocar mexericos com as rosas. Cornelia encarregava-se da caixa registadora. A qualidade dos trabalhadores sazonais variava muito de um ano para o outro, mas encontrara ali uma pérola rara.

Se alguém perguntasse a Sanna quais eram os seus amigos mais próximos, responderia que eram as plantas. Não que tivesse outros por onde escolher. Sempre tivera dificuldade em aproximar-se das pessoas. Na secundária fizera algumas tentativas desajeitadas para ser amiga de algumas alunas, tentando comportar-se como as outras. Tomar um café em grupo, falar de rapazes, conversar superficialmente sobre o último par de sapatos comprados ou falar seriamente sobre as consequências do efeito de estufa. Tinha tentado ser normal. Mas não compreendia as outras pessoas e fora um milagre ter acabado por

encontrar Niklas. Por outro lado, compreendia as plantas. Ao contrário das pessoas, as plantas entendiam-na. Não precisava de outra companhia.

Afundou delicadamente o rosto numa grande hortênsia roxa e inalou a fragrância. Era o melhor perfume do mundo. Acalmava-lhe a alma e, por um breve momento, Sanna conseguiu descontraí-la. Afastou todas as lembranças, todos os pensamentos, dando apenas lugar a um zumbido silencioso.

Quando era pequena, era diferente. Era Stella quem adorava a floresta e que estava sempre a ir para lá brincar. Sanna permanecia na quinta, evitando a floresta com todos aqueles cheiros estranhos.

Depois do que acontecera a Stella, Sanna ficara ainda com menos razões para ir à floresta. Depois do que Helen e Marie tinham feito.

Sempre que Sanna pensava em Marie, sentia uma agitação dentro de si. Uma necessidade de fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Trinta anos de pensamentos e de reflexões tinham-se empilhado uns por cima dos outros, solidificando ao longo do tempo para formar um nó tão duro como a rocha. Um peso no peito que se tornava mais opressivo de dia para dia.

Em breve teria de resolver aquilo.

– Com licença, onde estão as ervas aromáticas?

Sanna teve um sobressalto, ergueu o rosto da hortênsia e olhou em redor. Uma mulher com um rapazinho impaciente a puxar-lhe pela mão olhava-a com ar interrogativo.

– Venha comigo – respondeu Sanna, conduzindo-a na direção da zona que tinha destinado às ervas aromáticas e aos legumes.

Já tinha adivinhado que a mulher era do tipo manjerição. Nunca se enganava.

*

Durante muitos anos, a vida de Anna fora uma montanha-russa, mas finalmente sentia que pisava terra firme. Tinha receio de dar o próximo passo, porque sabia muito bem que tudo podia desmoronar-se a grande velocidade. Os anos em que estivera casada com Lucas tinham-na mudado radicalmente. Aos poucos, os pontapés e os murros do ex-marido tinham-lhe consumido a autoestima a tal ponto que, tantos anos depois, Anna continuava a lutar para encontrar a mulher que fora no passado.

Antes de conhecer Lucas achava-se invencível, em grande parte graças a Erica. Em adulta, porém, apercebera-se de que a irmã a tinha estragado com

mimos e superprotegido, talvez na tentativa de compensar tudo o que ambas não tinham recebido dos pais.

Há muito que Anna perdoara a Elsy, a mãe. Tinha sido doloroso descobrir o seu segredo, mas ao mesmo tempo fora positivo que Erica tivesse encontrado aquela roupa ensanguentada no sótão da casa de infância. Graças àquela descoberta, a família ganhara um novo membro e tanto Anna como Erica tentavam visitar o meio-irmão Göran com a maior frequência possível.

Há sempre uma razão para tudo, pensou enquanto ultrapassava um velho trator. Ficou encandeada pelo sol e esticou-se para pegar nuns óculos escuros sem tirar os olhos da estrada. Nunca fora uma condutora imprudente, mas depois do acidente tornara-se ainda mais cautelosa. Sobretudo agora, que mal cabia entre o volante e o banco por causa da enorme barriga. Provavelmente não conseguiria conduzir durante muito mais tempo. Dan sugerira servir-lhe de motorista, mas Anna declinara de forma educada mas firme. Era algo que queria fazer sozinha. Não queria a interferência de ninguém. A decisão era unicamente sua.

Permitiu-se considerar o curto trajeto de carro como uma pausa relaxante na quotidiana vida doméstica. As férias de verão eram, em muitos aspetos, uma invenção fantástica para as crianças, mas nem sempre para os pais. Pelo menos nesta altura em que estava cansada, transpirada e nos últimos meses de gravidez. Adorava os filhos, mas tentar mantê-los ocupados durante dias inteiros exigia um grande empenho da sua parte e, dado que entre os seus filhos e os de Dan as diferenças de idade eram muito grandes, acabavam por ter de aturar de tudo, dos caprichos das crianças pequenas às explosões de raiva das adolescentes. Além disso, dificilmente podia dizer não a Erica e a Patrik quando lhe pediam ajuda. Dan estava sempre a repreendê-la, dizendo-lhe que tinha de pensar em si. Só que, por um lado, adorava os três sobrinhos, e por outro, considerava aquelas ocasiões uma oportunidade de retribuir a Erica tudo o que fizera por ela quando eram pequenas. Tomar conta de Maja e dos gémeos de vez em quando era o mínimo que podia fazer, Dan que falasse à vontade. Estaria sempre disposta a ajudar a irmã mais velha.

Estava a ouvir a rádio *Vinyl 107* e gostava de cantarolar as músicas que se iam sucedendo. Desde que fora mãe que perdera completamente a noção da música que se ouvia atualmente. Sabia que Justin Bieber era popular e conseguia cantarolar algumas músicas de Beyoncé, mas era tudo. Em compensação, conseguia cantar a plenos pulmões *Broken Wings*, dos Mr. Mister¹⁹, que passava naquele momento na *Vinyl*.

A meio do refrão, Anna emudeceu e praguejou. Porra. O carro que avançava na sua direção na faixa contrária era-lhe demasiado familiar. Erica. Anna teria reconhecido a sua velha carrinha *Volvo* em qualquer lugar. Considerou a ideia de se baixar no assento, mas depois apercebeu-se de que Erica reconheceria o carro em que seguia. No entanto, sabia que a irmã era uma nódoa em relação a carros e que mal conseguia distinguir um *Toyota* de um *Chrysler*, por isso esperava que não reagisse ao ver o *Renault* vermelho que lhe estava a passar ao lado.

O telemóvel começou a zumbir. Anna olhou para o tabliê, onde estava encaixado num suporte magnético. Porra, porra, porra. Era Erica. Então devia ter reconhecido o carro. Anna suspirou, mas como não gostava de falar ao telemóvel enquanto conduzia, ainda lhe restava algum tempo para desencantar o que dizer à irmã. Não gostava de mentir a Erica. Fizera-o demasiadas vezes ao longo dos anos. Daquela vez, no entanto, não tinha escolha.

*

Um baloiço oscilava para a frente e para trás, embora Gösta não conseguisse sentir a mais leve brisa naquele calor opressivo. Perguntou a si próprio quando teria sido a última vez que Nea andara nele. O cascalho rangia-lhe sob os pés. As marcas do jogo da macaca haviam-se praticamente desvanecido.

Doía-lhe o estômago enquanto se dirigia à porta, que se abriu antes de ter tido tempo de bater.

– Entre – disse Bengt.

O pai de Peter lançou-lhe um ligeiro sorriso, mas Gösta conseguia sentir a agressividade para lá da aparência.

Telefonara-lhes a avisar que ia aparecer, e estavam todos reunidos à mesa da cozinha, à espera que chegasse. Calculou que os pais de Peter ficassem pelo menos até depois do funeral. Mas quem sabia quando seria realizado... Até a terem autopsiado, Nea não podia ser sepultada. Ou cremada, se fosse essa a vontade dos pais. Afastou aqueles pensamentos, assim como as imagens que convocaram, e aceitou de bom grado um café. Depois sentou-se ao lado de Peter e pôs-lhe uma mão no ombro.

– Como é que se têm aguentado? – perguntou, agradecendo com um aceno de cabeça a Eva, que lhe pôs uma chávena fumegante à frente.

– Vivemos um segundo de cada vez, um minuto de cada vez – respondeu Eva em voz baixa, sentando-se depois à frente de Gösta e ao lado do sogro.

– O médico receitou comprimidos para dormir aos dois e isso está a ajudar – respondeu a mãe de Peter. – A princípio não queriam tomá-los, mas depois convenci-os. Não lhes serve de nada não dormir.

– Sim, tem razão – concordou Gösta. – Há que aproveitar toda a ajuda possível.

– Soube alguma coisa? Foi por isso que cá veio?

Peter olhou-o com olhar mortiço.

– Infelizmente, não – respondeu Gösta. – Mas estamos a trabalhar a toda a velocidade e a fazer todos os possíveis. Vim perguntar-vos se há alguma possibilidade de alguém ter entrado cá em casa enquanto estavam a dormir. Repararam se havia alguma janela aberta?

Eva olhou para Gösta.

– Tem estado muito calor e nós dormimos sempre com as janelas abertas. Mas estavam presas por dentro. Estava tudo como costuma estar.

– Okay – disse Gösta. – Da última vez que estive aqui, a Eva disse-me que a porta principal estava fechada e trancada. Mas talvez haja outras formas de alguém poder entrar. Uma porta de acesso à cave que possam ter-se esquecido de fechar, por exemplo?

Peter deu uma palmada na testa e apontou para a porta.

– Caramba, da outra vez esqueci-me de lhe dizer! Nós temos alarme. Acionamo-lo todas as noites antes de irmos deitar-nos. Uma vez entraram-nos ladrões em casa quando morávamos em Uddevalla. Foi antes de termos tido a Nea. Alguém nos lançou lá para dentro uma lata de gás lacrimogénio pela caixa do correio e forçou a porta. Não tínhamos grandes coisas de valor, mas foi horrível que nos tenham entrado em casa, apesar de estarmos lá dentro a dormir. Desde aí sempre tivemos alarme. Foi uma das primeiras coisas que instalámos quando nos mudámos para cá. Parecia-nos uma precaução sensata, uma vez que moramos tão isolados...

A voz apagou-se e Gösta percebeu a ideia de Peter. O alarme não tinha mantido o perigo afastado. Deu-lhes uma sensação de proteção, mas não servira para nada.

– Quer dizer que acionou o alarme quando se foram deitar?

– Sim, exatamente.

– E voltou a ligá-lo quando saiu de casa?

– Não – respondeu Peter, abanando a cabeça. – Era dia e havia claridade lá fora, por isso...

Olhou para cima e compreendeu o que Gösta queria dizer.

– Portanto, a Nea não pode ter saído de casa antes das seis e meia.
– Exatamente, deve ter desaparecido depois dessa hora, caso contrário o alarme teria soado. Porque ninguém mais tem o código para poder desativá-lo, pois não?

Desta vez foi Eva quem abanou a cabeça.

– Não, e ainda por cima recebemos notificações por telemóvel de todas as atividades relacionadas com o alarme.

Levantou-se e foi buscar um *iPhone* que estava a carregar sobre a bancada da cozinha. Inseriu a palavra-passe, fez deslizar o dedo sobre o ecrã algumas vezes e depois ergueu o telemóvel com o ecrã virado para Gösta.

– Veja, é o resumo daquela noite: acionámos o alarme por volta das dez, quando fomos deitar-nos, e só foi desligado às seis e três da manhã, quando o Peter se levantou.

– É incrível não termos pensado nisto antes – afirmou Peter em voz baixa.

– Eu é que devia ter pensado nisso – retorquiu Gösta. – A caixa do alarme está ali na parede, bem à vista. Mas em situações como esta... bem, em situações como esta, a lógica passa-nos um pouco ao lado. Mas agora, pelo menos, sabemos que podemos excluir a possibilidade de alguém ter entrado em casa durante a noite.

– Investigou aqueles tipos em Tanumshede? – perguntou Bengt.

Ulla puxou-o pelo braço e inclinou-se para a frente para lhe sussurrar ao ouvido. Bengt libertou-se da mão da mulher, irritado.

– Se ninguém mais tem coragem de dizer isto, tenho de ser eu a dizê-lo! – explodiu. – Circulam rumores de que há alguns criminosos naquele sítio em Tanumshede. Parece que alguns desses homens participaram nas buscas. Não percebe que tiveram uma oportunidade de ouro para destruir eventuais provas? Ouvi dizer que um deles até estava presente quando encontraram a Nea. Não lhe parece uma coincidência muito estranha?

Gösta não sabia exatamente o que responder. Aquelas insinuações tinham-no apanhado desprevenido, apesar de nos últimos anos ter chegado à conclusão de que as pessoas com opiniões xenófobas já não podiam ser identificadas graças às cabeças rapadas e às botas. Às vezes também podiam ter o aspeto de vulgaríssimos reformados. Perguntou a si próprio se Eva e Peter partilhavam a opinião de Bengt.

– Nós não excluímos nada, mas até agora não temos quaisquer indicações de que nos levem a direcionar a nossa atenção para alguém do centro de acolhimento.

– Mas é mesmo verdade? Há elementos criminosos nesse centro?

Era difícil determinar se Peter estava a fazer aquela pergunta por alguma crença pessoal ou por ser um homem desesperado que tentava agarrar-se a um último ponto de apoio.

– A polícia local não é obrigada a investigar essas pessoas quando chegam? Pode haver assassinos, ladrões, violadores e até pedófilos entre eles!

Bengt levantou a voz e a mulher puxou-o mais uma vez pelo braço.

– Cala-te, Bengt, não é boa altura para...

Mas o marido não conseguia conter-se.

– Não percebo qual é o problema do raio deste país! É precisamente por causa da ingenuidade dos suecos que nos mudámos para Espanha! Essa gente cruza as nossas fronteiras em massa e nós temos de alimentá-los, vesti-los e dar-lhes um teto, e depois ainda têm a lata de se queixarem dos alojamentos que lhes damos! Garantem que estão a fugir da guerra e da tortura, mas depois queixam-se de que não há Wi-Fi!

– Peço desculpa pelo meu marido – disse Ulla, puxando-o ainda com mais força pela manga. – Mas ninguém sabe ao certo que género de pessoas há nesse centro e, quando estávamos na vila a fazer algumas compras... bem, tem-se falado muito nisso. As pessoas têm medo de que desapareçam outras crianças.

– Temos outras pistas que consideramos serem prioritárias – disse Gösta.

Começava a achar verdadeiramente desagradável o rumo que a conversa estava a tomar.

– Está a referir-se ao que aconteceu há trinta anos? Com a Helen e essa atriz que agora está cá outra vez? Acreditam realmente que há uma ligação? – Eva ergueu a cabeça e olhou Gösta nos olhos. – Nós conhecemos a Helen, é nossa vizinha, e nunca faria mal à Nea. E essa atriz, então, meu Deus, porque haveria de querer magoar a nossa filha? Eram miúdas quando aquilo aconteceu. Não, não acredito nisso nem por um momento. Quanto a isto acredito mais... bem, no que Bengt diz.

Gösta permaneceu em silêncio, tentando formular uma resposta. Apercebeu-se de que não havia nada que pudesse dizer. Os pais de Nea estavam numa situação desesperada. Não era a ocasião certa para iniciar uma discussão sobre questões ideológicas.

– Nós não excluimos nada, mas seria perigoso tirarmos conclusões precipitadas – explicou. – A investigação está numa fase inicial, estamos a aguardar o relatório do médico-legista e a análise dos técnicos forenses. Acreditem em mim, não estamos agarrados a nenhuma teoria em particular, mas

não ajuda perdermos tempo com rumores infundados. Portanto, peço-vos que não nos tornem as coisas mais difíceis, empurrando-nos... enfim, levando as pessoas a tirar conclusões erradas.

– Nós compreendemos o que quer dizer – afirmou Peter, as mãos bem entrelaçadas sobre a mesa. – Mas prometa-nos que também não excluirão nada pelos motivos errados. Se os tipos têm má reputação e as pessoas falam deles, talvez haja um motivo. Não há fumo sem fogo.

– Prometo – disse Gösta, mas o nó que tinha no estômago apertou-se.

Tinha a sensação desagradável de que se se dera início a um movimento que seria muito difícil de parar. A última coisa que viu antes de sair foi o olhar sombrio e sem vida de Peter.

¹⁹ Banda *pop rock* e *new wave* norte-americana formada em Los Angeles em 1982. (N. do T.)

Bohuslän, 1672

A ÚLTIMA NEVE DERRETEU E FEZ COM QUE OS REGATOS GORGOLHASSEM DE VIDA E A VEGETAÇÃO SE TORNASSE EXUBERANTE. A QUINTA TAMBÉM COMEÇAVA A DESPERTAR DO INVERNO E DURANTE UMA SEMANA FEZ-SE UMA LIMPEZA GERAL PARA DAR AS BOAS-VINDAS AO SEMESTRE MAIS QUENTE DO ANO. TODAS AS COBERTAS E COLCHÕES DE PENAS FORAM LAVADOS E ESTENDIDOS PARA SECAREM, OS TAPETES DE TRAPOS FORAM BATIDOS E OS SOALHOS ESFREGADOS. AS JANELAS FORAM LAVADAS PARA QUE O SOL PUDESSE PENETRAR NOS PEQUENOS QUARTOS E AFUGENTAR AS SOMBRAS DOS CANTOS. O CALOR INSTALOU-SE NO PEITO DE TODOS, DERRETENDO O GELO QUE FICARA DAS LONGAS NOITES DE INVERNO, E MÄRTA PARECIA TER A DANÇA NAS PERNAS QUANDO SALTITAVA PELA QUINTA COM VIOLA A REBOQUE. ELIN SURPREENDEU-SE A SI PRÓPRIA A CANTAROLAR ENQUANTO, AJOELHADA, ESFREGAVA AS PRANCHAS DE MADEIRA DO SOALHO, E ATÉ BRITTA PARECIA MAIS BEM-DISPOSTA.

AS NOTÍCIAS SOBRE AS BRUXAS QUE TINHAM SIDO QUEIMADAS NA FOGUEIRA EM BOHUSLÄN TINHAM CONTRIBUÍDO PARA CRIAR UMA ATMOSFERA DE EUFORIA EM TODA A COMUNIDADE E AS HISTÓRIAS ESPALHAVAM-SE DE CASA EM CASA PARA SEREM NARRADAS E RECONTADAS À LUZ DAS VELAS. DE CADA VEZ QUE ALGUÉM CONTAVA AS HISTÓRIAS SOBRE AS VIAGENS DAS MULHERES MALVADAS À MONTANHA BLÅKULLA PARA PARTICIPAR NO SHABAT DAS BRUXAS, E SOBRE AS PÂNDEGAS COM O DIABO, ACRESCENTAVA-LHES ALGUM PORMENOR. AS CRIADAS E AS TRABALHADORAS DA QUINTA QUE TINHAM PARTILHADO OS ALOJAMENTOS COM ELAS COMPETIAM PARA DESCREVER AS COISAS DIABÓLICAS QUE ACONTECIAM NESSES BANQUETES: JANTARES SERVIDOS AO CONTRÁRIO E VELAS DE CABEÇA PARA BAIXO, VACAS E CABRAS VOADORAS, E CRIANÇAS ATRAÍDAS POR BRUXAS PARA SERVIR SATANÁS. MÄRTA ESCUTAVA DE OLHOS ARREGALADOS E ELIN OBSERVAVA-A COM INDULGÊNCIA. ERAM HISTÓRIAS EMOCIONANTES, NÃO PODIA NEGÁ-LO, MAS LÁ NO FUNDO INTERROGAVA-SE SOBRE QUANTO DAQUILO SERIA VERDADE. AQUELES RELATOS LEMBRAVAM-LHE OS CONTOS DE FADAS QUE A AVÓ LHE CONTARA EM CRIANÇA. NO ENTANTO, ELIN DEIXAVA-AS CONTINUAR A CONTÁ-LAS. AS PESSOAS PRECISAVAM DE HISTÓRIAS PARA SUPORTAR AS MISÉRIAS DA VIDA, E O ROSTO ENTUSIASMADO DE MÄRTA ALEGRAVA-A. QUEM ERA ELA PARA

TIRAR-LHE AQUELA ALEGRIA? A SEU TEMPO, A FILHA APRENDERIA A DIFERENCIAR AS HISTÓRIAS DA REALIDADE, E QUANTO MAIS TEMPO PUDESSE VIVER NO MUNDO DOS CONTOS DE FADAS, MELHOR SERIA.

NOS ÚLTIMOS DIAS, BRITTA TINHA SIDO EXCECIONALMENTE SIMPÁTICA PARA MÄRTA. ACARICIARA-LHE O CABELO LOURO, OFERECERA-LHE DOCES E PEDIRA-LHE PARA PEGAR EM VIOLA. ELIN NÃO SABIA EXATAMENTE PORQUÊ, MAS AQUILO INCOMODAVA-A. TALVEZ POR CONHECER DEMASIADO BEM A IRMÃ. BRITTA NUNCA FAZIA NADA POR BONDADE. MAS A MENINA FICAVA GRATA POR QUALQUER ATO DE GENEROSIDADE DE QUE FOSSE ALVO E, RADIANTE, TINHA IDO MOSTRAR-LHE OS DOCES QUE A PATROA LHE OFERECERA. ELIN TENTOU AFASTAR TODA A ANSIEDADE DO PENSAMENTO, SOBRETUDO PORQUE NAQUELE DIA TINHAM MUITO MAIS TRABALHO DO QUE ERA COSTUME. A TIA DE BRITTA, INGEBORG, IA VISITÁ-LOS, POR ISSO ERA PRECISO APRESSAR A LIMPEZA DA PRIMAVERA PARA QUE TUDO ESTIVESSE PRONTO ANTES QUE ELA CHEGASSE.

ELIN TINHA ESTADO TÃO OCUPADA A ESFREGAR O CHÃO E A LIMPAR, QUE NÃO VIRA MÄRTA DURANTE TODO O DIA. À TARDE COMEÇOU A FICAR PREOCUPADA COM A FILHA. GRITOU O NOME DA FILHA ENQUANTO CAMINHAVA PELA QUINTA, PROCURANDO NOS ALOJAMENTOS DA CRIADAGEM, BEM COMO NO CELEIRO E NOS OUTROS EDIFÍCIOS DO PRESBITÉRIO, MAS NÃO HAVIA NENHUM SINAL DE MÄRTA. A ANSIEDADE REVOLVIA-LHE O ESTÔMAGO E PÔS-SE A CHAMÁ-LA CADA VEZ MAIS ALTO. PERGUNTAVA PELA FILHA A TODOS OS QUE ENCONTRAVA, MAS NINGUÉM VIRA A CRIANÇA.

A PORTA DO PRESBITÉRIO ABRIU-SE DE PAR EM PAR.

— QUE ACONTECEU, ELIN? — PERGUNTOU PREBEN, CORRENDO PARA FORA DE CASA COM OS CABELOS EM PÉ E A ENFIAR À PRESSA A CAMISA BRANCA NAS CALÇAS.

ELIN CORREU AO SEU ENCONTRO, DESESPERADA, PERCORRENDO AO MESMO TEMPO A QUINTA COM O OLHAR NA ESPERANÇA DE CONSEGUIR VER AS TRANÇAS LOURAS DA FILHA.

— NÃO CONSIGO ENCONTRAR A MÄRTA, PROCUREI-A POR TODO O LADO!

— ACALMA-TE, ELIN — DISSE PREBEN, PONDO-LHE AS MÃOS NOS OMBROS.

ELIN SENTIU O CALOR DAS MÃOS DO PASTOR ATRAVÉS DO TECIDO DO VESTIDO E NÃO CONSEGUIU IMPEDIR-SE DE CAIR-LHE NOS BRAÇOS. FICOU ASSIM DURANTE ALGUNS SEGUNDOS, DEPOIS AFASTOU-SE E LIMPOU OS OLHOS À MANGA DO VESTIDO.

— TENHO DE ENCONTRA-LA. É TÃO PEQUENA, E É A COISA MAIS QUERIDA E PRECIOSA QUE TENHO.

– VAMOS ENCONTRÁ-LA, ELIN – DISSE PREBEN, DIRIGINDO-SE RESOLUTAMENTE AOS ESTÁBULOS.

– JÁ PROCUREI AÍ – DISSE ELIN COM DESESPERO.

– HÁ POUCO VI LILL-JAN LÁ DENTRO E NINGUÉM MELHOR DO QUE ELE PARA SABER TUDO O QUE SE PASSA NESTA QUINTA.

ABRIU A PORTA DOS ESTÁBULOS E ENTROU. ELIN LEVANTOU AS SAIAS E CORREU ATRÁS DELE. NA SEMIOBSCURIDADE DOS ESTÁBULOS, OUVIU AS VOZES DOS DOIS HOMENS A MURMURAR, MAS SÓ CONSEGUIU APANHAR A PALAVRA «BRITTA». O CORAÇÃO COMEÇOU A MARTELAR-LHE O PEITO. OBRIGOU-SE A ESPERAR ENQUANTO PREBEN E LILL-JAN ACABAVAM DE CONVERSAR, MAS QUANDO VIU O ROSTO DE PREBEN SABIA QUE OS RECEIOS SE JUSTIFICAVAM.

– HÁ POUCO, O LILL-JAN VIU A BRITTA E A MÄRTA A DIRIGIREM-SE À FLORESTA.

– À FLORESTA? PARA FAZER O QUÊ? A BRITTA NUNCA VAI À FLORESTA. E PORQUE HAVERIA DE LEVAR A MÄRTA?

APERCEBEU-SE DO TOM AGUDO DA PRÓPRIA VOZ. PREBEN TENTOU ACALMÁ-LA.

– ESTE NÃO É O MOMENTO PARA NOS ENTREGARMOS À HISTERIA. TEMOS DE ENCONTRAR A MÄRTA. HÁ POUCO VI A BRITTA NA BIBLIOTECA. VOU FALAR COM ELA.

PREBEN CORREU ATÉ CASA E ELIN FICOU PARA ALI SEM SABER O QUE FAZER, INVADIDA PELAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA. A IRMÃ TIRARA-LHE TUDO O QUE LHE FORA CARO SEM QUE O PAI TIVESSE UM GESTO PARA O EVITAR. A BONECA QUE A MÃE LHE DERA FOI ENCONTRADA NA LATRINA, COM O CABELO CORTADO E AS PESTANAS ARRANCADAS. O CACHORRINHO DADO POR UM TRABALHADOR DA QUINTA TINHA SIMPLEMENTE DESAPARECIDO, MAS ELIN SABIA NO FUNDO DO SEU SER QUE, DE ALGUMA FORMA, BRITTA ESTAVA POR DETRÁS DE TUDO AQUILO. HAVIA PODRIDÃO NA ALMA DA IRMÃ. NÃO SUPORTAVA QUE ALGUÉM TIVESSE ALGUMA COISA QUE ELA PRÓPRIA NÃO POSSUÍSSE. A IRMÃ SEMPRE FORA ASSIM.

E, AGORA, BRITTA NÃO TINHA FILHOS, AO PASSO QUE ELIN TINHA A MAIS QUERIDA DAS MENINAS. UMA MENINA QUE FAZIA COM QUE O OLHAR DO MARIDO DE BRITTA SE ENCHESSE DE AMOR, COMO SE MÄRTA FOSSE SUA FILHA. ELIN PRESENTIRA QUE AQUILO NÃO IA ACABAR BEM, MAS QUE PODIA TER FEITO? VIVIA À MERCÊ DA IRMÃ E NÃO HAVIA MAIS NENHUM LUGAR PARA ONDE ELA E A FILHA PUDESSEM IR DEPOIS DAS PALAVRAS QUE PROFERIRA E QUE TINHAM FEITO COM QUE MUITOS A ENCARASSEM COM ÓDIO E DESDÉM. BRITTA FORA A SUA ÚNICA SALVAÇÃO. E AGORA TALVEZ ISSO LHE TIVESSE CUSTADO A SUA FILHA.

PREBEN VOLTOU LOGO A SEGUIR A CORRER, O ROSTO SOMBRIO.

– FORAM ATÉ AO LAGO – DISSE.

ELIN NÃO SE IMPORTOU COM O QUE QUER QUE TIVESSE ACONTECIDO NO INTERIOR DO PRESBITÉRIO. A ÚNICA COISA EM QUE CONSEGUIA PENSAR ERA QUE A SUA FILHA ESTAVA NO LAGO E NÃO SABIA NADAR.

COM O CORAÇÃO A MARTELAR-LHE O PEITO E A MURMURAR PRECES A DEUS, ELIN CORREU ATRÁS DE PREBEN, QUE COMEÇAVA A ATRAVESSAR A FLORESTA EM DIREÇÃO AO LAGO. SE O SENHOR TIVESSE UM PINGO DE MISERICÓRDIA, DEIXÁ-LOS-IA ENCONTRAR MÄRTA COM VIDA. CASO CONTRÁRIO, PREFERIA PERECER NAQUELAS ÁGUAS ESCURAS JUNTAMENTE COM A FILHA.

*

NILS LEVOU O CIGARRO AOS LÁBIOS e deu uma passa profunda. Ao lado dele, Vendela acendeu o seu. Basse fazia ruídos com o pacote de rebuçados que tinha comprado a Eva no quiosque central.

Estavam sentados no topo da colina rochosa, no miradouro sobre Kungsklyftan, o *ex-libris* local. Por baixo deles, um grupo de turistas fotografava a fenda rochosa que assinalava a entrada de Fjällbacka.

– Achas que o teu pai vai conseguir? – perguntou Basse. – Quer dizer, ensinar os árabes a andar de barco?

Fechou os olhos e virou a cara para o Sol. Se se deixasse estar assim por algum tempo, o rosto sardento não tardaria a ficar vermelho como uma lagosta.

– Não sei. Lá obcecado está ele – respondeu Nils.

O pai sempre fora assim. Se quisesse muito uma coisa, era capaz de trabalhar ininterruptamente até a conseguir. Parecia ter uma energia inesgotável. Em casa, penduradas nas paredes, havia fotografias de Bill a carregar os irmãos mais velhos de Nils aos ombros, a ensiná-los a velejar ou a ler-lhes livros.

Quanto a Nils, podia dar-se por satisfeito se o pai lhe perguntasse de vez em quando como estava.

Vendela olhava para o telemóvel com ar distraído. Passava a maior parte das horas em que estava acordada colada àquele aparelho, e Nils estava sempre a dizer-lhe que o telemóvel ia acabar por se fundir com a mão dela.

– Vejam como era gira – disse.

Ergueu o telemóvel para mostrar aos rapazes, que semicerraram os olhos para conseguir ver o ecrã à luz do sol.

– Boa como o milho – comentou Basse, devorando a fotografia com os olhos.

Era uma fotografia do início dos anos 90. Marie Wall ao lado de Bruce Willis. Nils tinha visto aquele filme vezes sem conta. Naquela altura, Marie era mesmo muito sexy.

– Como é que conseguiu ter uma filha tão feia? – perguntou, abanando a cabeça. – Deve ter encontrado o pai da Jessie num filme de terror.

– Bem, pelo menos tem umas mamas enormes – afirmou Basse. – Maiores do que as da mãe. Como será ir para a cama com ela? Sabe-se que as gajas feias compensam o aspeto sendo muito boas na cama.

Acenou com o cigarro na direção de Vendela.

– Também podes procurar *Jessie* no *Google*? Para ver o que aparece sobre ela?

Vendela assentiu. Enquanto mexia no telemóvel, Nils deitou-se e virou o rosto para o céu.

– C’um caraças! – exclamou Vendela, abanando-lhe o braço. – Têm de ver isto!

Ergueu o aparelho na direção dos dois rapazes.

– Estás a gozar? – perguntou Nils, e sentiu um frémito percorrê-lo da cabeça aos pés. – Essa merda está na Internet?

– Sim, encontrei isto na boa – respondeu Vendela.

– Porra, isso é muito bom.

Basse arfou.

– Que fazemos? Postamos isto no *Snapchat*?

Vendela sorriu a Nils.

O rapaz permaneceu em silêncio e demorou um momento a refletir. Então, um grande sorriso iluminou-lhe o rosto.

– Não fazemos nada. Por enquanto.

De início Basse e Vendela pareciam desapontados. Mas depois Nils expôs-lhes rapidamente o plano que arquitetara e Basse rebentou a rir. Era brilhante. Simples, mas brilhante.

*

Quando Karim se sentou à mesa da cozinha, os filhos bombardearam-no com perguntas. Mas Karim não tinha forças para responder e limitou-se a grunhir qualquer coisa. Num curto espaço de tempo, Bill tinha-lhe enchido o cérebro com uma data de informações. Desde o primeiro ano da faculdade que não se sentia tão mentalmente exausto. A vela em si não era assim tão complicada – estudara disciplinas muito mais difíceis –, mas não era fácil aprender aqueles conceitos numa língua que ainda não dominava e quando toda a terminologia e todas as técnicas envolvidas lhe eram completamente estranhas. E assustadoras.

As recordações da travessia do Mediterrâneo tinham ressurgido com uma força que o surpreendera. Só agora se apercebia do medo que sentira naquele barco. Naquela altura, não houvera tempo nem espaço para o terror. Karim e Amina tinham-se apenas concentrado em manter as crianças calmas e seguras. Naquela manhã, porém, no barco com Bill, tinha-lhe vindo à mente cada onda e cada grito daqueles que tinham caído à água, e viu uma vez mais o olhar daqueles que, de repente, tinham parado de gritar e desaparecido calmamente sob a superfície para não voltarem a emergir. Karim tinha reprimido todas aquelas

memórias, convencendo-se de que a única coisa que importava era que agora estavam seguros. Que tinham uma nova pátria. Um novo lar.

– Queres falar sobre isso? – perguntou Amina, acariciando-lhe o cabelo.

Karim abanou a cabeça. Não por achar que não podia confiar na mulher. Sabia que Amina não o julgaria nem duvidaria dele. Mas já tinha sido corajosa durante muito tempo. Durante aquele último período na Síria e durante a longa viagem até à Suécia. Agora era a sua vez de ser forte.

– Só estou cansado – respondeu, comendo mais um pouco de *baba ganoush*²⁰ que Amina tinha preparado.

Estava tão bom como o da mãe, mas era óbvio que nunca se teria atrevido a dizê-lo à mãe, que era tão impetuosa como a mulher.

A mãe morrera quando Karim estava na prisão, e depois tinham sido obrigados a partir. Não tiveram coragem de contar a ninguém. A Síria já se tinha tornado um país de informadores e nunca se podia saber quem tentaria salvar a própria pele entregando outra pessoa qualquer. Vizinhos, amigos, família – não se podia confiar em ninguém.

Karim ficara chocado com a ingenuidade daqueles suecos que estavam convencidos de que eles haviam deixado a terra natal na esperança de uma vida de luxo. Como podiam pensar que alguém fosse capaz de deixar tudo para trás na ilusão de que no Ocidente ia nadar em ouro? Gostava que os suecos compreendessem que eles se tinham visto forçados a deixar os seus lares para se salvarem a si e às famílias, e que agora queriam contribuir o mais possível em prol do país que os acolhera.

Amina acariciou-lhe as cicatrizes no braço e Karim ergueu o olhar do prato. Deu-se conta de que não tinha comido nada, mergulhado como tinha estado em memórias que pensava ter reprimido.

– Tens a certeza de que não queres falar sobre isso? – Amina sorriu-lhe encorajadoramente.

– É difícil – respondeu.

Samia deu uma canelada a Hassan e Amina lançou-lhes um olhar severo. Normalmente bastava.

– Havia tanta coisa nova – prosseguiu Karim. – Tantas palavras estranhas. Se calhar, o homem é um bocado maluco.

– Quem, o Bill?

– Sim, não sei, talvez seja um maluco que quer fazer uma coisa impossível.

– Não há nada impossível. Não é o que estás sempre a dizer aos miúdos?

Amina pôs-lhe a mão no joelho. Não era costume entregarem-se a manifestações de afeto diante das crianças, que estavam a olhar para os pais com ar espantado. Mas provavelmente Amina sentiu que naquele momento Karim precisava daquela proximidade.

– Queres virar as palavras do teu marido contra ele próprio? – perguntou Karim, afastando-lhe uma madeixa do rosto.

Os cabelos longos, espessos e negros davam-lhe pelo meio das costas e eram uma das muitas coisas que amava nela.

– O meu marido diz coisas muito sábias – respondeu, beijando-o na face. – Pelo menos, às vezes.

Pela primeira vez, depois de tanto tempo, Karim deu uma gargalhada e sentiu-se relaxar. Os filhos não compreenderam a piada, mas também se riram, imitando o pai.

– Tens razão. Tudo é possível – disse Karim, dando-lhe uma palmadinha no traseiro. – Mas agora sai para que eu consiga chegar ao prato. Está quase tão saborosa como a da minha mãe.

Sem responder, Amina bateu-lhe ao de leve no ombro. Karim estendeu a mão e pegou noutro *dolma*²¹.

*

– Vais telefonar à Marie? – perguntou Paula, fazendo um sorrisinho a Martin, que metia uma mudança mesmo antes de uma curva. – Ouvi dizer que as *cougars*²² são a nova tendência. Além disso, algo me diz que não seria sequer a tua primeira experiência quase *cougar*...

Não era propriamente um segredo que Martin tinha tido muitas mulheres quando era mais novo, muitas delas significativamente mais velhas do que ele. Paula só o conhecera quando o colega já tinha assentado com Pia, a paixão da sua vida, e vira como a amara de forma arrebatadora – e como a perdera. Para Paula, as histórias sobre os dias de solteiro de Martin eram apenas mexericos, mas mesmo assim gostava de provocá-lo. E o facto de Marie se ter metido despudoradamente com Martin tinha deixado aquela porta escancarada.

– Então, para com isso – disse Martin, corando.

– Ali está ela – disse Paula, a apontar para a luxuosa vivenda sobre o mar enquanto passavam ao lado.

Depois de uns vinte quilómetros de bocas, Martin conseguiu finalmente respirar de alívio.

– Vou parar em Planarna – disse de modo perfeitamente desnecessário, uma vez que já estava a virar para o grande cais de cimento para estacionar.

À frente deles, lá no alto, erguia-se o Badis, o antigo hotel costeiro, e Paula ficou satisfeita por o antigo edifício ter sido reabilitado alguns anos antes. Vira fotografias da decadência a que chegara e teria sido uma pena se o tivessem deixado degradar-se a ponto de ficar irrecuperável. Ouvira dizer que o Badis fora palco de muitas festas e noitadas, e sem dúvida que bastantes residentes de Fjällbacka deviam agradecer àquele local a própria existência.

– Não sabemos se está em casa – disse Martin, trancando o carro. – De qualquer forma vamos bater e logo se vê.

Encaminhou-se para a bela vivenda que Marie tinha alugado e Paula seguiu-o.

– A Jessie ainda é adolescente e já tem à disposição uma casa como esta! – referiu Paula. – Caramba, no lugar dela nem saía de casa.

Protegeu os olhos com a mão. O mar mesmo à frente deles lançava reflexos deslumbrantes.

Martin bateu à porta. Podiam ter telefonado antes, para se certificarem de que Jessie estava em casa, mas tanto Paula como Martin preferiam falar com as pessoas aparecendo de surpresa. Desta forma elas não tinham tempo de pensar nas perguntas que lhes seriam feitas e no que deviam responder, e era mais provável dizerem a verdade.

– Parece que não está ninguém – disse Paula, batendo com o pé.

A paciência não era a sua principal virtude, ao contrário de Johanna, que era a calma em pessoa.

– Espera um pouco – disse Martin, e voltou a bater.

Depois do que parecera uma eternidade, ouviram passos a aproximar-se no interior da casa. Depois, a porta abriu-se.

– Sim? – disse uma adolescente.

Usava uma *T-shirt* preta com o logotipo de uma banda qualquer de *hard rock* e uns calções muito curtos. Tinha o cabelo desgrenhado e parecia ter-se vestido à pressa.

– Somos da polícia de Tanumshede e gostaríamos de fazer-te algumas perguntas – explicou Martin.

A rapariga, que se limitara a abrir uma fresta na porta, parecia relutante em abri-la completamente.

– A minha mãe...

– Acabámos de falar com ela – interrompeu Paula. – Sabe que viemos cá falar contigo.

A rapariga continuava a parecer cética, porém, passados alguns segundos, recuou e abriu a porta.

– Entrem – disse, entrando com eles.

Quando chegaram à sala, Paula sentiu a pulsação a acelerar. A vista era fantástica. Havia grandes portas envidraçadas abertas para um cais e era possível ver todo o porto de Fjällbacka. Meu Deus. Era incrível haver pessoas a viver em casas assim.

– Que desejam?

Jessie sentou-se a uma grande mesa de cozinha de madeira maciça sem os ter cumprimentado adequadamente. Paula perguntou a si própria se aquela falta de cortesia advinha de uma educação descuidada ou de um puro e simples amuo de adolescente. Depois de conhecer a mãe de Jessie, Paula estava inclinada a optar pela primeira opção. Marie não lhe parecera uma mulher afetuosa e maternal.

– Estamos a investigar o homicídio de uma menina. E é... Quer dizer, tivemos de falar com a tua mãe sobre este assunto.

Paula reparou que Martin se debatia para encontrar as palavras certas. Não faziam ideia do que Jessie sabia do passado da mãe.

Foi Jessie que respondeu a essa interrogação.

– Sim, eu soube que foi encontrada uma menina no mesmo sítio onde encontraram aquela que dizem ter sido morta pela minha mãe e pela Helen.

O olhar era evasivo e Paula sorriu-lhe.

– Precisamos de saber onde esteve a tua mãe entre domingo à noite e segunda-feira à tarde – disse.

– Como é que eu sei? – Jessie encolheu os ombros. – Domingo à noite estive numa festa qualquer com a equipa de filmagens, mas quando ou se chegou a casa depois disso, não faço ideia. Quer dizer, não dormimos propriamente no mesmo quarto.

Jessie pôs os pés em cima da cadeira e enfiou os joelhos debaixo da *T-shirt*. Paula não conseguia encontrar muitas semelhanças entre mãe e filha, mas talvez a rapariga saísse ao pai, quem quer que fosse. Tinha pesquisado Marie no *Google* para descobrir o máximo possível sobre o passado da atriz mas, de acordo com o que tinha lido, ninguém sabia quem era o pai de Jessie. Perguntou a si própria se a rapariga sabia. Ou, já agora, se Marie sabia.

– Esta casa não é assim tão grande, por isso, mesmo que não durmam juntas, debes tê-la ouvido quando voltou – disse Martin.

Tinha razão, pensou Paula. Claro que a antiga cabana de pesca convertida era sem dúvida luxuosa, mas não era assim tão grande.

– Eu durmo a ouvir música. Com auscultadores – afirmou Jessie como se fosse algo completamente óbvio.

Paula, que não dormia se não estivesse muito frio, escuro e silêncio total no quarto, interrogou-se como era possível alguém dormir com música a tocar em altos berros aos ouvidos.

– Portanto, foi o que fizeste nessa altura? Toda a noite de domingo e segunda-feira de manhã? – perguntou Martin, recusando-se a desistir.

Jessie bocejou.

– Faço sempre isso.

– Portanto, não fazes ideia da hora a que a tua mãe voltou para casa? Ou se chegou a voltar. Estava cá quando acordaste?

– Não. Ela costuma ir muito cedo para o local de filmagens – respondeu Jessie, cobrindo ainda mais as pernas com a *T-shirt*.

Aquela *T-shirt* nunca mais recuperaria a forma original. Paula tentou ler o que estava escrito à frente, mas não se conseguia, porque os caracteres tinham a forma de uns raios estranhos. De qualquer modo, provavelmente não teria reconhecido o grupo. Durante uma curta fase, em adolescente, fora fã dos *Scorpions*, mas não era de modo nenhum especialista em bandas de *hard rock*.

– Não me vão dizer que acreditam que a minha mãe conduziu até àquela quinta para matar uma menina qualquer! Não estão a falar a sério, pois não?

Jessie mordiscava as cutículas das unhas da mão esquerda e Paula encolheu-se quando viu como as unhas estavam roídas. Nalguns pontos, a pele tinha sido roída muito perto da unha, fazendo ferida.

– Fazem ideia de como foi para os nossos avós? Para nós? As merdas que tivemos de gramar por as nossas mães terem sido culpadas de um crime que não cometeram? E agora vêm cá fazer perguntas sobre outro homicídio que não tem nada a ver com as nossas mães!

Paula estudou silenciosamente Jessie e teve de se abster de lembrar à rapariga que a mãe construía toda a carreira a falar daquele trauma de infância.

Martin virou-se para Jessie.

– As *nossas*? – perguntou. – Estás a referir-te ao filho de Helen? Conhecem-se?

– Sim, conhecemo-nos – respondeu Jessie, agitando os cabelos. – É meu namorado.

Um ruído no andar de cima fez com que todos se sobressaltassem.

– O teu namorado está cá? – perguntou Paula, olhando para as escadas íngremes que conduziam ao andar de cima.

– Sim – respondeu Jessie, e apareceram-lhe erupções vermelhas no pescoço.

– Será que podias pedir-lhe para descer? – pediu gentilmente Martin. – Um colega nosso ia falar com Helen e a família, mas já que ele está aqui...

– *Okay* – disse Jessie, e gritou para o andar de cima. – Sam? Está aqui a polícia. Querem falar contigo!

– Há quanto tempo namoram? – perguntou Paula, reparando que a rapariga parecia orgulhosa ao ouvir aquilo.

Pressentiu que não tinha havido muitos rapazes na vida de Jessie.

– Começámos há muito pouco tempo – respondeu Jessie, contorcendo-se um pouco na cadeira, mas Paula percebeu que a rapariga não se opunha a falar sobre o assunto.

Também se recordava da felicidade que sentira quando estivera com alguém pela primeira vez. De ser parte integrante de um casal. Embora para Paula não tivesse sido um Sam, mas uma Josefin. E definitivamente não se tinham atrevido a tornar a relação pública. Só se tinha assumido aos vinte e cinco anos e, naquele momento, perguntou a si própria porque esperara tanto tempo. O céu não tinha caído, a Terra não desabara, nenhum raio atingira o chão. A sua vida não fora destruída. Antes pelo contrário. Pela primeiríssima vez, Paula sentira-se livre.

– Olá.

Um adolescente magro descia as escadas com passo preguiçoso. Usava calções e estava em tronco nu. Apontou para Jessie.

– Tens a minha *T-shirt*.

Paula estudou-o com curiosidade. A maioria dos habitantes locais conhecia o pai daquele rapaz, porque não havia muitos soldados da ONU na zona, mas nunca lhe ocorrera que o filho de James Jensen tivesse aquele aspeto. Cabelo pintado de preto asa de corvo, *kohl*²³ em torno dos olhos e uma expressão desafiante que o instinto de Paula lhe dizia esconder algo completamente diferente. Já vira aquilo várias vezes nos jovens com que se cruzara em trabalho. Era raro que, por detrás de um olhar como aquele, se ocultassem boas experiências e coisas agradáveis.

– Importas-te de falar um pouco connosco? – perguntou Paula. – Queres ligar aos teus pais a pedir autorização?

Paula trocou um olhar com Martin. Na realidade, era completamente contra o regulamento interrogar um menor sem a presença dos pais, mas decidiu considerar aquilo uma simples conversa. Não um interrogatório oficial. Só lhe fariam algumas perguntas e era estúpido não aproveitar a oportunidade, uma vez que Sam estava ali.

– Estamos a investigar o homicídio da Nea, a menina que morava na quinta ao lado da vossa. Por razões que certamente não precisam de ser explicadas, precisamos de saber onde estavam as vossas mães na altura em que a Nea desapareceu.

– Falaram com a minha mãe? – perguntou, sentando-se ao lado de Jessie. A namorada sorriu-lhe e transformou-se completamente. Agora parecia irradiar felicidade.

– Encontrámo-nos com a tua mãe, sim – respondeu Martin, que depois se levantou e se dirigiu à bancada da cozinha. – Posso beber um copo de água?

– Claro – respondeu Jessie com um encolher de ombros e sem tirar os olhos de Sam.

– E que foi que disse a minha mãe? – perguntou Sam, passando os dedos por um nó na madeira no tampo da mesa.

– Preferimos ouvir o que tu tens a dizer – esclareceu Paula, sorrindo-lhe.

Havia algo nele que a tocava. Estava a meio caminho entre a criança e o adulto, e quase conseguia ver as duas facetas a lutar entre si. Paula interrogou-se se Sam saberia de que lado queria estar. Não devia ter sido fácil crescer com um pai como James. Nunca tinha tido muita simpatia por soldados profissionais e machões, sem dúvida pelo facto de esse género de homens nunca ter gostado de pessoas como ela.

– Bem, que querem saber? – perguntou Sam, e encolheu os ombros como se não fosse importante.

– Sabes o que fez a tua mãe entre a noite de domingo e segunda-feira à tarde?

– Não olho muito para o relógio e também não controlo o que faz a minha mãe. – Continuou a esfregar o nó na mesa com os dedos.

Martin aproximou-se da mesa com um copo de água na mão.

– Diz-nos aquilo de que te lembras – pediu. – Começa a partir de domingo à noite.

Bebeu metade da água de um trago.

Paula também tinha sede. Num dos lados da sala havia um ventilador ligado, mas quase não servia de nada. O calor opressivo do verão fazia o ar cintilar no interior da sala. Apesar de as portas estarem abertas de par em par, não circulava uma aragem que fosse para se refrescarem. A água no porto estava tão lisa como um espelho.

– Jantámos cedo – começou Sam a dizer, e olhou para o teto, como se estivesse a tentar visualizar a noite de domingo. – Almôndegas e puré de batata. Feito em casa pela minha mãe, já que o meu pai odeia puré instantâneo. Depois,

o meu pai saiu por causa de qualquer coisa do trabalho e eu fui até ao meu quarto, no primeiro andar. Não faço ideia do que a minha mãe fez. Normalmente passo o serão sozinho. E na manhã seguinte dormi até... bem... não sei, mas já era tarde. Mas calculo que a minha mãe andasse lá fora a correr. É o que faz todas as manhãs.

Paula levantou-se e também foi buscar um copo de água. A língua começava a colar-se às gengivas. Virou-se enquanto enchia o copo na torneira.

– Mas não a viste?

Sam abanou a cabeça.

– Não. Estava a dormir.

– A que horas voltaste a encontrá-la?

Martin bebeu o último gole de água e limpou a boca com as costas da mão.

– Não sei. Ao almoço, talvez? Estamos de férias. Quer dizer, sei lá eu.

– Depois fomos andar no teu barco – disse Jessie. – Acho que eram duas horas, mais ou menos. De segunda-feira.

Ainda não tinha tirado os olhos do namorado.

– Pois, tens razão. Fomos andar no meu barco. Ou melhor... no barco dos meus pais. É da família. Embora seja quase sempre só eu a utilizá-lo. A minha mãe não o sabe manobrar e o meu pai quase nunca está em casa.

– Há quanto tempo é que o teu pai regressou? – perguntou Paula.

– Há algumas semanas. Está quase a ir embora outra vez. Poucos dias depois do começo da escola, acho.

– Para onde vai? – perguntou Martin.

Sam encolheu os ombros.

– Não sei.

– Lembram-se de mais alguma coisa de segunda-feira?

Ambos abanaram a cabeça.

Paula trocou um olhar com Martin e levantaram-se.

– Obrigado pela água. E por terem falado connosco. Talvez tenhamos mais perguntas no futuro.

– *Okay* – respondeu Sam, voltando a encolher os ombros.

Nenhum dos dois adolescentes se deu ao trabalho de os acompanhar à porta.

²⁰ Prato árabe e judaico confeccionado com beringela esmagada, pasta de sésamo, azeite e limão. (*N. do T.*)

²¹ Ou *Dolmadas*, em grego. Folha de videira recheada com arroz, beringela, entre outros ingredientes. (*N. do T.*)

22 Em inglês no original. Mulheres atraentes mais velhas do que os companheiros. (*N. do T.*)

23 Pigmento utilizado na zona dos olhos, muito popular no oriente. (*N. do T.*)

Bohuslän, 1672

AO OUVIR OS GRITOS DE MÄRTA, ELIN CORREU MAIS DEPRESSA DO QUE NUNCA. VIA A CAMISA BRANCA DE PREBEN AO FUNDO ENTRE AS ÁRVORES. O PASTOR ERA MAIS RÁPIDO E A DISTÂNCIA ENTRE OS DOIS AUMENTAVA. O CORAÇÃO DE ELIN MARTELAVA-LHE O PEITO E SENTIA AS SAIAS A PRENDEREM-SE NOS RAMOS, RASGANDO O TECIDO. VISLUMBROU O LAGO E ESTUGOU AINDA MAIS O PASSO. OS GRITOS DE MÄRTA SOAVAM CADA VEZ MAIS PRÓXIMOS.

— MÄRTA! MÄRTA! — GRITOU ELIN. QUANDO ALCANÇOU A MARGEM DO PEQUENO LAGO, CAIU NO CHÃO DE JOELHOS.

PREBEN CAMINHAVA EM DIREÇÃO À MENINA, AVANÇANDO A CUSTO PELA ÁGUA ESCURA, MAS QUANDO CHEGOU AO PONTO EM QUE LHE CHEGAVA AO PEITO PRAGUEJOU EM VOZ ALTA.

— TENHO UM PÉ PRESO E NÃO CONSIGO SOLTÁ-LO! — LANÇOU-LHE UM OLHAR AFLITO ENQUANTO SE DEBATIA PARA TENTAR SOLTAR-SE. — VAIS TER DE TENTAR ALCANÇAR MÄRTA A NADO, ELIN, ELA JÁ NÃO CONSEGUIRÁ AGUENTAR-SE MUITO TEMPO!

ELIN OLHOU DESESPERADAMENTE PARA PREBEN. MÄRTA TINHA-SE SILENCIADO E PARECIA ESTAR PRESTES A DESAPARECER SOB A SUPERFÍCIE, QUE ERA TÃO NEGRA COMO A NOITE.

— NÃO SEI NADAR! — GRITOU ELIN ENQUANTO OLHAVA EM REDOR À PROCURA DE OUTRA SOLUÇÃO.

SABIA QUE, SE NA TENTATIVA DE SALVAR A FILHA, SE LANÇASSE AO LAGO SEM PENSAR, MÄRTA CERTAMENTE SE AFOGARIA. E ELA PRÓPRIA TAMBÉM.

CORREU ATÉ AO OUTRO LADO DO LAGO. ERA PEQUENO, MAS PROFUNDO, E ELIN PODIA AGORA VER QUE APENAS O TOPO DA CABEÇA DE MÄRTA DESPONTAVA DA SUPERFÍCIE BRILHANTE. UM RAMO GRANDE PENDIA SOBRE A ÁGUA E ELIN PRECIPITOU-SE PARA CIMA DELE, AVANÇANDO O MAIS QUE PÔDE. PORÉM, ENTRE ELA E A FILHA AINDA DISTAVA MAIS DE UM METRO, POR ISSO GRITOU A MÄRTA QUE CONTINUASSE A LUTAR. A MENINA PARECEU OUVI-LA, PORQUE AGITOU OS BRAÇOS E COMEÇOU A CHAPINHAR. ELIN SENTIU OS BRAÇOS A DOEREM-LHE QUANDO AVANÇOU MAIS SOBRE O RAMO, MAS JÁ ESTAVA TÃO PERTO DE MÄRTA QUE PODIA TENTAR ALCANÇÁ-LA.

— AGARRA A MINHA MÃO! — BERROU, INCLINANDO-SE O MAIS QUE PÔDE EM DIREÇÃO À FILHA, SEM TIRAR A OUTRA MÃO DO RAMO.

PREBEN TAMBÉM GRITOU A PLENOS PULMÕES.

— MÄRTA! AGARRA A MÃO DE ELIN!

A MENINA LUTAVA DESESPERADAMENTE PARA TENTAR AGARRAR-SE À MÃO DA MÃE, MAS NÃO CONSEGUIA E BEBIA CONSTANTEMENTE ÁGUA.

— MÄRTA! MEU DEUS, POR FAVOR, AGARRA A MINHA MÃO!

E, COMO QUE POR MILAGRE, MÄRTA CONSEGUIU AGARRÁ-LA. ELIN SEGUROU-A COM TODAS AS SUAS FORÇAS E COMEÇOU A RECUAR AO LONGO DO RAMO. A MENINA PUXAVA-A PARA BAIXO, MAS A ALGUM LADO FOI ELIN BUSCAR A FORÇA DE QUE PRECISAVA. PREBEN CONSEGUIRA FINALMENTE SOLTAR-SE E ESTAVA A NADAR NA DIREÇÃO DAS DUAS. QUANDO JÁ ESTAVAM PERTO DA MARGEM, O PASTOR ALCANÇOU MÄRTA E ABRAÇOU-A PARA QUE ELIN PUDESSE SOLTÁ-LA. OS MÚSCULOS DOÍAM-LHE, MAS SENTIU UM ALÍVIO TÃO GRANDE QUE AS LÁGRIMAS COMEÇARAM A CORRER-LHE PELAS FACES SEM CONTENÇÃO. ASSIM QUE SENTIU O CHÃO DEBAIXO DOS PÉS, ELIN ATIROU-SE AO PESCOÇO DE MÄRTA, ABRAÇANDO AO MESMO TEMPO PREBEN, QUE ESTAVA AGORA AGACHADO COM A MENINA NOS BRAÇOS.

MAIS TARDE, AO PENSAR NAQUILO, ELIN NÃO FAZIA IDEIA DE QUANTO TEMPO TINHAM ESTADO ASSIM, OS TRÊS, MUITO ABRAÇADOS. SÓ QUANDO MÄRTA COMEÇOU A TREMER É QUE SE APERCEBERAM DE QUE TINHAM DE REGRESSAR PARA LHE VESTIR ROUPA SECA E PARA ELES PRÓPRIOS SE MUDAREM.

PREBEN PEGOU SUAVEMENTE EM MÄRTA E COMEÇOU A CAMINHAR PELA FLORESTA. COXEAVA E ELIN VIU QUE PERDERA UM SAPATO, QUE SEM DÚVIDA TINHA FICADO PRESO EM ALGUMA COISA NO FUNDO DO LAGO.

— OBRIGADA — DISSE COM A VOZ TRÉMULA POR CAUSA DAS LÁGRIMAS, E PREBEN VIROU-SE PARA ELIN COM UM SORRISO.

— EU NÃO FIZ NADA. TU É QUE ENCONTRASTE UMA MANEIRA DE A SALVAR.

— DEUS VEIO EM MEU AUXÍLIO — DISSE ELIN EM VOZ BAIXA, SENTINDO QUE ERA VERDADE.

TINHA SIDO COM A AJUDA DE DEUS QUE A FILHA CONSEGUIRA AGARRAR-LHE A MÃO, ESTAVA CONVENCIDA DISSO.

— ENTÃO, ESTA TARDE, AGRADECEREI AO SENHOR AINDA COM MAIS FERVOR — DISSE PREBEN, ABRAÇANDO A MENINA COM MAIS FORÇA.

MÄRTA BATIA OS DENTES E TINHA OS LÁBIOS ROXOS.

— PORQUE SERÁ QUE A MÄRTA ENTROU NO LAGO? ELA NÃO SABE NADAR.

ELIN TENTOU NÃO PARECER DEMASIADO SEVERA, MAS NÃO CONSEGUIA COMPREENDER. MÄRTA SABIA QUE NÃO DEVIA APROXIMAR-SE DA ÁGUA.

— ELA DISSE QUE A VIOLA ESTAVA NA ÁGUA E QUE IA AFOGAR-SE — MURMUROU MÄRTA.

— QUEM? QUEM FOI QUE DISSE ISSO? — PERGUNTOU ELIN, FRANZINDO A TESTA, EMBORA JÁ SOUBESSE A RESPOSTA. ENCONTROU O OLHAR DE PREBEN SOBRE A CABEÇA DA MENINA.

— FOI A BRITTA QUE TE DISSE ISSO? — PERGUNTOU PREBEN.

MÄRTA ASSENTIU.

— SIM, E FOI COMIGO PARA MOSTRAR-ME ONDE ERA O LAGO. DEPOIS DISSE QUE TINHA DE VOLTAR PARA CASA E QUE EU TINHA DE FICAR PARA SALVAR A VIOLA.

ELIN OLHOU PARA PREBEN, FURIOSA, E VIU QUE OS OLHOS DO PASTOR TINHAM FICADO TÃO NEGROS COMO A ÁGUA DO LAGO.

— VOU CONVERSAR COM A MINHA ESPOSA — DISSE EM VOZ BAIXA.

ESTAVAM A APROXIMAR-SE DO PRESBITÉRIO E, POR MAIS QUE ELIN SÓ QUISESSE ENTRAR POR ALI ADENTRO E ARRANHAR E BATER EM BRITTA, SABIA QUE TINHA DE DEIXAR QUE FOSSE PREBEN A RESOLVER O PROBLEMA. CASO CONTRÁRIO, ATRAIRIA O INFORTÚNIO PARA SI E PARA A FILHA. RESPIROU FUNDO VÁRIAS VEZES E REZOU AO ALTÍSSIMO PARA DAR-LHE FORÇA PARA MANTER A CALMA. MAS ESTAVA A FERVER POR DENTRO.

— QUE ACONTECEU?

LILL-JAN APARECEU A CORRER, SEGUIDO POR OUTROS TRABALHADORES E CRIADAS.

— A MÄRTA CAIU AO LAGO, MAS A ELIN CONSEGUIU TIRÁ-LA DÁ ÁGUA — RESPONDEU PREBEN, DIRIGINDO-SE DEPOIS AO PRESBITÉRIO A PASSOS LARGOS.

— LEVA-A PARA OS NOSSOS ALOJAMENTOS — DISSE ELIN. NÃO QUERIA A MENINA PERTO DE BRITTA.

— NÃO, A MÄRTA PRECISA DE UM BANHO QUENTE E DE ROUPA SECA. — PREBEN VIROU-SE PARA A CRIADA MAIS NOVA DO PRESBITÉRIO: — PODES PREPARAR-LHE UM BANHO?

A RAPARIGA FEZ UMA VÉNIA E CORREU EM DIREÇÃO À CASA PAROQUIAL PARA COMEÇAR A AQUECER A ÁGUA.

— VOU BUSCAR-LHE ROUPA SECA — DISSE ELIN.

SEPAROU-SE RELUTANTEMENTE DE PREBEN E DE MÄRTA, MAS NÃO ANTES DE TER ACARICIADO A MENINA NA CABEÇA E DE LHE TER BEIJADO A TESTA FRIA.

— A MAMÃ NÃO DEMORA — DISSE QUANDO MÄRTA COMEÇOU A CHORAMINGAR EM SINAL DE PROTESTO.

— QUE ESTÁ A ACONTECER AQUI? — PERGUNTOU RUDEMENTE BRITTA DA SOLEIRA DA PORTA. TINHA OUVIDO A AGITAÇÃO NO PÁTIO.

QUANDO VIU MÄRTA NOS BRAÇOS DE PREBEN FICOU TÃO BRANCA COMO UM LENÇOL.

— QUE... O QUE...

AS PUPILAS DE BRITA DILATARAM-SE DE ESPANTO. ELIN COMEÇOU A ORAR EM SILÊNCIO, A REZAR FEBRILMENTE COMO NUNCA ANTES PARA ENCONTRAR FORÇAS PARA NÃO MATAR BRITTA ALI MESMO. E AS SUAS PRECES FORAM OUVIDAS. CONSEGUIU MANTER-SE QUIETA E CALADA, PORÉM, POR VIA DAS DÚVIDAS, RODOU NOS CALCANHARES E FOI BUSCAR ROUPA SECA PARA A FILHA. NÃO OUVIU O QUE PREBEN DISSE À ESPOSA, MAS TEVE TEMPO DE VER O OLHAR QUE LHE LANÇOU. E, PELA PRIMEIRA VEZ NA VIDA, VIU A IRMÃ ASSUSTADA. MAS PARA LÁ DO MEDO, NO ENTANTO, ESPREITAVA ALGO QUE INQUIETOU ELIN. UM ÓDIO QUE ARDIA COMO AS CHAMAS DO INFERNO.

*

AS CRIANÇAS BRINCAVAM NO RÉ-DO-CHÃO. Patrik encontrava-se na esquadra e Erica pedira a Kristina para ficar um pouco mais para poder trabalhar sem ser perturbada. Tinha tentado fazê-lo quando estava sozinha com os filhos, mas era impossível concentrar-se se de cinco em cinco minutos uma voz de criança a chamava ou lhe pedia alguma coisa. Havia sempre algum dos filhos com fome ou a precisar de fazer xixi. Kristina era sempre muito solícita para ficar com os netos e Erica estava-lhe profundamente grata por isso. Podia dizer tudo sobre a sogra, mas Kristina era fantástica com os miúdos e, quando era preciso ajudar, nunca hesitava. Às vezes Erica perguntava a si própria como teriam sido os seus pais como avós. Como tinham morrido antes de as crianças terem nascido, nunca saberia, mas achava que os filhos poderiam ter sido capazes de suavizar um pouco a avó, Elsy. Que, ao contrário de Erica e de Anna, teriam conseguido quebrar a dura carapaça por trás da qual se escondera durante todos aqueles anos.

Agora que conhecia a história da mãe, Elsy, Erica perdoara-lhe e decidira acreditar que teria sido uma avó brincalhona e afetuosa para os netos. Não duvidava por um momento que Tore teria sido um avô fantástico, tal como fora enquanto pai. Às vezes imaginava-o sentado na sua cadeira preferida, no alpendre, com Maja e os gémeos à sua volta, a fumar cachimbo enquanto contava as histórias assustadoras dos fantasmas que assombravam as ilhas. De certeza que teria pregado sustos de morte às crianças com aquelas histórias, tal como fizera a Erica e a Anna, mas, bem como acontecera com elas, as crianças teriam adorado aqueles sustos. E teriam adorado o cheiro do cachimbo e as grossas camisolas de malha que usava sempre, uma vez que Elsy insistia em poupar no aquecimento.

Erica sentiu as lágrimas a virem-lhe aos olhos e forçou-se a parar de pensar nos pais. Observou o grande painel que cobria uma parede inteira do escritório. Pegara nas pilhas de papéis que se encontravam em cima da secretária e afixara na cortiça todas as fotocópias, impressões, fotografias e notas. Era o primeiro passo do processo de escrita. Depois da recolha caótica de material e de empilhar documentos para poder ter à mão tudo aquilo de que precisava, aquela era a fase em que tentava estruturar e ordenar o caos. Adorava aquela etapa do trabalho. Era quando a névoa começava a dissipar-se e quando o que inicialmente parecia uma história incompreensível começava a ganhar forma. Sempre que começava

a trabalhar num livro, Erica tinha a impressão de que nunca conseguiria que fizesse sentido. Mas de alguma forma acabava sempre por o conseguir.

Desta vez, no entanto, não era apenas um livro que estava em jogo. Não se tratava apenas de voltar a contar uma velha tragédia; era igualmente a história de uma nova investigação de homicídio, da morte de mais uma menina e do luto de mais familiares e amigos.

Erica cruzou as mãos atrás da cabeça e semicerrou os olhos enquanto tentava encontrar ligações entre as informações dispersas afixadas no quadro. Ler àquela distância exigia-lhe um esforço um pouco maior do que antes, mas recusava-se a aceitar que precisava de óculos.

Observou as fotos de Marie e de Helen. Eram tão diferentes, quer na aparência, quer na personalidade. Helen era morena, tinha feições simples e ar submisso. Marie era loura, linda e olhava sempre para a câmara com ar sereno. Era frustrante que a polícia não tivesse conseguido encontrar os registos das transcrições dos interrogatórios realizados na altura. Ninguém sabia onde estavam e suspeitava-se mesmo que pudessem ter sido destruídos. Erica sabia por experiência própria que, na esquadra de Tanumshede, o arquivo nem sempre fora gerido na perfeição. O facto de Annika manter agora tudo de forma impecável não adiantava muito, infelizmente, quando era necessário recuperar material anterior à chegada dela à esquadra. As transcrições tê-la-iam ajudado a compreender a relação entre as raparigas, o que realmente acontecera naquele dia e o que as teria levado a confessar. Os artigos dos jornais da época não davam muitas informações de fundo que pudessem responder à questão: «Porquê?» Além disso, Leif já morrera há muito. Esperava, no entanto, que a visita à filha produzisse algum resultado, porém, Viola não voltara a telefonar-lhe. Na verdade, Erica não tinha a certeza de Leif ter realmente conservado algum material dos interrogatórios; apenas um pressentimento baseado no facto de o agente nunca ter tirado o caso Stella da cabeça. Voltava sempre àquele ponto. Fora Leif quem ouvira as confissões de Marie e de Helen, fora Leif a informar os jornais de que o caso fora desvendado. Então, porque é que posteriormente mudara de ideias? Porque é que, passados tantos anos, deixara de estar convencido da culpabilidade das raparigas?

Erica semicerrou novamente os olhos para focar melhor as palavras. Do rés-do-chão ouvia os filhos a jogar às escondidas com a avó, uma brincadeira em que os gémeos contavam sempre de forma criativa: «Um, dois, dez, aqui vou EU!»

De repente, um artigo do *Bohusläningen* chamou-lhe a atenção. Levantou-se, aproximou-se, retirou-o do painel. Já o lera muitas vezes, mas pegou numa esferográfica e sublinhou uma frase. O artigo era de um dos dias seguintes às raparigas terem desmentido a confissão e um jornalista conseguira que Marie respondesse a uma pergunta.

«Havia alguém a seguir-nos na floresta», eram as palavras citadas.

Aquela declaração fora descartada como uma mentira, como a tentativa de uma jovem de transferir a culpa para outra pessoa qualquer. Mas e se, naquele dia, alguém tivesse realmente seguido as raparigas na floresta? Que influência poderia ter tido no homicídio de Nea? Erica pegou num *Post-it* amarelo e escreveu: «Alguém na floresta?» Afixou a nota no painel, por cima do artigo, e ficou ali parada com as mãos nas ancas a olhar fixamente para aquelas palavras. Que fazer agora? Como poderia descobrir se alguém tinha realmente seguido as raparigas naquele dia? E, em caso afirmativo, quem seria essa pessoa?

Da secretária, o telemóvel emitiu um sinal sonoro. Erica virou-se e olhou para o ecrã. Viu um número novo, sem nenhum nome associado. No entanto, pelo conteúdo da mensagem, Erica percebeu de quem se tratava.

Soube que falou com a minha mãe. Acha que podemos encontrar-nos?

Erica sorriu e, depois de enviar uma breve resposta afirmativa, voltou a pousar o telemóvel. Talvez, afinal, algumas das suas perguntas estivessem prestes a encontrar respostas.

*

Patrik terminou o relatório da conversa com Helen e com James e carregou no botão «imprimir». Encontrara-os aos dois em casa quando se deslocou à quinta e mostraram-se disponíveis para responder a todas as suas perguntas. James tinha confirmado o que Helen dissera antes, ou seja, que ninguém da família tinha ouvido nada das operações de busca na floresta entre a noite de segunda-feira e a manhã de terça-feira. Estivera ausente em trabalho, e chegara ao hotel em Gotemburgo na noite de domingo. Tivera aí reuniões até às quatro da tarde do dia seguinte, hora a que iniciou a viagem de carro de regresso a casa. Helen disse que se fora deitar por volta das dez da noite de domingo. Tomara um sedativo e dormiu durante toda a noite até às nove da manhã do dia seguinte. Depois levantou-se e foi dar a sua corrida habitual.

Patrik perguntou a si próprio se alguém poderia confirmar aquela declaração.

Um toque agudo arrancou-o às especulações e Patrik atendeu distraidamente o telemóvel, tentando evitar que o conteúdo do suporte para canetas, em que batera acidentalmente, se espalhasse por toda a secretária. Quando ouviu quem era, pegou numa esferográfica e num bloco-notas.

– Quer dizer que conseguiu ultrapassar a fila – disse, aliviado.

Ouviu Pedersen resmungar em resposta:

– Sim, e não foi fácil. Fica a dever-me um favor. Mas quando são casos que envolvem crianças... – Pedersen suspirou e Patrik percebeu que o médico-legista tinha ficado igualmente sensibilizado com a morte de Nea. – Vou direto ao assunto. Ainda não terminei o relatório final, mas pudemos determinar que a causa da morte foi um ferimento na cabeça.

– Okay – disse Patrik, tomando nota.

Sabia que Pedersen lhe enviaria um relatório pormenorizado logo após o telefonema, mas tomar notas ajudava-o a organizar as ideias.

– Algum indício do que possa ter causado o ferimento?

– Não, exceto sujidade na ferida. De resto, o corpo estava limpo.

– Sujidade? – Patrik tomou outra nota e franziu a testa.

– Sim, enviei amostras para o laboratório forense. Com um pouco de sorte, teremos a resposta nos próximos dias.

– E quanto ao objeto que causou o ferimento? Também deve estar sujo, não é?

– Sim... – respondeu hesitantemente Pedersen.

Patrik sabia que o médico-legista fazia aquilo quando não tinha a certeza de alguma coisa e não queria comprometer-se demasiado.

– Não tenho a certeza – afirmou, fazendo nova pausa. – Mas, a julgar pelo ferimento, foi algum objeto muito pesado ou...

– Ou o quê? – perguntou Patrik.

As pausas demoradas de Pedersen estavam a acelerar-lhe a pulsação.

– Ou pode ter sido provocado por uma queda.

– Por uma queda?

Patrik visualizou a clareira onde Nea fora encontrada. Não havia nenhum local de onde cair, a menos que a menina tivesse caído de uma árvore. Mas, nesse caso, quem teria escondido o cadáver debaixo do tronco?

– Creio que a menina pode ter sido deslocada – disse Pedersen. – Há sinais de que esteve deitada de costas durante muito tempo, mas quando a encontraram estava na posição fetal. Foi deslocada e colocada nessa posição, mas antes esteve deitada de costas durante várias horas. É difícil dizer quantas ao certo.

– Encontrou algumas semelhanças com o caso Stella? – perguntou Patrik.

Preparou-se para tomar mais notas.

– Estive a ver o relatório da autópsia da Stella – respondeu Pedersen –, mas não encontrei semelhanças, exceto que ambas as meninas morreram em consequência de ferimentos na cabeça. No caso da Stella havia vestígios de resíduos de madeira e de pedra na ferida. Também era evidente que a menina tinha morrido na clareira junto ao lago onde foi encontrada. Torbjörn encontrou algum vestígio de onde esta menina foi morta? Pode ter sido morta nas proximidades da árvore e depois escondida no sítio onde a encontraram.

– Isso apontaria para um ferimento causado por um golpe e não para uma queda, assumindo que teria sido uma queda de uma altura suficiente a ponto de a ter matado. Naquela clareira não há nenhum sítio de onde possa ter caído, o terreno é praticamente plano. Depois ligo ao Torbjörn a confirmar. No entanto, quando estive lá, não vi nada que indicasse que a Nea tivesse sido morta no local onde o cadáver foi encontrado.

Patrik imaginou de novo a clareira. Não tinha visto nenhuma mancha de sangue, mas Torbjörn e a equipa de técnicos forenses que chefiava tinham passado tudo a pente fino. Se houvesse alguma coisa para encontrar, estava confiante de que seria encontrada.

– Tem mais alguma coisa a assinalar? – perguntou Patrik.

– Não. A vítima era uma menina saudável de quatro anos. Estava bem alimentada e não apresentava lesões, exceto o ferimento na cabeça. O conteúdo do estômago era uma mistura de chocolate e de biscoitos. Calculo que a última coisa que comeu tenha sido um *wafer* de chocolate Kex.

– Okay, obrigado – disse Patrik.

Terminada a comunicação, Patrik pousou a esferográfica, esperou um pouco e em seguida telefonou a Torbjörn Ruud. O sinal de chamada soou durante muito tempo e estava prestes a desligar quando ouviu a voz brusca do chefe dos técnicos forenses:

– Estou?

– Olá, fala o Patrik. Só queria saber o ponto da situação na análise das provas do caso Nea Berg.

– Ainda não terminámos – disse laconicamente Torbjörn.

Parecia estar sempre zangado, mas Patrik já se tinha habituado àquele tom de voz. Torbjörn contava-se entre os melhores na sua área, na Suécia. Tanto o distrito policial de Estocolmo como o de Gotemburgo lhe tinham oferecido um lugar, mas Ruud sentia-se demasiado apegado a Uddevalla, a sua cidade natal, e não vira motivos para se mudar.

– E quando pensam terminar? – perguntou Patrik, que voltou a pegar na esferográfica.

– É impossível dizer – murmurou Torbjörn. – Queremos certificar-nos de que fazemos tudo de acordo com as regras nesta investigação. E também nas outras, claro, mas enfim... o Patrik sabe como é. Aquela menina não teve tempo de viver muito. É...

Aclarou a voz e engoliu em seco. Patrik compreendia perfeitamente, mas o melhor que podia fazer pela menina era manter a cabeça fria e ser tão profissional quanto possível. E encontrar o culpado.

– Há alguma coisa que me possa adiantar? O Pedersen já fez a autópsia e descobriu que a menina morreu por causa de um ferimento na cabeça. Há algum indício de que algo no local possa ter sido utilizado como objeto contundente? Ou algum sinal de que ela foi morta perto do sítio onde foi encontrada?

– Não... – respondeu Torbjörn com relutância.

Patrik sabia que o chefe dos técnicos forenses não gostava de dar qualquer tipo de informação antes de a equipa ter terminado o trabalho. Mas que, ao mesmo tempo, compreendia a necessidade de Patrik ficar ao corrente de qualquer dado que pudesse ajudar a investigação a prosseguir.

– Não encontrámos nada a indicar que tenha sido morta na clareira. Não havia lá vestígios de sangue e também não encontrámos sangue em nenhum objeto recolhido nas proximidades.

– Qual a dimensão da área que examinaram?

– Passámos a pente fino uma grande área em redor da clareira. Não sei dizer ao certo, vai encontrar isso no relatório final, mas não descurámos nada. E, como eu disse antes, não havia quaisquer vestígios de sangue. Os ferimentos na cabeça sangram profusamente, por isso seria de esperar que houvesse grande quantidade de sangue.

– Sim, aparentemente a clareira é um local de crime secundário – disse Patrik, tomando algumas notas. – Portanto, falta descobrir o local principal.

– Então é a casa da menina? Será que devíamos ir lá procurar vestígios de sangue?

Patrik fez uma pausa antes de responder. Depois, disse:

– Foi o Gösta que falou com a família. Não acredita que haja motivos para suspeitar deles, por isso, por enquanto não seguimos essa linha de investigação.

– Hum... não sei – retorquiu Torbjörn. – Já vimos o que pode acontecer no seio de uma família. Às vezes é um acidente. Outras não.

– Tem razão – afirmou Patrik com uma careta.

Tinha a desagradável sensação de poder ter cometido um erro. Um erro estúpido e ingênuo. Não podia dar-se ao luxo de ser nem sentimentalista nem ingênuo. Tinham visto demasiado ao longo dos anos e já deviam saber como as coisas eram.

– Patrik?

Uma batida discreta na porta fê-lo olhar para cima. Sentado à secretária depois de ter terminado a conversa com Torbjörn, refletia sobre o passo seguinte a dar com o olhar perdido no vazio

– Sim?

Annika estava à entrada. Parecia pouco à vontade.

– Há uma coisa que é melhor saberes. Começámos a receber chamadas... e de natureza bastante desagradável.

– Em que sentido?

Annika avançou um pouco no gabinete e deteve-se à frente da secretária de Patrik com os braços cruzados.

– Há pessoas que nos acusam de não fazermos o nosso trabalho. Até recebemos algumas ameaças.

– Mas porquê? Não estou a perceber.

Annika respirou fundo.

– Dizem que devíamos investigar os refugiados do centro de acolhimento.

– Porquê? Não temos nenhuma pista que aponte nessa direção.

Patrik estava verdadeiramente admirado. Porque estariam as pessoas a telefonar sobre o centro de acolhimento de refugiados?

Annika ergueu o bloco e leu as notas em voz alta.

– Então, de acordo com um homem que prefere manter o anonimato, é óbvio que o responsável pelo homicídio de Nea deve ter sido «o sacana de um monhé do centro de refugiados». Segundo uma mulher, que também quer permanecer anónima, é «um escândalo» não termos ido «buscar esses criminosos para serem interrogados». Também afirma resolutamente que «nenhum deles fugiu a nenhuma guerra, é tudo um pretexto para poderem vir para cá viver à custa dos suecos». Recebi pelo menos uma dúzia de telefonemas do mesmo género e todos querem manter o anonimato.

– Valha-me Deus! – exclamou Patrik com um suspiro pesado.

Era a última coisa de que precisavam.

– Bem, agora já sabes – disse Annika, dirigindo-se à porta. – Que faço em relação a estas pessoas?

– O que fazes sempre – respondeu Patrik. – Responde educadamente mas não lhes dês grande conversa.

– Certo – disse a secretária, e saiu.

Patrik chamou-a.

– Annika?

– Sim?

– Podes pedir ao Gösta que venha ao meu gabinete, por favor? E liga à procuradora distrital, em Uddevalla. Precisamos de um mandado para uma busca domiciliária.

– Vou já tratar disso – disse Annika.

Estava habituada a não fazer perguntas. A seu tempo saberia do que se tratava.

Patrik recostou-se na cadeira com um suspiro. Gösta não ia ficar contente, mas aquilo era necessário. E já devia ter sido feito.

*

Quando Martin olhou para Tuva pelo retrovisor, o peito encheu-se-lhe de calor. Fora buscá-la a casa dos pais de Pia, que tinham estado a tomar conta da neta. A menina ia passar mais uma noite com eles, para que Martin pudesse continuar a trabalhar, mas o desejo de a ver tornara-se tão forte que pedira a Patrik uma hora de folga. Precisava de ver a filha para conseguir prosseguir com as suas tarefas. Sabia que o apego a Tuva era resultado das saudades que sentia de Pia e que, com o tempo, iria conseguir afrouxar o controlo sobre a filha e dar-lhe mais liberdade, mas por enquanto queria-a sempre por perto. Os pais de Pia e Annika eram as únicas pessoas com quem conseguia imaginar deixar a filha e, mesmo assim, só quando o trabalho o exigia. Os seus próprios pais não estavam particularmente interessados em tomar conta de uma menina daquela idade. De vez em quando iam encontrar-se com eles de bom grado para tomar um café, mas nunca lhe tinham perguntado se queria que ficassem com Tuva, e Martin nunca lhes pedira.

– Papá, quero ir ao parque infantil – disse a menina do banco de trás, e Martin encontrou o olhar da filha no retrovisor.

– Claro, meu amor – respondeu, mandando-lhe um beijinho.

Para ser franco, esperava que Tuva quisesse ir ao parque. Não conseguira parar de pensar na mulher que tinha conhecido e, mesmo sabendo que não havia grandes hipóteses de voltar a encontrá-la, não tinha outro modo de entrar em

contacto com ela. Prometeu a si próprio que, se tivesse a sorte de voltar a vê-la, não sairia de lá sem lhe perguntar o nome.

Estacionou o carro ao lado do parque infantil e desprendeu Tuva da cadeirinha. Já conseguia prendê-la de olhos fechados, mas lembrou-se da trabalhadeira que tinha sido no início, quando Tuva era muito pequena. Martin bufava e praguejava enquanto Pia se ria dele. Havia tantas coisas que lhe tinham parecido difíceis e que agora eram perfeitamente simples, e outras tantas que tinham parecido fáceis para agora serem bastante complicadas. Erguendo-a da cadeirinha, Martin roubou um abraço à filha. Os momentos em que ela queria mimos do pai começavam a ser menos frequentes. Havia demasiadas coisas para descobrir no mundo e as horas para brincar eram muito poucas. Agora, só quando se magoava ou quando estava cansada é que se dirigia ao pai para que lhe desse um abraço. Martin aceitava e compreendia aquela mudança, embora às vezes gostasse de ter a capacidade de parar o tempo.

– Papá, está ali o bebé a quem deste um pontapé!

– Obrigado por me lembrares, meu amor – disse, dando-lhe uma palmadinha na cabeça.

– De nada, papá – disse educadamente Tuva, que logo em seguida correu até ao rapazinho que estava prestes a pôr um bocado de areia na boca.

– Não, não, menino, não podes comer areia – disse Tuva, pegando-lhe cuidadosamente na mão e sacudindo a areia.

– Mas que bela *baby-sitter* que eu arranjei – disse a mulher, lançando um sorriso a Martin.

As covinhas dela fizeram-no corar.

– Prometo que desta vez não vou dar pontapés ao seu filho.

– Agradeço – respondeu a mulher, que o presenteou com um sorriso que fez com que as orelhas de Martin ficassem vermelhas como malaguetas.

– Martin Molin – disse, estendendo a mão para a cumprimentar.

– Mette Lauritsen.

Tinha a mão quente e seca.

– É norueguesa? – perguntou, não conseguindo localizar a origem daquele ligeiro sotaque.

– Sim, apesar de já viver na Suécia há quinze anos. Sou de Halden, mas casei com um tipo de Tanumshede. Aquele com quem me ouviu discutir ao telefone no outro dia. – Mette lançou-lhe um olhar apoloético.

– Ficou tudo resolvido? – perguntou Martin, vigiando Tuva pelo canto do olho. A filha estava a tagarelar alegremente com o menino.

– Não, não posso dizer que tenha ficado. Ainda anda demasiado ocupado com a nova namorada para ter tempo para o nosso Homenzinho.

– O seu filho chama-se Homenzinho? – perguntou Martin a brincar, embora já soubesse o nome da criança.

– Não, claro que não. – Mette riu-se enquanto olhava amorosamente para o filho. – Chama-se Jon, como o meu pai, mas eu trato-o por Homenzinho. Tenho esperança de parar de fazê-lo bem antes de ele entrar na adolescência.

– Se calhar é melhor – retorquiu Martin com seriedade fingida. Quando viu os olhos de Mette a brilhar, sentiu o coração a dar pulos no peito.

– Então e o que faz, Martin? – perguntou-lhe Mette.

Por um momento, Martin teve a impressão de que o tom era um pouco namoradeiro, mas não conseguiu determinar se apenas desejava muito que assim fosse.

– Sou polícia – respondeu, consciente do orgulho na voz.

E *estava* realmente orgulhoso da sua profissão. Fazia a diferença. Desde pequeno que desejava ser polícia e nunca duvidara dessa escolha. O trabalho fora a sua salvação quando Pia morreu, e os colegas da esquadra eram mais do que meros colegas de trabalho, eram a sua família. Até mesmo Mellberg. Todas as famílias precisavam de um membro disfuncional e era completamente seguro dizer que Bertil Mellberg encaixava perfeitamente nesse papel.

– Polícia – disse Mette. – Isso é fixe.

– E a Mette?

– Sou assistente financeira numa empresa em Grebbestad.

– Mora cá? – perguntou Martin.

– Sim. O pai do Jon vive cá. Mas se não tenciona envolver-se na educação dele, então não sei...

Lançou um longo olhar ao filho, que Tuva abraçava naquele momento.

– Ainda não aprendeu a não ser demasiado atiradiça – disse Martin, dando uma gargalhada.

– Algumas pessoas nunca aprendem – retorquiu Mette com um grande sorriso. Depois hesitou.

– E que tal... se não for muito descaramento da minha parte... Que tal jantarmos uma noite destas?

Pareceu arrepende-se imediatamente de ter dito aquilo, mas Martin sentiu o coração recomeçar a dar pulos no peito.

– Com todo o prazer! – respondeu com um pouco de ênfase a mais. – Mas só com uma condição.

– E qual é? – perguntou Mette com desconfiança.

– É minha convidada.

As covinhas reapareceram e Martin sentiu algo dentro de si começar a descongelar.

*

– Onde estão o Martin e a Paula? Ainda não voltaram? – perguntou Gösta depois de se sentar na cadeira à frente da secretária de Patrik.

Quando Annika lhe pediu que fosse ao gabinete de Patrik, Gösta pensou que estariam todos presentes, mas por enquanto só estavam ali os dois.

– Mande-os para casa por umas horas. O Martin queria estar com a Tuva e a Paula também quis ir dar um beijinho aos filhos, mas depois voltam.

Gösta assentiu. Estava à espera de que Patrik lhe dissesse o que pretendia.

– Falei outra vez com o Pedersen e com o Torbjörn – disse.

Gösta sentou-se mais direito. Parecia-lhe que, desde que a criança tinha sido encontrada, que andavam às apalpadelas no escuro e qualquer informação que pudesse ajudá-los a avançar na investigação, por mais pequena que fosse, teria um valor inestimável.

– O que disseram?

– A autópsia está concluída e recebi um relatório preliminar. O Torbjörn e a equipa dele ainda não acabaram o trabalho, mas convenci-o a dar-me as primeiras impressões.

– E então? – perguntou Gösta, sentindo o coração acelerar-lhe no peito. Queria muito dar aos pais de Nea algumas respostas, uma espécie de desfecho.

– Quase de certeza que a criança não foi morta na clareira na floresta. É provável que se trate apenas de um local de crime secundário e devemos encontrar o primário o mais depressa possível.

Gösta engoliu em seco. Partira do princípio de que Nea tinha sido morta na clareira. O facto de ter sido assassinada noutro sítio e depois levada para lá mudava tudo, embora, por enquanto, não pudessem dizer exatamente o que tinha acontecido.

– Então, por onde começamos a procurar? – perguntou.

Assim que fez a pergunta, percebeu logo qual seria a resposta.

– Bolas – disse em voz baixa.

Patrik assentiu.

– Sim, é o sítio mais lógico por onde começar a procurar.

Patrik olhou para Gösta com preocupação. Sabia como o colega lamentava a família da menina. Apesar de serem estranhos, desde o primeiro momento que partilhava a dor dos Berg e que se sentia ligado a eles.

– Por mais que quisesse opor-me a isso, sei que tem de ser feito – disse, e sentiu um aperto no peito.

Olhou para Patrik.

– Quando?

– Estou à espera da autorização da procuradora distrital de Uddevalla para a busca domiciliária. Mas não deve haver problema. Gostava que começássemos amanhã de manhã bem cedo.

– *Okay* – disse Gösta. – Disseram-te mais alguma coisa?

– A menina morreu em consequência de um ferimento na nuca. Pode ter sido causado por uma queda ou por uma pancada na cabeça. Neste caso, não é claro qual possa ter sido a arma utilizada. Não havia resíduos na ferida para além de sujidade.

– Bem, deve ser possível fazer uma análise mais pormenorizada da sujidade – disse Gösta.

Patrik assentiu.

– Sim, foi tudo enviado para o laboratório forense para análise. Mas vai demorar algum tempo a obter os resultados.

Por instantes, ambos ficaram em silêncio. Lá fora, o Sol começara a pôr-se e os tons subtis de vermelho e de cor de laranja tomaram o lugar dos brilhantes raios amarelos. A temperatura na esquadra era quase agradável.

– Há mais alguma coisa que possamos fazer esta noite? – perguntou Gösta, tentando apanhar um fio invisível da camisa da farda.

– Não, vai para casa e descansa. Eu depois informo-te do que fazer amanhã. Mais logo, o Martin e a Paula vêm cá fazer os relatórios dos inquéritos de hoje, e a Annika disse-me que já acabaste o teu sobre a conversa que tiveste com os pais de Nea.

– Sim, é verdade. Também estou a ajudar a Annika a rever todas as queixas que recebemos de assédio sexual e de coisas do género, mas posso levar alguns processos comigo e continuar em casa.

Levantou-se e empurrou a cadeira para junto da secretária de Patrik.

– Força – assentiu Patrik. Depois acrescentou: – Soubeste das chamadas que começámos a receber? Sobre o centro de acolhimento de refugiados?

– Sim – respondeu Gösta. Pensou nos comentários dos pais de Peter, mas decidiu não referir o facto a Patrik. – É medo – disse. – Medo do que não se

conhece. As pessoas culpam sempre os que vêm de fora pelos seus problemas. É mais fácil do que encarar o facto de que alguém que conheçam possa ter cometido um crime.

– Achas que isto vai dar problemas? – perguntou Patrik.

Gösta demorou algum tempo a responder. Pensou em todas as manchetes dos últimos anos nos diários vespertinos, no apoio crescente aos Amigos da Suécia, o partido de extrema-direita, apesar de todos os escândalos. Teria gostado de dizer não e, em vez disso, ouviu-se a confirmar o que Patrik já sabia.

– Sim, acho que vai dar problemas – respondeu.

Patrik limitou-se a assentir. Não conseguia lembrar-se de nada para dizer.

Gösta saiu e dirigiu-se ao seu gabinete para recolher os documentos que queria levar para casa. Sentou-se por um momento à secretária e olhou pela janela. Lá fora, o céu parecia estar a arder.

*

Vendela abriu lentamente a janela enquanto ouvia os ruídos da televisão no rés-do-chão. Apesar de o quarto ficar no primeiro andar, tinha há muito tempo uma técnica para descer. O telhado do alpendre ficava mesmo por baixo do quarto e Vendela podia descer cuidadosamente para lá e depois descer pela grande árvore ao lado da casa. Como precaução extra, trancara a porta do quarto e pusera o volume da música no máximo. Se a mãe batesse, assumiria que Vendela não a conseguia ouvir.

Enquanto descia da árvore, Vendela espreitou pela janela da sala. Viu a mãe de costas, sentada sozinha no meio do sofá a ver uma série policial deprimente qualquer e, como sempre, com um copo de vinho na mão. Lá fora ainda havia tanta claridade que a mãe tê-la-ia visto caso se tivesse virado; porém, num abrir e fechar de olhos, Vendela estava no chão e afastou-se a correr. A mãe quase nunca dava por nada quando bebia. Antes bebia vinho uma noite por semana, a maior parte das vezes com uma fotografia de Stella na mão. No dia seguinte queixava-se sempre de dor de cabeça, como se não soubesse o que a tinha provocado. Mas desde que Marie Wall regressara a Fjällbacka, Sanna começara a beber todas as noites.

Marie e Helen. As mulheres que tinham matado a irmã da mãe e transformado Sanna numa alcoólica que bebia vinho de pacote.

Nils e Basse estavam à espera dela à esquina e Vendela forçou-se a deixar de pensar em Marie, em Helen e nos filhos delas, Sam e Jessie.

Nils abraçou-a com muita força.

Tinha ido até lá com Basse nas bicicletas. Vendela saltou para a parte de trás da bicicleta de Nils. Pedalaram em direção a Fjällbacka, passando pela *Tetra Pak* e pelo grande parque de estacionamento ao ar livre com o pequeno quartel de bombeiros. Deixaram para trás a pizaria Bååthaket e a praça que tinha um relvado. No cimo da encosta de Galärbacken pararam e Vendela agarrou-se ainda com mais força à cintura de Nils, sentindo a barriga plana e dura do namorado.

Então começaram a descer. A colina era íngreme e Nils não travou. O vento tornava impossível ouvir o que quer que fosse e fazia com que os cabelos de Vendela esvoaçassem para trás. Sempre que apanhavam pequenos buracos no asfalto, Vendela contraía os músculos e tinha de lutar para afugentar o medo.

Passaram pela praça Ingrid Bergman e, quando o chão voltou a ficar nivelado, Vendela soltou um suspiro de alívio. Havia bastante gente na praça e, quando a atravessaram, alguns adolescentes betinhos, todos chiques, tiveram de dar um salto para o lado para não serem atropelados. Vendela virou-se e viu-os a agitar os punhos na direção deles, furiosos, mas limitou-se a dar uma gargalhada. Turistas imbecis. Passavam ali umas semanas por ano e julgavam-se os donos de Fjällbacka. Nunca teriam sonhado ir até lá em novembro. Não, chegavam para férias nos seus barcos com as suas famílias ricas, longe das suas casas e das suas escolas chiques, a tentar sempre passar à frente nas filas enquanto falavam alto e bom som dos «parolos» locais.

– Trouxeste o biquíni? – perguntou Nils por cima do ombro.

Estavam a avançar lentamente para o pequeno cais virado para Badholmen, por isso Vendela ouviu claramente o que Nils disse.

– Não, merda, esqueci-me. Mas posso ir à mesma à água.

Acariciou-lhe a coxa e Nils riu-se. Vendela tinha aprendido rapidamente como agradar ao namorado. Quanto mais descarada fosse, mais excitado Nils ficava.

– Já está lá alguém – afirmou Basse, apontando para a antiga torre de mergulho.

– Ah, que se lixe, são só uns putos do ano anterior ao nosso. Quando chegarmos vão-se embora. Acreditem.

Vendela podia sentir o sorriso de Nils na penumbra. Havia algo naquele sorriso que lhe fazia sempre cócegas no estômago. Deixaram as bicicletas no cascalho, mesmo junto à antiga estância balnear, e dirigiram-se à torre de mergulho, sob a qual havia três rapazes a chapinhar e a gritar. Quando viram quem se aproximava, acalmaram-se, limitando-se a mexer os braços e as pernas para se manterem à tona.

– Bazem, queremos ir à água – disse calmamente Nils, e os três rapazes alcançaram a escada a nado sem dizer uma palavra.

Subiram o mais depressa possível a escada e dirigiram-se aos vestiários pelas rochas. Eram umas termas antigas, por isso as pessoas trocavam de roupa a céu aberto, protegidas apenas por paliçadas de madeira, mas Nils, Vendela e Basse não se deram ao trabalho de ir até lá. Despiram-se pura e simplesmente ali mesmo.

Os rapazes começaram a escalar a torre de madeira enquanto Vendela se despiam mais devagar. A torre de mergulho não era para ela. E provavelmente nem sequer para Basse, mas o rapaz fazia sempre tudo o que Nils fazia.

Vendela dirigiu-se à escada, subiu um pouco e depois atirou-se para trás. Deixou-se envolver pela água. Sob a superfície não conseguia ouvir nada, mas isso só a ajudava a desfrutar de alguns momentos maravilhosos em que se abstraía de tudo. Da imagem da mãe com um copo de vinho numa mão e uma fotografia de Stella na outra. Acabou por ter de voltar à superfície. Começou a boiar e olhou em direção à torre.

Basse hesitava, como era costume, com Nils ao lado dele com um pequeno sorriso nos lábios. Não é que a torre fosse particularmente alta, mas era-o o suficiente para se sentir um aperto no estômago quando se estava lá em cima. Basse aproximou-se da borda, mas continuava hesitante. Nesse momento, Nils empurrou-o pelas costas.

Basse gritou durante toda a queda.

Nils seguiu-o, fazendo uma bomba perfeita. Emergindo, berrou em direção ao céu.

– Foi demais, porra!

Agarrou a cabeça de Basse e empurrou-o para baixo, mas deixou-o voltar à superfície passados alguns segundos. Depois, com algumas braçadas poderosas e elegantes, alcançou Vendela. Puxou-a para si na água e empurrou-a contra a pélvis enquanto batia com os pés para se manter à tona. Pôs-lhe a mão dentro das cuecas e depois enfiou-lhe um dedo. Vendela fechou os olhos. Pensou em Jessie, a cabra da filha daquela maldita Marie, que fazia quase de certeza exatamente o mesmo com Sam, e beijou Nils.

De repente, o rapaz afastou-se dela.

– Porra! – praguejou. – Uma medusa, que merda!

Nadou até à escada e subiu. Tinha listras vermelhas brilhantes na coxa direita.

Quando Vendela saiu da água apercebeu-se de que se tinha esquecido de levar uma toalha. O ar, que antes era quase quente, estava agora gelado.

– Toma – disse Basse, entregando-lhe a sua *T-shirt* para que Vendela se secasse.

Tinha saído logo depois deles. O rosto pálido estava quase fosforescente.

– Obrigada – respondeu Vendela, limpando a água salgada.

Nils já voltara a vestir-se. De vez em quando tocava na coxa, mas parecia que a dor ainda o incentivava mais. Quando se virou para os outros dois, Vendela viu-lhe aquele brilho nos olhos que sempre aparecia imediatamente antes de virar a vida de alguém de pernas para o ar.

– Que dizem? Vamos a isso?

Vendela olhou de relance para Basse. Sabia que o amigo não teria coragem para dizer que não.

Sentiu um estertor no peito.

– Estamos à espera de quê? – perguntou, encaminhando-se para as bicicletas.

Bohuslän, 1672

NA SEMANA SEGUINTE INSTALOU-SE UMA ATMOSFERA ESTRANHA NA QUINTA. ELIN FERVA DE ÓDIO E DE RAIVA, MAS O BOM SENSO PREVALECIA. SE TIVESSE ACUSADO BRITTA DE ALGUMA COISA APENAS COM BASE NAS PALAVRAS DE UMA CRIANÇA TERIAM SIDO EXPULSAS DO PRESBITÉRIO, E PARA ONDE PODERIAM IR?

À NOITE, ELIN FICAVA ACORDADA A ABRAÇAR MÄRTA QUANDO OS PESADELOS LHE ATORMENTAVAM O PEQUENO CORPO. DE VEZ EM QUANDO, A MENINA DAVA VOLTAS NA CAMA, MURMURANDO O QUE A ATORMENTAVA. TAMBÉM NÃO HAVIA VESTÍGIOS DE VIOLA. TODA A ALEGRIA DE MÄRTA DESAPARECERA COM A GATA. JÁ NÃO CORRIA PELA QUINTA E JÁ NÃO PROTESTAVA COMO AS CRIANÇAS FAZEM PERANTE AS TAREFAS QUE LHES ERAM CONFIADAS. ELIN SENTIA UM APERTO NO PEITO AO VER OS OLHOS DA FILHA, AGORA TÃO ESCUROS COMO A ÁGUA DO LAGO, MAS NÃO HAVIA NADA QUE PUDESSE FAZER. NADA DO QUE A AVÓ LHE ENSINARA ERA EFICAZ CONTRA UM CORAÇÃO PARTIDO OU CONTRA O MEDO, E NEM SEQUER O AMOR DE MÃE CONSEGUIA CURAR O QUE ATORMENTAVA MÄRTA.

PERGUNTAVA A SI PRÓPRIA O QUE TERIA PREBEN DITO A BRITTA. DEPOIS DE LEVAR MÄRTA PARA CASA, DEIXARA-A FICAR DURANTE DUAS NOITES NA SUA CAMA ENQUANTO DORMIA NA CAMA RESERVADA AOS HÓSPEDES. BRITTA NÃO CONSEGUIRA OLHAR ELIN NOS OLHOS UMA ÚNICA VEZ. CONTINUARAM SIMPLEMENTE COM OS MESMOS HÁBITOS DE SEMPRE. NADA MUDARA EM RELAÇÃO ÀS COISAS PRÁTICAS, E SÓ FALAVAM DAS TAREFAS QUE BRITTA LHE CONFIAVA, COMO SEMPRE ACONTECERA DEPOIS DA CHEGADA DE AMBAS AO PRESBITÉRIO. MAS BRITTA EVITAVA CUIDADOSAMENTE O OLHAR DA IRMÃ. ELIN APANHARA-A UMA ÚNICA VEZ A FITÁ-LA ENQUANTO SE VIRARA PARA SACUDIR A COBERTA DE PENAS DE BRITTA. O ÓDIO QUE TINHA NOS OLHOS QUASE A FEZ CAIR POR TERRA. APERCEBEU-SE DE QUE TINHA UMA INIMIGA AINDA MAIOR DO QUE ANTES NA IRMÃ MAIS NOVA. MAS ERA PREFERÍVEL QUE BRITTA A ODIASSE A ELA E NÃO À FILHA. E ISSO DEVIA-O A PREBEN. FOSSE O QUE FOSSE QUE TIVESSE DITO À ESPOSA, RESULTARA. BRITTA NÃO SE ATREVERIA A VOLTAR A METER-SE COM MÄRTA. SÓ NÃO CONSEGUIA REPARAR A ANGÚSTIA QUE SE TINHA INSTALADO NA ALMA DA FILHA. A CONFIANÇA DE UMA CRIANÇA ERA UM DOS DONS MAIS FRÁGEIS DE DEUS E BRITTA TINHA-LHE TIRADO ESSE DOM.

– ELIN?

A VOZ DE PREBEN, VINDA DA ENTRADA DA COZINHA, QUASE FEZ COM QUE DEIXASSE CAIR O RECIPIENTE QUE ESTAVA A LIMPAR.

– SIM? – RESPONDEU, VIRANDO-SE ENQUANTO LIMPAVA AS MÃOS AO AVENTAL.

NÃO SE TINHAM FALADO DURANTE TODA A SEMANA E, DE REPENTE, REVIA-O A CORRER NA FLORESTA À SUA FRENTE: A CAMISA BRANCA QUE VISLUMBRAVA POR ENTRE AS ÁRVORES, O OLHAR DESESPERADO QUANDO O ROSTO DE MÄRTA SE AFUNDAVA LENTAMENTE SOB A SUPERFÍCIE ESCURA DO LAGO E A TERNURA NOS OLHOS DO PASTOR ENQUANTO LEVAVA A MENINA PARA CASA. DE REPENTE, ELIN FICOU SEM FÔLEGO. AS MÃOS TREMIAM-LHE TANTO QUE AS ESCONDEU POR DETRÁS DO AVENTAL.

– PODES VIR COMIGO, POR FAVOR? – DISSE ELE COM IMPACIÊNCIA. – A MÄRTA ESTÁ EM CASA?

ELIN FRANZIU A TESTA E PERGUNTOU A SI PRÓPRIA O QUE QUERERIA PREBEN. UMA MADEIXA LOURA CAÍRA-LHE PARA A TESTA E ELIN TEVE DE ENTRELAÇAR OS DEDOS PARA NÃO SE APROXIMAR E AFASTAR-LHA DOS OLHOS.

ASSENTIU.

– SIM, ESTÁ EM CASA – RESPONDEU. – PELO MENOS ESTAVA QUANDO A VI PELA ÚLTIMA VEZ. AGORA JÁ NÃO SAI COM TANTA FREQUÊNCIA.

ARREPENDEU-SE IMEDIATAMENTE DAQUELAS PALAVRAS, POIS ERAM UMA REFERÊNCIA DEMASIADO DIRETA AO QUE TINHA ACONTECIDO. ÀS ÁGUAS ESCURAS DO LAGO E ÀS MALDADES DE BRITTA. ÀS MALDADES DA ESPOSA DE PREBEN.

– VÁ, VEM, DO QUE ESTÁS À ESPERA?

RELUTANTEMENTE, ELIN SEGUIU-O PARA FORA DE CASA.

– LILL-JAN? ONDE ESTÁS? – CHAMOU QUANDO CHEGARAM AO PÁTIO DA QUINTA. QUANDO VIU O RAPAZ A APROXIMAR-SE COM ALGO NOS BRAÇOS, O ROSTO DE PREBEN ILUMINOU-SE.

– O QUE É? – PERGUNTOU ELIN.

ELIN OLHOU EM REDOR, PREOCUPADA. A ÚLTIMA COISA QUE QUERIA ERA QUE BRITTA A VISSE A CONVERSAR COM O MARIDO NO MEIO DO PÁTIO. MAS ERA IMPOSSÍVEL NÃO NOTAR A ALEGRIA DE PREBEN QUANDO TIROU CUIDADOSAMENTE O PEQUENO FARDO DOS BRAÇOS DE LILL-JAN.

– SOUBE QUE A MÄRTA TEM SAUDADES DA VIOLA. POR ISSO, QUANDO ESTA NOITE A PÄRLA TEVE FILHOTES, PENSEI QUE A MÄRTA GOSTASSE DE FICAR COM UM.

– É UM PRESENTE DEMASIADO PRECIOSO – DISSE SEVERAMENTE ELIN, MAS DEPOIS VOLTOU RAPIDAMENTE O ROSTO PARA ESCONDER AS LÁGRIMAS.

— DE FORMA ALGUMA — RETORQUIU PREBEN, MOSTRANDO-LHE UM CACHORRINHO BRANCO COM MANCHAS CASTANHAS.

A PEQUENA CRIATURA ERA ADORÁVEL E ELIN NÃO RESISTIU, ESTENDEU A MÃO E ACARICIOU AS ORELHAS COMPRIDAS E MACIAS DO CÃO.

— PRECISO DE AJUDA PARA TREINAR ESTA MALANDRA E FAZER DELA UM BOM CÃO-PASTOR, E PENSEI QUE A MÄRTA PODIA AJUDAR-ME. A PÄRLA NÃO VAI CONSEGUIR GUARDAR AS OVELHAS POR MUITOS MAIS ANOS, POR ISSO PRECISAMOS DE UM SUBSTITUTO. ACHO QUE ESTA PEQUENITA PODE VIR A TER JEITO. QUE TE PARECE, ELIN?

ERGUEU NOVAMENTE A CADELINHA E ELIN SOUBE QUE NÃO PODIA PROTESTAR. AQUELES OLHOS CASTANHOS OLHAVAM-NA COM TOTAL CONFIANÇA E UMA PATA ESTICOU-SE NA SUA DIREÇÃO.

— CONCORDO, DESDE QUE A MÄRTA APRENDA O QUE É PRECISO FAZER PARA TREINÁ-LA — RESPONDEU ELIN, TENTANDO MANTER O TOM FORMAL, APESAR DE TER O CORAÇÃO DERRETIDO.

— ENTÃO, AGRADEÇO HUMILDEMENTE À MÃE DA MÄRTA PELA SUA AUTORIZAÇÃO — DISSE PREBEN COM UM SORRISO BRINCALEIRO. COMEÇOU A ENCAMINHAR-SE PARA OS ALOJAMENTOS DAS CRIADAS.

ALGUNS METROS MAIS À FRENTE, PREBEN VIROU-SE E ENCORAJOU-A COM UM ACENO DE CABEÇA.

— ANDA, VEM, NÃO QUERES ESTAR PRESENTE QUANDO A TUA FILHA RECEBER A CADELINHA?

CONTINUOU A CAMINHAR RAPIDAMENTE E ELIN APRESSOU-SE A JUNTAR-SE A PREBEN. NÃO QUERIA PERDER AQUELE MOMENTO.

FORAM DAR COM MÄRTA DEITADA NA CAMA. TINHA OS OLHOS ABERTOS E FITAVA O TETO. VIROU A CABEÇA PARA OLHAR PARA O PASTOR APENAS QUANDO ELE SE AJOELHOU JUNTO À CAMA.

— MÄRTA, POSSO PEDIR-TE UM FAVOR? — PERGUNTOU ELE SUAVEMENTE.

A MENINA ASSENTIU COM AR SÉRIO.

— PRECISO DA TUA AJUDA PARA CUIDAR DESTA PEQUENA CRIATURA. É MAIS FRACA DO QUE OS OUTROS CACHORROS E A MÃE RECUSA-SE A ACEITÁ-LA. POR ISSO, SE NÃO ENCONTRAR OUTRA MÃE, VAI ACABAR POR MORRER À FOME. E EU PENSEI: QUEM PODERIA AJUDAR-ME A NÃO SER A MENINA MÄRTA? SE TIVERES TEMPO E VONTADE, CLARO. É UM TRABALHO DURO, NÃO O NEGO. DEVE COMER A TODAS AS HORAS DO DIA E DA NOITE, E PRECISA DE TODO O TIPO DE CUIDADOS. AH, E TAMBÉM TENS DE LHE DAR UM NOME. ESTA POBRE CADELINHA NEM SEQUER ISSO TEM.

– EU CONSIGO! – DISSE IMEDIATAMENTE MÄRTA, QUE SE SENTOU LOGO NA CAMA COM OS OLHOS FIXOS NA CADELINHA, QUE SE DEBATIA PARA SAIR DO PANO QUE A ENVOLVIA.

PREBEN RETIROU-A DO PANO E POUSOU-A NA CAMA AO LADO DE MÄRTA, QUE LHE ENTERROU INSTANTANEAMENTE A CARA NA PELAGEM MACIA. A CADELINHA COMEÇOU A LAMBER-LHE O ROSTO, ABANANDO A CAUDA DE UM LADO PARA O OUTRO.

ELIN APERCEBEU-SE DE QUE ESTAVA A SORRIR COMO HÁ MUITO NÃO ACONTECIA. E, QUANDO SENTIU A MÃO DE PREBEN A AGARRAR A SUA, NÃO A RETIROU.

*

OS ALTOS DA ALMOFADA SOB A CABEÇA incomodavam-na, mas Eva não tinha forças para mudar de posição. Mais uma noite em branco. Não se recordava da última vez que conseguira dormir. A neblina abatera-se sobre a sua vida. Aquela vida inútil. Que sentido fazia levantar-se da cama? Falarem uns com os outros? Respirar? Peter não podia dar-lhe quaisquer respostas. Tinha os olhos tão vazios como os dela e o toque era igualmente frio. Durante aquelas primeiras horas tinham tentado confortar-se um ao outro, mas agora Peter era um estranho. Moviam-se pela mesma casa sem se tocarem, cada um fechado no próprio luto.

Os pais de Peter faziam o possível. Certificavam-se de que Eva e Peter comiam alguma coisa e que iam deitar-se quando deviam. Das poucas vezes que olhara pela janela, Eva surpreendera-se por as flores continuarem tão bonitas. Que o Sol brilhasse como dantes, que as cenouras continuassem a crescer vigorosamente na horta, que o tomate resplandecesse tão vermelho nas suas hastes.

Peter suspirou ao lado dela. Tinha ouvido os soluços sufocados do marido durante a noite, mas não conseguira pegar-lhe na mão para o consolar.

Do rés-do-chão ouviu os passos pesados de Bengt aproximarem-se das escadas.

– Vem aí alguém – disse ele alto.

Eva assentiu para si. Moveu as pernas com esforço e sentou-se na cama.

– O teu pai diz que vem aí alguém – disse, olhando para os próprios pés.

– *Okay* – respondeu Peter baixinho.

Quando Peter se sentou de costas para ela, a cama rangeu. Ficaram para ali em silêncio durante algum tempo, de costas um para o outro. Entre eles, um mundo destroçado.

Eva levantou-se lentamente e desceu as escadas. Tinha dormido vestida, com a mesma roupa que usara no dia do desaparecimento de Nea. Ulla tentara várias vezes fazer com que a trocasse, mas aquela era a roupa que vestira da última vez que acreditara que tudo estava como era habitual, a roupa que tinha quando pensava abraçar Nea, brincar com Nea, preparar-lhe o jantar.

Bengt encontrava-se de pé à janela da cozinha.

– São dois carros da polícia – disse, esticando o pescoço. – Talvez tenham alguma novidade.

Eva limitou-se a assentir. Puxou uma cadeira e sentou-se. Nada no mundo poderia devolver-lhes a sua filha.

Bengt dirigiu-se à porta de casa para deixar os agentes entrar. Falaram num tom abafado no corredor e Eva ouviu a voz de Gösta. Graças a Deus que o tinham enviado a ele.

Foi o primeiro a entrar na cozinha. Olhou primeiro para Eva e depois para Peter, que também já tinha descido e estava sentado à mesa. Eva viu logo que algo incomodava o agente.

– Descobriram alguma coisa? – perguntou Bengt.

Gösta abanou a cabeça, ainda com aquele ar perturbado.

– Não, infelizmente não temos nada de novo para vos dizer – afirmou. – Mas vamos ter de revistar a casa.

Bengt ficou vermelho de raiva e deu alguns passos na direção de Gösta.

– Só pode estar a gozar. Não é suficiente eles terem a vida completamente destruídas?

Ulla aproximou-se do marido e pôs-lhe uma mão no braço. Bengt afastou o braço, mas não acrescentou mais nada.

– Eles que revistem a casa – disse Eva.

Depois levantou-se voltou a subir as escadas. Da cozinha ouviu vozes exaltadas, mas já nada importava.

*

– Vamos receber muitas visitas da polícia?

Jörgen estava encostado a um banco alto no camarim improvisado. Marie franziu a testa quando viu o amante no espelho. Estava a retocar-se depois de ter sido maquilhada e penteada.

– Como é que eu hei de saber? – respondeu, limpando um pouco de *eyeliner* que formara um grumo no canto do olho direito.

Jörgen bufou e virou-se.

– Nunca devia ter-me metido contigo.

– Qual é o problema? Achaste desagradável a polícia ter-te perguntado sobre o meu álibi? Ou estás a pensar na tua mulher e nos teus filhos que estão na vossa casinha?

O rosto de Jörgen ensombrou-se.

– A minha família não tem nada que ver com esta história.

– Exatamente.

Marie sorriu-lhe no espelho.

Jörgen fitou-a em silêncio, depois saiu bruscamente do camarim e deixou-a sozinha.

Homens! Eram tão previsíveis. Queriam ir para a cama com ela, mas depois nunca queriam assumir as consequências dos seus atos. Marie vira como o pai tinha tratado a mãe. As marcas deixadas pelas agressões quando não conseguia o que queria. Na primeira família de acolhimento aonde fora parar, o pai adotivo tinha-lhe mostrado inequivocamente aquilo para que pensava que Marie servia.

Helen não fora enviada para casa de estranhos. Tinha-lhe sido permitido voltar para casa dos pais porque lhe podiam oferecer um ambiente familiar estável. Mas Marie não a invejara. Sabia a pressão que Helen sofria em casa.

Sabia que as pessoas as tinham considerado uma dupla estranha, mas na realidade eram como duas peças de um *puzzle* que encaixavam. Cada uma encontrara na outra o que lhe faltara, e isso dera a ambas uma razão para viver. Tinham partilhado as preocupações, o que fizera com que fossem muito mais fáceis de suportar.

Não tinham deixado que a proibição de se encontrarem as travasse. Encontrarem-se às escondidas tornara-se um jogo emocionante. Eram as duas contra o resto do mundo. Nada conseguiria separá-las. Como tinham sido ingênuas. Nem uma nem a outra tinham compreendido a gravidade da situação. Nem sequer naquele dia, na sala de interrogatórios da esquadra. Marie tinha-se escudado numa armadura que, acreditava, a protegeria e impediria que alguma coisa lhes acontecesse.

Mas, afinal, fora tudo feito em pedaços e Marie tinha ido parar ao circo das famílias de acolhimento.

Alguns meses depois do décimo oitavo aniversário fizera a mala e não olhara mais para trás. Finalmente estava livre. Dos pais. Dos irmãos. Da longa série de famílias de acolhimento.

Os irmãos tinham tentado entrar em contacto com ela algumas vezes. Quando os pais morreram e quando ganhara o primeiro papel em Hollywood. Um papel secundário, mas mesmo assim suficiente para ter sido notícia nos jornais suecos. Segundo os irmãos, afinal de contas eram da mesma família e Marie já não era apenas uma maldita miúda problemática. Através do advogado, ela comunicara-lhes que não queria ter nada que ver com eles. Era como se estivessem mortos.

Ouviu Jörgen praguejar em voz alta algures. Que amuasse à vontade. Graças a si e a todos os artigos dos últimos dias, os financiadores já não tinham dúvidas e os pontos de interrogação em torno da viabilidade do filme pareciam ter-se

dissipado. Não tinha motivos para se preocupar com os receios de Jörgen. Sabia que não fora a primeira vez que o realizador traía a mulher em tempo de filmagens. Aquilo não tinha nada que ver com ela. O problema era apenas a dificuldade de Jörgen em manter o fecho das calças corrido.

Voltou a visualizar o rosto de Helen.

Marie vira-a na *Hedemyrs* na tarde anterior. Tinha ido lá no final das filmagens desse dia. Depois de dobrar uma esquina, viu-a com uma lista de compras na mão. Recuara rapidamente e acreditava que Helen não a tinha visto.

O sorrisinho desapareceu-lhe lentamente dos lábios brilhantes. Helen parecera-lhe tão velha... Provavelmente isso era o mais difícil de aceitar. Não se atreveu a pensar por um segundo que fosse na fortuna que gastara ao longo dos anos em tratamentos de beleza, e cirurgias estéticas. Enquanto isso, Helen resignara-se a que os anos deixassem as suas marcas.

Marie olhou-se ao espelho. Pela primeira vez em muito tempo viu-se a si própria tal como era. Mas não se atrevia a olhar-se nos olhos, pois já deixara a segurança de se preocupar unicamente consigo própria. Lentamente, desviou o olhar. Já não sabia quem era a mulher refletida no espelho.

– Achas mesmo que é boa ideia? – perguntou Anna, pondo as mãos na barriga.
– E se for um vestido horroroso? Como é que conseguimos manter-nos impassíveis?

– Estou psicologicamente preparada para uma coisa cor de salmão – disse Erica, virando para Grebbestad.

– Para nós também? – perguntou Anna, horrorizada.

– Bem, provavelmente, para ti não. De certeza que encontram uma tenda para oito pessoas com que fazer-te o vestido. Prepara-te para ver *Fjällräven*²⁴ escrito algures.

– Ah!, ah!, ah!, tens tanta graça. Quem diria que tinha uma irmã mais velha comediante...

– Sim, pensa na sorte que tens! – disse Erica a sorrir. Saiu do carro e fechou a porta com estrondo. – A propósito – disse –, esqueci-me de te perguntar. Ontem não passaste por mim quando eu regressava de carro de Marstrand?

– Eu? Não!

Anna gemeu. Como é que podia ser tão estúpida? Tinha preparado uma boa explicação, mas o impulso de negar o encontro tinha sido mais rápido do que a capacidade de debitar a história que inventara.

– Mas tenho a certeza de que era o teu carro. E tive tempo de ver que havia uma mulher ao volante. Emprestaste o carro a alguém?

Anna sentiu o olhar inquisitivo da irmã enquanto entravam na principal rua comercial. A loja de vestidos de noiva ficava a poucas centenas de metros de distância e era lá que tinham combinado encontrar-se com Kristina.

– Oh, que idiota que eu sou. Desculpa, é da gravidez, do calor e tudo isso... – Anna sorriu a custo. – Ontem estive com um novo cliente. Já não aguentava mais ficar em casa a olhar para o teto.

Era a melhor explicação que lhe tinha ocorrido, mas Erica parecia cética.

– Um novo cliente? Agora? Com o bebé praticamente a nascer? Como vais encontrar energia para isso?

– Então, também não é um grande trabalho, apenas uma coisinha para me manter ocupada enquanto espero que o bebé nasça.

A irmã olhou-a com desconfiança, mas decidiu deixar cair o assunto. Anna suspirou de alívio.

– Ali está – disse Erica, apontando para uma loja com alguns vestidos de noiva na montra.

Através do vidro viram que Kristina já se tinha adiantado e estava a bombardear a funcionária com exigências.

– Será que tem realmente de ser assim tão decotado? – ouviram-na dizer com voz estridente quando entraram na loja. – Não me lembro de ser assim da última vez que o vi. Não posso de todo aparecer assim! Valha-me Deus, ia parecer a dona de um bordel! Devem ter feito alguma coisa ao decote!

– Não o modificámos – garantiu a funcionária.

Parecia tensa e Anna lançou-lhe um olhar compreensivo. Gostava da sogra de Erica e acreditava que Kristina não tinha um pinga de maldade, mas às vezes conseguia ser... mesmo excessiva. Sobretudo para quem não estava habituado a lidar com ela.

– Talvez seja melhor voltar a experimentá-lo, Kristina – sugeriu Erica. – Às vezes, a roupa tem um efeito completamente diferente no cabide ou quando a usamos.

– Porque é que terão feito uma coisa destas? – disse impacientemente Kristina, enquanto distribuía beijos na face, primeiro a Erica e depois a Anna. – Meu Deus, estás enorme!

Anna refletiu durante alguns segundos sobre a melhor maneira de responder, mas depois decidiu não dizer nada. Com Kristina, tinha de se saber escolher as batalhas.

– Não compreendo como é que um vestido ia parecer diferente num cabide – disse Kristina. – Mas pronto, vou prová-lo para vos mostrar que tenho razão e

que fizeram alguma coisa àquele decote.

Rodou nos calcanhares e entrou no provador.

– Espero que não pense ficar aqui enquanto eu mudo de roupa – disse severamente à funcionária que tinha pendurado o vestido no provador. – Só me dispo para o meu marido, muito obrigada.

Enxotou a mulher e puxou a cortina com um gesto majestoso.

Anna estava tão empenhada em não desatar a rir que sentiu lágrimas nos olhos. Um olhar de relance à irmã mostrou-lhe que Erica também enfrentava o mesmo problema.

– Peço desculpa – sussurrou Erica à funcionária.

A mulher encolheu os ombros e sussurrou-lhe por sua vez:

– Trabalho numa loja de vestidos de noiva. Acredite, já vi pior.

– Como é que acham que vou conseguir correr este fecho? – sibilou Kristina, abrindo a cortina com um puxão.

Tinha-se enfiado no vestido e mantinha-o seguro pressionando-o contra o peito. Com a paciência de uma santa, a funcionária aproximou-se de Kristina e ajudou-a a correr o fecho nas costas. Depois deu alguns passos atrás e deixou que a futura noiva se visse ao espelho.

Ficou em silêncio por alguns segundos. Então, surpreendida, murmurou:

– Mas... é maravilhoso.

Erica e Anna aproximaram-se e puseram-se ao lado de Kristina em frente ao espelho.

Anna sorriu.

– É lindo – disse. – Está fantástica.

Erica assentiu e Anna apercebeu-se de que a irmã tinha os olhos marejados de lágrimas. Analisaram o vestido de Kristina ao pormenor. Tinha escolhido um justo e cinzento-prateado. Decididamente, o decote não era demasiado pronunciado; era perfeito, com uma bonita forma de coração. As mangas eram curtas, com um debrum simples ao longo da bainha. A saia era um pouco mais curta à frente do que atrás e realçava de forma fantástica a figura de Kristina.

– Vai arrasar – disse Erica, limpando discretamente as lágrimas.

Kristina aproximou-se e deu-lhe um abraço. Aquilo não era habitual. A sogra não era uma pessoa efusiva, sendo a exceção o que fazia aos netos, que cobria de beijos e abraços. Por isso tinha sido um momento excecional, embora não tivesse demorado muito tempo.

– Bem, agora vamos ver o que podemos encontrar para vocês, meninas. Anna, tu vais ser um grande desafio. Meu Deus, de certeza que não vais ter gémeos?

Anna lançou um olhar desesperado a Erica nas costas de Kristina, mas a irmã limitou-se a fazer um sorrisinho e a sussurrar:

– *Fjällräven*.

*

James perscrutava as copas das árvores. Não corria uma brisa e os únicos sons que se ouviam eram o grasnar dos corvos e um restolhar ocasional por entre os arbustos. Se fosse época de caça estaria decididamente mais alerta, mas agora encontrava-se ali mais para se afastar de tudo do que para outra coisa. A caça ao veado só começava algumas semanas mais tarde, mas havia sempre a possibilidade de encontrar alguma coisa em que disparar, só para treinar. Uma raposa ou um pombo. Uma vez até tinha abatido uma cobra numa árvore.

Sempre adorara a floresta porque se sentia tão à vontade como no ambiente militar: permitia-lhe deixar as emoções de lado e focar-se antes nas estratégias e na logística. As ameaças vinham de fora e não de dentro, e a resposta não era o diálogo, mas a ação. James e os seus homens só entravam em cena quando todas as possibilidades de diálogo estavam já esgotadas.

A única pessoa de quem tinha sido próximo fora KG. O falecido sogro fora o único que o tinha compreendido. Bem, na verdade, entendiam-se mutuamente, algo que não voltara a sentir desde então.

Quando Sam era pequeno, James tentou levá-lo à caça, mas ele tinha sido um desastre, tal como tudo o resto relacionado com o filho. Na altura tinha três anos e não conseguia ficar quieto e calado mais do que alguns minutos. James acabou por se faltar. Agarrou-o pelo casaco e atirou-o ao chão. E aquele miúdo desgraçado tinha partido o braço direito. Não lhe devia ter acontecido nada de mal, uma vez que as crianças são maleáveis e ágeis. Mas, com o seu azar habitual, Sam tinha caído sobre uma pedra que despontava do chão. Ao médico e a Helen, James tinha dito que o filho caíra do cavalo dos vizinhos. E Sam sabia que era melhor não o desdizer. Limitara-se a assentir, dizendo: «Cavalo estúpido».

Se pudesse escolher, James passaria os dias no campo. Quanto mais velho ficava, menos via o sentido de voltar para casa. O Exército era a sua casa. Isso não significava que encarasse os seus homens como família; quem quer que acreditasse que os soldados viam os camaradas como irmãos, não podia estar mais enganado. Para James, as tropas que comandava eram peões, um meio para alcançar um fim. E era a isso que ansiava voltar. À lógica. Às linhas puras e

simples. Às respostas fáceis. Nunca se envolvia em processos que colocassem questões difíceis. Como a política. O Poder. Ou o dinheiro. Nunca nada fora uma questão de humanidade, de ajuda ou mesmo de paz. Tudo tinha que ver com quem detinha o poder sobre quem, e para onde os fluxos de dinheiro e de alimentos eram conduzidos através de maquinações políticas. Nada mais. As pessoas eram tão ingênuas, sempre a querer atribuir aos seus líderes motivos mais nobres.

James ajustou a mochila e seguiu caminho. A ingenuidade das pessoas tinha jogado a favor deles. Ninguém imaginava a verdade sobre Helen, nem o que era capaz de fazer.

*

Torbjörn virou-se, ficando de costas para o grande celeiro da família Berg.

– Que inclui o mandado de busca? – perguntou.

– Todos os edifícios da propriedade incluindo o celeiro e o telheiro do jardim – respondeu Patrik.

Torbjörn assentiu e deu instruções à equipa, que naquele dia era composta por duas mulheres e um homem. Eram os mesmos técnicos que haviam examinado a clareira onde Nea fora encontrada, mas Patrik era melhor a lembrar-se de caras do que de nomes e, por mais que tentasse, não conseguia lembrar-se de nenhum. Todas as pessoas que estavam no local, fossem técnicos forenses ou agentes da polícia, tinham protetores de plástico nos pés e expressões sombrias. Patrik e os colegas estavam ali sobretudo para observar e para manter os estranhos afastados. Com isso em mente, Patrik agradeceu aos céus por Mellberg ter decidido permanecer na esquadra naquele dia. Ele raramente perdia a oportunidade de estar no centro dos acontecimentos, mas o mais certo era que perante o calor, o seu corpanzil, e o facto de não se encontrar de todo em forma tivesse preferido o fresco do gabinete, onde as ventoinhas zumbiam constantemente e podia dormir à vontade.

Quando se encontravam do lado de fora da casa dos Berg, Patrik chamou Gösta à parte. Tinha-o deixado ir falar com a família e do exterior ouvira as vozes agitadas vindas lá de dentro.

– Como está a família?

– Já estão mais calmos – respondeu Gösta. Expliquei-lhes que isto é um procedimento padrão em casos deste género. Que serve apenas para nos permitir excluir todas as possibilidades.

– E aceitaram bem?

– Sabem que não têm alternativa. Mas não me sinto melhor por isso.

– Eu sei – disse Patrik, dando-lhe uma palmadinha no braço. – Faremos o que temos a fazer o mais rápido e eficientemente possível, para depois podermos deixá-los em paz.

Gösta respirou fundo enquanto observava Torbjörn e a sua equipa a transportar o equipamento para dentro da casa dos Berg.

– Encontrei uma coisa ontem à noite – disse. – Quando passei em revista os relatórios sobre crimes de natureza sexual.

Patrik ergueu as sobrancelhas.

– Tore Carlson, um pedófilo que vive em Uddevalla, esteve em Tanumshede no início de maio – prosseguiu Gösta. – De acordo com o relatório, tentou fazer mal a uma menina de cinco anos no centro comercial. Nas casas de banho.

Patrik estremeceu.

– Onde é que o tipo está neste momento?

– Falei com os nossos colegas de Uddevalla. Vão verificar – respondeu Gösta.

Patrik assentiu e voltou a olhar em direção à casa.

Os técnicos tinham optado por não dividir a equipa e trabalhavam todos juntos, avançando de divisão em divisão. Patrik sentia-se inquieto por estar no pátio sob o sol escaldante. Ouviu Torbjörn a pedir à família para sair da casa. Peter saiu primeiro, seguido pelos pais e por Eva. Pela maneira como pestanejava por causa da luz, Patrik calculou que não saía de casa desde a altura em que Nea fora encontrada.

Peter aproximou-se lentamente de Patrik, que se tinha abrigado à sombra de uma macieira.

– Será que isto algum dia vai acabar? – perguntou em voz baixa, sentando-se na relva.

Patrik sentou-se ao lado dele. Viu que os pais de Peter discutiam acaloradamente com Gösta um pouco mais à frente. Eva estava sentada num banco de jardim com as mãos entrelaçadas e os olhos fixos no tampo da mesa.

– Daqui a umas duas horas acabamos – respondeu Patrik, mas sabia que não era essa a resposta à pergunta de Peter.

Estava a referir-se à dor e, quanto a isso, Patrik nada podia fazer para o ajudar. Não tinha palavras de consolo para oferecer. Ele e Erica tinham sido tocados pelo luto, na altura do terrível acidente de viação, mas não havia comparação com o abismo profundo onde os pais de Nea se encontravam naquele momento. Estava para além da imaginação.

– Quem é que pode ter feito uma coisa destas? – perguntou Peter enquanto arrancava bocados de relva com um gesto mecânico.

O relvado não era regado há alguns dias e começavam a formar-se manchas ressequidas e amareladas.

– Não sabemos, mas estamos a fazer tudo o que podemos para descobrir – disse Patrik, apercebendo-se de como aquela frase soava vazia e estereotipada.

Nunca sabia o que dizer em tais situações. Gösta era muito melhor a lidar com os familiares das vítimas. Patrik, por seu lado, sentia-se desajeitado e estúpido, e muitas vezes dava por si a debitar uma banalidade atrás da outra.

– Não tentámos ter mais filhos – disse Peter. Pensámos que a Nea nos chegava. Talvez devêssemos ter tido outros. De reserva. – Soltou uma gargalhada metálica.

Patrik ficou em silêncio. Sentia-se um intruso. A pequena quinta era tão tranquila, tão bonita, e eles tinham-na invadido como uma praga de gafanhotos do Antigo Testamento, fazendo em pedaços os últimos resquícios de paz. Mas aprendera a importância de sondar sob a superfície. As coisas raramente eram o que pareciam à primeira vista, e o facto de uma pessoa estar a chorar a morte de alguém não significava que fosse inocente. Às vezes, Patrik tinha saudades da crença ingénua na bondade humana que tivera no início da carreira; desde então vira demasiadas manifestações da escuridão que havia dentro de cada indivíduo. Uma escuridão que só estava à espera de algo que a desencadeasse, que a fizesse emergir para subjugar alguém. Sem dúvida que também a tinha dentro de si. Estava convencido de que toda a gente era capaz de assassinar; era apenas uma questão de se ultrapassar o limite.

– Ainda a consigo ver – disse Peter, deitado na relva como se aquele corpo comprido tivesse desistido.

Olhou para o céu sem pestanejar, apesar de os raios de sol atravessarem as folhas e estarem certamente a encandeá-lo.

– Consigo vê-la. Consigo ouvi-la. Esqueço-me de que não vai voltar para casa. E, quando me vem à mente onde está agora, tenho medo de que tenha frio. De que esteja sozinha. De que tenha saudades nossas e esteja a perguntar onde estamos e porque é que não vamos buscá-la.

A voz era arrastada, sonhadora. As palavras fluíam sobre a relva, e Patrik sentiu os olhos a arder por causa das lágrimas. A dor de Peter pesava-lhe no coração. Ali sentados, juntos, não eram um polícia e um familiar de uma vítima de homicídio. Eram dois pais, dois semelhantes. Patrik perguntou a si próprio se alguma vez alguém deixava de se sentir pai. Aquela sensação mudava se se

tivesse perdido o único filho que se tinha? Esquecíamo-nos com o passar dos anos?

Deitou-se ao lado de Peter. E disse em voz baixa:

– Não me parece que esteja sozinha. Acho que está convosco.

Ao dizer aquelas palavras, Patrik acreditou absolutamente nelas. Quando fechou os olhos, pareceu-lhe ouvir a voz cristalina de uma criança e uma risada que se elevava até o céu. Depois não se ouviu mais nada além do restolhar das folhas e do grito estridente de um pássaro. Ao seu lado, a respiração de Peter abrandou. Pouco depois estava a dormir profundamente, talvez pela primeira vez desde que Nea desaparecera.

24 Marca sueca de artigos de campismo. (*N. do T.*)

Bohuslän, 1672

A PRIMAVERA ERA UM PERÍODO ABENÇOADO, MAS HAVIA MUITO A FAZER E TODOS TRABALHAVAM DESDE O INÍCIO DA MANHÃ ATÉ SER NOITE CERRADA. ERA NECESSÁRIO CUIDAR DO GADO E DOS OUTROS ANIMAIS, PREPARAR OS CAMPOS PARA A SEMENTEIRA E EXAMINAR TODOS OS EDIFÍCIOS DA PROPRIEDADE EM BUSCA DE SINAIS DE DETERIORAÇÃO. AS FAMÍLIAS DOS PASTORES VIVIAM ATERRORIZADAS COM O CARUNCHO, QUE CORROÍA AS VIGAS DE MADEIRA E PROVOCAVA A QUEDA DOS TELHADOS. QUANDO UM PASTOR MORRIA, ERA REALIZADA UMA INSPEÇÃO PARA VERIFICAR EM QUE ESTADO DEIXARA A QUINTA; SE A PODRIDÃO FOSSE CONSIDERADA PIOR DO QUE O ESPERADO, A VIÚVA TERIA DE PAGAR UMA MULTA. POR OUTRO LADO, SE SE CONCLUÍSSE QUE A QUINTA TINHA SIDO EXCEPCIONALMENTE BEM CUIDADA, A VIÚVA PODERIA RECEBER UMA RECOMPENSA. PORTANTO, HAVIA UMA BOA RAZÃO PARA EXAMINAR TODOS OS ALOJAMENTOS, OS ESTÁBULOS E O CELEIRO, ASSIM COMO A CASA PAROQUIAL. AS DESPESAS ERAM DIVIDIDAS ENTRE O PASTOR E A CONGREGAÇÃO. PREBEN ERA MUITO METICULOSO E CERTIFICAVA-SE DE QUE A QUINTA ERA MANTIDA EM BOAS CONDIÇÕES, POR ISSO OS MARTELOS RESSOAVAM PELO PÁTIO.

NINGUÉM FALAVA DO QUE TINHA ACONTECIDO NO LAGO E AOS POUCOS MÄRTA PARECIA VOLTAR A SER COMO ERA. DERA O NOME DE SIGRID À CADELINHA QUE SEGUIA TÃO FIELMENTE A MENINA COMO VIOLA TINHA FEITO.

PREBEN PASSAVA MUITO TEMPO FORA DA QUINTA. ERA FREQUENTE SAIR AO INÍCIO DA MANHÃ E SÓ VOLTAR DEPOIS DO ANOITECER. ÀS VEZES, AUSENTAVA-SE DURANTE VÁRIOS DIAS. MUITOS MEMBROS DA CONGREGAÇÃO PEDIAM-LHE CONSELHOS OU PRECISAVAM DE UMA PALAVRA DE DEUS PARA TORNAR A VIDA UM POUCO MAIS SUPORTÁVEL, E PREBEN ASSUMIA O SEU PAPEL DE GUIA ESPIRITUAL COM A MÁXIMA SERIEDADE. ISTO NÃO AGRADAVA A BRITTA E, ÀS VEZES, O PASTOR TINHA DE PARTIR COM AS PALAVRAS ÁSPERAS DA MULHER A RESSOAR-LHE NAS COSTAS. MAS ATÉ A DISPOSIÇÃO DE BRITTA MELHORAVA À MEDIDA QUE OS RAIOS DO SOL DA PRIMAVERA CONVIDAVAM OS HABITANTES DA QUINTA A PROCURAR O CALOR DA NATUREZA.

O PERÍODO DE BRITTA CONTINUAVA A CHEGAR UMA VEZ POR MÊS COM A MESMA PONTUALIDADE COM QUE A LUA FICAVA CHEIA. PARARA DE TOMAR AS INFUSÕES,

MAS ELIN NÃO TENCIONAVA PERGUNTAR-LHE PORQUÊ. FICAVA REPUGNADA SÓ DE PENSAR NO FILHO DE PREBEN A CRESCER-LHE NO ÚTERO. TINHA CONSEGUIDO MANTER EM RELAÇÃO À MULHER DO PASTOR A ATITUDE QUE A POSIÇÃO QUE OCUPAVA NO PRESBITÉRIO LHE IMPUNHA, MAS O ÓDIO PELA IRMÃ ARDIA COM UMA CHAMA CADA VEZ MAIS INTENSA. NÃO FAZIA IDEIA DO QUE ACONTECERA ENTRE PREBEN E BRITTA DEPOIS DE MÄRTA QUASE SE TER AFOGADO. ELIN NÃO PERGUNTARA E PREBEN NÃO DISSERA UMA PALAVRA SOBRE O ASSUNTO. MAS, A PARTIR DE ENTÃO, BRITTA COMEÇARA A SER SIMPÁTICA PARA MÄRTA E MUITAS VEZES CERTIFICAVA-SE DE QUE A MENINA RECEBIA UMA PORÇÃO ADICIONAL DE COMIDA DA COZINHA, CHEGANDO ATÉ A DAR-LHE DOCES COMPRADOS DURANTE AS VIAGENS QUE FAZIA A UDDEVALLA. BRITTA IA LÁ ALGUNS DIAS POR MÊS VISITAR A TIA. NESSES DIAS, PARECIA QUE TODO O PRESBITÉRIO SUSPIRAVA DE ALÍVIO. A CRIADAGEM ENDIREITAVA AS COSTAS E CAMINHAVA COM PASSO MAIS LIGEIRO. PREBEN CANTAROLAVA E PASSAVA MUITOS DESSES DIAS NA COMPANHIA DE MÄRTA. ELIN OLHAVA PARA OS DOIS ÀS ESCONDIDAS QUANDO SE ENCONTRAVAM NA BIBLIOTECA COM AS CABEÇAS JUNTAS, PROFUNDAMENTE EMBRENHADOS NALGUMA DISCUSSÃO SOBRE UM LIVRO QUE PREBEN HAVIA SELECIONADO. A CENA AQUECIA-LHE O CORAÇÃO DE UMA MANEIRA MUITO ESPECIAL. NUNCA ACREDITARA QUE PUDESSE VOLTAR A SENTIR-SE ASSIM DESDE O DIA EM QUE PER TINHA DESAPARECIDO NAS PROFUNDEZAS. DAQUELE DIA EM QUE PER LEVARA PARA O TÚMULO AS PALAVRAS DURAS QUE ELA LHE LANÇARA.

*

– MEU DEUS, CORREU ATÉ AQUI?

Erica lançou a Helen um olhar alarmado. Ficava sem fôlego por andar atrás dos filhos pela sala de estar. Ficava a transpirar só de pensar em correr todo o caminho desde casa de Helen até ali.

– Oh, isto não é nada – disse Helen com um sorriso retorcido. – Apenas um pequeno aquecimento.

Vestiu a camisola fina com capuz que atara à cintura e sentou-se à mesa da cozinha, aceitando com gratidão um copo de água.

– Quer um café? – perguntou Erica.

– Com prazer.

– Não fica com dor de burro se beber alguma coisa? – perguntou Erica com interesse enquanto servia café a Helen e depois se sentava à sua frente.

Enquanto Erica e Anna foram a Grebbestad, os filhos tinham ido para casa de um amigo. Quando recebeu a mensagem de Helen, decidira deixá-los ficar por lá mais algum tempo. Levaria uma garrafa de vinho aos pais ou qualquer outro género de compensação quando fosse buscá-los.

– Não, o meu corpo está habituado a correr, por isso não me afeta.

– Pessoalmente, acredito que as pessoas deviam ter nascido com rodas. Até agora, tenho evitado fazer exercício como o diabo foge da cruz.

– Correr atrás de crianças não é tarefa fácil – disse Helen, bebericando o café.

– Lembro-me de quando o Sam era pequeno e tinha de andar constantemente atrás dele. Já foi há tanto tempo que parece ter sido noutra vida.

– O Sam é o seu único filho? – perguntou a Erica, fingindo não saber tudo o que havia para saber sobre a família de Helen.

– Sim, calhou assim – respondeu Helen, e o rosto fechou-se.

Erica deixou cair o assunto. Estava agradecida por Helen ter concordado em falar com ela, mas sabia que tinha de ter cuidado. Helen poderia decidir fugir à primeira pergunta que não lhe agradasse. Aquela não era uma situação nova para Erica. Durante as pesquisas para os livros, encontrava sempre uma ou mais pessoas que pareciam hesitar entre o desejo de falar e o desejo de permanecer em silêncio. Por isso era uma questão de proceder cautelosamente, passo a passo, levando-os a abrir-se e, de preferência, a dizer mais do que tinham planeado. Helen tinha ido ter com ela, mas todo o corpo evidenciava relutância. Claramente já estava a arrepender-se da decisão de ser entrevistada.

– Porque concordou em falar comigo? – perguntou a Erica, esperando que a questão não provocasse o instinto de fuga de Helen. – Enviei-lhe tantos pedidos, mas até agora não parecia interessada.

Helen bebericou o café por um momento. Erica pousou o telemóvel na mesa para mostrar que estava a gravar a conversa. Helen limitou-se a encolher os ombros.

– Pensei, e ainda penso, que o passado devia permanecer no passado. Mas não sou ingénua. Sei que não posso impedi-la de escrever este livro, e essa nunca foi a minha intenção. Além disso, sei que a Marie está a pensar escrever sobre o que aconteceu e não se manteve propriamente em silêncio ao longo dos anos. Nós as duas sabemos, a Erica e eu, que a Marie construiu toda a carreira com base na nossa... tragédia.

– Sim, porque foi uma tragédia, não foi? – disse Erica, pegando no fio da conversa. – Não foram apenas os membros da família de Stella que viram as próprias vidas destruídas pelo que aconteceu. Vocês as duas, a Helen e a Marie, assim como as vossas famílias, também sofreram.

– A maior parte das pessoas não partilharia essa visão – comentou Helen, e um brilho duro apareceu-lhe nos olhos azul-acinzentados. – A maioria das pessoas optou por acreditar na primeira versão do que aconteceu. A nossa confissão. Tudo o que veio a seguir perdeu completamente a importância.

– Porque acha que foi assim? – Erica verificou discretamente o telemóvel para se certificar de que continuava a gravar.

– Provavelmente porque não havia outra resposta. Mais ninguém a quem culpar. As pessoas querem soluções simples envoltas num embrulho bonito e bem feito. Quando retrocedemos, quebrámos a ilusão de as pessoas viverem num mundo seguro onde ninguém as poderia prejudicar, a elas ou aos filhos. Continuando a acreditar que fomos nós a cometer o crime, podiam agarrar-se à crença de que estava tudo bem.

– Então e agora? Depois de uma menina da mesma quinta ter sido encontrada no mesmo sítio? Acha que se trata de um crime de imitação? Alguém que poderá ter despertado depois de ter permanecido adormecido durante tanto tempo?

– Não sei – respondeu Helen, abanando a cabeça. – Sinceramente, não faço ideia.

– Li uma entrevista em que a Marie diz que viu alguém na floresta naquele dia. E a Helen? Recorda-se de algo do género?

– Não – disse rapidamente Helen, desviando o olhar. – Não, eu não vi ninguém.

– Acha que a Marie viu mesmo alguém, ou será que inventou aquilo? Para desviar o interesse para outra pessoa, talvez? Para reforçar a própria história quando se retratou?

– Terá de perguntar isso à Marie – respondeu Helen, remexendo um fio solto das calças de treino pretas.

– Mas qual é a sua opinião? – insistiu Erica enquanto se levantava para voltar a encher as chávenas.

– Só sei é que eu não vi ninguém. Nem ouvi nada. E estivemos sempre juntas.

Helen ainda estava a remexer o fio solto. Parecia muito tensa, por isso Erica mudou de assunto. Tinha mais perguntas e não queria afugentar Helen antes de ter terminado a lista.

– Pode descrever a relação que tinha com a Marie?

Pela primeira vez desde que ali chegara, o rosto de Helen iluminou-se com um sorriso. Erica teve a sensação de que dez anos tinham desaparecido num instante.

– Houve faísca logo desde o início. Vimos de famílias muito diferentes e fomos criadas de maneira diferente. A Marie era extrovertida, ao passo que eu era tímida. Não devíamos ter muita coisa em comum. Ainda hoje não consigo compreender porque é que a Marie resolveu ser minha amiga. Toda a gente queria estar com ela, mesmo que a provocassem em relação à família. Mas era tudo a brincar. Todos queriam estar perto dela. A Marie era tão bonita, tão ousada, tão... selvagem.

– Selvagem. Nunca tinha ouvido dizer isso sobre a Marie – comentou Erica. – Explique-me o quer dizer.

– Que quer que lhe diga? Era uma força da natureza. Mesmo naquela época já dizia que queria ser atriz, fazer filmes nos Estados Unidos e ser uma estrela de Hollywood. Quer dizer, muitas pessoas dizem coisas dessas quando são crianças, mas quantas é que realmente conseguem? Percebe a determinação que é preciso ter?

– Sim, o sucesso que conseguiu é incrível – disse Erica, embora não pudesse deixar de se interrogar quanto isso não teria custado a Marie.

Em todos os artigos que lera sobre ela, a atriz parecera-lhe uma figura trágica, embrulhada numa solidão e num vazio ressonantes. Perguntou a si própria se Marie, quando era nova, poderia ter imaginado que esse seria o preço a pagar para alcançar o sonho.

– Eu adorava a companhia da Marie. Era tudo o que eu não era. Dava-me segurança, dava-me coragem. Com a Marie atrevia-me a ser alguém que nunca

teria ousado ser de outro modo. A Marie fazia sobressair o melhor que havia em mim.

O rosto de Helen estava radiante, e parecia esforçar-se por conter as emoções.

– Como é que reagiram quando vos proibiram de sair uma com a outra? – perguntou Erica, estudando-lhe o rosto.

Um pensamento começava a formar-se no fundo da sua mente, mas ainda era tão nebuloso que não o conseguia apreender completamente.

– Ficámos desesperadas, naturalmente – respondeu Helen. – Pelo menos eu fiquei. A Marie começou de imediato a estudar a forma de ultrapassarmos aquilo.

– Quer dizer que continuaram a encontrar-se? – perguntou Erica.

– Sim. Víamo-nos na escola todos os dias, mas também nos encontrávamos secretamente nos nossos tempos livres, sempre que podíamos. Parecia um pouco uma história do género de Romeu e Julieta, duas pessoas injustamente tratadas pelo resto do mundo. Mas não permitimos que isso nos detivesse. Éramos o mundo uma da outra.

– Onde se encontravam?

– Sobretudo no celeiro da quinta da família Strand. Estava vazio. Não tinham animais, por isso entrávamos à socapa e subíamos até ao palheiro. A Marie tirava cigarros aos irmãos e ficávamos ali a fumar.

– Durante quanto tempo mantiveram a vossa amizade em segredo? Antes... bem, antes de tudo acontecer.

– Penso que durante cerca de seis meses ou mais. Não me lembro exatamente. Foi há muito tempo e tentei não pensar nisso durante todos estes anos.

– Então e como reagiram quando a família Strand vos pediu para tomarem conta da Stella juntas?

– Bem, o pai da Stella perguntou ao meu pai, e acho que o meu pai ficou um bocado surpreendido e disse que sim sem pensar. As aparências eram importantes, sabe, e o meu pai não queria parecer uma pessoa limitada que era capaz de julgar que uma criança era uma amiga indesejável por causa da família que tinha. Isso não lhe teria ficado bem.

Helen fez uma careta.

– Mas eu e a Marie ficámos entusiasmadas, ainda que tivéssemos percebido que aquilo não significava que alguma coisa mudasse. Lembre-se de que só tínhamos treze anos. Vivíamos um dia de cada vez e esperávamos poder um dia voltar a estar juntas, sem termos de esconder-nos no celeiro.

– Quer dizer que ansiavam ser *baby-sitters* da Stella?

– Sim – disse Helen, abanando a cabeça. – Gostávamos da Stella. E ela gostava de nós.

Calou-se, apertando os lábios com força.

– Daqui a pouco tenho de ir para casa – disse, acabando o café.

Erica sentiu um ligeiro pânico. Havia muito mais que queria perguntar, muito mais que precisava de descobrir. Tinha perguntas sobre todo o género de pormenores, acontecimentos e sentimentos. Precisava de muito mais do que aquela breve entrevista para dar vida à história. Mas também sabia que pressionar Helen seria contraproducente. Se se contentasse com o que conseguira saber naquele dia, aumentaria as hipóteses de Helen aceder a conversar com ela outra vez. Então forçou-se a sorrir alegremente.

– Muito bem – disse. – Agradeço-lhe por se ter dado ao trabalho de vir falar comigo. Mas será que posso fazer-lhe mais uma pergunta?

Olhou para o telemóvel para ter a certeza de que ainda estava a gravar.

– *Okay* – respondeu relutantemente Helen. Erica sentiu que, mentalmente, a sua interlocutora já estava a caminho de casa.

Porém, de todas as perguntas que queria fazer-lhe, talvez aquela fosse a mais importante.

– Porque confessou? – perguntou.

Helen manteve-se em silêncio. Permanecia imóvel à mesa da cozinha e Erica quase podia ver os pensamentos a zumbir-lhe na mente. Passado um instante, respirou fundo e depois expirou, como se trinta anos de tensão acumulada tivessem sido libertados de repente.

Olhou Erica nos olhos e disse calmamente:

– Para podermos ficar juntas. E dizermos aos nossos pais para irem para o inferno.

*

– E agora mareia a vela! – gritou Bill no meio da ventania.

Karim esforçou-se por compreender. Bill tinha tendência para começar em inglês e depois desatar a falar sueco de forma automática. Ele já começara a interiorizar certas palavras e já sabia que «marear a vela» significava puxar o cabo preso à vela.

Puxou até receber um aceno de aprovação de Bill.

Adnan gritou quando o barco começou a inclinar-se e estendeu a mão para se agarrar à borda. Para experimentar, tinham ido velejar um de cada vez com Bill

num pequeno barco, mas agora estavam todos reunidos num grande veleiro branco ao qual Bill chamava *Samba*. A princípio ficaram receosos ao ver que era completamente aberto na parte de trás, mas Bill garantiu que não entraria água. Ao que parece, tinha sido projetado para ser utilizado por marinheiros com deficiência e a ideia era que seria mais fácil puxá-los do mar para o barco. Bastou aquela explicação para Karim ficar inquieto. Se era tão seguro, porque é que aquelas pessoas tinham de ser içadas da água?

– Não te preocupes! – gritou Bill a Adnan, lançando-lhe um grande sorriso e abanando a cabeça com entusiasmo.

Adnan respondeu com um olhar cético e agarrou-se ainda mais à borda.

– O barco deve inclinar-se, assim desliza melhor na água – disse Bill em inglês, continuando a acenar com a cabeça. – É normal fazer isso – acrescentou em sueco.

O vento abafou algumas daquelas palavras, mas todos compreenderam o que estava a tentar dizer. Que estranho.

– E se alguém dissesse o mesmo sobre conduzir um carro? – murmurou Karim. Ainda não estava convencido de que aquilo fosse boa ideia. Mas o entusiasmo de Bill era tão contagiante que todos estavam dispostos a dar uma hipótese ao projeto. Além disso era uma pausa bem-vinda no tédio do centro de acolhimento de refugiados. Se ao menos a sensação de medo diminuísse um pouco quando entravam no barco...

Forçou-se a respirar com calma e certificou-se pela quinta vez de que todas as correias do colete salva-vidas estavam firmemente presas.

– Bordejar! – gritou Bill, e os sírios entreolharam-se sem saber o que fazer. Não compreendiam o que Bill queria dizer.

Bill começou a abanar os braços enquanto gritava:

– Virem! Virem! – gritou em inglês.

Ibrahim, que estava ao timão, serviu-se de todas as suas forças para virar à direita, o que lançou todos para um dos lados do barco. O portaló oscilou rapidamente de bombordo a estibordo e mal conseguiram afastar-se. Bill quase caiu à água, porém, no último segundo, conseguiu agarrar-se à borda do barco e manter-se a bordo.

– Que porra de maldição – gritou, e foram as únicas palavras que compreenderam.

Os palavrões tinham sido as primeiras coisas que aprenderam em sueco. Tinham ouvido «malditas baratas» assim que chegaram à estação de caminho-de-ferro.

– Desculpe, desculpe – gritou Ibrahim, soltando o timão como se este fosse uma cobra.

Bill lançou-se na direção da popa enquanto continuava a praguejar. Pegou no timão e, quando o veleiro estabilizou, respirou fundo. Depois sorriu.

– Não se preocupem, rapazes! Não se preocupem! Isto não é nada comparado com a tempestade que apanhei quando atravessei o Golfo da Biscaia!

Começou a assobiar alegremente enquanto Karim, por uma questão de segurança, voltou a verificar se o colete salva-vidas estava devidamente preso.

*

Annika enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

– Bertil, há uma pessoa a insistir em falar apenas consigo. O número é desconhecido e a voz soa muito estranha. Que acha? Passo-lhe a chamada?

– *Okay*, força – respondeu Mellberg, suspirando pesadamente. – Provavelmente é uma chamada de *telemarketing* de um parvo qualquer que pensa que consegue vender-me uma coisa sem a qual me será impossível viver, mas já vamos ver isso.

Mellberg inclinou-se para coçar *Ernst* por detrás da orelha enquanto esperava que a luz do telefone se ligasse. Quando isso aconteceu, o superintendente atendeu com uma voz autoritária:

– Estou? Diga? – Se havia uma coisa que sabia fazer era lidar com comerciais.

Mas a pessoa na linha não estava interessada em vender-lhe nada. A princípio, a voz distorcida deixou-o desconfiado, mas o que ouviu era sem sombra de dúvida uma informação surpreendente. Sentou-se mais direito na cadeira e escutou atentamente. *Ernst* notou a mudança e ergueu a cabeça com as orelhas espetadas.

Antes que Mellberg pudesse fazer perguntas pertinentes ouviu um clique e o interlocutor deixou de estar em linha.

Mellberg coçou a cabeça. O que acabara de ouvir fez com que visse todo o caso de um ângulo diferente. Pegou no telefone para ligar a Patrik, mas então mudou de ideias. Os outros membros da equipa estavam todos ocupados nas buscas na casa e na quinta dos Berg. E aquela informação era de tal forma importante que alguém superior devia tratar do assunto. Portanto, seria mais simples e mais seguro se tratasse daquilo pessoalmente. Mais tarde, quando o povo o cobrisse de gratidão por ter solucionado o caso com sucesso... bem, com

isso poderia lidar, já que, afinal de contas, era o chefe da polícia e estava constantemente no centro das atenções, desvendando os casos mais complicados.

Levantou-se. *Ernst* ergueu a cabeça para olhar para o dono.

– Desculpa, meu velho – disse Mellberg. – Hoje vais ter de ficar aqui. Tenho de tratar de assuntos importantes.

Ignorou os gemidos tristes de *Ernst* e saiu apressadamente do gabinete.

– Vou estar ausente durante algum tempo – disse a Annika quando passou pela secretária na receção.

– Sobre que era o telefonema? – perguntou ela.

Mellberg gemeu. Atualmente era uma provação, com os subordinados sempre a meterem o nariz nas coisas em vez de mostrarem o devido respeito pelos superiores.

– Bem, era uma daquelas malditas chamadas de *telemarketing*. Tal como pensei.

Annika lançou-lhe um olhar cético, mas Mellberg sabia que não devia dizer-lhe aonde ia. Mais rápido do que conseguia piscar um olho, a secretária ia ligar a Hedström, que indubitavelmente insistiria em segui-lo. O poder era intoxicante – aprendera-o ao longo dos anos e estava sempre a ter de afastar as tentativas dos colegas mais novos para o ofuscar quando estava à beira de um avanço significativo na investigação ou a lidar com os média. Era trágica a forma como insistiam e não o largavam.

Grunhiu quando saiu da esquadra. Se este efeito de estufa continuar a aquecer as coisas desta maneira, se calhar mais vale mudar-me para Espanha, pensou. Não é que gostasse particularmente do inverno. A primavera e o outono eram mais a sua praia.

Quando entrou no carro-patrulha, o calor no interior quase o deixou sem fôlego. Teria de falar com o idiota que deixara o veículo estacionado ao sol. Era como entrar numa sauna! Apressou-se a ligar o ar-condicionado, mas quando chegou ao centro de acolhimento de refugiados a temperatura ainda não diminuía sensivelmente, e tinha a camisa encharcada em suor.

Mellberg não tinha dito a ninguém que lá ia. Não conhecia o diretor do centro, por isso não podia confiar que o tipo não dissesse nada aos indivíduos em questão. Era melhor lidar com aquele género de situações sem aviso prévio. Era por isso que no passado a polícia costumava realizar incursões de madrugada. Para ter o elemento de surpresa do seu lado.

Dirigiu-se à receção e abriu a porta. Estava um fresquinho maravilhoso. Mellberg limpou a mão direita às calças antes de apertar a mão ao homem que se

encontrava ao balcão.

– Olá. Sou Bertil Mellberg, da esquadra de Tanumshede.

– Olá. Chamo-me Rolf e sou o diretor do centro. A que devemos a honra?

Lançou a Mellberg um olhar desconfortável. Mellberg deixou-o suar por um momento, não porque tivesse algum motivo para fazê-lo, mas simplesmente porque podia.

– Preciso de ter acesso a uma das vossas residências – explicou.

– Ah, sim? – disse Rolf, aturdido. – Qual? E porquê?

– Quem mora na casa mais afastada? Aquela que dá para o mar?

– O Karim e a família.

– O Karim? Que sabe sobre ele?

Mellberg cruzou os braços.

– Bem, é sírio. Veio para cá há alguns meses com a mulher e dois filhos. Era jornalista. Muito calado e calmo. Porque pergunta?

– Esse Karim participou na equipa de buscas quando a menina desapareceu na segunda-feira?

– Julgo que sim – Rolf franziu a testa. – Sim, participou. Que se passa? – Também cruzou os braços.

– Preciso de dar uma vista de olhos ao sítio onde está a morar – disse Bertil.

– Não tenho a certeza de poder permitir isso – afirmou Rolf, mas havia uma hesitação na sua voz.

Mellberg tentou a sua sorte, sabendo que a maioria dos suecos desconhecia os direitos que tinha.

– Este centro é tutelado pelo Estado, por isso temos o direito de acesso.

– Oh, bem, se é assim... eu indico-lhe o caminho.

– Trata-se de um assunto da polícia, por isso preferia fazer isto sozinho – disse Mellberg. Não estava interessado em ter um diretor ansioso a olhar-lhe por cima do ombro. – Basta apontar-me a casa.

– Okay – disse Rolf, saindo pela porta da frente. – É aquele último edifício, ali.

Mellberg avançou uma vez mais a custo debaixo do calor infernal do verão. Sem dúvida que os refugiados prosperavam naquelas altas temperaturas. Provavelmente sentiam-se em casa.

A pequena casa pintada de branco parecia bem cuidada. Os brinquedos estavam bem empilhados lá fora e os pares de sapatos alinhados à frente dos degraus. A porta encontrava-se aberta de par em par e conseguia ouvir crianças a rir no interior.

– Olá? – chamou, e uma linda mulher com longos cabelos escuros apareceu, com uma panela e um pano de cozinha nas mãos.

Teve um sobressalto quando o viu e parou imediatamente de secar a panela.

– Que senhor quer? – perguntou em inglês.

Falava com forte sotaque e a voz soou fria e hostil.

Mellberg não tinha pensado na barreira linguística. Para ser sincero, o inglês não era o seu forte. E talvez a mulher também não falasse quase nada de inglês. Continuou a expressar-se num idioma que Bertil não compreendia de todo. Valha-me Deus, será que é assim tão difícil aprender a língua do país que a acolheu?

– Tenho de... ver na sua casa... – conseguiu dizer.

Só de tentar encontrar algumas palavras em inglês sentiu a língua entarmelar-se.

A mulher olhou para Mellberg, sem compreender, e abriu as mãos.

– Recebi... informações... de que o seu marido está a esconder alguma coisa na casa – disse o superintendente, e tentou passar por ela.

A mulher cruzou os braços e bloqueou a entrada. Os olhos chamejavam enquanto explodia numa tirada irritada.

Por um momento, Mellberg sentiu um lampejo de dúvida. Mas estava habituado a lidar com mulheres zangadas em casa, por isso não ia deixar-se assustar por aquela jovem. Apercebeu-se de que devia ter trazido um intérprete, mas decidiu que não havia tempo para ir procurar um. Não, precisava de ser ardiloso. Tão ardiloso como uma raposa. Apesar de na Suécia não ser necessário um mandado de busca, sabia que não era esse o caso em muitos outros países. Teve um golpe de génio e alcançou o bolso da camisa para tirar um papel, que desdobrou cuidadosamente.

– Tenho uma autorização para procurar em sua casa – disse, erguendo o papel com expressão autoritária. – Sabe o que isto é? Uma autorização!

Franzindo a testa, o superintendente abanou-o à frente dos olhos dela. A mulher olhou para o papel e começou a ter dúvidas.

Então afastou-se e assentiu. Satisfeito, Mellberg voltou a enfiar o certificado veterinário de *Ernst* no bolso da camisa. Quando se tratava de assuntos importantes como aquele, todos os meios eram permitidos.

Bohuslän, 1672

UMA DAS COISAS QUE A AVÓ DE ELIN LHE ENSINARA FORA COMO SEGUIR AS ESTAÇÕES DO ANO. NO FINAL DA PRIMAVERA ERA A ALTURA DE COLHER AS ERVAS E AS FLORES DE QUE PRECISARIA DURANTE O RESTO DO ANO, POR ISSO, SEMPRE QUE TINHA ALGUM TEMPO PARA SI, ELIN IA PARA O CAMPO. NAQUELE DIA GANHARA DUAS HORAS POR SUA CONTA, SUBORNANDO A CRIADA MAIS NOVA, STINA, PARA FAZER AS SUAS TAREFAS COM A PROMESSA DE QUE LHE ENSINARIA A REZA APROPRIADA PARA SEDUZIR UM PRETENDENTE.

HAVIA MUITAS PLANTAS POR ONDE ESCOLHER. OS PRIMEIROS DIAS DE PRIMAVERA TINHAM SIDO CHUVOSOS, SEGUIDOS POR MUITOS DIAS ENSOLARADOS, E AGORA TUDO FLORESCIA. ERA MUITO BOM PERCORRER AS TERRAS PERTENCENTES AO PRESBITÉRIO E, PELA PRIMEIRA VEZ EM MUITO TEMPO, SENTIU ALGO PARECIDO COM A FELICIDADE. HAVIA PRADOS, PASTAGENS, ÁREAS PANTANOSAS E FLORESTAS. TUDO PARECIA TÃO EXUBERANTE... ELIN CANTAROLAVA PARA SI PRÓPRIA ENQUANTO PUNHA NA CESTA OS MELHORES ESPÉCIMES DESSAS PLANTAS COM AS PROPRIEDADES NECESSÁRIAS PARA TRATAR E CURAR, OFERECER CONFORTO E CONSOLO. NO REGRESSO SECARIA CUIDADOSAMENTE O CONTEÚDO DA CESTA NO PEQUENO ESPAÇO QUE LHE ESTAVA RESERVADO NOS ALOJAMENTOS DAS CRIADAS.

O TERRENO ACIDENTADO ERA DIFÍCIL DE ATRAVESSAR, E AINDA QUE FOSSE FORTE E SAUDÁVEL, ELIN FICOU SEM FÔLEGO. PAROU NOS ANTIGOS ESTÁBULOS E SENTOU-SE POR UM MOMENTO. O AR CHEIRAVA TÃO BEM, O SOL ESTAVA TÃO QUENTE E O CÉU ERA TÃO AZUL, QUE SE CONVINCEU DE QUE NÃO FARIA MAL NENHUM PERMITIR QUE A ALMA DESCANSASSE. DEITOU-SE NA RELVA COM OS BRAÇOS ESTENDIDOS E O OLHAR FIXO NO CÉU. SABIA QUE DEUS ESTAVA PRESENTE EM TODO O LADO, MAS NÃO PODIA DEIXAR DE PENSAR QUE ELE DEVIA ESTAR AINDA MAIS PERTO NAQUELE MOMENTO. ELE DEVIA ESTAR ALI SENTADO COM TODAS AS CORES DA TERRA, A PINTAR O DIA.

O CORPO FICOU MAIS PESADO. A FRAGRÂNCIA DA RELVA E DAS FLORES ENCHIA-LHE AS NARINAS. AS NUENS DESLIZAVAM LENTAMENTE PELO CÉU AZUL. A SUAVIDADE DO CHÃO ABRAÇOU-A. TUDO A EMBALAVA PARA DORMIR. AS

PÁLPEBRAS ESTAVAM CONSTANTEMENTE A TENTAR FECHAR-SE ATÉ QUE ELIN NÃO CONSEGUIU RESISTIR E DEIXOU-AS CAIR.

ACORDOU COM ALGO A FAZER-LHE CÓCEGAS NO NARIZ. ESTENDEU A MÃO PARA O ESFREGAR E OUVIU UMA GARGALHADA ABAFADA MUITO PERTO DELA. APRESSADAMENTE, SENTOU-SE. PREBEN ESTAVA SENTADO AO SEU LADO COM UMA FOLHA DE RELVA NA MÃO.

— QUE ESTÁ A FAZER, PASTOR?! — RECLAMOU, TENTANDO PARECER IRRITADA, EMBORA A PRÓPRIA VOZ LHE SOASSE PLENA DE ALEGRIA.

PREBEN SORRIU E AQUELES OLHOS AZUIS ATRAÍRAM-NA CADA VEZ PARA MAIS PERTO.

— ESTAVAS A DORMIR COM UM AR TÃO PACÍFICO — DISSE, PASSANDO-LHE A FOLHA DE RELVA PELA FACE NUMA PROVOCAÇÃO.

ELIN QUERIA LEVANTAR-SE, SACUDIR AS SAIAS E PEGAR NA CESTA A TRANSBORDAR E MARCHAR PARA CASA. ISSO SERIA O MAIS APROPRIADO. ERA O QUE DEVIA FAZER. MAS, ALI SENTADOS NA RELVA PERTO DOS ESTÁBULOS ABANDONADOS, NÃO ERAM PATRÃO E CRIADA. NEM SEQUER CUNHADO E CUNHADA. ERAM ELIN E PREBEN E, POR CIMA DELES, DEUS PINTARA AS CORES MAIS AZUIS, AO PASSO QUE, DEBAIXO DELES, PINTARA O MAIS VERDE DOS VERDES. ELIN QUERIA UMA COISA E DEPOIS QUERIA OUTRA. SABIA O QUE DEVIA FAZER E SABIA O QUE PODIA FAZER. E NÃO CONSEGUIU LEVANTAR-SE E AFASTAR-SE. PREBEN OLHAVA-A COMO NINGUÉM A OLHARA DESDE QUE PER ERA VIVO. IMAGINOU-O COM MÄRTA, SEGURANDO A CADELINHA NOS BRAÇOS. VIU-O COM A MADEIXA CAÍDA PARA OS OLHOS, COM A MÃO A ACARICIAR SUAVEMENTE O FOCINHO DE STJÄRNA QUANDO A VACA ESTAVA DOENTE. E, SEM PERCEBER O QUE LHE PASSOU PELA CABEÇA, INCLINOU-SE PARA A FRENTE E BEIJOU-O. A PRINCÍPIO, PREBEN TEVE UM SOBRESSALTO. ELIN PODIA SENTIR OS LÁBIOS TENSOS CONTRA OS DELA ENQUANTO O CORPO RECUAVA CAUTELOSAMENTE. ENTÃO, PREBEN DESCONTRAIU-SE E APROXIMOU-SE. MESMO QUE AQUILO PARECESSE TÃO INCORRETO, ERA COMO SE DEUS OS OBSERVASSE. E LHES SORRISSE EM TODA A SUA OMNIPOTÊNCIA.

*

– ACABÁAMOS O TRABALHO NA CASA.

Torbjörn aproximou-se de Gösta e apontou para o celeiro.

– Vamos continuar ali.

– *Okay* – disse Gösta. Ainda sentia um grande desconforto por todo aquele processo e não conseguia juntar-se a Patrik e a Peter, deitados na relva não muito longe. Pretendera falar com a mãe de Nea, Eva, sentada numa cadeira do pátio, mas ela tinha um olhar tão distante que não quis incomodá-la. De momento, os pais de Peter continuavam zangados e sem vontade de ouvir quaisquer argumentos sensatos, por isso deixou-os em paz.

Os técnicos forenses continuavam a trabalhar afincadamente, o que fazia com que Gösta se sentisse ainda mais deslocado e perdido. Sabia que a sua presença era necessária, mas teria preferido desempenhar uma tarefa em vez de estar simplesmente para ali, a supervisionar a família. Patrik tinha pedido a Paula e a Martin que investigassem mais aprofundadamente o passado da família Berg, e Gösta teria trocado de bom grado de tarefa com os colegas. No entanto, sabia que era necessário ali, já que era o agente que tinha maior contacto com a família.

Observou os técnicos de Torbjörn a transportar o equipamento para o celeiro. Um gato cinzento fugiu lá de dentro quando abriram as grandes portas.

Uma vespa zumbiu-lhe ao ouvido direito e Gösta forçou-se a manter-se imóvel. Sempre tivera medo de vespas e, por mais que lhe dissessem para não andar de um lado para o outro a abanar freneticamente os braços, não conseguia pura e simplesmente evitá-lo. Algum instinto primitivo fazia disparar a adrenalina e levava o coração a gritar-lhe: «Corre!» assim que uma vespa se aproximava. Mas Gösta estava com sorte, porque a vespa encontrou algo mais doce e mais interessante para atacar e voou sem o fazer perder a dignidade à frente de todos os que estavam na quinta.

– Vem juntar-te a nós – chamou Patrik, acenando-lhe.

Gösta aquiesceu e sentou-se na relva ao lado de Peter. Parecia estranho estar sentado com ele enquanto os peritos forenses lhe viravam a casa de pernas para o ar, mas Peter parecia aceitar a situação. Estava com ar sereno.

– Do que estão à procura? – perguntou nesse momento.

Gösta pensou que Peter precisava de se distanciar de tudo para conseguir lidar com a situação. Tinha de fingir que nada daquela atividade tinha algo que ver

com ele. Gösta já tinha visto muitas vezes aquela reação.

– Receio que não possamos dizer o que estamos a fazer ou o que estamos a procurar.

Peter assentiu.

– Porque somos potenciais suspeitos, não é?

Havia um tom resignado na voz e Gösta sentiu que a honestidade era a melhor maneira de responder.

– Sim, receio que sim. Compreendo que isso possa parecer horrível, mas suponho que quer que façamos tudo o que esteja em nosso poder para descobrir o que aconteceu a Nea. Infelizmente, isso inclui considerar as possibilidades mais improváveis.

– Compreendo. Está tudo bem – disse Peter.

– Acha que os seus pais vão acabar por compreender? – perguntou Gösta, virando-se para olhar para Bengt e para Ulla, que se encontravam ali próximo.

O pai de Peter gesticulava furiosamente e sob o bronzeado via-se o rosto muito vermelho enquanto discutia.

– Estão preocupados. E tristes – respondeu Peter, arrancando punhados de relva. – O meu pai foi sempre assim. Quando se sente ansioso em relação a alguma coisa, reage zangando-se. Mas não é tão mau como possa parecer.

Torbjörn saiu do celeiro.

– Patrik? – chamou. – Pode chegar aqui?

– Já vou – respondeu Patrik, levantando-se com esforço.

Os joelhos rangeram enquanto se levantava e Gösta pensou que provavelmente os seus joelhos soariam ainda pior. Franziu a testa quando viu Patrik a atravessar o troço de cascalho. Torbjörn tinha o telemóvel na mão e começou a falar intensamente com o colega, que parecia preocupado.

Gösta levantou-se.

– Vou até lá para saber o que o Torbjörn quer – disse a Peter, abanando a perna direita, que ficara dormente.

Coxeou até junto dos colegas.

– Que foi? Encontraram alguma coisa?

– Não, ainda não começámos a procurar no celeiro – disse Torbjörn, erguendo o telemóvel. – Mas recebi uma chamada do Mellberg a ordenar-nos que parássemos tudo e nos dirigíssemos imediatamente ao centro de acolhimento de refugiados. Diz que encontrou uma coisa.

– Encontrou uma coisa? – repetiu Gösta, intrigado. – Como é que isso é possível? O Bertil estava a dormir no gabinete quando saímos.

– Está obviamente a tramar alguma – murmurou Patrik. Virou-se para Torbjörn: – Preferia que terminássemos o trabalho por aqui, mas Mellberg é o chefe, por isso não posso desautorizá-lo. Vamos delimitar esta área, vamos ao centro e voltamos mais tarde.

– Não é aconselhável interromper este género de trabalho – disse Torbjörn, e Gösta sabia o que o chefe da equipa forense queria dizer.

Mas tinha de concordar com Patrik. Mellberg era oficialmente o chefe e o mais alto responsável da esquadra. Mesmo que todos soubessem que isso funcionava mais na teoria do que na prática, tinham de obedecer às suas ordens.

– Nós seguimos-vos – disse Torbjörn, recebendo um aceno de cabeça de confirmação por parte de Patrik, que sacou o telemóvel e tentou em vão apanhar Mellberg. Gösta dirigiu-se à família explicando que voltariam mais tarde, mas deixou as perguntas deles sem resposta.

O facto de Mellberg ter saído sozinho só podia significar problemas. Que raio poderia ter encontrado no centro de acolhimento? Gösta entrou no carro com uma sensação de desastre iminente a crescer dentro dele.

As crianças não estavam com pressa de ir para casa, mas Erica sabia que se alguma vez quisesse voltar a deixá-las ali para brincarem, seria melhor que não ficassem muito mais tempo. Deu a mão aos gémeos e Maja seguiu à frente, saltitando alegremente. Que criança maravilhosa. Sempre feliz, sempre tão atenciosa e positiva. Erica lembrou-se de que precisava de passar mais tempo com a filha. Era tão fácil deixar que os gémeos irrequietos exigissem toda a sua atenção.

Enquanto Noel e Anton conversavam alegremente sobre tudo o que tinham feito durante o dia, os pensamentos voltaram a Helen. Ainda havia tantas perguntas sem resposta, mas Erica sabia que o instinto não a enganara: se tivesse tentado pressionar Helen, esta ter-se-ia fechado em copas. Erica precisava desesperadamente de mais material para completar aquele livro. O prazo de entrega era 1 de dezembro e ainda não escrevera uma única frase. Na verdade, aquilo era normal, uma vez que Erica passava sempre a maior parte do tempo a pesquisar e depois escrevia o manuscrito em cerca de três meses. Mas, para terminar a tempo, precisava de começar a escrever no início de setembro, o mais tardar. E agora o planeamento, cuidadosamente definido, tinha sido virado de cabeça para baixo.

Não tinha ideia de como o homicídio de Nea podia afetar o livro e a respetiva publicação. Independentemente de Helen e Marie estarem ou não envolvidas, seria forçada a escrever sobre as semelhanças entre os dois casos. E como o

assassínio de Nea ainda não estava solucionado, era impossível saber o que deveria ou poderia ser incluído no livro. Sentia que parecia um pouco frio pensar num livro sobre a vida de uma criança que foi ceifada, mergulhando a família num sofrimento inimaginável. Mas, desde que Erica escrevera o livro sobre o homicídio de Alexandra, sua amiga de infância, disciplinara-se para separar os sentimentos do trabalho. Lembrou-se das cartas que recebera dos familiares das vítimas a contar-lhe como os livros os ajudaram a conseguir de alguma forma atenuar a dor. Também houve ocasiões em que contribuíra para desvendar crimes, e estava determinada a ajudar igualmente a polícia naquela investigação, pesquisando aprofundadamente o homicídio anterior.

Com esforço, Erica pôs de lado os pensamentos sobre o livro. A resolução de Ano Novo fora tentar estar tão presente quanto possível sempre que estava com os filhos. Não pensar no trabalho, não ficar sentada com os olhos colados ao ecrã do telemóvel ou do computador. Em vez disso queria dar aos filhos toda a atenção. Aqueles anos da primeira infância não durariam muito.

Mesmo que a fase do nascimento não fosse a sua preferida, estava ansiosíssima pela chegada do novo bebé de Anna. Não havia melhor do que brincar com um bebé que não era nosso, aconchegarmo-nos com ele rodeados de animais de peluche e depois entregar o pequenito de volta aos pais assim que comesse a cheirar mal ou a chorar. Estava em pulgas para descobrir se aquele bebé era menino ou menina. Dan e Anna não tinham querido saber antes do tempo, disseram que não importava. Mas, por algum motivo, Erica sentia que seria uma menina. Talvez fosse o melhor, já que o filho que Anna e Dan tinham perdido tão tragicamente era um menino. O corpo e o rosto de Anna ainda apresentavam cicatrizes do acidente de viação que quase a matou, mas a irmã parecia ter começado a aceitar as mudanças físicas. Pelo menos era o que esperava; Anna já não falava nisso há muito tempo.

Erica parou abruptamente. Pensar em Anna fez com que se lembrasse da festa de despedida de solteira. Tinha-se esquecido completamente de sugerir organizar uma festa a Kristina. Embora a sogra às vezes lhe pusesse os nervos em franja, estava sempre disposta a ajudar com as crianças quando lhe pediam. Por isso, o mínimo que Erica podia fazer pela mãe de Patrik era organizar algo de que Kristina pudesse gostar. Não o absurdo habitual, como a venda de beijos a usar o véu de noiva – isso parecia pouco dignificante para uma mulher daquela idade –, mas um dia divertido em que Kristina fosse o centro das atenções. Que poderia desencantar? E quando? Não restava muito tempo. Talvez no fim de semana? Se

quisesse que a festa acontecesse, seria melhor começar a pensar nisso de imediato.

Uma nota afixada no quadro de avisos à entrada do parque de campismo chamou-lhe a atenção. Bem, era uma ideia. Uma ideia bastante boa. Brilhante, atrever-se-ia a dizer. Sacou o telemóvel e tirou uma fotografia à nota. Depois ligou a Anna.

– Ei, lembras-te de eu ter falado em organizarmos uma festa de despedida de solteira a Kristina? Que tal sábado? Eu trato de todos os preparativos se prometeres que vais estar presente. O Dan pode tomar conta dos miúdos?

Anna respondeu laconicamente, sem parecer tão entusiasmada como Erica esperara. Mas talvez estivesse a ter um dia difícil por causa da gravidez, por isso Erica decidiu prosseguir.

– Não tenho cem por cento de certeza do que vou organizar, mas vi uma nota no quadro de avisos do parque de campismo que me deu uma ideia...

Continuava a não haver reação por parte de Anna. Era estranho.

– Está tudo bem, Anna? Pareces um pouco... alheada.

– Não é nada. Estou cansada, só isso.

– Pronto, pronto, não te chateio mais. Descansa que depois dou-te todos pormenores quando estiver tudo planeado.

Desligaram a chamada e Erica enfiou o telemóvel no bolso dos calções, pensativa. Algo não batia certo com Anna. Conhecia demasiado bem a irmã e estava convencida de que ela lhe estava a esconder alguma coisa. E, tendo em conta o jeito infalível de Anna para atrair o infortúnio, sentiu-se inquieta. Depois de toda a adversidade e de todos os problemas, finalmente parecia que Anna se tinha conseguido erguer e que começava a tomar decisões sensatas, mas talvez Erica apenas quisesse muito que assim fosse. A questão era: o que estaria a irmã a esconder? E porquê? Erica estremeceu apesar do calor que fazia. Perguntou a si própria se nunca deixaria de se preocupar com a irmã mais nova.

*

Patrik tinha conduzido num silêncio tenso durante toda a viagem até Tanumshede. Ainda era pior condutor quando estava preocupado e sabia que Gösta se agarrava firmemente à pega por cima da porta do carro.

– O Bertil continua a não atender? – perguntou.

Com a mão livre, Gösta levou o telemóvel ao ouvido e depois abanou a cabeça.

– Nada.

– Porra, não podemos deixá-lo sozinho por um minuto. É pior do que as crianças.

Patrik carregou mais no acelerador.

A estrada era reta naquele troço e em breve veriam Tanumshede. Sentiu o estômago aos saltos enquanto aceleravam pelas colinas e Patrik apercebeu-se de que o rosto de Gösta começava a ficar verde.

– Não me agrada termos sido obrigados a abandonar as buscas na quinta. Apesar de termos vedado a zona, corremos o risco de a análise forense ficar comprometida – murmurou Patrik. – A Paula e o Martin vêm a caminho?

– Sim. Falei com o Martin e vão os dois ter connosco ao centro. Provavelmente já lá estão.

Patrik ficou surpreso com a irritação que sentia. Mellberg tinha um jeito incrível para complicar as coisas, normalmente na esperança de se cobrir de glória. Daquela vez, porém, Patrik simplesmente não podia permitir que o chefe fizesse descarrilar a investigação. Sobretudo quando estavam a lidar com o homicídio de uma criança.

Quando chegaram ao centro de acolhimento de refugiados viram Paula e Martin à espera deles no parque de estacionamento. Patrik estacionou ao lado do carro dos colegas e saiu, batendo com a porta.

– Já o viram? – perguntou.

– Não. Achámos melhor esperar por vocês. Mas falámos com o diretor do centro e parece que o Mellberg foi até à casa mais ao fundo. – Paula apontou para o local, que ficava por detrás do pequeno grupo.

– Okay. Bem, vamos lá descobrir o que é que Bertil nos arranhou desta vez.

Patrik virou-se ao ouvir mais carros a parar. Torbjörn e a equipa de técnicos forenses tinham chegado.

– Porque querará o Torbjörn por aqui? – perguntou Martin. – Sabem? Alguém falou com ele?

Patrik bufou.

– O Bertil não atende o telemóvel. Só sabemos que disse ao Torbjörn para vir rapidamente para cá. Disse-lhe que encontrou uma coisa e que fechou «o raio do caso como uma lata de sardinhas».

– Acho que preferimos nem saber o que possa ser, não é? – disse Paula com ar sombrio. Depois fez sinal com a cabeça na direção dos colegas. – Bem, mais vale despacharmos isto de uma vez.

– Levamos o nosso equipamento ou não? – perguntou Torbjörn.

Patrik hesitou.

– Ora, que se lixe. Tragam o equipamento. O Mellberg diz que encontrou uma coisa.

Patrik fez sinal a Gösta, Paula e Martin para que o acompanhassem e dirigiram-se à casa em questão. Torbjörn e a equipa começaram a tirar o equipamento dos carros. Apanhá-los-iam daí a alguns minutos.

Havia várias pessoas a observá-los. Algumas espreitavam pelas janelas, outras tinham saído e estavam à frente das casas. Mas ninguém disse uma palavra. Observavam-nos simplesmente com expressões preocupadas.

Ao longe, Patrik ouviu uma mulher a gritar e acelerou o passo.

– O que é que se passa aqui? – perguntou quando chegaram à casa.

Mellberg falava com uma mulher. Gesticulava descontroladamente e dirigia-se a ela no seu tom mais autoritário.

Num inglês macarrónico, repetia:

– Não, não poder entrar na casa. Fique fora.

Virou-se para Patrik.

– Ah, ainda bem que chegaram!

– O que é que se passa aqui? – repetiu Patrik. – Estamos a tentar falar consigo desde que ligou ao Torbjörn, mas não atendeu as chamadas.

– Não, não pude. Ela está histérica e os miúdos estão a chorar. Mas tive de mandá-los sair de casa para não destruírem nenhuma prova.

– Prova? Que espécie de prova?

Patrik ouviu a própria voz ficar mais estridente. A sensação de desconforto aumentava a cada minuto que passava e apeteceu-lhe agarrar Mellberg pelos ombros e abaná-lo até fazer desaparecer aquela expressão de satisfação que tinha no rosto.

– Recebi uma informação – disse orgulhosamente Mellberg, e depois fez uma pausa dramática.

– Que género de informação? – perguntou Paula. – De quem?

Deu um passo em direção a Mellberg enquanto lançava um olhar preocupado às crianças que choravam. Mas Patrik apercebeu-se de que a colega também queria avaliar a situação antes de agir.

– Bem, foi... uma informação anónima – respondeu Mellberg. – A dizer que havia provas que nos conduziriam ao assassino da menina.

– Aqui? Nesta casa em particular? Ou a informação referia-se às pessoas que vivem neste centro? Que disse ao certo a pessoa que telefonou?

Mellberg suspirou e começou a enunciar as palavras de forma pausada e clara, como se estivesse a falar com uma criança.

– A pessoa que telefonou deu informações muito precisas sobre esta casa. Descreveu-a. Mas não mencionou nenhum nome.

– Por isso veio até cá? – perguntou Patrik, sentindo a irritação a crescer. – Sem dizer nada a nenhum de nós?

Mellberg bufou e olhou para Patrik.

– Sim. Estavam ocupados com outras coisas e eu sabia que era importante agir com rapidez, de modo a que as provas não desaparecessem nem fossem destruídas. Foi uma decisão refletida da minha parte.

– E não considerou esperar por um mandado de busca da procuradora? – perguntou Patrik.

Estava a tentar a todo o custo manter-se calmo.

– Bem... – disse Mellberg. Pela primeira vez parecia ter algumas dúvidas. – Não pensei que fosse necessário. Como chefe, tomei a decisão. Tratava-se da obtenção de provas em relação à investigação de um homicídio e, numa situação destas, o Hedström sabe tão bem como eu que não precisamos de esperar por uma autorização oficial.

Pondo ênfase em cada palavra, Patrik disse:

– Então o Bertil confiou numa informação anónima e veio disparado até aqui sem consultar mais ninguém. É isso que está a dizer? E a mulher que mora aqui deixou-o entrar? Sem fazer perguntas?

Patrik lançou um olhar à mulher que se encontrava ali perto.

– Bem, quer dizer, sei que em muitos países é preciso mostrar um documento qualquer, por isso pensei que seria mais fácil se também fizesse isso, portanto...

– Um documento? – perguntou Patrik, sem ter a certeza de querer ouvir a explicação.

– Sim, a mulher não fala sueco e também não parece compreender inglês. E eu tinha um certificado veterinário de *Ernst* no bolso. Levei-o ao veterinário no outro dia. Sabe que o *Ernst* anda com problemas de estômago e...

– Será que estou a perceber bem o que está a dizer-me? – interrompeu Patrik. – Em vez de esperar por reforços ou por um intérprete, entrou à força na residência de uma família de refugiados traumatizados, mostrando à mulher um certificado veterinário a fingir que era um mandado de busca?

– Sim. Mas porra, não ouviu o que eu disse? – O rosto de Mellberg estava vermelho como um tomate. – Trata-se de conseguir resultados! E eu encontrei

uma coisa! Encontrei as cuequinhas da menina. Com a imagem de *Frozen* de que a mãe falou. Estavam atrás da sanita. Com manchas de sangue!

Ninguém disse uma palavra. O único som que se ouvia era o choro das crianças. Ao longe viram um homem a correr na direção deles. Corria mais depressa à medida que se aproximava.

– Que aconteceu? Porque estão a falar com a minha família? – gritou em inglês assim que se aproximou o suficiente para ser ouvido.

Mellberg deu um passo na direção do homem para agarrá-lo pelo braço e torcê-lo por detrás das costas.

– Está preso.

Patrik olhou de relance para trás e viu a mulher a fitá-los enquanto as crianças continuavam a chorar. O homem não resistiu.

*

Tinha conseguido fazer aquilo. Estava à porta de casa de Marie. Ainda não tinha a certeza de ser a atitude correta, mas sentia uma pressão cada vez mais forte no peito.

Sanna respirou fundo e bateu à porta. O som pareceu-lhe um disparo e Sanna deu-se conta de como devia estar tensa.

Tem calma.

Então a porta abriu-se, e lá estava Marie. A inimitável Marie. Lançou a Sanna um olhar intrigado. Os bonitos olhos estreitaram-se.

– Sim?

Sanna tinha a boca seca e sentia a língua grossa. Aclarou a voz e forçou-se a falar.

– Sou a irmã da Stella.

A princípio, Marie deixou-se simplesmente ficar à entrada, uma sobancelha erguida. Então afastou-se.

– Entre – disse, e abriu caminho para dentro de casa.

Sanna seguiu-a até uma sala grande e aberta. As belas portas envidraçadas estavam abertas, de frente para um cais com vista para o porto de Fjällbacka. O sol da tarde brilhava, refletido na água.

– Quer tomar alguma coisa? Café? Água? Uma bebida?

Marie pegou num copo de champanhe pousado num banco e bebeu um gole.

– Não, obrigada – respondeu Sanna.

Não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Nos últimos dias andara a ganhar coragem e a pensar no que havia de dizer. Mas agora todas as palavras se tinham evaporado.

– Vamos sentar-nos – disse Marie, aproximando-se de uma grande mesa de madeira.

Do andar de cima veio o som de música *pop* alegre e Marie olhou para o teto.

– É a minha filha adolescente.

– Também tenho uma – disse Sanna, sentando-se à frente de Marie.

– Criaturas estranhas, as adolescentes. A Sanna e eu nunca tivemos a experiência de ser adolescentes.

Sanna olhou para a atriz. Marie estava a comparar a sua infância à dela? Os anos de adolescência de Sanna tinham-lhe sido roubados e Marie era a única responsável. Também roubara os próprios anos de adolescência. Mas Sanna não sentiu a raiva que imaginara ou que achava que devia sentir. A pessoa sentada à sua frente não parecia mais do que uma concha. Um exterior brilhante e perfeito, mas ressonantemente vazio por dentro.

– Soube o que aconteceu aos seus pais – disse Marie, tomando outro gole do que estava a beber. – Lamento muito.

As palavras soaram desprovidas de emoção e Sanna limitou-se a assentir. Já passara tanto tempo. Tinha apenas vagas memórias dos pais. Os anos tinham-nas varrido.

Marie pousou o copo.

– Porque veio cá? – perguntou.

Sanna sentiu-se a encolher sob o olhar de Marie. Todo o ódio que sentira, toda a irritação e toda a raiva pareciam um sonho distante. A mulher diante dela não era o monstro que a perseguira nos pesadelos.

– Foram vocês? – ouviu-se a perguntar. – A Marie e a Helen mataram a Stella?

Marie olhou para as mãos, parecendo estudar as unhas. Sanna perguntou a si própria se a atriz tinha ouvido a pergunta. Por fim, Marie olhou para cima.

– Não – respondeu. – Não fomos nós.

– Então porque é que disseram que foram? Porque disseram que a mataram?

A música no andar de cima deixou de se ouvir e Sanna teve a sensação de que alguém estava à escuta.

– Foi há muito tempo. Que importância tem isso?

Pela primeira vez havia uma certa emoção nos olhos de Marie. Cansaço. Marie parecia tão cansada como Sanna se sentia.

– Sim, tem importância – disse Sanna, inclinando-se para a frente. – Quem matou a minha irmã tirou-nos tudo. Não perdemos apenas a Stella, perdemos a

nossa família, perdemos a quinta... e eu fiquei sozinha.

Sanna endireitou-se.

Apenas se ouvia o mar a bater contra os pilares do cais.

– Vi alguém na floresta – acabou por dizer Marie. – Naquele dia. Vi alguém na floresta.

– Quem?

Sanna não sabia em que acreditar. Porque haveria Marie de dizer aquilo se as duas fossem culpadas? Não era ingênua a ponto de pensar que Marie fosse dizer a verdade quando passara trinta anos a professar a sua inocência, mas pensara poder ler a verdade na reação da atriz se conseguisse fazer-lhe a pergunta cara a cara. Mas o rosto de Marie era uma máscara. Nada era genuíno.

– Se eu soubesse, não teria passado trinta anos a clamar a minha inocência – disse Marie, levantando-se para encher o copo.

Tirou uma garrafa meio vazia do frigorífico e ergueu-a.

– De certeza que não quer?

– Não, obrigada – respondeu Sanna.

Uma memória agitou-se-lhe no fundo do subconsciente. Alguém na floresta. Alguém de quem costumava ter medo. Uma sombra. Uma presença. Algo em que não tinha pensado ao longo de cerca de trinta anos, mas que agora voltara a ser invocado pelas palavras de Marie.

Marie voltou a sentar-se.

– Então porque é que ambas confessaram? – perguntou a Sanna. – Quer dizer, se não a mataram?

– Não ia compreender.

Marie desviou o olhar, mas Sanna viu-lhe o rosto contorcido de dor. Por um segundo, aquela reação fê-la parecer um verdadeiro ser humano e não uma linda boneca. Quando Marie se virou de novo para Sanna, todos os vestígios de dor tinham desaparecido.

– Éramos crianças. Não compreendemos a gravidade da situação. E quando compreendemos, já era demasiado tarde. Todos pensaram que tinham a resposta e recusaram-se a ouvir qualquer outra coisa.

Sanna não sabia o que dizer. Sonhara com aquele momento durante tantos anos, tentara imaginá-lo, dera voltas e mais voltas às palavras que diria, às perguntas que faria. Mas afinal não havia palavras e o único pensamento que agora lhe povoava a mente era a memória distante de algo na floresta. De alguém na floresta.

Quando Sanna saiu sozinha pela porta de entrada, Marie estava de pé junto à bancada da cozinha, a encher o copo. No andar de cima, a música ouvia-se de novo. Já do lado de fora, Sanna reparou numa rapariga à janela no andar de cima. Acenou-lhe, mas a rapariga limitou-se a olhá-la fixamente. Depois virou-se e desapareceu.

*

– Bill! Acorda!

Bill acordou com um sobressalto quando ouviu Gun a chamá-lo. Devia ter-se esquecido de ativar o despertador antes da sesta da tarde.

– Que aconteceu? – conseguiu perguntar.

Gun nunca o acordava quando estava a dormir a sesta.

– O Adnan e o Khalil estão aqui.

– O Adnan e o Khalil?

Bill esfregou os olhos para tentar afastar o sono.

– Estão à espera lá em baixo. Aconteceu alguma coisa...

Gun não o olhou nos olhos, o que imediatamente deixou Bill alarmado. A mulher quase nunca perdia a compostura.

Desceu as escadas e viu Adnan e Khalil a andarem de um lado para o outro na sala de estar.

– Olá, rapazes! – disse em sueco, antes de mudar para inglês. – O que aconteceu?

Ambos começaram logo a falar em inglês e Bill teve de esforçar-se para entender o que estavam a dizer.

– O quê? O Karim? Falem mais devagar, rapazes. Pausadamente!

Adnan baixou a cabeça na direção de Khalil, que explicou. De repente, Bill ficou bem acordado. Olhou para Gun, que parecia tão indignada quanto ele próprio se sentia.

– Isso é uma loucura! A polícia levou-o? Não podem fazer isso!

Adnan e Khalil começaram outra vez a falar. Bill ergueu a mão.

– Calma, rapazes. Eu trato disto. Estamos na Suécia. A polícia não pode prender uma pessoa assim sem mais nem menos. Isto não é uma república das bananas!

Gun assentiu e Bill sentiu um agradável calor no peito.

Ouviram um rangido vindo do andar de cima.

– Eu disse.

Nils desceu as escadas. Tinha um brilho nos olhos que Bill nunca lhe tinha visto, um olhar que não queria ver.

– Eu não disse que só podia ter sido uma dessas baratas a matá-la? Toda a gente anda a falar nisso, a dizer que alguém no centro deve ter lido sobre o antigo caso e então aproveitou a oportunidade. Todos sabem como é a gente que lá vive. Os suecos são tão ingénuos! Esses refugiados não precisam de ajuda, estão apenas à procura de boa vida ou então são criminosos! – Nils tinha o cabelo espetado e estava tão agitado que as palavras lhe saíam em torrentes. O olhar que lançou a Adnan e a Khalil quase fez com que Bill ficasse sem fôlego. – És parvo se achas que isto é só uma questão de ajuda humanitária. Enquanto isso, deixamos que rebanhos de violadores e de ladrões nos entrem pelas fronteiras. Vocês deixaram-nos aproveitar-se de nós. Que idiotas de merda. Espero que percebam como estavam enganados. Espero que o monhé nojento que matou a miúda apodreça na prisão e...

A mão de Gun atingiu a face de Nils com um ruído que ecoou por toda a sala de estar. Nils arfou em busca de ar e lançou à mãe um olhar chocado. De repente, era outra vez uma criança.

– Vai para o inferno! – gritou, e subiu as escadas a correr com a mão na face.

Bill olhou para Gun, que olhava para a mão. Pôs-lhe o braço em torno dos ombros e então virou-se para encarar Adnan e Khalil, que não sabiam como reagir.

– Desculpem o meu filho. Não se preocupem. Vou resolver isto.

Estava maldisposto com toda aquela situação. Bill conhecia o sítio onde tinha nascido e as pessoas que lá moravam. Qualquer estrangeiro ou qualquer pessoa que fosse diferente nunca eram recebidos de braços abertos. Se um dos homens do centro de acolhimento de refugiados fosse suspeito de assassinar uma menina da terra, estava desgraçado.

– Vou à esquadra – disse Bill, enfiando os pés nuns mocassins. – Diz ao Nils que temos de ter uma conversa muito séria quando eu voltar – acrescentou.

– Vais ter de ficar na fila atrás de mim – retorquiu Gun.

Quando saiu com Adnan e Khalil, Bill olhou pelo espelho retrovisor e viu Gun de pé na entrada, os braços cruzados, a expressão sombria. Por um momento quase teve pena de Nils. Mas, quando registou o medo nos olhos de Adnan e de Khalil, toda a compaixão pelo filho se evaporou.

James subiu os degraus. O rumor que circulava pela vila dera-lhe ânimo e energia.

Abriu a porta da frente.

– Eu sabia! – disse, olhando para Helen, que se encolheu junto à bancada da cozinha.

– O que se passa?

A cor tinha-lhe desaparecido do rosto e, como era costume, James ficou impressionado por Helen ser tão fraca. Sem ele, teria estado perdida. Ensinara-lhe tudo, protegera-a contra tudo.

Sentou-se à mesa da cozinha.

– Café – disse. – Depois já te conto.

Helen acabara de fazer mais café, que estava naquele momento a ser filtrado. Tirou a chávena de James do armário, encheu-a e adicionou um pouco de leite. Nem de mais nem de menos.

– Prenderam uma pessoa implicada no assassinio da menina – disse James enquanto Helen pegava no recipiente para limpar a máquina de café.

O ruído do recipiente a atingir o chão surpreendeu-o tanto que James entornou café na parte da frente da camisa.

– Que se passa, raios? – gritou, saltando da cadeira.

– Desculpa, desculpa – balbuciou Helen, precipitando-se para ir buscar a vassoura e a pá.

Enquanto varria os cacos de vidro, James pegou no rolo de cozinha e limpou a camisa.

– Agora temos de comprar um novo recipiente – disse, voltando a sentar-se. – Sabes perfeitamente que não andamos a nadar em dinheiro.

Helen continuou silenciosamente a varrer os cacos de vidro. Tinha aprendido ao longo dos anos: era melhor não dizer nada.

– Estava na praça quando ouvi dizer – disse. – Foi um daqueles tipos do centro de acolhimento de refugiados. Ninguém está minimamente surpreendido.

Helen parou por um momento, os ombros caídos. Depois começou novamente a varrer.

– A polícia tem a certeza? – perguntou, despejando os fragmentos de vidro num pacote de leite vazio que colocou cuidadosamente no balde do lixo.

– Não sei os pormenores – respondeu James. – Só ouvi dizer que prenderam um tipo. A polícia sueca pode não ser particularmente eficiente, mas não prende pessoas sem motivo.

– Pois – disse Helen, limpando a bancada com um pano que depois torceu e pendurou muito esticado na torneira.

Virou-se para encarar James.

– Quer dizer que acabou.

– Sim, acabou. Já acabou há muito tempo. Eu protejo-te. Foi o que sempre fiz.

– Eu sei – disse Helen, baixando os olhos. – Obrigada, James.

*

Foram acordados pelo ruído da porta a estilhaçar-se. No segundo seguinte estavam no quarto a agarrar-lhe os braços, a arrastá-lo para longe. O primeiro instinto de Karim fora resistir, mas quando ouviu os filhos a gritar, cedeu. Não queria que o vissem a ser brutalmente espancado. Era o que tinha acontecido a tantos outros, por isso sabia que não adiantava oferecer resistência.

Depois mandaram-no sentar-se num chão frio e húmido, numa sala sem janelas. Era incapaz de dizer se era dia ou noite lá fora e os gritos dos filhos ainda lhe ressoavam nos ouvidos.

Tinha sido repetidamente agredido e tinham-lhe feito as mesmas perguntas vezes sem conta. Sabiam que Karim encontrara documentos que indicavam quem é que em Damasco trabalhava contra o regime e queriam esses documentos. Sem demora. De início, Karim recusara, insistindo que, como jornalista, não podia ser forçado a revelar as suas fontes. Mas seguiram-se dias de tortura e, por fim, Karim deu-lhes o que queriam. Deu-lhes nomes, deu-lhes lugares. Quando adormeceu, brevemente, inquieto, sonhou com as pessoas que tinha nomeado, imaginou-as a serem arrastadas das suas casas enquanto os filhos gritavam e as mulheres soluçavam.

Em cada minuto de vigília arranhava os braços para evitar pensar em todas as vidas que tinha destruído. Arranhou-os até o sangue escorrer, deixando feridas que ficaram sujas e infetadas.

Passadas três semanas libertaram-no e, apenas um dia depois, Karim e Amina embalaram os poucos bens que possuíam. Amina tocou-lhe cautelosamente nas feridas dos braços, mas Karim nunca contou o que tinha feito. Era o seu segredo, a sua vergonha, algo que nunca poderia partilhar com a mulher.

Karim inclinou a cabeça contra a parede. Apesar de a divisão onde agora se encontrava ser fria e despida, estava limpa e o sol brilhava através de uma pequena janela. Mas a sensação de impotência era a mesma. Pensava que a

polícia não era autorizada a espancar presos na Suécia, mas não tinha a certeza. Era um estrangeiro num país estrangeiro e não conhecia as regras.

Pensava que tinha deixado tudo para trás quando chegara àquela nova terra, mas os gritos dos filhos estavam novamente a ressoar-lhe nos ouvidos. As unhas enfiaram-se nas cicatrizes dos braços. Lentamente, bateu com a testa na parede da pequena cela, enquanto os ruídos da rua lhe chegavam pela janela gradeada.

Talvez aquele fosse o seu destino, o seu castigo pelo que tinha feito àqueles que ainda lhe assombravam os sonhos. Pensava que tinha conseguido fugir, mas ninguém consegue escapar aos olhos de Deus que tudo veem.

O Caso Stella

– O que é que vai acontecer às raparigas?

Kate amassava a massa com os dedos fortes e flexíveis. Leif adorava vê-la a fazer aquilo. Há quarenta anos que a observava: de pé, junto à bancada da cozinha, com farinha no rosto e um cigarro pendurado nos lábios. Sempre de sorriso pronto. Viola tinha herdado o sorriso e a disposição radiosa da mãe. E a criatividade. Os rapazes eram mais parecidos com ele. Quase levavam a vida demasiado a sério. Roger, o mais velho, era contabilista, enquanto o mais novo, Christer, trabalhava numa agência de recrutamento. Nenhum deles parecia divertir-se muito.

– São demasiado novas para serem detidas, por isso, o assunto vai ser tratado pela Segurança Social.

– Bem, dito assim soa tão frio. Estamos a falar de duas crianças.

A farinha rodopiava em torno de Kate. Por detrás dela, o sol brilhava pela janela da cozinha e iluminava-lhe a penugem fofa que lhe crescia na cabeça. O couro cabeludo parecia translúcido e etéreo à luz, com os vasos sanguíneos a pulsar-lhe sob a pele. Leif teve de se conter para não se levantar e abraçar a mulher. Kate detestava ser tratada como uma pessoa fraca.

Kate nunca fraquejara. Depois de um ano de quimioterapia, ainda era a pessoa mais forte que Leif conhecia.

– Tens de deixar de fumar – disse suavemente Leif enquanto Kate sacudia a cinza do cigarro antes que fosse parar ao pão.

– Não, tu é que tens de deixar de fumar – disse Kate, e Leif riu-se e abanou a cabeça.

Kate era impossível. Já tinham tido aquela conversa muitas vezes. Estava sempre mais preocupada com ele do que com ela própria. O absurdo da situação só fazia com que a amasse mais, o que Leif nunca pensara ser possível.

– Então e o que vai acontecer? – insistiu Kate.

– A Segurança Social vai determinar o que será melhor para as raparigas, e não faço ideia do que vão recomendar.

– Mas se tivesses de adivinhar?

– Se tivesse de adivinhar, diria que a Helen vai ser autorizada a ficar com a família, ao passo que a Marie será entregue a uma família de acolhimento.

– E achas que essa seria a decisão certa? – perguntou, dando outra passa no cigarro.

Leif refletiu sobre a pergunta. Queria dizer que sim, mas alguma coisa o incomodava. Incomodava-o desde que conversara com as raparigas, mas não conseguia perceber o que era.

– Sim, acho que essa é a decisão certa – disse.

Kate parou de amassar a massa.

– Não pareces muito convencido. Tens dúvidas sobre a culpabilidade delas?

– Não, não vejo nenhuma razão para que duas raparigas de treze anos confessassem um homicídio se não o tivessem cometido. É a decisão certa. A Helen tem um ambiente doméstico estável, ao passo que a casa de Marie... Bem, provavelmente foi o que a pôs neste caminho, que a transformou na instigadora.

– Instigadora? – perguntou Kate, com os olhos marejados de lágrimas. – É uma criança. Como pode uma criança ser... instigadora?

Como poderia explicar aquilo a Kate? Como poderia falar-lhe da maneira estranhamente calma como Marie confessara ter matado Stella, descrevendo passo a passo o que acontecera? Kate via sempre o lado bom de todas as pessoas.

– Acho que assim será melhor. Para ambas.

– Se calhar tens razão – disse Kate. – Sempre foste um bom avaliador de personalidades. É por isso que és bom polícia.

– Tu é que me fazes ser bom polícia. Porque me fazes ser boa pessoa – disse simplesmente.

Kate parou o que estava a fazer. As mãos fortes começaram de repente a tremer. Levou uma mão enfarinhada à cabeça. Depois desatou a chorar.

Leif levantou-se e abraçou-a. Era tão delicada como um pássaro. Encostou a cabeça de Kate ao peito. Restava-lhes tão pouco tempo. Talvez apenas um ano. Nada mais importava. Nem mesmo as duas crianças que estavam prestes a entrar no sistema da Segurança Social. Tinha feito o seu trabalho. Agora tinha de se concentrar no que era mais importante.

*

– CONVOQUEI ESTA REUNIÃO porque precisamos de descobrir exatamente o que aconteceu.

Patrik olhou para os colegas enquanto Mellberg dava uma palmadinha na barriga.

– *Okay*, vejo que estão um pouco surpreendidos – disse o superintendente. – É óbvio que não acompanharam os desenvolvimentos. Mas é assim que as coisas funcionam com o trabalho policial a preceito. Se fizermos o trabalho de fundo, mais cedo ou mais tarde chegamos àquele momento decisivo em que tudo se resume a estar no sítio certo à hora certa. E, permitam-me dizê-lo, um dos meus talentos é fazer exatamente isso.

Calou-se e observou os outros. Ninguém falou. Mellberg enrugou a testa.

– Seria muito incómodo da vossa parte dedicarem-me algumas palavras de louvor? Não é que estivesse à espera de uma ovação de pé ou assim, mas essa demonstração flagrante de ciúmes não é muito apropriada.

Patrik estava a ferver. Estava tão irritado que até tinha medo de dizer alguma coisa. Mesmo para alguém com a monumental estupidez de Mellberg, aquela última façanha era completamente inacreditável.

– Bertil... Em primeiro lugar, foi um erro flagrante não informar os colegas de que recebeu um telefonema anónimo. Todos podemos ser contactados por telemóvel, por isso podia ter falado facilmente com um de nós. Em segundo lugar, não compreendo como foi capaz de ir até ao centro de acolhimento de refugiados sem qualquer tipo de reforços. Pelo menos tinha levado um intérprete. Estou perplexo por alguém com a sua experiência poder ter cometido um erro assim. Terceiro: exibir um certificado veterinário e entrar à força em casa de uma mulher que não fazia a mais pequena ideia do que o Bertil estava a dizer é tão... tão...

Patrik deteve-se. Cerrou os punhos e respirou fundo. Depois percorreu a sala com os olhos.

Estava silenciosa o suficiente para se ouvir um alfinete a cair no chão. Todos os outros tinham os olhos fixos na mesa, sem se atreverem a olhar para Patrik ou para Mellberg.

– Que diabo! – explodiu Mellberg. O rosto estava lívido de fúria. – Entrego o assassino de uma criança de bandeja e sou esfaqueado nas costas pelos meus próprios colegas! Não pensem que não sei porque estão a fazer isto. Ciúmes

puros, tudo porque serei eu a receber os louvores por desvendar o caso! Bem, deixem-me dizer-vos uma coisa: eu mereço os louvores! Enquanto vocês andavam a perseguir a família da criança, mesmo que fosse perfeitamente óbvio para toda a gente destas bandas que temos um maldito centro de acolhimento de refugiados repleto de criminosos ao virar da esquina, eu confiei em que o meu instinto de polícia me conduzisse diretamente ao responsável pela morte da Nea. É isso que nenhum de vocês consegue suportar: fiz o que vocês não foram capazes de fazer. Têm sempre de ser tão politicamente corretos, mas às vezes uma espada é uma espada! Olhem, vão todos para o inferno, todos!

Mellberg saltou do assento, o ninho de cabelo pendurado sobre a orelha esquerda, e saiu da sala, batendo com a porta com tanta força que as janelas estremeceram.

Por um momento, ninguém falou. Então, Patrik respirou fundo.

– Pronto, até não correu nada mal – disse. – Que fazemos agora? Estamos para aqui sentados com uma confusão das grandes em mãos e temos de resolver isto de alguma forma.

Martin ergueu a mão, e Patrik fez-lhe sinal com a cabeça para que falasse.

– Temos algum motivo para manter Karim sob custódia?

– Sim, temos, já que encontrámos umas cuequinhas em casa dele que combinam com a descrição que Eva Berg nos forneceu. No entanto, apesar de terem a imagem da *Frozen*, ainda não temos nenhuma prova de terem pertencido à Nea, ou de ter sido Karim quem as escondeu. Temos de avançar com cautela. Pelo modo como Karim e a mulher reagiram quando o trouxemos, é óbvio que passaram por um momento traumático no país natal.

– Mas e se o Karim for realmente o criminoso? – perguntou Paula.

Patrik fez uma pausa antes de responder.

– É possível, mas o facto de a informação ter sido veiculada por um telefonema anónimo faz-me duvidar. O assassino pode ter lá posto as cuequinhas para transferir a culpa para outra pessoa. Temos de continuar focados e fazer um trabalho policial minucioso. Tudo deve ser feito de acordo com os regulamentos.

– Antes de começarmos – disse Gösta –, tenho de vos pôr ao corrente de um telefonema de Uddevalla sobre o pedófilo Tore Carlson. De acordo com os vizinhos, Carlson não esteve em casa nas últimas semanas e ninguém sabe onde está.

Todos trocaram olhares.

– Não nos precipitemos – disse Patrik. – Pode ser apenas uma coincidência. Uddevalla tem de continuar à procura de Tore Carlson enquanto trabalhamos nas

pistas que temos.

– Annika, descobre tudo o que pudes sobre essa chamada anónima. Uma vez que essa pessoa ligou para a esquadra, a chamada está gravada; temos de ouvir o que foi dito e ver se isso nos dá alguma ideia. Gösta, tira uma fotografia das cuequinhas encontradas na casa de Karim e mostra-a a Eva e a Peter. Queremos saber se conseguem identificá-las como sendo de Nea. Martin e Paula, vejam o que conseguem descobrir sobre o passado de Karim. Tem antecedentes criminais? Que dizem os outros no centro? Enfim, esse género de coisas.

Depois de ter distribuído as tarefas, Patrik tentou relaxar, baixando os ombros. A irritação tornara-lhe o corpo tão tenso como uma corda de violino e o coração estava a bater demasiado depressa. O *stress* e a tensão podiam ter consequências fatais para ele, e a última coisa que queria era ir parar de novo ao hospital. Não podiam de todo dar-se a esse luxo.

A frequência cardíaca diminuiu para um ritmo mais normal e Patrik suspirou de alívio.

– Vou ver se consigo fazer com que Karim fale. Está em estado de choque, mas com um pouco de sorte talvez seja capaz de nos ajudar a esclarecer tudo isto.

Olhou em redor para os rostos desanimados.

– Sei exatamente como se sentem, mas deem o vosso melhor e faremos com que esta investigação volte a encarrear. Não é a primeira vez que o Mellberg faz cenas destas e não há dúvida de que voltará a fazê-las. Não temos alternativa senão lidar com isso o melhor que podemos.

Sem esperar por uma resposta, pegou no bloco-notas e dirigiu-se à zona da esquadra onde a cela estava localizada. Ao passar pela receção, a campainha tocou, e Patrik abriu a porta. Do lado de fora estava Bill Andersson, indignado. Patrik suspirou para dentro. Como temia, a tempestade aproximava-se.

*

Erica tinha deitado os filhos mais cedo. Agora, estava confortavelmente instalada no sofá com um copo de vinho tinto e uma tigela de nozes. Tinha fome e devia ter encontrado algo mais substancial para comer, mas achava tão maçador cozinhar só para si. Patrik enviara uma mensagem a dizer que provavelmente não chegaria a casa antes de ela se ir deitar.

Tinha levado para baixo várias pastas que estavam na secretária para poder revê-las. Demorava a processar todo o material. O método de Erica era reler

muitas vezes os artigos e as folhas impressas enquanto olhava igualmente para as fotos, tentando ver tudo com novos olhos.

Depois de ponderar sobre como começar, alcançou o arquivo com o rótulo «Leif». Seria inevitavelmente uma das personagens principais do livro, mas ainda tinha perguntas que precisavam de respostas. Porque mudou de ideias? Porque é que de início estava firmemente convencido de que Helen e Marie tinham matado Stella e depois começou a ter dúvidas? E porque se terá suicidado? Terá sido apenas uma depressão depois da morte da mulher, ou houve outro motivo?

Pegou nas cópias do relatório da autópsia e nas fotografias que foram tiradas ao corpo de Leif. Estava inclinado sobre a secretária do escritório de casa, com um copo de *whisky* ao lado e uma pistola na mão direita. O rosto estava virado para a arma e o sangue brotara-lhe da cabeça e formava uma grande poça coagulada. Tinha uma ferida visível na têmpora e os olhos estavam muito abertos e vidrados. De acordo com o relatório da autópsia, Leif estava morto há cerca de vinte e quatro horas quando um dos filhos o encontrou.

Os filhos declararam que a arma pertencia a Leif, e o número de série confirmou-o. Leif tinha pedido uma licença de porte de arma porque, depois de se reformar, passou a praticar tiro ao alvo.

Erica folheou os documentos, procurando um relatório de balística, mas não encontrou nada. Franziu a testa. Isso preocupava-a, porque sabia que tinha reunido todo o material relacionado com a morte do ex-agente. Ou não fora feita nenhuma análise à bala e à arma, ou o relatório tinha-se perdido. Erica pegou no bloco e anotou as palavras «relatório de balística» seguidas de um ponto de interrogação. Não tinha motivos para acreditar que pudesse ter havido qualquer falha na investigação do suicídio de Leif, mas não gostava que faltassem peças do *puzzle*. Valia a pena investigar, mas Leif morrera há quinze anos, por isso seria preciso um grande golpe de sorte para localizar qualquer um dos indivíduos que tinham trabalhado nos aspetos técnicos e forenses da investigação.

Não importava, teria de esperar até ao dia seguinte. Era quase noite e demasiado tarde para fazer alguma coisa a esse respeito. Recostou-se nas almofadas do sofá e apoiou os pés na mesa de apoio, em cima das pastas e dos documentos. O vinho sabia divinamente, mas talvez devesse abster-se de beber durante um mês depois do fim das férias de verão. Sabia que não estava sozinha no que tocava a encontrar desculpas para tomar um copo de vinho por dia durante o verão, mas isso não melhorava as coisas. Ia definitivamente abster-se de beber durante um mês. Em setembro.

Satisfeita consigo própria por ter tomado uma decisão tão saudável, permitiu-se outro gole de vinho e saboreou o calor que lhe percorreu o corpo. Perguntou-se o que teria acontecido para que Patrik ficasse na esquadra até tão tarde, mas sabia que não adiantaria perguntar-lhe até ele chegar a casa.

Erica inclinou-se para frente para olhar para as fotografias de Leif, caído sobre o tampo da secretária com o sangue como um halo vermelho em redor da cabeça. Não conseguia deixar de se interrogar sobre o motivo do suicídio do agente. Sabia que as pessoas muitas vezes perdiam a vontade de viver quando o parceiro que amavam morria. Mas Leif tinha os filhos e já se haviam passado vários anos desde a morte da mulher. E porque é que se envolveria num caso antigo se não queria continuar a viver?

*

No carro, Bill bateu com o punho no volante depois de terem saído da esquadra. Karim ia sentado ao seu lado em silêncio, olhando pela janela. A hora do crepúsculo fazia com que o céu brilhasse em tons de lilás e cor-de-rosa, mas Karim só conseguia ver a escuridão que ele próprio criara. O que acontecera durante o dia provava que era impossível escapar ao facto de ser culpado, que Deus tinha visto o que tinha feito e estava a castigá-lo por isso.

Karim não sabia quantas vidas lhe pesavam na consciência. As pessoas que nomeou desapareceram sem deixar rasto e ninguém sabia o que tinha sido feito delas. Talvez estivessem vivas, talvez não. A única certeza era que as mulheres e os filhos choravam todas as noites antes de dormir.

Karim salvou a própria pele traindo os outros. Como pôde alguma vez ter acreditado que ia conseguir viver com isso? Durante o voo para a Suécia perdera-se nos pensamentos de construir uma nova vida longe do país natal. Mas a velha vida, o velho país, os velhos pecados continuaram a viver dentro dele.

– É um escândalo, mas não te preocupes, vou resolver-te o problema. *Okay?*

Embora não conseguisse compreender tudo o que dizia, era óbvio que a voz de Bill estava ferida de emoção, e Karim sentia-se agradecido por alguém acreditar nele e estar do seu lado. Mas não merecia. As palavras de Bill foram afogadas pelas vozes árabes que ouvia dentro da cabeça, repetidas vezes: «Diz-nos a verdade.»

As baratas enxameavam pelo chão, movendo-se rapidamente sobre as manchas de sangue daqueles que tinham ocupado a cela antes dele. Tinha dado aos interrogadores tudo o que queriam. Sacrificara pessoas corajosas para se salvar.

Quando o polícia sueco disse que teria de ir até à esquadra, Karim não oferecera resistência. Afinal de contas, era culpado. Culpado perante Deus. Tinha sangue nas mãos. Não era digno daquele novo país. Não era digno de Amina, de Hassan e de Samia. Nada poderia mudar isso. E não conseguia compreender como tinha sido capaz de se enganar a ponto de acreditar em qualquer outra coisa.

Quando Bill o deixou em casa, Amina estava à entrada, à espera. Os olhos escuros estavam repletos do mesmo medo que sentira naquela manhã em Damasco, quando a polícia o levava à força. Não conseguiu encarar a mulher quando passou por ela e foi deitar-se na cama.

Fitou a parede, de costas para a porta. Uma hora mais tarde, Karim ouviu-a a despir-se e depois a deitar-se ao lado dele. Cautelosamente, Amina pôs-lhe a mão nas costas. Não a afastou, fingindo estar a dormir.

Karim sabia que não conseguiria enganá-la. Sentiu o corpo da mulher a tremer por causa dos soluços e ouviu-a murmurar uma oração em árabe.

*

Rita entrou no vestíbulo quando Mellberg fechou a porta da frente com estrondo.

– Chiu – disse. – O Leo está a dormir no sofá e a Johanna está lá em baixo a deitar a Lisa. O que aconteceu?

Mellberg sentiu o cheiro de *chili* a ser cozinhado e por um momento a irritação que sentia atenuou-se e o estômago falou mais alto. Então, o superintendente lembrou-se da humilhação que sofrera e a raiva veio novamente ao de cima.

– Hoje, os meus pretensos colegas apunhalaram-me pelas costas – afirmou, descalçando-se à pressa, o que fez com que os sapatos fossem parar ao meio do tapete do vestíbulo.

Um olhar de relance de Rita fê-lo inclinar-se e pegar neles. Depois colocou-os perfeitamente alinhados na sapateira à esquerda da porta.

– Entra e conta-me o que aconteceu – disse Rita, dirigindo-se à cozinha. – Tenho a comida ao lume e não quero que se queime.

Resmungando para si, Mellberg seguiu-a. Afundou-se numa cadeira da cozinha, inalando o ar. Algo cheirava muito bem.

– Então conta lá – pediu Rita. – Mas fala baixo para não acordares o Leo.

Abanou uma colher de pau na direção do companheiro.

– Talvez devesse comer alguma coisa primeiro. Estou tão chateado. Nunca fui tão maltratado em toda a minha carreira. Bem, houve aquela situação em 1986, em Gotemburgo, quando o meu chefe...

Rita ergueu a mão.

– O *chili* está pronto daqui a dez minutos. Porque não te aconchegas no sofá com o Leo enquanto esperas? O menino fica tão querido quando dorme no sofá. Depois podes contar-me tudo enquanto comemos.

Mellberg fez o que Rita disse e dirigiu-se à sala de estar. Nunca tinham de pedir-lhe duas vezes para fazer companhia ao menino que era seu afilhado. Bertil tinha estado presente no nascimento de Leo e, desde então, tinham um relacionamento especial. A visão da criança adormecida no sofá fez com que a pulsação do superintendente abrandasse. Leo era a melhor coisa que alguma vez lhe acontecera. Bem, além de Rita, claro. Mas a companheira também tinha tido sorte com ele. Nem todas tinham um homem tão louvável ao seu lado. Às vezes parecia que Rita não compreendia nem apreciava completamente tal facto. Mas sem dúvida que o faria com o passar dos anos. Era o género de homem que se tornava melhor à medida que o tempo passava.

Leo agitou-se enquanto dormia e Mellberg afastou-o suavemente para abrir espaço no sofá. O menino estava bronzeado e o cabelo tinha um tom mais claro por causa do sol. Estendeu a mão para pôr para trás uma madeixa que lhe caíra sobre o rosto. Que criança tão doce. Mellberg mal conseguia acreditar que não fossem da mesma família. Mas tinha de haver algum fundo de verdade no que as pessoas diziam sobre a forte influência daqueles de quem nos rodeávamos na vida.

Rita chamou-o da cozinha para lhe dizer que o jantar estava pronto, por isso Mellberg levantou-se sem acordar Leo. Avançou em bicos de pés até à cozinha e sentou-se à mesa. Rita provou a comida da caçarola uma última vez e tirou duas tigelas do armário.

– A Johanna vem jantar quando a Lisa adormecer. Mas mais vale começarmos. Onde está a Paula?

– A Paula? – bufou Mellberg. – Bem, o problema é esse. Espera até ouvires isto.

Contou-lhe tudo o que tinha acontecido na reunião: como tomara a decisão profissional e bem pensada de investigar o assunto por sua conta, como tivera a ideia de utilizar o certificado veterinário de *Ernst* para entrar na casa dos refugiados, como encontrara as cuequinhas da criança escondidas atrás da sanita e como esperara uma ovação de pé pelo excelente trabalho policial. E, por fim,

como ficou chocado pelo modo atroz como tinha sido tratado pelos colegas. Mellberg fez uma pausa para recobrar o fôlego e olhou para Rita, esperando ser recompensado com afabilidade e com a grande tigela de *chili* que a companheira lhe servia.

Mas Rita não disse uma palavra e Mellberg não gostou da expressão que lhe viu nos olhos. Depois, ela pegou na tigela do superintendente e voltou a deitar a comida da caçarola.

Cinco minutos mais tarde, Mellberg estava na rua. Alguma coisa foi lançada da varanda do terceiro andar e aterrou com um ruído surdo no passeio. Um saco. Pelo som, o saco não devia conter mais do que uma escova de dentes e uns boxers. Da varanda, Mellberg ouviu em voz alta uma longa série de palavrões em espanhol. Parecia que já não era importante falar baixo para não acordar Leo.

Com um suspiro pesado, Mellberg pegou no saco e começou a afastar-se. Parecia que o mundo inteiro se virara contra ele.

*

Patrik estava exausto quando abriu a porta de casa. Mas entrar no vestíbulo era como ser envolvido num abraço caloroso. Para lá do alpendre, o pôr-do-sol de fim de tarde incendiava o céu e o mar, e Patrik ouvia o crepitar da lareira na sala. Algumas pessoas podiam dizer que eram loucos por acender a lareira naquelas noites quentes de verão, mas achavam que uma atmosfera acolhedora era mais importante, e quando ficava demasiado quente limitavam-se a abrir as janelas.

Viu que a luz da televisão cintilava quando entrou na sala. Naquela tarde, mais do que nunca, precisava de aconchegar-se em Erica.

O rosto da mulher iluminou-se quando o viu. Patrik afundou-se no sofá ao lado dela.

– O dia correu mal? – perguntou, e Patrik limitou-se a assentir.

O telefone tocara sem parar. Annika atendera chamada atrás de chamada de jornalistas, de «cidadãos interessados» e de maluquinhos. Todos faziam a mesma pergunta: «É verdade que a polícia prendeu um refugiado do centro de acolhimento por causa do homicídio da menina?» Os vespertinos tinham sido especialmente agressivos e, por essa razão, Patrik convocara uma conferência de imprensa para as oito da manhã do dia seguinte. Não ia dormir muito naquela noite, porque precisava de se preparar e de pensar exatamente no que queria dizer. A alternativa seria empurrar Mellberg para a frente de um autocarro, mas

na esquadra protegiam-se sempre uns aos outros. Era assim. Para o melhor e para o pior.

– Conta-me – pediu Erica, descansando a cabeça loura no ombro do marido.

Ergueu um copo de vinho tinto na direção de Patrik, que abanou a cabeça. Na manhã seguinte, tinha de ter a mente tão fresca quanto possível.

Contou-lhe toda a história, não omitindo nada.

– Deves estar a gozar! – disse Erica, endireitando-se no sofá. – Que vais fazer? Como vais lidar com isto?

– Nunca me senti tão envergonhado como quando fui àquela cela. O Karim tinha arranhado os braços até fazer sangue e tinha uma expressão completamente vazia.

– Não tens nada de que envergonhar-te – afirmou Erica, acariciando-lhe a face.

– Já começaram a circular rumores?

– Sim, receio que sim. Neste momento, estamos a observar em pleno o lado negro da humanidade. Toda a gente diz que «sempre soube que só podia ter sido um daqueles estrangeiros a matá-la».

Patrik massajou a testa.

De repente tudo se complicara muito. Adorava aquela terra e as pessoas que lá viviam, mas também sabia como era fácil serem dominadas pelo medo. Em Bohuslän, as pessoas apegavam-se à tradição e a região sempre fora um terreno fértil para as suspeitas e a desconfiança em relação a estranhos. Às vezes, pensava que nada realmente mudara desde os dias de Henrik Schartau, o pastor pietista luterano do século XVIII. Ao mesmo tempo, pessoas como Bill eram a prova de que também havia bondade na comunidade.

– Que dizem os pais da menina? – perguntou a Erica, desligando a televisão para que a única luz na sala viesse das velas e da lareira.

– Ainda não sabem, pelo menos não por nós. Embora já devam ter ouvido de outras pessoas. Mas o Gösta vai até casa dos Berg de manhã cedo. Vai mostrar-lhes uma foto das cuequinhas para ver se as reconhecem.

– Como correram as buscas na quinta?

– Só conseguimos revistar a quinta antes de Mellberg nos convocar a todos e à equipa do Torbjörn para o centro de acolhimento de refugiados. Os técnicos estavam prestes a começar o trabalho no celeiro, mas agora isso terá de esperar. Talvez já nem seja necessário.

– Como assim? Achas que o culpado sempre pode ser o Karim?

– Não sei – disse Patrik. – Há demasiadas coisas que me levam a crer que possa estar a ser incriminado. Quem fez o telefonema? Como sabiam onde as

cuequinhas tinham sido escondidas na casa de Karim? Ouvimos a gravação e, apesar de a voz da pessoa que telefonou estar distorcida de alguma forma, ouvia-se claramente que falava sueco sem qualquer sotaque. O que imediatamente me faz desconfiar de preconceitos em relação a Karim. Mas talvez esteja a ser cínico.

– Não, eu pensaria o mesmo – disse Erica.

Patrik podia praticamente ver as engrenagens a girar dentro da cabeça da mulher.

– O Karim foi um dos refugiados do centro que se juntaram ao grupo de busca?

Patrik assentiu.

– Sim, foi um dos três homens que encontraram o corpo da Nea. E teria sido uma boa oportunidade para apagar qualquer vestígio. Se descobrirmos pegadas, fibras ou qualquer outra prova no local a apontar na sua direção, Karim pode simplesmente dizer que ocorreram depois de o corpo ter sido encontrado.

– Não parecem atos de um criminoso principiante, se tiver pensado em tudo com tanto cuidado.

– Pois, concordo. O problema é que não sabemos nada sobre os antecedentes dele, exceto que veio para cá como refugiado. Sabemos apenas o que nos contou, para além dos documentos que as autoridades suecas possam ter emitido depois de cá ter chegado. O que é zero. E eu fiquei com boa impressão dele depois da nossa conversa. Quando percebeu do que se tratava, o Karim disse que a mulher podia fornecer-lhe um álibi e que não fazia ideia de como as cuequinhas tinham ido parar a sua casa. Como a mulher e os filhos estavam tão perturbados, deixei-o sair depois de ter prometido comparecer a uma audiência amanhã.

Erica bebeu um gole de vinho. Pensativamente, girou o copo na mão.

– O que é isto? – perguntou Patrik, alcançando um anúncio colorido que estava entre os papéis e arquivos espalhados na mesa de apoio.

Estava demasiado cansado para continuar a debater o caso. Queria pensar noutra coisa antes de começar a preparar a conferência de imprensa.

– É um anúncio da inauguração de uma exposição, amanhã. A filha do Leif Hermansson, a Viola, exhibe algumas das suas pinturas. Telefonou-me há pouco a dizer que poderia ter uma coisa para me contar e pediu-me para ir ter com ela à galeria.

– Parece emocionante – disse Patrik, pousando o anúncio.

As pinturas eram bonitas, mas a arte não era realmente a sua praia. Preferia fotografias, sobretudo a preto e branco. A sua preferida era um grande cartaz

emoldurado com uma foto a preto e branco de *The Boss* em ação no Wembley Stadium durante a *tournee Born in the USA*. Para isso valia a pena olhar. Isso era arte.

Erica pôs a mão no joelho de Patrik e levantou-se.

– Vou deitar-me. Vens comigo? Ou vais ficar por aí mais algum tempo?

Recolheu todos os papéis e arquivos da mesa de apoio e pô-los debaixo do braço.

– Vai andando, meu amor. Ainda tenho umas horas de trabalho pela frente. Convoquei uma conferência de imprensa para as oito da manhã.

– Que bom – disse secamente Erica, lançando-lhe um beijo.

O ecrã do telemóvel de Patrik iluminou-se. Tinha desligado o som, mas quando viu o nome *Gösta*, pegou no aparelho.

Gösta falou rapidamente, parecendo perturbado, e Patrik sentiu um aperto no coração.

– Vou já para aí – disse, desligando a chamada.

Um minuto depois estava no carro. Enquanto o *Volvo* avançava para Tanumshede, vislumbrou as luzes da casa no espelho retrovisor. E a silhueta de Erica à entrada, a vê-lo partir.

*

Um homem saltou para a sua frente e deu-lhe um tiro no peito.

Khalil pestanejou. Tinha os olhos secos e irritados, não apenas por causa de todos os jogos de vídeo com que se entretinham, mas também por causa do vento que lhe fustigara o rosto durante a longa aula de vela. Embora ainda estivesse com medo, ansiava pelas sessões de treino. Pelo menos eram diferentes de tudo o que já fizera.

– Vi o Karim chegar a casa – disse Adnan, atingindo um soldado inimigo na cabeça. – O Bill deu-lhe boleia.

Tinham desligado todas as luzes e o brilho do ecrã da televisão era a única coisa que iluminava o quarto.

– Sabes porque é que a polícia o levou? – perguntou Adnan.

Khalil pensou nas crianças a chorar e em Amina, que tinha lançado a todos um olhar orgulhoso antes de fechar a porta.

– Não faço ideia – respondeu. – Teremos de perguntar ao Rolf amanhã de manhã.

Outro soldado inimigo caiu e Adnan ergueu o punho em sinal de vitória. Acabara de ganhar uma data de pontos.

– A polícia daqui não é como a da nossa terra – disse Khalil, embora pudesse ouvir a incerteza na própria voz.

Na verdade, não sabia muito sobre a polícia sueca. Talvez fossem tão bárbaros como os sírios.

– Mas que poderiam ter contra o Karim? Não acredito que...

Khalil interrompeu Adnan.

– Chiu! Ouve!

Desligou o som da consola e ambos se puseram atentamente à escuta. Ouviram gritos vindos do exterior.

– O que será isto?

Khalil pousou o comando da consola. Ouviram mais gritos. Olhou para Adnan, que também pousou o comando. Saíram juntos, da sala. Os gritos eram agora mais altos.

– Fogo! – alguém gritou, e viram as chamas a subir ao céu a cinquenta metros de distância. Da casa de Karim.

As chamas aproximavam-se rapidamente deles.

Farid apareceu a correr com um extintor de incêndio, mas logo o atirou ao chão frustrado.

– Não funciona!

Khalil agarrou o braço de Adnan.

– Temos de ir buscar água!

Viraram-se e gritaram a todos aqueles que conheciam para trazerem água. Sabiam onde estava a mangueira com que Rolf costumava regar o relvado em torno do edifício do escritório, e foi para aí que correram, mas não conseguiram encontrar nenhum recipiente para transportar a água.

– Vão buscar panelas, baldes, bacias, tudo o que tiverem! – gritou Khalil. Precipitou-se para o quarto que partilhava com Adnan e pegou em duas panelas.

– Temos de chamar os bombeiros! – gritou Adnan, e Khalil assentiu, ligando a água.

Naquele momento, ouviram as sirenes a aproximar-se.

Khalil virou-se, baixando a panela que segurava. Deixou escorrer a água. O vento tinha feito com que as chamas se espalhassem rapidamente pelos antigos edifícios de madeira ressequidos pelo calor e uma fila inteira estava agora a arder. Uma criança gritava estridentemente.

Então ouviu Karim berrar e viu-o sair a correr da casa em chamas. Estava a arrastar alguém para fora. Amina.

As mulheres choravam, levantando as mãos para o céu noturno onde chamas e faíscas criavam o seu próprio firmamento estrelado. Quando os carros de bombeiros chegaram, Khalil afundou-se no chão e escondeu o rosto nas mãos. Karim ainda estava a gritar com Amina nos braços.

Mais uma vez, tudo desaparecera.

Bohuslän, 1672

TINHAM-SE EVITADO UM AO OUTRO DURANTE TODA A SEMANA. O QUE TINHAM VIVIDO FORA TÃO INTENSO, TÃO AVASSALADOR PARA AMBOS, QUE DEPOIS TINHAM-SE SIMPLEMENTE VESTIDO, SACUDIDO A RELVA E REGRESSADO APRESSADAMENTE A CASA, SEGUINDO POR CAMINHOS DIFERENTES. NÃO SE TINHAM ATREVIDO A OLHAR UM PARA O OUTRO COM RECEIO DE QUE A VEGETAÇÃO EXUBERANTE DE DEUS E O CÉU PUDESSEM REFLETIR-SE-LHES NOS OLHOS.

ELIN SENTIA-SE À BEIRA DE UM ABISMO QUE A PUXAVA COM FORÇA IRRESISTÍVEL. SENTIU-SE ZONZA POR ESPREITAR PARA AS PROFUNDEZAS, MAS SÓ DE VER PREBEN AO LONGE, A TRABALHAR NA QUINTA COM A SUA CAMISA BRANCA, A ALMA ANSIAVA LANÇAR-SE NO ABISMO.

ENTÃO BRITTA PARTIU PARA UDDEVALLA. ESTARIA AUSENTE DURANTE TRÊS DIAS. ASSIM QUE SE FOI EMBORA, PREBEN FOI TER COM ELIN À COZINHA E ACARICIOU-LHE A MÃO. ELIN OLHOU-O NOS OLHOS E, PASSADO UM MOMENTO, ASSENTIU. SABIA O QUE PREBEN QUERIA, E TODO O SEU CORPO E ALMA QUERIAM O MESMO.

LENTAMENTE, PREBEN SAIU DA COZINHA E ATRAVESSOU A QUINTA EM DIREÇÃO AO PRADO. ELIN ESPEROU DURANTE O TEMPO NECESSÁRIO PARA NÃO CHAMAR A ATENÇÃO ANTES DE SEGUIR NA MESMA DIREÇÃO. DEPOIS APRESSOU-SE ATÉ AOS ANTIGOS ESTÁBULOS ONDE SE TINHAM ENCONTRADO ANTES. O DIA ESTAVA TÃO RADIANTE E ENSOLARADO COMO NA SEMANA ANTERIOR E ELIN SENTIU GOTAS DE SUOR A ESCORRER-LHE PELO PEITO, POR CAUSA DO CALOR DO SOL, DO ESFORÇO DE TER CORRIDO PELA RELVA COM AS PESADAS SAIAS E DE PENSAR NO QUE ESTAVA PRESTES A ACONTECER.

PREBEN ESTAVA DEITADO NA RELVA À ESPERA DELA. OS OLHOS BRILHAVAM COM UM AMOR TÃO GRANDE QUE ELIN QUASE SE ENCOLHEU. ESTAVA ASSUSTADA, MAS SABIA QUE AQUILO ESTAVA DESTINADO A ACONTECER. PREBEN ESTAVA-LHE NO SANGUE, NOS MEMBROS, NO CORAÇÃO E NA CRENÇA QUE NUTRIA DE QUE DEUS TINHA UM PROPÓSITO PARA TUDO.

CERTAMENTE QUE O SENHOR NÃO LHES PODERIA TER CONCEDIDO AQUELA DÁDIVA DE AMOR SE NÃO QUISESSE QUE A APROVEITASSEM. O SEU DEUS NÃO PODERIA SER TÃO CRUEL. E PREBEN ERA UM HOMEM DA IGREJA. ELE, MAIS DO

QUE TODOS, DEVIA SABER COMO INTERPRETAR A VONTADE DE DEUS, E TERIA PARADO SE TAMBÉM NÃO SOUBESSE QUE AQUILO ESTAVA DESTINADO A ACONTECER.

COM DEDOS ANSIOSOS, ELIN COMEÇOU A DESPIR-SE. PREBEN OBSERVOU-A, O QUEIXO APOIADO NA MÃO, NUNCA TIRANDO OS OLHOS DELA POR UM SEGUNDO. POR FIM, ELIN FICOU NUA E A TREMER DIANTE DELE, EMBORA SEM QUALQUER VERGONHA OU DESEJO DE ESCONDER-SE.

— ÉS TÃO LINDA — DISSE PREBEN SEM FÔLEGO.

ESTENDEU A MÃO NA DIREÇÃO DE ELIN.

— AJUDA-ME A LIVRAR-ME DA ROUPA — DISSE, ENQUANTO ELIN SE BAIXAVA LENTAMENTE AO SEU LADO. COM ENTUSIASMO, ELIN COMEÇOU A DESABOTOAR-LHE A CAMISA ENQUANTO PREBEN DESPIA AS CALÇAS.

FINALMENTE ESTAVAM AMBOS NUS. SUAVEMENTE, PREBEN PASSOU O DEDO PELAS CURVAS DO CORPO DE ELIN. PAROU NA MARCA DE NASCENÇA QUE TINHA POR BAIXO DO SEIO DIREITO E RIU-SE.

— PARECE UM MAPA DA DINAMARCA.

— SIM. TALVEZ A SUÉCIA O CONQUISTE — DISSE ELIN COM UM SORRISO.

PREBEN ACARICIOU-LHE O ROSTO.

— QUE VAMOS FAZER?

ELIN ABANOU A CABEÇA.

— NÃO PENSEMOS NISSO AGORA. ESTA É A VONTADE DE DEUS. ESTOU CONVENCIDA DISSO.

— ACREDITAS REALMENTE NISSO? — O OLHAR DE PREBEN ERA TRISTE.

ELIN INCLINOU-SE PARA A FRENTE E BEIJOU-O, ACARICIANDO-O AO MESMO TEMPO. PREBEN GEMEU E ABRIU OS LÁBIOS PARA ELIN, QUE SENTIU QUE O PASTOR RESPONDIA AO SEU TOQUE.

— EU SEI — MURMUROU ELIN ANTES DE SE AFUNDAR LENTAMENTE NA RELVA PARA O RECEBER.

O OLHAR DE PREBEN ESTAVA CRAVADO NELA ENQUANTO LHE PUNHA AS MÃOS NA CINTURA E A CHEGAVA A SI. O CÉU E O SOL POR CIMA DELES EXPLODIAM EM LUZ E CALOR ENQUANTO SE UNIAM. SÓ PODIA SER OBRA DE DEUS, PENSOU ELIN ANTES DE ADORMECER COM A FACE ENCOSTADA AO PEITO DE PREBEN.

*

– COMO ESTÁ AMINA? – perguntou Martin quando entrou com Paula na sala de espera.

Patrik esticou-se e mudou de posição na cadeira desconfortável.

– Em estado crítico – respondeu, levantando-se para ir buscar um copo de café.

Era o décimo que bebia. Tinha passado a noite toda a beber o horrível café do hospital para se manter acordado.

– Então e o Karim? – perguntou Paula depois de Patrik ter voltado a sentar-se.

– Lesões de pouca gravidade nos pulmões por causa do fumo e queimaduras nas mãos por ter arrastado Amina e os filhos para fora de casa. As crianças parecem estar bem, graças a Deus. Inalaram muito fumo e receberam oxigénio. Os médicos vão mantê-los aqui durante vinte e quatro horas para observação.

Paula suspirou.

– Quem vai tomar conta dos filhos enquanto os pais estiverem no hospital?

– Estou à espera de que chegue alguém da Segurança Social. Logo vemos o que recomendam. Mas, pelo que sei, o Karim e a família não têm mais ninguém.

– Nós podemos ficar com as crianças – disse Paula. – A minha mãe tirou férias durante todo o verão para poder ajudar-nos com a bebé, e sei que diria o mesmo se estivesse aqui.

– Claro, e o Mellberg? – perguntou Patrik.

O rosto de Paula ensombrou-se.

– Quando contou à minha mãe o que tinha feito, com tanto orgulho e a fazer-se de vítima, ela expulsou-o.

– Estás a falar a sério? – perguntou Martin.

Patrik fitou Paula.

– A Rita pôs o Bertil na rua? Então e agora onde é que ele vai ficar?

– Não faço ideia – respondeu Paula. – Mas, como eu disse, as crianças podem ficar connosco. Desde que a Segurança Social aprove.

– Não consigo ver nenhum motivo para se oporem – disse Patrik.

Um homem de bata branca avançou pelo corredor na direção dos agentes, e Patrik levantou-se. Era Anton Larsson, o médico que seguia Amina.

– Alguma novidade? – perguntou Patrik, engolindo o resto do café com uma careta.

– Não. O estado de Amina continua crítico. Inalou muito fumo e sofreu queimaduras de terceiro grau em muitas partes do corpo. Está ligada ao respirador e a soro, para compensar a perda de líquidos causada pelas queimaduras. Temos estado a noite toda a tratar-lhe os ferimentos que sofreu.

– Então e o Karim? – perguntou Martin.

– Bem, como eu disse ao seu colega, sofreu ferimentos na pele das mãos e os pulmões apresentam lesões de pouca gravidade por causa da inalação de fumo. Além disso, o Karim saiu relativamente ileso.

– Porque é que Amina foi muito mais afetada do que o Karim? – perguntou Paula.

Até ao momento, ainda sabiam pouco sobre os acontecimentos da noite anterior no centro de acolhimento de refugiados. Os especialistas em incêndios ainda estavam a investigar a causa, mas suspeitava-se de fogo posto.

– Essa é uma questão que terá de colocar ao Karim. Já está acordado, por isso posso perguntar-lhe se se sente capaz de falar connosco.

– Agradecemos – disse Patrik, voltando a sentar-se.

Os três esperaram em silêncio até que o médico regressou e lhes fez sinal para que o seguissem.

– Não pensei que quisesse falar connosco – disse Martin.

– Nem eu. No lugar dele, nunca mais queria falar com a polícia – disse Paula, levantando-se.

Dirigiram-se ao quarto onde o Dr. Larsson estava à espera e entraram hesitantemente. Karim estava deitado na cama ao lado da janela. Quando se virou para os agentes, o rosto estava enrugado de fadiga e de medo. As mãos, envoltas em gaze, repousavam sobre as cobertas.

O tubo que ia até à cama zumbia enquanto bombeava oxigénio.

– Obrigado por concordar em falar connosco – disse Patrik em voz baixa, puxando uma cadeira para junto da cama.

– Quero saber quem fez isto à minha família – afirmou Karim com ar ensonado no seu inglês mais fluente do que o de Patrik.

Tossiu e os olhos encheram-se de lágrimas, mas manteve o olhar fixo em Patrik.

Martin e Paula ficaram em segundo plano, tendo concordado tacitamente que seria Patrik a conduzir a conversa.

– Dizem que não têm a certeza de a Amina conseguir sobreviver – disse Karim, sofrendo outro ataque de tosse.

As lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Mexeu no tubo nasal que lhe fornecia oxigénio.

– Estão a fazer todos os possíveis para a salvar – disse Patrik.

O nó na garganta obrigou-o a engolir várias vezes em seco. Sabia exatamente como Karim se sentia. Estava a pensar nos momentos a seguir ao acidente de viação que quase tirara a vida a Erica. Nunca esqueceria o medo que sentiu.

– O que vou fazer sem Amina? Que será dos miúdos sem a mãe? – disse Karim. Desta vez não tossiu.

Depois calou-se e Patrik não sabia o que dizer. Mudou de assunto e perguntou:

– Pode dizer-nos quais são as suas recordações da noite passada? Que aconteceu?

– Eu... não tenho a certeza – respondeu Karim, abanando a cabeça. – Aconteceu tudo tão depressa. Estava a sonhar... A princípio pensei que estava outra vez em Damasco e que uma bomba tinha rebentado. Demorei alguns segundos a dar-me conta de onde estava... Depois corri para ir buscar os meus filhos. Pensei que Amina viesse logo atrás de mim. Ouvi-a gritar quando acordei. Mas, depois de os levar lá para fora, não a vi. Então peguei numa toalha que estava no chão, tapei a boca com ela e voltei para dentro...

A voz sumiu-se e Karim começou novamente a tossir. Patrik entregou-lhe um copo de água que estava na mesa de cabeceira, ajudando Karim a beber por uma palhinha.

– Obrigado – disse, recostando-se nas almofadas. – Corri para o nosso quarto e a Amina... – conteve um soluço e prosseguiu. – Estava em chamas. A Amina estava em chamas. O cabelo dela. A camisa de noite dela. Levantei-a, corri para fora e revirei-a no chão. Ouvia... ouvia os meus filhos a gritar...

As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto enquanto erguia a cabeça para olhar para Patrik.

– Dizem que os meus filhos estão a recuperar bem. É verdade? Não estão a mentir-me, pois não?

Patrik abanou a cabeça.

– Não, não estão a mentir-lhe. Os seus filhos estão bem. Vão mantê-los aqui para... – procurou freneticamente a palavra inglesa e então apercebeu-se de que em sueco se dizia da mesma maneira. – Para observação.

Por um momento, Karim ficou aliviado, mas a expressão voltou a ensombrar-se.

– Onde vão ficar? Os médicos dizem que tenho de ficar aqui durante vários dias, e a Amina...

Paula deu um passo à frente.

Puxou uma cadeira para junto da cama e disse baixinho:

– Não tenho a certeza se o Karim vai gostar desta ideia, mas sugeri que os seus filhos ficassem comigo até estar suficientemente recuperado para lhe darem alta. E... a minha mãe também é refugiada. Como o Karim. Do Chile. Veio para a Suécia em 1973. A minha mãe compreende. Eu compreendo. Vivo com a minha mãe, os meus dois filhos, e... – Paula hesitou. – E a minha mulher. Teríamos todo o gosto em tomar conta dos seus filhos. Se nos deixar.

Karim estudou o rosto de Paula por um longo momento. A agente esperou em silêncio. Então, Karim assentiu.

– Sim. Não tenho muitas alternativas.

– Obrigada – disse Paula.

– Não viu ninguém ontem à noite? – perguntou Patrik. – Nem ouviu nada? Antes do início do incêndio?

– Não – Karim abanou a cabeça. – Estávamos cansados. Depois de... tudo. Por isso fomos deitar-nos e eu adormeci imediatamente. Não vi nem ouvi nada. Alguém sabe quem fez aquilo? Porque é que alguém faria uma coisa daquelas? Estará relacionado com as acusações contra mim?

Patrik não conseguiu olhá-lo nos olhos.

– Não sabemos – respondeu. – Mas vamos fazer tudo para descobrir.

*

Sam pegou no telemóvel pousado na mesa de cabeceira. A mãe não tinha ido acordá-lo, como James lhe dizia sempre para fazer. Em vez disso, Sam acordara com pesadelos. Costumava tê-los apenas uma ou duas vezes por mês, mas ultimamente acordava todas as noites encharcado em suor. Não conseguia recordar-se da última vez que não se sentira assustado ou atormentado pela ansiedade. Talvez fosse por isso que a mãe estava sempre a ir correr, a cansar o corpo para não ter mais energia para pensar. Desejou poder fazer o mesmo.

Os rostos que tinha visto nos sonhos ainda o atormentavam, por isso concentrou a atenção no ecrã do telemóvel. Jessie enviara-lhe uma mensagem. Sentiu o calor a espalhar-se pelo sexo só de pensar nela. Pela primeira vez na vida alguém o via como era e Jessie não hesitara perante a escuridão que descobrira.

Sam estava tomado por algo negro que se tornava mais forte de dia para dia. Eles tinham-se certificado disso. Sentiu o caderno escondido sob o colchão. Nem

James nem a mãe o encontrariam ali. O caderno não era para os olhos de ninguém, apenas para os seus, contudo, para sua surpresa, tinha pensado mostrá-lo a Jessie. A namorada estava tão destruída como ele. Jessie compreenderia.

Jessie nunca descobriria o verdadeiro motivo de a ter levado a passear de barco na segunda-feira. Decidira nunca mais voltar a pensar naquilo, mas estava constantemente a aparecer-lhe nos sonhos, juntando-se aos outros demónios que o atormentavam. No entanto, nada disso importava agora. O futuro estava esboçado naquele caderno. A estrada era direita e larga, como a Route 66²⁵.

Já não pensava no medo do que podia estar escondido ao virar da esquina. Sabia que podia mostrar-lhe o caderno. Jessie compreenderia.

Mais tarde, levaria tudo para mostrar a Jessie. Tudo o que juntara ao longo dos anos. Já tinha enfiado as pastas e os dossiês num saco que colocou ao pé da porta.

Enviou-lhe uma mensagem a pedir-lhe para se encontrarem daí a meia hora e recebeu um «OK» em resposta. Vestiu-se à pressa e pôs a mochila ao ombro. Antes de se dirigir à porta para pegar no saco pesado, virou-se e olhou para a cama. Quase conseguia distinguir a forma do caderno ali escondido.

Então, Sam engoliu várias vezes em seco, aproximou-se da cama e ergueu o colchão.

*

Jessie abriu a porta e encontrou Sam ali parado, a sorrir. O sorriso que reservava só para ela.

– Olá – disse Jessie.

– Olá.

Sam tinha uma mochila ao ombro e um saco na mão.

– Não foi difícil trazer essas coisas todas de bicicleta?

Sam encolheu os ombros.

– Na boa. Sou mais forte do que pareço.

Pousou a mochila e o saco no chão e depois abraçou-a. Inspirou o odor do cabelo dela, acabado de lavar. Jessie adorava saber que Sam gostava do cheiro dela.

– Trouxe umas cenas para te mostrar – disse Sam, dirigindo-se à grande mesa da cozinha. Começou a tirar coisas da mochila e do saco. – Prometi mostrar-te mais coisas... sobre as nossas mães e o caso.

Jessie olhou para os dossiês e para as pastas que Sam ia pondo em cima da mesa. Tinham rótulos a dizer «Matemática», «Sueco» e os nomes de outras disciplinas.

– James e a minha mãe pensavam que estes dossiês eram para a escola – disse Sam, sentando-se numa cadeira. – Consegui recolher todo este material sem que percebessem.

Jessie sentou-se à frente de Sam e juntos abriram a pasta que dizia «Matemática».

– Onde conseguiste todas estas informações? – perguntou. – Quer dizer, sem ser na Internet?

– Sobretudo nos jornais arquivados na biblioteca.

Jessie estava a olhar para fotografias da mãe, Marie, e da mãe de Sam, Helen. Fotos do anuário escolar das duas raparigas.

– Imagina, eram mais novas do que nós somos agora – disse Jessie.

Sam correu o indicador sobre o artigo.

– Deviam ter a escuridão dentro delas – comentou. – Tal como nós temos.

Jessie estremeceu. Folheou o outro material na pasta e deu com uma fotografia que retratava uma Stella sorridente.

– Mas o que as levou a fazer aquilo? Como é que alguém é capaz de enfurecer-se tanto com... uma criança?

Jessie tocou na foto e Sam levantou-se. Tinha o rosto vermelho flamejante.

– Por causa da... escuridão, Jessie! Porra, não percebes? Porque é que não PERCEBES?

Jessie estremeceu. Olhava fixamente para o namorado sem saber o que fazer. De onde tinha vindo aquela raiva súbita? Não conseguiu conter as lágrimas.

A raiva desapareceu do rosto de Sam, que se ajoelhou à frente dela.

– Desculpa, a sério, desculpa – disse, abraçando-lhe as pernas enquanto lhe enterrava o rosto no colo. – Não queria passar-me. Mas sinto-me tão incrivelmente frustrado. Tenho esta fúria toda a ferver dentro de mim e às vezes descontrola-se de tal maneira que me apetece... que me apetece rebentar com o mundo inteiro.

Jessie assentiu. Sabia exatamente o que Sam queria dizer. Havia apenas uma pessoa no mundo de quem gostava, e essa pessoa era Sam. Todos os outros pareciam querer humilhá-la, fazê-la sentir-se pequena e impotente.

– Desculpa – repetiu Sam, limpando-lhe as lágrimas. – Nunca faria nada que te magoasse. És a única pessoa que não quero magoar.

*

Sentiu as pranchas de madeira do cais mornas contra as pernas, quase quentes. O gelado derretia mais depressa do que Vendela conseguia comê-lo. Mas Basse ainda estava com mais dificuldade do que ela. Lambia freneticamente o gelado de chocolate do braço. Às vezes parecia uma criança.

Vendela não pôde deixar de se rir. Encostou-se mais a Nils, que pôs o braço em torno dela. Quando estava assim, tão perto dele, tudo parecia ficar novamente bem. Fazia-a esquecer as imagens que vira na Internet nessa manhã. Os edifícios em chamas. Como é que aquilo se descontrolara daquela maneira? Aquilo não podia ter nada que ver com eles, pois não?

Basse fartou-se definitivamente do gelado a derreter e atirou o resto para a água. Uma gaivota mergulhou imediatamente para o apanhar.

Tirou os olhos do animal para olhar para os amigos.

– Os meus pais não vão voltar para casa este fim de semana, como tinham pensado. Vão ficar fora mais uma semana.

– Então vamos ter festa – disse Nils, sorrindo a Basse, cujo rosto assumiu aquele ar inseguro que às vezes era muito irritante.

Vendela suspirou e Nils fez um sorriso trocista.

– Ei, então! Pensa nisso como uma celebração antecipada do baile da escola do próximo sábado! Vamos convidar um pessoal, comprar umas cenas para beber e fazer uma fogueira.

– Não sei...

Mas Nils já ganhara. Vendela sabia disso.

Visualizou uma vez mais as ruínas fumegantes. Queria apagar aquela imagem da mente, assim como a manchete que gritava: «Mulher ferida com gravidade.» De repente, Vendela soube o que queria fazer.

Nils pretendia esperar para publicar a foto de Jessie nua até a escola começar, para conseguir a máxima atenção. Mas e se a publicassem um pouco mais cedo?

– Tenho uma ideia – disse.

Bengt saiu para o pátio para receber Gösta, que estava a estacionar o carro-patrolha. Respirou fundo antes de sair do veículo. Já sabia o rumo que aquela conversa ia tomar.

– É verdade que prenderam um daqueles refugiados?

Bengt andava de um lado para o outro.

– Ouvi dizer que o tipo até participou nas buscas! Não têm consciência nenhuma, esses malditos. Deviam ter-me dado ouvidos daquela vez!

– Ainda não sabemos nada ao certo – disse Gösta, encaminhando-se para casa dos Berg.

Sentiu o estômago a revolver-se, como sempre acontecia quando via a roupa de Nea ainda pendurada na corda de secar ao lado da casa. Achou desagradável a alegria rancorosa no rosto de Bengt, sobretudo agora, depois do fogo, apesar de sentir uma certa empatia pelo homem enlutado. Compreendia igualmente o desejo humano de uma solução simples. O problema era que as respostas simples raramente eram as corretas. A realidade tinha tendência para ser mais complicada.

– Importa-se que entre? – perguntou a Bengt, que lhe abriu a porta de casa.

– Podes pedir ao Peter e à Eva para descerem? – disse Bengt à mulher, que assentiu.

Peter apareceu primeiro, seguido um minuto depois por Eva. Pareciam estar meio adormecidos.

Peter sentou-se e fez um gesto para que Gösta o imitasse.

Aquele gesto de se sentar àquela mesa de cozinha começava a tornar-se muito familiar. Gösta desejava poder ir ali dizer-lhes que o caso fora desvendado. Em vez disso, estava uma vez mais prestes a desapontá-los. E a fé que os Berg tinham nele fora abalada por causa das buscas do dia anterior. Já não sabia como abordar a família. Estava tão perturbado como Patrik com o incêndio e com a maneira como Mellberg tratara Karim e a família. No entanto, não podia descartar a possibilidade de virem a encontrar provas conclusivas na casa de Karim e de o sírio poder ser o criminoso. Tudo era muito confuso.

– É verdade? – perguntou Peter. – Aquilo do homem no centro de acolhimento?

– De momento não sabemos nada ao certo – respondeu cautelosamente Gösta. Viu o rosto de Bengt a ficar vermelho, a boca aberta para interromper, e apressou-se a terminar o que tinha ido ali dizer: – Encontrámos uma coisa, porém, devido a determinadas... questões técnicas, não temos ainda a certeza do que possa significar.

– Ouvi dizer que encontraram roupa da Nea na casa dele. É verdade? – perguntou Peter.

– As pessoas têm-nos telefonado – disse Bengt. – Vamos tendo notícias por outras pessoas, mas não pela polícia. É...

Tinha levantado novamente a voz, mas Peter ergueu a mão em direção ao pai e disse calmamente:

– É verdade que encontraram roupa de Nea na casa de alguém que mora no centro de acolhimento?

– Encontrámos uma peça de roupa – respondeu Gösta, tirando uma pasta de plástico do saco. – Mas precisamos da vossa ajuda para identificá-la.

Eva choramingou e Ulla deu-lhe uma palmadinha no braço. Eva não pareceu reparar, pois olhava atentamente para a pasta na mão de Gösta.

– Reconhece esta peça de roupa? – perguntou, colocando várias fotografias na mesa da cozinha.

Eva arfou em busca de ar.

– Essas cuequinhas pertencem a Nea. São as cuequinhas dela com a *Frozen*.

Gösta olhou para as fotografias das cuequinhas azuis com a princesa loura e voltou a perguntar:

– Tem a certeza? Pertencem realmente a Linnea?

– Sim! – respondeu Eva, assentindo vigorosamente.

– E vocês soltaram-no! – disse Bengt.

– Há certos problemas em relação à forma como esta peça de roupa foi encontrada.

Bengt bufou.

– *Certos problemas*? Há um estrangeiro que vem cá e rapta uma menina e a mata, e você fala em problemas?

– Compreendo porque está tão perturbado, mas nós temos de...

– Não me venha com isso do «nós temos»! Disse-vos logo que só podia ter sido um deles, mas não quiseram dar-me ouvidos. Têm estado a perder tempo e a manter-nos na expectativa quanto ao que aconteceu a Nea e agora, ainda por cima, soltam o assassino! Além disso, viraram esta casa de cabeça para baixo e trataram o meu filho e a mulher como suspeitos. Não têm *vergonha*?

– Pai, acalma-te – disse Peter.

– Como é que pode não ter sido ele se encontraram lá as cuequinhas? Ouvimos falar de um incêndio. O tipo estava a tentar ocultar mais provas? Como o soltaram, é lógico que tentasse apagar todos os vestígios. Deve ter sido por isso que se juntou ao grupo de busca.

– A causa do incêndio ainda não foi determinada.

Gösta pensou contar-lhes que Karim tinha sofrido ferimentos e que a mulher estava nos cuidados intensivos, não se sabendo se recobriria a consciência. Mas optou por não dizer nada. Não achou que estivessem recetivos ao sofrimento de mais ninguém naquele momento. Além disso, a altamente eficiente rede de coscuvilhices de Fjällbacka garantiria que não tardassem a ser informados.

– Tem a certeza de que estas são as cuequinhas que a sua filha estava a usar quando desapareceu? – perguntou Gösta, olhando para Eva.

Eva hesitou por um segundo, mas depois assentiu.

– Tinha cinco como essas, de cores diferentes. As outras estão cá em casa.

– *Okay* – disse Gösta.

Voltou a guardar as fotografias na pasta e levantou-se.

Bengt cerrou os punhos.

– Veja se prendem rapidamente esse maldito monhé, senão vou ter de resolver o assunto pelas minhas próprias mãos.

Gösta olhou para Bengt.

– Compreendo perfeitamente o que estão a passar. Mas ninguém, repito, *ninguém* deve fazer seja o que for que piore a situação.

Bengt limitou-se a bufar, mas Peter assentiu.

– Cão que ladra não morde – disse.

– Espero que isso seja verdade. Para o bem dele – retorquiu Gösta.

Quando se afastou da quinta viu Peter a observá-lo da entrada. Havia algo a atormentar Gösta. Alguma coisa o incomodava, contudo, por mais que tentasse, não conseguia descobrir o que poderia ser. Era algo que lhe escapara, mas quanto mais tentava identificar o que era, mais aquilo se esfumava. Lançou outra olhadela ao espelho retrovisor. Peter ainda estava lá, observando-o a afastar-se.

*

– Olá? Está cá alguém?

Não foi a voz de Rita que o acordou. Mellberg abriu os olhos, sem saber onde estava. Então viu Annika à entrada.

– Ah, é você – disse, levantando-se.

Esfregou os olhos.

– Que está aqui a fazer? – perguntou Annika. – Quase me pregou um susto de morte quando ouvi um barulho vindo daqui. Porque está cá tão cedo?

Cruzou os braços sobre os amplos seios.

– Bem, na verdade estive aqui até muito tarde... – disse Mellberg, tentando sorrir.

Não queria dizer a Annika o que tinha acontecido, mas a notícia em breve se espalharia pela esquadra como um incêndio florestal, por isso mais valia contar-lhe de uma vez.

– A Rita expulsou-me – explicou, apontando para o saco.

Rita não tinha posto no saco o pijama de flanela favorito de Mellberg, por isso teve de dormir vestido. Além disso, aquela divisão minúscula da esquadra tinha sido pensada para umas poucas horas de descanso e não para dormir de um dia para o outro, e era tão abafada e quente como um banho turco.

Olhou para as roupas suadas e enrugadas.

– Bem, eu teria feito a mesma coisa! – disse Annika antes de rodar nos calcanhares e dirigir-se à cozinha. A meio caminho, a secretária parou e gritou: – Suponho que tenha dormido tão profundamente que não ouviu o que aconteceu, pois não?

– Não posso dizer que tive uma boa noite de sono – disse Mellberg, coxeando atrás de Annika. – A cama de campanha é terrivelmente desconfortável e não há ar condicionado, e a minha pele é muito sensível, por isso fico com comichão se a roupa de cama não for de boa qualidade. Até parece que é feita de cartão, por isso...

Fez uma pausa e inclinou a cabeça para um lado.

– Há café? Apetecia-me uma chávena, querida.

O superintendente apercebeu-se de que se tinha enganado no preciso segundo em que a palavra «querida» lhe saiu dos lábios, e preparou-se para a reação de Annika, mas a secretária limitou-se a sentar-se à mesa da cozinha.

– Alguém pegou fogo ao centro de acolhimento de refugiados a noite passada – disse em voz baixa. – O Karim e a família estão no hospital.

Mellberg levou a mão ao peito. Afundou-se pesadamente numa cadeira em frente a Annika.

– Foi por causa de... Por causa do que eu fiz?

Sentiu que a língua tinha aumentado de tamanho na boca e mal conseguia olhar para Annika.

– Não sabemos. Mas sim, pode ter sido o motivo, Bertil. As pessoas têm andado a ligar para cá sem parar, por isso transferi as chamadas para minha casa ontem à noite e quase não dormi. O Patrik está com o Martin e a Paula no hospital. A mulher do Karim está em coma induzido. As queimaduras que sofreu são tão graves que os médicos não sabem se vai sobreviver e Karim feriu as mãos quando a tirou da casa a arder.

– Então e as crianças? – perguntou Mellberg, o medo a crescer dentro dele.

– Estão sob observação no hospital até amanhã, mas parecem estar bem. Ninguém mais ficou ferido, graças a Deus. Aqueles cujas casas foram destruídas foram evacuados para o centro comunitário.

– Valha-me Deus – disse Mellberg, a voz pouco mais do que um sussurro. – Sabemos quem fez isso?

– Não, até agora não. Mas recebemos muitas informações, por isso temos de verificá-las o mais depressa possível. Tem ligado todo o tipo de gente, desde malucos que pensam que os refugiados incendiaram o centro para ganharem a simpatia popular, a pessoas que afirmam que os extremistas de direita estão por detrás do fogo posto. O incêndio parece ter dividido a vila em dois campos. Ainda há muita gente que pensa que é o que os refugiados merecem. Por outro lado, temos pessoas como Bill Andersson que passaram a noite a mobilizar recursos e a transportar refugiados que ficaram sem abrigo para o centro comunitário. As pessoas têm trazido todo o género de coisas de que os refugiados podem precisar. Pode dizer-se que a situação está a mostrar o lado melhor e o lado pior das pessoas.

– Mas eu... – Mellberg abanou a cabeça, quase não conseguindo prosseguir. – Eu não queria... Não pensei...

– Pois, o problema é esse, Bertil – disse Annika com um suspiro. – O Bertil não pensa.

Levantou-se e começou a preparar o café.

– Disse que queria uma chávena?

– Sim, por favor – disse Mellberg.

Engoliu em seco.

– Quais são as hipóteses?

– De quê? – perguntou Annika, sentando-se novamente à frente de Mellberg quando a máquina de café começou a borbulhar.

– De a mulher de Karim conseguir safar-se.

– Pelo que sei, não são boas – disse Annika em voz baixa. Mellberg não disse uma palavra. Sabia que tinha cometido um grande erro. Agora só lhe restava conseguir remediar a situação.

²⁵ Estrada que atravessa os EUA, de Los Angeles a Chicago, com 3939 quilómetros de comprimento. (*N. do T.*)

Bohuslän, 1672

NO FINAL DO VERÃO, ELIN COMEÇOU A PREOCUPAR-SE. A PRINCÍPIO PENSOU QUE ERA UMA DOENÇA DE INÍCIO DE OUTONO QUE A FAZIA CORRER PARA TRÁS DO CELEIRO PARA VOMITAR. CONTUDO, SABIA MUITO BEM QUE NÃO ERA DISSO QUE SE TRATAVA. ACONTECERA O MESMO QUANDO ESTIVERA À ESPERA DE MÄRTA. TODAS AS NOITES ORAVA A DEUS. QUAL ERA O PROPÓSITO D'ELE POR DETRÁS DAQUILO? QUE PROVA ERA AQUELA QUE LHE ESTAVA A SER PEDIDO QUE SUPERASSE? E DEVIA OU NÃO DIZER A PREBEN? COMO REAGIRIA? ELIN SABIA QUE PREBEN A AMAVA, PORÉM, NO FUNDO DO CORAÇÃO TINHA DÚVIDAS SOBRE A SUA SOLIDEZ DE ESPÍRITO. PREBEN ERA UM HOMEM BOM, MAS TAMBÉM ERA AMBICIOSO E ANSIOSO POR AGRADAR – TINHA APRENDIDO ISSO A RESPEITO DELE. TODAS AS PERGUNTAS QUE ELIN LHE FIZERA EM RELAÇÃO AO DESTINO DE AMBOS TINHAM SIDO SEMPRE SILENCIADAS COM BEIJOS, ABRAÇOS E CARÍCIAS, MAS NÃO SEM QUE ANTES LHE VISLUMBRASSE UMA EXPRESSÃO ANSIOSA NOS OLHOS.

E DEPOIS HAVIA BRITTA, QUE ANDAVA CADA VEZ MAIS CARRANCUDA E DESCONFIADA. DAVAM O SEU MELHOR PARA ESCONDER O SEU AMOR, MAS ELIN SABIA QUE HAVIA MOMENTOS EM QUE, NA PRESENÇA DE BRITTA, ELA E PREBEN SE AVISTAVAM E NÃO CONSEGUIAM ESCONDER O QUE SENTIAM UM PELO OUTRO. CONHECIA MUITO BEM A IRMÃ. SABIA DO QUE BRITTA ERA CAPAZ. EMBORA FOSSE UM ASSUNTO QUE NUNCA DISCUTIRA COM NINGUÉM, ELIN NÃO SE TINHA ESQUECIDO DE COMO MÄRTA QUASE SE AFOGARA NO LAGO. NEM SE ESQUECERA DE QUEM FORA A RESPONSÁVEL.

À MEDIDA QUE OS DIAS SE TORNAVAM MAIS CURTOS E TODOS TRABALHAVAM AINDA MAIS AFINCADAMENTE NA QUINTA NOS PREPARATIVOS PARA A CHEGADA DO INVERNO, BRITTA ISOLAVA-SE CADA VEZ MAIS. FICAVA MAIS TEMPO NA CAMA DE MANHÃ, RECUSANDO-SE A LEVANTAR-SE. TODA A ENERGIA PARECIA ESTAR A ABANDONÁ-LA.

PREBEN PEDIU AO COZINHEIRO PARA PREPARAR OS PRATOS PREFERIDOS DA MULHER, MAS BRITTA RECUSAVA-SE A COMER E TODAS AS NOITES ELIN TINHA DE IR BUSCAR A COMIDA INTOCADA QUE ESTAVA NA MESA-DE-CABECEIRA. À NOITE, ELIN ACARICIAVA A BARRIGA, IMAGINANDO COMO PREBEN REAGIRIA SE LHE DISSESSE QUE CARREGAVA O FILHO DELE. SÓ PODIA PENSAR QUE FICARIA FELIZ.

PREBEN E BRITTA PARECIAM INCAPAZES DE TER FILHOS, E O PASTOR NÃO AMAVA BRITTA DA MANEIRA QUE A AMAVA A ELA. E SE BRITTA JÁ TIVESSE CONTRAÍDO ALGUMA DOENÇA FATAL? ENTÃO, ELIN E PREBEN PODERIAM VIVER JUNTOS COMO UMA FAMÍLIA. QUANDO TINHA TAIS PENSAMENTOS, ELIN REZAVA A DEUS COM MAIS FERVOR.

BRITTA FICAVA INEXPLICAVELMENTE MAIS FRACA DE DIA PARA DIA. POR FIM, PREBEN CHAMOU UM MÉDICO DE UDDEVALLA. ELIN FOI DOMINADA PELA TENSÃO E PELA INQUIETAÇÃO ENQUANTO AGUARDAVAM A CHEGADA DO MÉDICO. TENTOU FRENETICAMENTE CONVENCER-SE DE QUE ESTAVA PREOCUPADA COM A IRMÃ, MAS A ÚNICA COISA EM QUE CONSEGUIA PENSAR ERA QUE, SE BRITTA ESTIVESSE MUITO MAL, SE ABRIRIA REPENTINAMENTE UM FUTURO PARA SI E PARA PREBEN. MESMO QUE FOSSEM ALVO DE DESCONFIANÇA E DE SUSSURROS SE CASASSEM LOGO DEPOIS DE PREBEN ENVIUVAR, OS RUMORES ESMORECERIAM COM O PASSAR DO TEMPO. DISSO TINHA ELIN A CERTEZA.

QUANDO A CARROÇA QUE TRAZIA O MÉDICO CHEGOU, ELIN MANTEVE-SE AFASTADA E REZOU. REZOU COM MAIS FERVOR DO QUE ALGUMA VEZ REZARA E ESPERAVA QUE DEUS NÃO A CASTIGASSE PELAS SÚPLICAS QUE FAZIA NAQUELAS ORAÇÕES. NO FUNDO DA ALMA, ACREDITAVA QUE DEUS QUERIA QUE ELA E PREBEN FICASSEM JUNTOS. O AMOR DE AMBOS ERA DEMASIADO BOM PARA SER UM MERO ACASO. O FACTO DE BRITTA ESTAR AGORA DOENTE TINHA DE FAZER PARTE DO PLANO DIVINO. QUANTO MAIS ORAVA, MAIS CONVENCIDA FICAVA. BRITTA NÃO VIVERIA MUITO MAIS. O FILHO POR NASCER DE ELIN TERIA UM PAI. SERIAM UMA FAMÍLIA. CONFIAVA QUE DEUS LHE DESSE ESSA DÁDIVA.

COM O CORAÇÃO A MARTELAR-LHE O PEITO, ELIN REGRESSOU À CASA PAROQUIAL. NENHUM DOS OUTROS CRIADOS DISSERA NADA, POR ISSO PRESUMIU QUE AINDA NÃO HOUVESSE NOVIDADES. OS MEXERICOS CIRCULAVAM DEPRESSA PELA QUINTA E ELIN SABIA QUE TINHAM ANDADO A SUSSURRAR SOBRE ELA E PREBEN. NADA ESCAPAVA AOS CRIADOS NUMA QUINTA TÃO PEQUENA. E HÁ DIAS QUE ANDAVAM A FALAR DO FACTO DE O MÉDICO TER SIDO CHAMADO DE UDDEVALLA PARA DESCOBRIR O QUE ANDAVA A ATORMENTAR A PATROA.

— JÁ SABES ALGUMA COISA, ELSA? — PERGUNTOU ELIN À COZINHEIRA, QUE ESTAVA A PREPARAR A REFEIÇÃO DA NOITE.

— NÃO — RESPONDEU ELSA ENQUANTO CONTINUAVA A MEXER A COMIDA NA GRANDE PANELA. — ACHO QUE O MÉDICO AINDA ESTÁ COM ELA.

— VOU LÁ VER SE CONSIGO DESCOBRIR MAIS ALGUMA COISA — DISSE ELIN, SEM OLHAR A COZINHEIRA NOS OLHOS. — AFINAL DE CONTAS, BRITTA É MINHA IRMÃ.

RECEAVA QUE A MULHER PUDESSE LER-LHE NA EXPRESSÃO AQUILO QUE PEDIRA A DEUS, OU QUE SE OUVISSE O CORAÇÃO QUE QUASE LHE SALTAVA DO PEITO. MAS A COZINHEIRA LIMITOU-SE A ASSENTIR E NÃO SE VIROU.

— SIM, VAI LÁ. QUANDO A PATROA NÃO COME AS MINHAS PANQUECAS SEI QUE AS COISAS NÃO ESTÃO BEM. MAS TEMOS DE CONFIAR EM DEUS, NÃO DEVE SER GRAVE.

— SIM, TEMOS DE CONFIAR EM DEUS — DISSE ELIN, APRESSANDO-SE PARA A PORTA.

POR UM LONGO MOMENTO HESITOU À PORTA DO QUARTO DE BRITTA. NÃO TINHA A CERTEZA SE SE ATREVERIA A BATER. ENTÃO, A PORTA ABRIU-SE E UM HOMEM CORPULENTO COM UM BIGODE FARFALHUDO SAIU COM UMA MALA DE MÉDICO NA MÃO.

PREBEN APERTOU-LHE A MÃO.

— NÃO SEI COMO AGRADECER-LHE, DR. BRORSSON — DISSE, E ELIN FICOU SURPREENDIDA AO VER QUE O PASTOR ESTAVA A SORRIR.

QUE NOTÍCIAS PODERIA TER DADO O MÉDICO PARA QUE PREBEN SORRISSE DE TAL MODO QUE OS OLHOS LHE BRILHAVAM NA PENUMBRA DO CORREDOR? UM NÓ DURO FORMOU-SE NO ESTÔMAGO DE ELIN.

— ESTA É A IRMÃ DE BRITTA, ELIN — DISSE PREBEN, APRESENTANDO-A AO MÉDICO.

ELIN APERTOU-LHE RECATADAMENTE A MÃO. AINDA ESTAVA A TER DIFICULDADE EM DECIFRAR A EXPRESSÃO NOS ROSTOS DOS DOIS HOMENS. POR DETRÁS DELES, VIU BRITTA SENTADA NA CAMA, OS CABELOS ESCUROS EM DESORDEM SOBRE AS ALMOFADAS.

PARECIA UM GATO QUE TINHA FEITO DAS SUAS E ELIN SENTIU-SE AINDA MAIS CONFUSA.

O DR. BRORSSON DISSE COM AR MATREIRO: — MUITOS PARABÉNS. AINDA ESTÁ NAS PRIMEIRAS SEMANAS, MAS NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE BRITTA ESPERA UMA CRIANÇA. O ESTADO DA SUA IRMÃ ESTÁ A DEBILITÁ-LA, PORTANTO, TEM DE ASSEGURAR-SE DE QUE INGERE LÍQUIDOS SUFICIENTES E TANTO ALIMENTO QUANTO CONSIGA TOLERAR. RECOMENDEI QUE LHE DEEM CALDO NAS PRÓXIMAS SEMANAS ATÉ O DESCONFORTO TER PASSADO E O APETITE VOLTAR.

— TENHO A CERTEZA DE QUE ELIN CUIDARÁ MUITO BEM DA MINHA ESPOSA — DISSE PREBEN, RADIANTE DE ALEGRIA.

PORQUE ESTAVA TÃO FELIZ? NÃO QUERIA ESTAR COM BRITTA, QUERIA ESTAR COM ELA. ERA O QUE LHE TINHA DITO. DISSERA-LHE QUE TINHA ESCOLHIDO A

IRMÃ ERRADA E QUE TINHA SIDO POR VONTADE DE DEUS QUE A SUA SEMENTE SE RECUSARA A CRESCER DENTRO DE BRITTA.

MAS AGORA ESTAVA PARA ALI COM UM GRANDE SORRISO, PROMETENDO AO DR. BRORSSON QUE ELIN CUIDARIA DE BRITTA O MELHOR POSSÍVEL. A IRMÃ LANÇOU-LHE UM OLHAR MALICIOSAMENTE ALEGRE. ERGUEU A MÃO PARA COMPOR O CABELO E CHORAMINGOU: – PREBEN, ESTOU OUTRA VEZ A SENTIR-ME MAL.

ESTENDEU A MÃO, E ELIN VIU COMO PREBEN SE PRECIPITAVA PARA JUNTO DE BRITTA.

– POSSO FAZER ALGUMA COISA? OUVISTE O QUE O DOUTOR DISSE. DESCANSO E CALDO. PEÇO A ELSA QUE TE FAÇA UM CALDO?

BRITTA ASSENTIU.

– NÃO É QUE TENHA MUITO APETITE, MAS POR CAUSA DO NOSSO FILHO É MELHOR TENTAR COMER ALGUMA COISA. MAS NÃO ME DEIXES. PEDE À ELIN PARA FALAR COM A ELSA E TRAZER O CALDO. ESTOU CERTA DE QUE TERÁ TODO O GOSTO EM FAZÊ-LO. QUER QUE O SEU PEQUENO SOBRINHO NASÇA COM A MELHOR SAÚDE POSSÍVEL.

– ESTOU CERTO DE QUE ASSIM É – DISSE PREBEN. – MAS DEVO ACOMPANHAR O DOUTOR ANTES DE PODER VIR PARA JUNTO DE TI.

– NÃO, NÃO, EU CONSIGO SAIR SOZINHO – RIU-SE O MÉDICO, DIRIGINDO-SE À PORTA. – CUIDEM DA JOVEM MÃE, ASSIM SABEREI QUE FIZ CORRETAMENTE O MEU TRABALHO.

– MUITO BEM – DISSE PREBEN, ASSENTINDO ENQUANTO APERTAVA A MÃO DE BRITTA NAS SUAS.

OLHOU PARA ELIN, QUE AINDA ESTAVA À PORTA COMO QUE CONGELADA.

– POR FAVOR DESPACHA-TE A TRAZER A COMIDA DE BRITTA, POIS TEM DE SEGUIR AS ORDENS DO MÉDICO.

ELIN ASSENTIU, BAIXANDO OS OLHOS.

MANTER OS OLHOS FIXOS NOS SAPATOS ERA A ÚNICA COISA QUE PODIA FAZER PARA EVITAR COMEÇAR A CHORAR. SE FOSSE FORÇADA A OLHAR PARA O ROSTO FELIZ DE PREBEN E PARA A EXPRESSÃO TRIUNFANTE DE BRITTA, POR MAIS UM INSTANTE QUE FOSSE, FICARIA DESTROÇADA. GIROU NOS CALCANHARES E DIRIGIU-SE RAPIDAMENTE À COZINHA.

A PATROA ESPERAVA UM FILHO E PRECISAVA DE CALDO. E DEUS, NA SUA OMNIPOTÊNCIA, ESTAVA A RIR-SE DA POBRE E TOLA ELIN.

*

ERICA NÃO TINHA BEM A CERTEZA de como vestir-se para a inauguração de uma exposição numa galeria de arte, por isso optou por uma combinação infalível: calções brancos e blusa branca. Só se atrevia a usar branco porque tinha deixado os filhos com Kristina. Se havia algo que tinha aprendido como mãe de três crianças pequenas era que a roupa branca atuava como um íman irresistível para os pequenos dedos pegajosos.

Voltou a confirmar a hora do convite que recebera de Viola, embora não fosse necessário, uma vez que já conseguia ver um fluxo de pessoas a entrar na pequena galeria. Erica olhou em redor quando entrou. A sala era brilhante e arejada, e as pinturas de Viola encontravam-se dispostas com gosto nas paredes. Numa mesa à esquina viu copos de champanhe e vasos com flores que amigos e conhecidos tinham levado. Erica sentiu-se repentinamente muito estúpida... Talvez também devesse ter trazido alguma coisa.

– Oh, Erica! Estou tão feliz por ter conseguido vir!

Viola aproximou-se, lançando-lhe um grande sorriso.

Estava fabulosa no seu bonito cafetã azul-escuro e com o cabelo grisalho apanhado num elegante carrapito. Erica sempre admirara pessoas que conseguiam usar um cafetã sem que parecessem mascaradas. Das poucas vezes que tentara usar um, sentira-se com um fato de carnaval chique. Mas Viola parecia radiante.

– Por favor, beba um pouco de champanhe. Não vai conduzir, pois não? – disse, entregando um copo a Erica.

Erica pensou nos planos para o resto do dia e concluiu que não tinha de conduzir, por isso aceitou o copo.

– Dê uma vista de olhos – disse Viola. – Se vir alguma coisa que queira comprar fale com aquela rapariga simpática que ela põe um ponto vermelho no rótulo ao lado do quadro. É a minha neta, já agora.

Viola apontou para uma adolescente junto da porta com uma tira com círculos vermelhos autocolantes na mão. Parecia levar aquela tarefa muito a sério.

Erica olhou demoradamente para todas as pinturas. Algumas já tinham um autocolante vermelho no rótulo e isso deixou-a feliz. Gostava de Viola e gostava dos quadros. Não percebia nada de pintura e não se sentia atraída por qualquer tipo de arte que não fosse figurativa, mas ali estava a ver aguarelas encantadoras com motivos reconhecíveis, sobretudo pessoas retratadas em situações

quotidianas. Parou diante de uma pintura que exibia uma mulher loura a amassar pão com manchas de farinha no rosto e um cigarro pendurado nos lábios.

– É a minha mãe. Todas as pinturas que aqui estão são de pessoas que foram importantes para mim e optei por mostrá-las em situações do dia-a-dia. Nada de poses estudadas. Quis pintá-las como me lembrava delas. A minha mãe estava sempre a fazer pão e bolos. Adorava aquilo, sobretudo cozer pão. Tínhamos pão fresco todos os dias; mas olhando para trás, muitas vezes me perguntei quanta nicotina eu e os meus irmãos não teremos ingerido juntamente com o pão, já que a minha mãe fumava sempre como uma chaminé enquanto amassava a massa. Mas naquele tempo ninguém se preocupava minimamente com isso.

– Era linda – disse Erica com sinceridade.

A mulher na pintura tinha exatamente o mesmo brilho nos olhos que a filha, e Erica calculou que as duas mulheres deviam ser muito parecidas na mesma idade.

– Sim, era a mulher mais bonita que conheci e também a mais divertida. Era muito boa mãe. Já fico satisfeita se tiver conseguido ser para os meus filhos metade do que ela foi para mim.

– Tenho a certeza de que conseguiu – comentou Erica, tendo dificuldade em pensar o contrário.

Alguém tocou no ombro de Viola, que se desculpou.

Erica ficou onde estava, olhando para o retrato da mãe de Viola, o que a fez ficar feliz e triste ao mesmo tempo. Feliz porque desejava que todos pudessem ter uma mãe que irradiasse tanto calor. Triste porque isso estava longe da experiência que ela e Anna tinham vivido quando eram novas. A mãe nunca tinha feito pão, nem sorria, nem abraçara as filhas ou dissera que as amava.

De repente, Erica sentiu-se culpada. Prometera que seria o oposto da mãe. Sempre calorosa, divertida e amorosa. No entanto, agora estava a trabalhar no livro e tinha pedido a Kristina para tomar conta dos filhos. Mas dava-lhes realmente muito amor e os filhos gostavam de ficar com a avó ou de passar tempo com os primos em casa de Anna. Não era um problema para eles. Além disso, se não trabalhasse, já não seria Erica. Adorava os filhos, mas também adorava escrever.

Lentamente, passou de um quadro ao outro enquanto bebia o champanhe. A galeria era um espaço atraente e com ar condicionado, e não estava apinhada, apesar de todas as pessoas ali presentes. De vez em quando Erica ouvia alguém a sussurrar o seu nome e já vira algumas mulheres a acotovelar os companheiros de lado. Era algo a que ainda não se tinha habituado: o facto de a reconhecerem

e encararem como uma espécie de celebridade. Até ao momento conseguira evitar as piores armadilhas a que os famosos estavam sujeitos. Não tinha ido a antestreias de filmes, não tinha lutado com cobras e ratos no programa televisivo *Fångarna på fortet*²⁶, não tinha aberto despidoradamente o coração no *talk show Hellenius Hörna*, ou aparecido no *På spåret*²⁷.

– Esse é o meu pai – disse uma voz ao lado de Erica, que teve um sobressalto.

Viola tinha regressado e estava a apontar para uma grande pintura no meio da parede. Tinha uma aura inteiramente diferente do retrato da mãe. Erica tentou traduzir em palavras o sentimento representado e decidiu que tinha de ser «melancolia».

– O meu pai sentado à secretária. É assim que me lembro dele, sempre a trabalhar. Quando era criança não compreendia, porém, depois de adulta, compreendo e respeito aquela paixão pelo trabalho, que podia ser tanto uma bênção como uma maldição. Com o passar dos anos, o trabalho devorou-o...

O significado do que Viola tinha dito pendia no ar. Então, a pintora virou-se para Erica.

– Desculpe. Pedi-lhe para vir cá por um motivo. Encontrei o antigo diário do meu pai. Não sei se terá alguma utilidade para si. Utilizava abreviaturas para tudo, mas pensei que podia querer vê-lo mesmo assim. Trouxe-o comigo, para o caso de querer ficar com ele.

– Quero sim – disse Erica. – Obrigada.

Não conseguira parar de pensar no que teria feito Leif mudar drasticamente de opinião sobre a culpabilidade das raparigas. De uma maneira ou de outra, queria chegar ao fundo daquela questão. Talvez aquele diário fornecesse uma nova pista.

– Tome – disse Viola, regressando com um diário preto bastante gasto. – Pode ficar com ele.

Entregou-o a Erica.

– Tenho o meu pai aqui – disse Viola, apontando para o coração. – Posso recriá-lo na minha memória sempre que quiser. Sentado à secretária.

Pôs a mão ao de leve no ombro de Erica, depois deixou-a em frente ao quadro. Erica estudou-o por um momento e depois foi falar com a rapariga que segurava na tira de pontos vermelhos.

Khalil estava sentado numa cadeira à esquina, a observar uma mulher idosa que entregava cobertores a Adnan. Não conseguia esquecer a imagem de Karim a arrastar Amina para fora da casa. As mãos a fumegar. Os gritos que dera. E o horrível silêncio de Amina.

Depois do incêndio, Bill, o professor de sueco, Sture, e outras pessoas que Khalil não conhecia tinham aparecido. Aparentemente, Rolf e Bill tinham unido esforços para os transportar para o centro comunitário. Bill gesticulava, falando muito depressa na sua estranha mistura de sueco e inglês, enquanto apontava para os carros, mas ninguém se atreveu a entrar até Khalil, Adnan e os colegas que participavam na equipa de vela terem entrado para um dos veículos.

Tinham trocado olhares interrogativos quando chegaram ao edifício vermelho na outra extremidade de Tanumshede. Como iriam ser as coisas naquele sítio? Mas, durante a última meia hora, as pessoas tinham começado a chegar. Estupefatos, observaram carro atrás de carro a parar no parque de estacionamento à frente ao grande edifício, com cobertores, termos com café e roupas e brinquedos para as crianças. Algumas pessoas deixavam simplesmente ali o que tinham levado e iam-se embora, enquanto outras ficavam e estavam agora a dar o seu melhor para conversar com os refugiados.

Por onde andaram todos aqueles suecos antes? Sorriam, falavam, perguntavam-lhes os nomes dos filhos, ofereciam-lhes comida e roupas. Khalil não conseguia compreender.

Adnan aproximou-se dele, as sobrancelhas erguidas numa interrogação. Khalil encolheu os ombros.

– Ouçam uma coisa, rapazes – chamou Bill de perto. – Falei com o gerente do supermercado da *Hedemyrs* e querem doar-vos comida. Podem ir lá buscá-la? Levem o meu carro, tomem a chave.

Bill atirou o porta-chaves a Adnan, que as apanhou em pleno voo.

– Claro, nós vamos lá – disse Khalil.

Quando chegaram ao estacionamento, estendeu a mão.

– Dá-me a chave.

– Quero conduzir – disse Adnan, aferrando-se ao porta-chaves.

– Esquece. Eu é que conduzo.

Relutantemente, Adnan abriu a porta do lado do passageiro. Khalil sentou-se no banco do condutor e olhou primeiro para a chave e depois para o painel de instrumentos.

– Não há onde enfiar a chave.

– Basta carregar naquele botão – disse Adnan com um suspiro.

Os carros eram o seu maior interesse, além dos jogos de vídeo, mas aprendia a maior parte do que sabia no *YouTube*.

Khalil parecia estar com dúvidas enquanto carregava no botão que dizia *Stop/Start*. O carro ligou-se com um ronco.

Adnan fez um sorriso rasgado.

– Achas que o Bill sabe que nenhum de nós tem carta de condução?

Khalil deu por si a sorrir, apesar de tudo.

– Se soubesse, será que nos tinha dado a chave do carro?

– Estamos a falar do Bill – disse Adnan. – Claro que dava. Tu sabes conduzir, não sabes? Senão saio já!

Khalil começou a fazer marcha-atrás.

– Não te preocupes. O meu pai ensinou-me.

Afastou-se do parque de estacionamento e virou para a estrada. O supermercado da *Hedemyrs* ficava a escassas centenas de metros do centro.

– Os suecos são tão estranhos – disse Adnan, abanando a cabeça.

– Como assim? – perguntou Khalil, entrando no estacionamento nas traseiras do supermercado.

– Tratam-nos como leprosos, dizem todo o género de merdas sobre nós, mandam Karim para a prisão e tentam queimar-nos vivos. Mas depois querem ajudar-nos. Não percebo.

Khalil encolheu os ombros.

– Não me parece que toda a gente nos vá trazer cobertores – disse, carregando novamente no botão para parar o carro. – Provavelmente há muitas pessoas que gostavam que tivéssemos morrido todos no incêndio.

– Achas que vão voltar a tentar? – perguntou Adnan.

Khalil saiu e fechou a porta do carro. Abanou a cabeça.

– Essa gente que se aproxima às escondidas e atea incêndios a coberto da noite é cobarde. Além disso, agora há demasiadas pessoas a vigiar.

– Achas que aquilo teria acontecido se a polícia não tivesse levado o Karim? – perguntou Adnan, segurando a porta do supermercado para deixar Khalil entrar à sua frente.

– Quem sabe? Provavelmente, a raiva já estava a arder em fogo lento há algum tempo. Talvez só fosse preciso isso acontecer para passarem das palavras aos atos.

Khalil olhou em redor. Bill não tinha dito com quem deviam falar, por isso, passado um momento, foi ter com um jovem que desembalava enlatados num dos corredores.

– Se calhar é melhor falarem com o patrão – disse. – Está no escritório.

O jovem apontou para o fundo do supermercado.

Khalil hesitou. E se o homem não soubesse nada sobre a doação dos alimentos? Talvez Bill não tenha falado com a pessoa certa. E se o patrão achasse que tinham ido pedir esmola?

Adnan pegou-lhe no braço.

– Anda, já que aqui estamos, mais vale irmos falar com ele.

Dez minutos mais tarde estavam a encher a mala do carro com sanduíches, refrigerantes, frutas e até alguns rebuçados para as crianças. Khalil abanou novamente a cabeça. Os suecos eram realmente estranhos.

*

Parecia que os pés voavam pelo cascalho. Aquela era a rotina que a mantinha viva. Levantar-se todas as manhãs, vestir o fato de treino, apertar os atacadores das sapatilhas e ir correr.

Ao longo dos anos, Helen tinha melhorado. Curiosamente, as maratonas não discriminavam em termos de idade. As corredoras mais jovens estavam em vantagem quando se tratava de energia e de força, mas as mais velhas compensavam essas limitações com a experiência. Era sempre divertido ver jovens arrogantes na sua primeira maratona a ser ultrapassadas por uma mulher com idade para ser mãe delas.

Helen sentiu os sinais de alerta de uma pontada de lado, o que a forçou a acalmar a respiração. Nesse dia não tencionava ceder.

A polícia prendera o homem do centro de acolhimento de refugiados e depois alguém incendiara o complexo. Helen ficou horrorizada quando viu as fotografias, mas quase imediatamente tinha-lhe passado pela cabeça que, agora, ela e Marie voltariam a estar nas bocas do mundo. Suspeitariam de uma delas. Ou de ambas.

Helen e Marie tinham tido tantos sonhos, tantos planos. Quando fizeram dezoito anos pensaram deixar tudo para trás e comprar bilhetes só de ida para os EUA, onde todo o género de coisas maravilhosas estaria à sua espera. Marie tinha mesmo ido para lá. Realizara os seus sonhos, ao passo que Helen ficara ali. Respeitadora. Obediente. Todas aquelas características que tinham feito dela uma vítima desde o início. Marie nunca teria aceitado o destino de Helen. Teria lutado furiosamente contra ele.

Mas Helen não era Marie. Toda a vida fizera o que os outros lhe disseram para fazer.

Seguira a carreira de Marie, lera sobre a vida da amiga e sobre a reputação de ser difícil, fria e às vezes mesmo desagradável. Uma má mãe que enviava a filha para colégios internos por todo o mundo e era constantemente fotografada em festas com homens diferentes. Mas Helen viu outra coisa. Viu a rapariga que nunca tinha medo de nada, que sempre a tentara proteger, que lhe teria dado o Sol e a Lua.

Era por isso que Helen nunca fora capaz de lhe contar. Como poderia tê-lo feito? Marie era débil, uma mera criança. Que poderia ter feito?

Helen pensou ter vislumbrado Marie quando fora às compras no dia anterior. Só se dera conta de um ligeiro movimento pela visão periférica, mas a presença de Marie era tão forte... Quando Helen ergueu os olhos, viu apenas um homem idoso de bengala, mas poderia ter jurado que Marie estivera ali, a olhar para ela.

A estrada de cascalho passou rapidamente enquanto os pés martelavam ritmicamente o chão. O pé direito para a frente, o braço direito para trás. Olhou de relance para o relógio de pulso. Estava a fazer um tempo melhor do que nunca, talvez porque a passada ritmada forçasse tudo o resto.

Havia tantas recordações que tentava evitar. E havia Sam. O seu maravilhoso Sam. Nunca tivera hipótese. Ficou condenado antes mesmo de nascer, infetado pelos pecados dela. Como podia ter acreditado que os anos iam fazer desaparecer tudo, que tudo iria escorrer para a água turva do esquecimento? Nunca nada desaparecia. Ela, mais do que ninguém, devia saber disso.

Helen corria com o olhar fixo no horizonte. Tinha treze anos quando começou a correr. E agora não se atrevia a abrandar.

*

Jessie afastou para o lado a última pasta contendo artigos sobre Helen, Marie e Stella. Olhou para Sam. A expressão do namorado podia ser muito aberta num momento e completamente fechada no seguinte. Mesmo no fim da pasta tinha incluído uma folha manuscrita com os seus pensamentos sobre o homicídio. Lê-los era como ver os próprios pensamentos impressos. Mas havia uma diferença. Sam levava tudo aquilo um pouco mais longe.

Que lhe havia de dizer agora? Que queria Sam ouvir?

Sam pegou na mochila.

– Há uma coisa que gostava de mostrar-te – disse.

Tirou um caderno gasto e folheou-o. De repente parecia tão vulnerável.

– Eu... – começou a dizer Jessie.

Foi o máximo que conseguiu dizer. Uma batida forte na porta fê-los dar um pulo.

Quando Jessie foi abrir, deu um passo atrás de surpresa. Vendela estava parada no alpendre. Não olhava para ela. Tinha os olhos fixos nos sapatos e ia mudando nervosamente o peso de um pé para o outro.

– Olá – disse em voz baixa, quase tímida.

– Olá – conseguiu Jessie dizer.

– Eu... não sei o que o Sam te contou sobre nós, mas pensei que... talvez...

Jessie ouviu Sam bufar por detrás dela. Estava encostado à parede, no vestíbulo. A expressão era quase perversamente negra.

– Olá, Sam – disse Vendela.

Sam não reagiu, por isso Vendela voltou a atenção para Jessie.

– Estava a pensar se não querias ir a minha casa e passar lá um bocado. Só fica a dez minutos daqui, de bicicleta. Tens bicicleta?

– Tenho.

Jessie sentia as faces em brasa. Vendela era uma das raparigas mais populares. Bastou olhar para ela para o saber. Nunca nenhuma das raparigas populares tinha ido falar com ela assim. Muito menos convidá-la para ir a sua casa.

– Não me digas que estás a acreditar nesta treta? – disse Sam.

Ainda estava a fulminar Vendela com o olhar e Jessie começava a sentir-se irritada. Era importante que Vendela tivesse ido ali e aquela era uma oportunidade para Jessie e Sam garantirem que os dias que passavam na escola fossem mais toleráveis. Que achava Sam que ela devia fazer? Fechar a porta na cara da rapariga?

Vendela ergueu as mãos.

– Acredita, estou mesmo envergonhada pelo que fizemos ao Sam. O Nils e o Basse também estão, mas não se atrevem a vir cá pedir desculpa. Sabes como são os rapazes...

Jessie assentiu. Virou-se para Sam.

– Encontramo-nos mais tarde. *Okay?* – disse em voz baixa.

Porque é que Sam não acabava com aquele orgulho estúpido e lhe dizia que estava tudo bem, que era óbvio que devia dar-se com Vendela? Mas os olhos do namorado estreitaram-se. Então, Sam dirigiu-se à mesa e recolheu todas as pastas, que enfiou na mochila e no saco. Jessie pensou tê-lo visto a limpar uma lágrima da face enquanto atirava o caderno gasto para dentro da mochila.

Passou por Jessie sem dizer uma palavra, mas então parou à entrada, ficando muito perto de Vendela.

– Se eu souber que vocês a trataram mal...

Calou-se, mas olhou-a fixamente uma última vez antes de subir para a bicicleta. Depois foi-se embora.

– Tens de desculpar Sam... Ele...

Jessie procurou as palavras certas, mas Vendela limitou-se a abanar a cabeça.

– Eu compreendo. Nós temos sido maus para o Sam desde crianças, por isso é natural que esteja zangado. Eu também estaria. Mas agora somos mais velhos e percebemos coisas que dantes não compreendíamos.

Jessie assentiu.

– Por acaso sei exatamente o que queres dizer. A sério.

Sabia? Jessie não tinha a certeza, mas Vendela bateu palmas.

– *Okay!* – disse. – Salta para a tua bicicleta e vamos embora!

Jessie foi até à bicicleta. Tinha sido alugada juntamente com a casa e parecia reluzente, nova e cara, o que a deixou feliz quando viu o olhar invejoso de Vendela.

– Moras numa bela casa! – disse Vendela enquanto pedalavam na direção de Hamngatan.

– Obrigada! – disse Jessie em voz alta, sentindo borboletas no estômago.

Vendela era tão... perfeita. Jessie seria capaz de matar para usar calções de ganga rasgados como os dela.

Passaram pela praça da cidade, cheia de gente. Vislumbrou Marie por detrás das câmaras de filmar. Estava a falar com o realizador, Jörgen. Marie falava nele de vez em quando.

– A minha mãe está ali – gritou a Vendela. – Queres dizer-lhe olá?

Vendela olhou para Jessie.

– Se não te importares, prefiro ir para casa para aproveitarmos para conversar. Não quero ser antipática nem nada, mas...

Jessie sentiu o coração a saltar-lhe no peito. Sem contar com Sam, era a primeira vez que alguém não queria saber quem a mãe era. Se Sam tivesse estado ali naquele momento teria visto como Vendela era honesta e sincera.

Enquanto pedalava a custo pela encosta íngreme de Galärbacken, sentiu algo que não foi capaz de identificar. Então percebeu o que era. Devia ser o que se sentia quando se estava plenamente feliz.

A cabeça de Sanna latejava furiosamente quando destrancou a porta da frente e entrou. Parecia pior do que era costume. Dirigiu-se à bancada da cozinha e encheu um grande copo de água. Gostava de comer entre as flores no centro de jardinagem, mas naquele dia tinha-se esquecido de fazer o almoço, por isso decidiu ir para casa. Cornelia podia defender o forte durante uma hora.

Quando abriu o frigorífico teve vontade de chorar. Além de uma bisnaga de concentrado de tomate e de um frasco de mostarda, havia apenas alguns legumes com ar murcho que já tinham definitivamente passado o prazo de validade.

Sabia o que a atormentava. Eram todos os pensamentos sobre Marie e Helen. Sobre Stella e aquela rapariguinha chamada Nea. Sobre a sombra na floresta. Aquela que a assustara tanto. A noite passada, aqueles pensamentos tinham-na atormentado. Pensamentos sobre o homem que lhe fizera perguntas sobre a sombra na floresta e com quem Stella tinha brincado. Tinha-lhe mentido? Não conseguia lembrar-se. Não queria lembrar-se. Então o homem desapareceu e os sonhos passaram a ser sobre a menina de olhos verdes.

Pelo menos ele não tinha voltado para lhe fazer mais perguntas.

Sanna teve um sobressalto quando ouviu vozes de raparigas a aproximarem-se. Vendela raramente estava em casa. Passava a maior parte do tempo de um lado para o outro com aqueles dois rapazes da turma dela e sem dúvida que não tinha amigas. Mas ali estava ela, a levar a bicicleta pela mão através do relvado, como era costume. Só que daquela vez ia com uma rapariga loura avantajada a caminhar ao lado dela.

Sanna franziu a testa. Havia algo de familiar naquela rapariga, mas não conseguia dizer o que era. Provavelmente era uma das miúdas de quem Vendela tinha sido amiga quando era mais nova. Sanna nunca conseguira manter-se atualizada em relação a todos os amigos da Vendela.

– Olá – disse Vendela. – Estás em casa?

– Não, ainda estou no centro – respondeu Sanna, arrependendo-se imediatamente daquelas palavras.

Devia fazer o seu papel de adulta. Não havia necessidade de sarcasmo. Mas Vendela tinha parecido tão dececionada ao vê-la.

– Olá – disse a rapariga forte, estendendo a mão. – Chamo-me Jessie.

– Sanna. Sou a mãe da Vendela – apresentou-se, olhando para a rapariga.

Parecia-lhe realmente familiar. Seria aquela que era filha de uma professora? Ou era a que morava na casa do cruzamento? Aquela que brincava com Vendela quando eram crianças?

– Então, há quanto tempo é que são amigas? – perguntou Sanna. – Vocês cresceram tanto que quase já não reconheço nenhuma.

– Mãe...

– Acabei de mudar-me para cá – disse Jessie. – A minha mãe está a trabalhar aqui, por isso vamos ficar durante algum tempo.

– Estou a ver. Que bom.

Sanna podia jurar que conhecia aquela rapariga.

– Vamos até ao meu quarto – disse Vendela a meio caminho das escadas.

– Prazer em conhecê-la – disse Jessie, seguindo Vendela.

Ouviu-se uma porta a bater e logo a seguir música em altos berros. Sanna suspirou. Lá se ia o almoço tranquilo.

Abriu o congelador para ver o que podia encontrar. O panorama era um pouco mais promissor do que o do frigorífico. Encontrou carne de vaca picada congelada ao fundo. Pegou numa frigideira, adicionou um grande pedaço de manteiga e depois pôs lá dentro a carne picada.

Pouco tempo depois, Sanna estava sentada à mesa da cozinha com uma chávena de café. Lançou uma olhadela pensativa ao teto, de onde agora ouvia música de dança a martelar no quarto da filha. Onde é que tinha visto aquela rapariga?

Pegou numa revista que estava pousada na mesa e começou a folheá-la. Uma edição da *Veckans Nu*. Puro lixo que Vendela insistia em levar para casa. Página atrás de página de notícias inúteis sobre celebridades de terceira categoria. Virou a página e lá estava Marie, a sorrir. E, de repente, Sanna soube quem era a rapariga.

Pontos negros dançaram-lhe diante dos olhos. Jessie. A filha de Marie. A rapariga que tinha visto à janela da casa de Marie. Tinha os olhos dela. Os mesmos olhos verdes que Sanna vira tantas vezes em sonhos ao longo dos anos.

Do andar de cima chegava-lhe o som de risos de rapariga que se sobrepunham à música. Sanna tinha a boca seca. A filha de Marie estava ali, em sua casa. Será que devia fazer alguma coisa? Devia dizer alguma coisa? A rapariga não tinha culpa do que a mãe fizera. Isso era óbvio. Mas as paredes aproximavam-se de Sanna e a garganta começava a estreitar-se.

Pegou na chave do carro e saiu de casa a correr.

– *Okay*. Temos uma decisão a tomar – disse Patrik, cruzando as mãos sobre a barriga e olhando para os sapatos.

Ninguém disse uma palavra.

– O que vos parece? O Mellberg deve ou não participar na reunião?

– O Bertil está consciente de que errou – disse Annika em voz baixa. – Não costumo ser eu a defendê-lo, mas neste caso acho mesmo que se deu conta do mal que fez e quer realmente ajudar.

– Tudo bem, mas querer ajudar e ser capaz de ajudar são duas coisas diferentes – disse secamente Paula.

– O Bertil é o chefe da esquadra – disse Patrik, levantando-se. – Quer queiramos ou não, esta é a realidade.

Saiu durante alguns minutos para regressar com um Mellberg subjugado. *Ernst* vinha alguns passos atrás do dono, a cabeça pendente como se também tivesse caído em desgraça.

– Ora bem – disse Patrik, sentando-se novamente. – Agora já estamos todos.

Mellberg sentou-se à cabeceira da mesa e *Ernst* deitou-se no chão ao lado dele.

– A partir de agora gostava que todos trabalhássemos juntos no mesmo sentido. Vamos fazer o nosso trabalho de forma profissional e não permitir que as emoções levem a melhor sobre nós. Temos de concentrar-nos em duas coisas. Primeiro, a investigação em curso sobre o homicídio de Linnea Berg. Segundo, a questão de quem incendiou o centro de acolhimento de refugiados.

– Como fazemos a partir de agora? – perguntou Martin.

– Sim, como queres dividir o trabalho? – perguntou Gösta.

– Há vários procedimentos a ter. Tomas notas, Annika?

Annika ergueu a caneta em sinal de confirmação.

– Primeiro, temos de entrevistar toda a gente do centro de acolhimento de refugiados. Começaremos pelas pessoas que moravam mais perto do Karim e da família. Pelo que sei, aqueles cujas casas foram destruídas receberam abrigo no centro comunitário até encontrarem habitações permanentes. Paula e Martin, podem encarregar-se dessa tarefa?

Ambos assentiram.

– Gösta, o que disseram a Eva e o Peter sobre as cuequinhas? Conseguiram identificá-las como pertencendo a Nea?

– Sim – disse Gösta. – Disseram que a menina tinha aquele género de cuequinhas e que podiam muito bem ser as que tinha vestido no dia em que desapareceu. Mas...

– Mas o quê? – perguntou Patrik, ficando alerta.

Gösta era o mais experiente dos colegas e valia sempre a pena ouvir o que tinha para dizer.

– Bem, não sei... Não é nada específico, mas há qualquer coisa que me incomoda. Só que não consigo descobrir o que é...

– Continua a pensar nisso e vê lá se consegues lembrar-te –disse Patrik. Consultou as notas e prosseguiu: – Voltar a contactar Torbjörn está no topo da minha lista. Fiquei incomodado por termos abandonado as buscas à propriedade da família Berg a meio. Falei nisso à procuradora esta manhã e ela quer que as terminemos, apesar do que foi «encontrado» em casa de Karim.

– Concordo – disse Gösta.

Patrik lançou-lhe um olhar surpreendido. A princípio, Gösta mostrara-se relutante em relação às buscas. Que poderia ter acontecido para estar tão ansioso em retomá-las?

– Bom – disse bruscamente. – Vou ligar ao Torbjörn e vamos lá assim que pudermos. Com um pouco de sorte, ainda poderemos ir hoje ou amanhã, dependendo do número de casos que ele tenha em mãos.

– Estão a trabalhar no incêndio? – perguntou Paula.

Patrik abanou a cabeça.

– Não, os especialistas dos bombeiros em fogo posto estão a tratar disso. Mas até ficarmos a saber mais, a informação preliminar é de que foi lançado um *cocktail* Molotov para dentro de casa de Karim, pela janela.

– O que estamos a fazer relativamente à gravação do telefonema anónimo? – perguntou Paula.

– A Annika tem-na – respondeu Patrik. – Ouçam-na à vontade e avisem-me se vos ocorrer alguma coisa. A voz está distorcida, mas vou enviá-la para análise ainda hoje. Espero que eles possam fazer alguma coisa em relação à distorção ou, pelo menos, isolar algum som de fundo que nos ajude a identificar o autor da chamada.

– Okay – disse Paula.

– Então e a Helen e a Marie? – perguntou Martin. – Ainda não sabemos se há alguma ligação ao caso Stella.

– Não, mas já conversámos com elas e, neste momento, não tenho nada de concreto que justifique fazer-lhes mais perguntas. Teremos de esperar até sabermos mais. Ainda acho que tem de haver uma ligação.

– Apesar do que foi encontrado em casa do Karim? – perguntou Paula.

– Sim, apesar do que foi «encontrado» – disse Patrik, e não conseguiu resistir a lançar um olhar a Mellberg.

Bertil tinha os olhos fixos na mesa. Não dissera uma palavra durante a reunião.

– Acho que é uma pista falsa – prosseguiu Patrik. – Mas, de momento, não podemos descartar nada. Parece-me demasiado conveniente termos recebido um telefonema anónimo para logo de seguida o Mellberg fazer aquela descoberta. Se o Karim fosse culpado, quem mais saberia que as cuequinhas estavam lá? Quem estaria em posição de nos informar?

Nos últimos minutos, Gösta permanecera calmamente sentado, perdido em pensamentos. Mas quando Patrik estava prestes a terminar a reunião, ergueu os olhos.

– Acho que sei o que tem andado a incomodar-me.

26 Em inglês *Prision Island*. Um conceito sueco de franchise adaptado a um programa de televisão. As pessoas são convidadas a formar equipas e divertirem-se em grupo superando desafios. (*N. do E.*)

27 Concurso que conta com a participação de pessoas famosas exibido desde 1987 pela SVT, a operadora televisiva estatal da Suécia. (*N. do T.*)

Bohuslän, 1672

O DESESPERO DE ELIN CRESCIA A CADA DIA QUE PASSAVA. PREBEN DEDICAVA TODO O TEMPO LIVRE A BRITTA E NÃO LHE LIGAVA NENHUMA. ERA COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO ENTRE AMBOS. NÃO ERA ANTIPÁTICO, MAS TINHA-SE SIMPLEMENTE ESQUECIDO DO QUE SE PASSARA. BRITTA E O FILHO CAPTAVAM-LHE AGORA TODA A ATENÇÃO. JÁ NEM MÄRTA LHE INTERESSAVA. A MENINA CORRIA DE UM LADO PARA O OUTRO, PERPLEXA, COM SIGRID NOS CALCANHARES. ELIN SENTIA UM APERTO NO CORAÇÃO AO VER A CONFUSÃO E A CONSTERNAÇÃO DA FILHA DIANTE DA SÚBITA INDIFERENÇA DE PREBEN E NÃO FAZIA IDEIA DE COMO EXPLICAR À CRIANÇA AQUELA LOUCURA ADULTA.

COMO PODERIA EXPLICAR ALGO À FILHA SE ELA PRÓPRIA NÃO COMPREENDIA?

NO ENTANTO, UMA COISA ERA CLARA. JÁ NÃO LHE PASSAVA PELA CABEÇA CONTAR A PREBEN QUE CARREGAVA UMA CRIANÇA NO VENTRE. NEM PODIA TÊ-LA. TERIA DE LIVRAR-SE DELA. SE NÃO O FIZESSE, ELA E MÄRTA FICARIAM SEM ABRIGO. ACABARIAM POR MORRER À FOME OU A PEDIR ESMOLA. OU SOFRERIAM ALGUM OUTRO DESTINO TERRÍVEL, QUE ATINGIA AS MULHERES QUE NÃO TINHAM PARA ONDE IR. NÃO PODIA PERMITIR QUE ISSO ACONTECESSE A AMBAS.

NÃO POSSUÍA CONHECIMENTOS SUFICIENTES PARA SE DESFAZER DA CRIANÇA, MAS CONHECIA ALGUÉM QUE OS TINHA. CABIA A QUEM OUTRAS TINHAM RECORRIDO NAQUELA SITUAÇÃO – AQUELAS MULHERES QUE NÃO TINHAM MARIDO PARA TOMAR CONTA DA MÃE E DO FILHO. SABIA QUEM PODIA AJUDÁ-LA. HELGA KLIPPARE.

UMA SEMANA DEPOIS, A OPORTUNIDADE APRESENTOU-SE QUANDO BRITTA LHE PEDIU QUE FOSSE A FJÄLLBACKA FAZER UM RECADO. ENQUANTO SEGUIA NA CARROÇA, ELIN SENTIU O CORAÇÃO A AFUNDAR-SE CADA VEZ MAIS NO PEITO. PENSOU QUE PODIA SENTIR A CRIANÇA A MEXER-SE DENTRO DELA, EMBORA SOUBESSE QUE ERA DEMASIADO CEDO. LILL-JAN, QUE CONDUZIA A CARROÇA, NÃO TARDOU A DESISTIR DE FALAR COM ELA. ELIN NÃO ESTAVA COM VONTADE DE CONVERSAR E DEIXOU-SE SIMPLEMENTE FICAR SENTADA EM SILÊNCIO ENQUANTO AS RODAS ROLAVAM RESOLUTAMENTE NA ESTRADA. QUANDO CHEGARAM A FJÄLLBACKA, ELIN DESCEU DA CARROÇA E SEGUIU O SEU CAMINHO SEM DIZER UMA PALAVRA. LILL-JAN TINHA DE TRATAR DE VÁRIOS RECADOS DO PATRÃO, POR

ISSO SÓ REGRESSARIAM A CASA AO FIM DA TARDE. BASTANTE TEMPO PARA FAZER O QUE PRECISAVA DE FAZER.

HAVIA OLHOS A OBSERVÁ-LA ENQUANTO CAMINHAVA PELA RUA. HELGA MORAVA NUMA CASA MESMO NO FIM DA RUA. ELIN HESITOU, MAS POR FIM BATEU COM OS NÓS DOS DEDOS NA MADEIRA GASTA DA PORTA.

*

TINHAM DADO A ELIN ÁLCOOL CASEIRO PARA A DOR; CONTUDO, NA VERDADE NÃO TINHA NADA CONTRA A DOR FÍSICA. QUANTO PIOR O CORPO SE SENTISSE, MAIS EMBOTADA ERA A DOR NO CORAÇÃO. SENTIU O CORPO A CONTRAIR-SE. RITMICAMENTE. METODICAMENTE. TAL COMO QUANDO MÄRTA NASCEU. PORÉM, DESTA VEZ, SEM A ALEGRIA E A EXPETATIVA QUE SENTIRA POR SABER QUAL SERIA O RESULTADO DE TODO AQUELE TRABALHO ÁRDUO. DESTA VEZ SENTIA APENAS TRISTEZA À SUA ESPERA DEPOIS DA DOR LANCINANTE E DO SANGUE ABUNDANTE.

HELGA NÃO LHE OFERECEU COMPAIXÃO, MAS TAMBÉM NÃO A JULGOU. SILENCIOSA E METODICAMENTE, FAZIA O QUE TINHA A FAZER. SÓ MANIFESTAVA PREOCUPAÇÃO QUANDO IA LIMPAR DE VEZ EM QUANDO O SUOR DA TESTA DE ELIN.

— EM BREVE ESTARÁ TERMINADO — DISSE LACONICAMENTE HELGA DEPOIS DE ESPREITAR ENTRE AS PERNAS DE ELIN, QUE ESTAVA DEITADA NO CHÃO SOBRE UMA MANTA DE RETALHOS IMUNDA.

ELIN OLHOU PELA PEQUENA ABERTURA AO LADO DA PORTA. A TARDE JÁ IA AVANÇADA. DAÍ A ALGUMAS HORAS TERIA DE REGRESSAR NA CARROÇA COM LILL-JAN E IR PARA CASA, PARA O PRESBITÉRIO. A ESTRADA ERA ACIDENTADA E SABIA QUE CADA ABANÃO LHE CAUSARIA DORES. MAS TERIA DE FAZER CARA ALEGRE. NINGUÉM PODIA DESCOBRIR O QUE TINHA ACONTECIDO.

— AGORA FAZ FORÇA — DISSE HELGA. — DEVES FAZER FORÇA NA PRÓXIMA CONTRAÇÃO, PARA QUE POSSA SAIR.

ELIN FECHOU OS OLHOS E AGARROU AS BORDAS DA MANTA DE RETALHOS. ESPEROU ATÉ QUE AS CONTRAÇÕES AUMENTASSEM E, QUANDO A DOR ESTAVA NO AUGE, EMPURROU COM TODAS AS SUAS FORÇAS.

ALGO DESLIZOU DE DENTRO DELA. ALGO PEQUENO. UM GRUMO. NÃO HOUVE CHORO. NENHUM SINAL DE ESTAR VIVO.

HELGA TRABALHOU RAPIDAMENTE. ELIN OUVIU O RUÍDO DE ALGO A CAIR NO BALDE AO LADO DELA.

— FOI MELHOR ASSIM — DISSE SECAMENTE A PARTEIRA, LEVANTANDO-SE COM ESFORÇO ENQUANTO LIMPAVA AS MÃOS MANCHADAS DE SANGUE A UMA TOALHA. —

NÃO ESTAVA COMO DEVIA ESTAR. NÃO TERIA CORRIDO BEM.

PEGOU NO BALDE E POUSOU-O AO LADO DA PORTA. ELIN SENTIU UM SOLUÇO FORMAR-SE-LHE NO PEITO, MAS CONTROLOU-SE À FORÇA, CONTENDO-O FERROZMENTE ATÉ SE TORNAR UMA BOLA MINÚSCULA DENTRO DO CORAÇÃO. PORTANTO, NEM SEQUER LHE SERIA PERMITIDA A IMAGEM DE UM Lindo FILHO OU FILHA COM OS OLHOS AZUIS DE PREBEN. A CRIANÇA NÃO ESTAVA COMO DEVIA ESTAR. NUNCA TERIAM SIDO UMA FAMÍLIA, EXCETO NOS SONHOS INGÊNUOS DE ELIN.

NAQUELE MOMENTO, A PORTA ABRIU-SE E EBBA DE MÖRHULT ENTROU EM CASA DA IRMÃ. PAROU ABRUPTAMENTE QUANDO VIU ELIN DEITADA NO CHÃO. DE BOCA ABERTA, ABSORVEU TODA A CENA. ELIN COM AS PERNAS ENSANGUENTADAS ABERTAS, O CONTEÚDO DO BALDE AO LADO DA PORTA E HELGA A LIMPAR O SANGUE DE ELIN DAS MÃOS.

— ENTÃO — DISSE EBBA, COM OS OLHOS A FAISCAR. — VEIO CÁ PEDIR-TE AJUDA. MAS, QUE EU SAIBA, ELIN NÃO VOLTOU A CASAR. SERÁ QUE SE DEITOU COM UM DOS TRABALHADORES DA QUINTA? OU COMEÇOU A PROSTITUIR-SE NA POUSADA LOCAL?

— CHIU — HELGA ADMOESTOU A IRMÃ, QUE SE LIMITOU A FRANZIR OS LÁBIOS.

ELIN NÃO TEVE ENERGIA PARA REAGIR. TODAS AS FORÇAS A TINHAM ABANDONADO E JÁ NÃO PRECISAVA DE SE PREOCUPAR COM AS OPINIÕES DE EBBA. ENTRARIA NA CARROÇA COM LILL-JAN, VOLTARIA AO PRESBITÉRIO E ESQUECERIA QUE AQUILO TINHA ACONTECIDO.

— É ISSO? — PERGUNTOU EBBA, PONTAPEANDO O BALDE.

OLHOU PARA BAIXO E ENRUGOU O NARIZ.

— PARECE UMA DAS ABOMINAÇÕES DA NATUREZA.

— ESTÁ CALADA, SENÃO AINDA LEVAS UMA BOFETADA SEM QUERER — DISSE HELGA. ENTÃO, PEGOU NA IRMÃ PELO BRAÇO E CONDUZIU-A PORTA FORA. DEPOIS DE EBBA SE TER IDO EMBORA, HELGA VIROU-SE PARA ELIN.

— NÃO LHE LIGUES. SEMPRE FOI PERVERSA, DESDE A NOSSA INFÂNCIA. AGORA SENTA-TE COM CUIDADO E LAVA-TE.

ELIN FEZ O QUE HELGA DISSE. SENTOU, INCLINANDO-SE PESADAMENTE SOBRE UM BRAÇO. O ÚTERO DOÍÁ-LHE E HAVIA SANGUE ENTRE AS COXAS.

— ÉS AFORTUNADA. NÃO VAIS TER DE SER COSIDA. E NÃO PERDESTES MUITO SANGUE, MAS TENS DE DESCANSAR DURANTE UNS DIAS.

— NEM PENSAR NISSO — AFIRMOU ELIN, PEGANDO NO TRAPO MOLHADO QUE HELGA LHE ENTREGOU.

SENTIU PICADAS QUANDO SE LAVOU. HELGA PÔS-LHE UMA TIGELA DE ÁGUA AO LADO PARA QUE PUDESSE ESCORRER O TRAPO.

– EU... – HELGA HESITOU. – OUVI DIZER QUE A TUA IRMÃ ESTÁ GRÁVIDA.

A PRINCÍPIO, ELIN NÃO REAGIU, MAS DEPOIS ASSENTIU.

– SIM, ESTÁ. NESTE INVERNO, OS GRITOS DE UMA CRIANÇA SERÃO OUVIDOS NO PRESBITÉRIO.

– SUPONHO QUE UM MÉDICO DE UDDEVALLA CUIDARÁ DA ESPOSA DO PASTOR QUANDO FOR CHEGADA A ALTURA. PORÉM, SE FOR NECESSÁRIO, PODES MANDAR CHAMAR-ME.

– VOU DIZER-LHES – AFIRMOU ELIN.

NÃO PODIA SUPORTAR PENSAR NO FILHO DE BRITTA. NEM SEQUER PODIA PENSAR NO SEU PRÓPRIO, DENTRO DAQUELE BALDE.

COM GRANDE ESFORÇO, LEVANTOU-SE E BAIXOU AS SAIAS. ESTAVA NA HORA DE REGRESSAR A CASA.

*

– NÃO BATAS COM A PORTA! – James fitou Sam, de pé no vestíbulo.

– Eu não bati com a porta, porra – replicou Sam, descalçando os sapatos.

A raiva que tão bem conhecia agitou-se dentro de James. Sempre aquela sensação de decepção. O verniz preto e a maquiagem negra dos olhos eram o modo que o filho tinha de lhe cuspir na cara. James sabia-o. Cerrou o punho e deu um murro no papel de parede florido. Sam encolheu-se e James sentiu desaparecer a tensão que se lhe acumulara no corpo.

Tinha sido forçado a encontrar um escape para toda a raiva que sentia em relação a Sam quando o rapaz era mais novo, sempre que estavam na floresta. Nas poucas ocasiões em que Helen se ausentara. Os acidentes aconteciam com tanta frequência. Mas, uma vez, Helen descobriu-os. Sam estava agachado no chão enquanto James levantava o punho. O lábio de Sam estava rachado e a sangrar, e James apercebeu-se de como aquilo devia parecer mal. Mas a mulher exagerara na reação. A voz tremia-lhe de fúria quando lhe disse o que aconteceria se alguma vez voltasse a tocar em Sam.

E James controlara-se desde então. Desde há três anos.

Sam subiu pesadamente as escadas e James perguntou a si próprio porque estaria o filho tão furioso. Mas depois encolheu os ombros. Problemas de adolescentes.

Estava ansioso por voltar a partir. Faltavam duas semanas. Já contava os minutos. Não compreendia os colegas que ansiavam pelo lar, que queriam voltar para a família e para o quotidiano monótono. Mas o Exército insistia que todos tinham de tirar uma «licença» de vez em quando. Provavelmente era uma treta qualquer inventada por algum psicólogo. James não acreditava nessas coisas.

Entrou no escritório de casa e encaminhou-se ao pequeno armeiro por detrás da secretária. Introduziu a combinação e ouviu a fechadura dar um estalido. A porta abriu-se. Aquelas eram as armas que possuía legalmente, mas no guarda-fatos do andar de cima tinha escondido uma fila de outras que colecionara durante quase trinta anos – havia de tudo, desde simples pistolas até armas automáticas. Não era difícil conseguir armas se se soubesse onde procurá-las.

Naquele armeiro, James tinha a sua *Colt M1911*. Era uma arma a sério. Não era de todo leve nem elegante. Calibre 45.

Voltou a guardar a arma. Talvez devesse levar Sam naquela tarde para praticar um pouco tiro ao alvo. Era irónico que disparar fosse a única coisa para a qual

Sam tinha jeito, para além dos computadores, mas era algo que nunca lhe serviria de nada. Ser atirador de elite não daria pontos extra a um empregado de escritório. E era esse o futuro que James imaginava para Sam. Empregado de escritório numa empresa de Tecnologias de Informação qualquer. Maçador, sem sentido, supérfluo.

James fechou cuidadosamente o armeiro. A fechadura emitiu novo estalido e a porta fechou-se automaticamente. Ergueu os olhos para o teto. O quarto de Sam ficava diretamente por cima. Não ouvia nada, mas isso só significava que Sam estava sentado ao computador com os auscultadores nas orelhas e aquela música miserável a berrar-lhe aos ouvidos. James suspirou. Quanto mais depressa pudesse apresentar-se para a próxima missão, melhor. Não suportaria aquilo por muito mais tempo.

*

Erica pediu que a pintura lhe fosse enviada para casa depois da inauguração da exposição e depois despediu-se de Viola. Quando saiu, o telemóvel emitiu um sinal sonoro e Erica leu rapidamente a mensagem de texto. Ótimo. Os planos que tinha feito estavam agora registados e confirmados, por isso faltava apenas «raptar» Kristina. Erica ligou para o número de Anna, esperando que a irmã tivesse uma ideia de como o poderiam fazer. A única coisa em que conseguia pensar naquele momento envolvia uma ponta de sadismo, algo que a sogra não apreciaria.

Ouviu o telemóvel tocar enquanto observava a praça, reparando que pareciam estar a decorrer filmagens. Esticou o pescoço e pensou ter vislumbrado Marie Wall do lado de lá das câmaras, mas não era fácil ver bem por causa da grande multidão de espectadores curiosos.

– Estou? – disse Anna, fazendo Erica ter um sobressalto.

– Ah, olá. Sou eu. Pronto, está tudo a postos para amanhã. Temos de estar no hotel ao meio-dia. Mas a questão é como fazer com que Kristina vá lá ter sem que desconfie. Tens alguma ideia? Tenho quase a certeza de que não ias aprovar o meu plano de contratar dois tipos vestidos de terroristas para ir buscá-la a casa à força.

Anna riu-se. Ao fundo ouvia-se o lamento das sirenes.

– Que se passa, é a polícia? – perguntou Erica.

Anna não respondeu.

– Estou? Ainda estás aí?

Erica olhou para o ecrã, mas não havia nenhuma indicação de que a chamada já tivesse terminado.

- Sim, ainda estou aqui. Não, foi uma ambulância passar.
- Uma ambulância? Espero que esteja tudo bem com os teus vizinhos.
- Eles estão bem. De momento não estou em casa.
- Oh? Onde estás?
- Em Uddevalla.
- O que estás aí a fazer?

Porque é que Anna não se referira a essa deslocação quando estavam a ajudar Kristina a provar vestidos de noiva?

- Vim cá para uma consulta.
- Mas porquê? – perguntou Erica, franzindo a testa. – O teu médico não dá consultas em Uddevalla.
- É um exame especial que só podem fazer no hospital de Uddevalla.
- Anna, tenho a sensação de que estás a esconder-me alguma coisa. Há algum problema com o bebé? Ou contigo? Estás doente?

A preocupação aferrava-se-lhe ao coração. Depois do acidente de viação, Erica já não dava nada por adquirido.

– Não, não, Erica. Está tudo bem. Querem ser um pouco mais cautelosos, tendo em conta...

Anna não terminou a frase.

- Ok, mas promete que me dizes se houver algum problema.
- Prometo – disse Anna, e depois mudou rapidamente de assunto. – Eu penso em alguma coisa até amanhã. Meio-dia no Stora Hotel, certo?
- Sim. Já planeei o resto do dia e da noite. Tu ficas o tempo que quiseres. Abraços.

Erica desligou a chamada, mas a sensação de preocupação não desapareceu. Anna estava a esconder-lhe algo, tinha a certeza disso.

Caminhou até à praça para assistir às filmagens. Sim, era Marie Wall lá ao fundo. Estavam mesmo a terminar uma cena e Erica ficou impressionada com o resplendor de Marie. Não precisava de olhar através da lente de uma câmara para saber que a atriz ia iluminar o ecrã. Era uma daquelas pessoas que pareciam caminhar sob a luz do seu próprio holofote.

Quando acabaram de filmar, Erica virou-se para se dirigir a casa. Então ouviu alguém a chamar o seu nome e virou-se, tentando identificar quem era. Marie acenou quando viu Erica a olhar na sua direção. Erica foi ter com a atriz.

– É a Erica Falk, não é? – perguntou Marie. A voz parecia tão rouca como nos filmes.

– Sim, sou – disse Erica, sentindo-se invulgarmente tímida.

Nunca tinha conhecido uma estrela de cinema e sentiu-se desnorteada por estar diante de alguém que se dava com George Clooney.

– Bem, você sabe quem eu sou – disse Marie com uma risada descontraída, tirando um maço de cigarros da mala. – Quer um?

– Não, obrigada. Não fumo.

Marie acendeu o cigarro.

– Sei que queria falar comigo. Vi as suas cartas... Agora tenho um intervalo, enquanto fazem imagens de arquivo, por isso, se quiser, podemos sentar-nos, tomar uma bebida e conversar.

Marie apontou o cigarro para as mesas do lado de fora do Café Bryggan.

– Claro que sim – disse Erica com um pouco de ansiedade na voz.

Não fazia ideia do que eram imagens de arquivo, mas não se atreveu a perguntar.

Sentaram-se a uma mesa junto ao cais e a empregada apareceu a correr. Estava tão entusiasmada por servir Marie que parecia prestes a ter um ataque cardíaco.

– Dois copos de champanhe – disse Marie, dispensando a rapariga, que fez um sorriso rasgado e depois entrou apressadamente no restaurante. – Sei que não perguntei o que queria tomar, mas só as pessoas aborrecidas é que recusam champanhe e tenho a impressão de que a Erica não é uma pessoa aborrecida.

Marie soprou uma nuvem de fumo na direção de Erica, nunca deixando de a estudar.

– Bem, eu...

Erica não conseguiu pensar numa resposta adequada. Caramba, estava a agir como uma rapariga de doze anos. As estrelas de Hollywood eram apenas pessoas como as outras. Tentou usar um truque que o pai lhe ensinara sempre que estava nervosa por ir apresentar um trabalho na escola. Imaginou Marie sentada na sanita com as cuecas nos tornozelos. Infelizmente, aquilo não funcionou bem como Erica esperara. De alguma forma, Marie conseguiu parecer tão elegante como sempre, mesmo naquela situação.

A empregada de mesa voltou e pousou dois copos de champanhe na mesa.

– Mais vale pedirmos já mais dois enquanto está aqui, querida – disse Marie. – Estes vão desaparecer num segundo – dito isto, dispensou novamente a rapariga.

Pegou no copo e ergueu-o na direção de Erica.

– *Skål* – disse Marie, engolindo metade do champanhe de uma só vez.

– *Skål* – disse Erica, conformando-se com um golinho.

Se continuasse a beber champanhe a meio do dia daquela maneira ia acabar por ficar bêbeda.

– Que gostaria de saber? – perguntou Marie, despejando o resto da bebida.

Olhou para a empregada, que apareceu a correr com mais dois copos.

Erica bebeu mais alguns golinhos enquanto ponderava como começar.

– Bem, a primeira coisa que gostava de saber é porque mudou de ideias quanto a falar comigo. Há muito tempo que ando a tentar entrevistá-la.

– Compreendo o motivo da sua pergunta, já que falei abertamente sobre o meu passado durante toda a minha carreira. Mas, como já poderá ter ouvido, estou a pensar escrever o meu próprio livro.

– Sim, ouvi os rumores.

Erica terminou o copo de champanhe e alcançou o segundo. Estar ali sentada ao sol quente do cais, a beber champanhe com uma estrela de cinema internacional era demasiado surpreendente para dar ouvidos ao bom senso.

– Ainda não decidi como fazer isso. Mas, agora que a Helen já falou consigo... – Marie encolheu os ombros.

– Sim, deu lá um salto a casa ontem – disse Erica. – Ou melhor, uma corrida.

– Ouvi dizer que é obcecada pela corrida. Não falámos uma com a outra, mas vi-a correr pela vila. Quase não a reconheci. Magra como um fusos. Nunca compreendi o objetivo de tanto exercício. Tudo o que uma pessoa tem de fazer para manter a forma é evitar hidratos de carbono como se fossem a peste negra.

Cruzou uma perna longa e bem torneada sobre a outra. Erica olhou para a figura delgada com inveja, mas estremeceu ao pensar numa vida sem hidratos de carbonos.

– Tiveram algum contacto durante todos estes anos? – perguntou.

– Não – respondeu secamente Marie. Então, a expressão suavizou-se. – Fizemos algumas tentativas tímidas de comunicar uma com a outra depois do que aconteceu. Mas os pais de Helen rapidamente puseram fim a isso. Então desistimos. E provavelmente foi mais fácil tentar esquecer tudo, pôr tudo para trás das costas.

– Como é que a Marie e a Helen lidaram com tudo? A polícia? Os Jornais? O público? Eram apenas crianças. Deve ter-vos parecido esmagador.

– Não compreendemos a seriedade de tudo aquilo. A Helen e eu achávamos que aquilo ia passar e que tudo voltaria ao normal.

– Mas como é que podem ter pensado isso? Afinal de contas, uma menina tinha sido assassinada.

Marie não respondeu imediatamente. Bebeu um golo de champanhe, apreciando a vista.

– Tem de ter em mente que também éramos crianças – disse. – Sabíamos que éramos nós contra o mundo. Estávamos a viver numa bolha, mais ninguém podia entrar. Como via o mundo quando tinha treze anos? Via as *nuances*? As zonas cinzentas? Ou era tudo preto e branco?

Erica pensou em como era naquela idade. Ingénua, inexperiente, cheia de *clichés* e de verdades simples. Só quando as pessoas cresciam é que começavam a perceber como a vida era complicada.

– Compreendo o que quer dizer – afirmou. – Perguntei a Helen porque confessaram e depois se retrataram, mas ela evitou responder-me.

– Também não sei se consigo dar-lhe uma resposta – disse Marie. – Há coisas sobre as quais não queremos falar. Coisas de que não falaremos.

– Porquê?

– Porque há certas coisas que devem permanecer no passado.

Marie apagou o cigarro e acendeu outro.

– Mas a Marie falou tão abertamente sobre quase tudo o que tem que ver com o caso. Sobre a sua família e as suas famílias de acolhimento. Não fiquei com a impressão de ter tentado esconder algum pormenor.

– Não é prudente revelar tudo – disse Marie. – Talvez possa falar sobre isso no meu próprio livro. Talvez não. Provavelmente não.

– Bem, pelo menos é honesta sobre o facto de não estar a dizer toda a verdade. A Helen não iria tão longe.

– A Helen e eu somos completamente diferentes. Sempre fomos. Ela tem os seus demónios e eu tenho os meus.

– Teve algum contacto com a sua família? Sei que os seus pais já morreram, mas então e os seus irmãos?

– Os meus irmãos? – bufou Marie, sacudindo a cinza do cigarro. – Tentaram retomar o contacto comigo depois de a minha carreira ter dado o salto e de o meu nome ter começado a aparecer nos jornais. Mas cortei com eles muito depressa. Ambos desperdiçaram as suas vidas e nunca senti qualquer necessidade de os ter na minha. Atormentavam-me quando eu era criança e não consigo imaginar que tenham melhorado com a idade.

– Tem uma filha, não é?

– Sim, a minha filha Jessie está agora com quinze anos. Uma adolescente dos pés à cabeça. Infelizmente, sai mais ao pai do que a mim.

– De acordo com os tabloides, o pai nunca fez parte da sua vida. Isso é verdade?

– Sim. Meu Deus, foi apenas uma rapidinha na secretária do gabinete dele para conseguir um papel num filme. – Marie riu-se com voz rouca. Piscou o olho a Erica. – E sim, consegui o papel.

– A Jessie conhece o seu passado?

– Claro que sim. Hoje em dia os miúdos têm acesso à Internet, e tenho a certeza de que a Jessie pesquisou tudo o que já foi escrito sobre mim. Parece que os colegas a têm assediado por minha causa.

– Como lida a Jessie com isso?

Marie encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Suponho que seja algo que os miúdos desta época tenham de suportar. E, até certo ponto, a culpa é unicamente dela. Se tivesse mais cuidado com a aparência, provavelmente teria a vida mais facilitada na escola.

Erica perguntou a si própria se Marie era realmente tão fria quanto soava quando falava sobre a filha. Pessoalmente, não sabia o que faria se alguém tratasse mal Maja ou os gémeos.

– Então e qual é a sua teoria sobre o que aconteceu aqui no outro dia? O homicídio da pequena Nea. Parece uma coincidência demasiado grande que a Marie tenha voltado e uma criança tenha sido morta e encontrada no mesmo sítio em que estava a menina que a acusaram de ter assassinado.

– Não sou estúpida. A coisa não está com boa cara, tenho perfeita consciência disso.

Marie virou-se para chamar novamente a empregada de mesa. O copo estava novamente vazio. Lançou um olhar inquisitivo a Erica, que abanou a cabeça. Ainda havia champanhe no seu segundo copo.

– A única coisa que posso dizer é que sou inocente – afirmou Marie, olhando novamente para o mar.

Erica inclinou-se para a frente.

– Recentemente, encontrei uma entrevista na qual dizia que viu alguém na floresta naquele dia.

Marie sorriu.

– Sim. Também falei nisso à polícia.

– Mas não de início. Só o disse depois de se ter retratado, não foi? – perguntou Erica, estudando Marie para ver a reação da atriz.

– *Touché* – disse Marie.

– Tem alguma teoria sobre quem era a tal pessoa?

– Não – respondeu Marie. – Se tivesse, teria dito à polícia.

– Então e que diz a polícia agora? Acha que acreditam que a Marie e a Helen estão envolvidas?

– Não posso dizer o que a polícia pensa sobre a Helen. Mas disse-lhes que tenho um álibi para o momento do desaparecimento da menina, por isso não podem de todo suspeitar de mim. A Helen também não está envolvida. E não esteve naquela altura. Nem eu. E não está envolvida agora. A verdade amarga é que a polícia não conseguiu seguir a pista quando eu disse que vi alguém na floresta. E agora é provável que a mesma pessoa tenha voltado a atacar.

Erica pensou na inauguração da exposição.

– Voltou a ouvir falar do agente responsável pela investigação da morte da Stella? O Leif Hermansson?

– Hum... – disse Marie, franzindo a testa muito ao de leve, o que fez Erica suspeitar que havia ali *botox*. – Agora que fala nisso, sim, voltei. Mas foi há muitos anos. O homem tentou contactar-me através do meu agente. Deixou várias mensagens a dizer que queria entrar em contacto comigo. Por fim decidi responder. Mas quando lhe liguei, disseram-me que se tinha suicidado.

– Okay – disse Erica, refletindo freneticamente sobre a pergunta seguinte. Se Marie estava a dizer a verdade e Leif não conseguira entrar em contacto com ela, deve ter descoberto algo que lançou uma nova luz sobre a investigação. Mas o que poderia ter sido?

– Marie?

Um homem alto que Erica calculou ser o realizador chamava a atriz e fazia-lhe sinal para que fosse ter com ele.

– Tenho de ir trabalhar. Vai ter de desculpar-me.

Marie levantou-se. Engoliu o resto de champanhe que havia no copo e sorriu a Erica.

– Podemos voltar a conversar. Não se importa de pagar a conta, querida?

Afastou-se para se juntar à equipa de filmagens com todos os olhares cravados nela.

Erica fez um gesto para a empregada de mesa e pagou a conta. Era óbvio que não estavam a beber champanhe barato, por isso Erica terminou o que restava no copo. Era demasiado caro para o desperdiçar.

Era muito importante Marie ter concordado em falar com ela. Erica planeou fazer uma marcação para a semana seguinte, para que pudesse fazer-lhe uma verdadeira entrevista. Também precisava de conversar novamente com Helen.

Juntas tinham a chave do livro sobre o caso Stella. Sem a contribuição de ambas, nunca seria um sucesso.

Mas havia mais uma pessoa que era importante para a história. Sanna Lundgren. Passara a vida inteira a suportar as consequências do homicídio que lhe tinha destruído a família. Quando Erica escrevia os seus livros, queria falar do homicídio em si, assim como da vítima e do criminoso. Mas igualmente importante era a história daqueles que tinham sido afetados pelo crime. As famílias cujas vidas haviam sido destroçadas, pessoas que sofreram tanto que nunca conseguiram recuperar. Sanna também poderia falar sobre Stella. Era apenas uma criança quando a irmãzinha foi assassinada e era possível que as memórias se tivessem turvado ao longo dos anos. Mas ainda era quem possuía a maior arca do tesouro com histórias sobre Stella. E isso sempre fora a alma dos livros de Erica. Fazer com que a vítima ganhasse vida. Queria que o leitor compreendesse que a vítima era uma pessoa real, com sonhos, sentimentos e pensamentos.

Tinha de entrar em contacto com Sanna o mais depressa possível.

Quando Erica passou pela multidão que assistia às filmagens, sentiu que alguém lhe tocava no braço. Era uma mulher com um cinto repleto de parafernália de maquilhagem que vigiava atentamente Marie enquanto se inclinava para Erica.

– Ouvi a Marie dizer que tinha um alibi para o momento em que a menina desapareceu – sussurrou. – Disse que estava a dormir com Jörgen no quarto de hotel que ele alugou...

– Ah sim? – disse Erica, ansiosa por ouvir mais.

– Não é verdade – sussurrou a mulher, que Erica calculou ser a maquilhadora da produtora cinematográfica.

– Como é que sabe? – perguntou.

– Porque eu estive com Jörgen nessa noite.

Erica olhou para a mulher. Então virou-se para olhar para Marie, que estava a meio de uma cena. Não havia dúvida de que era uma excelente atriz.

*

Karim estava tonto por causa de todos os medicamentos que lhe tinham administrado. Analgésicos. Sedativos. Até o zumbido do oxigénio lhe dava sono. Mal conseguia manter-se acordado. Sempre que se dava conta de onde estava, os olhos enchiam-se de lágrimas. Perguntou às enfermeiras como estava Amina,

pediu para que o levassem até à mulher, mas limitaram-se a murmurar que tinha de ficar onde estava. Os filhos tinham ido visitá-lo ao quarto. Recordava as faces quentes sempre que dava por si a chorar na almofada. Um médico informou-o de que os filhos receberiam alta no dia seguinte, mas será que podia confiar em alguém? Na polícia? Nos outros que viviam no centro de acolhimento? Já não sabia quem era amigo ou inimigo.

Tinha tido tantas esperanças quando chegara àquele novo país. Trabalharia e contribuiria. Veria os filhos a crescerem para se tornarem suecos fortes, confiantes e inteligentes. O género de pessoas que faziam a diferença.

Agora fora tudo por água abaixo. Amina jazia ali, naquele hospital, num país estrangeiro, rodeada por uma equipa de estranhos que lutava para lhe salvar a vida. Talvez morresse ali, naquele país a milhares de quilómetros de casa. E tinha sido ele a levá-la para ali.

Amina tinha sido tão forte durante a longa jornada. Era a mulher quem os encorajava, a Karim e às crianças, durante a travessia do mar tempestuoso, enquanto passavam pela alfândega e cruzavam as fronteiras, enquanto ouviam o chocalhar dos rodados dos comboios nos carris e o ruído letárgico dos pneus no alcatrão enquanto o autocarro acelerava durante a noite. Karim e Amina tinham sussurrado aos filhos quando estes não conseguiam adormecer, garantindo-lhes que tudo ficaria bem. Traíra a confiança dos filhos. Traíra a confiança de Amina.

Sonhos desagradáveis atormentavam Karim. Sonhos sobre as pessoas que tinha traído misturados com sonhos sobre o cabelo de Amina em chamas, o olhar devastado no rosto da mulher quando lhe perguntou porque fizera com que aquele infortúnio caísse sobre eles, porque a tinha arrastado a ela e aos filhos para aquela terra abandonada por Deus, onde ninguém os olhava nos olhos, ninguém queria recebê-los e estender-lhes a mão e onde alguém queria vê-los a arder.

Karim deixou que os medicamentos o fizessem voltar a dormir. Chegara finalmente ao fim da estrada.

*

– Ali – disse Gösta, apontando para o entroncamento.

Estavam entre Tanumshede e Hamburgsund e o caminho tornou-se estreito e sinuoso depois de terem saído da estrada principal.

– O tipo mora no meio da floresta? – perguntou Patrik, desviando-se para evitar um gato que passou a correr à frente do carro.

– Quando telefonei, disse que está a morar temporariamente com o avô. Mas conheço um pouco Sixten. Está a ficar fraco e já tinha ouvido dizer que o neto se tinha mudado para casa dele para o ajudar. Só não me tinha apercebido de que era Johannes Klingsby.

– Não é nada habitual – disse Patrik, aumentando a velocidade na estrada de cascalho. – Quer dizer, um neto resolver ajudar uma pessoa de idade.

– É por aqui – indicou Gösta, agarrando a pega por cima da porta. – Abranda, *okay*?! Andar de carro contigo já me deve ter tirado vários anos de vida.

Patrik sorriu quando parou num pátio pequeno e bem conservado com vários veículos estacionados à frente da casa da quinta.

– Parece que alguém gosta de tudo o que tenha motor – disse, olhando para a fila de barcos, carros, *Jet Skis* e escavadoras.

– Para de te babar e anda – disse Gösta, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

Patrik afastou-se dos veículos e subiu os degraus de pedra para ir bater à porta. Johannes abriu-a imediatamente.

– Entrem, entrem. Estou a fazer café – disse, afastando-se para deixá-los entrar.

Patrik recordou-se da última vez que se tinham encontrado e estava agradecido por as circunstâncias serem agora mais agradáveis, embora o assunto em questão fosse igualmente grave.

– Avô, já chegaram! – chamou Johannes, e Patrik ouviu alguém a murmurar uma resposta do andar de cima. – Espera um minuto que já vou ajudar-te a descer. Já sabes o que combinámos. Não podes descer as escadas sozinho!

– Que disparate – disse a voz do primeiro andar, mas Johannes desapareceu rapidamente escadas acima.

Não tardou a reaparecer, segurando firmemente o braço de um homem curvado, com uma camisola muito usada.

– A velhice é uma chatice do caraças – disse o homem, apertando as mãos a Patrik e a Gösta. Depois fixou Gösta: – Eu conheço-o.

– Pois conhece – disse Gösta com um sorriso. – Já vi que tem aqui um bom ajudante.

– Não sei o que teria feito sem o Johannes. A princípio não fiquei interessado. Acho que uma pessoa da idade dele não deve perder tempo a fazer companhia a um velho, mas o Johannes insistiu. É bom rapaz, o meu neto, embora nem sempre tenha visto o melhor nas pessoas.

Deu uma palmadinha na face do neto. Johannes encolheu os ombros, parecendo envergonhado. Então precedeu o pequeno grupo a caminho da

cozinha.

Sentaram-se numa cozinha rural pequena e luminosa, como tantas que Patrik visitara ao longo dos anos. Estava limpa e arrumada, mas nunca fora remodelada. Havia linóleo no chão, os armários eram originais dos anos 50 e os azulejos de um amarelo brilhante. Pendurado na parede havia um grande relógio dourado que batia constantemente, e a mesa estava coberta por uma toalha de oleado decorada com um motivo de framboesas vermelhas.

– Não se preocupem, não estou a fazer café à maneira antiga, no fogão – disse Johannes com um sorriso dirigindo-se à bancada. – Logo que cheguei, deitei fora a velha cafeteira e comprei uma máquina. Tens de admitir que agora o café te sabe melhor, não é Avô?

Sixten grunhiu em concordância.

– Suponho que devemos ceder a certas modernices práticas.

– Aqui está – disse Johannes, servindo café aos convidados. – Se quiserem açúcar, sirvam-se.

Depois sentou-se e assumiu um ar sério.

– Então estão interessados no que eu gravei, não é? – perguntou.

– Sim – respondeu Patrik. – O Gösta disse que o viu a filmar na quinta antes de partir com o grupo de busca. Gostaríamos de ver o que tem.

– Não sabia que não devíamos captar imagens. Não foi por nenhum prazer mórbido, só quis registar quantos voluntários apareceram para ajudar. – Johannes parecia um pouco nervoso. – Mas parei de filmar assim que o Gösta me disse e não divulguei nada no Facebook nem em nenhum outro sítio. Juro que não.

Gösta ergueu as mãos para o tranquilizar.

– Não te preocupes, Johannes. Na verdade, até pode ser uma ajuda para a investigação. Gostaríamos de dar uma vista de olhos ao vídeo. Está no teu telemóvel?

– Sim. Também o guardei numa *pen*. Podem levar o meu telemóvel, se precisarem, mas preferia que não, porque preciso dele para o meu trabalho e para... – Johannes corou, mas prosseguiu: – Para a minha namorada poder falar comigo.

– Johannes conheceu uma rapariga excelente – disse Sixten, piscando o olho ao neto. – Conheceram-se na Tailândia e ela é lindíssima, com cabelo e olhos escuros. Eu disse-te que ias acabar por encontrar alguém, mais cedo ou mais tarde, Johannes. Não disse?

– Sim, Avô – afirmou Johannes, parecendo ainda mais envergonhado. – Bem, como eu disse, podem levar o telemóvel, mas tenho o vídeo completo na *pen*,

por isso talvez sirva, não?

– Claro que serve – assegurou-lhe Patrik.

– Mas será que podemos dar uma vista de olhos agora? – perguntou Gösta, apontando para o telemóvel pousado na mesa.

Johannes assentiu, pegou no aparelho e começou a percorrer os vídeos.

– Pronto, é este.

Empurrou o telemóvel por cima da mesa na direção de Gösta e de Patrik, com o ecrã virado na direção certa. Os agentes inclinaram-se para focarem o vídeo. Parecia estranho olhar para as imagens, agora que sabiam qual seria o resultado das buscas. Quando Johannes fez o vídeo, ainda estavam todos cheios de esperança. Isso era evidente nas expressões ansiosas das pessoas, na maneira como conversavam e gesticulavam, formando grupos e dirigindo-se resolutamente à floresta. Patrik captou um vislumbre de si próprio, apercebendo-se de como parecia determinado. Também viu Gösta, que tinha o braço em volta dos ombros de Eva enquanto falava com ela.

– Boa câmara – disse Patrik, e Johannes assentiu.

– Sim. É o modelo mais recente da *Samsung*. A função de vídeo é realmente de alta qualidade.

– Hum...

Gösta semicerrou os olhos quando se concentrou no vídeo. A câmara percorreu todo o pátio e filmou o celeiro, depois voltou para o pátio e, por fim, filmou a quinta.

– Ali! – disse Gösta, apontando para a imagem.

Patrik carregou no botão de pausa, mas teve de voltar um pouco atrás, pois já tinham passado a sequência que Gösta queria ver. Por fim, Patrik conseguiu fazer uma pausa no sítio certo e ambos se aproximaram para olhar para o ecrã.

– Ali – disse novamente Gösta, apontando.

Patrik viu o que o colega queria dizer. E aquilo lançava uma nova luz sobre todo o caso.

O Caso Stella

A vida era tão vazia sem Kate. Leif vagueava pela casa, sem saber o que fazer consigo próprio. Todos os anos passados desde que sepultara a mulher não haviam aliviado o sentimento de perda. A solidão até parecia ter aumentado. Os filhos iam visitá-lo. Viola aparecia praticamente todos os dias. Davam o seu melhor, mas tinham as próprias vidas e famílias às quais dar atenção, assim como empregos exigentes, portanto não podiam ser sobrecarregados com um velho enlutado. Por isso Leif tentava parecer bem-disposto. Contava-lhes como passava os dias a fazer caminhadas, palavras cruzadas e a ouvir rádio. E era verdade, fazia tudo isso. Mas ainda assim sentia tanto a falta de Kate que era terrivelmente difícil andar para a frente.

Também sentia saudades do trabalho na polícia. Sentia a falta de um objetivo na vida.

Agora, com tanto tempo livre, começara a interrogar-se sobre alguns assuntos, tanto os importantes como os triviais. Sobre pessoas. Sobre crimes. Sobre palavras proferidas ao longo dos anos. E outras que nunca foram proferidas.

Mas, acima de tudo, pensava no caso Stella. Que realmente era bastante estranho. Ficara tão convencido de que aquelas duas raparigas eram culpadas... Mas Kate tinha-lhe semeado a dúvida na mente; a mulher sempre questionara o relato das raparigas sobre o que aconteceu. Perto do final da vida, tornou-se cada vez mais claro que Kate era atormentada pela dúvida. A mesma dúvida que agora o atormentava.

À noite, quando o sono se recusava a aparecer, pensava em cada palavra, em cada declaração, em cada pormenor. E, quanto mais pensava, mais sentia que algo não batia certo. Algo se escapara pelas fendas, e a ânsia em desvendar o caso, em dar uma resposta às famílias, fez com que nunca se tivesse detido a analisar o que poderia ser.

Mas não podia continuar a ignorar que fracassara. Ainda não sabia como, onde ou quando. Mas sabia que cometera um erro terrível. E, algures lá fora, o assassino de Stella continuava à solta.

*

– RITA, QUERIDA?

Mellberg bateu à porta pela quinta vez, mas a única resposta foi uma longa tirada de palavrões em espanhol. Pelo menos, era o que o superintendente pensava estar a ouvir. Tinha apenas um vago conhecimento daquele idioma, porém, a julgar pelo tom de voz de Rita, não eram palavras carinhosas.

– Meu amor? Queridinha? Rita, querida?

Fez com que a voz soasse o mais suave possível e voltou a bater. Depois suspirou. Porque é que tinha de ser tão difícil pedir desculpa?

– Querida, podes deixar-me entrar, por favor? Mais cedo ou mais tarde temos de conversar. Pensa no Leo. O miúdo vai sentir a falta do avô.

Mellberg ouviu alguns barulhos, mas os protestos pararam. Parecia ter finalmente conseguido a abordagem certa.

– Não podemos conversar um pouco? Tenho saudades tuas. Tenho saudades de todos.

Conteve a respiração. Silêncio absoluto no interior. Então ouviu a chave a dar uma volta na fechadura. Aliviado, ergueu o saco do chão e entrou cautelosamente quando Rita lhe abriu a porta. Sabia que ainda podia ser atingido na cabeça. O temperamento impetuoso de Rita podia fazer com que voassem coisas pelo ar. Mas Rita contentou-se em ficar ali de braços cruzados a fitá-lo.

– Desculpa. Sei que o meu comportamento foi imprudente e estúpido – disse Mellberg, e teve a satisfação de ver a boca de Rita a abrir-se.

Era provavelmente a primeira vez que o ouvia desculpar-se.

– Soube o que aconteceu – disse Rita. O tom de voz ainda era duro e irritado. – Sabes que o que fizeste pode ter provocado o incêndio?

– Hum, sim, pois é, e sinto-me muito mal por causa disso.

– Tiraste alguma lição de tudo isto? – perguntou Rita, estudando-o atentamente.

Mellberg assentiu.

– Sim, Rita. E farei qualquer coisa para remediar a situação.

– Ótimo. Podes começar por arrumar as tuas coisas. Estão no quarto.

– Arrumar? Pensei que tinhas dito que...

Sentiu-se dominado pelo pânico, o que deve ter-se-lhe evidenciado na expressão, porque Rita se apressou a explicar:

– Separei alguma roupa tua. E minha também. Para dar aos refugiados do centro. Podes arrumar o que está em cima da cama e depois vir comigo. Soube que o Bill Andersson está a ser fantástico e conseguiu mobilizar as pessoas para ajudarem os refugiados que ficaram sem casa.

– O que vais dar? – perguntou Mellberg, mas deteve-se a tempo. Sabia que não era a altura certa para levantar objeções. Além disso, se algumas das peças de roupa preferidas já estivessem destinadas aos refugiados, podia sempre discretamente voltar a enfiá-las no guarda-fatos.

Como se estivesse a ler-lhe a mente, Rita disse:

– Se voltares a pôr no guarda-fatos uma peça que seja das que separei, vais ter de dormir outra vez noutro lado qualquer esta noite! E todas as noites a partir de agora.

Caramba. Rita está sempre um passo à minha frente, pensou Mellberg enquanto se dirigia ao quarto. A pilha de roupa em cima da cama era enorme. E no topo estava a sua camisa preferida. Podia admitir que já tinha visto melhores dias, mas ainda se conseguia usar e duvidava de que alguém visse os buracos que tinha aqui e ali. Pegou nela e olhou por cima do ombro. Talvez Rita não percebesse se...

– Dá cá isso!

Rita estava por detrás dele com um grande saco aberto na mão. Com um suspiro, Mellberg pôs a camisa no saco e depois o resto da roupa. O monte de roupa da companheira tinha apenas metade do tamanho do dele, mas Mellberg calculou que não seria boa ideia salientar o facto. Encheu dois sacos, atou-os e foi pô-los no vestíbulo.

– Okay, vamos – disse Rita, saindo da cozinha com dois sacos de compras cheios de comida.

O superintendente seguiu-a porta fora, pousando os sacos para conseguir trancar a porta.

– É verdade – disse Rita. – Vamos ter cá hóspedes a partir de amanhã.

– Hóspedes? – perguntou Mellberg, interrogando-se sobre quem teria a companheira convidado dessa vez.

Às vezes Rita era demasiado generosa.

– Os filhos de Karim vão ficar connosco até o pai ter alta do hospital. É o mínimo que podemos fazer, tendo em conta todos os problemas que causaste.

Mellberg abriu a boca para dizer alguma coisa, mas voltou imediatamente a fechá-la e pegou nas malas. Às vezes era melhor escolher as batalhas.

*

– Olá, Bill. Que participação incrível! – disse Paula, percorrendo o olhar pelo centro comunitário.

Tinham chegado cada vez mais pessoas e o antigo edifício fervilhava de atividade. Para onde quer que olhasse via suecos e refugiados a conversar, e o som dos risos subia até ao teto.

– Eu sei. Nunca vi nada assim! – disse Bill. – Estão a ser tão generosos! Estão tão envolvidos! Quem diria?

– Bem, parece que pelo menos aquela desgraça trouxe alguma coisa boa – disse Paula com ar sério.

– Tem razão. Claro que o pensamento de todos está com aqueles que ainda estão no hospital. – Bill mordeu o lábio.

A mulher de Bill, Gun, aproximou-se e deu-lhe o braço.

– Alguma novidade? – perguntou.

Paula abanou a cabeça.

– A última coisa que soubemos foi que pretendem manter os filhos de Karim e de Amina sob observação até amanhã. O Karim vai precisar de ficar internado mais alguns dias porque as mãos ficaram gravemente queimadas, e Amina... Bem, os médicos ainda não sabem se vai sobreviver.

Gun apertou o braço de Bill com mais força.

– Se pudermos fazer alguma coisa...

– Já estão a fazer mais do que seria humanamente possível – disse Martin, observando o movimento no interior do centro.

– Disse a Karim que vamos acolher de bom grado os filhos dele em minha casa – afirmou Paula.

– Que atitude maravilhosa – disse Gun. – Mas, se não lhe der jeito, teremos todo o gosto em recebê-los em nossa casa.

– Não, não – disse Paula. – O Leo vai ficar entusiasmadíssimo por ter com quem brincar e a minha mãe vai ajudar-nos a tomar conta deles quando eu estiver a trabalhar.

Martin aclarou a voz.

– Temos de dar uma palavrinha a alguns dos vizinhos de Karim e de Amina. Para saber se ouviram ou viram alguma coisa. Sabe quem...?

Percorreu os rostos com o olhar.

– Claro – disse Bill. – Já começo a saber quem é quem, e aquele casal que veem ali morava ao lado do Karim e da Amina. Porque não começam por eles?

Já descubro mais vizinhos com quem possam falar.

– Obrigada – disse Paula.

Abriram caminho pelo meio da multidão para falar com o casal que Bill assinalara. Mas a conversa revelou-se decepcionante. Tal como as conversas com outros residentes do centro de acolhimento de refugiados. Ninguém vira nem ouvira nada. Estavam todos a dormir até serem acordados pelos gritos e pelo fumo. Quando se precipitaram para fora de casa, tudo era caos.

Paula sentou-se numa cadeira a um canto, sentindo uma crescente sensação de desespero. Será que alguma vez apanhariam o autor do incêndio? Martin sentou-se ao lado dela e começou a falar sobre o que tinham de fazer a seguir. De repente parou a meio da frase. Paula viu para quem Martin estava a olhar e um grande sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto.

– Aquela é...?

Acotovelou o colega de lado e Martin assentiu. Não precisava de responder. O vermelho brilhante que lhe tingiu as faces era suficientemente revelador e Paula sorriu ainda com mais vontade.

– É gira.

– Oh, cala-te – disse Martin, corando ainda mais.

– Então, quando a convidas para sair?

– Sábado – respondeu Martin sem tirar os olhos da mulher e do filho ao lado dela.

– Como se chama? – perguntou Paula.

Tinha muito bom aspeto. E uns olhos lindos, embora tivesse a expressão stressada que têm os pais de uma criança pequena, o mesmo ar que Paula agora via sempre que olhava para o espelho.

– Mette – respondeu secamente Martin. O rosto estava agora tão vermelho que quase igualava o cabelo.

– Martin e Mette – disse Paula. – Soa-me bem.

– Para com isso – disse Martin, levantando-se quando Mette olhou de relance na sua direção.

– Acena-lhe – disse Paula.

– Não, não – disse Martin com nervosismo, mas Mette já se encaminhava para ele, carregando o filho nos braços.

– Olá! – disse alegremente Mette.

– Olá – retribuiu Paula.

– O que aconteceu foi horrível – afirmou Mette, abanando a cabeça. – Como é que alguém pode ser tão mau ao ponto de fazer uma coisa daquelas? Com

crianças a viverem lá e tudo.

– Sim, nunca deixamos de nos surpreender com aquilo de que as pessoas são capazes – disse Paula.

– Sabem quem pôs o fogo? – Mette olhou para Martin, que corou de novo.

– Não, ainda não. Falámos com alguns dos refugiados, mas infelizmente ninguém viu nada.

– Quer dizer que vai acabar nas estatísticas como mais um centro de refugiados incendiado – concluiu Mette.

Nem Paula nem Martin disseram nada. Receavam que Mette pudesse ter razão. De momento, não tinham provas que lhes permitissem encontrar o culpado. Por toda a Suécia eram incendiados centros de refugiados e, na maior parte dos casos, ninguém fora preso. Havia grandes probabilidades de o mesmo acontecer daquela vez.

– Viemos doar alguns brinquedos antigos do Jon – explicou Mette, beijando o filho na face. – Agora temos de ir andando, mas encontramos-nos amanhã à noite, certo?

– Sim, absolutamente! – respondeu Martin. Até o pescoço estava todo vermelho.

Acenou a Mette e a Jon quando se dirigiram à porta, e Paula também ergueu a mão para acenar.

– Tens definitivamente a minha aprovação! – disse com um sorriso, e Martin suspirou.

Então foi a sua vez de sorrir.

– Ei, parece que os pecados de Bertil lhe foram perdoados...

Paula olhou para a porta e revirou os olhos quando viu a mãe e Mellberg a entrarem com dois sacos de compras e outros dois sacos na mão.

– Pensei que desta vez ia ter de dormir fora pelo menos uma semana – disse com um suspiro. – A minha mãe é demasiado boazinha... Mas suponho que o Bertil não tivesse intenção de causar problemas. Não tinha mesmo.

Martin sorriu.

– Quem será que está a ser demasiado boazinha agora?

Paula não respondeu.

*

Sam ignorou as primeiras cinco mensagens de Jessie, mas depois teve de responder. Não estava realmente zangado. Compreendia a namorada. Se não

conhecesse Vendela e os outros tão bem, poderia ter reagido da mesma forma. Na verdade, estava mais preocupado do que zangado. Preocupado com o que aqueles três estavam a planear. Preocupado por Jessie poder sair magoada daquilo.

Por alguns minutos, Sam limitou-se a ficar para ali, de telemóvel na mão. Então enviou a mensagem:

Vai ter comigo às árvores nas traseiras da minha casa. Ao pé do grande carvalho. É impossível não o ver.

Depois de enviar a mensagem, Sam desceu as escadas. James estava sentado à secretária a fitar o ecrã do computador. Ergueu os olhos quando o filho entrou, com o mesmo sulco entre as sobrancelhas que sempre aparecia de cada vez que olhava para Sam.

– O que queres? – perguntou.

– Estava a pensar fazer um pouco de tiro ao alvo. Podes emprestar-me a *Colt*?

– Pode ser – respondeu James, que se levantou e se dirigiu ao armeiro. – Podíamos praticar um pouco esta tarde.

– Vou ter com a Jessie.

– Quer dizer que vais praticar tiro ao alvo com a tua namorada?

James pôs-se à frente do armeiro para que Sam não conseguisse vê-lo a introduzir a combinação. A fechadura fez um estalido e James abriu a porta.

– A Jessie não é como as outras – disse Sam.

– *Okay*. – James virou-se e entregou a arma a Sam. – Sabes quais são as regras. Trá-la no mesmo estado em que ta entreguei.

Sam limitou-se a assentir.

Enfiou a pistola no cinto e saiu da sala. Podia sentir o olhar do pai cravado na nuca.

Quando passou pela cozinha viu a mãe junto à bancada, como era habitual.

– Aonde vais? – perguntou. A voz era estridente e trémula.

– Praticar tiro ao alvo – disse, evitando o olhar de Helen.

Andavam sempre a circular em torno um do outro, ambos com medo de falar. Ambos com receio de que alguma palavra pudesse ser excessiva. A mãe tinha dito que Erica Falk queria falar com ele, mas Sam ainda não decidira o que fazer. O que lhe queria dizer. Ou podia dizer.

O ar cheirava a relva acabada de cortar quando alcançou as traseiras da propriedade. Cortara a relva na noite anterior. James obrigava-o a cortá-la três vezes por semana.

Olhou de relance para a direita e viu o celeiro ao lado da casa de Nea. Não gostava particularmente de crianças pequenas. Eram quase todas umas selvagens com ranho a escorrer-lhes do nariz. Mas Nea era diferente. Fora como um sorridente raio de sol. Sentiu um nó no estômago e teve de desviar os olhos. Não queria pensar naquilo.

Quando entrou na floresta, os ombros descontraíram-se. Ali sentia-se calmo. Ali, ninguém se importava com o aspeto que tinha ou com a maneira como falava. Na floresta podia simplesmente ser ele próprio.

Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, respirando pelo nariz. Cheirou as folhas e as agulhas dos pinheiros, ouviu os pássaros a cantar e a atividade dos pequenos animais no meio da vegetação rasteira. Às vezes imaginava que até conseguia ouvir as asas de uma borboleta a bater ou o ruído de um besouro a subir o tronco de uma árvore. Lentamente, muito devagar, girou sobre si mesmo, mantendo os olhos fechados.

– Que estás a fazer?

Sam teve um sobressalto e quase perdeu o equilíbrio. Abriu os olhos.

– Nada – respondeu.

Jessie limitou-se a sorrir e sentiu um calor a invadir-lhe peito.

– Parece divertido – disse, fechando os olhos.

Inclinou a cabeça para trás e lentamente começou a girar. Riu-se e tropeçou. Sam deu um passo à frente para agarrá-la.

Enterrou o nariz nos cabelos de Jessie e depois abraçou-a, sentindo a pele macia nas mãos. Desejou que Jessie se visse como ele a via. Não mudaria nada nela, mesmo que pudesse. Eram tão parecidos. Destroçados por dentro. E nenhuma palavra poderia consertar isso.

Jessie olhou-o com aqueles olhos sérios adoráveis.

– Estás zangado? – perguntou.

Sam afastou-lhe um caracol do rosto.

– Não – respondeu, apercebendo-se de que estava a ser sincero. – Não quero que fiques desapontada, é só isso. Nem magoada.

– Eu sei – afirmou Jessie, escondendo o rosto no peito de Sam. – Sei que tiveste uma experiência com Vendela diferente da minha. Mas ela foi superfíxica quando estive em casa dela. Não me parece que estivesse a fingir.

Sam não disse nada. Podia sentir os punhos a cerrarem-se. Sabia como era Vendela. E Nils, e também Basse. Vira como tinham tido prazer em atormentá-lo.

– Convidaram-me para uma festa em casa do Basse, amanhã à noite – disse Jessie. – Também podes ir.

Os olhos de Jessie brilhavam e Sam queria gritar-lhe que não fosse. Mas as pessoas tinham passado a vida a mandar nela, por isso Jessie não precisava que ele comesse a fazer o mesmo.

– Tem cuidado – disse, acariciando-lhe a face.

– Vai correr tudo bem. Mas, se estiveres preocupado, podes ir comigo.

– Não quero olhar para a cara desses tipos, mas vai. Nunca te diria o que fazer. Sabe disso, não sabes?

Segurou-lhe a cara entre as mãos e beijou-a cautelosamente nos lábios.

Como sempre, Jessie deixou-o sem fôlego.

– Anda! – disse Sam, pegando-lhe na mão e puxando-a.

– Aonde vamos? – perguntou Jessie, começando a correr para conseguir acompanhá-lo.

– Quero ensinar-te uma coisa.

Parou e apontou para o alvo preso a uma árvore a curta distância.

– Vais disparar? – perguntou.

Havia um brilho nos olhos dela que Sam nunca lhe tinha visto.

– E tu também – disse Sam.

Jessie não tirou os olhos da arma quando o namorado a tirou do cinto.

– Não posso acreditar que os teus pais te deixem ter uma arma.

Sam bufou.

– O meu pai até encoraja isto. Acha que a única coisa que sei fazer é disparar.

– E tens mesmo jeito?

– Muito.

E era verdade. Era como se o corpo soubesse exatamente o que fazer para enviar a bala até um alvo preciso.

– Primeiro vou mostrar-te e depois ajudo-te a disparar, *okay*?

Jessie assentiu e lançou-lhe um sorriso.

Adorava ver-se através dos olhos dela. Tornava-se uma pessoa melhor. Tornava-se tudo o que o pai nunca pensara que poderia ser.

– Põe-te assim. Pés bem apoiados no chão. És destra?

– Sim.

– Eu também. Segura a pistola na mão direita, assim... Fazes deslizar o ferrolho e a bala entra na câmara.

– *Okay*.

– Agora estás pronta para disparar. Mantém a mão firme. Deves poder ver o que estás a visar pela mira. Se conseguires segurar firmemente a arma, atingirás o alvo pretendido.

Sam assumiu a posição, semicerrou os olhos, apontou e premiu o gatilho. Jessie deu um pulo e gritou. Sam riu-se.

– Assustei-te?

Jessie assentiu, mas tinha um grande sorriso no rosto. Sam fez-lhe sinal para que se pusesse ao lado dele.

– Agora é a tua vez.

Entregou-lhe a arma e depois pôs-se por detrás dela, abraçando-a.

– Segura-a assim.

Pôs-lhe os dedos em torno da coronha e moveu-lhe os pés até ficarem na posição correta.

– Agora estás na posição certa e a segurar a arma como deve ser. Tens o alvo na mira? Estás a apontar para o centro?

– Sim, estou.

– Boa. Vou afastar-me. Quero que primas o gatilho. Suavemente. Não primas com demasiada força, nada de movimentos bruscos. Tens de acariciá-lo.

Jessie estava direita, com os pés firmemente apoiados, segurando corretamente a arma. Estava a respirar calmamente.

Os ombros de Sam encurvaram-se enquanto esperava que a arma disparasse.

O tiro atingiu o alvo e Jessie saltitou.

– Ei, cuidado. Não podes saltar com uma arma carregada! – gritou-lhe, mas ficou aliviado ao ver como Jessie estava feliz.

Jessie pousou a arma e virou-se para sorrir para Sam. Nunca parecera mais bonita.

– És terrível – disse Sam.

Abraçou-a e apertou-a, como se Jessie fosse a única coisa que o mantinha no mundo. E provavelmente era verdade.

– Amo-te – disse Sam, ofegante.

Por um momento, Jessie não falou. Olhou para o namorado com uma expressão de incerteza nos olhos. Como se estivesse a perguntar-se se aquelas palavras lhe eram realmente dirigidas. Depois fez aquele sorriso maravilhoso dela.

– Também te amo, Sam.

– Olá, Kristina! – chamou Erica com algum entusiasmo a mais.

Estava claramente a sentir os efeitos de todo o champanhe que tinha bebido e esforçou-se por se controlar. Por uma questão de segurança, mascarou uma pastilha elástica de mentol a caminho de casa e, quando testou o hálito, pondo a mão à frente da boca, não sentiu qualquer vestígio de álcool.

– Já vi que bebeste uns copos – disse Kristina quando Erica entrou no vestíbulo.

Erica suspirou. A sogra tinha nariz de perdigueiro. Era de estranhar que Patrik não se servisse da mãe quando a polícia precisava de ajuda para seguir o rasto de um criminoso.

– Oh, sabe como é, ofereceram-me um copo na inauguração da exposição – disse.

– Um copo? – bufou Kristina, regressando à cozinha.

Do forno vinha um aroma maravilhoso.

– Como é costume, não consegui encontrar nada cá em casa além daquela comida pronta cheia de ingredientes tóxicos. Os miúdos vão acabar por ganhar caudas se insistires em alimentá-los com essas porcarias. Se te desses ao trabalho de cozinhar como deve ser de vez em quando...

Erica deixou de ouvir. Em vez disso, foi até ao forno e abriu a porta. A lasanha de Kristina. Quatro recipientes de vidro pequenos, por isso haveria o suficiente para congelar para utilização posterior.

– Obrigada – disse, abraçando impulsivamente a sogra.

Kristina olhou para Erica com surpresa.

– Definitivamente, mais do que um copo... – tirou o avental, pendurou-o e saiu para o corredor. – Os miúdos podem comer quando a lasanha estiver pronta. Têm estado a brincar todos contentes, à exceção de um pequeno incidente com um camiãozinho, mas nós resolvemos tudo, eu e a Maja. É uma criança muito doce, tal como o Patrik quando tinha a idade dela. Nunca dava trabalho nenhum. Era capaz de ficar sentado no chão durante horas a brincar sozinho... Mas agora tenho de ir a correr para casa. Há tanta coisa para fazer antes do casamento, e o Gunnar não está a ajudar muito. Quer ajudar, mas realmente não sabe como, por isso é melhor ser eu a tratar de tudo sozinha. E telefonaram do Stora Hotel a insistir para eu ir lá amanhã para escolher o serviço que quero que utilizem no jantar do casamento. E eu a pensar que só tinham um serviço! Nada neste casamento está a ser fácil e tenho de gerir tudo sozinha. Vou encontrar-me lá com alguém ao meio-dia, mas espero que não demore muito. Pedi-lhes que me

enviassem fotografias do serviço, mas disseram que era essencial que eu o visse pessoalmente. Vou ter um ataque cardíaco antes de isto tudo acabar.

Kristina suspirou. Estava de costas para Erica enquanto calçava os sapatos, por isso não a viu sorrir. Anna tinha sem dúvida desencantado um bom estratagema para atrair Kristina ao hotel.

Erica despediu-se da sogra e foi ter com os filhos à sala de estar. Parecia invulgarmente arrumada e sentiu uma mistura de gratidão e de vergonha. Era um pouco constrangedor que a mãe de Patrik sentisse necessidade de fazer a lida da casa sempre que lá ia, mas havia certas coisas que eram mais importantes para Erica do que ter uma casa perfeitamente arrumada. Claro que ficava contente por ver tudo tão ordenado, porém, mentalmente, aquilo ocupava o terceiro lugar nas prioridades depois do trabalho com o livro e de se dedicar a ser mãe. Além disso, também precisava de tempo para ser esposa e talvez até para ser Erica. E, para gerir tudo isso, às vezes precisava de ver um episódio do *Dr. Phil* em vez de tratar da lida da casa. Mas talvez o facto de às vezes deixar pura e simplesmente tudo como estava fosse o que a impedia de ter um esgotamento.

O temporizador soou e Erica voltou para a cozinha para tirar os quatro recipientes de lasanha do forno. O estômago grunhiu alto. Chamou os filhos, sentou-os à mesa da cozinha e serviu a todos uma grande porção daquela comida maravilhosamente aromática. Gostava de conversar com os filhos. Como sempre, tinham muitas perguntas e Erica aprendera que «porque sim» já não era uma resposta suficiente.

Depois do jantar, os filhos estavam ansiosos por ir brincar mais um pouco, por isso lavou a louça e pôs café a fazer. Cinco minutos mais tarde, podia finalmente sentar-se para olhar para o diário que Viola lhe dera. Começou a folheá-lo. O diário estava repleto de rabiscos e de notas. Teve dificuldade em decifrar o estilo de escrita antiquado, e descobriu igualmente que Viola tinha razão quando disse que o pai utilizava sobretudo abreviaturas. Mas parecia ter registado todos os acontecimentos quotidianos, desde reuniões até relatórios meteorológicos. Era estranho estar ali sentada com o relato escrito da vida de um desconhecido nas mãos. Dias de semana e fins de semana, dia após dia, com ocorrências importantes ou pouco significativas, tudo gravado a tinta azul. Até que finalmente chegou a uma página em branco. Olhou para a data da última entrada. Era o dia da morte de Leif.

Pensativamente, Erica passou a mão pela página. Perguntou a si própria o que o fez decidir que aquele dia em particular seria o último da sua vida. Não havia pistas nas anotações desse dia. Nada além do simples registo de um dia

soalheiro, uma brisa suave, uma caminhada até Sälvik e compras no supermercado. A única coisa que chamava a atenção era o número 11. A que poderia referir-se?

Erica franziu a testa. Recuou algumas páginas para ver se conseguia encontrar o mesmo número noutro sítio. Não, era a única vez que aparecia. Mas encontrou uma nota da semana anterior que lhe chamou a atenção. Viu o número 55, seguido da nota «14h00». Será que 55 era um código para alguém com quem Leif se ia encontrar às duas da tarde? Em caso afirmativo, quem poderia ser? E será que se tinham chegado a encontrar-se?

Erica pousou o diário. Lá fora, a luz alterava-se de amarelo para laranja e o Sol afundava-se no horizonte. Em breve seria noite, mas só os deuses sabiam quando Patrik iria chegar a casa. Tinha uma vaga sensação de que havia algo de que deveria ter-se lembrado de lhe dizer, mas tinha-lhe passado. Encolheu os ombros. Provavelmente não era importante.

*

De pé junto ao quadro branco, com um marcador na mão, Patrik percorreu a sala de conferências com os olhos.

– Tivemos alguns dias muito longos e intensos – disse. – Mas, tendo em conta os últimos desenvolvimentos, precisamos de analisar tudo em conjunto para depois dividirmos as tarefas para amanhã.

– Achas que está na altura de chamar reforços? – perguntou Paula. – De Uddevalla ou Gotemburgo?

Patrik abanou a cabeça.

– Já lhes perguntei. Os recursos são limitados devido aos cortes orçamentais, por isso receio que tenhamos de lidar sozinhos com a situação.

– *Okay* – respondeu Paula com ar resignado.

Patrik compreendia o desalento da colega. Ainda tinha filhos mais novos do que os seus e ter de abdicar do tempo com a família era uma fonte de tensão acrescida.

– Descobriram alguma coisa no centro comunitário? – perguntou, e interrogou-se porque é que Paula sorriu a Martin quando pôs a questão.

– Não, nada – respondeu Martin, sem olhar Paula nos olhos. – Ninguém viu nada. Estavam todos a dormir e de repente foram despertados pelos gritos e pela agitação.

– Okay, obrigado por terem tentado. Gösta, podes dizer-nos o que descobriste hoje?

– Claro – disse Gösta com um certo orgulho.

E com razão, pensou Patrik para si. Gösta tinha feito um excelente trabalho policial.

– Tive a sensação de que algo não batia certo com aquela informação anónima sobre as cuequinhas que foram tão convenientemente encontradas em casa do Karim.

Gösta evitou olhar para Mellberg, que por sua vez estava com ar irritado e mantinha os olhos fixos num nó do tampo da mesa.

– E eu sabia que tinha visto uma coisa pertinente... mas já não tenho vinte anos e...

Sorriu com ar trocista.

Patrik reparou que estavam todos tensos. Tinham-se apercebido de que algo se passava quando ele e Gösta regressaram à esquadra, mas Patrik quis esperar que estivessem todos reunidos para os informar.

– O que se passa é que, de acordo com a mãe, a Nea usava umas cuequinhas com uma ilustração do filme *Frozen*, da Disney. A Eva tinha comprado uma embalagem com cinco, e cada uma tinha uma cor diferente. As que foram encontradas em casa de Karim eram azuis e havia alguma coisa em relação a elas que não conseguia sair-me da cabeça. E então percebi o que era, mas não sabia como provar que tinha razão. Enfim, porque não estava cem por cento certo de que...

– Valha-me Deus, vai direto ao assunto – murmurou Mellberg, recebendo olhares gelados dos colegas.

– Lembrei-me de que o Johannes Klingsby, que fazia parte do grupo que encontrou a Nea, tinha utilizado o telemóvel para gravar em vídeo o que estava a acontecer antes de se juntar à equipa de busca. Por isso, eu e o Patrik fomos ter com ele e conseguimos uma cópia do vídeo. Patrik, queres mostrar-lhes?

Patrik teclou no computador portátil que tinha posto em cima da mesa. Depois rodou-o para que todos pudessem ver o ecrã.

– De que estamos à procura? – perguntou Martin, inclinando-se para a frente.

– Deem uma vista de olhos e vejam se conseguem dizer o que é. Se não conseguirem, passaremos o vídeo de novo para vos mostrar – disse Patrik.

Olhavam todos atentamente para o ecrã. A câmara percorreu a quinta, para trás e para a frente, filmando a casa, o pátio de cascalho, o celeiro e todas as pessoas que se tinham reunido.

– Ali – disse Gösta. – A roupa a secar na corda. Veem?

Todos se inclinaram ainda mais para a frente.

– Cuequinhas azuis! – exclamou Paula. – Estão penduradas na corda!

– Exatamente!

Gösta cruzou as mãos por detrás da cabeça.

– A Nea não podia de maneira nenhuma estar a usar estas cuequinhas quando desapareceu, porque estavam penduradas na corda a secar enquanto a procurávamos.

– Ou seja, alguém as roubou e as colocou em casa do Karim. E depois fez o telefonema anónimo que Mellberg atendeu.

– Sim – disse Patrik com ar sombrio. – Alguém tentou acusar o Karim, e acho que ele não era necessariamente o alvo específico. Penso que quem telefonou só quis fazer com que as suspeitas recaíssem em alguém do centro de acolhimento de refugiados.

Paula suspirou.

– Tem havido grande falatório na vila sobre o assassino só poder ser um dos refugiados.

– Depois, alguém teve a brilhante ideia de agir pelas próprias mãos – disse Patrik. – Acho que podemos assumir que houve uma motivação racista. A questão é saber se o mesmo indivíduo, ou grupo, foi responsável por atear o fogo.

– Têm ateadado fogo a centros de refugiados por toda a Suécia – disse melancolicamente Gösta. – Há pessoas que se julgam acima da lei.

– Tendo em conta a quantidade de gente que votou nos Amigos da Suécia nas últimas eleições, isso não me surpreende – afirmou Patrik, abanando a cabeça.

A Suécia não testemunhava sozinha a onda de popularidade dos partidos de direita, que se opunham à imigração. O mesmo acontecia por toda a Europa. As pessoas viravam-se contra os imigrantes da segunda geração, como Paula. Mas Patrik nunca pensou que a onda de ódio chegasse a Fjällbacka.

– Sugiro que separemos a investigação sobre o fogo posto da investigação sobre o homicídio da Nea. Já não penso que os dois casos possam estar relacionados e não quero confundir as coisas misturando maçãs com laranjas. Já perdemos tempo precioso.

– Não era assim tão fácil de perceber – murmurou Mellberg, mas depois apercebeu-se de que era melhor não fazer ondas e permanecer em silêncio.

– Paula, queria que te encarregasses da investigação do incêndio criminoso, com a ajuda de Martin. Continuem a falar com os refugiados, não só sobre

quando e como o fogo foi posto, mas também sobre quando as cuequinhas podem ter sido levadas para casa de Karim. Se algum deles viu alguém no centro de acolhimento de refugiados que não devia lá estar, *etc.*

– É difícil saber sobre que intervalo temporal devemos fazer as perguntas – disse Paula.

Patrik fez uma pausa para refletir.

– Deve haver uma ligação com a hora da chamada anónima, que foi feita por volta da hora do almoço de quinta-feira – disse Patrik. – Comecem por aí e vão recuando no tempo. Gösta verificou junto da família da Nea, que não sabe quando é que as cuequinhas desapareceram da corda. Então, a única coisa de que temos a certeza é que estavam lá quando a equipa de busca começou a trabalhar. Podem ter sido furtadas da quinta a qualquer momento depois disso.

Paula virou-se para Gösta.

– Perguntaste à família se tinha reparado em alguém que não devia lá estar?

– Sim, mas os Berg não viram ninguém. Não é difícil alguém entrar às escondidas na propriedade a partir da floresta e retirar discretamente uma coisa da corda de secar roupa. Está nas traseiras da casa, perto de uma parede sem janelas.

– *Okay* – disse Paula, tomando notas. – Gostava que verificássemos junto das nossas fontes no seio das organizações anti-imigração desta zona. Talvez não seja boa ideia ser eu a fazê-lo, dado o meu «passado étnico». Podias tratar tu disso, Martin?

– Claro que sim – respondeu o colega.

Patrik esperava que Martin não se sentisse ultrapassado por ser Paula a encabeçar a investigação em vez dele. Mas achava que Martin era suficientemente inteligente para saber que o seu tempo chegaria em breve.

– Ótimo. Parece que temos a situação sob controlo no que diz respeito à investigação do fogo e à tentativa de culpar Karim. Mantenham-se em contacto com o hospital e mantenham-me a par das novidades. Como estão os filhos do Karim, Paula? Recebeste autorização para levá-los para tua casa?

– Sim, e está tudo a postos para recebê-los.

Mellberg tinha estado excecionalmente calado, mas agora o rosto iluminara-se.

– Vai ser divertido para o Leo ter alguns companheiros de brincadeira.

– Boa – disse laconicamente Patrik.

Forçou-se a não pensar muito em Karim e na família. Agora não havia nada que pudesse fazer além de tentar apanhar a pessoa que lhes tinha feito mal.

– Portanto, agora temos de falar sobre o caso de homicídio. Como sabem, não estou satisfeito por termos sido forçados a interromper as buscas na quinta da família Berg. Falei com o Torbjörn, e a equipa dele estará disponível amanhã à tarde para podermos completar as buscas. A área foi isolada e esperemos que nada tenha sido comprometido de nenhuma forma. Teremos de assumir que assim é.

– Sim, não podemos fazer muito em relação a isso – afirmou Gösta.

Patrik sabia que o colega achava desagradável ter de invadir pela segunda vez a casa da família Berg.

– Como está a correr a comparação do presente caso de homicídio com a antiga investigação? – perguntou Patrik.

Annika ergueu os olhos das suas notas.

– Ainda não consegui localizar os antigos ficheiros dos interrogatórios nos arquivos, mas passei novamente em revista os relatórios forenses e técnicos, além de todo o material que recebemos da Erica. Não há muita coisa nova que nos permita prosseguir. Já todos leram o relatório da autópsia, viram o material do local do crime e ouviram o que Erica tinha a dizer sobre a Marie e a Helen.

– Sim, e as nossas conversas com a Helen e com a Marie também não adiantaram nada. Afirmam que não mataram Stella, o que significa que outra pessoa o fez. E, teoricamente, pode tratar-se da mesma pessoa de que estamos à procura agora. A Marie tem um álibi. A Helen não, mas não há nada que aponte na direção dela.

Martin pegou num biscoito *Ballerina*. O recheio de chocolate tinha derretido com o calor e teve de o lambear dos dedos.

– Vamos começar pelas buscas na quinta dos Berg amanhã. Depois logo se vê o que fazemos a seguir – disse Patrik.

Havia demasiados becos sem saída e demasiado poucas pistas para o seu agrado. Se não encontrassem mais por onde pegar, a investigação podia facilmente ficar em ponto morto.

– Então é o chocolate encontrado no estômago da Nea? Não pode dar-nos uma pista? – perguntou Paula.

Patrik abanou a cabeça.

– Parece que era de um vulgar *waffer* de chocolate, vendido em qualquer loja. Nunca seríamos capazes de localizá-lo. Mas, como não foi encontrado chocolate em casa dos Berg, a Nea deve tê-lo conseguido noutro sítio qualquer naquela manhã. Ou alguém lho deu.

– Que vos parece o facto de Leif, no final da vida, ter começado a duvidar de que as raparigas fossem culpadas? – perguntou Gösta.

– Sei que a Erica está a investigar isso. Só espero que encontre alguma coisa.

– Civis a fazer o trabalho da polícia – resmungou Mellberg, coçando *Ernst* por detrás da orelha.

– E a fazer um trabalho melhor do que algumas pessoas que conhecemos – disse Martin.

Patrik aclarou a voz.

– Temos de trabalhar juntos. Temos de estar todos em sintonia – disse. – Todos nós.

Claramente envergonhado, Martin mudou rapidamente de assunto:

– Quando teremos o resultado da inspeção ao telefonema anónimo? Achas que vai demorar muito tempo? E que podemos esperar que revele?

– Não sei bem o que é possível fazer – respondeu Patrik. – Espero que consigam retirar o filtro para que possamos ouvir a verdadeira voz de quem telefonou. E se tivermos sorte, pode haver algum ruído de fundo que nos ajude a identificá-la.

– Como nos filmes, onde há sempre o som do assobio de um comboio ou de um sino de igreja? – provocou Martin.

– Sim. É possível que possamos obter informações cruciais da gravação – disse Patrik.

Percorreu a sala com o olhar e reparou que Gösta sufocava um bocejo.

– Acho que vamos ficar por aqui. Todos nós precisamos de descansar um pouco. Por isso, vão para casa, passem algum tempo com as vossas famílias, comam, durmam e depois recomeçamos amanhã de manhã mais repousados.

Todos se levantaram agradecidos. Patrik reparou na enorme tensão dos últimos dias gravada nos rostos dos colegas. Precisavam de estar com os entes queridos naquela noite. Todos eles. Hesitou e depois virou-se para Gösta, mas Martin antecipou-se.

– Queres ir jantar comigo e com a Tuva? A miúda ia adorar ver-te.

– Claro – respondeu Gösta com um encolher de ombros. Mas não conseguiu esconder como tinha ficado feliz.

Patrik ficou para trás enquanto, um a um, os colegas saíram da sala. Eram uma família. Em muitos aspetos, uma família disfuncional, exigente e rebelde. Mas, ao mesmo tempo, uma família carinhosa e atenciosa.

Bohuslän, 1672

O CORPO RECUPEROU MAIS DEPRESSA DO QUE PENSARA SER POSSÍVEL. SENTIU DORES E PICADAS DURANTE ALGUNS DIAS, MAS DEPOIS ERA COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO. NO ENTANTO, ELIN SENTIA A PERDA. CUMPRIA OS DEVERES E REALIZAVA AS TAREFAS, MAS SEM ALEGRIA.

MÄRTA ANDAVA INQUIETA E À NOITE DORMIA JUNTO A ELIN, COMO SE ESTIVESSE A TENTAR AQUECER A MÃE COM O CORPO. DAVA PEQUENOS PRESENTES A ELIN PARA FAZÊ-LA VOLTAR A SORRIR. PEQUENOS RAMOS DE FLORES QUE COLHIA NO PRADO, UMA LINDA PEDRA BRANCA QUE ENCONTROU NO CAMINHO DE CASCALHO, UM PUNHADO DE MICA AMARELA NUM FRASCO. E ELIN TENTAVA. SORRIA A MÄRTA E AGRADECIA-LHE OS PRESENTES ENQUANTO ACARICIAVA A FACE SUAVE DA CRIANÇA. MAS ESTAVA CONSCIENTE DE QUE O SORRISO NUNCA LHE CHEGAVA AOS OLHOS. E OS BRAÇOS PARECIAM RÍGIDOS E DESAJEITADOS QUANDO PUXAVA MÄRTA PARA PERTO DE SI.

PREBEN JÁ NÃO FALAVA COM ELIN NEM COM MÄRTA. A MENINA ACABOU POR ACEITAR A SITUAÇÃO E NÃO FEZ MAIS NENHUM ESFORÇO PARA ATRAIR A ATENÇÃO DO PASTOR. CONTINUOU COM AS AULAS DE LEITURA COM O SACRISTÃO, MAS SENTIA QUE TODO O TEMPO QUE PASSARA NA BIBLIOTECA COM PREBEN NÃO PASSARA DE UM SONHO. A NOTÍCIA DE QUE BRITTA ESTAVA GRÁVIDA MUDARA TUDO E PREBEN TRATAVA A MULHER COMO UMA BONECA DE PORCELANA FRÁGIL.

AGORA QUE TINHA TODA A ATENÇÃO DO MARIDO, O PODER DE BRITTA INTENSIFICARA-SE. TAL COMO O RESENTIMENTO POR ELIN, QUE SENTIA CONSTANTEMENTE OS OLHOS ATENTOS DA IRMÃ CRAVADOS NELA, APESAR DE JÁ NÃO HAVER MOTIVO PARA CONTINUAR A VIGIÁ-LA. ELIN FAZIA O QUE LHE MANDAVAM. NAS OCASIÕES EM QUE NÃO ESTAVA A CUMPRIR AS ORDENS DE BRITTA, FAZIA O POSSÍVEL POR EVITÁ-LA. VER A BARRIGA DE BRITTA A CRESCER, ENQUANTO A SUA ESTAVA PLANA E ESTÉRIL, ERA UM TORMENTO CONSTANTE E UMA RECORDAÇÃO PERMANENTE DO QUE ACONTECERA.

UMA MANHÃ, BRITTA DECIDIU QUE PRECISAVA DE IR A FJÄLLBACKA. SOBRETUDO PORQUE ESTAVA FARTA DE ESTAR NA CAMA E, AGORA QUE O MÉDICO TINHA DITO QUE PODIA LEVANTAR-SE, PRECISAVA DE UMA MUDANÇA DE CENÁRIO.

ELIN FICOU A VER BRITTA PARTIR. A IRMÃ PASSARA UMA HORA A VESTIR-SE, O QUE ELIN CONSIDERAVA UM ESFORÇO DESPERDIÇADO, JÁ QUE IA APENAS A FJÄLLBACKA. MAS UDDEVALLA ERA DEMASIADO LONGE PARA ALGUÉM NO SEU ESTADO, POR ISSO BRITTA TEVE DE CONTENTAR-SE COM FJÄLLBACKA E APRECIOU CLARAMENTE LIVRAR-SE DA CAMISA DE NOITE E EXIBIR AS MELHORES ROUPAS.

O DIA PASSOU RAPIDAMENTE. ERA UM DIA DE LAVAGENS E TUDO NO PRESBITÉRIO TINHA DE SER RETIRADO PARA SER LIMPO E ESFREGADO, PENDURADO AO SOL PARA SECAR E DEPOIS LEVADO NOVAMENTE PARA DENTRO. ERA BOM ESTAR TÃO OCUPADA QUE NEM TINHA TEMPO PARA PENSAR. ELIN ESTAVA CONTENTE POR NEM BRITTA NEM PREBEN ESTAREM EM CASA. PREBEN FORA A LUR TRATAR DE ASSUNTOS RELIGIOSOS, E FICARIA FORA DURANTE DOIS DIAS, AO PASSO QUE BRITTA ERA ESPERADA EM CASA AO CAIR DA NOITE.

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE QUE SE LIVRARA DO BEBÉ, ELIN DEU POR SI A CANTAROLAR.

MÄRTA OLHOU PARA A MÃE COM SURPRESA. O PEQUENO ROSTO ILUMINOU-SE COM TANTA ALEGRIA QUE ELIN SENTIU UMA PONTADA NO CORAÇÃO. ESTAVA ENVERGONHADA POR TER PERMITIDO QUE A FILHA SOFRESSE POR CAUSA DELA. DEIXOU CAIR O TAPETE QUE ESTAVA A ESFREGAR E PUXOU MÄRTA PARA JUNTO DE SI ENQUANTO LHE BEIJAVA O CABELO LOURO. TUDO IA FICAR BEM. TINHAM-SE UMA À OUTRA.

TUDO O RESTO FORA UM SONHO. UM SONHO INFANTIL E IMPOSSÍVEL. ELIN TENTARA CONVENCER-SE DE QUE DEUS ESTAVA DO LADO DELES, QUE ESTAVA COM ELA E COM PREBEN, MAS O ORGULHO FORA-LHE ARRANCADO À FORÇA. DEUS CASTIGARA-A DO MODO QUE ACHARA MAIS ADEQUADO. E QUEM ERA ELA PARA QUESTIONAR A VONTADE D'ELE? EM VEZ DISSO, DEVIA ESTAR GRATA PELO QUE TINHA. A FILHA MÄRTA. COMIDA E UM TETO. MUITAS PESSOAS NÃO TINHAM NEM UMA FRAÇÃO DO QUE ELIN POSSUÍA E SERIA PRESUNÇOSO DESEJAR MAIS.

— VAMOS DAR UM PASSEIO ESTA TARDE? SÓ NÓS AS DUAS? — PERGUNTOU QUANDO SE AGACHOU À FRENTE DE MÄRTA, MANTENDO OS BRAÇOS EM TORNO DA CRIANÇA.

MÄRTA ASSENTIU COM ENTUSIASMO. SIGRID CORRIA DE UM LADO PARA O OUTRO AOS SEUS PÉS, A SALTITAR E A PULAR, PARECENDO SENTIR QUE A DONA ESTAVA FELIZ.

— PENSEI QUE PODÍAMOS LEVAR UMA CESTA E QUE PODIA ENSINAR-TE UM POUCO DO QUE A MINHA AVÓ ME ENSINOU. E O QUE A MINHA AVÓ, POR SEU TURNO, APRENDEU COM A MÃE DELA. COMO PODES AJUDAR OS OUTROS, COMO EU COSTUMO FAZER.

— OH, MAMÃ! — GRITOU MÄRTA, LANÇANDO OS BRAÇOS AO PESCOÇO DE ELIN. — QUER DIZER QUE AGORA JÁ SOU UMA MENINA GRANDE?

— SIM! — RIU-SE ELIN. — QUER DIZER QUE AGORA JÁ ÉS UMA MENINA GRANDE.

MÄRTA SORRIU E DEPOIS AFASTOU-SE A CORRER COM SIGRID NOS CALCANHARES. SORRINDO, ELIN OBSERVOU-A A IR-SE EMBORA. IA FAZER AQUILO DOIS ANOS ANTES DO QUE PLANEARA, MAS MÄRTA TINHA SIDO FORÇADA A CRESCER RAPIDAMENTE, POR ISSO PARECIA O MAIS ACERTADO.

INCLINOU-SE E RECOMEÇOU A ESFREGAR O TAPETE. OS MÚSCULOS DOS BRAÇOS DOÍAM-LHE POR CAUSA DO TRABALHO PESADO, MAS HÁ MUITO QUE NÃO SENTIA O CORAÇÃO TÃO LEVE. COM AS COSTAS DA MÃO, ELIN LIMPOU O SUOR DA TESTA E ENTÃO OLHOU PARA CIMA QUANDO OUVIU O RUÍDO DE UMA CARRUAGEM A ENTRAR NO PÁTIO.

SEMICERROU OS OLHOS POR CAUSA DO SOL. BRITTA REGRESSARA A CASA E A EXPRESSÃO ERA SOMBRIA AO DESCER DA CARRUAGEM. AVANÇOU PARA ELIN, AS SAIAS A OSCILAR, E PAROU MESMO À SUA FRENTE. TODOS INTERROMPERAM O QUE ESTAVAM A FAZER. A EXPRESSÃO DE BRITTA FEZ COM QUE ELIN DESSE UM PASSO ATRÁS. NÃO CONSEGUIA COMPREENDER O QUE ESTAVA A ACONTECER ATÉ SENTIR A MÃO DE BRITTA A ATINGIR-LHE A FACE. DEPOIS, BRITTA RODOU NOS CALCANHARES E ENTROU APRESSADAMENTE EM CASA.

ELIN BAIXOU OS OLHOS. PODIA SENTIR TODA A GENTE A OLHAR PARA ELA. AGORA SABIA O QUE ACONTECERA. BRITTA DESCOBRIRA PORQUE É QUE ELIN TINHA IDO A FJÄLLBACKA. E ERA SUFICIENTEMENTE INTELIGENTE PARA SOMAR DOIS MAIS DOIS.

COM AS FACE A ARDER DE VERGONHA E AINDA A SENTIR A PICADA DA BOFETADA QUE BRITTA LHE DERA, ELIN AGACHOU-SE PARA CONTINUAR A ESFREGAR. NÃO FAZIA IDEIA DO QUE IA ACONTECER A SEGUIR. MAS CONHECIA A IRMÃ. ALGO MALIGNO ACORDARA.

*

– PORQUE ACHAS QUE A TUA MÃE concordou em deixar-me falar contigo? – perguntou Erica, estudando o adolescente sentado à sua frente.

Tinha ficado surpreendida por Sam lhe ter telefonado, mas também muito satisfeita. Talvez o rapaz pudesse dar-lhe uma nova perspetiva sobre Helen como pessoa e sobre qual era a sensação de crescer à sombra de um crime.

Sam encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Mas a minha mãe falou pessoalmente consigo.

– Sim, mas tive a sensação de que queria manter-te fora disto.

Erica empurrou o prato de pãozinhos de canela em direção a Sam, que pegou num. Reparou que o rapaz tinha as unhas pintadas de preto, embora o verniz começasse a estalar. Era algo tocante, aquela tentativa de parecer mais velho do que era. A pele de Sam ainda era penugenta e oleosa em certos pontos. O corpo era desengonçado e ainda não possuía o controlo de um adulto. Era uma criança que queria desesperadamente crescer; queria ser diferente e, no entanto, também queria ser aceite. Erica sentiu repentinamente uma grande ternura por aquele rapaz. Viu a solidão e a incerteza, e também sentiu a frustração à espreita por detrás da expressão desafiadora. Não podia ser fácil para Sam crescer à sombra da história da mãe, nascer numa comunidade onde grassavam as coscuvilhices e os rumores. Embora o falatório tenha esmorecido ao longo dos anos, nunca cessara completamente.

– A minha mãe não conseguiu manter-me fora disto – disse melancolicamente Sam, como se estivesse a confirmar o que Erica estava a pensar.

Como o adolescente que era, parecia relutante em olhá-la nos olhos, mas Erica percebia que estava a ouvir atentamente tudo o que lhe dizia.

– Como assim? – perguntou Erica.

A função de gravação do telemóvel estava a captar cada palavra e inflexão.

– Ando a ouvir falar nisto desde pequeno. Não me lembro de como começou, mas as pessoas faziam-me perguntas. Os filhos dessas pessoas provocavam-me. Não sei que idade tinha quando comecei a saber mais pormenores. Talvez nove anos? Fiz uma pesquisa na Internet, procurei artigos sobre o caso. Não foi difícil. Depois juntei o que consegui encontrar. Tenho pastas em casa cheias de recortes de jornais.

– A tua mãe sabe?

Sam encolheu os ombros.

– Não, julgo que não.
– Alguma vez falou contigo sobre o que aconteceu?
– Não, nem uma palavra. Nunca falamos sobre isso em casa.
– E tu querias falar sobre isso? – perguntou gentilmente Erica enquanto se levantava para se servir de mais café.

Sam tinha aceitado a oferta de café, mas Erica via agora que o rapaz não tocara na chávena. Calculou que devia preferir uma lata de *Coca-Cola* ou algo assim, mas não queria parecer infantil.

Sam encolheu novamente os ombros. Lançou uma olhadela ao prato de pãezinhos.

– Serve-te – disse Erica. – Tira os que quiseres. Estou a tentar não comer muitas coisas doces, por isso vais fazer-me um favor. Se não houver, não tenho tentações.

– Oh, a senhora está ótima. Não devia preocupar-se com isso – disse magnanimamente Sam, com a inocência de uma criança.

Erica sorriu enquanto voltava a sentar-se. Sam era bom rapaz. Gostava que ele conseguisse livrar-se do peso que tinha sido obrigado a carregar durante toda a vida. Não tinha feito nada de mal. Não escolhera nascer numa teia de culpa, de acusações e de tristeza. Os pecados dos pais não eram um fardo que devesse ter de suportar. No entanto, Erica via bem como lhe pesava nos ombros.

– Teria sido mais fácil se tu e a tua família pudessem conversar abertamente sobre o que aconteceu? – perguntou Erica.

– Nós não conversamos. Sobre nada. Nós... não somos esse género de família.

– Mas era algo de que terias gostado? – insistiu Erica.

Sam ergueu os olhos e observou-a. A maquilhagem negra em torno dos olhos fazia com que Erica tivesse dificuldade em concentrar-se no olhar do rapaz, porém, algures lá dentro, uma luz tremeluzia desesperadamente em busca de oxigénio.

– Sim – acabou por dizer. – Sim, teria gostado.

Depois encolheu os ombros. Aquele gesto era a sua armadura. A sua defesa. A sua indiferença era um manto de invisibilidade por detrás do qual podia esconder-se.

– Conheceste a Linnea? – perguntou Erica, mudando de assunto.

Sam teve um sobressalto. Deu uma grande dentada num pãozinho de canela e olhou para baixo enquanto mastigava.

– Porque pergunta? – disse. – Que tem isso que ver com a Stella?

– Só estou curiosa. O meu livro vai referir-se a ambos os casos e, como tu és vizinho da família Berg, pensei que poderias falar-me um pouco sobre como era Nea. Sobre o que pensavas dela.

– Via-a frequentemente – respondeu Sam, os olhos a encherem-se de lágrimas. – O que não é de estranhar, já que vivíamos tão perto um do outro. Mas a Nea era apenas uma criança. Não posso dizer que a conheci. Gostava dela e acho que ela gostava de mim. Costumava dizer-me adeus quando eu passava de bicicleta pela quinta deles.

– Mas não há mais nada que possas dizer-me sobre ela?

– Não. O que poderia dizer?

Erica encolheu os ombros. Então decidiu fazer a pergunta para a qual realmente queria uma resposta.

– Quem achas que matou a Stella? – perguntou, prendendo a respiração.

Sam acharia que a mãe era culpada? Erica ainda não tinha decidido qual era a sua própria opinião sobre o assunto. Quanto mais lia, quanto mais conversava com as pessoas e quanto mais verificava os fatos, mais confusa se sentia. Então, era importante ouvir o que Sam tinha para dizer.

O rapaz fez uma longa pausa antes de responder. Tamborilou na mesa. Depois ergueu os olhos e a luz cintilante que neles se via estabilizou enquanto a olhava.

A voz era pouco mais de um sussurro quando disse:

– Não faço ideia, mas a minha mãe não matou ninguém.

Quando Sam partiu na bicicleta, um pouco mais tarde, Erica ficou à janela a vê-lo afastar-se. Algo nele a tocara profundamente. Sentia tanta compaixão por aquele rapaz vestido de negro a quem não tinha sido permitida a infância que merecia. Perguntou a si própria como isso o moldaria. Que género de homem se tornaria. Esperava sinceramente que a dor que via emanar de Sam não o levasse por maus caminhos e que, ao longo da vida, encontrasse alguém que lhe preenchesse o vazio criado pelo passado.

Esperava que alguém amasse Sam.

*

– Como achas que vai reagir? – perguntou Anna. – Parece-te que vai ficar zangada?

Estavam de pé na sala de jantar do Stora Hotel, à espera que Kristina chegasse. Erica fez-lhe sinal para que se calasse.

– A Kristina pode chegar a qualquer momento.

– Sim, mas a Kristina não gosta de surpresas. E se ficar irritada?

– Já é um bocado tarde para nos preocuparmos com isso – sibilou Erica. – E para de me empurrar.

– Desculpa, mas não posso fazer nada em relação à minha barriga – retorquiu Anna.

– *Okay*, meninas, falem baixo, senão a Kristina vai ouvir-nos.

A amiga mais próxima de Kristina, Barbro, lançava-lhes um olhar severo, por isso Erica e Anna calaram-se. Um pequeno mas empenhado grupo reunira-se para a festa de despedida de solteira de Kristina. Além de Erica e de Anna, havia mais quatro mulheres presentes. Erica quase não as conhecia, por isso, no pior dos casos, podiam estar perante uma tarde e uma noite muito longas.

– Está a chegar!

Anna acenou excitadamente às outras. Ouviram a voz de Kristina na receção. O rececionista recebeu instruções para dizer a Kristina para ir ter à sala de jantar.

– Surpresa! – gritaram em uníssono quando entrou.

Kristina deu um pulo e levou uma mão ao peito.

– Valha-me Deus! Que se passa aqui?

– É a sua festa de despedida de solteira! – exclamou Erica com um grande sorriso, embora estivesse a tremer por dentro.

E se Anna tivesse razão?

Por um momento, Kristina não disse uma palavra. Então começou a rir-se.

– Despedida de solteira! Para uma velha como eu! Estão malucas! Mas tudo bem, vamos a isso! Por onde começo? Vou vender beijos num quiosque?

Piscou o olho a Erica, que se sentiu aliviadíssima. Afinal, talvez aquela ideia não fosse um completo desastre.

– Não, não vai ter de vender beijos – explicou Erica, dando um abraço à sogra.

– Planeámos outra coisa. Primeiro tem de mudar de roupa. Está neste saco.

Kristina pareceu alarmada quando olhou para o saco que Erica lhe estendeu.

– Não precisa de usar isso em mais nenhum sítio. Só nós é que a vamos ver assim.

– Está bem... – disse cautelosamente Kristina, mas pegou no saco. – Vou à casa de banho mudar de roupa.

Enquanto Kristina esteve ausente, o rececionista apareceu com seis copos e uma garrafa de champanhe num balde. Anna lançou um olhar invejoso à garrafa, mas pegou num copo de sumo.

– *Skål* – disse bebendo uns golinhos.

Erica pôs o braço em torno dos ombros da irmã.

– Já não falta muito...

Serviu champanhe às outras mulheres e depois encheu um copo enquanto esperavam que Kristina voltasse. Todos contiveram a respiração em uníssono quando ela reapareceu à entrada da sala de jantar.

– Em que raio estavam a pensar?

Kristina abriu as mãos e Erica teve de conter uma risadinha. No entanto, tinha de admitir que a sogra parecia incrível no vestido vermelho curto com franjas e lantejoulas. E que pernas! – pensou Erica com inveja. Daria qualquer coisa para ter umas pernas quase tão bonitas como as de Kristina.

– Que estão a planear que eu faça assim vestida? – perguntou Kristina, mas deixou-se ser conduzida para o centro da sala.

Erica entregou-lhe um copo de champanhe. A sogra bebeu nervosamente metade de um trago.

– Já vai ver – disse Erica, sacando o telemóvel e enviando uma mensagem: *Pode vir.*

Enquanto esperava pela resposta, mudou o peso do corpo de um pé para o outro. Aquilo podia dar para ambos os lados. Farra ou fiasco.

Ouviram música vinda do andar de cima. Ritmos latinos quentes a aproximar-se lentamente. Kristina bebeu o resto do champanhe. Erica apressou-se a voltar a encher-lhe o copo.

Uma figura roliça de fato preto apareceu. Com uma rosa nos dentes, abriu os braços de forma dramática. Anna riu-se e Erica acotovelou-a de lado.

– Esta agora! Gunnar? – disse Kristina, surpreendida.

Então também começou a rir-se.

– Minha bela senhora – disse Gunnar, tirando a rosa da boca. – Concede-me a honra desta dança?

Aproximou-se de Kristina e, com um floreado, entregou-lhe a rosa. Kristina ria-se com vontade.

– Mas o que é isto!? – exclamou, aceitando a rosa.

– Vai aprender a dançar chachachá – disse Erica com um sorriso.

Apontou para a porta.

– E trouxemos ajuda especializada.

– O quê? Quem? – perguntou Kristina, que de repente parecia estar outra vez nervosa.

Mas Gunnar estava radiante. Mal conseguia conter-se.

– Contratámos um especialista. Uma pessoa que admira no programa *Dança com as Estrelas*. Uma pessoa que a Kristina vê na televisão todas as sextas-

feiras.

– Não é o Tony Irving, pois não? – perguntou Kristina, atarantada. – Tenho pavor do Tony!

– Não, não é Tony. É outra pessoa que é normalmente muito crítica.

Kristina franziu a testa enquanto se esforçava para tentar perceber quem era a pessoa em questão. As lantejoulas do vestido restolhavam quando se mexia e Erica pensou que tinha de tirar fotografias. Muitas. Seriam muito úteis para fazer chantagem nos próximos anos.

Então, Kristina viu quem entrou na sala e gritou:

– Cissi!

Erica tinha um sorriso rasgado no rosto. O olhar de alegria de Kristina dizia-lhe que aquela tinha sido uma ideia brilhante. Toda a gente que conhecia a sogra sabia que era uma grande fã de *Dança com as Estrelas*, por isso, quando Erica viu um papel a anunciar que Cecilia «Cissi» Ehrling Danermark, de *Dança com as Estrelas*, ia dar um curso no TanumStrand, fez logo um telefonema.

– Okay, vamos começar! – exclamou Cissi com entusiasmo depois de dizer olá a todos.

Kristina parecia outra vez nervosa.

– Tenho de dançar à frente de toda a gente? Vou fazer má figura.

– Não, não. Toda a gente vai dançar – disse Cissi com firmeza.

Erica e Anna trocaram olhares aterrorizados. Aquilo não fazia parte do plano. Pensava que Kristina e Gunnar iam ter uma aula de dança enquanto todos assistiam e bebiam champanhe. Mas não adiantava protestar. Olhando demoradamente para Anna, dirigiu-se a Cissi. Não ia deixar que a irmã se safasse alegando que estava grávida e que não podia dançar.

Duas horas mais tarde, Erica estava transpirada, cansada e feliz. Cissi ensinara os passos básicos com uma energia contagiante, mas acabou por deixar todos de rastos. Erica só podia imaginar como o corpo ia estar moído na manhã seguinte. Mas tinha sido tão divertido ver a alegria de Kristina enquanto movia os pés e as ancas, abanando a franja do vestido... Gunnar também parecia estar a divertir-se imenso, embora estivesse a suar abundantemente, enfiado no seu fato escuro.

– Obrigada – disse Erica a Cissi, dando-lhe impulsivamente um abraço.

Tinha sido uma das coisas mais divertidas que alguma vez fizera. Mas estava na altura de avançar para o próximo ponto na agenda. Planeara o dia até ao último pormenor e, além disso, só podiam servir-se da sala do Stora Hotel durante duas horas.

Voltou a encher os copos a todos.

– Agora, o noivo vai ter de deixar-nos – disse. – Durante o resto da tarde e da noite, os cavalheiros não são convidados. Reservámos uma suíte no último andar para que possamos arranjar-nos. Temos uma hora para descansar e depois temos uma aula de culinária.

Kristina deu um beijo a Gunnar. Parecia que ele tinha ganhado verdadeiro gosto pela dança, porque fez girar elegantemente Kristina e todos aplaudiram. Não podiam estar mais bem-dispostos.

– Bom trabalho – sussurrou Anna, acariciando o braço de Erica. – Embora sejas muito rígida a dançar. Até as velhotas estavam a abanar melhor as ancas do que tu.

– Oh, cala a boca – disse Erica, dando uma palmada à irmã, que se limitou a sorrir.

Quando subiram as escadas para a suíte Marco Polo, Erica apercebeu-se de que não tinha pensado no trabalho por um segundo que fosse desde que começara a festa de despedida de solteira. Isso era maravilhoso. Uma pausa muito bem-vinda. Mas nem podia acreditar em como os pés lhe doíam.

*

– Como estão a aguentar-se?

Lançaram a Bill um olhar desconcertado que fez com que se lembrasse pela milésima vez de que tinha de empregar expressões mais simples ou de falar em inglês.

– Estão todos bem? – perguntou em inglês.

Assentiram, mas as expressões estavam tensas. Bill compreendia. Devia parecer que aquilo não tinha fim. Muitos dos refugiados com quem falara no centro comunitário tinham-lhe dito o mesmo. Pensavam que se conseguissem chegar à Suécia tudo ficaria bem. Mas os habitantes locais olhavam para eles com desconfiança e tinham encontrado demasiada burocracia e demasiadas pessoas que odiavam tudo o que eram e representavam.

– Adnan, podes tomar o comando? – pediu Bill, apontando para o timão.

Adnan tomou o seu lugar com um brilho de orgulho nos olhos. Bill esperava sinceramente poder mostrar-lhes uma imagem diferente do país que amava. Os suecos não eram maus. Estavam com medo. Era isso que tornava a sociedade mais dura. O medo. Não a maldade.

– Podes marear as velas, Khalil?

Bill puxou uma linha imaginária e apontou.

Khalil assentiu e mareou perfeitamente as velas, precisamente de acordo com o manual, apenas o suficiente para que a vela se esticasse e parasse de flutuar.

O barco ganhou velocidade e começou a inclinar-se um pouco, mas isso já não causou olhares de pânico entre a tripulação. Bill gostava de poder sentir-se tão calmo como eles. O dia da regata aproximava-se rapidamente e havia muito mais coisas que tinha de lhes ensinar. Mas, dadas as circunstâncias, já se contentava por estarem dispostos a continuar. Teria compreendido se tivessem decidido atirar a toalha ao chão e desistir de todo o projeto. Mas tinham-lhe dito que queriam continuar por Karim, e Bill notou uma nova determinação quando chegaram ao clube de vela naquela manhã. Estavam a levar aquilo mais a sério, o que era evidente pela maneira como velejavam, pela maneira como o barco avançava pela água.

As pessoas que gostavam de equitação salientavam como era importante comunicar com o cavalo, e para Bill o mesmo se aplicava aos barcos. Não eram objetos mortos, sem alma. Às vezes achava que compreendia melhor os barcos do que as pessoas.

– Daqui a pouco temos de bordejar – disse, e os sírios sabiam o que queria dizer.

Pela primeira vez sentiam-se uma equipa. Podemos sempre retirar algo de bom do que é mau, como o pai costumava dizer. E isso parecia aplicar-se àquela situação. Mas o preço fora alto. Tinha telefonado para o hospital de manhã para saber como Amina estava a progredir, mas tinham-se recusado a dar informações a quem não fosse membro da família. Por enquanto, Bill esperava que o facto de não haver notícias fosse uma boa notícia.

– Okay, vamos bordejar.

Quando a vela inflou e se esticou com o vento, Bill teve de se conter para não gritar de alegria. Era a melhor manobra que tinham feito até ao momento. Estavam a manobrar o barco como uma máquina bem oleada.

– Excelente, rapazes – disse enfaticamente, esticando o polegar.

O rosto de Khalil iluminou-se e os outros sentaram-se mais direitos.

Lembravam tanto a Bill os filhos mais velhos. Também os levava a velejar. Alguma vez o tinha feito com Nils? Não lhe parecia. Nunca dera ao rapaz a mesma atenção que dera a Alexander e a Philip. E agora estava a pagar o preço.

Nils era um estranho para ele. Bill não compreendia como a atitude e a raiva de Nils podiam ter nascido no lar que criara com Gun, um lar onde os princípios orientadores eram a tolerância e o respeito. Onde é que Nils tinha ido buscar todas aquelas ideias?

Na noite anterior, depois de chegar a casa, Bill decidira conversar com Nils. Uma conversa como devia ser. Abrir feridas antigas, lancetar os abscessos, pôr tudo em pratos limpos e pedir perdão, permitindo a Nils que desabafasse o desapontamento e a raiva que sentia. Mas Nils tinha trancado a porta do quarto e recusara-se a abri-la quando Bill bateu. Limitara-se a aumentar o volume da música que começara rapidamente a ressoar por toda a casa. Gun pôs-lhe a mão no ombro e pediu-lhe que esperasse. Que desse mais algum tempo a Nils. E sem dúvida que tinha razão. Acabaria tudo por se resolver. Nils era novo e ainda não estava a formar-se.

– Vamos para casa – disse, apontando na direção de Fjällbacka.

*

Sam estava inclinado sobre a taça de iogurte, concentrando toda a atenção no telemóvel. Helen sentia uma pontada no coração enquanto observava o filho. Interrogava-se aonde tinha ido de manhã.

– Tens passado muito tempo com a Jessie nos últimos dias? – perguntou.

– Hum, hum. E?

Sam afastou a cadeira e dirigiu-se ao frigorífico. Serviu-se de um grande copo de leite e emborcou-o. De repente parecia tão novo. Parecia a Helen que só tinham passado algumas semanas desde que andava por ali de calções e com passos vacilantes, com o adorado e maltratado urso de peluche debaixo do braço. Perguntou a si própria o que acontecera ao urso. O mais certo era que James o tivesse deitado fora. Não gostava de guardar coisas que já não eram usadas. Conservar algo pelo valor sentimental não fazia parte do seu mundo.

– Só estava a querer dizer que pode não ser boa ideia – disse Helen.

Sam abanou a cabeça.

– Pensava que não devíamos falar sobre isso.

O mundo começou a girar diante dela, como sempre acontecia quando pensava naquilo. Fechou os olhos e conseguiu fazer parar aquele rodopio. Tinha muitos anos de prática. Vivera trinta anos no centro de uma tempestade, até que acabara por habituar-se.

– É que não sei se me agrada que passem tanto tempo juntos – disse, e podia ouvir o tom suplicante da própria voz. – Também não me parece que o teu pai gostasse.

No passado, aquele argumento teria bastado.

– James – bufou Sam. – Não vai voltar ao serviço daqui a pouco tempo?

– Sim, daqui a uma semana – respondeu Helen, incapaz de esconder o alívio.

Teriam meses de liberdade à sua frente. Umas tréguas. O mais absurdo era que sabia que James sentia o mesmo. Eram prisioneiros numa cadeia que eles próprios tinham criado. E Sam tornara-se o refém partilhado por ambos.

Sam pousou o copo.

– Jessie é a única pessoa que alguma vez me compreendeu. Nunca vão conseguir perceber isso, mas é verdade.

Voltou a colocar o pacote de leite no frigorífico, na prateleira destinada à manteiga e ao queijo.

Helen queria dizer a Sam que compreendia. Claro que compreendia perfeitamente. Mas o muro entre eles aumentava cada vez mais por causa de todos os segredos. Estavam a estrangulá-lo e Sam não podia saber porquê. Devia ter conseguido libertá-lo, mas não se atreveu. E agora era demasiado tarde. A sua herança, a sua culpa, tinham-no enjaulado, e era tão impossível para Sam escapar como para Helen. Os destinos estavam entrelaçados e não podiam ser separados por mais que desejasse.

Mas o silêncio era insuportável. A fachada do filho era tão impenetrável, tão dura... Devia ter muita coisa lá dentro prestes a explodir a qualquer momento.

Helen decidiu tentar.

– Já pensaste...

Sam interrompeu-a. A expressão era tão fria, tão parecida com a de James...

– Já te disse, nós não falamos sobre isso.

Helen ficou em silêncio.

A porta da frente abriu-se e ouviram James a entrar. Antes que Helen conseguisse sequer pestanejar, Sam saíra disparado para o andar de cima, para o quarto. Helen levantou-se, arrumou a cadeira e colocou os pratos e os copos na máquina de lavar louça. Então precipitou-se para o frigorífico para pôr o pacote de leite no sítio certo.

*

– Bem, lá vamos nós outra vez – disse secamente Torbjörn.

Patrik sentiu um nó do estômago.

As buscas à propriedade da família Berg tinham saído furadas e não tinha a certeza de isso poder afetar os resultados. Restava-lhes agora arregaçar as mangas e recomeçar.

– Sim. Não encontramos nada de interesse dentro de casa por isso agora vamos examinar o celeiro – disse.

– E depois o telheiro e o resto da propriedade, se percebi bem quando falámos ontem.

Patrik assentiu.

– Sim, correto.

Torbjörn olhou para ele por cima da armação dos óculos. Começara a usá-los há alguns anos. Uma prova de que ambos estavam a envelhecer.

– Soube que foi Mellberg quem provocou esta trapalhada toda.

– Quem havia de ter sido? – respondeu Patrik com um suspiro. – Mas temos de pôr isso para trás das costas e dar o nosso melhor. Pelo menos é um alívio não termos cá a família desta vez.

Patrik examinou a quinta deserta, grato pela ajuda de Gösta. O colega tinha tido uma longa conversa telefónica com Peter, a explicar porque tinham de concluir as buscas à propriedade da família. Sugeriu que seria uma boa ocasião para a família sair da quinta durante algumas horas. Parecia que os Berg tinham dado ouvidos aos conselhos, porque não estavam lá quando Patrik, Gösta e a equipa de técnicos forenses chegaram.

– Posso ir consigo? – perguntou Patrik a Torbjörn, esperando que este dissesse que sim.

Era sempre importante haver o mínimo de pessoas possível na zona a inspecionar, mas Patrik não sabia o que mais podia fazer. Por qualquer motivo, Gösta desaparecera na floresta.

– *Okay* – disse Torbjörn. – Mas mantenha-se o mais afastado possível... e tem de usar o fato de proteção completo. *Okay*?

– Claro que sim – respondeu Patrik, embora ficasse maldisposto só de pensar no calor que ia sentir dentro do fato *Tyvek*.

Aquele verão estava a bater todos os recordes de altas temperaturas e Patrik já transpirava o suficiente na sua roupa normal.

Tal como pensara, quando vestiu o fato de proteção sentiu-se como se estivesse num banho turco. No entanto, estava mais frio dentro do celeiro do que ao ar livre. Sempre gostara de celeiros. Havia uma certa magia na forma como a luz penetrava nas frestas das pranchas das paredes. Parecia de alguma forma um lugar sagrado. Um celeiro exalava paz e calma. Por isso, de certa forma sentia-se mal por estarem a invadir essa calma com aqueles fatos de plástico a restolhar, aquele equipamento, os fluidos e o murmúrio dos técnicos enquanto trabalhavam.

Patrik posicionou-se a uma esquina e percorreu o celeiro com o olhar. Era grande e alguém o mantivera em bom estado. Não parecia estar prestes a ruir, como tantos celeiros no país. Nem tinha sido convertido em armazém. Não estava cheio de carros antigos, tratores ou lixo. Estava vazio, limpo e arrumado. Numa das extremidades do celeiro uma escada conduzia ao palheiro, e Patrik estava em pulgas para ir até lá.

Teve um sobressalto. Sentira algo a roçar-lhe na perna. Olhou para baixo. Um gato cinzento miou e abriu caminho por entre as pernas de Patrik, que se baixou para coçar o pescoço do animal. O gato começou a ronronar muito alto, virando a cabeça com satisfação.

– Como te chamas? – balbuciou, acariciando o animal. – És um belo gato.

O gato estava tão feliz que rebolou e ficou deitado de costas, deixando Patrik fazer-lhe cócegas na barriga.

– Patrik?

– Sim?

Endireitou-se. A princípio, o gato parecia ofendido e desapontado, mas depois levantou-se e afastou-se.

– Pode chegar aqui?

Torbjörn fez-lhe sinal do palheiro.

– Não há aqui nada – disse Torbjörn quando Patrik subiu. – A não ser isto.

Tinha uma embalagem vazia de *wafers Kex* na mão.

Patrik franziu a testa.

– O Pedersen achava que Nea tinha chocolate *Kex* no estômago quando foi encontrada – disse, sentindo a pulsação a acelerar.

Podia ser uma coincidência. Mas raramente acreditava em coincidências.

– Vamos tentar tirar as impressões digitais – disse Torbjörn. – A olho nu vejo que há algumas impressões excelentes. A embalagem estava enfiada entre duas pranchas soltas aqui em cima. Encontrei-a por pura sorte, porque, além dela, isto está clinicamente limpo. Quase demasiado limpo.

Torbjörn fez um gesto com o braço a abranger o palheiro.

– Podes descer? – perguntou um dos técnicos que estava a trabalhar debaixo do palheiro. – Agora temos de pôr tudo às escuras.

Torbjörn desceu depois de ter enfiado a embalagem de *wafers Kex* num saco e Patrik seguiu-o.

– A próxima parte da inspeção deve ser feita em escuridão total – explicou Torbjörn. – Por isso temos de tapar todas as paredes com panos escuros. Pode demorar bastante tempo, por isso é melhor esperar lá fora.

Patrik sentou-se numa cadeira no pátio e observou os técnicos a atarefarem-se para dentro e para fora do celeiro. Depois fecharam as portas e o silêncio instalou-se.

Depois do que pareceu uma eternidade, Torbjörn chamou-o. Hesitante, Patrik levantou-se e abriu a porta. Entrou no celeiro escuro. Os olhos demoraram um momento a adaptar-se, mas depois Patrik viu várias sombras escuras a uma certa distância.

– Venha até aqui – disse Torbjörn, e Patrik dirigiu-se cautelosamente até à voz do chefe dos técnicos forenses.

Quando se aproximou, viu o que Torbjörn e os outros técnicos estudavam com tanto interesse. Uma mancha azul brilhante no chão. Depois de testemunhar muitas inspeções de locais de crime, sabia o que aquilo significava. Os técnicos tinham pulverizado o celeiro com *luminol*, que mostrava vestígios de sangue que não podiam ser vistos a olho nu. E aquela era uma grande mancha.

– Julgo que encontrámos o local de crime primário – afirmou.

– Não tire conclusões precipitadas – advertiu Torbjörn. – Não se esqueça de que é um celeiro antigo e de que provavelmente tinham aqui animais. Portanto, esta mancha de sangue pode ser antiga.

– Ou não. A mancha, combinada com a embalagem de chocolate que encontrou, leva-me a pensar que encontrámos o sítio onde a Nea morreu.

– Acho que tem razão. Mas antes estava eu enganado, por isso é sempre melhor não nos apegarmos a uma única teoria até termos factos para comprová-la.

– Podemos tirar amostras para comparar com o sangue da Nea? Para conseguirmos uma correspondência definitiva?

Torbjörn assentiu.

– Vê as frestas no soalho? Julgo que o sangue escorreu por aí, portanto, mesmo que alguém tenha tentado limpar isto a fundo, encontraremos sangue se levantarmos as pranchas.

– Então vamos fazer isso – disse Patrik.

Torbjörn ergueu a mão enluvada.

– Primeiro temos de documentar tudo cuidadosamente. Dê-nos algum tempo que eu depois chamo-o quando estivermos prontos para levantar as pranchas.

– Okay – disse Patrik, recuando mais uma vez para um canto do celeiro.

O gato cinzento voltou a encostar-se à perna de Patrik, que se agachou obedientemente para o acariciar.

Mesmo que tivesse parecido uma eternidade, na verdade não demorou mais de quinze minutos até os técnicos voltarem a ligar as luzes. Torbjörn disse que estavam prontos para levantar as pranchas. Patrik levantou-se tão rapidamente que o gato assustou-se e fugiu a correr. Patrik dirigiu-se ao ponto no soalho que já tinha sido documentado de todos os ângulos. Haviam sido recolhidas amostras que foram depois metidas em sacos. A única coisa que restava era ver o que estava por baixo.

A porta do celeiro abriu-se e Patrik virou-se. Gösta aproximou-se com o telemóvel na mão.

– Acabei de falar com os nossos colegas de Uddevalla.

– Os que ficaram de investigar o pedófilo Tore Carlson?

Gösta abanou a cabeça.

– Não era sobre isso. Fiz-lhes algumas perguntas sobre a família Berg quando liguei da última vez. Disseram-me que ainda falam dos Berg lá na esquadra.

Patrik ergueu uma sobrancelha.

– E?

– Bem, parece que o Peter Berg tinha reputação de se tornar violento quando bebia.

– Muito violento?

– Extremamente violento. Muitas brigas no bar local.

– Mas não há relatos de violência doméstica?

Gösta abanou a cabeça.

– Não, nada disso. E não foi apresentada nenhuma queixa contra ele. É por isso que nunca encontrámos nada sobre o Peter.

– Okay. É bom saber isso. Obrigado Gösta. Teremos de ter outra conversa com o Peter.

Gösta acenou aos técnicos.

– O que está a acontecer aqui? Encontraram alguma coisa?

– Uma embalagem de *wafers Kex* no palheiro. Mas o mais importante é termos encontrado vestígios de sangue. Foi limpo, mas ficou visível quando os técnicos pulverizaram tudo com *luminol*. Agora vamos levantar o soalho, porque o Torbjörn acha que o sangue pode ter escorrido.

– Meu Deus – disse Gösta, olhando para o chão. – Então achas que...

– Sim – interrompeu Patrik. – Acho que a Nea morreu aqui.

Por um momento ninguém falou. Então começaram a puxar a primeira prancha.

Bohuslän, 1672

UMA AGITAÇÃO DO OUTRO LADO DA PORTA DESPERTOU ELIN. PELA PRIMEIRA VEZ EM SEMANAS TINHA DORMIDO PROFUNDAMENTE. TINHA-LHE FEITO BEM DAR UM LONGO PASSEIO COM MÄRTA NO DIA ANTERIOR, QUANDO O SOL ESTAVA A PÔR-SE SOBRE OS PRADOS. E QUASE TINHA CONSEGUIDO AFASTAR A SENSÇÃO DE DESCONFORTO SOBRE O QUE BRITTA PODERIA FAZER. BRITTA IMPORTAVA-SE COM AS APARÊNCIAS, POR ISSO NÃO IA QUERER VIVER COM A VERGONHA SE AS PESSOAS SOUBESSEM O QUE ACONTECERA ENTRE O MARIDO E A IRMÃ. FOI O QUE ELIN CONSEGUIU DIZER A SI PRÓPRIA ANTES DE ADORMECER. TUDO ACABARIA POR PASSAR. BRITTA ESTARIA PLENAMENTE OCUPADA A CUIDAR DE UM BEBÉ NA CASA PAROQUIAL, E O TEMPO TINHA MANEIRA DE FAZER COM QUE AS COISAS MAIS AVASSALADORAS SE DESVANECESSEM ATÉ DESAPARECEREM COMPLETAMENTE.

ESTAVA A TER UM SONHO MUITO AGRADÁVEL COM MÄRTA QUANDO UM GRANDE ALVOROÇO A FEZ ACORDAR COM UM SOBRESSALTO. SENTOU-SE, ESFREGANDO OS OLHOS. FOI A PRIMEIRA DAS CRIADAS A ACORDAR E RODOU AS PERNAS PARA UM DOS LADOS DA CAMA QUE PARTILHAVA COM MÄRTA.

— JÁ VOU — DISSE, APRESSANDO-SE PARA A PORTA. — QUE BARULHEIRA A ESTA HORA DA MANHÃ.

ABRIU A PESADA PORTA DE MADEIRA. LÁ FORA ESTAVA O MEIRINHO JAKOBSSON COM AR SOMBRIO.

— ESTOU À PROCURA DE ELIN JONSDOTTER.

— SOU EU — DISSE.

AGORA JÁ TODA A GENTE TINHA ACORDADO E ELIN APERCEBEU-SE DE QUE ESTAVAM TENSAMENTE À ESCUTA.

— É ACUSADA DE BRUXARIA E TEM DE ME ACOMPANHAR À PRISÃO.

ELIN OLHOU PARA JAKOBSSON. QUE ESTAVA A DIZER? BRUXARIA? O HOMEM TERIA ENLOUQUECIDO?

— DEVE HAVER UM MAL-ENTENDIDO — DISSE ELIN.

MÄRTA TINHA APARECIDO E ESTAVA AGORA A AGARRAR AS SAIAS DE ELIN, QUE EMPURROU A FILHA PARA TRÁS.

— NÃO HÁ NENHUM MAL-ENTENDIDO. ESTAMOS AQUI PARA LEVÁ-LA SOB CUSTÓDIA E MAIS TARDE OUVIRÁ AS ACUSAÇÕES NO TRIBUNAL.

– MAS NÃO PODE SER. EU NÃO SOU UMA BRUXA. FALE COM A MINHA IRMÃ. É A MULHER DO PASTOR. PODE ATESTAR QUE...

– FOI A BRITTA WILLUMSEN QUE A ACUSOU DE BRUXARIA – INTERROMPEU-A O MEIRINHO, AGARRANDO FIRMEMENTE O BRAÇO DE ELIN.

DEBATEU-SE ENQUANTO O MEIRINHO A ARRASTAVA PARA FORA. MÄRTA GRITAVA E AFERRAVA-SE ÀS SAIAS DA MÃE. ELIN ARFOU EM BUSCA DE AR QUANDO MÄRTA CAIU NO CHÃO POR DETRÁS DELA. ENQUANTO OBSERVAVA AS OUTRAS A PRECIPITAREM-SE PARA AJUDAR A FILHA, O MEIRINHO AGARROU-LHE O BRAÇO AINDA COM MAIS FORÇA. TUDO RODOPIAVA DIANTE DOS OLHOS DE ELIN. BRITTA ACUSARA-A DE SER UMA BRUXA.

*

A MÃO DE JESSIE TREMEU LIGEIRAMENTE enquanto estava frente ao espelho no quarto de Vendela. Não queria que o rímel formasse grumos.

Nas suas costas, Vendela experimentava um quarto vestido, mas não tardou igualmente a despi-lo, exclamando com frustração: – Não tenho nada para vestir! Estou a ficar gorda!

Vendela beliscou as banhas inexistentes na cintura. Jessie virou-se para olhar para ela.

– Como podes dizer isso? Tens um corpo fantástico. Nunca poderia competir contigo.

Era mais uma declaração do que uma queixa. Agora que Sam a amava, já não achava o próprio peso tão repulsivo como dantes.

O estômago resmungou. Não tinha comido nada o dia todo. Era como se tudo tivesse corrido bem depois de chegar a Fjällbacka. Tinha tido tanto medo de que as coisas ali ainda fossem piores. Mas depois conheceu Sam e agora ia ser amiga de Vendela, que era... Bem, Vendela era tão perfeita, fixe e mundana. Era como uma chave humana para um mundo do qual Jessie sempre desejara fazer parte. Todas as palavras ásperas e bocas manhosas, todas as observações desdenhosas, todas as partidas e humilhações tinham desaparecido. Ia riscar tudo o que tinha acontecido e esquecer a pessoa que tinha sido. Era uma nova Jessie.

Vendela parecia ter-se decidido pelo vestido que experimentava agora. Um vestido de malha vermelho e apertado que quase não tapava as cuecas.

– Que achas? – perguntou, fazendo uma pirueta à frente de Jessie.

– Estás incrível – respondeu Jessie, e estava a ser sincera.

Vendela parecia uma boneca. Jessie viu o próprio reflexo por detrás da outra rapariga e a nova autoconfiança desapareceu abruptamente.

A blusa que usava parecia um saco e o cabelo estava rijo e oleoso, apesar de o ter lavado de manhã.

Vendela deve ter reparado na expressão abatida de Jessie. Pôs-lhe as mãos nos ombros e empurrou-a para a cadeira em frente ao espelho.

– Sabes uma coisa? Podia dar-te uns retoques para ficares mesmo gira. Queres que tente?

Jessie assentiu. Vendela pegou nalguns boiões e frascos, bem como em três ferros de frisar diferentes e um ferro de alisar. Vinte minutos mais tarde, Jessie tinha um novo penteado. Viu-se ao espelho e mal pôde acreditar nos seus olhos.

Era uma nova Jessie e estava prestes a ir a uma festa. Era difícil a vida poder melhorar ainda mais.

*

Martin sentou-se ao lado de Paula à mesa da cozinha da esquadra.

– Quando vamos saber mais sobre a gravação? – perguntou.

– A gravação? – perguntou Paula. Um segundo depois, apercebeu-se de que o colega estava a falar sobre a gravação do telefonema anónimo.

Valha-me Deus, pensou, o meu cérebro não consegue funcionar com este calor. Quase não dormira, Lisa tinha estado agitada e acordou com tanta frequência que Paula pensou que quase nem valia a pena voltar para a cama nos intervalos em que conseguia pô-la a dormir. Acabou por desistir e instalou-se para trabalhar um pouco. Mas agora estava tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos.

– Devemos saber alguma coisa esta semana – disse. – Mas acho que não devemos ter expectativas muito altas.

– Então e as crianças, estão a adaptar-se bem? – perguntou Martin, servindo-lhe uma grande chávena de café.

Seria a oitava do dia, embora já não estivesse a contar.

– Sim, estão a dar-se bem. Chegaram esta manhã. O Patrik foi buscá-las ao hospital e levou-as lá para casa.

– O Patrik já sabia mais alguma coisa da Amina? Ou do Karim?

– O estado de saúde da Amina não sofreu alterações – disse Paula. – Mas o Karim vai ter alta em breve.

– Também vai ficar em vossa casa?

– Não, não, não temos espaço – respondeu Paula. – A ideia é a câmara municipal providenciar habitações de emergência para aqueles que foram afetados pelo incêndio. Julgam que vão ter uma para Karim quando tiver alta. Alguns dos refugiados já se mudaram do centro comunitário para novos alojamentos. Mas devo dizer que fiquei agradavelmente surpreendida. As pessoas abriram as suas casas, ofereceram-lhes os seus quartos e casas de férias. Um casal até foi morar com uma tia para poder emprestar o apartamento a uma família de refugiados.

Martin abanou a cabeça.

– Oito ou oitenta. As pessoas são estranhas. Algumas só pensam em destruir, enquanto outras estão dispostas a fazer tudo para ajudar estranhos. Basta

olharmos para o Bill e para a Gun. Têm passado os dias no centro comunitário, de manhã à noite.

– Eu sei. Isso faz-me ter esperança na humanidade.

Paula levantou-se para ir buscar leite ao frigorífico. Adicionou um pouco ao café. Não conseguia bebê-lo sem leite.

– Agora vou para casa – disse Mellberg, enfiando a cabeça pela porta entreaberta. – A Rita não consegue tomar conta daquela criançada toda sozinha. Vou parar na padaria no caminho e comprar alguns pãezinhos de canela.

Por um momento, o superintendente pareceu confuso.

– Eles comem pãezinhos de canela, não comem?

Paula revirou os olhos na direção de Martin enquanto se sentava novamente à mesa.

– Sim, comem pãezinhos de canela, Bertil. São da Síria, não vieram do espaço.

– Não há necessidade de seres grosseira só porque fiz uma simples pergunta – disse Mellberg, ofendido.

Ernst puxou pela trela, ansioso por começar o passeio.

Paula assentiu e depois lançou um sorriso a Mellberg.

– Acho que os pãezinhos de canela farão grande sucesso – disse. – Mas não se esqueça de comprar *wienerbröd*²⁸ para o Leo.

Mellberg resmungou.

– Achas que eu ia esquecer-me de que o queridinho do avô Bertil prefere *wienerbröd*?

Saiu da sala, levando *Ernst*.

– Que fiz para merecer o Bertil? – perguntou Paula quando o superintendente desapareceu pelo corredor.

Martin abanou a cabeça.

– Nunca vou conseguir compreender aquele homem.

Paula ficou séria.

– Investigaste as fações racistas?

– Telefonei a alguns dos meus informadores do passado e todos negaram saber alguma coisa sobre o fogo.

– Não me admira – disse Paula. – Não podemos exatamente esperar que alguém levante a mão e diga: – Fomos nós.

– Não, mas esses tipos não são as pessoas mais inteligentes do mundo, por isso, mais cedo ou mais tarde, alguém vai acabar por falar. E talvez alguém tenha vontade de coscuvilhar... Nunca se sabe. Vou continuar a chateá-los e veremos o que acontece.

Paula bebeu um gole de café. A fadiga fazia com que sentisse o corpo pesado e desajeitado.

– Achas que as buscas na quinta da família Berg vão produzir algum resultado?

– Não – suspirou Martin. – Não encontrámos nada dentro de casa. Não me parece que a família tenha que ver com a morte da Nea. Por isso, o mais certo é não darem em nada.

– Não tarda nada, ficamos sem pistas – disse Paula. – Não temos testemunhas, nenhuma prova física, e não encontrámos nenhuma ligação ao caso Stella, apesar das semelhanças. Começo realmente a pensar que não há nenhuma ligação. O caso Stella é tão conhecido na região... toda a gente está a par de todos os pormenores, incluindo onde a menina foi encontrada. Não há segredos sobre isso. Qualquer um poderia copiar o homicídio. A única questão é porquê.

– Então é esta história de o Leif ter acabado por duvidar de que as raparigas eram culpadas? Que o terá feito mudar de ideias de repente? E porque se terá suicidado a seguir?

– Não sei – respondeu Paula com cansaço, esfregando os olhos. – Parece que estamos num beco sem saída. Além disso ainda temos a investigação do fogo posto. Achas que vamos conseguir desvendar tudo isto?

– Claro que sim – respondeu Martin, levantando-se.

Paula limitou-se a assentir. Queria acreditar no colega, mas a fadiga fazia com que se sentisse desesperada. Perguntou a si própria se os colegas sentiriam o mesmo.

– Agora tenho de ir andando. Preciso de fazer uma coisa – disse Martin, mudando o peso de um pé para o outro.

A princípio, Paula não sabia o que o colega queria dizer. Mas depois fez um grande sorriso.

– Ah, pois é. Hoje é o grande dia. O jantar com a mulher do centro comunitário.

Martin parecia envergonhado.

– Hum, bem... só vamos jantar. Depois veremos o que acontece.

– Okay, Martin – disse Paula com ar sabido. A resposta de Martin foi fazer-lhe um gesto com o dedo médio.

Paula deu uma gargalhada e gritou-lhe enquanto o colega se dirigia à porta da esquadra:

– Boa sorte! Lembra-te, é como andar de bicicleta!

Martin não disse nada e fechou a porta com estrondo depois de sair. Paula olhou de relance para o relógio. Mais uma hora de trabalho, decidiu, e depois estava pronta para ir para casa.

*

Basse morava numa casa mais antiga, com janelas panorâmicas e uma data de cantos e recantos. Jessie pensou que ia gostar de estar numa casa muito diferente de qualquer outra onde já tivesse vivido. Mas, quando um desconhecido lhe abriu a porta e vislumbrou a multidão no interior, ficou repentinamente nervosa.

Quase todos na festa estavam bêbedos e demonstravam uma autoconfiança que Jessie não possuía. Nunca tinha sido bem-vinda naquele género de festas. Teve vontade de dar meia-volta e fugir para casa, mas Vendela pegou-lhe na mão e puxou-a para uma mesa ao fundo da sala de estar. Estava repleta de garrafas de cerveja, de vinho e de várias bebidas espirituosas.

– São todas dos pais do Basse? – perguntou Jessie.

– Não, achas? – disse Vendela, atirando o longo cabelo louro para trás. – Toda a gente costuma trazer tudo o que pode para a festa.

– Eu podia ter trazido champanhe – murmurou Jessie, sentindo-se estúpida.

Vendela riu-se.

– Não te preocupes com isso. Tu és nova. Uma convidada de honra. Que queres beber?

Jessie examinou as garrafas sobre a mesa.

– Nunca bebi mais nada sem ser champanhe – respondeu.

– Então está na altura de beberes um *cocktail* como deve ser. Vou preparar-te um.

Vendela pegou num grande copo de plástico. Deitou nele o conteúdo de várias garrafas e depois adicionou um pouco de *Sprite*.

– Toma! – disse, entregando o copo cheio a Jessie. – Acho que vais gostar!

Vendela pegou noutro copo de plástico e encheu-o até à borda com vinho branco de um pacote.

– *Skål!* – disse, tocando no copo de Jessie com o seu.

Jessie bebeu um golo e forçou-se a não fazer uma careta. Tinha um sabor forte, mas nunca tinha provado um *cocktail*, por isso devia ser assim que sabiam. E Vendela parecia saber o que estava a fazer.

Vendela fez sinal com a cabeça na direção da outra extremidade da sala.

– O Nils e o Basse estão ali.

Jessie bebeu outro golo. Sabia melhor do que o primeiro. Havia tanta gente e ninguém a olhava com ar trocista ou de desdém. Em vez disso, todos pareciam curiosos. Mas curiosos no bom sentido. Pelo menos era o que parecia.

Vendela pegou-lhe novamente na mão e conduziu-a pelo meio de todas as pessoas que conversavam, dançavam e riam.

Os rapazes estavam descontraidamente sentados num grande sofá, cada um com uma cerveja na mão. Acenaram com a cabeça a Jessie, e Vendela sentou-se no colo de Nils.

– Merda, estão tão atrasadas – disse Nils, chegando Vendela a si. – Quanto tempo vão demorar a pintar-se e a vestir-se?

Vendela deu uma risadinha quando Nils lhe afastou o cabelo e a beijou na nuca.

Jessie sentou-se numa grande poltrona branca ao lado do sofá, tentando não olhar muito para Nils e para Vendela enquanto se beijavam.

Inclinou-se para Basse.

– Então, onde estão os teus pais?

A música martelava.

– Estão a velejar – respondeu Basse, encolhendo os ombros. – Fazem sempre isso no verão. Mas nos últimos dois verões não fui com eles.

Vendela parou de beijar Nils e lançou um sorriso a Jessie.

– Pensam que ele tem um emprego de verão – disse.

– Ah.

A verdade é que a mãe nem sequer notaria se desaparecesse durante três semanas, pensou Jessie, mas aquilo era diferente. Imagine-se inventar uma mentira daquelas.

– Disseram que eu tinha de trabalhar se quisesse ficar em casa – afirmou Basse, bebendo um golo de cerveja. Entornou um pouco na camisa, mas não pareceu reparar. – Disse-lhes que consegui um emprego no TanumStrand. Não conhecem lá ninguém, por isso não podem confirmar.

– Mas não vão perguntar o que aconteceu ao dinheiro que ganhaste?

– Têm uma adega enorme com tantos vinhos caros que nem sabem quantos são, por isso, enquanto estão fora, vendo algumas garrafas.

Jessie lançou-lhe um olhar surpreendido. Não pensou que Basse fosse tão esperto.

– Normalmente, o Nils ajuda-me – acrescentou.

Jessie assentiu. Isso explicava muita coisa. Bebeu mais um golo do *cocktail*. A mistura queimava-lhe a garganta, mas não fez nada para acalmar as borboletas

alegres que sentia no estômago. Era assim a sensação de inclusão? De fazer parte de um grupo?

– Que pena o Sam não ter querido vir – disse Nils, recostando-se no sofá.

Jessie sentiu uma pontada de dor repentina. Porque é que Sam tinha de ser tão teimoso? Os rapazes pensavam claramente que tinham agido mal.

– Não pôde sair. Mas vamos juntos à festa do próximo sábado no centro comunitário.

– Que fixe! – disse Nils, erguendo a garrafa de cerveja para brindar.

Jessie sacou o telemóvel da mala e enviou uma mensagem rápida a Sam:

Está tudo bem, toda a gente é fixe e estou a divertir-me.

Sam enviou-lhe instantaneamente uma mensagem com um polegar esticado e um *emoji* sorridente. Jessie sorriu e voltou a guardar o telemóvel na mala. Mal podia acreditar em como tudo aquilo era fantástico. Era a primeira vez na vida que se sentia... normal.

– Estás a gostar da tua bebida? – perguntou Nils, apontando para o copo com a garrafa de cerveja.

– Claro. É excelente! – respondeu Jessie, bebericando mais um pouco.

Nils empurrou Vendela do colo e deu-lhe uma palmadinha no rabo.

– Vai preparar outra bebida à Jessie. Esta está quase a acabar.

– *Okay* – disse Vendela, puxando o vestido curto para baixo. – Também já quase acabei o meu vinho, por isso vou buscar bebidas para as duas.

– Traz-me também uma cerveja – pediu Basse, pousando a garrafa vazia na mesa.

– Vou tentar trazer isso tudo.

Vendela atravessou a multidão até à mesa das bebidas no outro extremo da sala. Jessie não sabia o que dizer. O suor tinha começado a escorrer-lhe pelas costas e provavelmente tinha grandes manchas debaixo dos braços. Apetecia-lhe fugir, mas manteve os olhos fixos no tapete.

– Então, qual é a sensação de ser filha de uma estrela de cinema? – perguntou Basse.

Jessie encolheu-se, mas agradeceu que outra pessoa tivesse tido a iniciativa de começar uma conversa. Mesmo que não fosse o seu tema preferido.

– Não sei. A minha mãe é apenas a minha mãe. Na verdade não penso nela como uma estrela de cinema.

– Mas deves ter conhecido uma data de pessoas fixes.

– Claro, mas para a minha mãe são apenas colegas.

Será que devia contar-lhes como era realmente? Que quase nunca tinha feito parte da vida de Marie. Que tinha sido deixada em casa com um fluxo interminável de *baby-sitters* quando era pequena enquanto Marie participava em filmagens ou em todo o tipo de eventos. Assim que tivera idade suficiente, Jessie fora enviada para colégios internos por todo o mundo, onde quer que calhasse Marie ter um filme para rodar. Quando Jessie estava na escola em Inglaterra, Marie tinha estado fora durante seis meses, por causa de um filme na África do Sul.

– Mais bebidas para todos – anunciou Vendela, pousando copos e garrafas na mesa.

Olhou para Jessie.

– Prova e vê se é tão bom como o primeiro. Desta vez fiz-te um *cocktail* diferente.

Jessie bebeu um golo. Mais uma vez, a mistura queimou-lhe a garganta, mas agora sabia melhor, a *Fanta*. Esticou o polegar.

– Quase não pus álcool, por isso não precisas de preocupar-te em poderes ficar bêbeda.

Jessie lançou um sorriso de agradecimento a Vendela e bebeu outro golo. Perguntou a si própria como seria uma bebida com bastante álcool, tendo em conta como aquela lhe ardia no estômago. Mas estava contente por Vendela se preocupar com ela e sentiu a felicidade a espalhar-se pelo corpo. Iam ser amigas? Isso seria incrível. Além disso tinha Sam. O maravilhoso, incrível e querido Sam.

Ergueu o copo na direção do trio sentado no sofá e bebeu mais um grande gole. Que maravilhosa sensação de ardor no peito.

*

Marie limpou cuidadosamente a maquilhagem. A maquilhagem dos filmes era a pior para a pele devido às grossas camadas que eram necessárias. Nunca arriscaria ir dormir sem retirá-la, para que a pele pudesse respirar. Inclinou-se para frente e estudou o rosto no espelho. Minúsculos pés-de-galinha nos olhos e algumas rugas finas em torno da boca. Às vezes sentia-se um passageiro num comboio que avançava a toda a velocidade para um precipício. A carreira era tudo o que tinha.

Pelo menos parecia que o filme estava a correr bem, e se acabasse por revelar-se um sucesso comercial, conseguiria comprar mais alguns anos para si própria.

Na Suécia, pelo menos. Os dias em Hollywood estavam a chegar ao fim. Já não era o êxito de bilheteira que tinha sido. Os papéis estavam a piorar e agora eram poucos e espaçados. Atualmente estava reduzida a fazer de mãe de alguém, já não era a sexy atriz principal. Começava a ser ultrapassada por jovens estreantes com olhos famintos, dispostas a ir para a cama com realizadores e produtores para obterem um papel.

Marie pegou no boião de creme caríssimo e começou a espalhá-lo pelo rosto. Depois foi a vez do boião de creme para os olhos. Também distribuiu um pouco pelo pescoço. Muitas mulheres cuidavam apenas do rosto, mas as rugas no pescoço revelavam a idade que tinham.

Olhou de relance para o relógio. Onze e quarenta e cinco. Devia esperar por Jessie? Não, provavelmente só chegaria de madrugada ou então passaria a noite em casa de alguém. E Marie precisava do seu sono de beleza antes de outro longo dia de filmagens.

Encontrou os próprios olhos no espelho. O rosto já não tinha qualquer maquilhagem. A aparência exterior fora a sua armadura desde que era criança. Isso impedira que as pessoas tivessem acesso ao que estava no interior. Ninguém alguma vez a vira. Tal como realmente era. Não desde Helen. Conseguira guardar para si todos os pensamentos durante a maior parte dos anos que passaram. Nunca olhara para trás. Nunca lançara a mais pequena olhadela por cima do ombro. De que teria adiantado? Tinham sido forçadas a separar-se. E, desde então... Helen recusara-se a vê-la.

Tinha ficado à espera do dia em que ambas já teriam dezoito anos. Atingira essa idade um ano antes de Helen, e só quatro meses depois, em outubro, é que voltaram finalmente a conversar uma com a outra. Marie esperava que fizessem novos planos. Já não tinham de atormentar-se com aquelas saudades terríveis a cada segundo.

Marie tinha-lhe telefonado de manhã. Perguntara-se o que diria se os pais de Helen atendessem, mas foi uma preocupação desnecessária. A voz de Helen deu-lhe uma enorme alegria. Marie queria banir os anos intermédios, apagá-los e começar de novo. Juntamente com Helen.

Mas Helen parecera-lhe uma estranha. Fria. Distante. Explicou que não queria ter qualquer contacto com ela. Que em breve casaria com James e que Marie pertencia a um passado que ela tentava esquecer. Marie ficara sentada em silêncio, com o telefone na mão. As saudades misturavam-se com o desapontamento. Não lhe fizera perguntas. Limitara-se a desligar o telefone e decidira que nunca mais ninguém lhe entraria no coração. E manteve a

promessa. A partir de então, fez questão de pensar apenas numa pessoa. Em si própria. E tinha conseguido tudo o que queria.

Mas agora, na escuridão daquela casa à beira-mar, Marie olhou para os próprios olhos e interrogou-se se tinha valido a pena. Estava vazia. Nada do que alcançara tinha verdadeiro significado. A única coisa que tivera algum valor na vida tinha sido Helen.

Pela primeira vez Marie permitiu-se pensar sobre como tudo poderia ter acontecido. E viu com surpresa que a mulher no espelho estava a chorar. Lágrimas com trinta anos.

O Caso Stella

A conversa que tinha tido com ela conduziu-lhe os pensamentos numa direção completamente diferente. O instinto de Leif dizia-lhe que estava no caminho certo. No entanto, isso significava que era obrigado a reconhecer para si próprio, e depois também perante os outros, que cometera um erro. Um erro que destruía a vida de muitas pessoas. E não lhe bastava defender-se afirmando que acreditara nas decisões que tomara. Naquele tempo podia ter descoberto a mesma resposta se ao menos tivesse continuado a procurar; em vez disso, sucumbira ao que era mais fácil e mais óbvio. Só quando envelhecera é que tinha aprendido que as coisas muitas vezes não eram tão simples como pareciam. Também aprendeu que a vida podia mudar num segundo. A morte de Kate deu-lhe uma humildade que lhe faltara naquela época, quando era verdadeiramente necessária.

Tinha tido dificuldade em olhá-la nos olhos. Porque quando o fez apenas viu solidão e dor. E não sabia se lhe estava a fazer mal ao agitar o passado. No entanto, tinha a obrigação de remediar tudo o melhor que podia. Havia tanta coisa que já não podia ser corrigida. Tanta coisa que já não podia ser devolvida.

Leif estacionou à frente de casa, mas não saiu do carro. Estava tão vazia. Tão repleta de memórias. Sabia que devia vendê-la e comprar antes um apartamento. Mas não conseguia decidir-se a fazê-lo. Tinha saudades de Kate. Há muitos anos que tinha saudades dela e era um tormento continuar a viver sem a mulher. Sobretudo quando já não tinha um emprego para manter-se ocupado. Tentara preencher o vazio com os filhos e com os netos, e isso ajudou um pouco a manter a solidão ao largo. Mas Kate estava tão profundamente gravada em todas as células do corpo – tinha sido a razão pela qual vivia e respirava. A vida sem Kate não fazia sentido.

Relutantemente, Leif saiu do carro. O silêncio na casa era ensurdecador. O único som que se ouvia era o tiquetaque do relógio da cozinha. O relógio da casa onde Kate passara a infância. Mais uma recordação da mulher.

Leif entrou no escritório. Só ali sentia alguma paz. Todas as noites fazia a cama no sofá para poder dormir no escritório. Fazia isso desde que se reformara.

A secretária estava impecavelmente arrumada, como era habitual. Leif tinha orgulho naquela organização, tal como acontecera durante toda a vida

profissional. Na esquadra também tivera sempre a secretária muito bem arrumada. Isso ajudava-o a organizar os pensamentos. A criar uma estrutura e uma ordem a partir de factos aparentemente aleatórios.

Pegou no dossiê com os documentos do caso. Leif reviu todo o material pela enésima vez. Mas agora estava a olhar para o processo de uma nova perspetiva. E sim. Encaixava. Demasiadas coisas encaixavam. Leif baixou lentamente os papéis. Tinha-se enganado. Estivera terrivelmente enganado.

*

VENDELA VACILOU NOS SALTOS ALTOS à porta do quarto dos pais de Basse. O vinho tinha-lhe criado um zumbido muito agradável na cabeça e tudo parecia fantasticamente nebuloso. Apontou para Jessie, deitada na cama.

– Como raio é que a trouxeste para aqui?

Nils sorriu.

– Eu e o Basse tivemos de carregá-la.

– Aquela gaja não consegue mesmo beber sem cair para o lado – afirmou Basse, abanando a cabeça na direção de Jessie.

Já estava a arrastar as palavras, mas bebeu outro golo de cerveja.

Vendela olhou para Jessie. Estava completamente fora, a dormir tão profundamente que quase parecia morta. Mas o peito subia intermitentemente. Olhando para Jessie, Vendela ficou cheia de raiva, como sempre. A mãe de Jessie tinha matado uma pessoa e ainda assim nada de mal lhe acontecera. Tornara-se uma estrela de Hollywood enquanto a sua mãe bebia todas as noites para esquecer a dor. E Jessie tinha vivido por todo o mundo, ao passo que Vendela estava a apodrecer ali, em Fjällbacka.

Alguém bateu à porta e Vendela virou-se para a abrir. Do andar de baixo ouviu *My House*, de Flo Rida²⁹, juntamente com as gargalhadas e a gritaria das pessoas que estavam na festa a tentarem fazer-se ouvir.

– Que estão a fazer?

Três dos rapazes da escola de Strömstad estavam no corredor, os olhos vidrados.

– Estamos aqui a ter uma festa privada – disse Nils com um gesto convidativo.

– Entrem.

– Quem é aquela? – perguntou o mais alto dos três.

Vendela pensava que se chamava Mathias.

– Uma cabra louca que tentou atirar-se a mim e ao Basse – explicou Nils, abanando a cabeça. – Andou a noite toda atrás de uma piça, por isso trouxemo-la para aqui.

– Que puta – murmurou Mathias, que se pôs no meio do quarto a olhar para Jessie.

– Olhem para o género de fotos que ela publica – disse Nils, sacando o telemóvel.

Encontrou a fotografia de Jessie a mostrar os seios, e os rapazes tentaram concentrar os olhares ébrios na imagem.

– Porra, são grandes – disse um deles, sorrindo.

– Já fodeu com toda a gente – disse Nils, emborcando o resto da cerveja.

Abanou a garrafa vazia.

– Quem quer beber mais? Se não bebermos, isto não é uma festa como deve ser.

Murmuraram uma resposta e Nils olhou para Vendela.

– Vais buscar-nos mais umas bebidas?

Vendela assentiu e cambaleou para fora do quarto.

Conseguiu descer até à cozinha, onde Basse tinha escondido mais garrafas, algumas das quais se encontravam agora na grande bancada. Levou um pacote de vinho branco numa mão e uma grande garrafa de *vodka* na outra. Também pegou nalguns copos de plástico extra, que transportou apertando-os com os dentes.

A caminho do andar de cima, Vendela tropeçou várias vezes. Acabou por conseguir chegar e serviu-se do cotovelo para bater à porta do quarto. Basse abriu-lha.

Estava sentado na cama ao lado de Nils, que por sua vez estava sentado ao lado de Jessie, ainda sem sentidos. Mathias e os outros rapazes estavam sentados no chão. Vendela distribuiu os copos e começou a enchê-los com uma mistura de vinho e de *vodka*. Já ninguém sentia qualquer sabor.

– Alguém devia dar uma lição a uma puta destas – disse Mathias, dando duas grandes goladas na sua bebida.

Vacilou um pouco.

Vendela olhou Nils nos olhos. Deviam fazer aquilo? Pensou na mãe e em todos os sonhos que não lhe tinham permitido realizar. Em como a própria vida fora destruída naquele dia, há trinta anos.

Vendela e Nils assentiram um para o outro.

– Talvez devêssemos marcá-la de alguma forma – disse Nils.

– Tenho uma caneta – disse Vendela, tirando-a da mala. – É um marcador permanente.

Os rapazes de Strömstad riram-se. O mais baixo assentiu com entusiasmo.

– Excelente ideia. Vamos marcar a puta.

Vendela foi até à cama. Apontou para Jessie.

– Primeiro temos de despi-la.

Começou a desabotoar a blusa de Jessie, mas os botões eram minúsculos e estava tão bêbada que os dedos se atrapalharam e não conseguiu abrir um único. Frustrada, agarrou o tecido e rasgou-o.

Nils deu uma gargalhada.

– Boa, miúda!

– Olha, despe-lhe a saia – disse Vendela a Mathias, que deu uma risadinha quando se aproximou e começou a tirar a saia a Jessie.

Tinha umas horríveis cuecas brancas de algodão e Vendela fez uma careta. Já estava à espera daquilo.

– Ajudem-me a pô-la de lado para poder desapertar-lhe o sutiã – disse.

Estenderam-se uma data de mãos dispostas a ajudar.

– Ena pá!

Basse olhava fixamente para os seios de Jessie. A rapariga mexeu-se um pouco quando a viraram de costas. Murmurou algo incompreensível.

– Toma, bebe mais um bocado!

Nils entregou a Mathias a garrafa de *vodka*, que depois passou por todos. Vendela sentou-se ao lado de Jessie.

– Dá-me a garrafa.

Nils entregou-lhe a garrafa de *vodka*. Vendela pôs a mão sob a cabeça de Jessie e ergueu-a da cama. Com a outra mão, deitou *vodka* na boca aberta.

– Ela tem de participar na festa! – disse.

Jessie tossiu sem acordar.

– Espera, tenho de tirar uma foto disto! – afirmou Nils. – Fica ao pé dela.

Procurou o telemóvel às apalpadelas e começou a tirar fotografias. Vendela inclinou-se sobre Jessie. Finalmente, o poder pertencia à sua família e não à de Jessie. Os outros quatro rapazes também sacaram os telemóveis para tirar fotografias.

– Que escrevemos? – perguntou Basse, que não conseguia tirar os olhos dos seios de Jessie.

– Um de cada vez – sugeriu Vendela, tirando a tampa do marcador. – Eu escrevo primeiro.

Escreveu «VACA» na barriga de Jessie. Os rapazes vibraram. Jessie contorceu-se um pouco, mas não acordou. Vendela entregou a caneta a Nils, que fez uma pausa para pensar. Então, despiu as cuecas a Jessie e desenhou uma seta apontada aos pelos púbicos da rapariga acompanhada das palavras «Buraco glorioso». Mathias apupou Jessie, e Nils cerrou o punho, triunfante, e depois entregou a caneta a Basse, que parecia estar com dúvidas. Mas então bebeu um

grande golo de *vodka*, aproximou-se da cabeceira da cama e escreveu «PUTA» na testa de Jessie.

Pouco tempo depois, o corpo da rapariga estava coberto de palavras. Todos fotografavam freneticamente com os telemóveis. Basse continuava a não conseguir tirar os olhos de Jessie.

Nils sorriu-lhe.

– Ei, pessoal, acho que o Basse gostava de passar algum tempo a sós com a Jessie.

Expulsou toda a gente do quarto e depois esticou o polegar na direção de Basse. Vendela fechou a porta, mas antes de o fazer viu que Basse começava a desabotoar a braguilha.

*

Patrik olhou para o relógio. Ficou surpreendido por Erica ainda não estar em casa, mas contente por pensar que deviam estar a divertir-se. Conhecia-a suficientemente bem para saber que, se não estivesse a gostar, pensava em alguma desculpa para sair mais cedo.

Foi até à cozinha para levantar a mesa e tratar da louça depois do jantar. Os filhos tinham-se cansado numa sessão de brincadeira com os amigos, por isso tinham adormecido antes da hora habitual. A casa encontrava-se agradavelmente silenciosa. Nem sequer ligara a televisão. Precisava de paz e sossego para refletir sobre aquele dia. De momento parecia-lhe que os pensamentos se empilhavam no cérebro sem qualquer padrão ou estrutura. Tinham feito uma importante descoberta naquele dia – só queria saber o que significava. O facto de Nea ter morrido na quinta dos Berg significava que deviam considerar seriamente a possibilidade de o assassino ser algum membro da família. Por essa razão tinham dito a Eva e a Peter que não podiam voltar para a quinta, já que a polícia precisava de inspecionar toda a propriedade e o telheiro.

Patrik ligou a máquina de lavar louça e tirou uma garrafa de vinho tinto do armário. Serviu-se de um copo e saiu para o alpendre. Sentou-se numa das cadeiras de vime e olhou para o mar. Ainda não estava completamente escuro, apesar de ser quase meia-noite. O céu apresentava uma tonalidade arroxeadada, raiada de cor-de-rosa, e Patrik conseguia vagamente ouvir as ondas a enrolar-se em direção à costa lá em baixo. Era a zona da casa que ambos preferiam, mas dava-se conta do pouco tempo que ali tinham passado nos últimos anos. Antes de os filhos nascerem passavam muitas noites no alpendre, a conversar, a rir, a

partilhar sonhos e esperanças e a fazer planos para o futuro. Mas isso tinha sido há muito tempo. Atualmente, depois de irem deitar os filhos, estavam demasiado cansados para fazer planos, quanto mais para sonhar. Em vez disso acabavam por ficar sentados à frente da televisão a ver um programa insípido qualquer. Então, Erica acotovelava-o quando se punha a ressonar no sofá e dizia-lhe que era melhor ir deitar-se.

Não trocava a vida que tinham com os filhos por nada, mas desejava que houvesse mais tempo para... bem, para o amor que sentiam um pelo outro. Continuava a existir, mas frequentemente limitava-se a um olhar carinhoso enquanto cada um apertava os atacadores dos sapatos de um dos gémeos, ou a um beijo apressado na bancada da cozinha enquanto Erica preparava sanduíches para Maja e Patrik aquecia a aveia dos rapazes. Eram uma máquina bem oleada, um comboio que avançava confiantemente pelos carris que assentaram naquelas noites distantes que tinham passado no alpendre. Mas desejava que de vez em quando houvesse tempo para parar o comboio e apreciar a paisagem.

Sabia que devia dormir um pouco, mas não gostava de se ir deitar sem Erica. Era tão triste deitar-se do seu lado da cama quando o lado dela estava vazio. Além disso, durante muitos anos tinham tido a mesma rotina quando iam deitar-se. Sempre que não era uma das raras noites íntimas, davam um beijo de boa noite e depois ficavam de mão dada debaixo das cobertas enquanto adormeciam. Por isso preferia esperar por Erica, mesmo sabendo que teria de se levantar muito cedo na manhã seguinte. Se fosse deitar-se sem Erica iria apenas dar voltas e mais voltas na cama para nada.

Era quase uma da manhã quando ouviu alguém à porta de entrada. Alguém praguejava enquanto tentava introduzir uma chave na fechadura. Apurou o ouvido. Era possível que a sua querida esposa estivesse um pouco embriagada? Desde a noite de núpcias que não via Erica nesse estado, porém, a julgar pela dificuldade que demonstrava em abrir a porta, parecia estar mesmo bêbada. Pousou o copo de vinho e atravessou a sala de estar, quase caindo sobre o quadro que Erica trouxera da galeria. Então foi até ao vestíbulo. Erica ainda não conseguira abrir a porta e os palavrões que Patrik conseguia ouvir eram dignos de um marinheiro. Girou a chave na fechadura e rodou a maçaneta. Erica encontrava-se à sua frente, de chave na mão e com ar surpreendido, olhando primeiro para Patrik e depois para a porta aberta. Passado um momento, o rosto iluminou-se.

– Olá meu amooooor!

Lançou os braços ao pescoço de Patrik, que teve de se equilibrar para não cair. Fez-lhe sinal para falar mais baixo quando Erica começou a rir-se.

– Mais baixinho. Estão todos a dormir.

Erica assentiu solenemente e levou um dedo aos lábios enquanto lutava para se manter de pé.

– Vou falar muuuuito baixinho.... Os miúdos estão a dooooormiiiir...

– Exatamente, os pequenotes estão a dormir – disse Patrik, pondo um braço em torno da mulher para a segurar.

Conduziu Erica à cozinha e sentou-a numa cadeira. Depois encheu um jarro com água e colocou-o à frente da mulher, juntamente com um copo e dois comprimidos de ibuprofeno.

– Bebe a água e toma estes dois comprimidos. Senão amanhã vais estar de ressaca.

– És tão simpático – disse Erica, tentando concentrar o olhar no marido.

Parece que tinha havido muito para beber durante a festa de despedida de solteira. Não tinha a certeza de querer saber em que estado estava a mãe.

– Ora beeeemmm... Kristina, a tua mãe... – disse Erica, antes de emborcar o primeiro copo de água.

Patrik voltou a enchê-lo imediatamente.

– Sim, eu sei quem é a Kristina.

Era muito divertido. Se se tivesse atrevido, teria filmado a cena, mas sabia que Erica o mataria se o fizesse.

– É tão queriida, a tua mãe – disse Erica, assentindo.

Bebeu outro copo de água e Patrik voltou a enchê-lo.

– Que pernas incríveis – disse Erica, abanando a cabeça.

– Quem é que tem pernas incríveis? – perguntou Patrik, tentando que os pensamentos que giravam dentro da cabeça de Erica fizessem sentido.

– A tua mãe... Kristina. A minha sogra.

– Ah, queres dizer que a minha mãe tem pernas incríveis. *Okay*. Folgo em sabê-lo.

Fê-la beber mais um copo de água. O dia seguinte seria uma provação para Erica. Tinha de ir trabalhar e ele suspeitava que a *baby-sitter* habitual, ou seja, Kristina, não estaria em condições de tomar conta dos filhos.

– E como ela dança! Deviam convidá-la para o programa *Dança com as Estrelas*. Já eu... eu não sei dançar...

Erica abanou a cabeça e bebeu o último copo de água, engolindo os dois comprimidos que Patrik lhe pôs na mão.

– Mas foi mesmo divertido! Dançámos chá-chá-chá. Já viste? Chá-chá-chá! Soluçou e levantou-se para abraçar Patrik.

– Erica, meu amor, não me parece que estejas em condições de dançar chá-chá-chá neste momento.

– Mas eu quero! Anda lá... Não vou dormir sem dançarmos chá-chá-chá.

Patrik sopesou as opções. Carregar Erica até ao primeiro andar não era uma delas. A melhor coisa seria fazer o que a mulher queria e depois convencê-la a subir até ao primeiro andar e ir para a cama.

– Está bem, amorzinho. Vamos dançar chá-chá-chá. Mas é melhor irmos até à sala. Senão, temo que deitemos tudo ao chão aqui na cozinha.

Conduziu-a à sala de estar. Erica pôs-se à frente dele, pousou-lhe uma mão no ombro e pegou-lhe na mão esquerda. Vacilou algumas vezes e depois recuperou o equilíbrio. Lançou um olhar ao retrato de Leif, encostado à parede mesmo ao lado deles.

– Leif, tu podes ser o nosso público para o chá-chá-chá.

Riu-se da própria piada. Patrik abanou-a um pouco.

– Vá, concentra-te. A ideia é dançar chá-chá-chá, não é? E depois cama. *Okay?* Foi o que me prometeste.

– Claro, vamos para a cama e... fazer um pouco mais do que dormir...

Olhou-o profundamente nos olhos. Patrik sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos por causa dos vapores de álcool na respiração de Erica e teve de conter-se para não tossir. Era provavelmente a primeira e a última vez que tal convite não o seduzia.

– Chá-chá-chá – lembrou-lhe Patrik.

– Ah, pois – disse Erica, esticando-se. – Então é assim que mexes os pés. Um, dois, chá-chá-chá. Percebeste?

Patrik tentou observar os pés de Erica, mas não parecia haver nenhum padrão no modo como os mexia. E o facto de Erica ter tropeçado algumas vezes também não facilitou.

– E o direito... e depois o esquerdo...

Divertido, Patrik tentou acompanhá-la, embora comesse a ficar preocupado, porque não sabia durante quanto tempo teria de continuar a fazer aquilo.

– Um, dois, chá-chá-chá, o direito, depois o esquerdo...

Erica tropeçou novamente e Patrik segurou-a. A mulher fixou o olhar no retrato de Leif, tentando concentrar-se. Franziu a testa.

– Direita... e esquerda... – murmurou.

Lançou a Patrik um olhar nebuloso.

– Agora sei o que não bate certo...

Repousou a cabeça no ombro de Patrik.

– O quê? O que é que não bate certo? Erica?

Abanou-a um pouco, mas Erica não reagiu. Então ouviu-a a começar a ressonar. Caramba, como é que a levava para cima agora? E o que tinha querido dizer com aquela história de alguma coisa não bater certo? Não fazia ideia do que a mulher estivera a dizer.

29 *Rapper* norte-americano. (*N. do T.*)

Bohuslän, 1672

A PRISÃO FICAVA NUMA COLINA, MESMO AO LADO DA POUSADA. ATÉ ÀQUELE MOMENTO, ELIN APENAS LHE TINHA LANÇADO UM OLHAR SUPERFICIAL. NÃO HAVIA DÚVIDA DE QUE FAZIA IDEIA DE COMO ERA UMA PRISÃO, MAS NÃO PODIA TER IMAGINADO COMO ERA ESCURA E HÚMIDA. MINÚSCULAS CRIATURAS RASTEJAVAM E DESLIZAVAM NO ESCURO, TOCANDO-LHE AO DE LEVE NAS MÃOS E NOS PÉS.

A PRISÃO ERA PEQUENA, UTILIZADA PRINCIPALMENTE PARA AQUELES QUE PROVOCAVAM DESACATOS NA POUSADA OU PARA QUE OS MARIDOS SE ACALMASSEM E CURASSEM A BEBEDEIRA A DORMIR ANTES DE REGRESSAREM ÀS RESPECTIVAS FAMÍLIAS.

ELIN ESTAVA ALI COMPLETAMENTE SOZINHA.

ABRAÇOU COM FORÇA O PRÓPRIO CORPO, TREMENDO NO FRIO PUNGENTE. OS GRITOS DE MÄRTA AINDA LHE RESSOAVAM NOS OUVIDOS E AINDA CONSEGUIA SENTIR OS DEDOS DA FILHA AGARRADOS ÀS SAIAS.

TINHAM-LHE CONFISCADO TUDO O QUE POSSUÍA NOS ALOJAMENTOS DA CRIADAGEM. AS ERVAS E AS INFUSÕES. O LIVRO COM AS IMAGENS QUE A AVÓ LHE DEIXARA. INSTRUÇÕES ACERCA DO QUE MISTURAR E DE COMO FAZÊ-LO, DESENHADO POR ALGUÉM QUE NÃO SABIA ESCREVER. ELIN NÃO FAZIA IDEIA DO QUE TINHAM FEITO COM TODAS AQUELAS COISAS.

O QUE SABIA ERA QUE ESTAVA EM GRANDES APUROS.

PREBEN VOLTARIA PARA CASA DAÍ A DOIS DIAS E NÃO PERMITIRIA QUE AQUELA LOUCURA CONTINUASSE. ASSIM QUE REGRESSASSE DE LUR RESOLVERIA TUDO. CONHECIA O MEIRINHO. FALARIA COM ELE. E TAMBÉM FARIA COM QUE BRITTA OUVISSE A VOZ DA RAZÃO. SEM DÚVIDA QUE A IRMÃ QUERIA SIMPLEMENTE DAR-LHE UMA LIÇÃO E ASSUSTÁ-LA. CERTAMENTE QUE NÃO QUERIA QUE MORRESSE.

PORÉM, ELIN PENSOU NO INCIDENTE NO LAGO DA FLORESTA. E NA EXPRESSÃO ATERRORIZADA DE MÄRTA PRESTES A AFOGAR-SE NA ÁGUA ESCURA. E NA GATA VIOLA, QUE DESAPARECERA PARA NUNCA MAIS VOLTAR. TALVEZ BRITTA QUISESSE MESMO QUE ELIN MORRESSE, MAS PREBEN NUNCA PERMITIRIA QUE ISSO ACONTECESSE. SERIA SEVERO COM BRITTA QUANDO SOUBESSE O QUE A MULHER TINHA FEITO. SE CONSEGUISSE AGUENTAR-SE DURANTE DOIS DIAS, PODERIA

VOLTAR PARA CASA. PARA MÄRTA. NÃO SABIA PARA ONDE IRIAM DEPOIS, MAS NÃO PODERIAM CONTINUAR SOB O TETO DE BRITTA.

OUVIU UM CHOCALHAR E O MEIRINHO APARECEU À ENTRADA. APRESSADAMENTE, ELIN LEVANTOU-SE E SACUDIU AS SAIAS.

— É MESMO PRECISO TEREM-ME AQUI PRESA COMO UMA CRIMINOSA? TENHO UMA FILHA E NÃO VOU FUGIR, POIS NÃO TENHO PARA ONDE IR. NÃO PODIA FICAR EM CASA DEBAIXO DO MEU PRÓPRIO TETO ATÉ RESOLVEREM ISTO? PROMETO RESPONDER A TODAS AS SUAS PERGUNTAS E SEI QUE MUITAS PESSOAS VÃO TESTEMUNHAR QUE NÃO SOU UMA BRUXA.

— TU NÃO VAIS A LADO NENHUM — DISSE O MEIRINHO, ENDIREITANDO OS OMBROS COM POMPA. — SEI DO QUE AS DA VOSSA LAIA SÃO CAPAZES E DOS TONS CATIVANTES COM QUE AS NOIVAS DE SATANÁS SÃO CAPAZES DE FALAR. SOU UM HOMEM TEMENTE A DEUS E NENHUM ENCANTAMENTO NEM QUAISQUER FEITIÇOS DIABÓLICOS TERÃO O MAIS PEQUENO EFEITO SOBRE MIM.

— NÃO SEI DO QUE ESTÁ A FALAR — DISSE ELIN, SENTINDO-SE CADA VEZ MAIS CONFUSA.

COMO É QUE AS COISAS TINHAM CHEGADO ÀQUELE PONTO? COMO TINHA IDO ALI PARAR? QUE TINHA FEITO AO MEIRINHO PARA ESTE A OLHAR COM TANTA REPULSA? CLARO QUE PECARA. A CARNE E A ALMA TINHAM SIDO FRACAS, MAS PAGARA UM PREÇO POR ISSO. NÃO CONSEGUIA COMPREENDER PORQUE É QUE DEUS LHE EXIGIA UMA PENITÊNCIA AINDA MAIOR. EM DESESPERO, AJOELHOU-SE NO CHÃO IMUNDO, ENTRELAÇOU AS MÃOS E REZOU COM FERVOR.

O MEIRINHO OLHOU-A COM REPUGNÂNCIA.

— O TEU FINGIMENTO NÃO ME ENGANA — DISSE. — SEI O QUE ANDAS A FAZER E EM BREVE TAMBÉM TODA A GENTE SABERÁ.

QUANDO A PORTA SE FECHOU E A CELA MERGULHOU NOVAMENTE NA ESCURIDÃO, ELIN CONTINUOU A REZAR. REZOU ATÉ AS PERNAS FICAREM ENTORPECIDAS E OS BRAÇOS PERDEREM TODA A SENSIBILIDADE. MAS NINGUÉM A OUVIA.

*

Erica abriu os olhos, mas semicerrou-os logo por causa da luz. Maja estava à frente dela.

– Porque estás a dormir no sofá, mamã? – perguntou.

Erica olhou em redor. Sim, porque estava a dormir no sofá? Não se lembrava de ter voltado para casa.

As almofadas do sofá debaixo dela pareciam ter altos, por isso apoiou-se numa mão e tentou sentar-se, mas a cabeça parecia estar a rebentar. Maja aproximou-se, esperando por uma resposta à sua pergunta.

– A mamã tem uma dor de barriga. Foi melhor dormir aqui para que o papá não a apanhasse também – explicou Erica.

– Pobre mamã – disse Maja.

– Sim, pobre mamã – concordou Erica, fazendo uma careta.

Caramba, não ficava de ressaca desde o dia que se seguira ao casamento e quase conseguira esquecer completamente como aquilo podia ser uma experiência de quase morte.

– Muito bem, já ressuscitaste – disse Patrik demasiado alegre quando entrou na sala de estar transportando um gémeo em cada braço.

– Mais vale dares-me um tiro – disse Erica, sentando-se com muito esforço.

A sala rodopiava e tinha a boca tão seca como esferovite.

– A despedida de solteira deve ter sido um sucesso – disse Patrik, rindo-se.

Erica percebeu que o marido se ria dela e não com ela.

– Por acaso divertimo-nos bastante – disse Erica, apoiando a cabeça. – Mas bebemos muito. A tua mãe também deve estar a sentir o efeito.

– Estou tão feliz por não ter visto isso. Bastou-me ver-te quando chegaste a casa.

Sentou os gémeos no chão para verem um canal para crianças na televisão.

Maja sentou-se ao lado de Noel e de Anton e disse severamente aos irmãos:

– A mamã está doente, por isso temos de ser muito simpáticos com ela.

Os gémeos assentiram, mas depois voltaram a concentrar-se no programa infantil.

– A que horas cheguei a casa? – perguntou Erica, tentando desesperadamente encher os pulmões.

– Por volta da uma. E depois quiseste dançar. Insististe em ensinar-me o chá-chá-chá.

– Estás a gozar?

Erica pôs a mão na testa. Sabia que ia ouvir falar naquilo durante muito tempo. A expressão de Patrik tornou-se séria. Sentou ao lado dela no sofá.

– Disseste uma coisa estranha antes de caíres para o lado. Estavas a olhar para o retrato do Leif e disseste alguma coisa sobre a direita e a esquerda e que já sabias o que não batia certo. Lembras-te?

Erica tentou lembrar-se, mas a mente estava vazia. A última coisa de que se lembrava era de lhe terem posto um *Long Island Iced Tea* à frente. Devia ter-se contido e não ter bebido aquelas coisas. Mas agora era fácil falar. Sabe Deus como chegou a casa depois da festa. Olhando para as solas dos pés, completamente negras, concluiu que fora descalça para casa.

– Não, não me lembro de nada. Infelizmente – disse, com uma careta.

– Continua a tentar. Direita. Esquerda. Foi o que disseste. Pareceu desencadear qualquer coisa na tua mente.

Erica tentou, mas a cabeça estava a latejar com tanta força que não conseguia pensar.

– Não. Desculpa. Mas talvez me lembre mais tarde. Teve um sobressalto e franziu a testa. – Mas *há* uma coisa de que me lembro... de anteontem! Desculpa, é que aconteceu tanta coisa na despedida de solteira que me esqueci de tudo.

– O que foi? – perguntou Patrik.

– Tenho a certeza de que isto é superimportante e já devia ter-te contado, mas tu chegaste a casa tão tarde e depois tive de tratar da festa... Conheci a Marie na sexta-feira por mero acaso. Estava a passar pelo local das filmagens, no porto, e a equipa estava a fazer uma pausa. A Marie chamou-me e disse que sabia que eu queria falar com ela. Então fomos ao Café Bryggan e conversámos sobre o que aconteceu à Stella. Mas isso não é o mais importante. Quando eu ia a sair, a maquilhadora da produtora veio ter comigo e disse-me que a Marie não tinha um álibi para a noite de domingo, porque *ela* é que tinha passado a noite com o realizador e não a Marie.

– Oh, merda! – disse Patrik. Erica podia ver as engrenagens a começar a girar na mente do marido.

Erica massajou a testa.

– Há mais uma coisa. A Marie diz que viu ou ouviu alguém na floresta mesmo antes de a Stella desaparecer. A polícia não acreditou nela, o que talvez não seja assim tão estranho, uma vez que a Marie só o mencionou depois de se ter

retratado. Independentemente disso, pensa que possa ter sido a mesma pessoa que voltou a atacar.

Patrik abanou a cabeça. Parecia muito rebuscado.

– Eu sei, a última parte soa a especulação da parte dela. Mas pensei que devia contar-te na mesma – disse Erica. – Como está a correr a investigação? – Erica lutava para conseguir falar, porque parecia que tinha a língua colada às gengivas.

– Terminaram as buscas, ontem?

– Sim, terminámos.

Quando Patrik lhe contou o que encontraram no celeiro, os olhos de Erica ficaram muito abertos. Era difícil saber o que a descoberta significava, mas apercebeu-se de que aquele era um grande avanço na investigação.

– Quando vão ter os resultados dos técnicos forenses?

– Nunca antes de meados da semana – respondeu Patrik com um suspiro. – Gostava que pudéssemos ter os resultados para ontem. É incrivelmente frustrante não saber, sobretudo porque os resultados vão determinar qual vai ser o nosso próximo passo. Mas hoje vou ter de chamar os pais à esquadra para prestarem declarações. Depois se vê se isso nos leva a novas pistas.

– Achas que foi um deles? – perguntou Erica. Não tinha a certeza de querer ouvir a resposta.

Os crimes cometidos por pais contra os filhos aconteciam com demasiada frequência, mas Erica pura e simplesmente não conseguia compreender como alguém era capaz de fazer tal coisa. Olhou para os filhos sentados no chão à frente da televisão e sabia com toda a alma que faria qualquer coisa para protegê-los.

– Não sei – respondeu Patrik. – Esse tem sido o problema desde o início. Há tantos cenários possíveis, mas nenhuma prova que os apoie ou que os descarte. E agora tu dizes-me que a Marie não tem um álibi. O que abre a porta a ainda mais possibilidades.

– Sei que vão resolver isto – disse Erica, acariciando-lhe o braço. – E quem sabe se daqui a uns dias o relatório não contém informações úteis.

– Isso é verdade – disse Patrik, e levantou-se.

Acenou com a cabeça na direção dos filhos.

– Consegues tomar conta deles no estado em que estás?

Erica teria gostado de dizer-lhe que definitivamente não conseguia, mas conteve-se. Uma vez que aquela ressaca fora autoinfligida, teria simplesmente de arcar com as consequências. Mas seria um longo dia. E iam ser precisos muitos programas infantis e subornos para conseguir sobreviver.

Patrik beijou-a na face e partiu para o trabalho. Com a cabeça a latejar, Erica olhou para o quadro encostado à parede. Que tinha querido dizer? Por mais que tentasse não conseguia lembrar-se. A mente ainda estava envolta em névoa.

*

Patrik carregou no botão de gravação e mencionou o dia da semana, a data e os nomes das pessoas presentes na sala de interrogatórios. Então ficou em silêncio por alguns instantes, olhando fixamente para Peter. O homem sentado à sua frente parecia ter envelhecido dez anos na última semana. Patrik nutria enorme compaixão pelo pai de Nea, mas disse a si próprio que tinha de permanecer objetivo e profissional. Era tão fácil ser enganado pelo que queria, ou não queria, acreditar acerca das outras pessoas. Já cometera esse erro antes e aprendera que os seres humanos eram muito complexos. Nada era um dado adquirido.

– Com que frequência utilizam o celeiro da sua propriedade? – perguntou.

Os olhos de Peter estreitaram-se.

– Bem... o... celeiro? Não o utilizamos, pura e simplesmente. Não temos animais, exceto o gato, e não nos servimos do celeiro para armazenamento. Não gostamos de acumular tralha.

Lançou um olhar demorado a Patrik.

– Quando foi a última vez que esteve no celeiro?

Peter coçou a cabeça.

– Deve ter sido quando estávamos à procura da Nea – respondeu.

– E antes?

– Não tenho a certeza. Talvez há uma semana. Fui lá procurá-la. Só a Nea é que ia ao celeiro. Achava que era aconchegante. Costumava passar lá muito tempo a brincar com o gato. Por alguma razão chamava-lhe «gato preto».

Peter riu-se, mas parou abruptamente.

– Porque está a fazer-me perguntas sobre o celeiro? – perguntou, mas Patrik não respondeu.

– Tem a certeza de que a última vez que esteve no celeiro foi uma semana antes de a Nea desaparecer? Pode ser mais preciso?

Peter abanou a cabeça.

– Não, realmente não faço ideia. Acho que foi há uma semana.

– E a Eva? Ela sabe quando esteve pela última vez no celeiro? Quer dizer, sem ser dessa vez em que estiveram à procura da Nea.

Peter abanou novamente a cabeça.

– Não, também não faço ideia. Terá de perguntar-lhe. Mas a Eva também não tinha motivos para ir lá. Não utilizamos o celeiro.

– Alguma vez reparou em alguém perto do celeiro?

– Não, nunca. Ou melhor, uma vez pensei ter visto alguma coisa a mexer-se lá dentro, mas quando fui ver o gato saiu. Por isso deve ter sido o gato que vi.

Ergueu os olhos para olhar para Patrik.

– Acha que estava lá alguém? Não percebo aonde quer chegar com estas perguntas.

– Com que frequência ia a Nea ao celeiro? Sabe o que ia lá fazer?

– Não, só sei que adorava ir brincar para o celeiro. Sempre teve muito jeito para se divertir sozinha. A voz quebrou e Peter tossiu. – Costumava dizer: «Vou ao celeiro brincar com o gato preto.» Por isso, suponho que era o que fazia. Brincava com o gato. É um animal muito afetuoso.

– Sim, eu reparei – disse Patrik com um sorriso. – Então é na manhã em que a Nea desapareceu? Reparou em alguma coisa no celeiro ou lá perto? O mais pequeno pormenor pode ter interesse.

Peter franziu a testa. Depois abanou a cabeça.

– Não, foi uma manhã perfeitamente normal. Muito tranquila.

– Costuma subir ao palheiro?

– Não. Não creio que tenhamos lá estado desde que comprámos a quinta. E proibimos a Nea de ir lá para cima. Não tem corrimão e não há feno para amparar a queda se chegasse demasiado perto da borda. A Nea sabia que não devia ir lá acima.

– Era uma criança obediente?

– Sim, é... Era. Não é como algumas crianças que fazem o contrário do que lhes é dito. Se disséssemos que não devia ir até ao palheiro sozinha, a Nea não ia.

– Como era a Nea com as outras pessoas? Com estranhos? Confiaria em alguém que não conhecesse?

– Receio que não lhe tenhamos ensinado o suficiente sobre o facto de algumas pessoas não serem propriamente boas. Adorava toda a gente e achava que todas as pessoas eram boas. Todas as pessoas que conhecia eram os seus melhores amigos. Também estava sempre a dizer que o gato preto era o seu melhor amigo, portanto suponho que devo acrescentar que tanto as pessoas como os animais eram os seus melhores amigos.

Mais uma vez a voz quebrou. Patrik viu-o cerrar os maxilares para não perder o controlo. Cerrou por sua vez os punhos, sem saber como fazer a próxima

pergunta.

– Recebemos uns relatórios da polícia de Uddevalla.

Peter teve um sobressalto.

– Como assim?

– Sobre os seus acessos de violência quando... quando o Peter bebia.

Peter abanou a cabeça.

– Isso foi há anos. Quando eu tinha... problemas no emprego.

Olhou para Patrik e abanou a cabeça ainda mais veementemente.

– Acha que eu...? Não, nunca seria capaz de fazer mal à Nea. Nem à Eva. São a minha família. Não percebe? A Nea era a minha família.

Escondeu o rosto nas mãos. Os ombros estremeeceram.

– Que se passa aqui? Porque está a fazer-me perguntas sobre coisas que já ultrapassei há anos? Porque está a fazer-me tantas perguntas sobre o celeiro? Que foi que lá encontraram?

– Receio que não possa dizer-lhe isso de momento – respondeu Patrik. – Talvez tenhamos de fazer-vos mais perguntas. Como sabe, o Gösta está a falar com a Eva, a fazer-lhe as mesmas perguntas que eu lhe fiz. Agradecemos a vossa colaboração, mas por enquanto vai ter de confiar em mim e acreditar que estamos a fazer tudo o que podemos.

– Tem a certeza de que não foi... ele? – Peter limpou os olhos. – Sei que o meu pai tem fortes convicções e que é fácil deixar-se levar... Mas toda a gente tem andado a falar disso. Sobre o centro de acolhimento de refugiados. E, passado algum tempo, bem...

– O homem de quem está a falar não esteve definitivamente envolvido de qualquer forma. Alguém roubou as cuequinhas da Nea do estendal depois de a sua filha ter desaparecido e depois tentou incriminar o homem.

– Como é que eles estão?

Peter evitou olhar para Patrik.

– Não estão lá muito bem, para ser franco. Os médicos não têm a certeza se a mulher vai recuperar, e o Karim – chama-se assim – sofreu queimaduras graves nas mãos.

– E as crianças? – perguntou Peter, erguendo finalmente os olhos.

– Estão bem – assegurou Patrik. – Estão em casa de uma colega minha até o pai ter alta do hospital.

– Peço desculpa por termos...

Não conseguiu terminar a frase.

Patrik assentiu.

– Tudo bem. As pessoas têm opiniões diferentes. E, infelizmente, os refugiados são bodes expiatórios convenientes neste momento. Para todo o género de coisas.

– Eu não devia ter...

– Não importa. Não podemos mudar o que aconteceu, mas estamos a tentar descobrir quem incendiou o centro de acolhimento ao mesmo tempo que investigamos o homicídio da sua filha.

– Temos de saber quem a matou – disse Peter, o desespero a brilhar-lhe nos olhos. – Caso contrário não podemos continuar a viver. A Eva não conseguirá continuar a viver. E isso vai dar cabo de nós.

– Estamos a fazer tudo o que podemos – disse Patrik.

Escolheu conscientemente palavras que não implicavam quaisquer promessas. Naquele momento não estava convencido de que desvendariam aquele caso. Deu a entrevista por terminada e desligou o gravador.

*

As náuseas foram a primeira coisa em que reparou. Depois sentiu a superfície irregular debaixo dela. As pálpebras pareciam estar coladas e era extremamente difícil abrir os olhos. Não reconheceu o teto a rodopiar sobre a cabeça e as náuseas pioraram. O quarto tinha papel de parede às riscas azuis e brancas que Jessie não conseguia lembrar-se de ter visto antes. As náuseas estavam a fazer com que todo o corpo tremesse. Em pânico, virou a cabeça para o lado. O vômito jorrou para o chão ao lado da cama. Tinha um gosto nojento e tresandava a álcool.

Jessie gemeu. Quando tocou no peito, apercebeu-se de que já tinha vomitado sobre si própria.

O pânico cresceu. Onde estava? Que tinha acontecido?

Lentamente sentou-se. Estava a tremer e as náuseas quase a dominaram novamente, mas conseguiu parar de vomitar. Olhou para o corpo e, a princípio, não conseguiu processar o que viu. Estava nua, mas coberta de riscos pretos. Demorou alguns segundos a compreender que estava a olhar para palavras escritas no próprio corpo. Uma a uma, leu o que diziam.

Putá. Vaca. Gorda. Nojenta.

Sentiu um nó na garganta.

Onde estava? Quem lhe tinha feito aquilo?

Uma recordação surgiu lentamente. Estava sentada numa poltrona. A beber copos de bebidas alcoólicas.

A festa de Basse.

Envolveu-se numa manta e examinou o quarto.

Parecia ser o quarto dos pais dele. Uma fotografia emoldurada na mesa-de-cabeceira mostrava uma família sorridente. E lá estava Basse, a sorrir entre um homem e uma mulher com dentes muito brancos.

As náuseas voltaram quando se apercebeu de que aquele fora o plano deles desde o início. Fora tudo uma armadilha: Vendela a bater-lhe à porta e a querer conviver, os outros a fingirem ser seus amigos. Nada disso era genuíno.

Era uma treta igual àquela em que tinha caído em Inglaterra... e voltara a deixar-se levar.

Ergueu os joelhos. Já não sentia o fedor. A única coisa que sentia era um buraco enorme no peito.

Sentiu um ardor entre as pernas e baixou-se para tocar-se nesse ponto. Mexeu em algo pegajoso e, embora não tivesse experiência, sabia o que aquilo era. Sacanas.

Com esforço, rodou as pernas pela borda da cama. Quando se levantou, Jessie vacilou e não conseguiu conter os vômitos.

Limpou a boca com as costas da mão e pisou a porcaria no chão. Conseguiu chegar à casa de banho contígua ao quarto.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos quando se viu ao espelho. A maquilhagem estava manchada e havia vestígios de vômito no pescoço e no peito. E tinha «Putá» escrito na testa. As faces também estavam cobertas de palavrões.

As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. A soluçar, inclinou-se sobre o lavatório, deixando-se ficar assim durante vários minutos. Depois, Jessie aproximou-se do duche e ligou o jato de água no máximo. Quando o vapor começou a formar-se, entrou e deixou a água quente escorrer-lhe pelo corpo. Estava tão quente que a pele começou a ficar vermelha, fazendo com que as letras negras se destacassem ainda mais.

As palavras gritavam-lhe e sentiu o ventre dorido e em carne viva.

Jessie encontrou uma embalagem de gel de banho e deitou o líquido sobre o corpo. Lavou-se entre as pernas até todos os vestígios daquela nojice desaparecerem. Prometeu nunca mais deixar que ninguém lhe tocasse. Estava contaminada, arruinada.

Esfregou a pele sem parar, mas as palavras recusavam-se a sair. Estava marcada e determinada a marcar aqueles que lhe tinham feito aquilo.

Ali, sob a água escaldante, Jessie tomou uma decisão. Iriam pagar. Todos eles. Iriam pagar.

*

Erica apercebeu-se de que tomar conta de crianças quando se estava de ressaca devia ser relegado para o mesmo nível das penas por agressão agravada. Não fazia ideia de como ia conseguir chegar ao fim daquele dia. Os filhos, sentindo a sua fraqueza, aproveitavam a oportunidade para se portarem mal. Ao menos Maja estava calma, como era habitual, mas os gémeos gritavam, lutavam, subiam a todos os móveis e, se Erica os admoestasse de alguma forma, respondiam com uivos lancinantes que faziam com que a cabeça lhe parecesse prestes a rebentar.

Quando o telemóvel tocou, Erica hesitou em atender a chamada, porque o nível de ruído na casa impedia qualquer conversa com pés e cabeça. Mas então viu no ecrã que era Anna quem lhe ligava.

– Olá! Então, como te sentes?

Anna parecia tão desperta e alegre que Erica imediatamente se arrependeu de atender a chamada. O contraste com a sua própria situação era demasiado grande. Consolou-se com o pensamento de que se Anna não estivesse grávida, ainda estaria pior do que ela.

– Chegaste bem a casa? Ainda estavas lá quando saí e fiquei um bocado preocupada porque não sabia como ias para casa.

Anna riu-se e Erica suspirou. Mais outro membro da família que iria provocá-la por causa daquilo até ao dia da sua morte.

– Claro que cheguei bem a casa, embora não consiga lembrar-me de como cá vim parar. A julgar pelos meus pés, devo ter vindo para casa descalça.

– Meu Deus, que noite! Quem diria que as velhotas eram capazes de se divertir daquela maneira? E as histórias que contaram! Cheguei a pensar que me iam cair as orelhas!

– Eu sei. Nunca mais vou olhar para a Kristina da mesma maneira!

– Também foi divertido dançar.

– Pois foi. Parece que tentei ensinar o Patrik a dançar chá-chá-chá quando cheguei a casa.

– A sério? – disse Anna. – Dava tudo para ter visto isso.

– E depois adormeci com a cabeça no ombro dele a meio da aula de dança. O Patrik teve de me deixar a dormir no sofá. E agora admito que estou a sofrer as

consequências. Além disso, claro que os miúdos sentem a minha fraqueza, por isso têm estado ao ataque.

– Pobre mana – disse Anna. – Posso ir aí tomar conta deles um bocado, se precisares de descansar. Estou para aqui sentada em casa sem nada para fazer.

– Não, está tudo bem – disse Erica.

Apesar de a oferta ser tentadora, a autocrítica dentro de Erica concluiu que a culpa por ter chegado àquela situação era unicamente dela.

Deambulava pela sala enquanto conversava com a irmã, mas de repente parou à frente do retrato de Leif. Viola tinha conseguido representar muito bem o pai, a julgar pela fotografia que Erica tinha visto. Mas a pintura acrescentava algo mais. Retratava a personalidade de Leif e dava a impressão de que o homem estava a olhar para Erica. De costas direitas e orgulhoso, Leif estava sentado à secretária onde tudo estava perfeitamente ordenado. Uma pilha de papéis à sua frente, uma caneta na mão, um copo de *whisky* ali ao lado. Erica olhou fixamente para a pintura. De repente, a névoa dissipou-se. Sabia exatamente o que descobrira antes de adormecer no ombro de Patrik.

– Anna, afinal sempre posso aceitar a tua oferta? Será que podias vir até cá um bocado? Precisava de ir a Tanumshede.

*

Karim virou a cabeça para a janela. A solidão, ali naquele hospital, era entorpecedora, embora tivesse tido várias visitas. Bill tinha aparecido com Khalil e com Adnan. Mas Karim não soubera o que dizer. Mesmo com os amigos no quarto, sentira-se incrivelmente sozinho e abandonado. Com Amina ao seu lado sentia-se sempre em casa onde quer que estivesse. Amina era todo o seu mundo.

A princípio ficara relutante em permitir que os filhos ficassem com aquela agente, já que tinha sido a polícia a desencadear toda a situação. Mas Paula tinha olhos tão gentis. E, no fundo, também estava deslocada.

Naquela manhã, Karim tinha falado com os filhos ao telefone e percebeu que estavam a dar-se bem. Estavam ansiosos por saber como estava a mãe e por quanto tempo teria de ficar no hospital, mas depois falaram-lhe do novo amigo, Leo, e de todos os brinquedos que possuía. Também lhe disseram que havia uma bebé na família e que Rita era muito boa cozinheira, embora a comida não tivesse o mesmo sabor dos cozinhados da mãe.

As vozes alegres dos filhos deixaram-no feliz, mas a ansiedade que transmitiam deixou-o triste. Os médicos pareciam cada vez mais preocupados a

cada pergunta que lhes fazia sobre Amina. Tinha-lhe sido permitido visitá-la uma vez. O quarto da mulher estava muitíssimo quente, com uma temperatura de cerca de 32 graus, disseram-lhe. Uma enfermeira explicou-lhe que a temperatura corporal dos doentes com queimaduras graves diminuía devido à perda de fluidos, pelo que a temperatura ambiente devia ser mantida muito alta.

O cheiro tinha-lhe trazido lágrimas aos olhos. Era a sua amada Amina que emanava aquele cheiro horrível. Amina jazia na cama, imóvel. Estendera a mão para ela, querendo tocar-lhe, mas não se atreveu. A cabeça tinha sido rapada e Karim não conseguiu conter um soluço quando viu a pele exposta e queimada. O rosto ferido brilhava por causa da vaselina e grande parte do corpo estava envolto em ligaduras.

Amina era mantida em coma induzido e estava ligada a uma máquina que a ajudava a respirar. E durante todo o tempo que Karim lá esteve houve sempre pessoas a andar pelo quarto. Estavam concentrados em Amina e quase ninguém olhou para ele. Estava grato por isso, grato por estarem a fazer todos os possíveis para salvar Amina.

Tudo o que podia fazer era esperar. E rezar. Os suecos não pareciam acreditar nas orações, ao passo que ele rezava por Amina dia e noite, pedindo que a mulher pudesse ficar com ele e com os filhos e que Deus estivesse disposto a deixá-los ficar com ela durante mais tempo.

Do lado de fora da janela, o sol brilhava, mas não era o sol de Karim. Aquele não era o seu país. Será que isso significava que também deixara para trás o seu Deus quando fugira?

Quando ouviu os passos do médico a aproximarem-se lentamente do seu quarto, Karim soube o que o homem estava prestes a dizer-lhe. Um olhar ao rosto do médico foi suficiente para perceber que agora estava completamente sozinho.

*

– Há vários novos desenvolvimentos que precisamos de ter em conta – disse Patrik, que permaneceu de pé para chamar a atenção de todos.

Annika preparara um pequeno-almoço frugal. Na mesa havia um grande pão de centeio *skogaholm*, manteiga, queijo, rodelas de tomate e café.

Era exatamente do que Paula precisava, já que apenas tinha tido tempo para comer uma tosta, e só porque Johanna insistira para ela se alimentar. Paula olhou para Martin enquanto o colega preparava uma sanduíche. Parecia cansado, como

se quase não tivesse dormido nada, embora não no sentido de «dei voltas e mais voltas na cama». Era mais «estive a noite toda a rebolar no feno». Lançou-lhe um sorriso cúmplice e o rosto de Martin ficou vermelho como um tomate. Paula estava contente pelo colega, mas também esperava que aquele seu novo amor não viesse a ser uma fonte de dor e de mágoa. Martin já tivera dor e mágoa suficientes.

Voltou a atenção para Patrik.

– Como todos sabem, fizemos várias descobertas importantes ontem quando estávamos a inspecionar a quinta da família Berg – disse. – No celeiro, a equipa de técnicos forenses encontrou uma embalagem de *wafers Kex* enfiada numa frincha entre as pranchas do soalho. Não sabemos como ou quando foi lá parar, mas a Nea tinha restos de chocolate e de bolacha no estômago, por isso é provável que haja uma ligação. Sobretudo por causa do que encontrámos depois.

Ninguém disse uma palavra. A notícia daquela descoberta atingira os colegas como uma bomba no dia anterior. Dera-lhes esperança e fora uma lufada de ar fresco numa investigação que começara a parecer tão votada ao fracasso.

– Quando saberemos se é o sangue da Nea? – perguntou Martin.

– Em meados da semana, de acordo com Torbjörn. – Patrik bebeu um gole de sumo e prosseguiu: – Mas agora vou falar de uma coisa que ainda não sabem. O Torbjörn acaba de me ligar a dizer que a equipa fez outra descoberta. Saí da quinta depois de os técnicos terem terminado o trabalho no celeiro. Preparavam-se para inspecionar toda a propriedade. O Torbjörn pensou que iam ter trabalho até à noite. Todos pensávamos que as buscas não iriam revelar mais nada, mas estávamos enganados.

Patrik fez uma pausa dramática.

– Na relva alta ao pé do celeiro, um dos técnicos encontrou um relógio. Um relógio de criança com uma ilustração da *Frozen*. Não sabia disso quando interroguei o Peter esta manhã, mas liguei para casa e a Eva confirmou que Nea tinha um relógio assim. Usava-o quase todos os dias. Apesar de os pais ainda não terem identificado o relógio como pertencendo a Nea, acho que podemos assumir que era dela.

Paula respirou fundo. Tal como os colegas, sabia o que aquilo significava.

– A correia estava partida, o vidro estilhaçado e o relógio parado nas oito horas. Como sempre, temos de ter cuidado para não tirarmos conclusões precipitadas, mas é provável que tenhamos descoberto o local do crime primário e a hora aproximada da morte.

Mellberg coçou o couro cabeludo.

– Quer dizer que a menina morreu às oito da manhã e depois foi transportada para o local onde foi encontrada?

– Esse parece o cenário mais provável, sim – respondeu Patrik.

Martin ergueu a mão.

– Isso muda alguma coisa em relação ao álibi da Marie ou da Helen?

– Não, na verdade não – respondeu Patrik. – A Helen nunca apresentou um álibi que possa ser fundamentado, quer para a noite de domingo, quer para a manhã de segunda-feira. Diz que tomou um comprimido para dormir e que dormiu profundamente até às nove da manhã, quando saiu para ir correr. Mas ninguém conseguiu confirmar isso; o marido estava fora da vila e o filho não a viu até à hora de almoço. A Marie sempre sustentou ter um álibi tanto para aquela noite como para a manhã seguinte; contudo, hoje de manhã a Erica contou-me que encontrou a Marie por acaso na sexta-feira, quando estava com a equipa a participar em filmagens na vila. Quando estava a passar pelo local depois de ter conversado com a Marie, a maquilhadora disse-lhe que o álibi de Marie era uma farsa. Parece que foi a maquilhadora quem passou a noite de domingo com o realizador. Não a Marie.

– Oh, merda! – disse Martin.

– Será verdade? – perguntou Paula. – A maquilhadora não poderá ter inventado essa história por ciúmes?

– Teremos de perguntar à Marie. E precisamos de falar de novo com o realizador, assim como com a maquilhadora. Se o que disse à Erica é verdade, então a Marie tem, sem dúvida, muito que explicar. Por exemplo, porque sentiu necessidade de mentir sobre o próprio álibi?

– O Jörgen confirmou que a Marie estava com ele – disse Martin. – Porque faria isso se não fosse verdade?

Paula olhou para o colega e suspirou. Era bom polícia, mas às vezes parecia terrivelmente inocente e ingénuo.

– A Marie é a estrela de um filme com um orçamento multimilionário. Um filme que esperam que venha a ser um sucesso comercial. Acho que o Jörgen estaria preparado para dizer qualquer coisa para evitar pôr o projeto em perigo.

Martin olhou fixamente para Paula.

– Ora bolas, não pensei nisso.

– És demasiado simpático para pensar em algo tão tortuoso – disse Paula.

Martin parecia profundamente insultado com aquelas palavras, mas ninguém contestou a avaliação de Paula. Nem mesmo o próprio Martin. No fundo, sabia que a colega tinha razão.

– Vamos começar por descobrir o que a Marie tem a dizer sobre isto – afirmou Patrik. – Gösta, queria que fosses comigo. Vamos assim que a reunião terminar. Mas, uma vez que a Marie já estava a ser maquilhada em Tanumshede às nove horas, não vejo como poderia ter cometido um homicídio às oito.

– *Okay* – disse Paula. – Vamos voltar à embalagem do *wafer*. Quando obteremos os resultados do laboratório? Pode haver impressões digitais e saliva na embalagem.

– Esperemos que sim – disse Patrik. – O Torbjörn garantiu-me que dará prioridade a este caso, mas sabem como são estas coisas.

– Portanto, só a meio da semana é que teremos os resultados, certo?

– Receio que sim.

– Encontraram mais alguma coisa? Pegadas? Impressões digitais? Qualquer coisa?

Paula acabou de comer a sanduíche e começou a preparar outra. Não dormira muito na noite anterior e a falta de sono estava a dar-lhe fome.

– Não. Parece que o celeiro foi cuidadosamente limpo. O Torbjörn só encontrou a embalagem do *wafer* de chocolate porque ficara numa frincha. Presumivelmente, quem quer que tenha limpado o local não deu por ela.

Martin ergueu novamente a mão. Os olhos injetados de sangue combinavam com o cabelo.

– Quando é que o Pedersen termina o relatório?

– Sempre que lhe pergunto diz «daqui a uns dias» – respondeu Patrik. A frustração era evidente na voz. – Têm uma longa lista de espera e o Pedersen está a trabalhar o mais depressa que pode.

– Que dizem os pais? – perguntou Mellberg, bastante concentrado em montar uma sanduíche altíssima com seis fatias de pão e vários tipos de recheio. – Sabem que eu digo sempre que devemos começar por investigar os membros da família mais próximos.

Paula não conteve uma risadinha. Mellberg ia invariavelmente para casa à noite ter com Rita afirmando que estava a morrer de fome porque quase não tinha comido nada o dia todo. E depois acrescentava que não conseguia compreender como podia estar a engordar se comia como um passarinho.

– Ainda não lhes dissemos o que descobrimos – afirmou Gösta. – Ambos dizem que nunca utilizam o celeiro e que só a Nea lá entrava. E não viram ninguém a entrar no celeiro ou nas proximidades na manhã em que a Nea desapareceu. Aliás, nem sequer desde que estão a viver na quinta.

Gösta lançou um olhar inquisitivo a Patrik, que depois acrescentou:

– Bem, houve uma ocasião em que o Peter pensou ter visto alguém dentro do celeiro, mas quando foi lá dar uma vista de olhos só encontrou o gato. Por isso, se calhar não era nada, mas pensei que devia referir a situação.

– É possível que alguém estivesse escondido no celeiro e tenha atacado a Nea? – perguntou Paula. – Havia sinais de poder ter havido violação? Algum vestígio de esperma?

Os crimes que envolviam abuso sexual de crianças eram o pior pesadelo da polícia. Por mais que Paula odiasse ter de fazê-la, era uma pergunta que se impunha.

– Descobriremos quando recebermos o relatório da autópsia – respondeu Patrik. – O nosso assassino podia estar à espera da Nea no celeiro. Talvez a tenha subornado com o *wafer* de chocolate e... Bem, só os deuses sabem o que aconteceu depois.

– Fui à floresta nas traseiras da casa para dar uma olhadela – disse Gösta. – Queria perceber se era possível que alguém viesse daquela direção e roubasse as cuequinhas do estendal sem ser visto a partir da casa. Que é o que penso que o indivíduo em questão fez. Atravessar o pátio aberto deixá-lo-ia demasiado exposto. Enfim, descobri que é possível que uma pessoa vinda sub-repticiamente dos arbustos se aproxime do lado da casa onde está o estendal sem ser vista. E há muitos esconderijos de onde se pode vigiar o pátio sem ninguém saber. Alguém pode ter estado a observar a Nea e a tomar nota das rotinas dela, incluindo o facto de costumar brincar no celeiro. Esse indivíduo também pode ter visto o pai da Nea a sair no trator, ficando assim a saber que a mãe era a única adulta na quinta. Se o criminoso for homem, pode encarar uma mulher como uma ameaça muito menos séria do que se fosse outro homem, o pai.

– Não é invulgar que os predadores sexuais observem a vítima durante algum tempo antes de cometerem o crime – observou Paula em voz baixa.

De repente ficou sem apetite. Afastou a sanduíche, esforçando-se para engolir o último bocado que trincara.

– Ontem, os técnicos forenses também procuraram na floresta nas traseiras da casa – disse Patrik. – Mas não encontraram nada significativo. Recolheram objetos diversos, mas nada com grande interesse.

Olhou para Paula.

– Então e o fogo? E a tentativa de incriminar Karim? Descobriram alguma coisa?

Desejava ter mais para lhes dizer, mas as perguntas dos colegas estavam constantemente a chegar a becos sem saída. Ninguém sabia nada. Ninguém

queria responsabilizar-se ou assumir a culpa. Algumas pessoas tinham resmungado que os refugiados «tiveram o que mereciam», mas isso estava muito longe de uma admissão de culpa.

– Não, não fizemos nenhum progresso, mas não vamos desistir. Mais cedo ou mais tarde alguém irá descair-se.

– Pensas que estamos perante uma ação planeada? – perguntou Mellberg. – Ou pode ter sido algum adolescente a agir por impulso?

Tinha estado invulgarmente calado durante a reunião, possivelmente porque ainda se sentia embaraçado pelo papel que desempenhara.

Paula demorou uns segundos a responder.

– A única coisa de que tenho a certeza é de que foi um ato motivado pelo ódio. Mas, nesta fase, não posso dizer se foi ou não planeado.

Mellberg assentiu. Acariciou *Ernst*, que estava deitado aos seus pés, e não fez mais perguntas. Paula ficou grata por perceber que o superintendente estava a levar o assunto tão a sério. E pensou saber porquê. Mellberg passara a manhã inteira a brincar com Samia, com Hassan e com Leo, perseguindo-os pelo apartamento, fingindo ser um monstro e fazendo-lhes cócegas para os fazer rir. Provavelmente como há muito não se riam. Era por isso que, no fundo do coração, e apesar de tudo, adorava aquele homem que a mãe tinha escolhido para partilhar a vida. Nunca admitiria isso em voz alta, mas Bertil tornara-se uma espécie de avô para os filhos. Por causa dessa faceta da sua personalidade, Paula estava disposta a perdoar-lhe toda aquela estupidez pomposa. Provavelmente ia achá-lo irritante até ao último suspiro, mas sabia que Bertil daria a vida pelos filhos.

Alguém estava a tentar entrar na esquadra, por isso Annika foi abrir a porta. Regressou com Erica, que cumprimentou todos com um breve aceno de cabeça antes de se virar para Patrik.

– Lembro-me do que descobri ontem: o Leif Hermansson não se suicidou. Foi assassinado.

Todos olharam para Erica num silêncio atordoado.

Bohuslän, 1672

PASSARAM DOIS DIAS. SEMPRE QUE ELIN OUVIA ALGUÉM A APROXIMAR-SE DA PORTA FICAVA ANSIOSAMENTE À ESPERA PARA VER QUEM PODERIA SER. NÃO LHE TINHAM DADO NADA PARA COMER DESDE QUE CHEGARA, APENAS UM POUCO DE ÁGUA. O BALDE DA CELA NÃO FORA DESPEJADO. SE SE VIRASSE LIGEIRAMENTE, O MAU CHEIRO ERA ESMAGADOR. A ÚNICA COISA QUE TORNAVA A SITUAÇÃO SUPORTÁVEL ERA SABER QUE PREBEN EM BREVE REGRESSARIA A CASA E RESOLVERIA TUDO.

POR FIM, UMA CHAVE CHOCALHOU NA FECHADURA E A PORTA ABRIU-SE. E ALI ESTAVA ELE. TEVE VONTADE DE LHE LANÇAR OS BRAÇOS AO PESCOÇO, MAS TINHA VERGONHA DA ROUPA QUE VESTIA, QUE ESTAVA AGORA NOJENTA.

APERCEBEU-SE DE QUE O PASTOR ESTAVA ENOJADO POR CAUSA DO MAU CHEIRO.

— PREBEN! — TENTOU GRITAR, MAS O NOME SAIU COMO POUCO MAIS DO QUE UM GRASNIDO.

NÃO FALAVA HÁ DOIS DIAS E A VOZ SOOU ROUCA E QUEBRADA. A FOME DILACERAVA-A, MAS AGORA SABIA QUE EM BREVE SERIA LIBERTADA. ANSIAVA SENTIR OS BRAÇOS SUAVES DE MÄRTA EM VOLTA DELA E O PEQUENO CORPO DA FILHA MUITO JUNTINHO AO SEU. DESDE QUE AS DEIXASSEM FICAR JUNTAS, NÃO IMPORTAVA SE ERAM FORÇADAS A IR À SUA VIDA E A PEDIR ESMOLA PARA SE MANTEREM VIVAS. DESDE QUE TIVESSE MÄRTA COM ELA, A FOME E O FRIO NÃO TINHAM IMPORTÂNCIA.

— PREBEN — DISSE NOVAMENTE, AGORA COM VOZ MAIS FIRME.

O PASTOR FIXOU OS OLHOS NO CHÃO ENQUANTO DAVA VOLTAS AO CHAPÉU QUE TINHA NAS MÃOS. A INQUIETAÇÃO FEZ COM QUE SE FORMASSE UM NÓ NO ESTÔMAGO DE ELIN. PORQUE NÃO FALAVA? PORQUE NÃO REPREENDIA O MEIRINHO E A LEVAVA DALI, PARA JUNTO DE MÄRTA?

— VIESTE BUSCAR-ME PARA IR PARA CASA? — PERGUNTOU ELIN. — BRITTA ACUSOU-ME PELO QUE TU E EU FIZEMOS. DESCOBRIU O QUE SE PASSAVA ENTRE NÓS QUANDO FOI À VILA. DEPOIS DISSE QUE EU ERA UMA BRUXA PARA SE VINGAR. MAS SEM DÚVIDA QUE JÁ SE ACALMOU E EU JÁ TIVE O MEU CASTIGO. TEM SIDO TERRÍVEL ESTAR AQUI NESTA PRISÃO. PASSEI O DIA E A NOITE A PEDIR A DEUS

PARA NOS PERDOAR PELOS NOSSOS PECADOS, E TAMBÉM PEDIREI PERDÃO A BRITTA. PROMETO. SE A BRITTA ASSIM O DESEJAR, BEIJO-LHE OS PÉS E PEÇOLHE PERDÃO, E DEPOIS EU E A MÄRTA VAMO-NOS EMBORA E A BRITTA NUNCA MAIS PRECISA DE NOS VER. PREBEN, POR FAVOR. NÃO VAIS FALAR COM O MEIRINHO PARA PODERMOS IR PARA CASA?

PREBEN CONTINUOU A RODAR O CHAPÉU NAS MÃOS. POR DETRÁS DELE, ELIN VISLUMBROU O SACRISTÃO E O MEIRINHO. APERCEBEU-SE DE QUE TINHAM ESTADO ALI O TEMPO TODO E QUE DEVIAM TER OUVIDO O QUE DISSERA.

— NÃO FAÇO IDEIA DO QUE ESTÁS A DIZER — AFIRMOU CAUTELOSAMENTE PREBEN. — A MINHA ESPOSA E EU TIVEMOS A GENTILEZA DE VOS ABRIR A NOSSA CASA, A TI E À TUA FILHA, PORQUE AS DUAS FAZIAM PARTE DA NOSSA FAMÍLIA, MAS AFINAL É ASSIM QUE NOS PAGAS! FOI UM CHOQUE VOLTAR PARA CASA E SABER QUE BRITTA TINHA DESCOBERTO QUE A IRMÃ É UMA BRUXA. E DECERTO FOSTE TU QUEM CAUSOU TODAS AS DIFICULDADES QUE A BRITTA TEVE PARA CONCEBER UMA CRIANÇA... É UMA GRANDE VERGONHA O MODO COMO AGISTE CONTRA NÓS. QUE AGORA CONTES MENTIRAS SOBRE O MARIDO DA TUA PRÓPRIA IRMÃ... ISSO SÓ CONFIRMA COMO ÉS MALDOSA E PERVERSA. DEMONSTRA MUITO CLARAMENTE QUE ESTÁS NAS GARRAS DO DIABO.

ELIN ESTAVA ESPECADA A OLHAR PARA PREBEN. CAIU DE JOELHOS E ENTERROU O ROSTO NAS MÃOS. A TRAIÇÃO ERA TÃO MONSTRUOSA E TÃO AVASSALADORA QUE NEM SEQUER CONSEGUIA SENTIR RAIVA. COMO PODERIA DEFENDER-SE CONTRA TAIS ACUSAÇÕES? PREBEN ERA UM HOMEM DA IGREJA. A POSIÇÃO QUE DETINHA E AS PALAVRAS QUE PROFERIA TINHAM GRANDE PESO. SE UNISSE FORÇAS COM AQUELES QUE DECLARAVAM QUE ERA UMA BRUXA, ENTÃO JAMAIS SAIRIA DALI. PELO MENOS COM VIDA.

PREBEN RODOU NOS CALCANHARES E SAIU, COM O SACRISTÃO LOGO ATRÁS. O MEIRINHO ENTROU NA CELA E LANÇOU A ELIN UM OLHAR DESDENHOSO QUANDO ESTA LAMENTOU O SEU DESTINO.

— TERÁS A OPORTUNIDADE DE PROVAR QUE NÃO MERECEES SER ACUSADA. AMANHÃ VAMOS FAZER O TESTE DE FLUTUABILIDADE. MAS ELIN, EU, SE FOSSE A TI, NÃO TERIA MUITAS ESPERANÇAS. COM TODA A PROBABILIDADE VAIS FLUTUAR.

O MEIRINHO FECHOU A PORTA E MAIS UMA VEZ A ESCURIDÃO PREENCHEU A CELA.

*

SAM AVANÇAVA LENTAMENTE pelo caminho. Quando acordara naquela manhã, pegara no telemóvel e lera a mensagem de Jessie, fora dominado por uma sensação apocalíptica. Sentiu que o coração ia despedaçar-se. A namorada não quisera ir ter a casa dele, por isso combinaram encontrar-se na clareira no limite da quinta. Pegou num saco com as coisas que Jessie lhe pedira: o frasco de acetona da mãe, que Helen utilizava para remover o verniz de unhas, bem como alguns toalhetes e toalhas. Também levou paracetamol, uma grande garrafa de água, algumas sanduíches e roupa lavada que tirara do guarda-fatos da mãe.

O caderno ainda estava na mochila. Ainda não lho conseguira mostrar.

Jessie estava à espera dele na clareira. Sam hesitou quando a viu. A namorada não olhou para ele. Parecia olhar o vazio. Usava umas calças de treino compridas e uma camisola com o capuz levantado.

– Jessie – disse suavemente Sam quando se aproximou dela.

Jessie não se mexeu nem ergueu os olhos. Sam pôs-lhe a mão sob o queixo e virou o rosto da namorada para si. A vergonha nos olhos de Jessie era tão grande que Sam sentiu ter levado um murro no estômago.

Abraçou-a e chegou-a a si. Jessie não retribuiu o abraço. Não chorou, não mexeu um músculo.

– São uns merdas – disse Sam em voz baixa.

Tentou beijar-lhe a face, mas Jessie desviou a cara. Sam odiou-os por a terem destruído daquela maneira.

Sacou o frasco de acetona e alguns toalhetes.

– Queres comer alguma coisa primeiro?

– Não, tira-me isto. Tira-me estas coisas todas.

Cautelosamente, Sam desceu-lhe o capuz e afastou-lhe os cabelos do rosto. Enfiou-lhe o cabelo por detrás das orelhas e acariciou-lhe a cabeça.

– Não te mexas para não te entrar acetona para os olhos.

Gentilmente, Sam começou a esfregar a pele onde estavam escritas as palavras. Para não enervar Jessie, manteve-se calmo, mas por dentro estava furioso. Pensara que os odiava pela maneira como o tinham tratado aqueles anos todos. Mas isso não era nada comparado com o que sentia agora, depois do que fizeram a Jessie. À sua adorável, carinhosa e frágil Jessie.

A tinta saiu, mas deixou-lhe a pele vermelha e arranhada. Depois de limpar todas as palavras do rosto de Jessie, começou a limpar-lhe o pescoço.

Jessie puxou o decote da *T-shirt* para baixo para o ajudar a chegar às palavras.

– Podias tirar a camisola e a *T-shirt*? Não precisas, mas...

Não sabia o que devia dizer ou fazer.

Jessie despiu a camisola com capuz e depois tirou a *T-shirt*. Não tinha sutiã e Sam viu todas as palavras escritas nos seios, na barriga e nas costas. Cobriam-lhe todo o corpo.

Olhou para o rosto de Jessie. Os olhos da namorada faiscavam.

Sam voltou a esfregar as palavras e, lentamente, a tinta preta desapareceu. Jessie permanecia imóvel, oscilando um pouco quando Sam pressionava com demasiada força. Passado algum tempo terminou de limpar o tronco e lançou-lhe um olhar inquisitivo. Jessie não disse uma palavra, limitando-se a despir as calças de treino. Não estava a usar cuecas, por isso agora estava nua à frente dele. Sam ajoelhou-se, incapaz de olhá-la nos olhos, que estavam repletos de ódio e tristemente vazios. As palavras dançaram-lhe diante dos olhos enquanto lhe esfregava a pele. Havia quatro ou cinco tipos de letra diferentes. Tinha tantas perguntas, mas não se atreveu a fazê-las. E não tinha a certeza de que Jessie conseguisse responder.

– Também fizeram outras coisas – disse baixinho. – Não me lembro do quê, mas sinto.

Por um momento, Sam deixou de secar a pele com um toalhete. Uma parte dele queria encostar-lhe a cabeça à coxa e chorar. Mas sabia que precisava de ser forte pelos dois.

– Estavam a dormir como porcos quando saí – disse Jessie. – Como é que conseguiram adormecer? Como é que foram capazes de fazer uma coisa destas e depois adormecer como se não fosse nada?

– Eles não são como nós, Jessie. Sempre soube isso. Nós somos melhores do que eles.

Sam sabia o que tinham de fazer a seguir. Aos que tinham feito aquilo e aos que tinham deixado que acontecesse.

*

– Não vieste de carro, pois não? – perguntou Patrik, lançando a Erica um olhar severo.

A mulher revirou os olhos.

– Ei, eu não sou estúpida! Vim de autocarro.

– Porque é que a Erica não pode conduzir? – perguntou Martin, olhando para Erica.

– Porque a minha querida mulher chegou a casa... tocada, digamos assim.

– Togada? – bufou Erica. – Ainda estamos nos anos 50 ou quê?

Virou-se para Martin.

– Ontem foi a festa de despedida de solteira da mãe do Patrik e talvez tenhamos... bebido demasiado.

Mellberg riu-se à socapa mas, depois de um olhar de advertência de Erica, fechou a boca.

– Agora que já estão a par de todas as informações interessantes, podíamos concentrar-nos em algo um pouco mais importante?

Patrik assentiu. Tinha dormido pouco, pois ficara a matutar no que Erica tinha dito. Raramente fazia afirmações desnecessárias e, quando tinha uma ideia, valia a pena ouvi-la.

– Estás então a afirmar que o Leif Hermansson foi assassinado? – perguntou. – O que te leva a pensar nisso?

Erica parecia um pouco pálida e Patrik indicou-lhe uma cadeira desocupada.

– Senta-te antes que desmaies. Uma sanduíche e uma chávena de café provavelmente também seriam uma boa ideia.

Grata, Erica afundou-se numa cadeira perto da janela. Paula empurrou uma sanduíche de queijo pela mesa na sua direção e Annika levantou-se para lhe servir café.

– A filha do Leif, a Viola, é uma artista – começou por dizer Erica. – Como sabem, encontrei-me com ela para saber se o Leif tinha deixado algum material do caso Stella. Estava à espera de que houvesse notas ou algo do género. Enquanto lá estive, a Viola não conseguiu lembrar-se de nada, mas depois encontrou uma coisa: o diário do Leif. Um desses pequenos cadernos que as pessoas utilizam para tomar notas. Não o examinei todo, mas o Leif parece ter registado as condições climáticas e anotado o que ia acontecendo diariamente. De qualquer forma, a Viola deu-me o diário quando fui à inauguração da exposição, na sexta-feira. Enquanto lá estava, fiquei tão tocada por um dos quadros que decidi comprá-lo. É um retrato do pai da Viola, o Leif.

Erica fez uma pausa para beber um golo de café e dar uma dentada na sanduíche. Depois prosseguiu.

– Havia algo no quadro que me incomodava, mas eu não conseguia descobrir o que era. Li o material todo sobre o caso Stella e também estudei os documentos e

vi todas as fotografias relativas ao suicídio do Leif. Tive sempre uma vaga sensação de que algo não batia certo.

Bebeu outro gole de café. Tinha as têmporas perladas de suor; a ressaca tinha obviamente deixado as suas marcas. Patrik teve pena da mulher, mas também admirou a determinação de Erica. A viagem de autocarro até ali não devia ter sido muito divertida.

– Ontem descobri o que era.

– Embora esta manhã não se lembrasse de nada – não pôde deixar de sublinhar Patrik.

– Muito obrigado, és muito simpático – disse Erica. – Mas por fim lembrei-me do que era. Direita e esquerda.

– Direita e esquerda? – perguntou Paula, intrigada. – Que queres dizer com direita e esquerda?

– Vejam isto.

Erica vasculhou a mala e pôs na mesa uma série de fotografias tiradas pelo fotógrafo da polícia após o suicídio de Leif. Apontou para a têmpora do ex-agente.

– Vejam o ferimento da bala... na têmpora direita. E a pistola está na mão direita do Leif.

– E então? – perguntou Patrik, inclinando-se para a frente para ver melhor as fotografias.

Passados todos aqueles anos na polícia, ainda achava desconcertante olhar para um cadáver.

– Não estão a ver? – Erica sacou o telemóvel e começou a percorrer todas as fotografias. – Tirei fotos ao quadro porque era demasiado grande para o trazer. Já estão a ver?

Apontou para o retrato de Leif. Todos se aproximaram para estudar a pintura no ecrã do telemóvel. Paula foi a primeira a ver o que Erica queria dizer.

– Está a segurar a caneta com a mão esquerda! O Leif era canhoto!

– Exatamente! – exclamou Erica tão alto que *Ernst* ergueu a cabeça, alarmado. Mas, depois de se certificar de que estava tudo bem, voltou a deitar-se aos pés de Mellberg.

– Não compreendo como é que a polícia e a família dele podem ter deixado passar uma coisa destas. Por isso liguei à Viola a confirmar. Disse-me que o pai era definitivamente canhoto. Nunca teria utilizado a mão direita para escrever ou para disparar.

Lançou a Patrik um olhar triunfante.

A princípio, Patrik sentiu um formigueiro no estômago, mas depois pensou no que se seguiria e suspirou.

– Oh não. Não me digas no que estás a pensar.

– Sim – disse Erica. – Vais ter de ligar a quem for preciso para obteres autorização. Porque os restos mortais do Leif vão ter de ser exumados.

*

Bill e Gun estavam sentados à mesa da cozinha quando a porta principal se abriu. Não tinham dito muito um ao outro enquanto tomavam um pequeno-almoço tardio. Bill pegara no telemóvel várias vezes e lera a mensagem que chegara a meio da noite: *Durmo em casa de Basse*.

Levantou-se e dirigiu-se ao vestíbulo, onde viu o filho a descalçar os sapatos. Bill franziu o nariz.

– Tresandas a álcool – afirmou, ainda que se tivesse mentalizado para manter a calma. – E mandar uma mensagem a meio da noite não é aceitável. Sabes que deves dizer-nos com antecedência aonde vais.

Nils encolheu os ombros.

– Já dormi fora de casa muitas vezes antes – afirmou. – E sim, bebemos umas cervejas ontem, mas eu já tenho quinze anos. Já não sou uma criança!

Bill estava tão furioso que até tinha medo do que podia dizer. Virou-se para Gun, que estava encostada à ombreira da porta. A mulher apontou para o andar de cima.

– Sobe e vai tomar banho – disse a Nils. – E enquanto estiveres lá em cima quero que mudes de atitude. Quando estiveres mais calmo podes vir ter connosco para termos uma conversa.

Nils abriu a boca para dizer algo, mas Gun apontou simplesmente para o andar de cima uma vez mais. Nils assentiu e subiu as escadas. Pouco depois, ouviram o ruído do chuveiro.

Bill entrou na sala de estar e ficou a olhar para o mar pela janela. Parecia tão convidativo naquele momento.

– Que vamos fazer com o Nils? – perguntou. – O Alexander e o Philip nunca fizeram estas coisas.

– Oh, também tiveram as suas fases de desafio, mas tu estavas sempre com pressa para ir para os teus barcos quando havia alguma crise – Gun suspirou. – Mas tens razão. Nunca foram tão difíceis. Eu sei, eu sei. Éramos demasiado velhos para ter outro filho.

A expressão nos olhos da mulher fê-lo sentir-se culpado. Sabia que Gun estava a dar o seu melhor. Fora por culpa dele que as coisas tinham corrido mal. As ausências, a indiferença. Não era de admirar que Nils o odiasse.

Afundou-se no grande sofá com o estofado às flores.

– Então, que havemos de fazer? – perguntou.

Voltou a virar-se para olhar pela janela. Ia ser um bom dia para velejar, mas tinha perdido todo o interesse. Além disso, nesse dia, Khalil e Adnan iam procurar um novo sítio para morar.

– O Nils está tão irritado – disse Bill, mantendo o olhar fixo no mar. – Não compreendo de onde vem toda aquela raiva.

Gun sentou-se ao lado dele e apertou-lhe a mão.

Bill passara a noite a lutar com um pensamento que não parava de atormentá-lo. Não queria dizer aquilo em voz alta, mas tinha partilhado tudo com Gun durante quarenta anos e não conseguiu resistir.

– Achas que o Nils esteve envolvido? – sussurrou. – Quer dizer, no fogo posto?

O silêncio de Gun disse-lhe que não fora o único a ter pensamentos obscuros durante a noite.

*

Sanna pegou febrilmente num vaso a seguir ao outro. Forçou-se a respirar uniformemente para manter a calma. As rosas eram flores sensíveis e, por mais espinhosas que fossem as roseiras, não queria arriscar-se a danificar as plantas. Mas estava tão irritada que mal sabia o que fazer à vida.

Como pôde ter acreditado em Vendela quando a filha lhe disse que ia ficar em casa do pai depois da festa? Niklas e a família moravam mais perto de Basse, por isso seria mais fácil ficar em casa do pai. Tinha parecido tão sensato que não se dera ao trabalho de confirmar com o ex-marido.

Mas naquela manhã Vendela não atendera o telefonema que lhe fizera, e quando Sanna ligou a Niklas descobriu que a filha não passara lá a noite. Niklas disse que Vendela não lhe tinha dito nada sobre dormir lá em casa.

– É motivo de preocupação? – perguntou.

– Não, é motivo de fúria – disse Sanna antes de desligar.

Sanna deixou uma dúzia de mensagens no gravador de chamadas de Vendela e, se a filha não aparecesse em breve, deixaria outra dúzia.

O húmus voou quando Sanna pousou uma roseira. Um espinho prendeu-se na luva, que saiu, e Sanna ficou com um grande arranhão na mão.

Praguejou tão alto que vários clientes se voltaram para ver o que se passava. Sanna sorriu-lhes e forçou-se a respirar. Tinha acontecido tanta coisa ultimamente, todo o seu mundo parecia estar a rodar fora dos eixos. A morte de Nea. O regresso de Marie. E a filha de Marie, Jessie, que estivera lá em casa. Sabia que o que tinha acontecido há trinta anos não fora culpa da rapariga. A sua mente adulta lógica e racional sabia disso. No entanto, era inquietante ver a rapariga lá em casa com a filha.

Sanna não conseguira dormir na noite anterior. Tinha ficado deitada na cama a fitar o teto, atormentada por imagens que já não via há décadas. Stella a falar sobre o «homem verde», o amigo que tinha na floresta. Durante a investigação, Sanna falara com os pais sobre o «homem verde» e referiu-o à polícia. Mas ninguém lhe tinha dado ouvidos. Apercebia-se agora de que aquilo devia ter parecido um conto de fadas. E provavelmente era mesmo. Algo que Stella tinha simplesmente sonhado. Porquê reabrir velhas feridas? O caso já fora desvendado. Toda a gente sabia quem matara a irmãzinha. Nada de bom adviria de voltarem a revolver tudo.

– Porque é que tive de vir aqui? Porque é que não podíamos encontrar-nos em casa?

Sanna deu um pulo. Vendela estava à frente dela de braços cruzados. Usava uns óculos de sol grandes e a roupa que vestia não parecia lavada. Embora parecesse ter tomado banho, tresandava a álcool.

– Não me digas que estás de ressaca.

– O quê? Eu não estive a beber. Deitámo-nos tarde e estou cansada, é só isso.

Vendela recusava-se a olhar para a mãe. Sanna cerrou os punhos.

– É óbvio que estás a mentir, tal como me mentiste quando disseste que ias dormir em casa do teu pai.

– Não menti nada!

Sanna podia sentir que todos os clientes estavam a olhar para elas, e Cornelia, que estava na caixa registadora, parecia preocupada. Mas aquela conversa era inevitável.

– Disseste-me que ias dormir em casa do teu pai, mas ele não sabia de nada!

– Tenho a minha própria chave, por isso, porque é que havia de ter de dizer-lhe alguma coisa? Era super tarde e os outros estavam preocupados comigo. Não queriam que eu andasse na rua àquela hora, por isso dormi no sofá. – A voz de

Vendela tremeu: – Faço tudo como deve ser e tu ainda ficas zangada comigo! É muito injusto, bolas.

Vendela rodou nos calcanhares e retirou-se. Vários clientes olhavam para ela a sussurrar. Sanna respirou fundo e recomeçou a arrumar os vasos com roseiras. Sabia que tinha sido derrotada.

– O que foi que ele disse? – perguntou Gösta, tentando acompanhar Patrik enquanto se dirigiam aos estúdios cinematográficos.

– Acho que abusei da paciência dele com todos os meus pedidos de exumação nos últimos anos – disse Patrik com um sorriso retorcido. – Limitou-se a suspirar e a assinar todos os impressos necessários que lhe apresentei. Concordou que é um assunto que deve ser examinado mais pormenorizadamente.

– Então, quando será feita a exumação?

– A autorização foi concedida, por isso, assim que a burocracia estiver resolvida podemos seguir em frente. Pode acontecer já esta terça-feira.

– Ena! – disse Gösta, impressionado.

As coisas normalmente demoravam muito mais tempo, mas podia sentir como Patrik estava inquieto. Queria fazer progressos no caso e aproximar-se de um desfecho. Gösta conseguia sempre perceber quando o colega andava a todo o gás. Em momentos como aquele, Patrik era imparável, por isso não era de estranhar que tivesse conseguido que as roldanas administrativas e judiciais girassem mais depressa.

– Como queres fazer em relação a Marie? Os procedimentos habituais dos depoimentos? Ou partimos para o ataque?

– Não tenho a certeza – respondeu Patrik. – Tenho a impressão de que a Marie não será facilmente intimidada nem levada com falinhas mansas. Vamos ter de ir improvisando.

Gösta carregou na campainha do intercomunicador junto ao portão dos estúdios. Depois de explicar que eram polícias, foram autorizados a entrar. Caminharam até ao edifício e atravessaram a porta aberta. Os estúdios estavam repletos de gente, de holofotes e de adereços. Uma mulher com um bloco de notas fez-lhes sinal para se calarem, por isso Gösta calculou que tinham chegado a meio das filmagens. Virou-se para a direita porque conseguia ouvir vozes, mas as filmagens decorriam em cenários que não conseguiam ver.

Aproximaram-se cautelosamente e ouviram com mais clareza os atores a proferir as suas falas, mas continuavam a não conseguir ver nada. Parecia uma cena entre duas mulheres, um confronto, com vozes alteradas e tons apaixonados. Por fim ouviram um homem a gritar: «Corta!» Só então se

atreveram a aventurar-se a dobrar a esquina. Gösta ficou boquiaberto. Dentro das paredes de contraplacado fora recriada uma sala ao pormenor. Era como viajar no tempo até aos anos 70. Tudo naquela divisão lhe trazia lembranças.

Duas mulheres conversavam com o realizador. Gösta reconheceu Marie na mais velha das duas, caracterizada para parecer fatigada e doente. Aquela cena devia referir-se ao final da vida de Ingrid Bergman, quando o cancro se apoderara dela. Perguntou a si próprio quem era a mulher mais jovem. Talvez fosse uma das filhas de Ingrid.

Marie avistou-os e parou a meio da frase. Patrik acenou-lhe. A atriz disse algumas palavras à mulher e ao realizador antes de se aproximar dos agentes com passos ligeiros.

– Vão ter de desculpar o meu aspeto – disse, tirando o xaile que lhe cobria o cabelo.

A pele apresentava um tom acinzentado e tinham-lhe sido desenhadas rugas e vincos no rosto. De alguma forma, aquilo só a tornava ainda mais bonita.

– Então, como posso ajudar-vos hoje? – perguntou com voz monocórdica, apontando para um conjunto de sofás a pouca distância.

Depois de se sentarem, Patrik olhou para Marie.

– Recebemos novas informações relacionadas com o seu álibi.

– O meu álibi? – perguntou a atriz. A única reação que Gösta notou foi que os olhos de Marie se estreitaram ligeiramente.

– Sim – afirmou Patrik. – Soubemos que não nos disse a verdade. Por isso estamos sobretudo interessados em saber onde estava realmente às oito da manhã de segunda-feira.

– Estou a ver – disse Marie, adiando a resposta e acendendo um cigarro. Deu duas passas e depois disse: – Quem vos disse que o meu álibi era falso?

– Não vamos poder revelar-lhe isso. E não respondeu à pergunta. Continua a afirmar que passou a noite com Jörgen Holmlund e que saíram do quarto de hotel juntos às oito da manhã de segunda-feira?

Marie não respondeu. Deu mais algumas passas no cigarro. Depois suspirou.

– Okay, eu confesso – ergueu as mãos e riu-se. – Raptei um rapaz jeitoso da festa e... pensei que pudessem ficar com má impressão minha, por isso decidi contar uma mentira insignificante.

– Uma mentira insignificante? – disse Gösta. – Não percebe que estamos a investigar um homicídio?

– Claro que sim. Mas também sei que sou inocente e que o meu realizador ficaria furioso se me envolvesse em alguma coisa que pudesse atrasar as

filmagens. Por isso pedi-lhe que me desse um álibi quando ouvi falar da morte da menina; tinha medo de que começassem a espiolar a minha vida privada.

Lançou-lhes um sorriso.

Gösta sentiu um acesso de irritação. Encarar aquela situação com tal ligeireza era não só arrogante como insensível e cruel. Agora teriam mais uma vez de perder tempo precioso a confirmar aquele álibi. Tempo que poderiam gastar noutras coisas.

– Então, esse jovem com quem passou a noite... tem nome? – perguntou Patrik.

Marie abanou a cabeça.

– Isso é que é muito embaraçoso. Não faço ideia do nome dele. Chamei-lhe querido e para mim foi o suficiente. Para ser perfeitamente franca, estava mais interessada no corpo dele do que no nome.

Sacudiu a cinza do cigarro para um cinzeiro a transbordar que estava em cima da mesa.

– Okay – disse Patrik, esforçando-se por permanecer paciente. – Não sabe o nome dele, mas pode dizer-nos como é? Ou sabe mais alguma coisa que possa ajudar-nos a identificá-lo? Sabe o nome de algum amigo dele?

– Receio que não. Ele estava no hotel com um grupo de jovens da idade dele, mas era o único suficientemente giro, por isso chamou-me a atenção e nem sequer me dei ao trabalho de falar com os outros. Bem, também não me dei ao trabalho de falar com ele. Sugeri-lhe que me acompanhasse a casa, o que fez de bom grado, e foi isso. Como tinha de filmar no dia seguinte, pu-lo fora e realmente não há muito mais que possa dizer-vos.

– Como era ele? – insistiu Patrik.

– Oh, valha-me Deus, era igual a todos os jovens de vinte e tal anos que andam por cá no verão. Louro, de olhos azuis, com o cabelo penteado para trás com gel, roupa de marcas caras e um ar um bocado snobe. Provavelmente vive à custa do dinheiro do papá.

Marie agitou o cigarro.

– Então acha que não é de cá? – perguntou Gösta, tossindo por causa do fumo.

– Não, falava com sotaque de Gotemburgo. Provavelmente é um turista de Gotemburgo que veio até cá de barco. Mas é apenas um palpite.

Marie recostou-se e deu uma última passa no cigarro.

Gösta suspirou. Um homem sem nome, na casa dos vinte, de Gotemburgo e que tinha ido até lá de barco. Não ajudava muito. A descrição encaixava em milhares de jovens que passavam por Fjällbacka no verão.

– A sua filha viu-o? – perguntou.

– Não, estava a dormir – respondeu Marie. – Sabem como são os adolescentes. Dormem metade do dia.

Patrik ergueu as sobrancelhas.

– A minha mulher disse-me que a Marie mencionou ter visto alguém na floresta mesmo antes de a Stella ter desaparecido.

Marie sorriu.

– A sua mulher é uma pessoa muito inteligente. E vou dizer-lhe o que lhe disse a ela: a polícia nunca se deu ao trabalho de seguir essa pista. Por isso, o assassino voltou a atacar.

Patrik levantou-se.

– Se conseguir lembrar-se de alguma coisa que possa ajudar-nos a encontrar o jovem para confirmar o seu álibi, não deixe de ligar-nos – disse. – Caso contrário, temos apenas a sua palavra de que estava com alguém no domingo à noite. E isso não é suficiente.

Gösta também se levantou, lançando a Marie um olhar surpreendido. A atriz estava a sorrir e não parecia preocupada com a inquietante situação em que agora se encontrava.

– Claro – disse sarcasticamente. – Farei tudo o que puder para ajudar a polícia.

Alguém a chamou do palco e Marie levantou-se.

– Está na altura de filmar outro *take*. Já terminaram?

– Por enquanto – respondeu Patrik.

Quando deixaram o ar fresco do estúdio e apanharam em cheio com o calor estival, pararam por um momento junto ao portão.

– Acreditas na história dela? – perguntou Gösta.

Patrik refletiu antes de responder.

– A parte de ter levado para casa um jovem de quem nem sequer sabia o nome parecia verdadeira. Mas parece improvável que tenha mentido por não querer que nos metêssemos na vida privada dela.

– Também tenho as minhas dúvidas – concordou Gösta. – Portanto, a próxima pergunta é: o que estará Marie a esconder? E porquê?

O Caso Stella

De repente, Marie tinha pura e simplesmente desaparecido. Tinham pensado que conseguiriam controlar a situação, fazer com que jogasse a seu favor, que ainda podiam ter influência e tomar decisões. Mas, gradualmente, deram-se conta de que não tinham controlo sobre nada. E depois Marie foi enviada para longe.

Às vezes Helen invejava Marie. Talvez as coisas fossem melhores onde estava agora. Talvez tivesse encontrado um bom lar, com pessoas agradáveis que gostavam dela. Pelo menos era o que esperava, embora tal pensamento a enchesse de ciúmes.

Enquanto isso, ela própria tinha acabado numa prisão muito pior do que qualquer uma com barras nas janelas. Já não era dona da própria vida. Durante o dia, os pais observavam cada movimento que fazia. À noite, os sonhos assombravam-na com as mesmas cenas a desenrolarem-se vezes sem conta. Nunca mais tivera um segundo de liberdade.

Tinha treze anos e a vida acabara antes de ter sequer começado. Só havia mentiras. Às vezes desejava a verdade, mas sabia que nunca poderia permitir que a verdade lhe saísse dos lábios. Era demasiado forte, demasiado esmagadora. A verdade destruiria tudo.

Mas tinha saudades de Marie. A cada minuto, a cada segundo. Sentia a falta dela como sentiria a falta de um braço ou de uma perna, de uma parte de si própria. Tinham sido as duas contra o mundo, mas agora estava sozinha.

*

FORA TÃO LIBERTADOR DESCOBRIR o que a incomodava no quadro. Agora era a vez de Patrik e dos colegas começarem a trabalhar. Embora Erica soubesse que era necessário reexaminar os restos mortais de Leif, duvidava de que encontrassem alguma coisa depois de tantos anos. Os corpos deterioravam-se tão depressa.

Viola ficou chocada quando Erica lhe telefonou a contar o que descobriram e o que tinha de ser feito. Disse que primeiro tinha de falar com os dois irmãos, mas passados dez minutos voltou a telefonar a dizer que apoiavam a decisão da polícia de exumar os restos mortais do pai. Também queriam saber o que realmente acontecera.

– Não estás com boa cara, Erica – disse Paula, voltando a encher-lhe a chávena de café.

Ainda estavam as duas sentadas na cozinha da esquadra, passando o diário de Leif em revista. Estavam a ajudar-se mutuamente a decifrar os rabiscos do ex-agente. O mais interessante era o misterioso «11» do dia em que Leif morreu. A caligrafia de Leif era típica da sua geração: incrivelmente elaborada, redonda e floreada. Leif também gostava de abreviaturas estranhas, o que fazia com que as anotações no diário se assemelhassem a códigos.

– Será temperatura? – perguntou-se Paula, semicerrando os olhos como se isso pudesse fazer com que fosse mais fácil descobrir o que estava escrito.

– Hum... – disse Erica. – O Leif escreveu «55» na semana anterior, por isso não me parece que esteja a referir-se ao tempo.

Gemeu.

– A Matemática e os números sempre foram o meu calcanhar de Aquiles e hoje não estou propriamente no meu estado mais alerta. Já me tinha esquecido do horror que é estar de ressaca.

– Pelo menos espero que te tenhas divertido.

– Foi ótimo! Já tentei ligar à Kristina, mas ela deve estar na cama com a cabeça debaixo dos lençóis.

– Talvez devesse fazer o mesmo.

– Se calhar tens razão – murmurou Erica enquanto continuava a olhar fixamente para as notas no diário.

Gösta entrou na cozinha.

– Olá meninas. Ainda estão por aqui? Não achas que devias ir para casa, Erica? Pareces um bocado adoentada.

– Ia sentir-me muito melhor se deixassem todos de me recordar que estou com péssimo aspeto.

– Como correu? – perguntou Paula a Gösta. – O que disse Marie?

– Diz que levou um tipo novo para casa naquela noite, mas que não sabe o nome dele. E conseguiu que o realizador mentisse por ela, porque quis encontrar um álibi à pressa para impedir que nos metêssemos na vida privada dela.

– Acreditas nela? – perguntou Paula.

– O Patrik e eu estamos ambos com dúvidas – respondeu Gösta, servindo-se de uma chávena de café.

Passou por detrás de Erica e olhou para o diário aberto.

– Já chegaram a alguma conclusão? – perguntou.

– Não. Parece um código incompreensível. Será que o Gösta percebe o que o «55» e o «11» possam significar? – Erica mostrou-lhe as notas crípticas.

– Como assim, «55» e «11»? – respondeu. – O que aí está é «SS» e «JJ».

Paula e Erica ficaram espedradas a olhar para Gösta, que se riu das expressões surpreendidas das duas.

– Acredito que é um pouco difícil de ver, mas essa é a mesma letra que a minha mãe tinha. São letras do alfabeto, não números. Acho que são as iniciais de alguém.

– Tem razão! – exclamou Erica. – São letras!

– SS e JJ... – disse Paula.

– Talvez James Jensen? – sugeriu Gösta.

– É possível – respondeu Paula. – Mas a questão é: porque é que o Leif anotaria as iniciais do marido da Helen no diário? Será que iam encontrar-se? Chegaram a encontrar-se?

– Terão de perguntar ao James Jensen – disse Erica. – E SS? Quem poderá ser? A Viola disse que o caso Stella era a única coisa em que Leif pensava antes de morrer, por isso imagino que estas iniciais estejam de alguma forma relacionadas.

– Parece plausível – concordou Gösta.

– Vou perguntar a Viola, por via das dúvidas. Podemos estar a complicar desnecessariamente as coisas. Pode ser que ela reconheça logo o que estas iniciais representam.

– Enquanto vamos tentando resolver este *puzzle*, esperemos que um novo exame aos restos mortais do Leif produza resultados – disse Gösta.

– Sim. É sempre difícil trabalhar num caso tão antigo – afirmou Paula. – As pessoas esquecem-se, as provas são destruídas e, para ser franca, a exumação é um tiro no escuro: não fazemos ideia se nos permitirá encontrar a prova de que o Leif foi assassinado.

Erica assentiu.

– O Leif deve ter enfrentado os mesmos desafios quando decidiu reexaminar o caso Stella. Já se tinham passado tantos anos. E ainda não sabemos se descobriu novas informações ou se encontrou alguma coisa nos antigos documentos relacionados com o caso. Por isso gostava muito de ter acesso às transcrições dessas declarações originais prestadas pela Marie e pela Helen.

Passou a mão pelo cabelo.

– Se JJ representa mesmo James Jensen, talvez o Jensen possa pelo menos explicar por que teriam um encontro marcado no dia em que o Leif morreu – disse Gösta. – E se chegaram a encontrar-se ou não.

Olhou para Paula.

– Que achas? Vamos a Fjällbacka falar com o James Jensen? De caminho podemos deixar-te em casa, Erica. A menos que prefiras ir de autocarro...

– Não, obrigada. Agradeço se me derem boleia – disse Erica, que ficou maldisposta só de pensar na viagem de autocarro.

– Vamos telefonar-lhe antes para saber se está em casa. Mas não vamos dizer-lhe porque queremos falar com ele. Saímos daqui a uns minutos. *Okay?*

Paula e Erica assentiram.

– Temos sacos para vomitar no banco de trás do carro-patrulha, para o caso de precisares, Erica.

– Oh, francamente, Gösta – disse Erica.

Paula fez um sorriso rasgado e levantou-se para fazer o telefonema.

*

Basse acordou com o sol a bater-lhe no rosto. Abriu cautelosamente um olho. Esse simples movimento fez com que a cabeça parecesse prestes a explodir. Tinha a boca pegajosa e seca. Conseguiu abrir o outro olho e depois sentou-se com esforço. Estava no sofá da sala e devia ter estado deitado num ângulo estranho, porque o pescoço doía-lhe.

Esfregou a nuca e olhou em redor. Do lado de fora, o Sol ia alto no céu. Olhou de relance para o relógio. Meio-dia e meia. A que horas acabara a festa?

Basse levantou-se, mas recuou de imediato. Havia gente a dormir por todo o lado. Viam-se dois candeeiros no chão, partidos. O soalho de *parquet* estava todo riscado. O sofá onde se encontrava sentado estava pejado de comida e de garrafas de cerveja meio vazias. O estofado estava completamente arruinado. A poltrona branca estava cheia de manchas de vinho tinto e a prateleira onde o pai costumava ter a coleção de garrafas de *whisky* estava vazia.

Meu Deus. Os pais voltariam daí a uma semana e nunca seria capaz de pôr a casa em ordem a tempo. Iam matá-lo. Nunca planeara convidar tanta gente para a festa. Nem sequer conhecia metade das pessoas que estavam espalhadas pela sala de estar. Foi um milagre a polícia não ter aparecido.

Tudo por culpa de Vendela e de Nils. A ideia tinha sido deles. Pelo menos parte dela. Não conseguia lembrar-se bem. Tinha de ir ter com eles. Iam ajudá-lo a resolver aquilo.

As meias ficaram húmidas assim que deu alguns passos no tapete pegajoso e húmido e a cheirar a cerveja rançosa. O cheiro era enjoativo e Basse teve vontade de vomitar, mas conseguiu evitá-lo. Não viu Vendela nem Nils em lado nenhum. Um dos rapazes tinha a braguilha aberta e Basse perguntou a si próprio se devia tapá-la com qualquer coisa, mas tinha problemas maiores para resolver do que o pénis à mostra de um tipo qualquer.

Arrastou-se escadas acima. Mesmo o mais pequeno esforço lhe provocava suores frios. Recusou-se a olhar por cima do ombro porque não queria voltar a ver a devastação no rés-do-chão.

Três pessoas dormiam no seu quarto, mas Vendela e Nils não estavam entre elas. Tudo tresandava. Alguém vomitara no teclado e o que estivera no tampo da secretária caíra ao chão.

No quarto dos pais não havia tanta destruição, mas o cheiro a vômito era esmagador. Os lençóis e o cobertor estavam pejados de manchas escuras.

Basse parou abruptamente. Apareceram-lhe imagens na mente, como fotografias *Polaroid* pálidas. Tinham estado ali. Visualizou o sorriso que Nils lançou a Vendela, que tinha um copo de plástico na mão. E ouviu vozes de rapazes. Quem mais tinha estado ali? Quanto mais se esforçava para se lembrar, mais as imagens se esbatiam.

Pisou em algo duro e praguejou. Havia um marcador no chão, sem a tampa, e deixara uma mancha na madeira clara que a mãe tanto adorava. Um marcador. Jessie.

O plano de Vendela. Que tinham pretendido fazer? O que fizeram? Visualizou uns seios nus. Brancos, grandes e voluptuosos. Estava deitado em cima de

alguém, com os olhos mesmo por cima daqueles seios. Tinha-os agarrado. Abanou a cabeça numa tentativa de aclarar a mente, mas parecia que o crânio se ia partir ao meio.

Sentiu o telemóvel a vibrar no bolso das calças e tentou tirá-lo. Uma mensagem de Nils. Muitas fotografias. E, a cada imagem que via, ia-se lembrando de tudo. Pressionando a mão contra a boca, Basse correu para a casa de banho dos pais.

*

Patrik estava sentado no gabinete a elaborar um relatório sobre o bizarro encontro com Marie. Mas os pensamentos desviavam-se constantemente para o que ouvira sobre as anotações no diário do Leif. Gösta tinha-o posto ao corrente das suas teorias e agora até Patrik se interrogava sobre as iniciais misteriosas. Deu imediatamente luz verde a Gösta e a Paula para falarem com James. Era um tiro no escuro, mas às vezes aquelas suposições acabavam por revelar-se corretas e permitiam que as investigações avançassem.

O telemóvel tocou, arrancando-o àqueles pensamentos. Atendeu.

– Fala o Pedersen – disse uma voz apressada. – Está ocupado?

– Não. Nada que não possa esperar um momento. Está a trabalhar ao domingo?

– Não se pode parar de trabalhar por muito tempo no verão. Batemos o recorde do número de cadáveres em julho, e agosto não está muito melhor. O recorde anterior já tinha trinta anos.

– Merda – disse Patrik.

Mas estava curiosíssimo. Sempre que Pedersen telefonava, normalmente tinha alguma coisa substancial para relatar. E precisavam acima de tudo de provas físicas. Apenas tinham hipóteses e especulações, coscuvilhice e suposições.

– É verdade, ouvi dizer que fez com que trouxessem outro cadáver para cá. Está relacionado com um suicídio antigo?

– Sim. O Leif Hermansson. Foi o responsável pela investigação do caso Stella. Depois de amanhã vamos exumar os restos mortais dele para ver o que conseguimos encontrar.

– Isso vai demorar – disse Pedersen. – Quanto à menina, vou terminar o relatório final esta semana, provavelmente na quarta-feira. Pelo menos espero conseguir. Mas queria falar consigo sobre outro assunto. Acho que pode ajudar.

– Sim?

– Encontrei duas impressões digitais no cadáver. Nas pálpebras. O corpo tinha sido lavado, por isso não havia lá nada. Mas quem a lavou esqueceu-se das pálpebras. Julgo que o criminoso lhe fechou os olhos.

– Ah... – disse Patrik, fazendo uma pausa para refletir no que acabara de ouvir. – Podia enviar-me essas impressões por *e-mail*? No momento, não temos nada com que compará-las, mas encontrámos impressões digitais no local do crime primário e quero que o Torbjörn Ruud dê uma vista de olhos a ambos os conjuntos.

– Vou já enviá-las – disse Pedersen.

– Obrigado. E obrigado por se ter dado ao trabalho de telefonar. Sei que está verdadeiramente sobrecarregado. Espero que essa enchente acabe depressa.

– Eu também – afirmou Pedersen com um suspiro.

Patrik pousou o telemóvel e olhou com impaciência para o ecrã do computador. Porque é que quanto mais ansiosamente esperávamos por alguma coisa, mais parecia demorar? Mas, por fim, a mensagem de Pedersen chegou pelo servidor de *e-mail* seguro.

Patrik abriu o arquivo em anexo. Duas impressões digitais perfeitas.

Ligou imediatamente a Torbjörn.

– Fala Hedström. Ouça, estou aqui de joelhos a implorar-lhe que me ajude com algumas provas que o Pedersen acaba de encontrar. Havia duas impressões digitais no cadáver da Nea e gostava que as comparasse com as da embalagem do *wafer* de chocolate encontrada no celeiro.

Torbjörn grunhiu.

– Não pode esperar? Queria analisar tudo o que resultou das buscas e depois comparar as impressões digitais com as da base de dados da polícia.

– Compreendo, mas tenho um pressentimento de que as impressões digitais vão coincidir.

Houve silêncio na outra extremidade da linha. Só esperava que Torbjörn estivesse a considerar o pedido.

Por fim, o chefe dos técnicos forenses disse num tom irritado:

– Tudo bem. Envie-mas que eu começo a compará-las o mais depressa possível. *Okay*?

– Obrigado! – disse Patrik. Ia continuar a conversa, mas Torbjörn desligou.

*

– Anna, estás aí? – chamou Erica quando entrou.

Anna estava a falar ao telefone na cozinha. Quando viu a irmã terminou repentinamente a chamada.

– Olá!

Erica olhou-a com suspeição.

– Com quem estavas a falar?

– Com ninguém. Bem, quer dizer... era o Dan – respondeu Anna, corando.

Erica sentiu um nó no estômago. De uma coisa tinha a certeza: Anna não estava a falar com Dan, pela simples razão de que ela própria tinha acabado de falar com ele ao telefone. Teve vontade de confrontar Anna e de lhe perguntar o que andava a esconder, mas também queria mostrar à irmã mais nova que confiava nela. Anna lutara muito para remediar os erros que tinha cometido e todos tinham posto isso para trás das costas. Questionar Anna ou dar-lhe a entender que sabia que estava a mentir ia dar cabo da confiança que tinham construído. A irmã fora tão frágil durante tanto tempo... Agora que parecia estar recomposta, a última coisa que Erica queria era arriscar um retrocesso. Por isso, respirou fundo e deixou as suspeitas de lado. Pelo menos por enquanto.

– Então, como te sentes, pobre mana? – perguntou Anna.

Erica deixou-se cair numa cadeira da cozinha.

– Horrível, mas a culpa é minha. E andarem todos a insistir que estou com péssimo aspeto não tem ajudado.

– Bem, tenho de te dizer que já viste melhores dias – afirmou Anna, lançando a Erica um sorriso irónico e sentando-se à frente dela.

Empurrou um prato de pãozinhos de canela na direção da irmã. Erica olhou para eles enquanto travava uma batalha interna. Mas decidiu que se houvesse um dia em que merecesse um excesso de hidratos de carbono, então esse dia chegara. Além disso, todo o corpo lhe clamava por *pizza*, o que significava uma excursão à Bååthaket nessa noite. Os filhos ficariam felizes. Patrik fingiria protestar, mas lá por dentro ficaria radiante.

Pegou num pãozinho e comeu metade de uma dentada.

– Que foi que disseram sobre a tua teoria de que o Leif não se suicidou?

Anna também comeu um pãozinho e Erica reparou que o alto que o bebé fazia na barriga dava uma excelente bandeja para migalhas.

– Concordaram. O Patrik já tomou providências para que os restos mortais do Leif sejam exumados. Contam fazer isso depois de amanhã.

Anna tossiu.

– Depois de amanhã? Que rápido! Isso é possível? Pensava que havia muita burocracia.

– O Patrik conseguiu que o procurador fizesse um pedido de urgência ao tribunal, portanto, com sorte, vão abrir o túmulo na terça-feira. Com base nesse pressuposto, o Patrik está a tratar de todas as questões práticas. Ou seja, ainda não foi aprovado, mas o procurador achou que não deveria haver problema.

– Suponho que agora já se habituaram a que Patrik lhes peça para desenterrar cadáveres – disse Anna. – Provavelmente têm lá sempre um formulário preenchido em nome dele, por via das dúvidas.

Erica não pôde deixar de sorrir.

– Vai ser interessante ver o que um novo exame vai revelar – disse. – E a família está a apoiar a ideia, o que é excelente.

– Se estivesse no lugar deles faria o mesmo. Se não foi suicídio, a polícia tem de começar a procurar quem quer que o tenha matado.

Enquanto Anna alcançava outro pãozinho, Erica percorreu a cozinha com os olhos. Só agora se apercebera do silêncio que reinava lá em casa.

– Onde estão os miúdos? Puseste-os a dormir uma sesta?

– Não, estão em casa dos vizinhos – explicou Anna. – E o Dan está na praia com os nossos, por isso consigo defender o forte durante mais algum tempo. Porque não te deitas um bocado? Como já te disse, não estás com boa cara.

– Muito obrigada – disse Erica, deitando-lhe a língua de fora.

Mas ficou grata pela sugestão. O corpo estava a dizer-lhe em altos berros que já não tinha vinte anos. No entanto, demorou um pouco a adormecer. Não conseguia deixar de especular sobre quem era o interlocutor de Anna. E porque teria desligado a chamada tão depressa quando ela chegou?

Bohuslän, 1672

A MANHÃ ESTAVA FRESCA E NEBULOSA. ELIN TINHA RECEBIDO AUTORIZAÇÃO PARA SE LAVAR COM UM TRAPO E COM UMA SELHA COM ÁGUA QUE LHE LEVARAM À CELA. TAMBÉM TINHA RECEBIDO UMA TÚNICA BRANCA LAVADA. TINHA OUVIDO RUMORES SOBRE O TESTE A QUE SUBMETIAM AS BRUXAS, MAS NÃO SABIA QUAL O PROCEDIMENTO. SERÁ QUE IAM ATIRÁ-LA DO CAIS E DEIXÁ-LA DESENVENCILHAR-SE O MELHOR QUE PODIA? QUERERIAM QUE MORRESSE AFOGADA? O CADÁVER VIRIA À SUPERFÍCIE NA PRIMAVERA?

OS GUARDAS ESCOLTARAM-NA COM RUDEZA ATÉ À BORDA DO CAIS. REUNIRA-SE UMA MULTIDÃO PARA ASSISTIR E ELIN PERGUNTOU A SI PRÓPRIA SE TINHAM DECIDIDO FAZER AQUILO EM FJÄLLBACKA PARA LHE INFLIGIR A MAIOR HUMILHAÇÃO POSSÍVEL.

QUANDO OLHOU EM REDOR DESCOBRIU MUITOS ROSTOS FAMILIARES. TODA A GENTE PARECIA ESTAR DE BOM HUMOR. EBBA DE MORHULT ESTAVA A POUCOS METROS DE DISTÂNCIA. OS OLHOS BRILHAVAM DE EXPETATIVA.

ELIN AFASTOU-SE DE EBBA, NÃO QUERENDO QUE A MULHER VISSE COMO ESTAVA ASSUSTADA. OLHOU PARA A ÁGUA. ERA TÃO ESCURA E PROFUNDA. AFOGAR-SE-IA SE A LANÇASSEM, DISSO TINHA A CERTEZA. IA MORRER ALI, NO CAIS DE FJÄLLBACKA, ENQUANTO ANTIGOS AMIGOS, ANTIGOS VIZINHOS E ANTIGOS INIMIGOS OBSERVAVAM.

– ATEM-NA – DISSE O MEIRINHO AOS GUARDAS. ELIN OLHOU-O, ALARMADA.

SE ESTIVESSE AMARRADA NÃO TERIA QUALQUER HIPÓTESE NA ÁGUA. IA DESLIZAR ATÉ AO FUNDO E MORRER ENTRE OS CARANGUEJOS E AS ERVAS. GRITOU E TENTOU LIBERTAR-SE, MAS OS GUARDAS ERAM MAIS FORTES E IMOBILIZARAM-NA À FORÇA. ATARAM-LHE OS PÉS COM UMA CORDA GROSSEIRA E DEPOIS AMARRARAM-LHE AS MÃOS POR DETRÁS DAS COSTAS.

ELIN AVISTOU UMA SAIA FAMILIAR MUITO PERTO. ERGUEU A CABEÇA. NO MEIO DA MULTIDÃO ESTAVA BRITTA. E PREBEN. RODAVA DE NOVO O CHAPÉU NAS MÃOS COMO TINHA FEITO QUANDO A VISITARA NA PRISÃO. MAS BRITTA TINHA UM GRANDE SORRISO NO ROSTO ENQUANTO OLHAVA PARA ELIN, QUE ESTAVA PARA ALI DEITADA COM A TÚNICA BRANCA VESTIDA. PREBEN VIROU-SE.

— AGORA VEREMOS SE FLUTUA! — DISSE O MEIRINHO, DIRIGINDO-SE À MULTIDÃO.

ERA ÓBVIO QUE ESTAVA A DESFRUTAR DE TODA AQUELA ATENÇÃO E DOS ÂNIMOS EXALTADOS. QUE QUERIA APROVEITAR A SITUAÇÃO AO MÁXIMO.

— SE FLUTUAR, É SEM DÚVIDA UMA BRUXA. SE SE AFUNDAR, NÃO É, E VAMOS TENTAR PUXÁ-LA PARA FORA.

RIU-SE E OS ESPECTADORES SEGUIRAM-LHE O EXEMPLO. ALI, DEITADA NO CAIS, AMARRADA COM CORDAS QUE LHE CORTAVAM AS MÃOS E OS PÉS, ELIN REZOU A DEUS. ERA A ÚNICA MANEIRA DE MANTER O PÂNICO SOB CONTROLO, MAS A RESPIRAÇÃO ERA RÁPIDA E SUPERFICIAL, COMO SE TIVESSE ANDADO A CORRER. OUVIU UM RUGIDO NOS OUVIDOS.

QUANDO A LEVANTARAM, A CORDA CORTOU-LHE A PELE, FAZENDO-A GRITAR. UM GRITO QUE FOI ABRUPTAMENTE SILENCIADO QUANDO ATERROU NA ÁGUA, QUE INSTANTANEAMENTE LHE ENCHEU A BOCA. A ÁGUA FRIA E SALGADA FOI UM CHOQUE PARA O CORPO E ELIN ESPEROU DESAPARECER SOB A SUPERFÍCIE E AFUNDAR-SE. MAS NADA ACONTECEU. ESTAVA DEITADA DE BRUÇOS, MAS CONSEGUIA ERGUER A CABEÇA PARA RESPIRAR.

EM VEZ DE AFUNDAR-SE, ELIN FLUTUOU. NO CAIS ACIMA DELA, A MULTIDÃO FICOU SEM FÔLEGO. DEPOIS COMEÇARAM A GRITAR TODOS AO MESMO TEMPO.

— BRUXA! — GRITARA ALGUÉM QUE OS OUTROS LOGO IMITARAM. — BRUXA!

MÃOS BRUSCAS PUXARAM-NA PARA FORA DA ÁGUA, MAS ELIN JÁ NÃO GRITAVA. A DOR JÁ NÃO FAZIA PARTE DELA.

— ESTÃO A VER? — GRITOU O MEIRINHO. — FLUTUOU COMO UM CISNE. É UMA BRUXA!

A MULTIDÃO UIVOU. COM GRANDE ESFORÇO, ELIN ERGUEU A CABEÇA. A ÚLTIMA COISA QUE VIU ANTES DE DESMAIAR FOI PREBEN E BRITTA A AFASTAREM-SE. SENTIU EBBA DE MÖRHULT A CUSPIR-LHE PARA CIMA QUANDO DESLIZAVA PARA A INCONSCIÊNCIA.

*

JAMES NÃO ATENDERA O TELEFONE quando lhe ligaram, mas Gösta e Paula decidiram arriscar e ir na mesma a casa dele.

– Oh, aquela velhinha querida vai vender a casa? – perguntou Paula enquanto passavam pela casa vermelha ao lado da estrada de cascalho.

– Velhinha querida? – perguntou Gösta, olhando para a casa e vendo a placa a dizer «Vende-se».

– Sim. Eu e o Martin fomos visitá-la quando andávamos a fazer a ronda pela vizinhança. Tem mais de noventa anos e estava a ver MMA na televisão quando lá passámos.

Gosta riu-se.

– Ei, porque não? Talvez também seja fã da MMA na minha velhice.

– Morando numa zona tão isolada e sem poder sair de casa não deve ser fácil encontrar maneiras de passar o tempo. Disse-nos que passa a maior parte do tempo sentada à janela da cozinha a observar tudo o que acontece lá fora.

– O meu pai fazia o mesmo – disse Gösta. – Porque seria? Será que é uma forma de tentar manter o controlo quando a vida começa a parecer-nos precária?

– Talvez – respondeu Paula. – Mas parece-me um fenómeno sueco. Só vocês é que permitem que os idosos vivam sozinhos. No Chile, isso nunca aconteceria. As pessoas cuidam dos familiares mais velhos até morrerem.

– Isso significa que tu e a Johanna vão ter a tua mãe e o Mellberg a viver convosco durante o resto das vidas deles? – perguntou Gösta com uma risada.

Paula olhou para o colega com horror.

– Vendo as coisas dessa maneira... o modelo sueco parece realmente bastante atraente.

– Calculei que pudesses dizer isso – afirmou Gösta.

Tinham chegado à casa onde Helen e James moravam e Paula estacionou ao lado do carro da família. Helen abriu a porta principal assim que os dois agentes bateram. A expressão permaneceu impassível quando os viu.

– Olá, Helen – disse Gösta. – Gostávamos de falar com o James. O seu marido está em casa?

Gösta pensou ter visto o olhar de Helen vacilar por um momento, mas aquilo aconteceu tão depressa que talvez tivesse imaginado.

– Está a praticar tiro ao alvo nas traseiras.

– Podemos ir até lá sem pôr as nossas vidas em perigo? – perguntou Paula.

– Claro. Mas quando chegarem lá gritem para o avisar. Assim não há problema.

Gösta e Paula encaminharam-se na direção dos disparos espaçados.

– Será que me atrevo a enumerar a quantidade de leis que o James está a violar ao praticar tiro ao alvo aqui? – disse Paula.

Gösta abanou a cabeça.

– Não, por agora é melhor não falarmos nisso. Mas noutra altura temos de dizer-lhe que isto não tem qualquer cabimento.

O som dos tiros era cada vez mais audível à medida que se aproximavam.

Gösta ergueu a voz e chamou:

– James! Estamos aqui. Gösta e Paula, da esquadra de Tanumshede. Não dispare!

Os tiros cessaram. Por via das dúvidas, Gösta gritou novamente:

– James! Por favor, confirme que ouviu que estamos a chegar!

– Sim, ouvi! – gritou James.

Estugaram o passo e logo o avistaram mais à frente. Tinha os braços cruzados. Pousara a pistola sobre o tronco de uma árvore. Mesmo desarmado, havia algo na postura de James que Gösta achava enervante. Talvez fosse o gosto do homem por se vestir como se estivesse num filme de guerra americano.

– Eu sei, eu sei. Não tenho autorização para praticar aqui – disse James, erguendo as mãos.

– É verdade, mas podemos falar sobre isso noutra altura – disse Gösta. – Viemos cá por causa de outro assunto.

– Deixem-me só guardar a minha arma – disse James, pegando na pistola.

– É uma *Colt*? – perguntou Paula.

James assentiu com orgulho.

– Sim. Uma *Colt M1911*. A arma padrão utilizada pelo Exército dos EUA entre 1911 e 1985. Foi utilizada tanto nas guerras mundiais como nas guerras da Coreia e do Vietname. Foi a minha primeira arma. O meu pai ofereceu-ma quando eu tinha sete anos e foi com ela que aprendi a disparar.

Gösta absteve-se de comentar como era inapropriado oferecer uma pistola a uma criança de sete anos. Mas achou que James não ia compreender.

– Ensinou o seu filho a disparar? – perguntou.

– Sim, o meu filho é um excelente atirador – respondeu James enquanto cuidadosamente, quase com ternura, devolvia a arma ao estojo. – Além disso não tem jeito para mais nada. Mas sabe disparar. Por acaso tem praticado quase todos

os dias. Daria um bom atirador de elite, só que é demasiado fraco para passar nos testes físicos do Exército.

Gösta lançou um olhar sub-reptício a Paula. A expressão da colega revelou o que pensava do modo como James falara do próprio filho.

– Então, o que se passa? – perguntou James, pondo o estojo da arma no chão.

– Tem que ver com o Leif Hermansson.

– O agente que tramou a minha mulher por causa daquele homicídio? – perguntou James, franzindo a testa. – Porque querem falar sobre ele?

– Que quer dizer com «tramar»? – perguntou Paula.

James esticou-se e cruzou novamente os braços, o que os fez parecer gigantescos.

– Olhe, não estou a dizer que o agente fez nada ilegal, mas esforçou-se mesmo muito para provar que a minha mulher era culpada de um homicídio que não cometeu. E não me parece que tenha seriamente tido em conta qualquer outra opção.

– Parece que começou a ter dúvidas no fim da vida – disse Paula. E temos motivos para acreditar que entrou em contacto consigo no dia em que morreu. Lembra-se de alguma coisa sobre isso?

James abanou a cabeça.

– Foi há muito tempo, mas não me lembro de ter contactado com ele nesse dia. Tínhamos muito pouco que ver um com o outro. Porque haveríamos de ter falado?

– Pensamos que poderá ter sido o Leif a procurá-lo – respondeu Gösta – para conseguir chegar à Helen. Suponho que a sua mulher não estaria propriamente disposta a falar com ele.

– Lá nisso tem razão – disse James. – Se o agente quisesse falar com ela, provavelmente teria sido mais fácil passar por mim. Mas nunca fez tal coisa. E não tenho a certeza de como teria lidado com isso. Tinham passado muitos anos e estávamos a tentar pôr tudo aquilo para trás das costas.

– Deve ser difícil, dada a situação atual – disse Paula, estudando a expressão de James.

O marido de Helen olhou-a calmamente nos olhos.

– Sim. É uma tragédia. Mas é muito pior para a família da menina do que para nós. Seria presunçoso queixarmo-nos, embora seja obviamente tentador fazê-lo por causa de toda a atenção mediática. Têm aparecido jornalistas cá em casa. Mas não voltarão.

James sorriu maliciosamente.

Gösta decidiu não perguntar porquê. Estava inclinado a pensar que os jornalistas só se podiam culpar a si próprios. Estavam a ficar cada vez mais intrusivos e muitas vezes ultrapassavam os limites da decência.

– *Okay*. De momento não temos mais nada para lhe perguntar – disse Gösta, olhando para Paula, que concordou com a cabeça.

– Se me lembrar de alguma coisa, ligo-vos – disse cordialmente James.

Apontou para a casa que era visível através das árvores.

– Acompanho-vos à saída.

Avançou à frente e Gösta e Paula trocaram olhares. Era óbvio que a colega também não acreditara numa palavra do que James dissera.

Ao passarem pela casa, Gösta olhou para uma janela no segundo andar. Um adolescente observava-os com ar inexpressivo. Algo no cabelo pintado de preto e em toda a maquilhagem em torno dos olhos fazia com que parecesse um fantasma. Gösta estremeceu e o rapaz desapareceu.

*

Quando Marie chegou a casa, Jessie estava sentada no cais. Tinha besuntado o rosto e o corpo com a loção que encontrara na casa de banho. Coisas caras, sem dúvida. A pele ainda estava vermelha como um tomate, mas não sentia tanta comichão. Jessie desejava ter encontrado algum tipo de loção para a alma. Ou para o que quer que se tenha quebrado dentro dela.

Lavara o baixo ventre várias vezes, mas ainda parecia suja. E repugnante. Deitou fora a roupa pertencente à mãe de Basse. Agora vestia uma *T-shirt* velha e umas calças de treino. Olhava fixamente para o sol da tarde. Marie aproximou-se e ficou atrás dela.

– Que fizeste à cara?

– Escaldão – respondeu secamente.

Marie assentiu.

– Bem, se calhar um pouco de sol é bom para as borbulhas.

Depois voltou para dentro. Nem uma palavra sobre o facto de Jessie não ter dormido em casa na noite anterior. Será que tinha sequer reparado? Provavelmente não.

Sam tinha sido maravilhoso. Oferecera-se para ir até casa com ela e passar lá a noite. Mas Jessie precisava de ficar sozinha por um tempo. Precisava de ficar sentada nalgum sítio e de sentir o ódio a crescer dentro dela. Estava a guardá-lo. De certa forma parecia libertador, ceder finalmente e odiar sem restrições.

Durante todos aqueles anos lutara contra aquilo, não querendo acreditar no pior das pessoas. Tinha sido tão ingénua.

Durante todo o dia o telemóvel fora inundado de sms. Não conseguia perceber como é que tinham conseguido o número dela. Mas provavelmente tinha sido partilhado com todas as fotos. Apenas abrira a primeira e depois carregara em «delete» sempre que chegavam mais mensagens. Eram todas iguais. Puta. Vaca. Porca. Gorda.

Sam recebera as mesmas mensagens. E as mesmas fotografias. Tinham começado a chegar enquanto removia as últimas palavras do corpo dela. Guardara o telemóvel e beijara-a. A princípio, Jessie afastara-se. Sentia-se tão nojenta, tão suja. Sabia que o hálito devia estar a tresandar a vômito, apesar de ter lavado os dentes na casa de banho dos pais de Basse. Mas Sam não se importou. Deu-lhe um longo beijo e Jessie sentiu a ardente espiral de ódio a surgir entre eles. Partilhavam-na.

A questão era, o que deviam fazer agora?

Quando o Sol começou a ficar vermelho, Jessie ergueu o rosto para o brilho. Dentro de casa ouviu Marie a abrir uma garrafa de champanhe. Continuava tudo exatamente na mesma. No entanto, tudo tinha mudado.

*

Patrik ia na terceira chávena de café desde que conversara com Torbjörn Ruud. O chefe dos técnicos forenses ainda não voltara a dar sinais de vida.

Suspirou e olhou para o corredor, vendo Martin a aproximar-se lentamente com uma chávena na mão.

– Pareces um bocado cansado – disse, e Martin parou.

Patrik já tinha reparado na reunião da manhã, mas não quisera dizer nada a Martin à frente dos outros. Sabia que o colega tinha dificuldade em dormir desde que Pia morrera.

– Oh, eu estou bem – disse Martin, entrando no gabinete de Patrik.

Patrik teve um sobressalto. Martin estava a corar.

– O que é que não estás a dizer-me? – perguntou, recostando-se na cadeira da secretária.

– É que... – gaguejou Martin, olhando para os sapatos.

Parecia estar com dificuldade em decidir em que pé devia apoiar-se.

Patrik estudou-o com ar divertido.

– Senta-te e conta-me tudo. Como é que ela se chama?

Martin sentou-se e lançou-lhe um sorriso envergonhado.

– Chama-se Mette.

– E? – insistiu Patrik.

– Está separada do marido. Tem um filho de um ano. É norueguesa e é assistente financeira num escritório em Grebbestad. Tivemos o nosso primeiro encontro ontem, mas não tenho a certeza do que vai acontecer a seguir.

– A julgar pelo teu ar exausto, parece que o encontro não correu lá muito mal – disse Patrik, sorrindo.

– Bem, quer dizer...

– Como é que se conheceram?

– No parque infantil – disse Martin, contorcendo-se na cadeira.

Patrik decidiu deixar o colega em paz e não fazer mais perguntas.

– Fico contente por teres uma nova namorada – disse. – E que pelo menos estejas aberto à possibilidade de conhecer alguém. O que tiver de acontecer, acontece. E não há nada de mal nisso. Ninguém poderá nunca substituir a Pia. Vai ser uma coisa diferente.

– Eu sei – disse Martin, fixando novamente os olhos nos sapatos. – Por acaso acho que estou pronto.

– Então está tudo bem.

O telefone começou a tocar e Patrik ergueu um dedo para indicar a Martin que ficasse.

– Bem, tinha razão, Hedström – resmungou Torbjörn.

– Como assim? As impressões digitais são da mesma pessoa?

– Sem dúvida. Mas consultei a base de dados e, infelizmente, não houve correspondência. Comparei-as igualmente com as impressões digitais dos pais e também não correspondiam.

Patrik suspirou. Porque é que se tinha convencido de que aquilo ia ser fácil? Mas, mesmo que não servisse para mais nada, pelo menos já podiam excluir os pais de Nea.

– Pelo menos agora temos algo com que trabalhar. Obrigado.

Desligou a chamada e olhou para Martin.

– As impressões digitais encontradas em Linnea coincidem com as da embalagem do *wafer*.

Martin ergueu as sobrancelhas.

– Então vamos ver se estão na base de dados.

Patrik abanou a cabeça.

– O Torbjörn já verificou e não encontrou nenhuma correspondência.

Nunca acreditara que o assassino tivesse escolhido a vítima aleatoriamente. Aquilo parecia mais deliberado, mais pessoal. E os paralelismos com o caso Stella eram impossíveis de ignorar. Não, não estava surpreso por não terem encontrado a pessoa a quem pertenciam as impressões digitais na base de dados da polícia.

– Há várias pessoas que devíamos investigar – disse Martin, fazendo depois uma pausa. – Não gosto de dizer isto, mas os pais da menina, por exemplo. E...

– E a Helen e a Marie – completou Patrik. – Sim, acredita que pensei nisso, mas temos de fundamentar muito bem as nossas suspeitas para solicitar as impressões digitais das duas. Pedimos as impressões do Peter e da Eva quando falámos com eles sobre o celeiro e Torbjörn já verificou. Não coincidem.

– Mas não temos as impressões digitais da Helen e da Marie na base de dados? perguntou Martin. – Da investigação anterior?

Patrik abanou a cabeça.

– Não. Eram menores quando o homicídio foi cometido. Nunca foram condenadas e as impressões digitais não estão na base de dados. Mas sem dúvida que gostava de fazer uma comparação. Sobretudo agora que o álibi de Marie se esfumou. E o simples facto de nos ter mentido faz-me pensar...

– Sim, concordo. Há qualquer coisa que não bate certo – disse Martin. – A propósito, soubeste alguma coisa do Gösta e da Paula?

– Sim. A Paula telefonou. O James garante que nunca teve qualquer contacto com o Leif. O Gösta e a Paula não ficaram convencidos de estar a dizer a verdade.

– Mas sem nada em concreto não podemos insistir nesse ponto.

– Exatamente – disse Patrik.

– Esperemos que o Leif tenha alguns segredos para nos contar. Quando iremos saber o resultado do pedido de exumação?

– Amanhã de manhã – respondeu Patrik. – Enquanto isso, hoje não há mais nada que possamos fazer, portanto, vamos dormir. Se pusermos os cérebros a trabalhar, talvez possamos descobrir qual é a melhor maneira de utilizar estas informações.

Pegou nas folhas impressas e colocou-as numa mica que depois enfiou na pasta.

– Então, combinaste encontrar-te outra vez com essa tal Mette?

– Hoje à noite – respondeu Martin. – O filho vai ficar com o ex-marido durante dois dias, por isso aproveitamos para...

– Boa! Mas tenta dormir um bocado mais esta noite – disse Patrik, pondo o braço em volta dos ombros de Martin quando saíram da sala juntos.

Estava quase a sair da esquadra quando Annika os chamou. Viraram-se e viram a secretária com o telefone numa mão e a apontar para ele com a outra.

– É do hospital. Têm estado a tentar falar contigo.

Patrik olhou de relance para o telemóvel e viu que tinha perdido três chamadas do mesmo número.

– Que querem? – perguntou, mas Annika limitou-se a fazer-lhe sinal para ir atender a chamada.

Entregou-lhe o telefone. Patrik ouviu, respondeu com breves comentários e depois desligou. Virou-se para Annika e para Martin, que estavam tensamente à espera.

– A Amina morreu há duas horas – disse Patrik. Foi preciso muito esforço para manter a voz firme. – O que aconteceu no centro de acolhimento de refugiados já não vai ser apenas investigado como presumível fogo posto criminoso. Agora é um caso de homicídio.

Virou-se e dirigiu-se ao gabinete de Mellberg. Tinham de perguntar a Karim o que fazer com as crianças. A mãe morrera. E alguém tinha de lhes dizer.

*

Podiam ouvir o som abafado de uma televisão no andar de cima. Khalil olhou para Adnan, que estava a limpar as lágrimas. Tinham pedido para continuar a partilhar o mesmo apartamento, o que fora fácil. A câmara municipal queria que o maior número possível de pessoas partilhasse os espaços disponíveis, para que houvesse alojamento temporário suficiente para todos os que precisavam.

Por isso, ali estavam eles. Num pequeno quarto numa cave escura de uma casa construída nos anos 50. Cheirava a mofo e era atarracado. Mas a dona da casa era simpática. E convidara-os para jantar. Tinha sido agradável, embora não soubessem muitas palavras em comum e a comida, a que chamara carne de carneiro com molho de endro, tivesse um sabor bastante estranho.

Depois do jantar, o telemóvel tocou e a seguir ligaram a outros amigos na esperança de encontrar consolo junto deles. A bela, alegre e temperamental Amina estava morta.

Adnan limpou novamente as lágrimas.

– Podemos ir visitar o Karim? Talvez o Bill nos possa dar boleia.

Khalil seguiu o olhar vazio de Adnan. Estava a fitar o tapete manchado que ia de uma parede à outra. Esfregou algumas manchas com a ponta do sapato. Pareciam antigas. Parecia que ninguém morava ali há muito tempo.

– O Karim não pode receber visitas tão tarde – explicou Khalil. – Talvez amanhã.

Adnan entrelaçou as mãos e suspirou.

– Tudo bem, vamos lá amanhã.

– Achas que contaram às crianças?

A voz de Khalil ecoou pelas frias paredes de pedra.

– Acho que vão deixar que seja o Karim a contar-lhes.

– Se ele conseguir.

Adnan esfregou o rosto.

– Como é que uma coisa destas pôde acontecer?

Khalil não sabia se a pergunta lhe era dirigida a ele ou a Deus.

A Suécia. Aquele país rico e livre.

– Há muita gente que nos tem tratado bem – disse. – Pessoas como o Bill. O Bill e a Gun. E o Rolf. E o Sture. Não devemos esquecer isso.

Não conseguiu olhar para Adnan quando disse aquilo. Esfregou as manchas do tapete com mais força com a ponta do sapato.

– Têm-nos um ódio tão grande – disse Adnan. – Não compreendo porquê. Tentam queimar-nos vivos à noite, mesmo que não lhes tenhamos feito nada. E não, não me esqueci do que estás sempre a dizer-me: «Têm medo.» Mas se alguém lança uma coisa a arder para dentro de uma casa à espera que a família lá dentro seja queimada viva só porque veio de um país diferente, isso não é ter medo. É outra coisa.

– Estás arrependido de ter vindo para cá? – perguntou Khalil.

Adnan ficou em silêncio por tanto tempo que Khalil sabia que o amigo estava a pensar no primo que tinha sido morto a tiro, e no tio cuja perna ficara desfeita numa explosão. Às vezes gritava os nomes deles à noite.

Devia ter sido uma pergunta de resposta fácil. Mas, depois do que tinha acontecido a Amina, já não era.

Adnan engoliu em seco.

– Não, não me arrependo. Não havia alternativa. Mas cheguei à conclusão de uma coisa.

– O quê? – perguntou Khalil, ali sentado na obscuridade com o amigo.

– Agora sei que nunca terei um lar.

No andar de cima, o volume da música alegre na televisão aumentou um pouco.

Bohuslän, 1672

ELIN MOVIA-SE COMO UMA SONÂMBULA ENQUANTO ERA CONDUZIDA AO TRIBUNAL. AINDA NÃO CONSEGUIA COMPREENDER COMO CONSEGUIRA FLUTUAR DURANTE O TESTE DA ÁGUA. TODOS OS BANCOS DA SALA ESTAVAM CHEIOS E ELIN APERCEBEU-SE DE QUE HAVIA DECERTO MUITAS OUTRAS PESSOAS QUE QUERIAM ASSISTIR E NÃO CONSEGUIRAM ENTRAR.

O MEIRINHO DISSERA-LHE QUE SERIA LEVADA A TRIBUNAL, MAS QUE SIGNIFICAVA ISSO? HAVIA ALGUMA MANEIRA DE A SUA VIDA PODER SER POUPADA? HAVIA ALGUÉM QUE PUDESSE SALVÁ-LA?

ESTAVA SENTADA MESMO À FRENTE. TODOS TINHAM O OLHAR CRAVADO NELA, FAZENDO-A SENTIR-SE AINDA MAIS HUMILHADA. TODOS AQUELES OLHARES CURIOSOS, ASSUSTADOS E REPLETOS DE ÓDIO. BRITTA TAMBÉM ESTAVA PRESENTE, MAS ELIN NÃO SE ATREVEU A OLHAR NA DIREÇÃO DA IRMÃ.

O JUIZ BATEU COM O MARTELO PARA SILENCIAR AS VOZES MURMURANTES. ELIN OLHOU PARA OS HOMENS SOLENES DIANTE DELA. RECONHECEU APENAS LARS HIERNE. OS OUTROS ERAM ESTRANHOS E, POR ISSO, AINDA MAIS ASSUSTADORES.

– ESTAMOS AQUI HOJE PARA DETERMINAR SE ELIN JONSDOTTER É UMA BRUXA. VIMO-LA FLUTUAR E RECEBEMOS UMA SÉRIE DE DECLARAÇÕES SOBRE OS SEUS ATOS, MAS ELIN JONSDOTTER TAMBÉM TEM O DIREITO DE CONVOCAR TESTEMUNHAS ABONATÓRIAS PARA FALAR EM SUA DEFESA. DESEJA CHAMAR ALGUÉM?

ELIN OLHOU DE RELANCE PARA AS PESSOAS SENTADAS NOS BANCOS. VIU AS CRIADAS DA QUINTA E VIZINHOS DE FJÄLLBACKA. VIU BRITTA E PREBEN E TODAS AS MULHERES E HOMENS QUE TINHA AJUDADO QUANDO SOFRIAM DE DORES DE DENTES, DOR DE CABEÇA, MÁGOAS DE AMOR E OUTRAS MALEITAS. COM OLHOS SUPLICANTES, ELIN OLHOU PARA ELES, UM A UM, MAS TODOS SE VIRARAM. NINGUÉM SE LEVANTOU. NINGUÉM DISSE UMA PALAVRA.

NINGUÉM VIRIA EM SUA DEFESA.

FINALMENTE, VIROU-SE PARA OLHAR PARA BRITTA, QUE TINHA UM SORRISO NOS LÁBIOS ENQUANTO DESCANSAVA AS MÃOS NA BARRIGA, QUE AINDA NÃO ERA MUITO GRANDE. PREBEN ESTAVA SENTADO AO LADO DELA. BAIXOU A CABEÇA, FAZENDO COM QUE OS CABELOS LOUROS LHE CAÍSSEM PARA OS OLHOS. COMO ADORAVA O

CABELO DELE, QUE COSTUMAVA ACARICIAR QUANDO FAZIAM AMOR. AMARA-O. AGORA JÁ NÃO SABIA O QUE SENTIA. UMA PARTE DELA LEMBRAVA-SE DO AMOR QUE SENTIRA POR PREBEN. OUTRA ODIAVA-O. UMA PARTE SENTIA UM ÓDIO PROFUNDO PELA FRAQUEZA DELE. PREBEN IA AONDE QUER QUE O VENTO O LEVASSE E CEDIA À MAIS PEQUENA RESISTÊNCIA. DEVIA TER PERCEBIDO ISSO, MAS AQUELES OLHOS BONDOSOS E A PREOCUPAÇÃO DE PREBEN COM A FILHA CEGARAM-NA. PERMITIRA-SE SONHAR E PREENCHER OS ESPAÇOS EM BRANCO EM VEZ DE SE APERCEBER DE QUE FALTAVA ALGUMA COISA. E AGORA TERIA DE PAGAR O PREÇO.

– COMO NINGUÉM SE APRESENTOU COMO TESTEMUNHA ABONATÓRIA DE ELIN JONSDOTTER, CHAMAREMOS AGORA AQUELES QUE PODEM PRESTAR TESTEMUNHO SOBRE OS SEUS ATOS. A PRIMEIRA PESSOA É EBBA DE MÖRHULT.

ELIN BUFOU. NÃO ESTAVA SURPREENDIDA. SABIA QUE EBBA ESTIVERA À ESPERA DE UMA OPORTUNIDADE DE SE VINGAR, COMO UMA ARANHA GORDA ESPERA POR UMA MOSCA. NÃO SE DIGNOU A OLHAR PARA EBBA QUANDO A MULHER OCUPOU O SEU LUGAR NO BANCO DAS TESTEMUNHAS.

DEPOIS DE EBBA TER PRESTADO JURAMENTO, AS PERGUNTAS COMEÇARAM. APERALTOU-SE, ABANANDO AS MÃOS ENQUANTO FALAVA.

– A PRIMEIRA COISA EM QUE REPARÁMOS FOI QUE A ELIN CONSEGUIA FAZER COISAS QUE UM SER HUMANO NÃO DEVERIA SER CAPAZ DE FAZER. AS MULHERES DA REGIÃO CORRIAM PARA ELA COM TODO O GÊNERO DE PROBLEMAS, COMO PÉS DORIDOS E DORES DE ESTÔMAGO. E AS RAPARIGAS ESTAVAM CONSTANTEMENTE A PEDIR A ELIN PARA AS AJUDAR A ATRAIR RAPAZES. MAS VI LOGO QUE ALI HAVIA GATO. NÃO É DA NATUREZA DOS SERES HUMANOS CONTROLAR TAIS ASSUNTOS. NÃO, ISSO É OBRA DO DIABO. MAS ALGUÉM ME QUIS DAR OUVIDOS? NÃO. CONTINUARAM A CORRER PARA AQUELA MULHER A PROCURAR AJUDA PARA OS PROBLEMAS QUE TINHAM. E ELA DAVA-LHES INFUSÕES E POÇÕES E FAZIA LONGOS ENCANTAMENTOS. COISAS QUE UMA MULHER TEMENTE A DEUS NUNCA SABERIA FAZER.

OLHOU EM REDOR. MUITOS DOS ESPECTADORES CONCORDARAM, ATÉ MESMO ALGUNS QUE TINHAM ACEITADO DE BOM GRADO A AJUDA DE ELIN.

– ENTÃO E OS ARENQUES? – PERGUNTOU HIERNE, INCLINANDO-SE PARA EBBA, QUE ASSENTIU ANSIOSAMENTE.

– QUANDO OS ARENQUES DEIXARAM DE APARECER, SOUBE QUE TINHA SIDO A ELIN A RESPONSÁVEL.

– A RESPONSÁVEL? – PERGUNTOU HIERNE. – O QUE QUER DIZER COM ISSO?

– UMA NOITE VI-A PÔR ALGUMA COISA NA ÁGUA. E TODOS SABEM QUE, SE SE PUSER COBRE NA ÁGUA, OS ARENQUES MANTÊM-SE AFASTADOS.

– MAS QUE MOTIVO TERIA A ELIN PARA FAZER UMA COISA DESSAS? ELA E O FALECIDO MARIDO VIVIAM DA PESCA.

– ISSO SÓ MOSTRA COMO A ELIN É MÁ, O FACTO DE ARRISCAR QUE A PRÓPRIA FAMÍLIA MORRESSE À FOME SIMPLEMENTE PORQUE ESTAVA ZANGADA CONNOSCO. DISCUTIU COM ALGUMAS DAS MULHERES DOS TRIPULANTES DE PER UM DIA ANTES DE OS ARENQUES DEIXAREM DE APARECER. DEPOIS DISSO, TUDO CORREU MAL NA PESCA AO ARENQUE.

– E O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA? O QUE ACONTECEU NAQUELE DIA EM QUE SAIU DE CASA DO CASAL DEPOIS DE INFORMAR QUE O BARCO DO PER SERIA CONFISCADO PELO ESTADO PORQUE O PER TINHA CONTRABANDEADO ILEGALMENTE UM BARRIL DE SAL DA NORUEGA?

– OUVI DIZER QUE AMALDIÇOOU O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA QUANDO ELE PARTIU. LANÇOU PRAGAS NAS COSTAS DELE QUE SÓ O PRÓPRIO DIABO LHE PODIA TER POSTO NA BOCA. NINGUÉM COM DEUS NO CORAÇÃO PROFERIRIA AS PALAVRAS QUE PROFERIU. E ENTÃO, A CAMINHO DE CASA...

EBBA FEZ UMA PAUSA. A MULTIDÃO ESPEROU, CONTENDO A RESPIRAÇÃO.

– O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA VAI CONTAR AO TRIBUNAL O QUE LHE ACONTECEU – DISSE HIERNE. – MAS PRIMEIRO VAMOS DEIXAR A EBBA FALAR SOBRE ISSO.

– A CAMINHO DE CASA, FOI DERRUBADO DO CAVALO E CAIU NUMA VALA. SOUBE IMEDIATAMENTE QUE FORA A ELIN A FAZER AQUILO

– OBRIGADO, EBBA. COMO REFERI, TAMBÉM OUVIREMOS O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA HENRIK MEYER – HIERNE ACLAROU A VOZ. – ISTO LEVA-NOS AGORA À MAIS GRAVE ACUSAÇÃO CONTRA ELIN JONSDOTTER, QUE UTILIZOU A SUA FEITIÇARIA PARA FAZER AFUNDAR O BARCO DO MARIDO.

ELIN ARFOU EM BUSCA DE AR E ENCAROU EBBA DE MÖRHULT. SABIA QUE NÃO TERIA AUTORIZAÇÃO PARA FALAR A MENOS QUE FOSSE DIRETAMENTE ABORDADA, MAS NÃO CONSEGUIU CONTER-SE.

– MAS TU ENLOQUECESTE, EBBA?! ESTÁS A ACUSAR-ME DE AFUNDAR O BARCO DE PER? COM TODA A TRIPULAÇÃO DELE? ISSO É UMA LOUCURA!

– SILÊNCIO, ELIN JONSDOTTER! – RUGIU HIERNE.

EBBA DE MÖRHULT APERTOU O PEITO COM UMA DAS MÃOS E SERVIU-SE DA OUTRA PARA ABANAR O ROSTO COM UM LENÇO.

ELIN BUFOU PERANTE AQUELA ATUAÇÃO.

— IGNORE A ACUSADA — DISSE HIERNE, PONDO A MÃO NO BRAÇO DE EBBA PARA A TRANQUILIZAR. — POR FAVOR CONTINUE.

— BEM, A ELIN ESTAVA TERRIVELMENTE IRRITADA COM O MARIDO, O PER. ESTAVA COM RAIVA DELE POR CAUSA DO BARRIL DE SAL E PORQUE O PER QUERIA SAIR COM O BARCO PARA O MAR. OUVI-A DIZER QUE, SE SAÍSSE, PODIA MORRER.

— CONTE-NOS O QUE ACONTECEU DEPOIS — PEDIU HIERNE.

TODOS SE INCLINARAM PARA A FRENTE. NÃO SABIAM QUANDO VOLTARIAM A TER TÃO BOM ENTRETÉM.

— FORAM PARA O MAR EM PLENA TEMPESTADE E EU VI UMA POMBA A VOAR SOBRE ELES. ERA A ELIN. DE ALGUMA FORMA CONSEGUI RECONHECÊ-LA, MESMO QUE NÃO ESTIVESSE NA FORMA HUMANA. QUANDO VOOU ATRÁS DO BARCO, EU SOUBE QUE O MEU MARIDO NÃO VOLTARIA PARA CASA. E FOI EXATAMENTE ISSO QUE ACONTECEU.

SOLUÇOU ALTO E ASSOOU O NARIZ AO LENÇO.

— ERA UM MARIDO TÃO BOM, UM PAI MARAVILHOSO PARA OS NOSSOS CINCO FILHOS... E AGORA JAZ LÁ NO FUNDO, COMIDO PELOS PEIXES PORQUE AQUELA... AQUELA BRUXA ESTAVA ZANGADA COM O MARIDO!

APONTOU PARA ELIN, QUE SÓ CONSEGUIA ABANAR A CABEÇA. ERA DEMASIADO IRREAL. COMO UM PESADELO. A QUALQUER MOMENTO IA ACORDAR. MAS ENTÃO VIU NOVAMENTE BRITTA E O SORRISO SATISFEITO NO ROSTO DA IRMÃ. E VIU A CABEÇA INCLINADA DE PREBEN.

ENTÃO SOUBE QUE AQUELA TRAGÉDIA ERA REAL.

— FALE-NOS DA ABOMINAÇÃO — DISSE HIERNE.

ELIN SENTIU NÁUSEAS. NÃO HAVERIA NADA QUE FOSSE SAGRADO?

— DEVE TER FICADO GRÁVIDA DEPOIS DE SE TER DEITADO COM O DEMÓNIO — DISSE EBBA. UM SUSPIRO ATRAVESSOU A MULTIDÃO. — POR ISSO FOI TER COM A MINHA IRMÃ PARA SE LIVRAR DA ABOMINAÇÃO. EU PRÓPRIA A VI. QUANDO ENTREI NO QUARTO, VI-A NUM BALDE DE LIXO AO PÉ DA PORTA. NÃO SE PARECIA DE TODO COM UMA CRIANÇA. ERA A IMAGEM DO PRÓPRIO DIABO, TÃO FEIA E DESFIGURADA QUE ME DEU VOLTAS AO ESTÔMAGO.

VÁRIAS MULHERES GRITARAM. OUVIR FALAR DE ALGUÉM QUE SE DEITARA COM O DIABO E QUE DEPOIS DERA À LUZ A SUA SEMENTE ESTAVA ALÉM DE QUALQUER COISA QUE JÁ TINHAM TESTEMUNHADO.

— A IRMÃ DA EBBA FOI A PARTEIRA DESSA ABOMINAÇÃO E TAMBÉM OFERECERÁ O SEU TESTEMUNHO SOBRE O QUE ACONTECEU — DISSE HIERNE, ASSENTINDO.

ESTAVAM ALI A SER DISCUTIDOS ASSUNTOS SÉRIOS E HIERNE FAZIA UM GRANDE ESFORÇO PARA SE ASSEGURAR DE QUE APRESENTAVA UMA POSTURA ADEQUADA À

GRAVIDADE DA OCASIÃO.

ELIN ABANOU A CABEÇA. AS MÃOS TREMIAM-LHE QUANDO AS ENTRELAÇOU NO COLO. O PESO DAQUELAS ACUSAÇÕES FÊ-LA INCLINAR A CABEÇA NA DIREÇÃO DAS LARGAS PRANCHAS DE MADEIRA DO CHÃO. NO ENTANTO, NÃO FAZIA IDEIA DO QUE MAIS A ESPERAVA.

*

JÁ SE TINHAM PASSADO DOIS DIAS enquanto esperavam com crescente frustração. Mesmo que a investigação estivesse paralisada, Gösta continuava a ter muito trabalho. As informações tinham continuado a chegar, sobretudo porque os jornais não se tinham limitado a publicar manchetes em letras garrafais sobre o caso de homicídio; também tinham posto cartazes com molduras negras sobre a morte de Amina nas bancas. Isto conduziu a um debate rancoroso sobre a política de refugiados na Suécia. Ambos os lados tentaram servir-se do incêndio criminoso e da morte de Amina para apoiar a sua argumentação. Uma facção alegava que o fogo fora o resultado da propaganda repleta de ódio e da atitude hostil adotadas pelo partido dos Amigos da Suécia em relação aos refugiados. O outro lado argumentava que o incêndio resultara da frustração sentida pelo povo sueco por causa de uma política de refugiados insustentável. E alguns insistiam que tinham sido os próprios refugiados a atear o fogo.

Gösta estava enojado com aquele debate. Na sua opinião, a política de refugiados e a questão da imigração deviam obviamente ser examinadas e debatidas, e certamente que podiam ser feitas melhorias. Não resultaria abrir completamente as fronteiras e receber uma torrente interminável de pessoas. Tinha de haver uma infraestrutura montada para integrar os imigrantes na sociedade sueca. Com isso conseguia concordar. Mas a retórica dos Amigos da Suécia e dos apoiantes do partido indignavam-no quando culpavam os imigrantes pelo problema, tornando-os vilões por terem ido para a Suécia.

Tinham chegado várias maças podres e a polícia não podia ignorá-lo. Mas a esmagadora maioria das pessoas que ali tinham chegado queria simplesmente salvar a própria vida e a vida das famílias. Queria construir uma vida melhor num novo país. Apenas o desespero faria alguém deixar a terra natal e tudo o que lhe era querido, sabendo que poderia não conseguir regressar. Gösta não podia deixar de se interrogar como se teriam comportado todos os suecos que agora se queixavam dos refugiados que cruzavam as fronteiras e sobrecarregavam os recursos do país se uma guerra rebentasse na Suécia e os próprios filhos ficassem em perigo. Não fariam igualmente tudo o que pudessem para salvar as respetivas famílias?

Suspirou e pousou o jornal. Annika deixava sempre os diários na mesa da cozinha, porém, muitas vezes Gösta não suportava fazer mais do que dar uma

vista de olhos às más notícias. No entanto, a polícia tinha realmente de ficar de olho no que ia sendo escrito sobre o caso de homicídio. Especulações e falsas declarações já tinham prejudicado muitas investigações criminais.

Paula entrou na cozinha, parecendo mais cansada do que o normal.

Gösta lançou-lhe um olhar compassivo.

– Os filhos do Karim estão a passar um mau bocado, não é?

Paula assentiu, serviu-se de café e sentou-se à frente do colega.

– Sim. Não conseguem parar de chorar. E acordam durante a noite com pesadelos. A minha mãe levou-os ao hospital para que o Karim pudesse contar-lhes o que aconteceu à Amina e não sei como é que conseguiu aguentar. Mas tem sido incrível e estamos a tratar de tudo para que o Karim e os filhos possam alugar um apartamento no nosso prédio quando o pai tiver alta. O apartamento ao lado do nosso está vazio há algum tempo, por isso acho que seria uma boa opção. O único problema é que a câmara municipal acha que o aluguer é demasiado alto, por isso teremos de esperar para ver o que acontece.

Paula abanou a cabeça.

– Ouvi dizer que ontem correu bem – disse. – Quer dizer, a exumação.

– Sim, foi feita de forma digna, dadas as circunstâncias. Agora só estamos à espera dos resultados. Mas a bala da primeira autópsia ainda não foi encontrada. Não foi sequer mencionada no relatório. Analisaram todo o material que foi guardado, que não era muito, mas da bala nem sinal. As provas devem ser guardadas durante setenta anos. Quem me dera que tivessem cumprido os regulamentos.

– Não sabemos porque não conseguem encontrar a bala – disse diplomaticamente Paula. – Mas ninguém suspeitava de homicídio naquela época. A morte do Leif foi considerada um suicídio, pura e simplesmente.

– Não interessa. As provas não deviam desaparecer – concluiu Gösta.

No entanto, sabia que estava a ser injusto. Faziam um trabalho incrível no Instituto de Medicina Legal de Gotemburgo e no laboratório forense. Mesmo com um orçamento muito reduzido e sempre com demasiado trabalho em mãos. Mas a bala perdida era mais uma frustração naquela investigação que continuava a conduzir a becos sem saída. Estava convencido de que a morte de Leif Hermansson, que agora se supunha ser um homicídio, estava relacionada com o caso Stella. Só queria que em breve conseguissem encontrar algo que provasse essa teoria.

– Calculo que não houve nenhum progresso na localização do jovem garanhão da Marie?

Gösta pegou num biscoito *Ballerina* e separou-o cuidadosamente em duas partes antes de lambe-lo o recheio de chocolate.

– Acertaste. Falámos com muita gente que estava no Stora Hotel, mas ninguém viu nada. E o realizador de cinema confirmou que passou a noite com a maquilhadora e não com a Marie. Afirmo que a Marie lhe implorou para que mentisse porque sabia que seria suspeita se não tivesse um álibi, e que também lhe falou no jovem misterioso. Mas o realizador não os viu juntos naquela noite.

– Bem, duvido seriamente que o tipo exista – disse Gösta.

– Se assumirmos que a Marie está a mentir... Porque faria isso? E se tiver alguma coisa que ver com o homicídio da menina... Porquê? Qual o motivo?

Foram interrompidos quando o telemóvel de Paula tocou.

– Ah, olá, Dagmar – disse Paula, lançando um olhar confuso ao colega.

Escutou atentamente. A seguir, Gösta viu o rosto da colega iluminar-se.

– Não, por amor de Deus, não tem importância ter-se esquecido. O importante é ter-se lembrado! Vamos já para aí.

Terminou a chamada e olhou para Gösta.

– Agora sei como podemos descobrir que veículos passaram pela quinta dos Berg na manhã em que Nea desapareceu. Vamos.

Levantou-se. Depois fez uma pausa e um sorriso despontou-lhe no rosto.

– Espera. Acho que vou antes levar o Martin comigo. Depois explico-te.

*

Patrik estava sentado à secretária a tentar planear o trabalho para esse dia. Mas que poderiam fazer quando estavam constantemente a chocar com paredes? Depositava todas as esperanças na exumação. Pedersen prometera ligar de manhã cedo e às oito o telefone tocou.

– Olá, Pedersen – disse Patrik. – Que rapidez.

– Sim. E há duas razões para estar a ligar-lhe – disse Pedersen.

Patrik sentou-se um pouco mais direito na cadeira. Aquilo prometia.

– Em primeiro lugar, terminei o meu relatório sobre a Linnea Berg. Vai recebê-lo dentro de uma hora, embora não tenha mais nada a acrescentar aos relatórios preliminares, que contra o meu bom senso já lhe enviei. A propósito, isso tem de ficar entre nós.

– Claro. Como sempre – assegurou-lhe Patrik.

Pedersen aclarou a voz.

– Bem, há uma coisa que tenho de dizer-lhe sobre o cadáver que recebemos ontem. O cadáver do Leif Hermansson.

– Sim? – disse Patrik. – Sei que mal começou a examinar o corpo, portanto, o que é?

– É sobre a bala perdida – suspirou Pedersen. – Aquela que desapareceu sem deixar rasto.

– Sim... – disse Patrik, sentindo a excitação a aumentar. Ia rebentar se Pedersen não fosse logo direto ao assunto.

– Encontrámo-la.

– Ótimo! – exclamou Patrik. Já estava na altura de terem alguma sorte. – Onde? Escondida no fundo de uma caixa de provas?

– Não propriamente. Estava no caixão.

Patrik ficou boquiaberto. Teria ouvido bem? Não fazia qualquer sentido.

– No caixão? Como é que a bala foi parar ao caixão?

Riu-se, mas Pedersen não o imitou. Em vez disso, afirmou com cansaço:

– Sei que isto pode parecer uma piada, porém, como é costume, o fator humano entrou em jogo. Na altura, o médico-legista que fez a autópsia estava a travar uma batalha judicial por causa do divórcio e da custódia dos filhos, por isso andava a beber demasiado. A situação acabou por resolver-se, mas acontece que houve algumas... falhas no trabalho do meu antecessor durante aquele ano em que a vida pessoal dele estava em frangalhos.

– Está então a dizer que...

– Estou a dizer que o médico-legista não chegou a remover a bala. Ainda estava alojada no ferimento na cabeça e, quando os tecidos moles se desintegraram, a bala rolou para fora do crânio.

– Está a gozar – disse Patrik.

– Acredite, antes estivesse – disse Pedersen. – Infelizmente, não há ninguém por perto com quem gritar, porque o patologista em questão morreu de ataque cardíaco no ano passado enquanto passava pelo terceiro divórcio.

– Mas tem a bala?

– Não, não a tenho aqui. Enviei-a imediatamente ao Torbjörn, para Uddevalla. Pensei que o Hedström gostaria que fosse analisada o mais depressa possível. Telefone-lhe e veja se consegue um relatório esta tarde. Quanto à falha no protocolo, só posso pedir desculpa. Nunca devia ter acontecido.

– Tudo bem, o que interessa é que temos a bala – disse Patrik. – Agora podemos compará-la com a arma do Leif e determinar se foi ou não um suicídio.

*

Basse afundou-se no sofá, que ainda tinha algumas manchas. Apesar de ter passado dois dias a limpar, a casa ainda estava com péssimo aspeto. O medo fazia com que a garganta se lhe fechasse. Quando os pais telefonaram, Basse garantiu-lhes que estava tudo bem, mas os joelhos tremiam-lhe quando desligou a chamada. Ficaria de castigo durante um ano. Pelo menos. Talvez nunca mais o deixassem sair.

E tudo por culpa de Nils e de Vendela. Já devia saber que não devia dar-lhes ouvidos, contudo, desde pequeno que fazia o que lhe diziam. Era por isso que o deixavam andar com eles. Senão poderiam atormentá-lo a ele em vez de infernizarem Sam.

Nils e Vendela não o tinham ajudado na limpeza da casa. Nils limitara-se a rir-se quando lhe implorou ajuda e Vendela nem se deu ao trabalho de responder. E não eram só os móveis estragados. A caixa de joias da mãe tinha desaparecido, assim como a caixa de charutos do pai. Alguém até tinha levado o grande anjo de pedra que a mãe tinha posto no relvado para os pássaros se banharem.

Basse inclinou-se para a frente, apoiou os braços nas coxas e gemeu. Os pais não tardariam a chegar a casa. Pensou em fugir, mas para onde iria? Nunca seria capaz de sobreviver sozinho.

Imaginou o corpo de Jessie e choramingou. Sempre que fechava os olhos via-a. Tinha pesadelos com ela. E estava sempre a lembrar-se de mais pormenores. Ouvia a própria respiração ofegante quando a penetrara repetidamente, e como berrara quando o corpo explodiu.

Recordou a sensação de prazer por ter feito uma coisa proibida e por causa do completo desamparo da rapariga. O poder que sentira por poder fazer com ela o que lhe apetecesse. Mesmo agora, as emoções que o preenchiam eram tão contraditórias que o deixavam enjoado.

Tinham andado todos a enviar fotografias. Já perdera a conta à quantidade de mensagens que recebera. Nils e Vendela estavam satisfeitos porque o plano de humilhar Jessie de uma vez por todas resultara.

Ninguém tinha visto ou ouvido falar de Jessie. Nada além de silêncio. Também não havia sinal de Sam. Mais ninguém parecia achar aquilo estranho. Basse era o único que estava para ali sentado numa casa arruinada com um nó no estômago que piorava de dia para dia. Por mais que Nils e Vendela dissessem o contrário, aquilo não era o fim. Estava tudo demasiado tranquilo. Como a calma antes da tempestade.

Erica fez marcha-atrás no estacionamento, pensando na sorte que tivera ultimamente. Esforçara-se no livro enquanto os filhos brincavam e agora parecia que as peças do *puzzle* começavam finalmente a encaixar.

Difícilmente se atrevera a esperar que Sanna falasse com ela. Mesmo assim arriscou e ligou-lhe logo que Kristina saiu com as crianças para o parque de diversões em Strömstad. Houve um momento de silêncio depois de ter feito o pedido e Erica prendeu a respiração até que a voz de Sanna se ouviu na linha a concordar com uma entrevista. Por isso, Erica estava a caminho do centro de jardinagem para conhecer uma das pessoas que melhor tinham conhecido Stella.

E algo lhe dizia que não tardaria a descobrir quem estava por detrás das iniciais «SS».

Olhou em redor enquanto parava o carro num parque de estacionamento de cascalho e, em seguida, saiu para se dirigir a uma treliça cor-de-rosa que parecia marcar a entrada do centro de jardinagem. Ficava a escassos dez minutos de Fjällbacka, mas Erica nunca tivera qualquer motivo para lá ir. Não se interessava por jardinagem e depois de várias tentativas corajosas de manter viva uma orquídea que Kristina lhe oferecera, desistira de fingir ter queda para aquilo. Parecia improvável que quaisquer flores ou arbustos sobrevivessem às brincadeiras selváticas dos gémeos, por isso o pátio era mais um parque infantil do que um jardim.

Sanna aproximou-se para a cumprimentar, tirando um par de luvas de jardinagem sujas. Tinham-se encontrado na vila ao longo dos anos e dito olá uma à outra, como fazem as pessoas de uma pequena comunidade onde toda a gente se conhece. Mas era a primeira vez que se apresentavam adequadamente.

– Olá – disse Sanna, apertando a mão a Erica. – Vamos sentar-nos no caramanchão. A Cornelia toma conta do centro.

Dirigiu-se a algumas cadeiras de jardim ornamentadas, cercadas por arbustos e rosas. Erica ficou surpreendida ao olhar de relance para a etiqueta de uma das cadeiras. Preços para turistas.

– Creio que está na altura de nos conhecermos – disse Sanna, estudando Erica como se estivesse a tentar ler-lhe os pensamentos.

Erica mudou nervosamente de posição sob o intenso escrutínio de Sanna, mas estava habituada a lidar com o ceticismo. Os membros da família das vítimas tinham muitas vezes de defender-se dos abutres atraídos pela sua trágica situação. Sanna tinha todos os motivos para suspeitar de que Erica não fosse diferente.

– Sabe que estou a escrever um livro sobre o caso Stella, não é verdade? – perguntou Erica.

Sanna assentiu.

Erica tinha gostado logo dela. Sanna parecia-lhe uma pessoa pragmática e com os pés bem assentes na terra. Tinha o cabelo louro apanhado num rabo de cavalo simples e não estava pintada. Erica supôs que, mesmo em ocasiões festivas, teria relutância em usar muita maquilhagem. A roupa que usava combinava com aquilo que fazia. Botas, *jeans* e uma camisa de ganga folgada. Não havia nada de frívolo ou de superficial em Sanna.

– O que pensa de eu estar a escrever este livro? – perguntou Erica, indo direta ao assunto.

Aquela era muitas vezes a questão-chave nas suas entrevistas. Precisava de saber como a pessoa reagiria ao projeto.

– Não tenho nada contra isso – respondeu Sanna. – Embora também não tenha nada a favor. Sou... neutra. Não é importante para mim. Stella não é o seu livro. E vivi tanto tempo com o que aconteceu naquela altura que não importa se o escreve ou não.

– Vou tentar fazer-lhe justiça – disse Erica. – E apreciaria mesmo muito a sua ajuda. Quero descrever Stella tão vividamente quanto possível ao leitor. E a Sanna é a pessoa mais habilitada a fazê-lo.

Erica pegou no telemóvel e mostrou-o a Sanna.

– Importa-se que grave a nossa conversa?

– Claro que não. Força – respondeu Sanna e, franzindo a testa, perguntou: – Que quer saber?

– Conte-me por palavras suas – pediu Erica. – Fale-me da Stella, da sua família. E, se conseguir suportar falar sobre isso, gostava de a ouvir falar de como viveu tudo o que aconteceu.

– Passaram trinta anos – disse bruscamente Sanna. – A vida continua. Tentei não pensar muito sobre o que aconteceu. O passado pode facilmente consumir o presente. Mas vou tentar.

Sanna falou durante duas horas. E, quanto mais falava, mais Stella se tornava uma pessoa real para Erica. Não apenas a vítima sobre quem tinha lido nos documentos da investigação e nos artigos dos jornais. Era uma criança verdadeira de quatro anos que adorava ver o programa infantil *Cinco Formigas São Mais do Que Quatro Elefantes* na televisão. Custava-lhe levantar-se de manhã e nunca queria ir para a cama à noite. Gostava de cereais de arroz quentes com açúcar e canela. Gostava de usar duas tranças, não um rabo de cavalo. À

noite gostava de se enfiar na cama da irmã mais velha e dera um nome a cada uma das suas sardas. A preferida era Hubert, a sarda na ponta do nariz.

– Às vezes era uma verdadeira peste, mas também era a pessoa mais divertida do mundo. Punha-me muitas vezes os nervos em franja, porque era muito bisbilhoteira. O jogo preferido de Stella era escutar as pessoas às escondidas. Depois desatava a correr e ia contar a toda a gente o que tinha ouvido. Às vezes tinha vontade de esganá-la.

Sanna calou-se abruptamente, lamentando claramente a escolha de palavras. Respirou fundo.

– Estavam constantemente a mandar-me ir procurá-la à floresta – prosseguiu. – Nunca me atrevi a ir muito longe. Achava que era um sítio assustador. Mas a Stella nunca teve medo. Adorava a floresta e ia para lá sempre que podia. Provavelmente foi por isso que foi tão duro compreender que algo horrível tinha realmente acontecido. Já lá fora tantas vezes e voltava sempre... não graças a mim, porque nunca a procurava como devia ser. Só me embrenhava o suficiente na floresta para os meus pais pensarem que andava à procura dela. Em vez de procurar, sentava-me ao lado de um grande carvalho, mesmo nas traseiras da casa, talvez a uns escassos cinquenta metros para o interior da floresta, e esperava. Mais cedo ou mais tarde a Stella apareceria. Encontrava sempre o caminho para casa. Exceto da última vez.

Sanna riu-se repentinamente.

– Stella não tinha muitos amigos, mas tinha um companheiro de brincadeira imaginário. Por estranho que pareça, é isso que tem assombrado os meus sonhos ultimamente. Sonhei com ele várias vezes.

– Ele? – perguntou Erica.

– Sim. Stella chamava-lhe o «homem verde», por isso calculo que fosse alguma árvore ou arbusto coberto de musgo que lhe tenha despertado a imaginação. Conseguia criar mundos inteiros na cabeça. Às vezes pergunto-me se haveria tantas pessoas imaginárias no mundo dela como pessoas reais.

– A minha filha mais velha também é assim – disse Erica com um sorriso. – A maior parte das vezes é a amiga imaginária Molly, que acha que devia comer bolos e doces sempre que a Maja os come.

– Ah, pois. Uma maneira brilhante de receber o dobro das guloseimas – disse Sanna. O sorriso suavizou-lhe as feições. – Eu tenho um monstro adolescente em casa. Começo a interrogar-me se os adolescentes alguma vez se tornam humanos.

– Quantos filhos tem? – perguntou Erica.

– Só ela – disse Sanna com um suspiro. – Mas às vezes parece que tenho vinte!

– Já tremo quando penso nesses anos. Por enquanto custa-me muito imaginá-los como adolescentes rabugentos a bater com as portas dos quartos e a chamar-me cabra por não poderem fazer o que lhes dá na gana.

– Oh, acredite, a minha filha já me chamou muito pior – disse Sanna com uma risadinha. – Sobretudo porque estou claramente a dar-lhe cabo da vida quando a obrigo a trabalhar aqui. Tivemos um pequeno incidente no fim de semana que exigiu um castigo, mas obrigá-la a ajudar-me no centro de jardinagem é, aos olhos dela, trabalho infantil.

Ambas se riram, mas a expressão de Sanna ficou séria.

– Então, o que acha? – perguntou. – Foi coincidência que a menina que morava na nossa antiga quinta também tenha sido assassinada?

Erica não sabia o que responder. O bom senso dizia uma coisa, mas o instinto dizia outra. Se fosse cuidadosa ao responder poderia descobrir se as suas suspeitas sobre a identidade de «SS» tinham fundamento.

– Creio que há uma ligação – acabou por dizer –, mas não sei qual é. Julgo que é demasiado fácil apontar o dedo a Helen e a Marie. Não quero reabrir feridas antigas, porque sei que a sua família sentiu que o caso estava resolvido quando a Marie e a Helen foram consideradas culpadas. Mas ainda há várias perguntas sem resposta. E o Leif Hermansson, o agente encarregado da investigação, disse à filha pouco antes de morrer que tinha começado a ter dúvidas. Mas não sabemos porquê.

Sanna fixou o olhar nos próprios pés. Alguma ideia parecia estar a formar-se-lhe na mente. Ergueu a cabeça e olhou para Erica.

– Não penso nisso há muito tempo, mas o que está a dizer-me fez-me lembrar-me de uma coisa. O Leif entrou em contacto comigo e encontrámo-nos para tomar café pouco antes de ele morrer.

E com aquelas palavras, outra peça do *puzzle* encaixou. Na esquadra tinham pensado em Sanna como Sanna Lundgren. Mas, para Leif a irmã de Stella era Sanna Strand.

– Que queria o Leif dizer-lhe? – perguntou Erica.

– Isso é que foi muito estranho. Perguntou-me sobre o «homem verde». Eu tinha mencionado o amigo imaginário quando a Stella morreu. E então, todos aqueles anos depois, um polícia queria de repente falar sobre ele.

Erica olhou fixamente para Sanna. Porque é que o Leif tinha querido saber mais sobre o amigo imaginário de Stella?

*

– Olá! Está alguém em casa? – chamou Paula enquanto abria a porta cautelosamente.

Tinham batido várias vezes sem receber qualquer resposta.

Reparara com satisfação que Martin tinha olhado para a placa a dizer «Vende-se» quando estavam a chegar.

– Estou aqui! Entre! – ouviram dizer uma voz rouca do interior da casa. Descalçaram-se e puseram os sapatos no tapete antes de entrarem.

Dagmar estava sentada no sítio habitual, à janela da cozinha. Ergueu os olhos das palavras cruzadas que estava a fazer.

– Cá estão vocês outra vez! – disse. – Que bom!

– Então pôs a casa à venda? – perguntou Paula. – Vi a placa à entrada.

– Sim, acho que é preferível. Às vezes, uma mulher teimosa como eu demora tempo a decidir. Mas a minha filha tem razão. Isto é muito isolado e já não tenho vinte anos. E devo considerar-me sortuda por ter uma filha que quer que eu vá morar com ela. Parece que a maior parte das pessoas mal pode esperar para atirar os pais para um lar de idosos.

– Eu sei. Ainda no outro dia estava a dizer ao meu colega que os suecos não são muito bons a cuidar dos idosos. Tem havido muitos interessados na sua casa?

– Ainda não há compradores potenciais – respondeu Dagmar, fazendo-lhes sinal para que se sentassem. A maioria das pessoas não quer viver neste sítio tão afastado. É demasiado rural e antiquado. Tudo tem de ser novo e ficar no meio das povoações, e nada de paredes tortas ou soalhos inclinados. Mas acho que é uma pena. Adoro esta casa. Digo-vos, há muito amor nestas paredes antigas.

– Acho que é maravilhosa – disse Martin.

Paula mordeu a língua para não dizer nada. Certas coisas tinham de levar o seu tempo.

– Bem, chega de filosofias malucas de velha. Suponho que tenham cá vindo para falar sobre o meu caderno, não sobre a minha casa. Não consigo entender como é que me esqueci de vos falar dele da última vez.

– É fácil de perceber – disse Martin. – As notícias sobre Nea devem ter sido um choque terrível para si. É difícil pensar racionalmente quando se é atingido por uma coisa assim.

– O importante é que acabou por lembrar-se e nos telefonou – disse Paula. – Então diga-nos, que caderno é esse?

– Bem, lembrei-me de que queriam saber se vi algo fora do normal na manhã em que a Nea desapareceu. Ainda não consigo lembrar-me de nada, mas esta manhã dei-me conta de que vocês talvez tivessem mais jeito a detetar um padrão do que eu. Então pensei que podiam dar uma vista de olhos às notas que vou tomando só para passar o tempo. Ajudam-me a concentrar-me nas minhas palavras cruzadas. Se faço apenas uma coisa de cada vez tenho dificuldade em concentrar-me. Preciso de uma distração qualquer. Por isso anoto as coisas que vão acontecendo do lado de fora da minha janela.

Entregou o caderno a Paula, que rapidamente encontrou a página da manhã em que Nea desapareceu. Não havia muitas notas e nada que lhe chamasse a atenção. Tinham passado três carros e dois ciclistas. Os ciclistas eram descritos como: «Dois turistas alemães gordos que vieram dar um passeio de bicicleta.» Por isso Paula descartou-os imediatamente. Restavam os carros. Dagmar apenas anotara a cor e a marca de cada veículo, mas era melhor do que nada.

– Podemos levar o caderno para a esquadra? – perguntou, e Dagmar assentiu.

– Claro, estejam à vontade.

– Estava aqui a pensar quando é que a sua casa foi construída – disse Martin.

– Em 1902. Foi construída pelo meu pai. Eu nasci num banco de cozinha junto daquela parede.

– Mandou fazer uma vistoria à casa? – perguntou Martin.

Dagmar lançou-lhe um olhar matreiro e disse:

– Não há dúvida de que você faz muitas perguntas.

– Era só por curiosidade – afirmou.

Evitou olhar para Paula.

– Esteve cá um engenheiro. Disse que o que precisa de ser recuperado com mais urgência é o telhado. Também há uma pequena infiltração na cave, mas o engenheiro disse que isso podia ser resolvido mais tarde. O agente imobiliário tem toda a papelada. Mas, se alguém estiver interessado, é bem-vindo para dar uma vista de olhos.

– Hum... – disse Martin, olhando para baixo.

Dagmar estudou-o por um momento. O sol estava a incidir-lhe no rosto, revelando cada ruga gravada na pele. Pôs-lhe a mão no braço e esperou que Martin olhasse para cima e a olhasse nos olhos.

– Esta casa é um ótimo sítio para começar de novo – disse Dagmar. – E precisa de voltar a ser preenchida com vida. E com amor.

Martin virou-se rapidamente, mas Paula viu que os olhos do colega estavam marejados de lágrimas.

*

– Está alguém do departamento forense ao telefone, é sobre a gravação da chamada anónima. Passo à Paula? Ela e o Martin é que estão a tratar dessa investigação.

Annika enfiou a cabeça no gabinete de Mellberg, despertando-o de um sono profundo.

– O quê? Que se passa? Ah, o telefonema – disse o superintendente, sentando-se. – Não, passe-me a chamada.

Numa fração de segundo, Mellberg estava bem acordado e determinado a deitar a mão ao sacana que tinha começado tudo aquilo. Se alguém não tivesse tentado incriminar Karim, o incêndio nunca teria acontecido. Tinha a certeza disso.

– Fala Mellberg – disse autoritariamente quando pegou no telefone.

Para sua surpresa, ouviu a voz de uma mulher. Como se tratava de uma questão técnica, estava à espera de que fosse um homem.

– Olá, estou a ligar por causa do ficheiro de áudio em relação ao qual precisavam de ajuda.

A voz era viva e acriançada, e Mellberg suspeitou que a técnica devia ser pouco mais do que uma adolescente.

– Exato. E suponho que vai dizer-me que não conseguiram fazer nada.

Mellberg suspirou. Deviam estar mesmo com falta de pessoal para deixarem uma jovem qualquer assumir uma tarefa tão difícil e importante. Provavelmente teria de ligar ao chefe dela a pedir que alguém mais competente lidasse com o assunto. De preferência um homem.

– Bem, por acaso consegui resolver o problema. Não se ouvia muito bem, mas consegui ajustar... bem, não vou maçá-lo com os pormenores técnicos. Mas acho que ficou o mais próximo possível da voz original, dada a tecnologia atual.

– Oh, bem, eu...

Mellberg não sabia o que dizer. Já tinha esboçado mentalmente uma conversa inteira com o chefe da técnica forense.

– Então diga lá – afirmou. – Quem está a esconder-se por detrás do anonimato?

– Quer que eu passe a conversa ao telefone agora mesmo? Depois posso enviar-lhe o ficheiro por *e-mail*.

– Claro.

– OK. Então vou pôr a gravação.

Mellberg ouviu uma voz ao telefone, a dizer as mesmas palavras que ouvira antes. Mas agora a voz anónima já não era grave e distorcida, mas viva e clara. Mellberg franziu a testa enquanto tentava captar alguma coisa que pudesse indicar a identidade do interlocutor. Não podia de todo afirmar que reconhecia a voz, mas provavelmente isso seria esperar demasiado.

– *Okay*, mande-me isto por *e-mail* – disse depois de a breve gravação ter terminado.

Ditou o endereço de *e-mail* e, quase de imediato, o computador emitiu um sinal sonoro para anunciar que o ficheiro tinha chegado. Ouviu o ficheiro mais algumas vezes. Uma ideia começou a tomar forma na mente de Mellberg. Por um momento, o superintendente pensou em perguntar primeiro a Patrik, mas este tinha ido almoçar com Gösta e não queria estar a incomodá-los. Além disso, a ideia que tinha tido era brilhante, por isso, porque é que Patrik teria alguma objeção? Era muito melhor esperar até à reunião que Patrik tinha convocado para as duas da tarde e presentear-los a todos com as descobertas que fizera. Mellberg já estava ansioso pelo elogio que receberia por ter tomado a iniciativa. Eram aquelas coisas que distinguiam um bom agente de um agente excepcional. Pensar naquilo em que mais ninguém pensava. Encontrar novos pontos de vista. Tentar novas abordagens e servir-se da tecnologia moderna.

Com um sorriso de satisfação, Mellberg marcou um número que guardara no telemóvel. Agora é que as coisas iam mesmo andar para a frente.

*

– Estás a melhorar – disse Sam, fazendo um pequeno ajuste na postura de Jessie. – Mas ainda estás a carregar no gatilho com demasiada força e demasiado depressa quando disparas. Tens de acariciar o gatilho.

Jessie assentiu. Manteve o olhar focado no alvo preso à árvore. Desta vez acariciou o gatilho e a bala quase atingiu o centro.

– Impressionante!

Estava a ser sincero. Jessie tinha um jeito inato. Mas disparar contra um alvo fixo não era suficiente.

– Também tens de praticar contra alvos móveis – disse Sam, e Jessie assentiu.

– Sim, eu sei. Como vamos fazer isso? Como é que tu aprendeste?

– Animais – respondeu Sam, encolhendo os ombros. – O James pôs-me a disparar contra esquilos, ratos, pássaros. O que quer que aparecesse.

– Tudo bem. Vamos fazer isso.

O brilho de aço nos olhos de Jessie deu-lhe vontade de abraçá-la com força. Todos os vestígios de suavidade tinham desaparecido. Sam sabia que a namorada não estava a comer como devia ser. Em poucos dias, desde o fim de semana, o rosto deixara de ser rechonchudo. Sam não se importava. Amava-a independentemente de tudo. Amara a ingenuidade de Jessie, mas agora, a maneira como a namorada via o mundo assemelhava-se mais à sua própria visão.

Sam tinha o mesmo núcleo duro dentro dele, e era isso que os safaria daquela situação. Já tinha cruzado a linha. Retirar já não era uma opção, nunca poderia voltar atrás. Tudo tinha um ponto de rutura. Até as pessoas. Sam atingira o seu antes dela, mas agora fora a vez de Jessie. Agora estavam ambos na mesma zona limite.

Era uma sensação incrível não estar lá sozinho.

Sabia que teria de contar-lhe tudo. Teria de pôr os seus segredos mais escuros a seus pés. Essa era a única coisa que ainda o assustava. Achava que Jessie não ia julgá-lo, mas não tinha a certeza. Uma parte dele queria continuar a esquecer, ao passo que a outra parte sabia que precisava de lembrar-se, porque isso ajudá-lo-ia a seguir em frente. Não podia ficar imóvel. Não podia parar. Já não era possível continuar a ser uma mera vítima.

Tirou a mochila e sacou o caderno. Estava na altura de lhe contar os seus segredos mais profundos. Jessie estava pronta.

– Quero mostrar-te uma coisa – disse ele. – Uma coisa que tenho de fazer.

Bohuslän, 1672

SEGUIU-SE UMA LONGA SÉRIE DE TESTEMUNHAS. O FUNCIONÁRIO DA ALFÂNDEGA CONTOU COMO ELIN LHE LANÇARA ENCANTAMENTOS QUANDO SE AFASTAVA E COMO O VENTO LHE ATIRARA O CAVALO PARA FORA DA ESTRADA. VIZINHOS DE FJÄLLBACKA E PESSOAS DE TANUMSHEDÉ TESTEMUNHARAM QUE ELIN SE SERVIRA DE FEITIÇOS DIABÓLICOS PARA TRATAR E CURAR. ENTÃO FOI A VEZ DE BRITTA. ESTAVA PÁLIDA E BELA AO DESLIZAR PELA SALA DE AUDIÊNCIAS PARA SE IR SENTAR À FRENTE. PARECIA TRISTE, MAS ELIN SABIA QUE ESTAVA SATISFEITA COM O QUE FIZERA. PASSADOS TODOS AQUELES ANOS, TINHA FINALMENTE CONSEGUIDO PÔR ELIN ONDE A QUERIA.

BRITTA TINHA OS OLHOS BAIXOS, AS PESTANAS ESCURAS COMO LEQUES POUSADOS SOBRE AS MAÇÃS DO ROSTO. A LIGEIRA CURVATURA DA BARRIGA VISLUMBRAVA-SE SOB O TECIDO DO VESTIDO, MAS AINDA NÃO HAVIA NADA DE MATERNAL NO ROSTO DA IRMÃ. ERA TÃO FINO E BEM CINZELADO COMO SEMPRE.

— PODE FALAR-NOS DE SI? — PEDIU HIERNE, LANÇANDO-LHE UM SORRISO.

ELIN VIU QUE HIERNE ESTAVA TÃO ENCANTADO COM BRITTA COMO NAQUELA NOITE NO PRESBITÉRIO.

E COMPREENDEU QUE NÃO IA TER QUALQUER AJUDA. NADA PODERIA SALVÁ-LA. O QUE QUER QUE BRITTA DISSESSE NÃO FARIA DIFERENÇA. NO ENTANTO, TAMBÉM SABIA QUE BRITTA NUNCA ABDICARIA DAQUELA OPORTUNIDADE DE FALAR.

— SOU A IRMÃ DE ELIN. MEIA-IRMÃ — ACRESCENTOU. — TEMOS O MESMO PAI, MAS NÃO A MESMA MÃE.

— E A ELIN VIVE CONSIGO DESDE A MORTE DO MARIDO? A SENHORA E O SEU MARIDO, O PASTOR PREBEN WILLUMSEN, OFERECERAM GENEROSAMENTE ABRIGO A ELIN E À SUA FILHA MÄRTA. É VERDADE?

BRITTA SORRIU MODESTAMENTE.

— SIM, ACHAMOS QUE DEVÍAMOS AJUDAR A ELIN E A ADORÁVEL MÄRTA DEPOIS DO PER SE TER AFOGADO. AFINAL DE CONTAS, SOMOS A FAMÍLIA DELAS. É ISSO QUE AS FAMÍLIAS FAZEM.

OS OLHOS DE HIERNE ILUMINARAM-SE QUANDO OLHOU PARA BRITTA.

— UMA OFERTA VERDADEIRAMENTE GENEROSA E AFETUOSA. E NENHUM DOS DOIS SABIA...

– NÃO, NÃO SABÍAMOS. – BRITTA ABANOU VIGOROSAMENTE A CABEÇA E SOLTOU UM SOLUÇO.

HIERNE TIROU UM LENÇO DO BOLSO DO COLETE E ENTREGOU-LHO.

– QUANDO FOI A PRIMEIRA VEZ QUE REPARARAM EM ALGUMA COISA? – PERGUNTOU.

– DEMOROU ALGUM TEMPO. A ELIN É MINHA IRMÃ E EU NÃO QUERIA ACREDITAR...

BRITTA VOLTOU A SOLUÇAR, LIMPANDO OS OLHOS COM O LENÇO. DEPOIS ENDIREITOU AS COSTAS E ERGUEU O QUEIXO.

– A ELIN COMEÇOU A DAR-ME INFUSÕES TODAS AS MANHÃS, PARA ME AJUDAR A CONCEBER. E EU ESTAVA-LHE GRATA PELA AJUDA. SABIA QUE TINHA AJUDADO OUTRAS MULHERES DA REGIÃO. TODAS AS MANHÃS BEBIA AQUELA COISA VISCOSA REPUGNANTE. A ELIN OLHAVA PARA A BEBIDA E MURMURAVA QUALQUER COISA ANTES DE MA ENTREGAR. MAS OS MESES PASSARAM E NADA ACONTECEU. PERGUNTEI MUITAS VEZES A ELIN SE AQUILO ME ESTARIA A FAZER ALGUMA COISA E ELA INSISTIA QUE AJUDARIA, POR ISSO LÁ FUI CONTINUANDO A BEBER O QUE ME DAVA.

– MAS AS SUAS SUSPEITAS FORAM CRESCENDO?

HIERNE INCLINOU-SE PARA BRITTA, QUE ASSENTIU.

– SIM. COMECEI A SUSPEITAR DE QUE NÃO ERA DEUS MAS PODERES MAIS OSCUROS QUE AJUDAVAM ELIN. NÓS... NÓS TÍNHAMOS UM ANIMAL QUE DESAPARECEU DA QUINTA. UMA GATA CHAMADA VIOLA. FUI DAR COM ELA PENDURADA PELA CAUDA NAS TRASEIRAS DA NOSSA CASA, DO LADO DE FORA DA JANELA DO MEU QUARTO. E ENTÃO SOUBE. DEPOIS, SECRETAMENTE, DEIXEI DE TOMAR A BEBIDA SEM QUE ELIN VISSE. E, LOGO QUE PAREI DE TOMAR AQUELA INFUSÃO, CONSEGUI CONCEBER UM FILHO. – ACARICIOU A BARRIGA. – FOI ENTÃO QUE COMPREENDI QUE A ELIN NÃO QUERIA QUE EU CONCEBESSE. PELO CONTRÁRIO. NÃO QUERIA QUE EU DESSE À LUZ.

– PORQUÊ?

– A ELIN SEMPRE TEVE INVEJA DE MIM. A MÃE MORREU QUANDO ERA PEQUENA E A MINHA MÃE ERA A FAVORITA DO NOSSO PAI. E SIM, EU ERA A MENINA DOS OLHOS DO MEU PAI. EU NÃO TINHA CULPA DE NADA, MAS A ELIN CULPAVA-ME POR ISSO. SEMPRE QUIS TER O QUE EU TINHA, O QUE SE TORNOU AINDA MAIS CLARO QUANDO CASEI COM UM PASTOR, AO PASSO QUE ELIN TEVE DE SE CONTENTAR COM UM POBRE PESCADOR. POR ISSO, PRESUMO QUE A ELIN NÃO QUISESSE QUE EU TIVESSE UM FILHO. TAMBÉM ACHO QUE ANDAVA DE OLHO NO MEU MARIDO. – BRITTA OLHOU PARA A MULTIDÃO NO TRIBUNAL. – IMAGINEM A VITÓRIA QUE TERIA

SIDO PARA O DIABO SE A SUA MULHER CONSEGUISSE ROUBAR UM HOMEM DA IGREJA. NO ENTANTO, POR SORTE, O PREBEN É UMA PESSOA FORTE E NENHUM DOS TRUQUES MALICIOSOS E SEDUTORES DA ELIN TIVERAM EFEITO SOBRE ELE.

SORRIU A PREBEN, QUE TROCOU UM BREVE OLHAR COM ELA ANTES DE VOLTAR A FIXAR O OLHAR NO CHÃO. ELIN ESTAVA A ESTUDÁ-LO ATENTAMENTE. COMO PODIA PURA E SIMPLEMENTE ESTAR PARA ALI SENTADO A OUVIR AQUELAS MENTIRAS? OUVIRA DIZER QUE PREBEN NÃO IA TESTEMUNHAR. O PASTOR SERIA POUPADO ÀQUELA EXPERIÊNCIA. E ISSO ERA SEM DÚVIDA UMA SORTE, PORQUE ELIN NÃO SABIA COMO SUPORTARIA SE FOSSE ELE A CONTAR MENTIRAS PERANTE O TRIBUNAL EM VEZ DE PERMITIR QUE BRITTA O FIZESSE EM SEU LUGAR.

– FALE-NOS MAIS DA MARCA DO DIABO – DISSE HIERNE.

A ASSISTÊNCIA OUVIA ATENTAMENTE. TINHAM OUVIDO FALAR SOBRE AQUILO. DIZIA-SE QUE O DIABO DEIXAVA UMA MARCA NOS CORPOS DAS SUAS MULHERES. UMA OUTRA FORMA DE AS POSSUIR. ELIN JONSDOTTER TINHA ESSA MARCA? SE TINHA, EM QUE PARTE DO CORPO? ESPERARAM ANSIOSAMENTE PELA RESPOSTA DE BRITTA.

A IRMÃ DE ELIN ASSENTIU.

– SIM, ELA TEM UMA MARCA LOGO POR BAIXO DE UM DOS SEIOS. DA COR DO FOGO. PARECE UM MAPA DA DINAMARCA.

ELIN ARFOU EM BUSCA DE AR. MAL ERA VISÍVEL QUANDO ERAM CRIANÇAS. E NUNCA SOUBERA QUE SE PARECIA COM TAL MAPA. HAVIA APENAS UMA PESSOA QUE PODIA TER FEITO AQUELA COMPARAÇÃO.

PREBEN.

DERA A BRITTA AQUELA PROVA CONTRA ELA. ELIN TENTOU FAZER COM QUE PREBEN OLHASSE NA SUA DIREÇÃO, MAS O COBARDE LIMITAVA-SE A OLHAR FIXAMENTE PARA O CHÃO. TEVE VONTADE DE SE LEVANTAR E CONTAR TUDO O QUE TINHA ACONTECIDO, MAS SABIA QUE ERA INÚTIL. NINGUÉM ACREDITARIA NUMA PALAVRA DO QUE DISSESSE. AOS OLHOS DE TODOS ERA UMA BRUXA.

TUDO O QUE PODIA FAZER ERA TENTAR NÃO PIORAR AS COISAS PARA MÄRTA. A MENINA NÃO TINHA NINGUÉM ALÉM DE BRITTA E DE PREBEN. ERAM A ÚNICA FAMÍLIA QUE LHE RESTAVA. ELIN SÓ PODIA ESPERAR QUE BRITTA E PREBEN DEIXASSEM QUE MÄRTA CRESCESSE COM ELES. POR ISSO PERMANECEU EM SILÊNCIO. POR MÄRTA.

ENQUANTO BRITTA CONTINUAVA A FALAR DA MARCA DO DIABO QUE ELIN TINHA NO CORPO E CONTAVA MAIS MILHARES DE MENTIRAS QUE, UMA A UMA, SELAVAM O DESTINO DA IRMÃ, ELIN ANSIAVA QUE O JULGAMENTO TERMINASSE. IA AO

ENCONTRO DA MORTE. AGORA SABIA-O. MAS AINDA TINHA ESPERANÇA DE QUE A FILHA PUDESSE TER UMA BOA VIDA. MÄRTA ERA TUDO. NADA MAIS IMPORTAVA.

*

– AS COISAS COMEÇAM A ENCAIXAR – disse Patrik, sentindo aquele formigueiro familiar que surgia quando todos os nós num caso começavam a desatar-se. – O Pedersen ligou-me hoje de manhã. Não vão acreditar nisto, mas a bala perdida foi encontrada dentro do caixão. Por causa de um descuido por parte do médico-legista, a bala acabou por não ser retirada do ferimento.

– Isso explica porque é que ninguém conseguiu encontrá-la – afirmou Gösta.

– A bala foi enviada ao Torbjörn e acabei de receber o relatório preliminar dele. É uma bala blindada de calibre .45. Podia dizer-vos o que isso significa, mas provavelmente sabem melhor do que eu. A descoberta mais importante até agora é que a bala pode ser relacionada com uma pistola *Colt*.

– Isso quer dizer que o Leif não cometeu suicídio? – perguntou Martin.

– O Leif era canhoto, mas o buraco da bala estava na têmpora direita e Leif tinha a pistola na mão direita, não na esquerda. – Patrik tinha dificuldade em conter a excitação enquanto prosseguia: – A arma em questão era a dele, uma *Walther PPK*, de calibre .32. A bala de calibre .45 encontrada no caixão não pode ter sido disparada por essa mesma arma. O que significa que se tratou de um homicídio e não de um suicídio. E também temos um suspeito. O Leif anotou as iniciais «JJ» no diário e sabemos que James Jensen tem uma pistola *Colt M1911*, que é compatível com a bala de calibre .45 encontrada nos restos mortais de Leif.

– Quando fomos falar com ele, o James mostrou-nos uma *Colt M1911*. Disse que o pai lha tinha oferecido quando tinha sete anos – disse Paula com ar consternado.

– Então, como podemos relacioná-lo com a bala? E com o homicídio do Leif? – perguntou Gösta. – Isso são tudo suposições. Deve haver milhares de pessoas na Suécia que têm *Colts* em sua posse, legal e ilegalmente. Afirmar que «JJ» se refere a James Jensen é estar pura e simplesmente a tentar adivinhar. Não há provas.

– Temos de relacionar a bala com a arma – disse Patrik. – Duvido que possamos obter um mandado de busca da procuradora com base no que temos neste momento. Portanto, essa é a grande questão: como encontrar uma maneira de relacionar a bala com a arma?

Paula ergueu a mão. Patrik assentiu.

– O Jensen tem andado a praticar tiro ao alvo no espaço público. Estava de fato a disparar com a *Colt* quando Gösta e eu fomos ter com ele à floresta. Deve haver lá muitas balas e podemos ir apanhá-las sem precisar de um mandado.

– Ótimo – disse Patrik. – Tu e o Gösta podem ir apanhar as balas, depois enviamo-las para o laboratório para serem analisadas.

Patrik olhou de relance para o telemóvel. Tinha perdido dez chamadas. Que seria? Não reconheceu nenhum dos números e tentou pensar no que poderia ter suscitado tamanho interesse por parte dos média. Demorou um minuto a consultar o gravador de chamadas. Quando terminou, olhou para Mellberg.

– Parece que apelámos à população para nos ajudar a identificar uma voz. O ficheiro de áudio foi publicado no *site* do *Expressen*. Alguém sabe alguma coisa sobre isto?

Mellberg endireitou os ombros.

– Sim. Recebi o ficheiro enquanto o Hedström estava fora. Foi uma mulher que resolveu os problemas técnicos e removeu o filtro de distorção. Já viram uma coisa destas?

Lançou uma olhadela à sala, mas não recebeu a reação que esperava.

– De qualquer forma, não reconheci a voz – prosseguiu –, por isso percebi que precisávamos de uma ajudinha e a população pode ser um bom recurso. Assumi a responsabilidade de telefonar a um contacto meu num vespertino e os tipos do jornal ficaram contentes por poder ajudar-nos! Agora resta esperar que as informações cheguem!

Inclinou-se para trás com uma expressão satisfeita.

Patrik contou silenciosamente até dez e optou pelo caminho de menor resistência. Respirou fundo e disse:

– Bertil... – mas não soube o que dizer a seguir.

Havia tanta coisa que queria dizer, mas não seria produtivo.

Por isso recomeçou.

– Nesse caso, o Bertil fica encarregado de lidar com todas as informações que recebermos.

Mellberg assentiu e espetou o polegar.

– Depois digo-lhe quando o caçar – disse alegremente. Patrik conseguiu esboçar um sorriso tenso.

Depois lançou a Mellberg um olhar interrogativo.

O superintendente pareceu intrigado e perguntou:

– Sim?

– Não acha que seria boa ideia ouvirmos todos o ficheiro de áudio?

– Ah, claro – disse Bertil, pegando no telemóvel. – Enviei o ficheiro daqui. Cheguei a dizer que foi uma mulher que resolveu o problema técnico?

– Sim, já disse isso – afirmou Paula. – Então vamos ouvir a gravação.

– Está bem, está bem. Vocês são tão impacientes – disse Mellberg. Coçou a cabeça. – Ora bem, como é que eu reproduzo o ficheiro? Esses malditos telefones modernos...

– Por acaso quer a ajuda de uma mulher? – perguntou docemente Paula.

Mellberg fingiu não ouvir e continuou a carregar em botões.

– Cá está! – disse triunfantemente.

Todos ouviram atentamente a conversa.

– Então? – perguntou Mellberg. – Alguém reconhece a voz? E ouviram alguma coisa interessante?

– Por acaso não... – disse Martin. – Mas parece uma voz jovem. E, a julgar pelo dialeto, diria que é alguém daqui.

– Ou seja, também não fazem ideia. Ainda bem que já pedi a ajuda da população! – disse Mellberg com satisfação enquanto empurrava o telemóvel para longe por cima da mesa.

Patrik ignorou-o.

– Okay, vamos continuar. A Erica telefonou. Esta manhã entrevistou a Sanna Lundgren para o livro dela. A Sanna Lundgren, cujo apelido de solteira era Strand. Sanna disse a Erica que o Leif marcou um encontro para falar com ela uma semana antes de morrer, portanto agora temos a confirmação de que Sanna era a «SS» no diário do Leif.

– Que queria o Leif? – perguntou Gösta.

– Bem... – Patrik não tinha a certeza de que o que Erica lhe dissera fazia sentido e não sabia ao certo como apresentar as informações aos colegas. – Parece que o Leif queria saber mais sobre um amigo imaginário que a Stella tinha...

Martin engasgou-se com o café. Olhou para Patrik, incrédulo.

– Um amigo imaginário? Porquê?

– Boa pergunta – disse Patrik. – O Leif queria saber mais sobre o amigo imaginário a quem Stella chamava o «homem verde».

– Está a gozar! – exclamou Mellberg, rindo-se. – O «homem verde»? Um amigo imaginário? Isso é de loucos.

Mais uma vez, Patrik ignorou-o.

– Segundo a Sanna, a Stella brincava muitas vezes na floresta e dizia que via lá esse «homem verde» – prosseguiu. – A Sanna mencionou o amigo imaginário da

irmã à polícia logo depois de o cadáver de Stella ter sido encontrado, mas ninguém a levou a sério. Muitos anos mais tarde, o Leif telefonou à Sanna e quis saber mais. A Sanna não conseguia lembrar-se da data exata em que se encontraram, mas acha que coincidiu com o dia em que Leif escreveu «SS» no diário. Uma semana mais tarde soube que o Leif se tinha suicidado. Não pensou mais nisso até a Erica ter começado a fazer perguntas sobre a Stella.

– Agora vamos atrás de uma história de faz-de-conta qualquer? – perguntou Mellberg, rindo-se.

Mais ninguém se riu. Patrik olhou para o telemóvel. Mais doze chamadas perdidas. Como se já não tivessem problemas suficientes.

– Acho que pode haver ali qualquer coisa – disse Patrik. – Temos de ter abertura de espírito. Talvez o Leif tenha descoberto algo importante.

– O que fazemos em relação ao James? – perguntou Gösta, lembrando aos colegas que não tinham terminado aquele assunto.

– Por enquanto, nada – respondeu Patrik. – Primeiro, tu e a Paula têm de ir apanhar as tais balas.

Compreendia a impaciência dos colegas. Teria gostado de levar imediatamente James para a esquadra, mas sem qualquer prova nunca conseguiriam acusá-lo.

– Há outro assunto importante que temos de resolver – disse Paula. – Falámos com uma senhora de idade que é vizinha da família Berg. Durante a nossa visita anterior, a senhora disse que não conseguia lembrar-se de ter visto nada fora do normal na manhã em que a Nea desapareceu. Mas depois apercebeu-se de que o caderno em que anota tudo o que acontece do lado de fora da janela da cozinha podia servir-nos para alguma coisa. O Martin e eu fomos ter com ela e trouxemos o caderno. À primeira vista parece que a senhora tinha razão. Não consigo ver nada fora do normal. – Paula hesitou. – Mas tenho a sensação de que há alguma coisa que não encaixa. Só que não consigo descobrir o que possa ser.

– Continua a tentar – disse Patrik. – Sabes como são essas coisas. Mais cedo ou mais tarde acabas por descobrir.

– Está bem – disse Paula com ceticismo. – Espero que sim.

– E o motivo? – perguntou Martin. Quando todos os olhos se fixaram nele, o jovem agente explicou. – Quer dizer, se assumirmos que o James matou o Leif. Porque o faria?

Fez-se um silêncio prolongado. Patrik passara as últimas duas horas a pensar naquilo, mas não tinha chegado a nenhuma conclusão. Por fim, disse:

– Por enquanto vamos concentrar-nos em relacionar o James com a bala. Depois logo se vê.

– Podemos ir agora – disse Gösta, olhando para Paula.

A colega bocejou e assentiu.

– Certifiquem-se de que cumprem os regulamentos – disse Patrik. – Sacos de papel, etiquetas apropriadas, documentem tudo. Não queremos que mais tarde alguém venha questionar os nossos métodos.

– Certíssimo – disse Gösta.

– Posso ir convosco – disse Martin. – Não estou a chegar a lado nenhum com os meus contactos nos grupos anti-imigração. Ninguém sabe nada sobre o fogo. Pelo menos é o que dizem.

– Tudo bem, vai com eles – disse Patrik. – É a melhor pista que temos de momento. Acho que tem de haver alguma coisa por detrás das perguntas do Leif sobre o amigo imaginário da Stella. Gösta, lembras-te de alguma coisa sobre isto? Alguma coisa da investigação original?

Sulcos profundos apareceram no rosto de Gösta enquanto pensava no caso Stella. Parecia prestes a abanar a cabeça quando se animou de repente e ergueu os olhos.

– A Marie. Falámos sobre a Marie afirmar que alguém as tinha seguido até à floresta no dia em que a Stella morreu. Sei que posso estar a dar demasiada importância a isto, mas... poderá haver algum tipo de ligação? O amigo imaginário da Stella poderá ser uma pessoa real?

– Seria o James? – perguntou Paula.

Todos se voltaram para a colega, que encolheu os ombros.

– Pensem. James é militar. Quando a Sanna fala no «homem verde», penso instantaneamente em roupa verde. Uma farda. Seria com James que Stella se encontrava? E será que foi o James quem a Marie diz ter ouvido na floresta?

– Nesta fase, isso é pura especulação – disse Patrik.

Lançou outra olhadela ao telemóvel, cujo ecrã mostrava mais vinte chamadas perdidas.

– Enquanto todos vocês reúnem provas, o Bertil e eu temos de conversar – disse Patrik com um suspiro.

*

Anna estava a ficar cada vez mais nervosa. Havia demasiadas variáveis, demasiadas coisas que podiam correr mal. E percebia que Erica estava desconfiada. Reparou que a irmã andava a estudá-la, mas por enquanto Erica não tinha dito nada.

Na cozinha, Dan assobiava enquanto preparava um almoço tardio. Tinha passado a realizar mais tarefas domésticas à medida que a gravidez progredia, mas Anna sabia que o companheiro o fazia de bom grado. Quase tinham deitado tudo a perder, mas agora tinham recuperado a vida quotidiana, a família e o amor um pelo outro. As cicatrizes que lhes marcavam os corações continuavam a existir, mas tinham aprendido a viver com elas. E Anna aceitara as marcas físicas. O cabelo crescera-lhe e as cicatrizes tinham começado lentamente a esbater-se. Nunca desapareceriam e Anna podia ocultá-las com maquilhagem sempre que quisesse, embora normalmente optasse por não o fazer. As cicatrizes faziam parte dela.

Dan uma vez perguntara a Anna como conseguira evitar tornar-se uma pessoa amarga. A sua vida tinha sido tão diferente da de Erica. Às vezes parecia que a desgraça a perseguia constantemente, enquanto a vida de Erica era tão harmoniosa. Mas Anna recusara-se a cair na armadilha de sentir pena de si própria e invejar Erica; por mais difícil que fosse admiti-lo, muitos dos problemas que tivera haviam sido originados por más decisões que tomara. Escolhera Lucas, o pai dos filhos, ignorando os avisos e as reticências de Erica sobre ele. E a infidelidade que quase destruíra o amor que a unia a Dan dera-se unicamente por culpa sua. Tudo o resto que acontecera – o acidente de viação que lhe marcara o corpo e reclamara a vida do filho por nascer – fora apenas azar. Sempre que tinha vontade de se amargar ou de sentir ciúmes de Erica, Anna lembrava-se da maneira como a irmã mais velha cuidava dela e a protegia desde que eram crianças. Anna sabia que só pudera ser criança à custa de Erica e sempre ficara grata à irmã por isso.

Mas agora quebrara uma promessa que lhe fizera. A promessa de nunca ter segredos para ela. Ouviu o barulho dos pratos enquanto Dan punha a mesa para o almoço. O companheiro cantarolava a música que passava na rádio. Invejava-lhe aquela atitude tranquila e alegre. Ao contrário dele, Anna era uma pessoa preocupada. E interrogava-se se teria tomado a decisão acertada. Tinha medo de magoar Dan e sabia que já pisava gelo fino porque tivera de lhe mentir. Mas era demasiado tarde para desfazer o que fora feito.

Com esforço, levantou-se do sofá. Quando entrou na cozinha e viu o sorriso de Dan, Anna sentiu o calor do amor dele e, por um momento, as preocupações esfumaram-se. Apesar de tudo o que passara, considerava-se sortuda. E, quando as crianças entraram a correr na cozinha vindas de diferentes partes da casa e da rua, onde tinham estado a brincar, soube que era verdadeiramente abençoada.

*

– Pensas que o James pode ter assassinado a Stella? – perguntou Paula, estudando o perfil de Gösta. – E depois o Leif porque ele estava prestes a denunciá-lo?

Gösta pedira para conduzir e Paula cedera relutantemente, embora soubesse que o colega iria até Fjällbacka a passo de caracol.

– Não sei em que acreditar – disse Gösta. Não me lembro de o nome dele aparecer quando estávamos a trabalhar na primeira investigação. Pode ser que o Leif tenha concentrado demasiado depressa a atenção nas duas raparigas e que, depois de terem confessado, não tenha havido motivo para considerar outras possibilidades. Quanto à alegação da Marie de ter visto alguém na floresta... bem, só mencionou isso depois de se ter retratado, por isso todos pensámos que era uma tentativa desajeitada de uma criança para desviar as suspeitas.

– Sabiam quem era o James? Quer dizer, naquela época? – perguntou Paula, apercebendo-se de que estava a carregar com o pé direito num acelerador imaginário. Gösta era tão dolorosamente lento que teria preferido a condução errática de Patrik.

– Claro. Fjällbacka é uma localidade pequena, a maior parte das pessoas conhece-se. E o James sempre foi um tipo carismático. O grande objetivo da vida dele era ser soldado. Se bem me lembro, alistou-se numa dessas unidades de elite depois do serviço militar obrigatório... era fuzileiro ou paraquedista, uma coisa dessas, e depois permaneceu no Exército.

– Parece-me muito estranho que tenha casado com a filha do melhor amigo – disse Martin do banco de trás. – Sobretudo por causa da enorme diferença de idades.

– Não és o único a pensar assim – disse Gösta, abrاندando ainda mais. Embora não houvesse outros veículos à vista, sinalizou a manobra antes de virar à esquerda para a estrada de cascalho. – Nunca ninguém tinha visto o James com uma namorada, por isso foi uma verdadeira surpresa. E a Helen só tinha dezoito anos. Mas sabes como são estas coisas. A princípio, as pessoas não falam de mais nada, mas depois surge outro escândalo e toda a gente perde o interesse no primeiro. Tiveram o Sam e passaram a ser mais uma família como todas as outras. E estão casados desde então, por isso o casamento deve funcionar.

Tinham decidido não avisar James de que iam à quinta, portanto Gösta estacionou a uma boa distância da casa. Queriam ir diretamente até à zona onde praticava tiro ao alvo na floresta sem que ninguém os visse.

– O que fazemos se o James lá estiver? – perguntou Martin.

– Vamos ter de lhe dizer o que estamos a fazer. Espero que não haja complicações. Legalmente, temos o direito de apanhar o que quisermos naquela zona.

– É verdade, mas não estou muito interessado em ficar cara a cara com um soldado profissional e um assassino em potencial enquanto procuramos provas para utilizar contra ele – resmungou Martin.

– Oh, então? Se era para isso mais valia teres ficado na esquadra – disse Paula, abrindo caminho para a floresta.

Pararam quando entraram na clareira. Paula ficou aliviada por James não estar lá, mas nesse momento apercebeu-se do trabalho que tinham pela frente. Anos de prática de tiro ao alvo tinham deixado toda a zona pejada de balas e invólucros. Não era especialista em armas, mas era óbvio que um arsenal de diferentes armas tinha sido disparado naquele sítio.

Gösta absorveu a cena e depois virou-se para os colegas.

– Não vos parece que tudo isto devia dar-nos motivo para acreditar que o James tem armas ilegais em casa? Podemos ligá-lo a este local... já o vimos utilizá-lo para a prática de tiro ao alvo. A julgar por todos estes invólucros e balas, deve ter mais armas em sua posse do que as registadas em seu nome.

– Tem licenças para uma *Colt*, um *Smith & Wesson* e uma espingarda de caça – disse Martin. – Verifiquei.

– Vou telefonar ao Patrik para saber se lhe parece suficiente para justificar uma busca à casa. Não toquem em nada antes de primeiro fotografar tudo no local.

Enquanto Paula e Martin se ocupavam em tirar fotografias, Gösta afastou-se para fazer o telefonema.

– Está a perguntar à procuradora – explicou Gösta assim que acabou de falar com Patrik. – Mas considera que o que encontrámos aqui, mais a bala do caixão, deve ser suficiente para justificar uma busca à casa de James.

– O que te parece que vamos encontrar? – perguntou Martin. – Pistolas-metralhadoras? Espingardas semiautomáticas?

Agachou-se para examinar a pilha de invólucros no chão.

– Parece que tem uma coleção e tanto – disse Paula enquanto tirava mais fotografias.

– Não posso dizer que fico feliz por ver o James com uma *MP5*³⁰ – disse Gösta.

– Teria sido difícil afirmar que era suicídio se o Leif tivesse utilizado uma pistola-metralhadora – disse Paula. – Mas calculo que já tenha acontecido.

– O Kurt Cobain matou-se com uma caçadeira *Remington* – disse Martin.

Paula olhou para o colega, surpreendida. Quem diria que Martin sabia aquelas coisas?

O telemóvel de Gösta tocou e este atendeu.

– Olá, Patrik.

Ouviu durante uns segundos e depois ergueu a mão para indicar que deviam interromper o que estavam a fazer. Quando desligou, disse:

– A procuradora quer aqui os técnicos forenses. Vamos ter de deixá-los examinar o local.

– *Okay* – disse Paula, parecendo desapontada. – Isso significa que vai emitir um mandado de busca?

– Sim – respondeu Gösta. – O Patrik está a caminho. Quer estar cá quando entrarmos.

– O Mellberg também vem? – perguntou Paula, inquieta.

– Não. Parece que tem sido o caos absoluto desde que enviou o ficheiro de áudio ao *Expressen*. Está completamente ocupado a dar entrevistas. E a Annika está atolada em informações de pessoas que julgam reconhecer a voz. A lista de nomes já ocupa várias páginas.

– Mesmo assim, talvez o velhote tenha feito alguma coisa de jeito pela primeira vez na vida – resmungou Paula. – Talvez isto produza mesmo resultados. Não conseguiríamos identificar a voz sozinhos.

– O que disse o Patrik sobre o James? – perguntou Martin enquanto regressavam lentamente ao carro.

– Vamos levá-lo para interrogatório depois de revistarmos a casa. Mas um de nós terá de esperar à porta com ele enquanto fazemos as buscas.

– Eu trato disso – ofereceu-se Martin. – Estou curioso em relação ao James.

*

Nils mordiscou a orelha de Vendela. Normalmente, aquilo fazia-a estremecer de prazer, mas naquele momento ela apenas sentia aborrecimento. Não o queria ali, na sua cama.

– Então, quando Jessie... – começou a dizer.

– O que achas que os pais do Basse vão dizer quando chegarem a casa? – interrompeu-o Vendela, afastando-se dele.

Não queria falar sobre Jessie. Fora ideia dela, e tudo correria exatamente de acordo com os planos. No entanto, de alguma forma não parecia correto. Quisera castigar Marie. Castigar a filha dela. Porque não estava contente?

– Julgo que vão cortar-lhe a semanada – disse com um sorrisinho.
Acariciou-lhe a barriga e Vendela sentiu-se repentinamente maldisposta.
– Achas que o Basse vai atirar as culpas para cima de nós? – perguntou.
– Nunca. Vai fechar-se em copas. Não vai querer que os pais saibam de todos os pormenores do que aconteceu naquela noite.
Tinham fechado a porta do quarto e deixado lá Basse com Jessie inconsciente. Na altura, quando Vendela estava bêbeda, parecera-lhe bem, mas agora que já estava sóbria... parecia que estavam prestes a meter-se numa grande alhada.
– Achas que a miúda vai contar a alguém? À mãe, talvez?
Era isso que Vendela pretendia. Castigar as duas.
– És maluca? – disse Nils. – A gaja deve estar demasiado envergonhada. A última coisa que quer é que ainda mais pessoas saibam.
– Não me parece que a Jessie e o Sam apareçam no sábado.
Pelo menos tinha conseguido fazer isso. Tinha feito com que Jessie nunca mais quisesse aparecer à frente de ninguém.
Nils mordiscou um pouco mais a orelha de Vendela e agarrou-lhe o peito, mas a namorada empurrou-o. Por alguma razão não queria estar com Nils naquela noite.
– Deve ter contado ao Sam. Não é estranho que não tenha...
Nils tapou-lhe a boca e começou a despir os *boxers* com a outra mão.
– Já chega! Para de falar e chupa-mo.
Com um gemido, Nils encostou-lhe a cabeça ao sexo.

*

Helen ergueu os olhos quando os carros apareceram na entrada. A polícia. Que queriam? Porque estavam ali? Dirigiu-se à porta principal e abriu-a antes de os agentes terem tido oportunidade de bater.

Patrik Hedström estava à sua frente, com Paula, Martin e um agente mais velho que nunca tinha visto.

– Olá, Helen – disse Patrik. – Temos um mandado para revistar a sua casa. O James está cá? E o seu filho?

Os joelhos de Helen fraquejaram e teve de pôr uma mão na parede para se apoiar. Assentiu enquanto recordações com trinta anos a inundavam. A voz do agente com o mesmo tom de Patrik. A expressão solene. O olhar penetrante que parecia querer arrancar-lhe a verdade à força. O ar na sala de interrogatórios, sufocante e que a fazia ter dificuldade em respirar. A mão pesada do pai no

ombro. Stella. A pequena Stella. O cabelo louro-arruivado oscilava à frente delas enquanto a menina corria, contentíssima por andar a passear com duas meninas grandes. Sempre cheia de curiosidade. Sempre tão animada.

Helen vacilou e depois apercebeu-se de que Patrik falava com ela. Forçou-se a permanecer calma.

– O James está no escritório e o Sam no quarto.

A voz soou surpreendentemente normal, embora o coração estivesse a martelar-lhe o peito.

Afastou-se para os deixar entrar para o vestíbulo. Foram falar com James enquanto Helen chamava Sam.

– Sam! Podes vir aqui?

Ouviu uma resposta rouca, porém, passado um minuto, Sam desceu as escadas.

– A polícia está cá – disse Helen, olhando-o nos olhos.

Os olhos azuis orlados de preto ficaram impassíveis. Completamente vazios. Helen estremeceu, querendo estender a mão para o filho, acariciar-lhe a face e dizer-lhe que ia ficar tudo bem. Que ela estava ali. Como sempre estivera. Mas ficou simplesmente parada, com os braços ao lado do corpo.

– Gostávamos que saíssem – disse Paula, abrindo-lhes a porta principal. – Não podem voltar até termos terminado.

– O que... Porque estão a fazer isto? – perguntou Helen.

– De momento não podemos revelar nada.

Helen sentiu a pulsação a voltar lentamente ao normal.

– Pode decidir o que quer fazer – prosseguiu Paula. – Talvez queira ir para casa de um familiar ou de um amigo... pode ser uma longa espera.

– Eu não vou a lado nenhum – disse James.

Helen não se atreveu a olhar para o marido. O coração batia tão depressa que pensou que ia saltar-lhe do peito. Acotovelou Sam de lado. O filho ficara imóvel no meio do corredor.

– Anda, vamos lá para fora.

Apesar do calor, o ar parecia refrescante quando saiu e respirou fundo várias vezes. Tentou dar o braço a Sam, mas o rapaz afastou-se.

À luz do sol, Helen olhou para o filho... olhou realmente para ele pela primeira vez desde há muito tempo. O rosto era tão branco em contraste com o cabelo preto e toda a maquilhagem negra em torno dos olhos. Os anos tinham passado tão depressa. Para onde tinha ido o rapaz rechonchudo com o cabelo louro muito claro e aquele sorriso contagiante? No fundo, Helen sabia a resposta.

Permitira a James varrer todos os vestígios daquele menino e do homem que poderia ter-se tornado. Fizera com que Sam sentisse que não prestava para nada. A verdade é que estavam ali porque não tinham mais nenhum sítio para onde ir. Não tinham amigos. Nem família. Apenas a mãe, que nunca queria ouvir falar de problemas.

Helen e Sam viviam na sua própria bolha.

De dentro de casa ouviu a voz agitada de James. Sabia que devia estar preocupada. A polícia estava prestes a descobrir um ou todos os segredos que tinham servido de base à vida da família. Ergueu a mão para acariciar a face de Sam. O filho virou-se e Helen deixou a mão cair. Por um segundo, viu Stella virar-se para olhar para ela por cima do ombro na floresta. Os cabelos louro-arruivados como chamas contra a pele branca. Depois, a menina já lá não estava.

Helen pegou no telemóvel. Só havia um sítio para onde podia ir.

*

– Jessie, vou sair!

Marie ficou parada nas escadas por alguns segundos, mas não houve resposta. Jessie estava a atravessar uma fase em que ficava no quarto durante as poucas horas que passava em casa. Quando Marie acordava de manhã, Jessie já tinha saído de casa. Não fazia ideia de onde a filha ia.

Pelo menos estava a começar a perder peso. Aquele rapaz, Sam, parecia ser uma boa influência.

Marie dirigiu-se à porta. As filmagens estavam a correr bem. Já quase se esquecera de como era fazer um filme que prometia valer a pena ver, em vez de algo destinado a ser esquecido no mesmo segundo em que os créditos se sucediam no ecrã.

Sabia que estava a fazer a atuação da sua vida. Podia vê-lo nos olhos da equipa depois de cada cena. Sem dúvida que em parte isso acontecia por sentir grande ligação à mulher que estava a representar. Ingrid Bergman fora uma mulher complexa, forte e gentil, mas igualmente capaz de ser implacável. Marie identificava-se com isso. A diferença era que Ingrid encontrara o amor. Amara. Tinha sido amada. Quando morreu, foi chorada não apenas por estranhos que a tinham visto no grande ecrã mas também por aqueles que lhe eram mais chegados, mostrando quanto Ingrid significava para eles.

Marie não tinha ninguém chegado. Não desde Helen. Talvez tudo fosse diferente se Helen não tivesse desligado o telefone naquele dia. Talvez houvesse

pessoas na sua vida que a chorassem quando morresse, tal como Ingrid fora chorada.

Mas não adiantava chorar sobre leite derramado. Certas coisas não podiam ser mudadas. Lentamente, Marie fechou a porta de casa e partiu para a segunda sessão de filmagens do dia. Jessie ia desenrascar-se. Tal como Marie fizera na idade dela.

³⁰ A *Heckler & Koch MP5* é uma pistola-metralhadora alemã de calibre 9 mm utilizada pela polícia sueca. (N. do T.)

O Caso Stella

Nos degraus do tribunal, exposta às rajadas de vento, Helen tremia. Já não conseguia ignorá-lo. Tinha medo. Como alguém tinha medo quando sabia que estava a fazer alguma coisa que não devia. O rótulo no decote do vestido simples da *H & M* arranhava-lhe a nuca, mas Helen não se importava. Isso dava-lhe algo em que focar a atenção.

Não sabia quando tinha sido decidido. Ou quando tinha concordado. De repente era um facto consumado. À noite ouvia os pais a discutir. Não era capaz de perceber o que diziam, mas não precisava. Sabia qual era o motivo da discussão. O seu casamento com James.

O pai de Helen, KG, assegurara-lhe que era para o bem dela. E o pai sempre soubera o que era melhor para ela. Helen limitara-se a assentir. Era assim e pronto. KG cuidava dela. Protegia-a. Mesmo que Helen não o merecesse. Sabia que devia estar-lhe grata; devia admitir que tinha tido sorte, que não merecia aquela atenção.

Talvez o mundo também se alargasse se fizesse o que queriam. Sentia-se como se tivesse vivido presa numa pequena jaula. A casa era o seu mundo e as únicas pessoas que nele habitavam eram o pai e a mãe... e James.

James passava muito tempo no estrangeiro, a combater noutros países. Segundo KG, «a matar pretos». Sempre que James estava na Suécia, passava tanto tempo com eles como em sua própria casa. Havia uma atmosfera tão estranha quando os ia visitar. James e o pai pareciam ter o seu próprio mundo, um mundo ao qual ninguém mais tinha acesso. «Éramos como irmãos», costumava dizer KG antes de tudo acontecer. Antes de terem sido obrigados a mudar-se.

Marie telefonara lá para a casa há alguns dias. Helen reconhecera imediatamente a voz da amiga, embora parecesse mais velha, mais madura. Era como se tivesse recuado no tempo e fosse outra vez a rapariga de treze anos cuja vida girava em torno de Marie.

Mas que poderia dizer-lhe? Não havia nada que pudesse fazer. Ia casar com James... depois de tudo o que tinha acontecido, não havia outra opção. Depois do que James tinha feito por ela.

Era estranho casar com alguém da mesma idade do pai, mas James ficava tão bonito ao lado dela no seu uniforme. E a mãe estava contente por poder finalmente vestir-se para uma ocasião de cerimónia, apesar de na noite anterior ao casamento Helen ter ouvido novamente os pais a discutir. Nunca houve dúvida de quem venceria aquela briga; o pai é que tomava todas as decisões.

Decidiram não realizar o casamento na igreja. Seria uma breve cerimónia civil seguida de jantar na pousada. Então, Helen e James passariam a noite em casa do pai antes de irem para casa dele – ou melhor, a casa deles – em Fjällbacka. A mesma casa onde a família vivera antes de ter sido forçada a mudar-se.

Ninguém perguntou qual a opinião de Helen, mas como poderia opor-se? O nó correção em torno do pescoço estava lá, dia e noite, lembrando-lhe as mil razões pelas quais devia fechar os olhos e obedecer. Mas uma parte dela ansiava escapar. Ansiava ser livre.

Lançou um olhar sub-reptício a James quando se aproximavam do conservador que os ia casar. Estaria James preparado para conceder-lhe uma pequena porção de liberdade? Helen tinha agora dezoito anos. Uma adulta. Já deixara de ser criança.

Helen tentou pegar-lhe na mão. Não era isso que as pessoas faziam? Dar as mãos durante o casamento? Mas James manteve as mãos cruzadas à sua frente. A etiqueta do vestido arranhava-a enquanto ouvia as palavras do conservador. Fez-lhes perguntas às quais Helen não sabia como responder, mas de alguma forma conseguiu dizer «sim» em todos os momentos certos.

Quando acabou, olhou a mãe nos olhos. Harriet virou-se com um punho cerrado pressionado contra a boca.

O jantar foi tão breve como a cerimónia. KG e James beberam *whisky* e Harriet bebericou vinho. Também serviram a Helen um copo de vinho, o seu primeiro. Naquele instante, passou de criança a adulta. Sabia que a mãe lhes tinha feito a cama no quarto de hóspedes. O sofá-cama que se transformava em cama de casal. Lençóis azuis lavados e um cobertor azul. Helen passou o jantar a imaginar aqueles lençóis e a cama que ia partilhar com James. Sem dúvida que o jantar estava bom, mas não comeu nada, limitando-se a brincar com a comida no prato.

Quando chegaram a casa, os pais deram-lhes as boas-noites. De repente, KG parecia envergonhado. Tresandava a todo o *whisky* que bebera ao jantar. James também cheirava álcool e a fumo e tropeçou quando entraram no quarto de hóspedes. Helen despiu-se enquanto James estava na casa de banho; conseguia ouvi-lo a esvaziar a bexiga. Vestiu uma *T-shirt* larga e enfiou-se debaixo dos

lençóis e do cobertor, do lado da parede. Rígida como uma tábua, esperou que James desligasse a luz, esperou pelo que iria acontecer a seguir. Pelo toque que mudaria tudo para sempre. Mas nada aconteceu. Passados alguns segundos ouviu o ressonar ébrio de James. Quando finalmente adormeceu, Helen sonhou com a menina do cabelo louro-arruivado.

*

– EU DISSE-VOS QUE NÃO ENCONTRARIAM NADA que não tivesse sido registado – afirmou James, recostando-se na cadeira da pequena sala de interrogatórios.

Patrik teve de lutar contra o desejo de limpar a expressão arrogante do rosto de James.

– Tenho licença de porte de arma para uma *Colt 1911*, um *Smith & Wesson* e uma caçadeira, uma *Sauer 100 Classic* – recitou James, olhando calmamente para Patrik.

– Porque é que há balas e invólucros de outras armas no local onde pratica? – perguntou Patrik.

– Como é que eu hei de saber? Não é segredo nenhum que pratico tiro ao alvo naquele sítio. Qualquer pessoa pode ter lá ido disparar contra o alvo que afixei.

– Sem que desse por isso? – perguntou Patrik, incapaz de esconder o ceticismo.

James limitou-se a sorrir.

– Passo muito tempo fora. É-me impossível estar sempre a par do que acontece na floresta. Ninguém se atreveria a ir para ali quando estou em casa, mas a maior parte das pessoas da vila sabe quando vou para fora e quanto tempo fico. Provavelmente são miúdos que vão lá dar uns tiros às escondidas.

– Miúdos? Com pistolas-metralhadoras? – disse Patrik.

– Ai, estes miúdos de agora – suspirou James. – Já viram? Que mundo este.

– Acha que isto tem graça? – perguntou Patrik, irritado consigo próprio por se deixar perturbar daquela maneira por James. Jensen era o expoente máximo do machão presunçoso e superior que achava que o princípio da sobrevivência do mais forte, de Darwin, era o mais alto a que um homem podia aspirar.

– Claro que não – disse James, sorrindo ainda mais.

Tinham vasculhado toda a casa, mas as únicas armas que tinham encontrado eram as que estavam registadas em nome de James. No entanto, Patrik sabia que James estava a mentir. Tinha de haver um esconderijo de armas algures ali perto, para poder facilmente ter acesso a elas mas onde a polícia não fosse capaz de encontrá-las. Depois de revistarem a casa, tinham vasculhado um pequeno telheiro. Não havia muitos outros sítios na propriedade onde procurar, porém, teoricamente, James podia ter escondido as armas em qualquer lugar. A polícia não conseguia revistar a floresta inteira.

– Portanto, o Leif Hermansson entrou em contacto consigo no dia três de julho, o dia em que morreu?

– Como já lhe disse, nunca tive qualquer contacto com o Leif Hermansson. A única coisa que sei sobre ele é que era o agente encarregado da investigação quando a minha mulher foi acusada de homicídio.

– Acusada e considerada culpada – disse Patrik, sobretudo para ver qual seria a reação de James se o espicaçasse.

– Com base numa confissão que mais tarde retirou – retorquiu James.

Nenhuma emoção. O olhar tão firme como sempre.

– Mas porquê confessar se não era culpada? – insistiu Patrik.

– A Helen era uma criança – James suspirou. – Estava confusa e fora sem dúvida pressionada a dizer coisas que não queria dizer. Mas o que é que essa história tem que ver com isto? Porque está interessado nas armas que eu tenho? Sabe qual é a minha profissão. As armas fazem parte da minha vida. Não é propriamente estranho que tenha armas em meu poder.

– Tem uma *Colt M1911* – disse Patrik, ignorando as perguntas de James.

– Sim, eu sei – respondeu James. – A joia da minha coleção. Uma arma lendária. E tenho o modelo original, não uma das cópias posteriores.

– E carrega-a com balas blindadas ACP³¹ de calibre .45, certo?

– Por acaso sabe o que isso significa? – perguntou James com desdém.

Patrik obrigou-se a contar até dez em silêncio.

– O conhecimento das armas de fogo faz parte da formação da polícia – disse Patrik, deliberadamente sem reconhecer que fora forçado a fazer muitas perguntas a Torbjörn sobre aquele assunto.

– Claro. E nas grandes cidades acredito que essa formação tenha utilidade. Mas aqui, na parvónia, uma pessoa esquece-se facilmente do que aprendeu na escola – disse James.

– Não respondeu à minha pergunta – disse Patrik, recusando-se a morder o isco. – Carrega a sua arma com balas blindadas ACP de calibre .45?

– Sim. São balas ACP de primeira classe.

– Há quanto tempo tem a arma?

– Oh, já a tenho há muito tempo. Foi a minha primeira arma. O meu pai ofereceu-ma quando eu tinha sete anos.

– Quer dizer que é bom atirador? – perguntou Patrik.

James endireitou-se na cadeira.

– Um dos melhores.

– Guarda bem as suas armas? Alguém pode ter levado a *Colt* sem o James saber? Por exemplo, quando está fora de casa?

– Tenho sempre as minhas armas trancadas. Porquê esse interesse na minha *Colt*? E no Leif? Se bem me lembro, o Leif suicidou-se há muito tempo. Teve que ver com um cancro que lhe levou a mulher ou uma coisa assim.

– Então não soube? – perguntou Patrik.

Sentiu uma onda de satisfação quando teve um vislumbre de incerteza nos olhos de James.

– Não soube o quê? – perguntou James. O tom de voz era tão neutro que Patrik não tinha a certeza se tinha mesmo visto aquilo.

– Desenterrámo-lo.

Deixou propositadamente a frase pairar no ar. Por um longo momento, James não disse uma palavra.

– Desenterraram-no? – perguntou depois como se não compreendesse o que Patrik queria dizer.

Patrik apercebeu-se de que aquilo era uma tentativa de ganhar tempo para formular uma resposta.

– Sim. Surgiram novas informações, por isso exumámos os restos mortais dele. Acontece que a morte do Leif não foi um suicídio. Não se podia ter suicidado com a arma que empunhava quando o cadáver foi encontrado.

James ficou em silêncio. A arrogância continuava lá, mas Patrik julgou sentir uma brecha, um sinal de vulnerabilidade, e decidiu explorá-lo.

– Também recebemos informações de que o James estava na floresta no dia em que a menina que se chamava Stella foi assassinada. – Fez uma pausa e depois proferiu uma declaração que era tão exagerada que podia ser classificada como uma mentira: – Há uma testemunha.

James não teve qualquer reação, mas um pequeno vaso sanguíneo começou a pulsar-lhe na têmpora enquanto ponderava o próximo passo a dar.

Por fim pôs-se de pé.

– Presumo que não tenha o suficiente para me prender – disse. – Como tal, a nossa conversa terminou.

Patrik sorriu. Conseguira limpar aquele sorriso presunçoso do rosto de Jensen. Agora só precisavam de encontrar provas.

*

– Entre – disse impacientemente Erica.

Ficara mais do que surpreendida quando Helen telefonara a perguntar se podia passar lá em casa.

– Trouxe o Sam consigo? – perguntou.

– Não, deixei-o em casa de um amigo – respondeu Helen, olhando para baixo. Erica afastou-se para deixá-la entrar.

– Bem, de qualquer maneira fico contente por ter vindo – disse, mordendo a língua para não se pôr a fazer perguntas.

Patrik ligara a Erica a dizer-lhe que suspeitavam que James era o «homem verde». Provavelmente tinha estado a correr na floresta de camuflado e foi nessa altura que Stella se deparou com ele quando estava a passear. Segundo Patrik, a polícia achava que James podia ter sido a pessoa que Marie tinha ouvido na floresta no dia em que a Stella morreu.

– Tem café? – perguntou Helen, e Erica assentiu.

Na sala de estar, Noel e Anton estavam novamente a brigar e não ligavam nenhuma às repreensões de Maja. Erica aproximou-se e, na sua voz mais autoritária, disse-lhes que parassem. Como o ralhete não resultou, recorreu a medidas que os pais desesperados tão bem conhecem quando precisam de paz e sossego: tirou gelados do congelador e entregou um a cada um dos filhos. Todos se sentaram a comê-los enquanto Erica voltava para a cozinha com uma pontada no estômago por pensar que não estava a ser boa mãe.

– Lembro-me de momentos como este – disse Helen com um sorriso.

Aceitou uma chávena de café e sentaram-se as duas à mesa da cozinha. Por alguns minutos, nenhuma delas falou. Então, Erica levantou-se para ir buscar algumas barras de chocolate, que pôs em cima da mesa.

Helen abanou a cabeça.

– Não, obrigada. Para mim não. Sou alérgica a chocolate – disse, bebendo um golo de café.

Erica deu uma grande dentada num dos chocolates, prometendo a si própria deixar de comer açúcar na segunda-feira seguinte. Aquela semana já era uma causa perdida, por isso não adiantava começar agora.

– Tenho pensado muito na Stella – disse Helen.

Erica ergueu as sobrancelhas, surpreendida. Nem uma palavra sobre o motivo de ter aparecido repentinamente lá em casa. Nem uma palavra sobre o que tinha acontecido. Porque devia ter acontecido alguma coisa. Sentia-o em cada fibra do corpo. Helen irradiava uma energia tensa que era impossível de ignorar, mas Erica não se atreveu a perguntar a causa com medo de a assustar. Precisava de

ouvir a história de Helen. Por isso não disse uma palavra, limitando-se a bebericar o café e a esperar que a sua interlocutora prosseguisse.

– Eu não tinha irmãos – disse por fim Helen. – Não sei porquê e nunca teria perguntado aos meus pais. Nós não falávamos dessas coisas. Por isso gostava de estar com a Stella. Morávamos na quinta ao lado e ela ficava sempre tão feliz quando me via, quando eu aparecia. Eu gostava de brincar com ela. Tinha muita energia! Estava sempre a saltitar de um lado para o outro. Consigo vê-la agora, aquele cabelo louro-arruivado, aquelas sardas. Detestava a cor do cabelo até eu lhe ter dito que a achava mais bonita do que qualquer outra cor. Então, a Stella mudou de ideias. Estava sempre a fazer perguntas. Sobre tudo. Porque é que estava tanto calor, porque é que havia vento, porque é que algumas flores eram brancas e outras azuis, por que é que a relva era verde e o céu azul e não o contrário? Milhares e milhares de perguntas. E não desistiria até ouvir uma resposta aceitável. Não conseguíamos safar-nos dizendo «porque é assim» ou dando alguma explicação estúpida. Stella continuava a perguntar até que a resposta lhe soasse bem.

Helen estava a falar tão depressa que ficou sem fôlego e teve de fazer uma pausa.

– Eu gostava da família dela. Não era como a minha. Os Strand abraçavam-se e riam-se juntos. Também costumavam abraçar-me quando eu aparecia, e a mãe da Stella brincava comigo e acariciava-me o cabelo. O pai da Stella costumava dizer-me que eu tinha de parar de crescer tão depressa, senão ia acabar com a cabeça nas nuvens. Às vezes, a Sanna brincava connosco. Mas era mais séria, mais como uma mãe em miniatura para a Stella, e normalmente a Sanna seguia a mãe para todo o lado, porque queria ajudá-la a lavar roupa ou a fazer o jantar. Queria ser adulta, ao passo que o mundo de Stella estava repleto de brincadeira da manhã à noite. E eu estava muito orgulhosa por me deixarem tomar conta dela de vez em quando. Acho que os pais da Stella se aperceberam disso, porque às vezes a menina não parecia precisar que ninguém tomasse conta dela, mas viam como aquilo me fazia feliz.

Helen parou e olhou para Erica.

– Não se importa que beba mais um café?

– Claro que não. – Erica levantou-se para voltar a encher a chávena de Helen. Parecia que uma barragem tinha rebentado e que tudo o que guardara dentro de si lhe jorrava pura e simplesmente da boca.

– Quando comecei a ser amiga da Marie, os meus pais demoraram algum tempo a reagir – disse Helen. – Estavam tão embrenhados nas suas vidas, nas

festas, nos clubes e nos eventos sociais. Não tinham muito tempo para se interrogarem sobre com quem eu passava o tempo. Quando se deram conta de que eu e a Marie éramos amigas reagiram com cautela; e, quando com o passar do tempo nos fomos progressivamente aproximando, opuseram-se cada vez mais. Marie não era bem-vinda em nossa casa e não podíamos ir a casa dela. A casa da Marie era... Bem, não era um sítio agradável. Mas, mesmo assim, tentávamos encontrar-nos com a maior frequência possível. Quando os meus pais descobriram, proibiram-me de estar com ela. Tínhamos treze anos e não tínhamos voto na matéria. Marie não se importava com o que os pais pensavam e eles estavam-se nas tintas sobre o paradeiro da filha ou com quem Marie se encontrava. Mas eu não me atrevi a desafiar os meus pais. Não era forte como a Marie. Estava habituada a obedecer aos meus pais, não sabia como agir de outra maneira. Então tentei parar de encontrar-me com Marie. Tentei mesmo.

– Mas naquele dia a Helen e a Marie não tiveram autorização para tomar conta da Stella juntas? – perguntou Erica.

– Sim. O pai da Stella foi ter com o meu e perguntou-lhe. Não fazia ideia de que não devíamos estar juntas. Por uma vez o meu pai foi apanhado de surpresa, e concordou. – Helen engoliu em seco. – Divertimo-nos muito naquele dia. A Stella adorou o nosso passeio a Fjällbacka. Saltitou e correu durante todo o caminho até casa. Foi por isso que seguimos pelo caminho da floresta. A Stella adorava a floresta e, como não queria ir sentada no carrinho, pensámos que mais valia irmos para casa por ali.

A voz de Helen estremeceu quando olhou para Erica.

A Stella estava feliz quando a deixámos na quinta. Lembro-me disso. Estava tão feliz... Tínhamos comprado gelados e ela deu-nos a mão, e lá foi a saltitar até casa. Transbordava energia. Respondemos a todas as perguntas dela e abraçounos como um macaquinho. Lembro-me de como o cabelo dela me fez cócegas no nariz. A Stella riu-se muito quando eu espirrei.

– E o homem na floresta? – As palavras saíram antes de Erica conseguir conter-se. – O amigo imaginário da Stella, aquele a quem chamava o «homem verde»? Poderia ter sido uma pessoa real, não apenas imaginária? Era o James? O seu marido era o homem na floresta? Era do James que a Marie estava a falar?

Erica viu o pânico nos olhos de Helen e apercebeu-se de que cometera um grande erro. A respiração de Helen tornou-se repentinamente abrupta e superficial e a expressão era a de um animal a ser caçado pouco antes de o tiro ser disparado. Saltou da cadeira e precipitou-se para fora de casa.

Erica permaneceu sentada à mesa da cozinha, amaldiçoando-se a si própria. Helen tinha estado tão perto de dizer-lhe algo que poderia desvendar os segredos do passado. Mas a ansiedade com que insistira arruinara tudo. Exausta, levantou as chávenas de café da mesa e pô-las em cima da bancada. Lá fora ouviu o carro de Helen a afastar-se.

*

– Atualmente utilizam tecnologia 3D para analisar as balas – disse Gösta quando Paula entrou na cozinha da esquadra.

– Como é que sabes? – perguntou, sentando-se.

Pousou o caderno de Dagmar na mesa.

Às vezes, Paula perguntava a si própria se não passavam mais tempo na pequena cozinha pintada de amarelo do que nos gabinetes. Trocar ideias com os colegas era uma maneira de ganhar uma nova perspetiva sobre as coisas. Além disso, era mais agradável estar sentado e trabalhar na cozinha do que nos gabinetes exíguos de cada um. E assim ficavam mais perto da máquina de café.

– Li sobre isso na *Kriminaltechnik* – respondeu Gösta. – Aquela revista é uma mina de informações. Cada edição está repleta dos mais recentes avanços em análise forense.

– Mas, apesar dessa tecnologia 3D, conseguem fazer corresponder uma bala a uma arma específica? Ou mesmo duas balas da mesma arma?

– Bem, de acordo com o artigo, as estrias dos canos das armas nunca são iguais. Concorre para isso todo o género de fatores: o tempo que tem a arma, o estado em que está...

– Estás então a dizer que é possível conseguir uma correspondência?

– Julgo que sim – respondeu Gösta. – Sobretudo com esta nova tecnologia 3D.

– O Torbjörn disse que parecia que alguém tinha limado o cano da *Colt*. – Paula mudou de posição para evitar o sol escaldante que entrava pela janela.

– *Alguém!* – exclamou Gösta, bufando. – Tenho a certeza de que o James fez isso logo depois de lhe termos perguntado se esteve em contacto com o Leif. Lá esperto é ele.

– O James vai ter dificuldade em encontrar uma explicação se a bala que matou o Leif coincidir com as balas que encontrámos na floresta perto da propriedade dele – disse Paula, bebendo um golo de café.

Fez uma careta. Devia ter sido Gösta a fazê-lo. Ficava sempre demasiado fraco.

– Sim, mas receio não virmos a ter outra oportunidade de o interrogar. Em breve, o James vai de novo para o estrangeiro e o laboratório ainda vai demorar um pouco até nos enviar o resultado das análises. Não podemos prendê-lo antes de termos os resultados.

– Mas a família dele está cá.

– Parece-te ser um homem particularmente ligado à família?

– Não – suspirou Paula. Não tinha considerado a possibilidade de James poder sair do país.

– Podemos relacioná-lo com o caso Stella?

– Dado que foi há trinta anos... – pelo tom, Gösta parecia ter desistido antes mesmo de ter começado.

– Bem, parece que o Leif tinha razão: as raparigas eram inocentes. Devem ter vivido um inferno.

Ouvia-se um telefone a tocar ao fundo. Não tinham parado de tocar desde que a gravação do interlocutor anónimo fora divulgada.

– Ainda não percebi porque é que a Marie mentiu sobre o álibi da noite do desaparecimento da Nea – disse Gösta. – Pelo menos sabemos que o James não estava em Fjällbacka, por isso não pode ter sido ele.

– Não, o álibi dele é impermeável – disse Paula. – Saiu na noite anterior e o hotel Scandic Rubinen confirmou que dormiu lá. Os funcionários lembram-se de ele ter feito o *check-in* e de vê-lo a tomar o pequeno-almoço. Esteve em reuniões até ao final da tarde e depois regressou a casa de carro. Assumindo que o relógio da Nea parou no momento da sua morte, o James estava em Gotemburgo quando foi assassinada. Claro que é possível que a Nea tenha morrido antes e que o relógio tenha ficado danificado quando foi mudada de sítio às oito da manhã, mas o James continua de fora da história porque esteve em Gotemburgo de domingo à noite até à tarde de segunda-feira.

– Eu sei – disse Gösta, coçando a cabeça de frustração.

Paula pegou no caderno.

– Hoje parece que não consigo fazer progressos em nada. Li e reli as notas da Dagmar e não consigo descobrir o que é que nelas anda a incomodar-me – afirmou. – Pensei pedir ao Patrik para lhes dar uma olhadela. Talvez um novo par de olhos consiga apanhar o que me escapa.

– Boa ideia – disse o colega enquanto se levantava, as articulações a ranger. – Acho que vou para casa. Não fiques até muito tarde. Vamos tentar outra vez amanhã.

– Hum... – disse Paula.

Continuou a folhear o caderno e nem reparou quando Gösta saiu. Que seria que estava a escapar-lhe?

*

James entrou no quarto. Os polícias eram um bando de amadores... nem sequer sabiam revistar uma casa como devia ser. Na sua opinião, a culpa era de toda a burocracia sueca que insistia que os agentes da autoridade tinham de andar em bicos de pés, certificando-se de que não incomodavam ninguém. Sempre que James e os homens recebiam ordens para realizar uma busca, esventravam o local e não paravam até encontrarem o que procuravam.

Ia sentir falta da *Colt*, mas não queria saber das outras duas armas, desde que o resto do arsenal continuasse em segurança, num armário dentro do guarda-fatos, atrás de uma fila de camisas e de um painel amovível na parede. A polícia nem sequer tinha batido na parede para ver se era oca!

James examinou as armas sem pressas, ponderando quais devia levar. Não podia ficar ali durante muito mais tempo. Queimara as suas pontes. Poria tudo aquilo para trás das costas. Não sentia remorsos; haviam desempenhado todos o papel que lhes fora atribuído e tinham continuado a atuar até ao final do espetáculo.

Chegara a hora de encarar o facto de estar a ficar velho. De qualquer modo, a carreira militar estava perto do fim, por isso não seria assim tão difícil desistir. Gozava de uma boa situação financeira, graças ao dinheiro que poupava enquanto servia o país – dinheiro que tinha tido o discernimento de esconder em contas no estrangeiro.

Teve um sobressalto quando ouviu a voz de Helen à porta.

– Porque é que andas para aí sorrateiramente? – perguntou. Helen sabia muito bem que não devia fazê-lo. – Há quanto tempo estão em casa?

Fechou a porta do armário e voltou a encaixar o painel na parede. Teria de deixar ali a maioria das armas. Isso irritava-o, mas não havia nada que pudesse fazer. Além disso, não precisaria delas.

– Há meia hora. Eu, pelo menos. O Sam chegou a casa há cerca de um quarto de hora. Está no quarto dele.

Helen abraçou o tronco magro e olhou para o marido.

– Vais-te embora, não é? Vais deixar-nos. Não vais só em serviço. Vais deixar-nos para sempre.

Não havia tristeza na voz. Nenhuma emoção. Estava apenas a constatar um facto.

A princípio, James não respondeu. Não queria que Helen soubesse dos planos que tinha, não queria dar-lhe o poder. Então lembrou a si próprio que era ele quem detinha o poder naquela casa, não Helen. Aquela hierarquia fora estabelecida há muito tempo.

– Tratei da papelada e transferi-te a casa. Tu e o Sam podem aguentar-se por uns tempos com o dinheiro da conta bancária.

Helen assentiu.

– Porque fizeste aquilo? – perguntou.

Não precisou de especificar. James fechou a porta do guarda-fatos e virou-se para a mulher.

– Tu sabes porquê – respondeu. – Fi-lo pelo teu pai. Prometi-lhe.

– Quer dizer que nunca fizeste nada por minha causa?

James não respondeu.

– E por Sam?

– Sam – bufou James. – Para mim, o Sam foi um mal necessário. Nunca fingi outra coisa. Se gostasse dele nunca teria permitido que o criasses assim. Um menino da mamã que anda agarrado às tuas saias desde bebé. É um inútil.

Ouviram algo a raspar do outro lado da parede e ambos olharam na direção do ruído. Então, James virou-lhe as costas.

– Vou ficar até domingo – disse. – Depois ficam por vossa conta.

Por alguns segundos, Helen não se mexeu. Depois, James ouviu os passos da mulher a afastarem-se lentamente.

*

– Estou estourado – disse Patrik, afundando-se no sofá ao lado de Erica.

A mulher entregou-lhe um copo de vinho, que Patrik aceitou com gratidão. Martin estava de serviço, por isso Patrik podia dar-se ao luxo de beber um pouco de vinho com a consciência tranquila.

– Como correu com o James? – perguntou Erica.

– Nunca seremos capazes de o vergar sem nenhuma prova concreta. E isso vai demorar tempo. Enviámos as balas para comparação, mas há uma lista de espera no laboratório, como é costume.

– É uma pena não terem encontrado correspondência para as impressões digitais. Mas pelo menos confirmaram que as que foram descobertas no cadáver

da Nea coincidem com as da embalagem dos *wafers*.

Erica aproximou-se para dar um beijo ao marido.

Aqueles lábios macios tão familiares fizeram com que toda a tensão lhe abandonasse o corpo.

Patrik recostou a cabeça na almofada do sofá e soltou um suspiro profundo.

– Não fazes ideia de como é bom estar em casa. Mas ainda tenho algum trabalho pela frente, porque tenho de organizar o material que recolhemos até agora.

– Tenta pensar em voz alta – disse Erica, afastando o cabelo para trás. – As coisas normalmente parecem mais claras se as dissermos em voz alta. É verdade, hoje também tenho uma coisa para te contar ...

– Ah, sim? O que é? – perguntou Patrik.

Mas Erica abanou a cabeça e bebeu um gole de vinho.

– Não, tu primeiro. Sou toda ouvidos.

– Bem, o problema é que algumas coisas parecem claras, outras parecem nebulosas, e ainda há outras que pura e simplesmente não consigo compreender.

– Explica-me isso – pediu Erica.

– Okay. Não tenho dúvidas de que o James matou o Leif com a *Colt* que possui. Depois pôs a arma do Leif na mão direita do agente, porque presumiu que fosse destro.

Parou por um momento, depois prosseguiu.

– Provavelmente, isso aconteceu por o Leif o ter contactado para falar sobre o caso Stella. O James concordou em encontrar-se com ele e depois matou-o.

– Na minha opinião há duas perguntas – disse Erica, erguendo dois dedos. – Primeira: Que motivo tinha o James para matar o Leif? Será que o fez para proteger a mulher ou para se proteger a si próprio?

– O meu palpite é que o fez para se proteger. Temos quase a certeza de que era o James quem Stella costumava encontrar na floresta. Sempre foi uma espécie de lobo solitário.

– Perguntaram aos pais da Nea se ela alguma vez mencionou algo do género? De ter encontrado alguém na floresta?

– Disseram que a Nea brincava sempre no celeiro, não na floresta – respondeu Patrik. – E não tinha nenhum amigo imaginário. Passava o tempo a brincar com um gatinho cinzento, muito fofo, por sinal; vi-o quando estávamos a revistar a quinta dos Berg. Embora suponha que a Nea fantasiava um pouco, porque lhe chamava «gato preto».

– *Okay* – disse Erica, que parecia estar a pensar em vez de ouvir. – Digamos que tens razão e que foi o James que matou a Stella e depois matou o Leif para encobrir o homicídio... Isso levanta mais perguntas. Porque é que as raparigas confessaram? Porque é que o James casou com a Helen?

– Estás a ver como o nosso trabalho tem sido complicado – disse Patrik. – Parece que há muito mais nesta história que ainda não sabemos. E temo que nunca consigamos desvendar isto. O Gösta está convencido de que o James vai fugir do país antes de termos oportunidade de o prender.

– Não podes impedir que isso aconteça? Proibi-lo de deixar o país ou uma coisa do género? Como dizem nos filmes americanos: – Está proibido de sair da cidade...

– Quem me dera! – disse Patrik com um sorriso. Infelizmente, sem provas fico de mãos atadas. Estava à espera de encontrarmos armas ilegais quando revistámos a casa dele. Isso teria sido suficiente para detê-lo durante algum tempo. Então, qual era a segunda? Disseste que havia duas perguntas.

– Ah, pois. Pergunto-me porque pensaria o James que um homicídio tão desajeitado ia ser ignorado. Não podia saber que o médico-legista ia pôr a pata na poça. Se a autópsia tivesse sido feita corretamente, teriam percebido que a bala que matou o Leif era de um calibre diferente da arma encontrada junto do cadáver.

– Já fiz a mesma pergunta a mim próprio – disse Patrik, girando o copo de vinho. – Mas, depois de conhecer o James, acho que tudo se pode resumir a arrogância pura. O tipo acha que todos os envolvidos na aplicação da lei são incompetentes.

– E o homicídio da Nea? Como é que está relacionado com o da Stella? Se o James matou a Stella e depois assassinou o Leif para encobrir o crime, como é que a Nea entra em cena?

– Essa é a pergunta de um milhão de dólares – disse Patrik. – Esse foi um homicídio que sem dúvida não foi cometido pelo James. Tem um álibi a toda a prova: estava em Gotemburgo quando a Nea morreu.

– Então, quem poderia tê-la matado? De quem são as impressões digitais na embalagem dos *wafers* e no cadáver da Nea?

– Se eu soubesse, não estaria aqui sentado, estaria a caminho para prender o assassino. – Patrik apercebeu-se do tom exasperado daquelas palavras; não se dirigia a Erica. Expressara apenas a pergunta que o incomodara o dia inteiro. – Gostava de comparar as impressões digitais com as da Marie e da Helen. Mas,

como não tenho provas suficientes para as deter, não posso exigir-lhes as impressões digitais.

Erica acariciou a face de Patrik e levantou-se.

– Não posso ajudar-te em relação às duas. Mas *posso* ajudar-te numa delas.

– Como? – perguntou Patrik.

Erica foi à cozinha. Regressou com uma chávena de café envolta num saco de plástico para impedir que a mão lhe tocasse.

– Toma. Querias as impressões digitais de Helen.

– Não estou a perceber – disse Patrik.

– A Helen veio cá hoje. Sim, eu sei. Também fiquei surpreendida. Mas telefonou-me e agora percebo que deve ter acontecido enquanto vocês lhes revistavam a casa.

– O que queria? – perguntou Patrik, olhando para a chávena que Erica pousara na mesa de café.

– Queria falar sobre a Stella – respondeu a mulher, sentando-se novamente ao lado dele. – Quando começou a falar, as palavras nunca mais pararam. Senti que ia dizer qualquer coisa importante, mas fui estúpida e interrompi-a, perguntando se o James estava envolvido... e a Helen quase fugiu daqui.

– Mas sacaste-lhe as impressões digitais? – disse Patrik, erguendo as sobrancelhas com ceticismo.

– Pronto, *okay*, simplesmente não tive tempo de lavar a louça – disse Erica. – Mas querias as impressões digitais da Helen e elas aqui estão. Receio que tenhas de conseguir as da Marie por ti. Se soubesse disso antes, podia ter roubado o copo de champanhe que bebeu no Café Bryggan.

– É fácil pensar nas coisas retrospectivamente – disse Patrik, rindo-se. Deu outro beijo a Erica.

Depois ficou com ar sério.

– A Paula pediu-me para a ajudar numa coisa. Resumindo, há uma velhinha encantadora que mora numa casa perto do atalho para a quinta dos Berg e a casa da Helen e do James. Estás a ver, aquela casa vermelha bonita?

– Claro. Sei qual é. Está à venda, não é? – perguntou Erica, demonstrando mais uma vez uma habilidade inusitada para acompanhar tudo o que acontecia em Fjällbacka.

– Exatamente. A senhora tem o hábito de se sentar à janela todas as manhãs a fazer palavras cruzadas. Ao mesmo tempo toma notas sobre tudo que acontece na rua. Neste caderno.

Pegou no caderno azul-escuro de Dagmar e pousou-o na mesa de café.

– A Paula diz que, depois de o ter folheado, havia qualquer coisa que não batia certo, mas que não consegue de maneira nenhuma perceber o que é. Talvez tenha que ver com os carros? A Dagmar anotou apenas as cores e as marcas, e não as matrículas, por isso não podemos procurar os veículos que por lá passaram. A questão é que a Paula tem estado de volta do caderno e eu também, e nenhum de nós consegue ver nada que se destaque.

– Deixa-me dar uma vista de olhos – disse Erica, pegando no caderno com a letra difícil de decifrar.

Erica leu tudo cuidadosamente. Patrik não queria ficar especado a olhar para a mulher enquanto lia, por isso bebeu um gole de vinho e percorreu os canais de televisão. Por fim, Erica pousou o caderno na mesa, aberto até ao dia em que a Nea morreu.

– Têm estado concentrados nas coisas erradas. Estão à procura do que se destaca e não do que falta.

– Como assim? – perguntou Patrik, franzindo a testa.

Erica apontou para as notas da manhã de segunda-feira.

– Aqui. Falta aqui alguma coisa. Algo que aparece todas as manhãs dos dias úteis.

– O quê? – perguntou Patrik, olhando fixamente para as notas.

Folheou as páginas, recuando algumas semanas e leu as notas rabiscadas. Só então viu aonde Erica queria chegar.

Em todas as outras manhãs dos dias úteis, Dagmar anotara que Helen tinha passado por lá a correr. Mas na segunda-feira só passara a correr à hora do almoço.

– Okay. É estranho, não é? Acho que deve ter sido isso que o subconsciente da Paula apanhou.

– A Helen... – disse, olhando para a chávena em cima da mesa. – Vou mandar esta chávena para o laboratório amanhã bem cedo. Mas vai demorar um pouco até saber se as impressões digitais coincidem com as da embalagem de *wafers* e com as da Nea.

Erica olhou para Patrik e ergueu o copo.

– A Helen não sabe disso.

Deu-se conta de que a mulher tinha razão. Como tantas vezes antes.

³¹ Sigla de *Automatic Colt Pistol*. (N. do T.)

Bohuslän, 1672

AS TESTEMUNHAS TINHAM-SE SUCEDIDO. ELIN CAÍRA NUMA ESPÉCIE DE ATORDOAMENTO E JÁ NEM PRESTAVA ATENÇÃO A TODAS AQUELAS HISTÓRIAS INVENTADAS SOBRE AS SUAS ATIVIDADES DIABÓLICAS. ANSIAVA PELO FIM DAQUELE ESPETÁCULO. MAS, DEPOIS DO PEQUENO-ALMOÇO DO TERCEIRO DIA, UM MURMÚRIO PERCORREU A ASSISTÊNCIA E ELIN FOI DESPERTADA DO TORPOR. QUE ESTARIA A CAUSAR TAMANHA AGITAÇÃO?

ENTÃO VIU-A. COM AS TRANÇAS LOURAS E O ROSTO RADIOSO.

A SUA VIDA. A SUA QUERIDA. A SUA MÄRTA. DE MÃO DADA COM BRITTA, ENTROU NA SALA DE AUDIÊNCIAS E OLHOU EM REDOR, PERPLEXA. O CORAÇÃO DE ELIN PAROU POR UNS SEGUNDOS. QUE ESTAVA A FILHA ALI A FAZER? ESTARIAM A TENTAR HUMILHÁ-LA AINDA MAIS, DEIXANDO QUE MÄRTA OUVISSE O QUE DIZIAM SOBRE A MÃE? ENTÃO VIU BRITTA A CONDUZIR A FILHA À CADEIRA DAS TESTEMUNHAS, ONDE A DEIXOU. A PRINCÍPIO, ELIN NÃO COMPREENDEU. PORQUE É QUE A MENINA HAVERIA DE ESTAR ALI SENTADA E NÃO NO MEIO DA MULTIDÃO? ENTÃO PERCEBEU O QUE PRETENDIAM E TEVE VONTADE DE GRITAR.

– NÃO, NÃO, NÃO. NÃO FAÇAM ISSO À MÄRTA – DISSE ELIN, DESESPERADA.

MÄRTA OLHOU PARA A MÃE, CONFUSA, E ELIN ESTENDEU OS BRAÇOS PARA A MENINA. MÄRTA ESTAVA PRESTES A LEVANTAR-SE E CORRER PARA A MÃE, MAS HIERNE AGARROU-A PELO BRAÇO E MANTEVE-A FIRME NA CADEIRA. ELIN TEVE VONTADE DE DESFAZÊ-LO POR TOCAR NA FILHA, MAS SABIA QUE TINHA DE CONTER-SE. NÃO QUERIA QUE MÄRTA VISSE OS GUARDAS A ARRASTÁ-LA PARA FORA DA SALA.

PORTANTO, MANTEVE A CALMA E SORRIU À FILHA, EMBORA PUDESSE SENTIR OS OLHOS A ENCHEREM-SE DE LÁGRIMAS. A CRIANÇA PARECIA TÃO PEQUENA E TÃO INDEFESA.

– ESTOU CORRETO AO AFIRMAR QUE ESTA MULHER É TUA MÃE? ELIN JONSDOTTER? – PERGUNTOU HIERNE.

– SIM. A MINHA MÃE CHAMA-SE ELIN E ESTÁ ALI SENTADA – DISSE MÄRTA, COM VOZ VIVA E CLARA.

– AO QUE SEI, CONTASTE À TUA TIA E AO TEU TIO ALGUMAS COISAS SOBRE O QUE FIZESTE COM A TUA MÃE – PROSSEGUIU HIERNE, OLHANDO PARA A

ASSISTÊNCIA. — QUERES FALAR-NOS SOBRE ISSO?

— SIM, EU E A MAMÃ COSTUMÁVAMOS IR AO SHABAT DAS BRUXAS EM BLÅKULLA — DISSE MÄRTA COM EXCITAÇÃO.

OUVIRAM-SE GRITOS VINDOS DA MULTIDÃO E ELIN FECHOU OS OLHOS.

— COSTUMÁVAMOS VOAR ATÉ LÁ NA NOSSA VACA ROSA — DISSE ALEGREMENTE A MENINA. — ATÉ BLÅKULLA. E DIVERTÍAMO-NOS MUITO E FAZÍAMOS JOGOS ENGRAÇADOS. ERA TUDO AO CONTRÁRIO. SENTÁVAMO-NOS COM AS COSTAS VOLTADAS PARA A MESA E COMÍAMOS POR CIMA DOS NOSSOS OMBROS, E OS PRATOS VINHAM VIRADOS PARA BAIXO E A REFEIÇÃO ERA SERVIDA COM A SOBREMESA EM PRIMEIRO LUGAR. AH, ERAM JANTARES TÃO DIVERTIDOS... NUNCA TINHA IDO A NADA ASSIM.

— DIVERSÃO E JOGOS? CALCULO! — DISSE HIERNE, COM UMA RISADA NERVOSA. — PODIAS CONTAR-NOS MAIS COISAS DESSES FESTINS? QUEM É QUE LÁ ESTAVA? O QUE FAZIAS TU?

COM CRESCENTE ESPANTO E HORROR, ELIN OUVIU A FILHA A DESCREVER VIVIDAMENTE AS VIAGENS A BLÅKULLA. HIERNE ATÉ CONSEGUIU QUE A MENINA DISSESSE QUE TINHA VISTO A MÃE A FORNICAR COM O DIABO.

ELIN NÃO CONSEGUIA COMPREENDER COMO TINHAM CONSEGUIDO FAZER COM QUE MÄRTA INVENTASSE AQUELAS HISTÓRIAS. OLHOU PARA BRITTA, QUE TINHA UM GRANDE SORRISO NO ROSTO. USAVA MAIS UM DOS SEUS BELOS VESTIDOS. ACENOU E PISCOU O OLHO A MÄRTA, CUJO ROSTO SE ILUMINOU QUANDO RETRIBUIU O ACENO. BRITTA DEVIA TER FEITO TUDO E MAIS ALGUMA COISA PARA CONQUISTAR MÄRTA DEPOIS DE ELIN TER SIDO ENVIADA PARA A PRISÃO.

MÄRTA CLARAMENTE NÃO COMPREENDIA O QUE ESTAVA A FAZER. SORRIU A ELIN ENQUANTO IA CONTANDO ALEGREMENTE AS SUAS HISTÓRIAS SENTADA NA CADEIRA DAS TESTEMUNHAS. PARA MÄRTA, AQUILO ERAM MEROS CONTOS DE FADAS. ENCORAJADA POR HIERNE, CONTINUOU A FALAR DE BRUXAS QUE TINHAM CONHECIDO EM BLÅKULLA E DE CRIANÇAS COM QUEM BRINCARA.

O DEMÓNIO TINHA-SE INTERESSADO PARTICULARMENTE POR MÄRTA, QUE SE SENTARA AO COLO DELE ENQUANTO VIA A MÃE A DANÇAR SEM USAR ROUPA.

— E A SALA AO LADO CHAMAVA-SE VITKULLA, QUE ERA ONDE OS ANJOS BRINCAVAM COM AS CRIANÇAS. ERAM TÃO LINDOS E ADORÁVEIS... MAL PODIA ACREDITAR NOS MEUS OLHOS!

MÄRTA BATEU PALMAS DE PRAZER.

QUANDO ELIN PERCORREU A SALA DE AUDIÊNCIAS COM OS OLHOS E VIU QUE TODOS ESTAVAM BOQUIABERTOS E COM OS OLHOS ARREGALADOS, O CORAÇÃO AFUNDOU-SE-LHE AINDA MAIS NO PEITO. QUE PODERIA DIZER EM RELAÇÃO A TUDO

AQUILO? A PRÓPRIA FILHA ESTAVA A TESTEMUNHAR SOBRE AS VIAGENS A BLÅKULLA E A DIZER TER VISTO A MÃE A FORNICAR COM O DIABO. A SUA MÄRTA. A SUA ADORÁVEL, INGÉNUA E INOCENTE MÄRTA. OLHOU PARA O PERFIL DA MENINA ENQUANTO CONTAVA AS SUAS HISTÓRIAS PARA UMA PLATEIA ENTUSIASMADA E SENTIU O CORAÇÃO A REBENTAR DE SAUDADE.

QUANDO HIERNE ANUNCIOU POR FIM QUE NÃO TINHA MAIS PERGUNTAS A FAZER A MÄRTA, BRITTA APROXIMOU-SE DA MENINA PARA A LEVAR. MÄRTA PEGOU NA MÃO DA TIA E DIRIGIRAM-SE PARA A PORTA, MAS MESMO ANTES DE SAÍREM A MENINA VIROU-SE PARA LANÇAR UM GRANDE SORRISO A ELIN E ACENAR-LHE.

— ESPERO QUE A MAMÃ VOLTE DEPRESSA PARA CASA — DISSE. — TENHO SAUDADES TUAS!

NAQUELE MOMENTO, A FORÇA DE ELIN CEDEU. INCLINOU-SE PARA A FRENTE E ENTERROU O ROSTO NAS MÃOS ENQUANTO CHORAVA AS LÁGRIMAS DOS CONDENADOS.

*

– COMO SE ESTÃO A DAR nos novos alojamentos? – perguntou Bill. Para seu alívio, agora conseguia fazer-se entender em sueco, se falasse lenta e claramente.

– Bem – respondeu Khalil.

Bill perguntou a si próprio se Khalil estaria a dizer a verdade. Adnan e Khalil pareciam cansados e o espírito rebelde de adolescente de Adnan parecia ter desaparecido.

No dia seguinte, Karim teria alta do hospital. Iria para casa encontrar-se com os filhos, mas Amina não estaria lá.

– Proa ao vento – disse em inglês, assinalando com a cabeça o lado esquerdo do barco, bombordo.

Adnan fez o que Bill disse. Agora já eram muito melhores marinheiros. Mas a alegria tinha-os abandonado. Pareciam velas que o vento não conseguia enfunar, uma descrição que Bill considerou ser adequada, dadas as circunstâncias.

Não falara com Nils e sabia que não o fizera porque temia aquela conversa. Não fazia ideia do que dizer ao filho, tal era a distância entre eles. Nem sequer Gun sabia como lidar com ele. Nils voltava para casa já de noite com andar arrastado e ia diretamente para o quarto. Depois, a música começava a martelar. A comunicação entre Nils e os pais resumia-se a um grunhido à laia de cumprimento quando passava por eles.

Bill mareou cuidadosamente a vela. Devia estar a dar-lhes mais instruções, aproveitar o momento para lhes ensinar o máximo possível antes da regata de Dannholmen. Mas os rostos deles pareciam cinzentos contra as velas brancas e suspeitava de que a própria expressão fosse igualmente resignada. O entusiasmo sempre fora a sua marca registada, mas agora escapava-lhe, e sem ele Bill não sabia quem era.

Quando dava uma ordem para bordejar, os sírios obedeciam silenciosamente e sem protestar. Sem alma. Como uma tripulação de fantasmas.

Pela primeira vez desde que começara aquele projeto, Bill tinha dúvidas. Como poderiam navegar sem alegria? Era preciso mais do que vento para fazer navegar um barco à vela.

*

Era de manhã cedo quando bateram à porta da casa de Helen e de James. Patrik telefonara a Paula, que ainda mal se tinha levantado, para lhe pedir que o

acompanhasse. Não havia maneira de saber se o plano que tinha arquitetado com Erica resultaria, mas se já conhecesse um pouco Helen como julgava que conhecia, havia esperança.

A porta abriu-se e Helen olhou-os com ar inquiridor. Estava completamente vestida, como se estivesse acordada há horas.

– Temos de fazer-lhe algumas perguntas. Importa-se de vir connosco?

Patrik prendeu a respiração, esperando que James não estivesse em casa. Sem dúvida de que não deixaria a mulher ir, mandando-os dar uma volta. Não tinham qualquer mandado que os autorizasse a levar Helen para interrogatório. Nada que pudesse forçá-la a ir com eles. Confiavam unicamente na boa vontade da mulher.

– Claro – disse, olhando por cima do ombro.

Parecia que queria fazer alguma coisa, mas depois mudou de ideias. Tirou um casaco de um cabide no vestíbulo e seguiu-os. Não lhes perguntou o que queriam, nem expressou nenhuma raiva nem quaisquer objeções. Limitou-se a baixar a cabeça e a entrar calmamente no carro-patrulha. Patrik tentou fazer alguma conversa de circunstância a caminho da esquadra, mas Helen respondeu apenas com monossílabos.

Quando entraram na esquadra, Patrik foi buscar duas chávenas de café à cozinha e precedeu Helen até uma sala de interrogatórios. Helen permaneceu em silêncio e Patrik perguntou a si próprio o que estaria a pensar. Por seu lado, Patrik deu por si a bocejar e teve de fazer um grande esforço para manter a concentração. Tinha ficado acordado a noite inteira, a rever tudo, a examinar todos os fios do caso – ou melhor, dos casos – e as perceções a que chegara com a ajuda de Erica. Embora ainda não conseguisse compreender completamente como aqueles fios podiam ser entrelaçados, estava convencido de que Helen tinha a resposta.

– Importa-se que grave a nossa conversa? – perguntou, apontando para o gravador em cima da mesa.

Helen assentiu.

– Ontem falámos com o seu marido – começou por dizer. Como Helen não reagiu, Patrik prosseguiu: – Temos provas que o relacionam com o homicídio do Leif Hermansson. Presumo que reconheça este nome?

– Sim, era o agente encarregado da investigação do caso Stella.

– Exatamente – disse Patrik, assentindo. – Pensamos que o seu marido matou o Leif.

Esperou pela reação. Helen não disse nada, mas Patrik reparou que não parecia surpreendida com a acusação.

– Sabe alguma coisa sobre isto? – perguntou, olhando fixamente para Helen, que no entanto se limitou a abanar a cabeça.

– Não. Nada.

– Também temos motivos para acreditar que o seu marido tem armas em casa para as quais não tem licença. Está ao corrente disto?

Helen abanou novamente a cabeça, mas não disse uma palavra.

– Preciso de uma resposta verbal para a gravação – disse Patrik.

Helen hesitou, mas depois disse:

– Não, não estou ao corrente disso.

– Sabe que motivo teria o seu marido para assassinar o agente que investigou o caso Stella? Um homicídio pelo qual a Helen e a Marie foram consideradas culpadas?

– Não – respondeu Helen com a voz embargada. Aclarou a voz e repetiu: – Não. Não faço ideia.

– Não sabe porque o seu marido o fez? – perguntou Patrik.

– Não. Não sei se o James matou o Leif. Portanto, não faço ideia de qual seria o motivo – disse Helen, e olhou Patrik nos olhos pela primeira vez.

– Mas estou a dizer-lhe que temos provas de que foi o James o autor do crime. Como reage a isto?

– Terá de mostrar-me as provas – respondeu Helen, sobre a qual parecia ter descido uma calma profunda.

Patrik fez uma pausa e depois disse:

– Talvez devêssemos falar sobre o homicídio de Linnea Berg.

Helen olhou-o nos olhos.

– O meu marido não estava cá quando isso aconteceu.

– Nós sabemos – disse calmamente Patrik. – Mas a Helen estava em casa. Que estava a fazer naquela manhã?

– Já vos disse. O que sempre faço todas as manhãs. Fui correr.

O olhar de Helen vacilou brevemente.

– Mas não foi correr naquela manhã, Helen. Assassinou uma menina. Não sabemos porquê. É o que gostaríamos que nos dissesse.

Helen não disse nada. Tinha os olhos fixos na mesa. As mãos estavam no colo, imóveis.

Por um momento, Patrik sentiu compaixão por aquela mulher, mas depois lembrou-se do que tinha feito e prosseguiu com voz austera:

– Helen. As buscas à sua casa, que realizámos ontem, não são nada em comparação com o que vamos fazer para encontrar vestígios de como assassinou uma criança inocente. Vamos procurar em toda a parte. Vamos vasculhar cada pormenor da sua vida, da vida da sua família.

– Não têm provas – disse Helen com voz rouca.

Mas Patrik viu que as mãos da mulher estavam a tremer.

– Helen – disse suavemente Patrik. – Temos as suas impressões digitais numa embalagem de *wafers* que encontrámos no celeiro. Temos as suas impressões digitais no cadáver da menina. Acabou. Se não confessar, vamos virar o seu mundo de cabeça para baixo até encontrarmos cada pequeno segredo que a Helen e a sua família estão a esconder. É isso que quer?

Patrik inclinou a cabeça para um lado enquanto olhava para ela.

Helen olhou para as mãos. Então, lentamente, ergueu a cabeça.

– Eu matei-a – disse. E matei a Stella.

*

Erica olhou para tudo o que tinha afixado na parede. Todas as fotografias, artigos e excertos dos antigos relatórios técnicos e forenses, juntamente com as transcrições das conversas que tivera com Harriet, Viola, Helen, Marie, Sam e Sanna. Olhou para a fotografia de Stella ao lado da de Nea. Os casos estavam finalmente encerrados. As famílias tinham pelo menos ficado a saber qual tinha sido o desfecho; infelizmente, chegara demasiado tarde para os pais de Stella, mas pelo menos Sanna já sabia o que tinha acontecido à irmãzinha. Quando Patrik lhe ligou a dizer que Helen confessara os dois homicídios, o primeiro pensamento de Erica foi para Sanna. Aquela que tinha ficado sozinha.

Erica perguntou a si própria como tinham os pais de Nea reagido às notícias. Se era pior saber que uma vizinha lhes matara a filha, um rosto familiar, alguém que conheciam. Ou se teria sido pior se o assassino fosse um estranho. Provavelmente não fazia diferença. De uma maneira ou de outra, a filha estava morta. Erica também se interrogou se os Berg continuariam a viver na quinta. Achava que ela própria não seria capaz de fazê-lo. O local estaria repleto de recordações de uma criança viva e sorridente que nunca mais veriam a correr pela propriedade. Se ficassem, estariam constantemente a recordá-la.

Ligou o computador e abriu o *Word*. Todos os meses de pesquisa, conhecer as pessoas envolvidas, localizar factos e preencher espaços em branco na história tinham conduzido àquele momento. Agora podia começar a escrever o livro.

Sabia exatamente como iniciá-lo. Falaria de duas meninas a quem fora permitido passar apenas alguns anos nesta Terra. Queria voltar a dar-lhes vida para os leitores, garantir que a memória de Stella e de Nea permanecesse na mente muito tempo depois de terminarem o livro. Respirando fundo, Erica pousou os dedos no teclado.

*

Stella e Linnea eram parecidas de muitas maneiras. As vidas de ambas estavam repletas de imaginação e de aventuras. O seu mundo era uma quinta junto a uma área arborizada. Stella adorava a floresta. Ia lá sempre que podia para brincar com o amigo, o «homem verde». Se era real ou imaginário, podemos nunca vir a saber. Nem todas as perguntas foram respondidas e só podemos supor. O lugar preferido de Linnea era o celeiro. Naquele espaço escuro e silencioso, brincava sempre que podia. O melhor amigo que tinha não era um amigo imaginário, mas o gato da família. Para Stella e Linnea não havia fronteiras. A imaginação podia levá-las aonde quisessem. Estavam seguras. Eram felizes. Até que um dia encontraram alguém que queria fazer-lhes mal. Esta é a história de Stella e de Linnea. Esta é a história de duas meninas que aprenderam muito cedo que o mundo nem sempre é bom.

*

Erica ergueu as mãos do teclado. Limaria as palavras e as frases muitas vezes nos próximos meses. Mas sabia que era assim que queria começar. Era assim que queria construir a história. Os seus livros nunca se limitavam ao preto e ao branco. Já chegara a ser criticada por ser demasiado compreensiva em relação àqueles que tinham cometido crimes, sobretudo quando os crimes em questão eram brutais e repulsivos. Mas Erica recusava-se a acreditar que alguém nascesse mau. Toda a gente era, de algum modo, moldada pelo próprio destino. Uns tornavam-se vítimas. Outros, criminosos. Ainda não sabia os pormenores do relato de Helen sobre o que tinha acontecido, ou qual fora o motivo para tirar a vida às duas meninas. De muitas maneiras, era incompreensível que aquela mulher de falinhas mansas que estivera sentada na sua cozinha no dia anterior fosse a assassina de duas crianças. Ainda assim, muitas coisas tinham encaixado. Erica compreendia agora que a energia tensa que emanava de Helen se devia à culpa que sentia. Foi por isso que entrara em pânico depois de a questionar sobre

o papel de James no homicídio de Stella: Helen não queria que o marido fosse culpado por algo que fora ela a fazer.

Um homicídio afetava tanta gente. Os efeitos espalhavam-se como anéis na água, mas aqueles que estavam no epicentro eram os mais atingidos. E a sua tristeza seria transmitida através das gerações. Erica perguntou a si própria o que aconteceria ao filho de Helen. Sam parecera-lhe tão vulnerável quando o conheceu. Por mais que tentasse parecer duro, com o cabelo preto asa de corvo, a roupa preta, o verniz preto e os olhos orlados de *kohl*, Erica percebera como o rapaz era sensível. Quando conversaram, sentiu a necessidade desesperada que Sam tinha de alguém em quem pudesse confiar. Agora ficaria sozinho, apenas com o pai. A vida de outra criança fora destruída.

Uma pergunta repetia-se sem parar na mente de Erica: Porquê?

Gösta tinha ido ter com os Berg para lhes dar a notícia. Não queria contar-lhes pelo telefone. Parecia-lhe demasiado frio, demasiado impessoal. Os pais de Nea precisavam de o ouvir, cara a cara.

– A Helen? – disse Eva, incrédula. Agarrou a mão de Peter. – Mas porquê?

– Ainda não sabemos – respondeu Gösta.

Os pais de Peter ficaram em silêncio. Já não estavam bronzeados e tinham envelhecido desde a primeira vez que os vira.

– Não posso acreditar – disse Peter, abanando a cabeça. – A Helen? Nós quase não tivemos nenhum contacto com a família dela. Trocávamos algumas palavras com ela de vez em quando e mais nada.

Olhou para Gösta como se pudesse invocar uma explicação por parte do agente, mas Gösta não tinha nenhuma resposta. Estava a fazer as mesmas perguntas a si próprio.

– A Helen também confessou ter matado a Stella. Estamos a interrogá-la neste momento e iremos revistar a casa dela em busca de mais indícios. Mas já temos provas suficientes e a confissão da Helen é a última peça do *puzzle*, por assim dizer.

– Como morreu a Nea? O que foi que a Helen fez?

As palavras de Eva eram quase inaudíveis e não eram dirigidas a ninguém.

– De momento ainda não sabemos, mas vamos manter-vos informados.

– Então e o James? – perguntou Peter, intrigado. – Ouvimos dizer que o levaram para ser interrogado. Por isso pensámos...

– Esse é outro assunto – disse Gösta.

Não podia dizer mais nada à família de Nea. A polícia não podia relacionar James com o homicídio de Leif até ter os resultados do laboratório e a prova

concreta. Mas Gösta sabia que Fjällbacka – toda a região, na verdade – fervilhava de rumores. As buscas à casa de Helen e de James não passaram despercebidas. E todos também pareciam saber que James fora levado para a esquadra.

– Aquele pobre rapaz – disse suavemente Eva. – O filho da Helen e do James. Parece tão perdido. E agora isto...

– Não debes preocupar-te com o rapaz – disse Peter em voz baixa. – Pelo menos está vivo. A Nea já não.

Continuaram sentados à mesa da cozinha e, por um momento, ninguém falou.

O único som que se ouvia era o do tiquetaque do relógio de parede. Então, Gösta aclarou a voz.

– Quis dizer-vos pessoalmente. Vai haver muito falatório pela vila. Mas não liguem às especulações sem fundamento. Prometo manter-vos sempre a par.

Os pais de Nea não disseram nada, por isso Gösta decidiu abordar outro assunto.

– Também queria dizer-vos que já terminaram... a autópsia. Podem trazê-la para poderem tratar dos preparativos do...

Não conseguiu terminar a frase.

Peter olhou para o velho agente.

– Do funeral – disse.

Gösta assentiu.

– Sim. Do funeral da Nea.

Depois daquilo não havia mais nada a dizer.

Enquanto Gösta se afastava, olhou para a quinta pelo espelho retrovisor. Por um momento pensou ter visto duas meninas a acenar-lhe. Pestanejou e já não estavam lá.

*

– Malditas hienas! – rosnou James.

Atirou o telemóvel para o chão e começou a andar de um lado para o outro na cozinha. Sam observava-o, indiferente. Uma parte dele gostava de ver o pai desequilibrado. Aquele homem que quisera sempre ter controlo total sobre tudo, que achava que era dono do mundo.

– Será que pensam realmente que vou ficar sentadinho a dar entrevistas? – disse. – «Gostaríamos de ouvir os seus comentários...» Montes de merda!

Sam encostou-se ao frigorífico.

– Só espero que ela tenha o bom senso de manter a boca fechada – disse James, estacando.

De repente, apercebeu-se de que Sam estava a ouvir. Abanou a cabeça.

– Quando penso em tudo o que fiz por ti e pela tua mãe, em tudo o que sacrifiquei por vocês. E sem porra de gratidão nenhuma. – James voltou a fazer as malas. – Trinta anos a manter tudo na linha. E agora isto.

Sam ouvia as palavras e registava o significado, mas era como se se encontrasse fora do corpo. Já nada poderia abalá-lo. Tudo iria resolver-se. Não haveria mais segredos. Ia ser ele a purificá-los a todos. Até agora estivera dentro de uma bolha, juntamente com Jessie. Nada do exterior fora capaz de os afetar. Nem as buscas à casa, que a princípio pensara serem motivadas por lhe terem descoberto os planos. Nem o facto de a mãe estar sob custódia na esquadra. Nada.

Agora estavam a fazer os preparativos. Jessie tinha compreendido quando leu o caderno. Compreendeu o que Sam queria fazer e porque tinha de ser feito.

Olhou para James, que agora estava de pé à janela da cozinha, a tremer de frustração.

– Sei que me desprezas – disse calmamente Sam.

James virou-se e olhou para ele.

– Que conversa é essa? – perguntou.

– És um homem insignificante – disse Sam em voz baixa, reparando que James cerrava os punhos.

O grande vaso sanguíneo do lado direito do pescoço começou a palpitar e Sam gostou de ver a reação que causara. Olhou James bem nos olhos. Pela primeira vez na vida, Sam não evitou o olhar do pai.

Passara a sua vida com medo, inquieto, a lutar para permanecer indiferente e, no entanto, deixando que o magoassem. A raiva tinha sido a sua pior inimiga, mas agora era sua amiga. Tinha-se apoderado da raiva e isso dera-lhe poder. Só quando uma pessoa deixa de ter medo de perder alguma coisa é que tem verdadeiro poder. E James nunca o compreendera.

Sam viu James hesitar. Uma hesitação momentânea quando desviou o olhar, só por um segundo. E depois viu o ódio. James avançou, a mão levantada, mas quando o fez alguém bateu à porta. James teve um sobressalto. Lançando um último olhar a Sam, foi abrir a porta. Ouviu-se uma voz de homem.

– Olá, James. Temos um mandado para revistar de novo a sua casa.

Sam encostou a cabeça ao frigorífico. Depois saiu de casa pela porta das traseiras que conduzia ao alpendre. Jessie estava à espera dele.

*

Reinava uma grande agitação em toda a comunidade. A notícia espalhara-se como um incêndio florestal, como sempre acontece numa povoação pequena. De repente, toda a gente sabia.

Sanna estava junto ao quiosque central quando ouviu. Não lhe apetecera fazer o almoço e resolveu comer apenas um cachorro quente. Enquanto esperava na fila, as pessoas começaram a conversar. Sobre Stella. Sobre Helen. Sobre Linnea. A princípio, Sanna não percebeu o que estavam a dizer, por isso perguntou ao homem que estava atrás dela. Reconheceu-o como alguém que morava em Fjällbacka. O homem disse-lhe que Helen fora presa pelo homicídio de Linnea. E que confessara ter matado Nea e Stella.

Sanna ficou para ali em silêncio. Apercebeu-se de que todos sabiam quem era e de que todos olhavam fixamente para ela, esperando por uma reação. Mas Sanna não tinha nada para lhes dar. A notícia apenas confirmou o que sempre soube, que pelo menos uma daquelas raparigas tinha sido responsável. Era tão estranho. Sempre imaginara Marie e Helen como um par. Mas, finalmente, Sanna via um rosto. Agora sabia quem era a responsável. O rasto de dúvida que a incomodava há trinta anos tinha desaparecido. Sabia a verdade. Era uma sensação como nenhuma outra.

Saiu da fila. De repente, perdera o apetite. Caminhou até ao mar e dirigiu-se ao cais mais próximo do turismo. Sentou-se de pernas cruzadas no fim do pontão. Uma brisa leve fez-lhe esvoaçar os cabelos. Fechou os olhos, aproveitando o ar fresco. Ouviu pessoas a falar, gaivotas a grasnar e pratos a bater no Café Bryggan, assim como alguns carros a passar. E viu Stella. Viu-a a correr em direção à floresta com um olhar travesso no rosto enquanto corria atrás dela. Viu a mão da menina erguida num aceno e um sorriso mostrando o dente da frente um pouco torto. Viu a mãe e o pai como eram naquela época, antes de tudo acontecer, antes de todo o pesar e de todas as perguntas os terem feito esquecerem-se dela. Viu Helen. A Helen de treze anos que secretamente admirara. E a Helen adulta com o olhar evasivo e as costas encurvadas. Sanna sabia que não tardaria a começar a fazer perguntas sobre o motivo de Helen ter matado as meninas, mas ainda não, não até que a leve brisa que lhe acariciava o rosto desaparecesse e a sensação de alívio ao ouvir a novidade desaparecesse.

Trinta anos. Trinta longos anos. Sanna ergueu o rosto para o vento. Agora, por fim, chegavam as lágrimas.

Bohuslän, 1672

TRÊS DIAS DEPOIS DO FIM DO JULGAMENTO, LARS HIERNE, DA COMISSÃO PARA A ERRADICAÇÃO DA BRUXARIA, FOI À PRISÃO. ELIN ESTAVA À ESPERA NA ESCURIDÃO, DESALENTADA E SOZINHA. TINHAM-LHE DADO COMIDA, MAS NÃO MUITA. PAPAS RANÇOSAS QUE ATIRARAM PARA UMA TIGELA COM UM POUCO DE ÁGUA. ELIN ESTAVA FRACA E GELADA, E RESIGNARA-SE AOS RATOS QUE LHE MORDISCAVAM OS DEDOS DOS PÉS DURANTE A NOITE. TUDO LHE FORA TIRADO, POR ISSO TAMBÉM PODIA MUITO BEM DEIXAR QUE OS RATOS LHE TIRASSEM A CARNE DOS OSSOS.

SEMICERROU OS OLHOS PARA A LUZ QUANDO O MEIRINHO ABRIU A PORTA DA CELA. LÁ ESTAVA HIERNE. ELEGANTEMENTE VESTIDO, COMO SEMPRE, E COM UM LENÇO BRANCO JUNTO DO NARIZ POR CAUSA DO MAU CHEIRO. ELIN JÁ NEM O SENTIA.

– ELIN JONSDOTTER, ÉS ACUSADA DE SER UMA BRUXA, MAS AGORA TENS A OPORTUNIDADE DE CONFESSAR OS TEUS CRIMES.

– NÃO SOU UMA BRUXA – DISSE BAIXINHO, LEVANTANDO-SE.

TENTOU EM VÃO SACUDIR A SUJIDADE DA ROUPA, MAS ESTAVA DEMASIADO CONSPURCADA. HIERNE OLHOU-A COM AVERSÃO.

– O TESTE PROVOU QUE ÉS. FLUTUASTE COMO UM CISNE. E TAMBÉM OUVIMOS OS TESTEMUNHOS DE VÁRIAS PESSOAS NO JULGAMENTO. UMA CONFISSÃO É APENAS PARA O TEU PRÓPRIO BEM, PARA QUE POSSAS EXPIAR OS TEUS CRIMES E SER ACEITE NA COMUNIDADE CRISTÃ.

ELIN ENCOSTOU-SE À PAREDE DE PEDRA FRIA EM BUSCA DE APOIO.

ERA UM PENSAMENTO ESTONTEANTE. PODER IR PARA O CÉU ERA O OBJETIVO DAQUELA VIDA TERRENA, ASSEGURAR UM LUGAR AO LADO DE DEUS E PODER VIVER PARA TODA A ETERNIDADE, SEM AS DIFICULDADES ASSOCIADAS À LABUTA DIÁRIA DE UMA PESSOA EMPOBRECIDA.

MAS ABANOU A CABEÇA. ERA PECADO MENTIR. NÃO ERA BRUXA NENHUMA.

– NÃO TENHO NADA A CONFESSAR – DISSE, ABANANDO A CABEÇA.

– ASSIM SEJA. ENTÃO TEMOS DE CONTINUAR ESTA CONVERSA – DISSE HIERNE, FAZENDO SINAL AOS GUARDAS.

ESCOLTARAM-NA PELO CORREDOR E EMPURRARAM-NA PARA OUTRA DIVISÃO. ELIN ARFOU EM BUSCA DE AR QUANDO VIU OUTRO HOMEM ENTRAR.

UM HOMEM GRANDE COM UMA FARTA BARBA RUIVA OLHOU PARA ELA. A SALA ESTAVA CHEIA DE FERRAMENTAS E EQUIPAMENTOS ESTRANHOS. ELIN LANÇOU A HIERNE UM OLHAR PERPLEXO.

HIERNE SORRIU.

— ESTE É O MESTRE ANDERS. TRABALHAMOS JUNTOS HÁ MUITOS ANOS PARA TRAZER À LUZ DO DIA O TRABALHO DO DIABO. JÁ OBRIGOU BRUXAS DE TODA ESTA REGIÃO A CONFESSAR. TERÁS A MESMA OPORTUNIDADE. E ENTÃO PERGUNTO MAIS UMA VEZ: QUERES APROVEITAR ESTA OPORTUNIDADE QUE ESTOU A OFERECER-TE PARA CONFESSARES O TEU CRIME?

— NÃO SOU UMA BRUXA — SUSSURROU ELIN, OLHANDO PARA OS OBJETOS NA DIVISÃO.

— ASSIM SEJA — BUFOU HIERNE. — VOU DEIXAR QUE O MESTRE ANDERS TE CONVENÇA.

DITO ISTO, HIERNE SAIU DA DIVISÃO.

O HOMEM GRANDE COM A BARBA RUIVA ENCARAVA-A SEM DIZER UMA PALAVRA. O OLHAR ERA IMPASSÍVEL E NÃO HOSTIL. E ISSO ERA DE ALGUMA FORMA MAIS ASSUSTADOR DO QUE O ÓDIO QUE AGORA ESTAVA TÃO HABITUADA A VER.

— TENHA PIEDADE — DISSE ELIN, MAS O HOMEM NÃO REAGIU.

ALCANÇOU UMA CORRENTE PRESA AO TETO ENQUANTO ELIN OBSERVAVA, COM OS OLHOS MUITO ABERTOS.

ELIN GRITOU E RECUOU ATÉ SENTIR A PAREDE DE PEDRA FRIA E HÚMIDA NAS COSTAS.

— NÃO, NÃO, NÃO.

SEM FALAR, O HOMEM AGARROU-LHE OS PULSOS. ELIN RESISTIU, PLANTANDO OS PÉS NO CHÃO DE PEDRA, MAS ERA UM ESFORÇO VÃO. O HOMEM AMARROU-LHE AS MÃOS E OS PÉS. ERGUEU UMA TESOURA DE PODA À FRENTE DE ELIN, QUE GRITOU. DEBATEU-SE NO CHÃO, MAS O HOMEM LIMITOU-SE A AGARRAR-LHE O CABELO COMPRIDO E COMEÇOU A CORTÁ-LO. MADEIXA ATRÁS DE MADEIXA DO LINDO CABELO CAÍAM NO CHÃO ENQUANTO ELIN SOLUÇAVA.

ANDERS LEVANTOU-SE E PEGOU NUMA GARRAFA QUE ESTAVA EM CIMA DA MESA. QUANDO TIROU A ROLHA, ELIN SENTIU CHEIRO A ÁLCOOL. SEM DÚVIDA QUE PRECISAVA DE FORTALECER-SE PARA DESEMPENHAR AS SUAS FUNÇÕES. ESPERAVA QUE LHE DESSE UM GOLO PARA ALIVIAR E AMORTECER O QUE ESTAVA PARA VIR, MAS DUVIDAVA QUE O FIZESSE. PARA SUA SURPRESA, EM VEZ DE LEVAR A GARRAFA AOS LÁBIOS, O HOMEM DESPEJOU-LHE O LÍQUIDO SOBRE A CABEÇA.

ELIN PESTANEJOU VÁRIAS VEZES ENQUANTO O ÁLCOOL LHE ESCORRIA PARA OS OLHOS. JÁ NÃO CONSEGUIA VER MAIS NADA E TINHA DE DEPENDER DO QUE OUVIA. UM SOM ÁSPERO. PENSOU QUE PODIA SER UMA PEDERNEIRA. ENTÃO SENTIU CHEIRO A FOGO. O HORROR APODEROU-SE DELA E ELIN CONTORCEU-SE AINDA MAIS.

ENTÃO VEIO A DOR LANCINANTE. O MESTRE ANDERS APROXIMOU-LHE A CHAMA DA CABEÇA E O ÁLCOOL QUEIMOU-LHE O COURO CABELUDO, CARBONIZANDO-LHE IGUALMENTE O RESTO DO CABELO E AS SOBRANCELHAS.

A DOR ERA TÃO FORTE QUE ELIN PARECIA TER DEIXADO O PRÓPRIO CORPO E ESTAR A VER-SE DE CIMA. QUANDO A CHAMA SE APAGOU, O CHEIRO A CABELO QUEIMADO PERMANECEU NAS NARINAS E AS NÁUSEAS QUE A ACOMETERAM FIZERAM-NA VOMITAR.

O VÔMITO SUJOU-LHE A ROUPA. O MESTRE ANDERS GRUNHIU, MAS NÃO DISSE UMA PALAVRA.

FOI ERGUIDA ATÉ FICAR DE PÉ. ANDERS ENVOLVEU-LHE AS MÃOS COM ALGO E ELIN FOI IÇADA NO AR. A DOR DO FOGO AINDA A FAZIA OFEGAR, MAS A CORRENTE APERTOU-LHE OS PULSOS COM FORÇA E CORTOU O FLUXO SANGUÍNEO, FAZENDO-A GRITAR.

A PRINCÍPIO, ELIN NÃO SABIA O QUE O HOMEM ESTAVA A BESUNTAR-LHE NAS AXILAS. MAS ENTÃO CHEIROU-LHE A ENXOFRE E OUVIU NOVAMENTE A PEDERNEIRA. PENDURADA PELA CORRENTE, ELIN AGITOU-SE FRENETICAMENTE.

UIVOU QUANDO O HOMEM CHEGOU FOGO AO ENXOFRE. QUANDO A CHAMA SE APAGOU, FICOU EM SILÊNCIO, PENDURADA COM O QUEIXO A PENDER PARA O PEITO. A DOR ERA TÃO LANCINANTE QUE APENAS CONSEGUIA GEMER.

NÃO SABIA QUANTO TEMPO FICARA ALI PENDURADA. PODEM TER SIDO MINUTOS OU HORAS. O MESTRE ANDERS TINHA-SE SENTADO CALMAMENTE À MESA PARA JANTAR. QUANDO ACABOU, LIMPOU A BOCA. OS OLHOS DE ELIN ARDIAM TANTO QUE SÓ CONSEGUIA VER FORMAS SOMBRIAS. A PORTA ABRIU-SE E VIROU A CABEÇA NESSA DIREÇÃO, VENDO APENAS UMA FIGURA ESCURA. MAS RECONHECEU A VOZ.

— ELA ESTÁ PREPARADA PARA CONFESSAR O CRIME? — PERGUNTOU HIERNE, FALANDO PAUSADAMENTE E COM CLAREZA.

ELIN TRAVOU UMA BATALHA INTERNA. QUERIA ACABAR COM A DOR. CLARO QUE QUERIA. QUERIA QUE PARASSE A TODO O CUSTO, MAS COMO PODERIA CONFESSAR ALGO QUE NÃO TINHA FEITO? NÃO ERA PECADO MENTIR? QUE MISERICÓRDIA TERIA DEUS POR ELA SE MENTISSE?

ELIN ABANOU A CABEÇA DEVASTADA E TENTOU FORMULAR PALAVRAS COM LÁBIOS QUE NÃO QUERIAM OBEDECER-LHE.

– EU... NÃO... SOU... UMA... BRUXA.

POR UM MOMENTO NINGUÉM FALOU. ENTÃO, HIERNE DISSE COM VOZ PONDERADA.

– ASSIM SEJA. O MESTRE ANDERS CONTINUARÁ O SEU TRABALHO.

A PORTA FECHOU-SE E ELIN FICOU NOVAMENTE SOZINHA COM O MESTRE ANDERS.

*

– COMO CORREU?

Mellberg enfiou a cabeça pela porta do gabinete enquanto Patrik passava. Patrik olhou para o chefe, surpreendido. Era raro que a porta do gabinete de Mellberg estivesse aberta. Mas havia algo naquele caso, ou casos, que se tinha apoderado de todos.

Patrik parou e encostou-se à ombreira da porta.

– Encontrámos restos da roupa da Nea na lareira da sala de estar. A Helen tinha conseguido queimar a maior parte do tecido, só que, por sorte, as roupas da Nea continham alguns pedaços de plástico que não arderam. Encontrámos também utensílios de limpeza com vestígios de sangue e vários *wafers Kex* num armário da cozinha. Muitas famílias têm esses *wafers* em casa, por isso não contarão como prova. Mas os pedaços de plástico e o sangue nos utensílios de limpeza ajudarão muito a corroborar a confissão dela.

– A Helen disse porque as matou? – perguntou Mellberg.

– Não. Mas vou ter outra conversa com ela agora. Quis esperar até termos os resultados das buscas à casa. E quis que a Helen ficasse aqui a matutar durante umas horas. Achei que assim estaria mais disposta a falar.

– *Okay*. Mas conseguiu manter a boca fechada durante trinta anos – disse Mellberg com ceticismo.

– É verdade. Mas a decisão de confessar agora foi dela. Acho que quer falar.

Patrik olhou em redor.

– Onde está o *Ernst*?

Mellberg resmungou.

– Oh, a Rita é demasiado lamechas, é ridículo.

O superintendente calou-se.

Patrik esperou, mas depois insistiu:

– E o *Ernst* está..?

Mellberg coçou a cabeça, envergonhado.

– Oh, o Hedström sabe, eles gostam tanto dele, aqueles miúdos. E já passaram por tanta coisa. Por isso pensei que o *Ernst* podia ficar em casa com eles.

Patrik reprimiu uma risada. Bertil Mellberg. No fundo, o chefe tinha bom coração.

– Ótimo – disse, recebendo apenas um resmungo em resposta. – Agora vou falar com a Helen. Não conte aos média o que acabei de lhe dizer, *okay*?

– Porque é que eu faria uma coisa dessas? – Mellberg levou a mão ao peito, parecendo insultado. – Quando se trata de informações sou o Forte Knox!

– Hum... – disse Patrik, e não pôde deixar de sorrir quando se virou.

Fez sinal a Paula para o acompanhar quando passou pelo gabinete da colega e entraram ambos na sala de interrogatórios. Annika tinha trazido Helen e certificou-se de que havia sanduíches e café. Ninguém considerava que Helen fosse violenta nem que pudesse tentar fugir, por isso estava a ser tratada mais como hóspede do que como criminosa. Patrik sempre acreditou na filosofia de que é mais fácil apanhar moscas com mel do que com um mata-moscas.

– Olá, Helen. Como está? Gostaria que um advogado estivesse presente? – perguntou, ligando o gravador.

Paula sentou-se ao lado dele.

– Não, não, isso não é necessário – disse Helen.

Parecia pálida, mas serena. Não parecia nervosa nem perturbada. O cabelo escuro, com algumas madeixas grisalhas, tinha sido apanhado num rabo de cavalo simples e Helen cruzara as mãos sobre a mesa.

Patrik observou-a calmamente durante alguns minutos. Então disse:

– Encontrámos objetos em sua casa que corroboram o que nos disse. Restos da roupa de Nea que tentou queimar e sangue numa esfregona e num pano.

Helen retesou-se na cadeira. Estudou Patrik por um longo momento, antes de parecer relaxar.

– Sim, foi isso – afirmou. – Queimei a roupa da menina na lareira e esfreguei o chão do celeiro. Suponho que também devia ter queimado a esfregona e o pano.

– O que não compreendemos é porque o fez. Porque matou a Stella e a Nea? – perguntou suavemente Paula.

Não havia sinal de raiva na sala. Talvez fosse o calor que os tornava lentos, talvez fosse a sensação de que Helen se resignara à situação. Paula estava prestes a repetir a pergunta, sem saber se Helen a tinha ouvido, quando ela começou a responder.

– A Marie e eu estávamos tão felizes por termos oportunidade de estar juntas. O tempo estava lindo, como tinha estado durante todo o verão. Mas, quando somos jovens, todos os verões são soalheiros. Pelo menos, é assim que parece mais tarde. Decidimos levar a Stella a Fjällbacka para comprar gelados. A Stella estava mesmo muito contente, mas aquela menina estava sempre feliz. Apesar de sermos muito mais velhas, gostávamos de brincar com ela de vez em quando. E a Stella adorava aproximar-se de nós sorrateiramente. Achava muito divertido

aparecer de repente e assustar-nos. E nós deixávamo-la fazer isso. Gostávamos dela. Tanto eu como a Marie. Gostávamos muito da Stella...

Helen ficou em silêncio e tentava arrancar uma cutícula levantada. Tinha estado sempre a olhar para as mãos enquanto falava; tudo para evitar encontrar o olhar dos dois agentes. Patrik esperou.

– Levámos o carrinho e praticamente tivemos de obrigá-la a sentar-se nele quando nos dirigíamos a Fjällbacka. Demos-lhe o maior gelado que conseguimos comprar. A Stella tagarelava sem parar. E lembro-me de que o gelado lhe escorreu para a mão, por isso tivemos de limpá-la com uns guardanapos de papel. A Stella era... era muito intensa. Como se estivesse sempre a transbordar de energia.

Helen pôs-se novamente a mexer na cutícula. Começou a sangrar, mas continuou a tentar arrancá-la.

– A Stella também foi a falar durante todo o caminho para casa. Ia à frente, a correr, e tanto eu como a Marie gostávamos de ver o sol a bater no cabelo louro-arruivado dela. Era tão brilhante que reluzia. Vi o cabelo dela tantas vezes nos meus sonhos...

Um pequeno fio de sangue escorria-lhe pelo dedo. Patrik pegou num lenço de papel e entregou-lho.

– Quando chegámos à quinta vimos o carro do pai da Stella – disse Helen, enrolando o lenço no dedo. Dissemos-lhe que devia ir para casa porque o pai estava lá. Nós... nós queríamos livrar-nos dela para podermos passar algum tempo sozinhas. Vimo-la a dirigir-se à casa e assumimos que tinha entrado. Saímos dali e fomos para o lago tomar banho. E conversar. Estávamos com saudades disso. De poder conversar uma com a outra.

– De que conversaram? – perguntou Paula. – Lembra-se?

Helen franziu a testa.

– Não me lembro, mas suponho que falámos sobre os nossos pais, como os adolescentes costumam fazer. Devemos ter-nos queixado por não compreenderem nada. Por serem tão injustos. Estávamos cheias de pena de nós próprias na altura, eu e a Marie. Sentíamo-nos vítimas e heroínas num grande drama.

– Que aconteceu depois? – perguntou Patrik. – O que é que correu mal?

A princípio, Helen não respondeu. Começou a mexer no lenço de papel enrolado no dedo, rasgando-o em minúsculos pedaços. Respirou fundo e depois suspirou, antes de continuar a contar a história em voz baixa. Mal conseguiam

ouvir o que dizia, por isso Patrik empurrou o gravador para junto dela. Os dois agentes inclinaram-se para ouvir melhor.

– Secámo-nos e vestimo-nos. A Marie afastou-se e eu também estava prestes a ir para casa. Lembro-me de estar preocupada por ter de explicar aos meus pais porque tinha o cabelo molhado. Decidi que diria que tínhamos estado a brincar com a Stella ao pé do sistema de rega. E então a Stella apareceu. Andava sorrateiramente a seguir-nos em vez de ter ido para casa. E estava zangada por termos ido tomar banho sem ela. Mesmo irritada. Batia com o pé e gritava. Tinha-nos perguntado se estávamos a pensar ir tomar banho no lago quando voltássemos para casa e respondemos-lhe que não. E a Stella disse...

Helen engoliu em seco. Parecia relutante em continuar. Patrik inclinou-se ainda mais para a frente, como que a persuadi-la a prosseguir.

– A Stella disse que ia contar aos nossos pais que tínhamos estado a tomar banho no lago. Não era parva e os ouvidos dela eram como antenas. Tinha percebido que os nossos pais já não queriam que nos déssemos e, à maneira infantil dela, queria vingar-se de nós. E eu... Não sei explicar como ou porque é que aquilo aconteceu. Mas eu sentia muito a falta da Marie e sabia que, se a Stella dissesse que tínhamos estado juntas, nunca mais poderíamos ver-nos.

Helen ficou em silêncio e mordeu o lábio inferior. Em seguida ergueu os olhos e fitou-nos.

– Lembram-se de como era ter treze anos e de um amigo ser todo o nosso mundo, e de acharmos que seria sempre assim? De pensarmos que o mundo ia desmoronar-se sem essa pessoa? Era o que eu sentia em relação à Marie. E a Stella estava para ali a berrar sem parar e eu sabia que podia destruir tudo. Quando se virou para correr para casa, eu estava tão... Estava tão furiosa e em pânico que só queria que a Stella calasse a boca! Então baixei-me, peguei numa pedra e atirei-lha. Só estava a tentar fazê-la parar de gritar para que pudesse persuadi-la a não dizer nada, ou talvez suborná-la para que não falasse. Mas a pedra atingiu-a na nuca e a Stella parou de gritar e caiu no chão. Assustei-me e desatei a correr. Corri todo o caminho até casa e depois corri para o meu quarto e tranquei a porta. E depois apareceu a polícia...

O lenço de papel estava agora rasgado em pedacinhos. Helen respirava com dificuldade, por isso Patrik esperou que se recompusesse durante um minuto antes de perguntar:

– Porque confessaram as duas? E porque é que mais tarde se retrataram? Porque é que a Marie confessou uma vez que não estava envolvida?

Helen abanou a cabeça.

– Éramos crianças. Éramos parvas. Só pensávamos em estar juntas. A Marie odiava a família dela. Só queria afastar-se deles. Mas não sei porque é que confessou. Nunca tivemos oportunidade de falar sobre isso. Talvez pensasse que, se ambas confessássemos, fôssemos enviadas para o mesmo sítio. Pensávamos que íamos parar à prisão, apesar de sermos crianças. E a Marie preferia estar na prisão comigo do que em casa. – Helen olhou para Paula e depois para Patrik. – Portanto, talvez agora compreendam como a situação dela era horrível. Quando descobrimos que não seríamos presas juntas tentámos recuar em relação ao que tínhamos dito. Mas era demasiado tarde. Apercebi-me de que não devia ter-me retratado. Devia ter explicado o que fiz. Mas tinha medo. Todos os adultos à minha volta estavam cheios de raiva. Toda a gente gritava. Sentime ameaçada. Toda a gente estava perturbada e contra mim, era um turbilhão de emoções e não sabia o que fazer. Então menti e disse que não tinha feito aquilo, que não tinha matado a Stella. Mas não importava... Mais valia ter confessado. Na audiência decidiram que éramos culpadas e tenho sido olhada com desconfiança desde então. Quase toda a gente pensa que fui eu que matei a Stella. Sei que devia ter dito a verdade para que a Marie não fosse considerada suspeita, mas não houve uma sentença e realmente acho que a Marie estava melhor com uma família de acolhimento do que na própria casa. Então, com o passar dos anos, a Marie parecia estar a beneficiar com aquela sombra que pairava sobre o passado dela. Por isso deixei as coisas como estavam.

Patrik assentiu. Sentiu o pescoço tenso.

– *Okay*. Agora compreendo tudo melhor – disse. – Mas também precisamos de falar sobre a Nea. Quer fazer uma pequena pausa antes de recomeçar?

Helen abanou a cabeça.

– Não, mas queria mais café.

– Vou buscar – disse Paula, levantando-se.

Patrik e Helen esperaram em silêncio que Paula regressasse. Ela trouxe um termo cheio de café e um pacote de leite. Voltou a encher as três chávenas.

– Nea – disse Patrik. – O que aconteceu?

Não havia nada de acusatório na voz de Patrik. Nenhuma agressividade. Podiam estar a falar sobre o tempo. Queria que Helen se sentisse segura. E, estranhamente, não sentia qualquer raiva por ela. Sabia que devia sentir, porque Helen tinha assassinado duas crianças. No entanto, sentia uma compaixão relutante pela mulher sentada à mesa à sua frente.

– A Nea... – Helen olhou para cima como se tentasse visualizar a cena. – A Nea... apareceu em nossa casa. Eu estava no jardim e de repente lá estava ela.

Às vezes fazia isso. Escapulia-se da quinta dos pais e ia a nossa casa. Costumava dizer-lhe para voltar para casa, para que os pais não ficassem preocupados, mas daquela vez ela queria mostrar-me alguma coisa... e estava tão ansiosa, tão feliz. Por isso é que eu... Que concordei em ir com ela.

– Que queria a Nea mostrar-lhe? – perguntou Paula.

Ergueu o pacote de leite, mas Helen abanou a cabeça.

– Queria que fosse com ela ao celeiro. Perguntou-me se queria brincar com ela e eu disse-lhe que não, que tinha coisas para fazer. Mas a Nea pareceu ficar tão dececionada que lhe disse para me mostrar a tal coisa e que depois tinha de voltar para casa.

– Não se interrogou onde estariam os pais dela? Era mesmo muito cedo.

Helen encolheu os ombros.

– A Nea andava muitas vezes lá fora a brincar de manhã cedo. Acho que pensei que os pais a tinham deixado sair depois do pequeno-almoço.

– Então e o que aconteceu?

Patrik instou-a cautelosamente a prosseguir.

– A Nea queria que eu entrasse no celeiro. Estava lá um gatinho, um gato cinzento que se esfregou nas minhas pernas. A Nea queria mostrar-me o palheiro. Perguntei-lhe se a deixavam ir lá acima e a Nea disse que sim. Subiu a escada primeiro e eu segui-a. Então...

Helen bebeu um gole de café, pousando cuidadosamente a chávena como se fosse feita da mais delicada porcelana.

– Virei as costas e... foi apenas um segundo... e, não sei como, a Nea caiu. Ouvi apenas um grito abafado e um baque. Quando olhei para baixo vi-a lá deitada. Tinha os olhos abertos e o sangue escorria-lhe da cabeça. Sabia que estava morta. Assim como soube que a Stella estava morta quando ouvi a pedra a bater-lhe na nuca. Fiquei completamente em pânico...

– Porque a deslocou? – perguntou Patrik.

– Não... não sei... – Helen abanou a cabeça. As mãos tremiam-lhe. – Voltei a visualizar a Stella na lagoa. Queria... levar a menina até à Stella. E queria fazer desaparecer todos os vestígios que pudessem incriminar-me. É que agora tenho um filho. O Sam precisa de mim. Não podia... Não posso...

Pestanejou para afastar as lágrimas e as mãos começaram a tremer-lhe ainda mais. Patrik lutou contra outra onda de compaixão por Helen. Não conseguia compreender, a última coisa que queria era ter pena daquela mulher, mas não conseguia evitá-lo.

– Portanto, eliminou todos os vestígios?

Helen assentiu.

– Levei-a para a lagoa. Despi-a, lavei-a e pu-la debaixo da árvore. Estava calor, por isso não fiquei preocupada, sabia que não ia ter frio...

Helen calou-se, apercebendo-se sem dúvida de como aquela afirmação fora irracional. Agarrou a chávena de café.

– Fiquei lá sentada na lagoa durante muito tempo antes de ir a casa buscar o que precisava para limpar o celeiro. Vi o carro da Eva a afastar-se, por isso sabia que ia poder trabalhar sem ser incomodada.

– Nea tinha chocolate no estômago quando o cadáver foi encontrado – disse Patrik. E bolacha. Mas não havia nada disso em casa dela.

Helen engoliu em seco.

– Não, fui eu. A Nea viu-me a comer um *wafer Kex* quando apareceu e também quis. Por isso dei-lhe um bocado.

– Encontrámos a embalagem no celeiro – disse Patrik.

– Sim, foi aí que lhe dei o *wafer*.

– Onde? Em baixo ou no palheiro.

Helen fez uma pausa para pensar. Depois abanou a cabeça.

– Não sei. Não me lembro. Só sei que lhe dei um *wafer*.

– *Okay* – disse Patrik, olhando para Paula. – Acho que agora vamos fazer uma pausa. Mais tarde voltamos a conversar.

– Está bem – disse Helen.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou Paula enquanto se levantavam.

– Não. Não há nada de que precise.

Patrik tinha a sensação de que aquela declaração se referia a mais do que ao momento presente. Trocou um olhar com Paula e apercebeu-se de que a colega estava a ter a mesma sensação. Tinham obtido algumas respostas, mas ainda tinham mais perguntas.

*

Karim olhou pela janela do carro. Sentia-se mais nervoso a cada metro que percorriam. Estava ansioso por ver os filhos, mas também estava com medo de os reencontrar. Não aguentava suportar a dor deles além da sua própria. A tristeza que sentia era demasiado esmagadora.

Bill tinha tido a gentileza de ir buscá-lo ao hospital, um gesto que Karim muito apreciou. No entanto, não conseguiu falar com ele. Bill tentou conversar um pouco, disto e daquilo, mas desistiu passados alguns minutos e deixou Karim

seguir em silêncio a olhar pela janela do carro. Quando o deixou, Bill olhou de relance para as mãos enfaixadas do sírio e perguntou-lhe se precisava de ajuda. Karim apenas pediu que lhe pusesse a correia do saco de viagem ao ombro. Não conseguia suportar muitos olhares de compaixão. Não naquele momento.

A mulher que abriu a porta não parecia sueca. Só podia ser a mãe de Paula, a agente que se oferecera para ajudá-lo. Devia ser a mulher que tinha fugido do Chile em 1973³². Perguntou a si próprio o que acharia da Suécia. Seria alvo dos mesmos olhares, deparava-se com a mesma suspeição, o mesmo ódio? Mas as coisas eram diferentes quando chegara àquele país.

– Papá!

Hassan e Samia apareceram a correr na sua direção. Lançaram-lhe os braços ao pescoço e Karim quase caiu sob o peso dos dois filhos.

– Tiveram saudades suas – disse a mulher em inglês com um grande sorriso no rosto.

Ainda não a cumprimentara, mas primeiro tinha de sentir o cheiro dos filhos; o cheiro de Amina. Karim viu-a nas feições do rosto da filha, nos olhos do filho. Eram tudo o que restava dela, mas ao mesmo tempo faziam-no recordar com tristeza o que perdera.

Acabou por soltar as crianças e levantou-se. Correram de regresso à sala de estar e sentaram-se no sofá ao lado de um rapazinho que estava timidamente a olhar para ele, com um boneco na boca e uma manta confortável no colo. Todas as três crianças voltaram a atenção para o programa infantil que passava na televisão.

Karim pousou o saco de viagem e olhou em redor. Era um apartamento luminoso e agradável, mas sentiu-se um estranho, completamente perdido. Para onde iria agora? Ele e os filhos estavam sozinhos, sem nenhum sítio onde morar. Nem sequer tinham as coisas mais essenciais. Estavam dependentes da caridade de pessoas que não os queriam ali. E se acabassem na rua? Viu mendigos sentados à porta das lojas com placas de papelão mal escritas e um olhar vazio e distante nos olhos enquanto estendiam a mão.

Tinha a responsabilidade de cuidar dos filhos e fizera tudo o que estivera ao seu alcance para lhes dar segurança e um futuro melhor. No entanto, ali estava ele agora. No vestíbulo de uma estranha, sem nada. Estava completamente desesperado.

Caiu no chão e sentiu as lágrimas encherem-lhe os olhos. Sabia que os filhos teriam medo de vê-lo assim e não devia assustá-los. Tinha de ser forte, mas pura e simplesmente já não conseguia mais.

Sentiu o peso de umas mãos quentes nos ombros. A mulher abraçou-o e o calor que emanava espalhou-se por Karim, aliviando o peso no peito que nunca o abandonara desde que tinham saído de Damasco. A mulher continuava a abraçá-lo e começou a embalá-lo, e Karim deixou-a fazê-lo.

As saudades da terra natal eram tão profundas... E os remorsos despedaçavam toda a esperança que tinha tido em encontrar uma vida melhor. Era um náufrago.

*

– Olá?

Martin parou abruptamente quando viu quem estava na receção. Reparou, divertido, que até Annika tinha ficado sem palavras, o que não era nada habitual. Olhava fixamente para Marie Wall em silêncio.

– Como podemos ajudá-la? – perguntou Martin.

Marie pareceu hesitar. A autoconfiança habitual da atriz desaparecera e parecia até um pouco insegura. Martin não pôde deixar de pensar que aquela mudança de atitude lhe ficava bem. Parecia mais nova.

– Disseram-me nas filmagens que tinham prendido a Helen. Pelo homicídio da menina. Tenho... tenho de falar com o responsável desta esquadra. Não pode ser verdade.

Abanou a cabeça e o cabelo louro reluzente, enrolado ao estilo dos anos 50, emoldurou-lhe o rosto. Martin viu que Annika ainda estava espcada a olhar para a atriz. As estrelas de cinema não apareciam com muita frequência na esquadra de Tanumshede. De facto, pensando bem, era a primeira vez.

– Vai ter de falar com o Patrik – disse Martin, fazendo-lhe sinal para que o seguisse.

Parou à porta do gabinete de Patrik e bateu ao de leve na porta aberta.

– Patrik, está aqui uma pessoa que quer falar contigo.

– Não pode esperar? – perguntou Patrik sem levantar os olhos dos papéis que estava a ler. – Tenho de acabar um relatório sobre o interrogatório da Helen e depois...

Martin interrompeu-o.

– Acho que vais querer ver esta visitante em particular.

Patrik ergueu os olhos e abriu-os um pouco mais, o único sinal de que ficou surpreendido ao ver Marie. Levantou-se e acenou brevemente com a cabeça.

– Claro. Martin, podes vir connosco, por favor?

Martin e Marie seguiram Patrik, que avançou até à sala onde Helen fora interrogada algum tempo antes. Os bocados rasgados do lenço de papel ainda estavam em cima da mesa. Patrik pegou-lhes rapidamente e pô-los no lixo.

– Por favor, sente-se – disse, apontando para a cadeira mais próxima da janela. Marie olhou em redor, hesitante.

– Há muito tempo que não vinha a esta sala – disse.

Martin apercebeu-se de que devia ter sido ali que fora interrogada há trinta anos, sob outras circunstâncias, embora houvesse semelhanças inquietantes.

– Aceita um café? – perguntou Patrik, mas Marie abanou a cabeça.

– Não... eu... É verdade que prenderam a Helen pelo homicídio da Nea Berg? E que a Helen confessou ter matado a Stella?

Patrik hesitou e lançou um rápido olhar a Martin. Depois assentiu.

– Sim, é verdade. Ainda não o anunciámos oficialmente, mas as notícias correm depressa por estas bandas.

– Acabei de saber – disse Marie.

Ergueu um maço de cigarros e Patrik assentiu. Não era permitido fumar naquelas salas, mas aquela pareceu-lhe uma excelente oportunidade para abrir uma exceção.

Marie acendeu cuidadosamente um cigarro e deu algumas passas antes de começar a falar.

– Nunca acreditei que a Helen tivesse matado a Stella e continuo a não acreditar, independentemente do que ela diga. Mas acima de tudo, sei que a Helen não poderia ter matado a outra menina.

– Como é que sabe? – perguntou Patrik, inclinando-se para a frente.

Apontou para o gravador sobre a mesa e Marie assentiu. A máquina zumbiu quando a ligou e Patrik disse rapidamente a data e a hora. Mesmo que não se tratasse de um interrogatório oficial, seria melhor gravar do que não gravar. A memória humana não era de confiança e às vezes era francamente enganadora.

– A Helen estava comigo quando a menina morreu. Queriam saber onde eu estava às oito da manhã de segunda-feira, não era? – perguntou com ar inseguro.

Martin tossiu por causa do fumo. Sempre tivera pulmões sensíveis.

– Então, onde estavam as duas? – perguntou Patrik.

Todo o corpo de Marie parecia tenso.

– Em casa da Helen. Tinham razão. Menti em relação ao meu álibi. Não levei ninguém para casa. Às oito horas estava com a Helen. Ela não sabia que eu ia lá, porque eu estava convencida de que ia dizer para não ir se lhe telefonasse antes.

– Como foi até casa de Helen? – perguntou Patrik.

Martin olhou para os saltos agulha sob a mesa. Parecia improvável que tivesse ido a pé até ali.

– O aluguer da minha casa inclui um carro. Um *Renault* branco que está estacionado no grande espaço ao lado da casa.

– Não há nenhum carro registado em nome dos donos da casa que alugou. Já verificámos.

– Está em nome da mãe do senhorio. Utilizam o carro sempre que vêm à Suécia, por isso estava incluído quando aluguei a casa.

– Aparece um *Renault* branco nas notas que a Dagmar tomou naquela manhã – confirmou Martin, olhando para Patrik.

– A Helen não queria deixar-me entrar, mas eu consigo ser... muito persuasiva e acabou por ceder. Tínhamos falado ao telefone na noite anterior e a Helen referiu que o marido não estava na vila. Senão, não teria lá ido. Tive a sensação de que a Helen me disse que o marido estava fora porque inconscientemente queria que eu fosse lá.

– E o filho da Helen? O Sam?

Marie encolheu os ombros e deu mais uma passa no cigarro.

– Não sei. Ou estava a dormir ou não estava em casa. De qualquer forma, não o vi. Mas conheci-o quando estava com a minha filha. Por alguma estranha reviravolta do destino ficaram amigos. Talvez mais do que amigos.... São ambos inadaptados.

– Porque foi ter com a Helen? – perguntou Patrik, que tossiu discretamente. O fumo também começava a incomodá-lo.

A expressão vulnerável no rosto de Marie voltou. Apagou o cigarro.

– Queria saber porque é que a Helen me abandonou – disse baixinho. – Queria saber porque é que deixou de me amar.

Fez-se silêncio na sala. O único ruído que se ouvia era o de uma mosca a zumbir à janela. O rosto de Patrik estava impassível. Martin tentou absorver o que Marie acabara de dizer. Olhou para Patrik, que estudava Marie em silêncio, sem saber o que dizer depois daquela declaração.

– Estavam apaixonadas... – disse devagar.

Frases aleatórias, alusões vagas, uma expressão facial, um olhar, tanta coisa que de repente ganhava significado.

– Conte-nos – pediu Patrik.

Marie respirou fundo e expirou devagar.

– Na altura não compreendemos o que estávamos a viver. Sabe como é crescer aqui e... Bem, eram tempos diferentes. Uma família era uma mãe, um pai e os

filhos. Nunca tinha ouvido falar de mulheres a amarem mulheres ou de homens a amarem homens. Por isso demorou muito tempo até nos apercebermos de que nos tínhamos apaixonado uma pela outra. Nunca tínhamos estado apaixonadas por ninguém. Quase nem tínhamos saído da infância. Éramos adolescentes e conversávamos sobre rapazes como todas as outras raparigas. Lentamente, começámos a ultrapassar os limites. Tocávamos uma na outra, acariciávamo-nos. Brincávamos e explorávamos, e a sensação era mais forte do que qualquer coisa que já tivéssemos experimentado. Tínhamos um mundo que apenas nos incluía às duas e isso era suficiente. Não precisávamos de mais nada. Mas então... Acho que os pais de Helen começaram a sentir que se passava alguma coisa, algo que para eles era inaceitável, que teria dado azo a falatório nos círculos sociais nos quais se movimentavam. Portanto, decidiram separar-nos. O nosso mundo desmoronou-se. Passámos semanas a chorar. Estávamos desesperadas. Só pensávamos em estar juntas. E não poder tocar uma na outra era.... Estava a dar cabo de nós. Sei que parece ridículo. Éramos tão jovens, umas miúdas, ainda não éramos mulheres. Mas as pessoas dizem sempre que o primeiro amor é o mais forte. E o nosso ardia dia e noite. A Helen deixou de comer e eu discutia com toda a gente. A minha situação em casa piorou mais do que nunca e a minha família fez o melhor que pôde para martelar algum bom senso na minha cabeça. Literalmente.

Marie acendeu outro cigarro.

Patrik levantou-se para abrir a janela e a mosca que zumbia voou para fora.

– Por isso estão a ver como aquele dia foi especial, quando pudemos tomar conta da Stella juntas. Bem, já tínhamos conseguido encontrar-nos em segredo, mas apenas algumas vezes e apenas brevemente. Os pais da Helen nunca paravam de vigiá-la.

– A Helen contou-nos que as duas levaram Stella a Fjällbacka para comprar gelados, depois voltaram pela floresta e deixaram-na na quinta quando viram o carro do pai. Está correto? E depois foram tomar banho no lago?

Marie assentiu.

– Sim. Estávamos ansiosas por deixar a Stella em casa para podermos ter algum tempo só para nós. Fomos tomar banho no lago, beijámo-nos e... Bem, acho que estão a perceber a ideia. Foi nessa altura que pensei ter ouvido alguém na floresta e tive a sensação de que estávamos a ser vigiadas.

– O que aconteceu depois?

– Vestimo-nos. Fui para casa e a Helen também. Isso de dizer que matou a Stella depois de eu me ter ido embora... – Marie abanou a cabeça. – Custa-me

muito a acreditar. Caramba, nós só tínhamos treze anos! Deve ter sido a pessoa que ouvi na floresta. E acho que posso adivinhar quem foi. O James era horrível, mesmo naquela época, e andava sempre pela floresta. Às vezes encontrávamos animais mortos, baleados por ele. Sempre foi obcecado por armas, por guerra e por matar. Toda a gente sabia. Toda a gente sabia que lhe faltava um parafuso. Exceto o pai da Helen. Eram inseparáveis. Sempre que o James não estava na floresta, estava de visita à família de Helen. O facto de ter acabado por casar com a Helen... bem, anda mesmo na fronteira do incesto.

– Então porque confessou? – perguntou Patrik. – Porque confessaria um homicídio que não cometeu?

Patrik perguntou a si próprio se a resposta de Marie seria diferente da de Helen.

– Era ingénua. E realmente não compreendi a gravidade da situação. Ou como aquilo era real. Lembro-me de pensar que era excitante. O meu plano era ficarmos juntas. Eu tinha uma noção romântica de que a Helen e eu seríamos condenadas e presas juntas. Assim livrar-me-ia da minha família e poderia ficar com a Helen. E quando fôssemos libertadas, partilharíamos o mundo. Eram as fantasias de uma rapariga de treze anos, mas eu acreditava que se tornariam realidade. Nunca poderia imaginar as consequências da minha estupidez. Confessei e esperei que a Helen percebesse o meu plano e fizesse o mesmo, o que na realidade aconteceu. Quando me dei conta de que não seríamos enviadas para o mesmo reformatório como imaginava, já era tarde de mais. Ninguém acreditou em nós. Solucionaram o caso e foi tudo muito bem embrulhado. Como uma pequena caixa de presente com uma fita vermelha. Ninguém estava interessado em continuar a investigação.

Fez uma pausa e engoliu várias vezes.

Separaram-nos. Acabei por ir parar a várias famílias de acolhimento, enquanto a Helen se mudou para Marstrand com a família depois de um curto período numa instituição para jovens. Mas eu contava os segundos até as duas fazermos dezoito anos.

– O que aconteceu quando fez dezoito anos? – perguntou Martin.

Não conseguia tirar os olhos de Marie. A história que lhe saía dos lábios era incrível e no entanto completamente plausível e clara. Preenchia todas as lacunas que os tinham impedido de compreender plenamente o que acontecera.

– Telefonei à Helen. E ela repeliu-me. Disse-me que ia casar com o James e que não queria nenhum contacto comigo. Disse que tudo não passara de um erro... A princípio não acreditei nela. Mas, quando me apercebi de que estava a

falar a sério, fiquei com o coração partido. Ainda a amava. Os meus sentimentos eram mais fortes do que nunca. Para mim, aquilo não tinha sido uma paixoneta de adolescente. Longe disso; o passar do tempo e as circunstâncias fizeram com que a amasse ainda mais. Mas a Helen não queria nada comigo. Eu não conseguia compreender, mas que podia fazer? A parte mais difícil foi aceitar que ia casar com o James. Logo com aquele homem. Não parecia bater certo. No entanto, não tive alternativa a não ser deixá-la seguir o seu destino. Até agora. Não pode ter sido coincidência eu ter conseguido este papel e ter sido obrigada a regressar. Nunca a esqueci. A Helen foi o grande amor da minha vida. E eu pensei ser o dela.

– Então foi por isso que foi ter com a Helen naquela manhã de segunda-feira?
– perguntou Patrik.

– Sim. Decidi-me, ia confrontá-la.

– Depois de a Helen a ter deixado entrar, o que aconteceu? – perguntou Patrik.

– Saímos para o pátio das traseiras e conversámos. Estava a tratar-me como se eu fosse uma estranha. Fria e pomposa. Mas pude ver que a Helen que eu conhecia ainda estava lá, por mais que estivesse a tentar conter-se. Então beijei-a.

– Como foi que reagiu?

Marie levou os dedos aos lábios.

– A princípio não reagiu de todo. Mas depois retribuiu o meu beijo. Foi como se trinta anos se tivessem dissipado. Ela era a minha Helen. Agarrou-se a mim e eu soube que tinha tido razão o tempo todo: nunca tinha deixado de me amar. Disse-lho e a Helen não negou, mas nunca recebi uma resposta clara sobre o motivo que a levou a abandonar-me. Ou não podia ou não queria explicar. Questionei-a sobre o James. Disse-lhe que não acreditava que alguma vez tivesse querido casar com ele, mas a Helen insistiu que se tinha apaixonado. Disse que optou por ficar com ele e não comigo e que eu teria de aceitar isso. Mas eu sabia que estava a mentir. Fiquei tão irritada por continuar a mentir passados todos aqueles anos que me levantei e fui-me embora. A Helen ainda estava sentada no pátio quando saí. Lembro-me de ter olhado para o relógio porque estava com medo de me atrasar para as filmagens. Eram oito e vinte. Então, se a menina morreu por volta das oito, a Helen não podia tê-la matado. Porque estava comigo.

– Se isso é verdade, porque afirmaria ter matado a Nea? – perguntou Patrik.

Marie deu uma passa no cigarro enquanto pensava na pergunta.

– Acho que a Helen tem muitos segredos – respondeu. – Só ela sabe a verdade.

Levantou-se abruptamente.

– Tenho de voltar para os estúdios. O meu trabalho é a única coisa que tem algum significado para mim.

– Tem uma filha – disse Martin, incapaz de conter-se.

Marie olhou para o jovem agente. A expressão nua e vulnerável desaparecera.

– Um erro cometido no trabalho – retorquiu secamente, e depois desapareceu, deixando-os numa sala envolta em fumo de cigarro e impregnada do cheiro forte a perfume.

³² A 11 de Setembro de 1973, um golpe de Estado liderado pelo general Augusto Pinochet pôs termo ao governo de esquerda de Salvador Allende e deu início a uma ditadura militar que durou até 1990. (*N. do T.*)

*

– TEM DE FICAR QUIETO, BERTIL! – exclamou Paula.

Tentar dar um nó na gravata de Mellberg revelara-se impossível. Resmungando e praguejando, Rita acabara por desistir, mas agora tinham de se apressar se queriam chegar a horas ao casamento de Kristina e de Gunnar.

– Por que raio temos de ir tão bem vestidos? Quem foi o idiota que decidiu que, para parecer bem, um homem tem de usar uma corda ao pescoço? – disse Mellberg, puxando a gravata e desfazendo novamente o nó.

– Deve ter sido o próprio Diabo, porra! – disse Paula, lamentando instantaneamente aquelas palavras quando o rosto de Leo se iluminou e o rapazinho gritou: – Porra! Porra! Porra!

Bertil deu uma gargalhada e virou-se para Leo, que estava sentado na cama a observá-los.

– Muito bem, meu menino. Tens de aprender uma data de palavras, porque vais precisar de todos eles na vida. Consegues dizer «vai para o inferno»? E «sacana»?

– Para o inferno! Cana! – gritou Leo.

Paula fuzilou Mellberg com o olhar.

– O Bertil parece uma criança grande! Que ideia é a sua? A ensinar palavras a um miúdo de três anos! – Virou-se para Leo e disse bruscamente: – Não podes dizer as palavras que o avô está a tentar ensinar-te! Estás a ouvir?

Leo pareceu desapontado, mas assentiu.

Mellberg piscou-lhe o olho e sussurrou:

– Maldição!

– Madição! – disse Leo com uma risadinha.

Paula gemeu.

– É impossível. E não estava a falar da sua gravata.

– Que fazemos se o Karim e os filhos não conseguirem o apartamento? – perguntou Paula enquanto fazia uma última tentativa para dar o nó na gravata de Mellberg. – Já percebemos que o Karim acha constrangedor ficar connosco e, a longo prazo, não vai resultar. Precisam de uma casa só deles. Seria perfeito se pudessem ficar com o apartamento do lado, mas não consegui localizar o dono para que pudesse falar com a câmara municipal sobre o aluguer. E a câmara não parece conseguir encontrar-lhes mais nenhum alojamento.

– Tenho a certeza de que tudo se vai resolver – disse Mellberg.

– Para si é fácil dizer isso. Não o vi mexer um dedo para tentar ajudar o Karim. Ainda por cima, em parte foi por sua culpa que tudo isto aconteceu!

Paula mordeu o lábio. Não quisera ser tão severa, mas sentia-se frustrada porque ninguém parecia preparado para ajudar a família. Tinha vontade de dar uma canelada a alguém. Com força.

– Tens o feitio da tua mãe – disse alegremente Mellberg, que parecia imperturbável após a explosão de Paula. – Às vezes é bom ser assim, mas vocês as duas deviam experimentar ter um pouco mais de paciência e de autocontrolo. Tenta aprender comigo. Os problemas irão resolver-se. Como dizem em *O Rei Leão*: «Hakuna matata».

– *Hakuna matata!* – gritou Leo, felicíssimo, saltitando na cama.

O Rei Leão era o seu filme preferido. Nos últimos tempos via-o cinco vezes por dia, ou pelo menos assim parecia.

Paula soltou a gravata, furiosa. Sabia que não devia deixar-se afetar, mas a indiferença de Mellberg deixava-a fora de si.

– Bertil, aprendi a viver com o facto de habitualmente você ser um machista egocêntrico! Mas, se se está nas tintas para o que acontece ao Karim e àquelas duas pobres crianças que acabaram de perder a mãe, é... – estava tão furiosa que nem conseguia encontrar as palavras. – *Vá-se lixar*, é tudo o que posso dizer!

Quando saiu de rompante do quarto, ouviu um alegre «Vá-se lixar» a ecoar da boca de Leo. Teria de ter uma conversa séria com o filho mais tarde. Agora ia encontrar o maldito senhorio, nem que tivesse de passar a noite a bater-lhe à porta. Apanhou a saia de balão do vestido com uma mão, praguejando enquanto descia as escadas de saltos altos. Vestir-se a rigor não era o seu forte e sentia-se ridícula naquele vestido. Além disso, era muito pouco prático, pensou quando quase voltou a tropeçar à porta do apartamento do senhorio. Bateu com o punho na porta. Quando estava prestes a tentar de novo, a porta abriu-se.

– O que aconteceu? – perguntou o homem. – Há fogo?

– Não, não – respondeu Paula, ignorando o olhar de surpresa do senhorio ao reparar que estava de vestido às flores e de saltos altos.

Paula endireitou-se completamente, embora fosse difícil projetar autoridade enfiada naquele traje.

– É por causa do apartamento para a família de refugiados que está a morar connosco. Eu sei que há uma diferença de umas duas mil coroas por mês entre o que a câmara municipal ofereceu e o preço do aluguer, mas não podemos encontrar uma solução? O apartamento está vazio e eles precisam realmente de um lar. Como é ao lado do nosso não se sentiriam abandonados. Nós podemos

servir de fiadores deles. Eu assino um documento, o que precisar! Alguém tem de mostrar alguma compaixão por uma família com crianças que precisa de ajuda!

Paula pôs as mãos nas ancas e dardejou o homem com o olhar. O senhorio olhou por sua vez para Paula, espantado.

– Mas já foi tudo resolvido – disse. – O Bertil veio falar comigo ontem. Disse que pagaria a diferença durante o tempo que fosse necessário. Podem mudar-se na segunda-feira.

Paula olhou para o homem, perplexa.

O senhorio abanou a cabeça, parecendo intrigado.

– O Bertil não lhe disse nada? A ideia era eu não dizer nada ao Karim se o encontrasse. O Bertil queria que fosse a menina a dizer-lhe.

– Sacana do velho! – murmurou Paula.

– Desculpe, não percebi. O que disse? – perguntou o senhorio.

– Nada, nada – disse Paula, abanando a mão.

Lentamente, voltou a subir as escadas até ao apartamento de Mellberg e de Rita. Sabia que o chefe estava lá em cima a rir-se à gargalhada à sua custa. Mas era bem feito. Nunca compreenderia aquele homem. Podia ser a pessoa mais irritante, irracional, tacanha e teimosa à face da Terra. Mas também era a pessoa que Leo mais adorava no mundo. Bastava isso para que Paula lhe perdoasse a maior parte das parvoíces. E agora nunca esqueceria que Bertil tinha garantido um lar a Karim e aos filhos.

– Venha cá seu velho malvado, que eu faço-lhe o nó dessa gravata como deve ser! – disse Paula em voz alta quando voltou a entrar no apartamento.

Do quarto, ouviu Leo gritar alegremente:

– Malvado!

*

– Achas que me faz parecer gorda? – perguntou ansiosamente Erica virando-se para olhar para Patrik.

– Estás fantástica! – disse o marido, dirigindo-se rapidamente a Erica, abraçando-a por trás. – Hum, e também cheiras bem. – Patrik acariciou-lhe a nuca.

– Cuidado com o cabelo – disse Erica com uma gargalhada. – A Miriam demorou uma hora e meia a fazer-me este penteado, por isso não estejas com ideias.

– Não sei do que estás a falar – disse Patrik, mordiscando-lhe o pescoço.

– Para! – Erica contorceu-se, soltou-se dos braços de Patrik e viu-se ao espelho. – Por acaso até acho que o vestido me fica bem, não achas? Estava com receio de ter de usar esta cor de salmão com uma grande roseta atrás, mas a tua mãe surpreendeu-nos. O vestido dela também é lindo.

– Continuo a achar que essa história do casamento parece um bocado estranha – resmungou Patrik.

– Estás a ser tonto – disse Erica. – Os pais têm as suas próprias vidas. E eu sem dúvida que penso continuar a dormir contigo quando tiveres setenta anos.

Sorriu a Patrik no espelho. Então prosseguiu:

– Estou ansiosa por ver como fica a Anna com o vestido. Foi um verdadeiro desafio fazerem-lhe um vestido do tamanho de uma tenda.

– Está sem dúvida a ficar enorme – disse Patrik, sentando-se na cama para apertar os atacadores.

Erica pôs um par de brincos com pedras brancas cintilantes e virou-se para olhar para Patrik.

– Então, o que te parece realmente essa história da Helen e da Marie? Achas que faz algum sentido?

– Ainda estou mais confuso do que nunca, não sei em quem hei de acreditar – respondeu Patrik, esfregando os olhos. – A Helen nega que alguma vez tenha tido um relacionamento romântico com a Marie. Diz que foi tudo inventado por ela. Também afirma que a Marie não estava com ela na manhã em que a Nea morreu. No entanto, as anotações da Dagmar confirmam que passou um *Renault* branco, o que parece indicar que a Marie está a dizer a verdade. Mas temos apenas a palavra dela quanto às horas a que se foi embora de casa da Helen. E, como não sabemos se o relógio da Nea parou no momento da morte dela ou mais tarde, além de também não sabermos se estava adiantado ou atrasado, não podemos ter a certeza de ter sido morta às oito horas. Espero que os resultados do laboratório nos deem uma hora definitiva da morte. Enquanto isso, temos o suficiente para manter a Helen sob custódia: a prova no celeiro, o *wafer* de chocolate que deu a Nea, a roupa que tentou queimar, as impressões digitais...

Erica viu que algo o incomodava.

– Mas?

– Há demasiadas coisas que não encaixam. Por exemplo, a Helen diz que atirou uma pedra à cabeça da Stella, viu que ela estava morta e depois correu para casa. Mas de acordo com o médico-legista, a Stella sofreu vários golpes na cabeça e foi encontrada na água. Sendo assim, como foi lá parar?

– Foi há trinta anos. A Helen pode ter-se esquecido do que aconteceu – disse Erica, lançando um último olhar a si própria no espelho.

Rodopiou à frente de Patrik.

– Estás incrivelmente bonita – disse, e era realmente o que pensava.

Levantou-se e vestiu o fato antes de imitar a pirueta de Erica.

– Então e eu?

– Elegantíssimo, meu amor – disse Erica, inclinando-se para beijar Patrik nos lábios.

Depois endireitou-se. Patrik dissera algo que a incomodava. O que seria?

Patrik abraçou-a e o pensamento desapareceu. Cheirava tão bem. Erica deu-lhe um beijo cauteloso.

– Então e os nossos pequenos malandros? – perguntou. – Achas que ainda estão limpinhos e vestidos, ou vamos ter de começar tudo de novo?

– Faz figas – disse Erica, começando a descer as escadas à frente de Patrik.

Às vezes há milagres, pensou Erica quando entrou na sala de estar. Noel e Anton estavam sentados no sofá como anjinhos, adoráveis nas suas camisas brancas, coletes e laços. Provavelmente tinham de agradecer a Maja por isso. Estava de pé à frente dos irmãos, a vigiá-los como um falcão. Tinham-na deixado escolher o próprio vestido e, com um pouco de persuasão, Maja decidira-se por um vestido cor-de-rosa com uma saia de tule comprida. Como acessório, a menina usava uma flor cor-de-rosa no cabelo, que Erica encaracolara arduamente sem chauscar uma única madeixa. Tinha sido realmente um sucesso.

– Ora bem – disse, sorrindo à família, que estava toda aperlada. – Vamos lá ao casamento da avó!

Quando chegaram à igreja, a maior parte dos convidados já tinha chegado. Kristina e Gunnar tinham decidido casar em Fjällbacka, apesar de morarem em Tanumshede, e Erica compreendia porquê. A igreja de Fjällbacka era lindíssima, elevando-se como uma coluna de granito sobre a vila e o mar cintilante.

Os dois filhos correram para dentro da igreja e Erica deixou Patrik a tomar conta deles. Deu a mão a Maja e foi juntar-se a Kristina. Procurou Anna, que também devia fazer parte do cortejo nupcial, mas não a viu nem a Dan em lado nenhum. Era mesmo típico de Anna atrasar-se.

– Onde está a Emma? – perguntou Maja.

A filha de Anna, Emma, era a prima preferida de Maja e o facto de terem combinado usar vestidos iguais era um acontecimento maravilhoso e importante na vida de Maja.

– Devem estar a chegar – assegurou Erica, sufocando um suspiro.

Entrou na salinha onde o Pastor e o cortejo nupcial deviam esperar até que todos os outros convidados tivessem tomado os seus lugares.

– Ena – disse Erica quando avistou a sogra. – Está maravilhosa!

– Obrigada. Tu também – disse Kristina, dando-lhe um abraço caloroso. Então olhou para o relógio com preocupação. – Onde está a Anna?

– Atrasada, como sempre – respondeu Erica –, mas tenho a certeza de que vai chegar a qualquer momento.

Pegou no telemóvel para ver se havia alguma mensagem de Anna. Viu que o nome da irmã aparecia no ecrã.

Erica leu a mensagem e lançou um sorriso tenso a Kristina.

– Não vai acreditar nisto, mas a Anna e o Dan foram a Munkedal buscar a Bettina e o carro começou a aquecer demasiado na viagem de regresso. Agora estão junto à estrada, à espera do reboque. E Anna está há meia hora a tentar chamar um táxi.

– E só agora é que te diz? – afirmou Kristina com voz estridente.

Erica estava a pensar no mesmo, mas obrigou-se a permanecer calma. Aquele era o dia de Kristina e não queria que nada o estragasse.

– Acabam por aparecer. Mas, se não chegarem a tempo, temos de começar sem eles.

– Tens razão – concordou Kristina. – Está toda a gente à espera e não podemos atrasar-nos para o almoço no Stora Hotel. Mas tenho de dizer que não compreendo como é que Anna consegue sempre...

A sogra suspirou, mas Erica podia ver que a irritação tinha desaparecido. Às vezes era preciso simplesmente aceitar a situação. E ninguém estava particularmente surpreendido. De alguma forma, Anna complicava sempre as coisas.

Os sinos da igreja começaram a dobrar e Erica entregou o buquê de noiva a Kristina.

– Está na hora – disse Gunnar, dando um beijo na face da futura mulher.

Estava muito elegante no seu fato escuro e o rosto amigável brilhou quando olhou para a noiva. Que bom, pensou Erica. Isto é fantástico e muito bom para os dois. Sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos, mas fez um esforço para se recompor. Comovia-se sempre nos casamentos. Era bom que a maquilhagem se aguentasse pelo menos até estarem no altar.

– Muito bem, está na hora de entrarem – disse o sacristão, fazendo-lhes sinal para que avançassem.

Erica lançou uma olhadela à porta da igreja. De Anna, nem sinal. Mas não podiam esperar mais.

O organista começou a tocar a marcha nupcial. De mãos dadas, Kristina e Gunnar percorreram a nave da igreja. Erica pegou na mão de Maja e não conteve um sorriso quando viu como a filha estava a levar a sério o seu papel no cortejo. Deslizava pela nave, acenando como uma rainha a todos os convidados.

No altar, Erica e Maja posicionaram-se à esquerda, enquanto Kristina e Gunnar se posicionavam à frente do pastor. Patrik estava sentado no banco da frente com Noel e Anton. Com os lábios, o marido mimou as palavras: «Onde está a Anna?» Erica abanou discretamente a cabeça e revirou os olhos. Que embaraçoso. E Emma que estava tão ansiosa para ser dama de honor.

A cerimónia prosseguiu solenemente e o casal de noivos disse «sim» no momento exato. Erica limpou uma lágrima, mas surpreendentemente conseguiu manter a compostura. Sorriu a Kristina enquanto esperavam que a música comesse antes de saírem da igreja.

Mas, em vez disso, o organista começou de novo a tocar a marcha nupcial. Atónita, Erica olhou para cima. Estaria bêbedo? Mas então viu-os. E de repente compreendeu. Toda a preocupação desapareceu e as lágrimas correram-lhe pelas faces. Olhou para Kristina, que lhe sorriu e lhe piscou o olho. Afastara-se para o lado juntamente com Gunnar e estavam agora à frente de Erica e de Maja.

Um murmúrio silencioso atravessou a multidão, e olhares surpreendidos seguiram o segundo casal de noivos que se dirigia ao altar. Anna virou-se para olhar para Erica quando passou. Erica estava agora a chorar tanto que mal conseguia respirar. Felizmente que alguém lhe pôs um lenço na mão e, quando olhou para cima, viu que era Patrik quem se aproximara dela.

Anna estava tão bonita. Escolhera um vestido branco com bordados ao meio, que enfatizava em vez de tentar esconder a gravidez. Usava o cabelo louro solto e o véu estava preso a uma simples tiara. Erica reconheceu o véu. Era o mesmo que usara quando se casou com Patrik. O que a mãe de ambas também usara no dia do casamento. Dan estava de fato escuro com uma camisa branca simples e gravata azul-escura. Parecia um vikingue, com os seus ombros largos e o cabelo louro, mas o traje formal assentava-lhe inesperadamente bem.

Depois de os votos terem sido proferidos e de os noivos terem sido declarados marido e mulher, Anna virou-se para olhar para Erica. E, pela primeira vez, Erica viu algo nos olhos da inquieta irmã que nunca tinha visto. Anna parecia calma. E Erica apercebeu-se de que Anna tentava dizer-lhe sem palavras que

agora já podia deixá-la seguir por sua conta, que já não precisava de se preocupar. Anna finalmente encontrara a paz.

*

O sol ainda estava quente quando Marie se reclinou na espreguiçadeira *Adirondack* do cais. O sol da tarde fazia-a sentir-se sonolenta, como era habitual. Jessie tinha saído há uma hora, por isso a casa estava deserta. Fora outra vez ter com Sam e no dia seguinte havia uma festa qualquer. Marie ficou surpreendida por Jessie ir a uma festa. As coisas pareciam estar a melhorar para a filha.

Marie estava a beber mais do que o habitual, mas isso não importava. Não tinha de ir aos estúdios até à tarde do dia seguinte. Com avidez, bebeu as últimas gotas que havia no copo e depois alcançou a garrafa que estava na mesinha. Vazia. Tentou levantar-se, mas caiu imediatamente na cadeira.

Finalmente conseguiu erguer-se. Com a garrafa vazia na mão, cambaleou até à cozinha. Abriu o frigorífico e retirou uma garrafa de champanhe fria. A terceira garrafa da noite. Mas precisava daquilo para aliviar a dor.

Pensara que se contasse tudo à polícia, Helen teria de sair do seu esconderijo e revelar a verdade. Em vez disso, Helen rejeitara-a novamente, recusando-se a confirmar o que Marie dissera sobre as duas.

Marie ficou surpreendida que ainda lhe pudesse doer tanto ser rejeitada e humilhada daquela maneira. Passara trinta anos a esquecer. Tinha vivido bem, desenfreadamente, sem quaisquer limitações ou contenção, e alcançara um nível de sucesso com que Helen só podia sonhar. E, durante todo esse tempo, Helen ficara para ali, encolhida na sua vida triste com o seu marido maçador e o seu filho estranho. Permanecera em Fjällbacka, onde as pessoas sussurravam nas costas de cada um por beberem um copo de vinho a uma terça-feira ou pintarem o cabelo de um tom mais brilhante do que um baço louro-acinzentado.

Como podia Helen rejeitá-la?

Marie deixou-se cair na cadeira, entornou champanhe na mão e depois lambeu-o. Então serviu-se de outro copo, acrescentando um pouco de sumo de pêsego. Estava suficientemente bêbeda para que o corpo se sentisse confortavelmente letárgico. Pensou no que tinha dito àquele agente de cabelos ruivos, sobre Jessie ter sido um erro. Era verdade; nunca planeara ter um filho. Tomara todas as precauções possíveis para não engravidar. E mesmo assim ficara grávida. Tudo por causa de um produtor de meia tigela, gordo e asqueroso. Um homem casado, claro. Eram todos casados.

Odiara estar grávida e acreditava seriamente que iria morrer durante o parto. O bebê era pegajoso, vermelhusco, mal-humorado e tinha uma fome voraz. Contou com a ajuda de inúmeras *baby-sitters* e depois, assim que pôde, mandou Jessie para um colégio interno. Quase não tivera nada que ver com a criança.

Perguntava-se o que aconteceria a Jessie. Segundo o acordo, Marie receberia pagamentos mensais do produtor gordo até que Jessie fizesse dezoito anos. A partir daí, Jessie não teria qualquer préstimo para Marie. Tentou imaginar uma vida sem Jessie. Daria as boas-vindas à solidão e à liberdade. As pessoas eram apenas uma fonte de desilusões. O amor não passava de uma desilusão.

Seria apenas uma questão de tempo até os jornais descobrirem o que se passara entre ela e Helen. Não conseguia perceber como é que as notícias se espalhavam tão depressa por aquelas bandas; era como se todos partilhassem uma espécie de consciência coletiva. Notícias, informações, coscuvilhices, factos, mentiras – tudo se espalhava à velocidade do vento.

Marie não tinha a certeza de isso ser assim tão mau. Hoje em dia até estava na moda. Nos círculos artísticos e cinematográficos, uma carreira podia melhorar se se tivesse uma relação com alguém do mesmo sexo. Isso daria à sua imagem um novo fascínio, a sensação de que estava a acompanhar os tempos. Os investidores do filme iam ficar todos contentes. Uma estrela controversa era um *jackpot* financeiro. Primeiro, tudo o que aparecera nos média sobre os homicídios. Um tabu, algo obscuro e perigoso. Essas coisas eram sempre fascinantes. A seguir a história de amor. E depois a reviravolta. Duas jovens forçadas a separar-se porque o mundo dos adultos fora incapaz de as compreender. Tão banal. Tão dramático. Tão eficaz.

Marie ergueu o copo quase vazio. As bolhas dançaram sedutoramente diante dos olhos. O champanhe era a única coisa que estivera ao seu lado durante todos aqueles anos. O seu companheiro constante.

Pegou mais uma vez na garrafa. Tencionava continuar a beber até escurecer e até que o álcool lhe afogasse todos os pensamentos. Sobre Helen e Jessie. Sobre o que tivera e o que nunca teve.

*

– Estou?

Mellberg afastou-se e tapou a orelha com uma mão. Havia muito barulho e mal conseguia ouvir.

– Sim? – disse, tentando descobrir o que a pessoa dizia ao telefone.

Avançou pelo corredor e por fim conseguir ter rede suficiente para conseguir ouvir o contacto que tinha no *Expressen*.

– Recebeu alguma informação? Nós temos estado a ser inundados de telefonemas. Toda a gente afirma reconhecer a voz. Todos, desde o carteiro ao meu vizinho. O quê? Um tipo que lhes deu boleia? Quando? O quê? Fale mais alto!

Escutou atentamente. Depois desligou a chamada e voltou para o restaurante. Foi dar com Patrik sentado num sofá a conversar com uma mulher que parecia ter passado o prazo de validade para além de se ter servido de uma generosa quantidade de vinho.

– Hedström. Posso dar-lhe uma palavrinha?

Patrik lançou um olhar de agradecimento a Mellberg e desculpou-se.

– Quem era aquela múmia?

– Não tenho a certeza. Uma senhora aparentada com a cunhada da minha avó materna ou coisa parecida. Há por aqui muita gente que nem sabia que fazia parte da família.

– Essa é a pior parte dos casamentos e o motivo pelo qual nunca me passaria pela cabeça casar – disse Mellberg. – A Rita pode implorar à vontade, nunca vai acontecer. Certas almas são demasiado livres para serem algemadas.

– Então, tinha alguma coisa importante para me dizer? – interrompeu Patrik.

Tinham ido até ao bar e estavam encostados ao balcão.

– Recebi uma chamada do *Expressen*. Um homem telefonou com uma... informação muito interessante. Na noite anterior àquela em que recebemos a denúncia anónima sobre o Karim, um homem deu boleia a três adolescentes a partir de Fjällbacka. Dois rapazes e uma rapariga. Deixou-os no centro de acolhimento de refugiados. E pensou tê-los ouvido a rirem-se de algo que planeavam fazer. Não levou aquilo a sério. Pelo menos não na altura. Mas agora, depois do que foi relatado nos jornais, o tipo começou a questionar-se.

– Okay, isso parece interessante – disse Patrik, assentindo.

– Espere – disse Mellberg. – Ainda há mais. O homem reconheceu um dos rapazes. Era o filho do Bill.

– Bill? O Bill dos barcos à vela?

– Sim. Parece que o filho do tipo teve aulas de vela com o Bill, e ele reconheceu o rapaz.

– Que sabemos sobre ele? – perguntou Patrik, erguendo dois dedos para pedir cervejas ao empregado do balcão. – É plausível?

– Então mas não vamos fazer nada em relação a isso hoje à noite? – perguntou Mellberg, apontando para as cervejas.

– Não, esta noite não – confirmou Patrik. – Mas na segunda-feira gostava de conversar com esses miúdos. Quer ir comigo?

Mellberg olhou em redor. Depois apontou para si próprio, surpreendido.

– Eu?

– Sim, o Bertil – confirmou Patrik, bebendo alguns goles da sua cerveja.

– Nunca me pede para ir consigo. Costuma pedir ao Martin. Ou ao Gösta. Ou à Paula.

– Bem, mas agora estou a pedir-lhe a si. Foi o Bertil quem conseguiu a informação. Eu talvez não tivesse agido da mesma maneira, mas resultou. Por isso gostava que me acompanhasse.

– Caramba, claro que vou! – afirmou Mellberg. – Pode precisar de ter alguém consigo com um pouco de experiência.

– Sem dúvida – disse Patrik, rindo-se.

Depois ficou sério.

– A Paula contou-me sobre o Karim e o apartamento. Não posso deixar de lhe dizer que acho que fez muitíssimo bem.

Patrik ergueu o copo.

– Ah, pois – disse Mellberg erguendo por sua vez o copo. – A Rita insistiu. E sabe como se costuma dizer: «Mulher feliz, vida feliz!»

Bohuslän, 1672

O MESTRE ANDERS PEGOU NA GARRAFA DE ÁLCOOL. PUXOU A ROLHA E ELIN COMEÇOU A REZAR. TEMIA QUE DEUS A TIVESSE ABANDONADO, MAS NÃO CONSEGUIA PARAR DE REZAR.

O LÍQUIDO FOI-LHE ENTORNADO SOBRE AS COSTAS E ELIN ESTREMECEU ENQUANTO LHE ARREFECIA A PELE. MAS AGORA JÁ SABIA O QUE ESTAVA PRESTES A ACONTECER. TINHA DEIXADO DE LUTAR E DE SE DEBATER, JÁ QUE ISSO APENAS SERVIA PARA LHE ESFOLAR A PELE DOS PULSOS. RESPIROU FUNDO QUANDO OUVIU O SOM DA PEDERNEIRA E CHEIROU A CHAMA. GRITOU A PLENOS PULMÕES QUANDO AS COSTAS COMEÇARAM A ARDER.

QUANDO O FOGO FINALMENTE SE EXTINGUIU, ELIN LIMITOU-SE A CHORAMINGAR, SENTINDO QUE A INCONSCIÊNCIA ESTAVA MISERICORDIOSAMENTE A COMEÇAR A OBSCURECER-LHE A MENTE. PENDIA DO TETO COMO UM PEDAÇO DE CARNE. TUDO O QUE NELA ERA HUMANO ESTAVA A Esvair-se. A ÚNICA COISA EM QUE CONSEGUIA PENSAR ERA NA DOR E EM TENTAR RESPIRAR, SIMPLEMENTE RESPIRAR.

QUANDO A PORTA SE ABRIU, ELIN SOUBE SEM CONSEGUIR VER QUE ERA LARS HIERNE, DE REGRESSO PARA SABER SE ESTAVA PRONTA PARA CONFESSAR. JÁ NÃO AGUENTARIA MUITO MAIS.

MAS A VOZ QUE OUVIU PERTENCIA A OUTRA PESSOA. ERA UMA VOZ QUE CONHECIA DEMASIADO BEM.

— OH, MEU DEUS! — DISSE PREBEN, E UMA CENTELHA DE ESPERANÇA RELUZIU NO CORAÇÃO DE ELIN.

CERTAMENTE QUE PREBEN IA CEDER QUANDO A VISSE ASSIM. NUA E PROFANADA, E SUBMETIDA AO TORMENTO MAIS HORRIPILANTE.

— PREBEN — CONSEGUIU DIZER, TENTANDO VIRAR A CABEÇA NA DIREÇÃO DELE, MAS A CORRENTE FÊ-LA OSCILAR PARA O OUTRO LADO. — AJUDA-ME... AJUDA-ME.

A VOZ QUEBROU, MAS ELIN SABIA QUE PREBEN A TINHA OUVIDO. A RESPIRAÇÃO DO PASTOR ERA RÁPIDA E ENTRECORTADA POR ESTREMECIMENTOS, MAS NÃO DISSE UMA PALAVRA. DEPOIS DE UM SILÊNCIO QUE DUROU DEMASIADO TEMPO, PREBEN DISSE: — ESTOU AQUI PORQUE SOU O TEU PASTOR, PARA TE ACONSELHAR A CONFESSAR O CRIME PELO QUAL FOSTE ACUSADA. SE

CONFESSARES OS TEUS ATOS DE BRUXARIA EXPIARÁS O TEU CRIME E PROMETO TRATAR PESSOALMENTE DO TEU ENTERRO. MAS TENS DE CONFESSAR.

QUANDO INTERIORIZOU AQUELAS PALAVRAS E OUVIU O TOM ANSIOSO DA VOZ DE PREBEN, FOI COMO SE TODA A RAZÃO A TIVESSE DEIXADO. PENDURADA NA CORRENTE, QUEIMADA E AVILTADA, COM UM CROCITAR ROUCO, ELIN MERGULHOU NA INSANIDADE. RIU-SE SEM PARAR ATÉ A PORTA FINALMENTE SE FECHAR. JÁ TINHA DECIDIDO. NÃO IRIA CONFESSAR ALGO QUE NÃO TINHA FEITO.

UM DIA E UMA NOITE DEPOIS, ELIN JONSDOTTER CONFESSOU SER CULPADA DE BRUXARIA E DE EXECUTAR O TRABALHO DO DIABO. O MESTRE ANDERS MOSTRARA-SE DEMASIADO HABILIDOSO. TINHA-LHE AMARRADO PESOS AOS PÉS E DEITARA-A DE COSTAS NUMA CAMA DE PREGOS; PASSARA-LHE UMA LIXA DE AÇO ENTRE OS DEDOS E ESMAGARA OS POLEGARES NUM TORNO; ENFIARA-LHE PEDAÇOS DE MADEIRA SOB AS UNHAS DOS DEDOS DAS MÃOS E DOS PÉS. DEPOIS DISSO, ELIN NÃO AGUENTOU MAIS.

A SENTENÇA FOI CONFIRMADA PELO TRIBUNAL DE UDDEVALLA E PELO TRIBUNAL DE RELAÇÃO DE GÖTA. ERA UMA BRUXA E FOI CONDENADA À MORTE. PRIMEIRO SERIA DECAPITADA E DEPOIS O CORPO SERIA QUEIMADO NA FOGUEIRA.

*

– TENS DE COMER ALGUMA COISA – disse Sam.

Abriu o frigorífico e espreitou lá para dentro. Jessie estava sentada à mesa da cozinha. Encolheu os ombros.

– Vou fazer algumas sanduíches para nós.

Retirou a manteiga, o queijo e o fiambre. Tirou um pouco de pão da caixa e começou a preparar as sanduíches. Pôs duas num prato e colocou-o à frente de Jessie. Depois serviu-lhe um copo de leite com chocolate.

– Isso é para miúdos – disse Jessie.

– Leite com chocolate é bom.

Sam olhou para Jessie, sentada muito inclinada sobre a mesa a comer uma das sanduíches. Era tão bonita que doía. Estava preparado para segui-la até aos confins da Terra. Só esperava que Jessie sentisse o mesmo por ele.

– Não estás com dúvidas?

Jessie abanou a cabeça.

– Não podemos desistir agora.

– Temos de verificar novamente se temos tudo o que precisamos – disse Sam.

– Tem de ser perfeito. Tem de ser... elegante. Belo.

Jessie assentiu e comeu o resto da segunda sanduíche.

Sam sentou-se ao lado dela e puxou-a para perto. Passou o dedo pelo queixo da namorada e depois tocou-lhe nos lábios. Já não havia sinais exteriores de o corpo dela ter estado coberto de tinta preta, mas por dentro era outra história. Só havia uma maneira de lavar tudo. Ajudá-la-ia a fazer isso. E ao mesmo tempo lavaria a escuridão que teimava em não o largar.

– Que horas são? – perguntou Jessie.

Sam olhou de relance para o relógio.

– Devíamos sair daqui a meia hora. Mas está quase tudo pronto. E já tratei das armas.

– Então, como te sentes? – perguntou Jessie, levantando o capuz. – Soube bem?

Sam levantou-se e ficou algum tempo a refletir. Imaginou o rosto surpreendido de James.

Então fez um sorriso rasgado.

– Foi uma sensação do caraças.

*

A música martelava. Com ar irritado, Sanna subiu as escadas e abriu a porta. Vendela e Nils estavam sentados na cama e saltaram um para cada lado quando a viram.

– Que raio estás a fazer? – gritou Vendela. – Não posso ter privacidade no meu próprio quarto?

– Põe a música mais baixo. E, a partir de agora, deixa a porta aberta!

– Tás maluca?

– Põe a música mais baixo e deixa a porta aberta, senão podem esquecer a boleia até Tanumshede.

Vendela abriu a boca para dizer algo, mas depois mudou de ideias. Por um momento, Sanna pensou que a filha quase parecia aliviada.

– O Basse também vai? – perguntou.

Vendela abanou a cabeça.

– Não, já não nos damos com ele – respondeu Nils.

– Ah? Porque não?

Nils pôs-se sério de repente.

– As pessoas mudam. As pessoas crescem e seguem em frente. Faz tudo parte de nos tornarmos adultos. Não acha, Sanna?

Nils inclinou a cabeça para o lado. Então olhou de relance para Vendela e sorriu-lhe. Vendela pareceu hesitar antes de retribuir o sorriso do namorado.

Sanna deu meia-volta para regressar ao vestíbulo. Nunca tinha gostado de Nils. Basse podia ser um pouco estúpido, mas parecia razoavelmente bom rapaz. Isto, tendo em conta que Nils não tinha nenhuma qualidade. Era difícil acreditar que Bill e Gun tinham criado um filho que era o oposto deles em todos os aspetos; os pais eram amáveis e atenciosos. Eram daquelas pessoas que faziam qualquer coisa para ajudar.

Não gostava que Vendela se desse com Nils. E naquele dia tinha a sensação de que Vendela também não estava particularmente interessada em estar com o rapaz.

– Põe a música mais baixo. Deixa a porta aberta. Saímos daqui a dez minutos.

*

– Sabes conduzir? – perguntou Jessie quando Sam apontou as chaves ao carro e carregou no botão para destrancar as portas.

Abriu a mala e pôs lá dentro o embrulho.

– A minha mãe ensinou-me. Temos conduzido pela quinta.

– Mas isso não é a mesma coisa que conduzir na estrada, pois não? – perguntou Jessie.

– O que sugeres? Queres apanhar o autocarro?

Jessie abanou a cabeça. Sam tinha razão. Além disso, que importava?

– Temos tudo?

– Acho que sim – respondeu Sam.

– Deixaste a *pen* no computador?

– Sim, é impossível não a verem.

– E gasolina?

– Temos tudo o que precisamos – Sam fechou a mala e lançou-lhe um sorriso.

– Não te preocupes. Pensámos em tudo.

– *Okay* – disse Jessie, e abriu a porta do lado do passageiro.

Sam sentou-se ao volante e ligou o motor. Parecia calmo e confiante e Jessie descontraíu-se. Ligou o rádio e procurou um canal que passasse música alegre. Encontrou uma música antiga de Britney Spears. Não seria a sua escolha habitual, mas era alegre e animada, e naquele dia não queria saber de mais nada. Fechou os olhos e sentiu o vento a despentear-lhe o cabelo e a acariciar-lhe as faces. Era livre. Passados todos aqueles anos, era finalmente livre. Livre para ser quem queria ser.

*

Estava tudo tratado, planeado e organizado. Sam delineara tudo cuidadosamente no seu caderno e pensara em todas as contingências. Passara horas no quarto a pensar naquela noite em particular e pesquisara tudo o que não sabia no *Google*. E não era assim tão difícil descobrir como poderia causar o máximo de danos possível.

A destruição seria purificante; redefiniria o equilíbrio. Porque todos eles tinham sido participantes, cada um à sua maneira – todos os que tinham permanecido em silêncio durante todos aqueles anos a assistir sem dizer nada. Todos os que se tinham rido dele e lhe tinham apontado o dedo, os que também tinham aproveitado para dar-lhe pancadas nas costas e gritado com ele. Mesmo aqueles que protestaram, mas que o fizeram com tão pouca convicção que ninguém os ouviu; só queriam sentir que eram pessoas boas, estavam-se nas tintas para todos os outros.

Também mereciam sofrer algum tipo de consequência.

Chegaram cedo. Dentro do edifício decorriam os preparativos para a festa daquela noite. Ninguém reparou neles. Não foi difícil descarregar o carro e esconder o que precisavam sem serem vistos. Os bidões de gasolina eram pesados, mas cada um pegou num e enfiaram-nos no meio dos arbustos, cobrindo-os com ramos para ocultá-los. O crepúsculo que se aproximava ajudaria a esconder tudo.

Sam tratou das saídas. Refletira sobre isso durante muito tempo antes de se decidir por uma solução simples. Grandes cadeados. Claro que os que estavam lá dentro podiam sempre partir as janelas, mas achava que ninguém ia ser tão empreendedor ou destemido. Eram todos cobardes.

Sam e Jessie sentaram-se no carro à espera. Não falaram, deram apenas as mãos. Sam adorava o calor da mão de Jessie na dele. Sentiria falta disso. Mas era talvez a única coisa de que sentiria falta. Doía demasiado. A vida doía demasiado.

Por fim, as pessoas começaram a chegar. Sam e Jessie olhavam fixamente pelo para-brisas, observando quem aparecia. Não começariam até que os alvos mais importantes tivessem chegado.

Finalmente viram-nos. Primeiro, Vendela e Nils. Então, um pouco mais tarde, Basse apareceu. O trio parecia ter-se separado. Sam inclinou-se para Jessie e beijou-a. Os lábios da namorada estavam secos e tensos, mas suavizaram-se ao toque dele.

O beijo não durou muito tempo. Estavam prontos para começar. Tudo fora dito, tudo fora feito.

Ninguém olhou na direção dos dois quando saíram do carro. Deram uma grande volta para alcançar as traseiras do edifício sem chamar a atenção. Levaram com eles os bidões de gasolina e o saco. Ninguém reparou quando atravessaram o relvado. Estava escuro no interior do edifício. A maior parte das janelas estava tapada com tecido escuro ou com plásticos. A música ribombava em altos berros quando abriram as portas das traseiras. Luzes de discoteca pulsavam na pista de dança em frente ao palco.

Puseram os bidões e o saco do lado de dentro e depois saíram, rodeando as maçanetas com uma corrente que prenderam com um cadeado. Agora, apenas levavam o dinheiro para o bilhete e mais uma corrente e outro cadeado. Contornaram o edifício com determinação e juntaram-se à fila à entrada. Ninguém lhes prestou atenção. Estavam todos muito bem-dispostos e ligeiramente tocados depois de terem estado a festejar noutro lado qualquer antes de terem ido para ali.

Sam e Jessie compraram o bilhete e entraram. Por essa altura viam-se já muitas cabeças, a sala estava apinhada de gente a dançar e a gritar. Sam sussurrou a Jessie, que assentiu. Caminharam junto à parede. Um rapaz e uma rapariga estavam a curtir ao pé da saída das traseiras. Sam reconheceu-os da escola. Estavam completamente focados um no outro, a apalpar-se por baixo da roupa e completamente abstraídos de quem quer que fosse. Sam e Jessie abriram o saco e enfiaram rapidamente as armas debaixo da roupa. Tinham tido o cuidado de usar roupas largas e compridas. Deixaram os bidões de gasolina onde estavam, pois ainda não eram necessários. Tinham de trancar as portas de entrada antes que a diversão pudesse começar.

Voltaram a dirigir-se à parte da frente da sala e, pelo canto do olho, Sam viu Vendela e Nils no meio da pista de dança com um grupo de amigos. Mas não Basse. Sam procurou-o e acabou por localizá-lo no outro extremo da sala. Estava encostado à parede de braços cruzados, a olhar fixamente para Nils e para Vendela.

Havia ainda uma fila de dez metros de adolescentes ansiosos por entrar na festa. O vendedor de bilhetes estava do lado de fora das portas. Sam foi ter com ele.

– Precisamos de ter a certeza de que as portas fecham. É uma medida de segurança. Só vai demorar dois minutos.

– *Okay* – disse o rapaz. – Força.

Sam fechou as portas e trancou-as rapidamente com a corrente e o cadeado. Descontraíu os ombros e forçou-se a respirar fundo. Concentra-te. Agora ninguém saía. Ninguém entrava. Sam e Jessie controlavam completamente a sala onde decorria a festa. Virou-se para Jessie e acenou com a cabeça. Alguém começou a bater nas portas do lado de fora, mas Sam ignorou o ruído. A música estava alta, por isso mais ninguém conseguia ouvir o barulho.

O armário com o quadro elétrico ficava num pequeno corredor à esquerda da entrada. Sam aproximou-se dele e lançou uma última olhadela a Jessie, que estava pronta, com as mãos enfiadas sob a roupa. Ligou as luzes e desligou o cabo de áudio. Agora não havia volta a dar.

Quando a luz inundou a sala e a música parou, houve um momento de silêncio atordoado. Então, alguém começou a gritar e uma rapariga vaiou. Rapidamente muitas vozes juntaram-se-lhes. Todos os jovens pareciam pálidos e patéticos à luz ofuscante. Sam sentiu a autoconfiança a aumentar. Deixou que todas as emoções que mantivera enclausuradas durante anos extravasassem. Aproximou-

se para ficar de costas para as portas de entrada e de frente para a pista de dança, para que todos pudessem vê-lo.

Jessie aproximou-se e pôs-se ao lado dele.

Lentamente, Sam sacou as armas. Tinham decidido que cada um deles teria duas pistolas. Uma caçadeira teria sido demasiado pesada e difícil de esconder.

Disparou um tiro para o ar e algumas raparigas começaram a gritar. Todos olhavam fixamente para eles. Finalmente, a situação tinha-se invertido. Sempre soube que era melhor do que aqueles miúdos com as suas vidas mesquinhas e os seus pensamentos banais. Em breve seriam esquecidos. Mas ninguém se esqueceria dele ou de Jessie.

Sam caminhou em direção à pista de dança. Nils e Vendela estavam a olhar para ele, embasbacados. Sam gostou de ver o terror nos olhos de Nils. Sabia que Nils sabia o que ia acontecer. Com mão firme, Sam ergueu a arma. Lentamente, querendo aproveitar cada segundo, premiu o gatilho. A bala atingiu Nils mesmo no meio da testa e o rapaz caiu no chão. Ficou deitado de costas, com os olhos abertos. Um fio de sangue escorria do buraco perfeitamente redondo.

*

Adnan e Khalil fartaram-se de caminhar. Todas as noites saíam para ir dar um passeio. O ar da cave parecia sufocá-los e as paredes pareciam aproximar-se deles quando chegava a hora de ir dormir. O som da televisão no andar de cima ouvia-se até às duas ou três da manhã. Parecia que a velha nunca dormia. A única coisa que ajudava era sair e caminhar. Durante horas. Caminhavam até ficarem exaustos e terem inalado oxigénio suficiente para conseguirem passar uma noite inteira na cave.

Não conversavam enquanto caminhavam. Havia sempre o risco de falarem sobre o passado, o que, por sua vez, poderia alimentar-lhes os pesadelos com prédios em ruínas e crianças despedaçadas pelas explosões. Havia também o risco de começarem a falar sobre o futuro e de se aperceberem de que para eles o futuro não trazia esperança.

Parecia que as pessoas dentro das casas por onde passavam viviam num mundo diferente.

Do outro lado das vidraças ficava a parte da Suécia que queriam conhecer e todas as noites tentavam aprender mais sobre ela. Iam até ao centro da vila e olhavam para os apartamentos com aquelas varandas tão estranhamente decorativas. Não havia roupa estendida a secar, nenhuma lanterna a tremeluzir,

embora algumas casas estivessem adornadas com minúsculas luzes. Até alguém tinha posto uma iúca na varanda. Era uma visão tão peculiar que Adnan até chamara a atenção de Khalil.

Nessa noite, depois de passarem pela cidade, dirigiram-se à escola. Aquele edifício fascinava-os. Parecia tão novo. Tão chique.

– Parece que há uma festa no edifício vermelho – disse Adnan, apontando para o centro comunitário.

Bill tentara explicar o que era um centro comunitário, mas não conseguiram encontrar um termo árabe comparável, pelo que todos os refugiados lhe chamavam simplesmente «o edifício vermelho» quando lá ficaram depois do incêndio.

– Vamos dar uma vista de olhos? – perguntou Adnan.

Khalil abanou a cabeça.

– Parecem adolescentes. E provavelmente estão a beber. E de certeza que alguém vai querer arranjar confusão quando nos vir.

– Não necessariamente – disse Adnan, tocando no braço de Khalil. – E talvez conheçamos algumas raparigas.

– Digo-te outra vez: só vamos arranjar problemas se formos lá. – Khalil suspirou.

– Anda, vá.

Khalil hesitou. Sabia que tendia a ser excessivamente cauteloso, mas quem poderia culpá-lo depois do que tinha passado?

Adnan começou a dirigir-se ao edifício, mas Khalil agarrou-lhe o braço.

– Ouve!

Adnan parou para ouvir. Então olhou para Khalil, com os olhos muito abertos.

– Tiros – disse.

Khalil assentiu. Era um barulho que ambos conheciam bem. E vinha de dentro do centro comunitário. Ficaram especados a olhar um para o outro. Depois correram em direção ao som.

*

– Foi um casamento fabuloso – disse Erica, aninhando-se mais em Patrik. Estavam sentados no alpendre. – Fiquei tão surpreendida quando a Anna e o Dan entraram na igreja ontem. Tinha a sensação de que andava a esconder-me alguma coisa, mas nem num milhão de anos teria imaginado que estava a planejar um casamento em simultâneo com a Kristina.

Ainda estava em estado de choque, mas o casamento acabou por se revelar o mais divertido de todos aqueles em que já participara, e isso incluía o seu próprio. Todos ficaram tão pasmados com a grande surpresa de Anna e de Dan que se instalou um clima festivo antes mesmo de saírem da igreja. Depois de um jantar maravilhoso, com muitos discursos, dançaram durante toda a noite.

Agora, Erica e Patrik estavam sentados no alpendre, observando o Sol a pôr-se e saboreando as recordações.

– Devias ter visto a tua cara quando o Dan e a Anna entraram! – disse Patrik, rindo-se. – Pensei que te ias dissolver numa grande poça no chão. Não fazia ideia de que alguém pudesse chorar tanto. Estavas tão querida. A maquilhagem escorria e parecias um guaxinim fofo. Ou um gato. Um daqueles gatos pretos com um focinho adorável...

– Muito divertido – disse Erica, mas era obrigada a admitir que Patrik tinha razão.

Fora forçada a retocar a maquilhagem na casa de banho assim que chegaram ao hotel. O rímel e o *eyeliner* ficaram tão esborratados que parecia...

Erica ficou paralisada. Patrik olhou para a mulher, surpreendido.

– O que aconteceu? Parece que viste um fantasma.

Erica levantou-se abruptamente. Pensou noutra coisa que a tinha andado a incomodar. Algo que Patrik dissera sobre Helen.

– Ontem referiste qualquer coisa quando estavas a falar sobre a Helen. Tinha que ver com o *wafer* de chocolate que a Helen deu à Nea. Lembras-te do que disseste?

– Bem, a Nea tinha chocolate no estômago. Foi a última coisa que comeu. Chocolate e bolacha, para ser preciso. Por isso, o Pedersen pensou que a menina tinha estado a comer um *wafer* de chocolate Kex. Quando questionei a Helen sobre isso, ela disse que Nea a tinha visto a comer um Kex e lhe pediu um bocado, portanto, a Helen dividiu-o com ela. E encontrámos uma embalagem de Kex no palheiro, por isso...

– A Helen está a mentir. Não podia estar a comer chocolate... é alérgica. Foi ela a primeira a falar no *wafer* Kex, ou foste tu?

– Acho que posso ter sido eu.

– E com quem é que a Nea disse que brincava no celeiro?

– Com o gato preto – disse Patrik com uma risada. – As crianças são tão engraçadas.

– Patrik – disse Erica, lançando-lhe um olhar sombrio. – Sei como tudo encaixa. Sei quem fez aquilo.

– Quem fez o quê?

Erica estava prestes a responder quando o telemóvel de Patrik tocou.

Patrik ouviu com ar sombrio e depois desligou e virou-se para Erica.

– Tenho de ir – disse. – Era o Martin. Receberam relatos de tiros no centro comunitário de Tanumshede.

*

– O que sabemos? – perguntou Martin, virando-se para Paula e para Mellberg no banco de trás. Era o agente de serviço e tinha ido buscá-los depois de telefonar a Patrik. – Já sabemos quem é o atirador?

Paula encarou o colega pelo espelho retrovisor.

– Não – respondeu. Mas estou em contacto com a Annika. Estão a chegar mais chamadas à esquadra, por isso esperamos saber mais em breve.

– Será que está relacionado com os refugiados? – perguntou Mellberg. – Outra vez?

– Não me parece – disse Martin, abanando a cabeça. Parece que houve uma festa qualquer esta noite para celebrar o fim das férias escolares. Portanto, estamos a falar de alunos do ensino secundário.

– Caramba. Adolescentes? – perguntou Mellberg. – Quanto falta para chegarmos?

– Então, Bertil, já fez este caminho tantas vezes como eu – respondeu Martin, impaciente.

– Precisamos de reforços? – perguntou Paula. – Telefone para Uddevalla?

Martin não precisava de perguntar a Mellberg; sabia intuitivamente a resposta. O estômago dizia-lhe que aquilo era mau. Muito mau.

– Sim, liga para Uddevalla – respondeu, carregando com força no acelerador. – Estamos quase lá. Vês o Patrik e o Gösta nalgum lado?

– Não, mas vêm a caminho – disse Paula.

Quando Martin parou à frente do centro comunitário viu dois rapazes a correr vindos do edifício. Estacionou o carro e saltou para detê-los.

– Que se passa aqui?

– Está alguém aos tiros lá dentro! – disse um dos jovens em inglês. Martin reconheceu-o do centro de acolhimento de refugiados. – É uma loucura! As pessoas estão em pânico!

As palavras saíam-lhe em torrentes, inglês misturado com sueco. Martin ergueu uma das mãos para fazê-lo desacelerar.

– Sabe quem é?
– Não, não conseguimos ver nada. Acabámos de ouvir tiros e pessoas a gritar.
– *Okay*, obrigado. Agora saiam daqui – disse Martin, fazendo-lhes sinal para que se fossem embora.

Olhou para o edifício e depois virou-se para Paula e para Mellberg.

– Temos de descobrir o que está a acontecer. Vou aproximar-me – disse, empunhando a pistola.

– Estamos mesmo atrás de ti – disse Paula, e Mellberg assentiu.

Mais jovens apareceram a correr na direção dos agentes, mas não pareciam ter saído de dentro do edifício. As portas principais estavam fechadas, assim como as janelas.

– Vamos separar-nos – disse. – Tentem chegar o mais perto possível das janelas. Precisamos de ter uma ideia do que está a acontecer lá dentro.

Os colegas assentiram e aproximaram-se os três do edifício, correndo muito curvados. Com os nervos em alerta máximo, Martin olhou por uma janela que não estava completamente tapada. Ficou petrificado com o que viu.

Agora sabia o que enfrentavam, o que não significava que soubesse como lidar com a situação. Patrik e Gösta não podiam estar longe, mas demoraria quase uma hora até que os reforços de Uddevalla chegassem. E, pelo que viu, não podiam esperar tanto tempo.

*

Os gritos subiram de tom. Sam disparou um tiro para o ar.

– Calem-se!

Ficaram todos em silêncio, embora ainda pudessem ser ouvidos soluços abafados. Sam acenou a Jessie, que passou por ele em direção à saída das traseiras. Com esforço, pegou nos bidões de gasolina e transportou-os até junto do namorado. Pousou-os aos pés de Sam.

– Tu aí – disse Sam, apontando para um rapaz alto que usava uma camisa branca e calças castanhas. – Pega no bidão e começa a despejar a gasolina ali.

Apontou para a parede da esquerda.

– E tu – disse Sam, fazendo sinal a um rapaz negro entroncado de camisa cor-de-rosa. – Trata do outro lado. Certifica-te de que as coberturas das janelas ficam bem encharcadas.

Apontou para os panos pendurados à frente das vidraças.

Os dois rapazes permaneceram onde estavam, como se estivessem paralisados, mas quando Sam ergueu a arma puseram-se em movimento. Cada um pegou num bidão e dirigiu-se às respetivas janelas. Os rapazes voltaram a hesitar.

– Mexam-se! – berrou Sam.

Virou-se para Jessie.

– Vigia-os – certifica-te de que fazem tudo bem. Caso contrário dá-lhes um tiro.

Sam olhou para o patético grupo de adolescentes reunido na sala. Toda a gente tremia e soluçava. Alguns começaram a procurar um meio de fuga, avaliando as hipóteses de conseguir escapar.

– As portas estão trancadas. Não há saída – disse Sam, sorrindo. – Não tentem fazer nenhuma estupidez.

– Porquê? – exclamou Felicia, uma rapariga da turma de Sam. – Porque estás a fazer isto?

Era uma das raparigas populares. Seios grandes e farto cabelo louro. Burra como uma porta.

– Porque é que achas? – perguntou Sam.

Olhou para Vendela, que não se afastava do sítio onde Nils jazia no chão. Usava uma saia curta e uma pequena camisola. Estava a tremer.

– Tens alguma teoria, Vendela? Alguma ideia do motivo por que estamos a fazer isto?

Percorreu a sala com o olhar, parando quando viu Basse.

– Então e tu?

Basse chorava em silêncio.

– Não devias estar aí sozinho – disse Sam. Vem cá ter com a Vendela e com o Nils. São tão amigalhaços. Anda ter com o teu velho bando.

Basse aproximou-se lentamente de Vendela, que olhava fixamente para a frente. Pôs-se ao lado dela sem olhar para o cadáver de Nils.

Sam inclinou a cabeça para um lado.

– Então, quem vos parece que devia matar primeiro? Se quiserem podem decidir. Ou querem que eu decida? Não é fácil. Começo pela puta que gosta de mandar em toda a gente ou pelo cobarde que faz tudo o que lhe mandam?

Ninguém respondeu. As faces de Vendela estavam listradas de preto por causa do rímel que tinha escorrido.

Controlo. Agora detinha o controlo absoluto.

Sam ergueu a arma. E disparou. Vendela caiu no chão sem emitir um som. Gritos estridentes ecoaram pelas paredes e Sam berrou:

– CALEM-SE!

Mas não conseguiu impedir os adolescentes de soluçarem e um rapaz mais novo vomitou. Vendela ficara tombada à direita de Nils. A pontaria de Sam não tinha sido das melhores e a bala entrara pelo olho direito da rapariga. Mas o resultado fora o mesmo.

Estava morta.

*

Erica seguia ao lado de Patrik, que conduzia mais depressa do que nunca. Sabia que era contra todos os regulamentos e também contra o seu bom senso, mas Erica convencera-o a levá-la. «Há vidas de adolescentes em perigo», tinha dito. «Vais precisar de muitos adultos no local para lhes dar conforto e apoio.» E tinha razão. Claro que tinha. Estendeu a mão para apertar a mão de Erica enquanto contemplava a bela paisagem de verão. Normalmente, percorrer aquelas estradas escuras e desertas induzia de algum modo o sono, mas naquele momento Patrik estava mais desperto do que nunca.

Quando chegaram à saída para o centro comunitário virou tão depressa que os pneus chiaram. Estacionou ao lado dos veículos de Martin e de Gösta. Disse a Erica para ficar no carro e depois saiu para que lhe fizessem um relato da situação.

– É o filho da Helen! E a filha da Marie! – disse Martin. – Sam e...

– Jessie. Chama-se Jessie – disse-lhe Patrik.

– O Sam e a Jessie. Estão armados e fizeram os adolescentes reféns. Vimos uma pessoa no chão, sem se mexer, mas o Sam e a Jessie estavam de pé mesmo à frente, por isso não sabemos em que estado se encontram. Vem uma ambulância a caminho, mas ainda vai demorar.

– Então e os reforços de Uddevalla? – perguntou Patrik.

– Ainda falta pelo menos meia hora para chegarem – disse Paula. – Julgo que não podemos esperar tanto tempo.

Ouviu-se um tiro do interior do edifício, assustando-os a todos.

– Que fazemos? – perguntou Gösta. – Não podemos ficar aqui à espera de reforços enquanto matam mais miúdos.

Patrik pensou durante um segundo e depois abriu a porta do carro e pediu a Erica que saísse. Explicou-lhe o que estava a acontecer.

– Tens o número do telemóvel de Sam, não tens? – perguntou.

– Sim, pedi-lho depois de o ter entrevistado.

– Podes dar-mo? A nossa única hipótese é tentar contactá-lo. Se conseguirmos conversar com o Sam e fazê-lo ver que isto é uma loucura, talvez possamos acabar com esta situação.

Erica ditou-lhe o número e Patrik introduziu-o no telemóvel com a mão a tremer. Chamou durante algum tempo, mas ninguém atendeu.

– Merda! – exclamou Patrik sentindo o pânico a crescer. – Talvez se tivéssemos aqui a Helen, o Sam aceitasse falar com ela ao telemóvel. Mas vai demorar demasiado tempo a trazê-la.

– Queres que eu tente? – perguntou Erica em voz baixa. – Talvez o Sam atenda se vir que sou eu a ligar. Quando nos conhecemos, pensei que nos compreendíamos mutuamente. E, na verdade, o Sam abriu-se comigo.

Patrik lançou-lhe um olhar sombrio.

– Vale a pena tentar.

Erica pegou no telemóvel. Tenso, Patrik observou-a a fazer a chamada.

– Põe-no em alta voz – disse em voz baixa.

– Porque está a ligar-me?

A voz de Sam ecoou pelo estacionamento, fantasmagórica.

Erica respirou fundo.

– Tinha esperança de que falasses comigo – disse. – Sei que achas que ninguém te dá ouvidos, mas eu estou a ouvir-te.

Sem resposta. Ao fundo, ouviam vozes a soluçar e a murmurar. Alguém gritava.

– Sam?

– O que é que quer? – perguntou.

Parecia um velho a falar.

Patrik fez sinal a Erica para lhe passar o telemóvel e, depois de hesitar por alguns segundos, foi o que Erica fez.

– Sam? Fala o Patrik Hedström. Da polícia.

Silêncio.

– Só queremos conversar contigo. Há alguém aí dentro que precise de ajuda? Há uma ambulância a caminho...

– É demasiado tarde para uma ambulância.

– Como assim? – perguntou Patrik.

– É demasiado tarde...

A voz de Sam desvaneceu-se. Podiam ouvir Jessie a dizer a alguém para se calar.

Patrik hesitou e olhou para Erica. Se dissesse algo que não devia, podia piorar as coisas. Mas tinham de tentar manter a conversa – era a única esperança que tinham. Não dispunham de agentes suficientes para invadir o edifício antes da chegada dos reforços, portanto, enquanto esperavam, tudo o que podiam fazer era conversar.

– Nós sabemos, Sam – disse Patrik. – Já sabemos tudo. Sabemos que a tua mãe tentou assumir a culpa pelo que aconteceu. Porque não deixas os teus colegas saírem? Não fizeram nada...

– Não fizeram nada? Que raio sabe você sobre o que eles fizeram ou não fizeram? – A voz de Sam subiu para um tom de falsete. – Não faz ideia. Eles são nojentos. Sempre foram nojentos e não merecem continuar a viver.

Tentou abafar um soluço e Patrik viu uma abertura, uma brecha. Enquanto Sam estivesse a sentir alguma coisa conseguiria chegar ao rapaz. As pessoas que já se tinham fechado completamente eram as mais perigosas.

– Então e a Nea? – perguntou Patrik. – O que foi que lhe aconteceu? Também merecia morrer?

– Não. Foi um acidente. – A voz de Sam era quase um sussurro. – Eu não queria fazer aquilo. Estava... Vi... a minha mãe a beijar a Marie. Pensavam que estavam sozinhas, mas eu consegui vê-las do meu esconderijo no celeiro. Queria estar sozinho, mas a Nea não me deixava em paz. Não parava de tagarelar e de me pedir para brincar com ela, até que perdi a paciência e empurrei-a. Assim que percebi que estava mesmo à beira do palheiro, estendi a mão para agarrá-la, mas ela deu um passo atrás... e caiu.

Por um momento ninguém falou. Patrik olhou para Erica.

– E a tua mãe ajudou-te a resolver a situação? – perguntou Patrik, embora já soubesse a resposta.

– Lamento muito – soluçou Sam. – Diga à minha mãe que lamento muito tudo o que aconteceu.

Então, Sam desligou a chamada.

Patrik tentou freneticamente voltar a falar com o rapaz, mas Sam não atendeu. Outro tiro, e todos se sobressaltaram. Patrik olhou para o relógio.

– Não podemos esperar. Temos de nos aproximar. Erica, tu ficas aqui com o Mellberg. Em nenhuma circunstância deves sair do carro. *Okay?*

Erica assentiu.

– Paula, Martin e Gösta, vocês vêm comigo. Mellberg, quando os reforços chegarem, preciso que lhes faça o ponto da situação, *okay?*

Todos assentiram. Patrik lançou um olhar determinado ao centro comunitário e verificou a pistola. Não fazia ideia de como evitar o desastre que estava prestes a acontecer, mas tinha de tentar.

*

Sam ficou desalentado quando o agente lhe disse que sabia o que tinha acontecido no celeiro. Uma imagem tremeluziu-lhe na mente: o rosto de Nea enquanto oscilava à beira do palheiro. Não quisera fazer-lhe mal. Só queria que a menina o deixasse em paz. A expressão de Nea ao cair era mais de surpresa do que de susto. Sam tinha avançado e tentara agarrá-la, mas já era tarde de mais. Olhou para baixo e lá estava ela, deitada no chão do celeiro, uma poça de sangue a formar-se em redor da cabeça. A menina tinha respirado algumas vezes, estremeando. Depois o corpo pareceu esvaziar-se e o olhar ficou vidrado.

Se aquilo não tivesse acontecido, não estaria ali naquela noite. Aquilo tinha começado por ser uma fantasia, planejar a vingança e escrever tudo no caderno, dizer a si mesmo que tinha o poder de assumir o controlo das coisas, se quisesse. Só depois do que tinham feito a Jessie é que decidiu tornar tudo realidade. Depois do que fizera a Linnea não tinha mais nada a perder.

– A polícia está lá fora – disse Sam a Jessie. – Está na altura de acabarmos com isto.

Jessie assentiu.

Avançou até ficar à frente de Basse, os pés bem afastados, como Sam lhe mostrara. Calmamente, Jessie ergueu a pistola e encostou o cano à testa de Basse. Os olhos do rapaz encheram-se de lágrimas e Basse tentou dizer «desculpa», mas só lhe saíram soluços. O braço de Jessie abanou quando disparou o tiro. A cabeça de Basse foi projetada para trás e também ele caiu no chão.

Por um momento, Sam e Jessie ficaram a olhar para o trio enquanto os gritos começaram a encher a sala. Mas agora bastava a Sam erguer a pistola para fazer com que se calassem.

Jessie enfiou a mão no bolso e tirou dois isqueiros. Lançou-os aos rapazes que tinham entornado a gasolina.

– Peguem fogo aos panos – disse secamente Sam.

Os rapazes não se mexeram. Limitaram-se a olhar para os isqueiros que tinham na mão.

Calmamente, Sam atingiu o rapaz alto de camisa branca com um tiro no peito. O adolescente olhou para baixo com surpresa quando uma mancha vermelha se formou. Depois caiu de joelhos e ficou deitado de barriga para baixo. Ainda tinha o isqueiro na mão direita.

– Tu. Vai buscar o isqueiro.

Sam apontou para um rapaz baixo de óculos, que tremia todo enquanto se inclinava para pegar no isqueiro.

– Pega fogo aos panos – disse novamente Sam, erguendo a arma.

Os rapazes aproximaram os isqueiros dos panos encharcados em gasolina que cobriam as janelas. As chamas rapidamente subiram pelo tecido em direção ao teto e começaram a espalhar-se para os lados. Já não fazia sentido tentar impedir que os adolescentes gritassem. Todos correram em pânico em direção às portas.

Sam e Jessie estavam agora costas com costas, tal como tinham treinado. Ergueram as armas. Sam sentiu o calor das costas de Jessie contra as suas, depois os solavancos rítmicos em ambos os corpos enquanto disparavam mais tiros. Ninguém podia, ninguém merecia fugir. Era tudo ou nada. Soubera-o desde o princípio. Isso também se aplicava a si próprio. E a Jessie. Por um breve momento, Sam arrependeu-se de a ter arrastado para aquilo. Então imaginou Nea a cair.

A polícia tinha-lhes dito para irem para casa. Khalil estava mais do que pronto para o fazer, mas Adnan agarrou-lhe a camisa.

– Não podemos ir-nos embora. Temos de ajudar!

– Mas que podemos nós fazer? – perguntou Khalil. – A polícia está cá. Como podemos ajudar?

– Não sei, mas aqueles miúdos estão lá dentro. Miúdos da minha idade.

– Não devíamos estar aqui – disse Khalil.

Os agentes estavam a aproximar-se furtivamente do edifício, dirigindo-se para a esquina de onde podiam olhar lá para dentro.

– Pronto, faz como achares melhor – disse Adnan, virando-se.

Khalil apercebeu-se de que Adnan se dirigia às traseiras do edifício.

– Merda! – disse, e seguiu o amigo.

Os pequenos painéis de vidro das portas tinham sido tapados com panos por dentro, mas havia uma fresta e conseguiam ver os responsáveis pelo tiroteio. Um rapaz e uma rapariga. Pareciam tão novos. Havia dois adolescentes deitados no chão. A rapariga aproximou-se de outro rapaz. Khalil sentiu Adnan a agarrar-lhe o braço com força. Sem qualquer vestígio de emoção, a rapariga disparou contra

o rapaz, cuja cabeça foi bruscamente atirada para trás. O rapaz desabou no chão, ao lado dos outros dois corpos.

– Porque é que a polícia não faz nada? – sussurrou Adnan, a voz cheia de lágrimas. – Porque é que não fazem alguma coisa?!

Puxou a corrente que prendia a maçaneta da porta.

– Não têm agentes suficientes. Estão à espera de reforços – explicou Khalil, engolindo em seco. – O mais certo é aqueles dois miúdos terem isolado a sala. Se a polícia entrar pode haver mais vítimas.

– Mas como é que podemos ficar para aqui sem...

Adnan agarrou o braço do amigo ainda com mais força.

Outro rapaz foi baleado. Então, o atirador virou-se para um rapazinho de óculos.

– Que estão a fazer agora?

– Acho que sei o que é – disse Khalil.

Virou-se e vomitou. O vômito cobriu-lhe os sapatos. Ergueu a mão para limpar a boca. Dentro do edifício, as chamas dispararam. Os adolescentes gritavam, o terror e o pânico aumentavam a cada segundo que passava. Correram para as portas. Ouviu-se uma sucessão de tiros. Adnan e Khalil observaram com horror os corpos a caírem no chão.

Khalil olhou em redor. Avistou um tijolo solto a pouca distância. Pegou nele e ergueu-o sobre a cabeça. Bateu insistentemente contra a maçaneta e, por fim, a corrente partiu-se e conseguiram abrir as portas de par em par.

O fogo avançava na direção dos sírios, assim como gritos de terror. O fumo era espesso e negro, fazendo-lhes arder os olhos, mas conseguiam ver pessoas a correr.

– Por aqui! Por aqui! – gritaram, e depois ajudaram uma torrente de pessoas a sair pela porta.

Tinham os olhos praticamente fechados por causa do fumo, a arder e a lacrimejar, mas continuaram a conduzir os adolescentes aterrorizados à liberdade. Khalil ouviu Adnan a gritar perto dele. Viu-o a ajudar uma rapariga em pânico.

Então o fogo alcançou Adnan. Khalil virou-se quando o ouviu gritar.

Bohuslän, 1672

REUNIRA-SE UMA GRANDE MULTIDÃO NA COLINA DO PATÍBULO. O CARRASCO ESPERAVA JUNTO AO CEPO QUANDO ELIN FOI FORÇADA A DESCER DA CARROÇA. OS ESPECTADORES OFEGARAM QUANDO A VIRAM. USAVA UMA NOVA TÚNICA BRANCA, MAS ESTAVA CARECA E A TINHA A CABEÇA COBERTA DE QUEIMADURAS. AS MÃOS ESTAVAM RETORCIDAS E FROUXAS, E PENDIAM-LHE AO LADO DO CORPO. ELIN MAL CONSEGUIA MANTER-SE DE PÉ ENQUANTO OS DOIS GUARDAS PRATICAMENTE A ARRASTAVAM PARA A FRENTE.

JUNTO DO CEPO, ELIN CAIU DE JOELHOS. OLHOU ANSIOSAMENTE PARA TODOS AQUELES QUE A FITAVAM. HAVIA APENAS UMA COISA EM QUE PENSARA DEPOIS DE TER CONFESSADO E DE TER SIDO CONDENADA À MORTE: MÄRTA ESTARIA PRESENTE? A CRIANÇA SERIA FORÇADA A VER A PRÓPRIA MÃE MORRER?

PARA SEU ALÍVIO, NÃO VIU MÄRTA EM LADO NENHUM. BRITTA ESTAVA LÁ COM PREBEN. EBBA DE MORHULT ENCONTRAVA-SE A POUCA DISTÂNCIA DELES, JUNTAMENTE COM MUITAS OUTRAS PESSOAS COM QUEM ELA E PER VIVERAM LADO A LADO, ASSIM COMO OS TRABALHADORES DO PRESBITÉRIO.

LARS HIERNE NÃO ESTAVA PRESENTE. SEGUIRA CAMINHO PARA OUTROS LUGARES, OUTRAS BRUXAS, PARA LUTAR CONTRA OUTRAS ABOMINAÇÕES DE SATANÁS. PARA ELE, ELIN JONSDOTTER ERA APENAS UMA ENTRADA NOS REGISTOS. MAIS UMA NOIVA DO DIABO QUE A COMISSÃO PARA A ERRADICAÇÃO DA BRUXARIA CAÇARA E EXECUTARA.

A GRAVIDEZ DE BRITTA ERA AGORA OSTENSIVA. PARECIA MUITO SATISFEITA, A PRESSIONAR AS MÃOS NA BARRIGA. O ROSTO IRRADIAVA RETIDÃO. PREBEN RODEAVA-A COM O BRAÇO. OS OLHOS DO PASTOR ESTAVAM FIXOS NO CHÃO E SEGURAVA O CHAPÉU NA OUTRA MÃO. ESTAVAM MUITO PERTO, A POUCOS METROS DE DISTÂNCIA. EBBA DE MORHULT CONVERSAVA ANIMADAMENTE COM AS MULHERES EM SEU REDOR. ELIN OUVIU-A A REPETIR PARTES SELECIONADAS DO TESTEMUNHO QUE PRESTARA. PERGUNTOU A SI PRÓPRIA QUANTAS VEZES EBBA LHE CONTARA MENTIRAS. SEMPRE FORA UMA FALA-BARATO. FORA SEMPRE UMA INVETERADA COSCUVILHEIRA E MENTIROSA.

O ÓDIO ARDIA EM FOGO LENTO DENTRO DE ELIN. PASSARA MUITAS HORAS NA CELA ESCURA, REVIVENDO TUDO VEZES SEM CONTA. CADA PALAVRA. CADA

MENTIRA. RECORDARA O RISO DE MÄRTA QUANDO REPETIU INOCENTEMENTE O QUE LHE TINHAM PEDIDO PARA DIZER. E A EXPRESSÃO SATISFEITA DE BRITTA QUANDO DEU A MÃO A MÄRTA E A CONDUZIU PARA FORA DO TRIBUNAL. COMO É QUE MÄRTA SERIA CAPAZ DE CONVIVER COM AQUILO QUANDO CRESCESSE E SE DESSE CONTA DO QUE FIZERA?

A RAIVA CRESCEU DENTRO DE ELIN, TORNANDO-SE UMA TEMPESTADE. TAL COMO A TEMPESTADE QUE LEVARA PER E A TRANSFORMARA A ELA E A MÄRTA EM VÍTIMAS INDEFESAS FORÇADAS A VIVER DA CARIDADE ALHEIA.

ODIAVA-OS. ODIAVA-OS COM UMA INTENSIDADE QUE A FAZIA TREMER TODA. COM GRANDE ESFORÇO, ELIN LEVANTOU-SE. OS GUARDAS DERAM UM PASSO À FRENTE, MAS O CARRASCO ERGUEU A MÃO PARA OS DETER. COM OS OLHOS A ARDER DE FÚRIA, ELIN VACILAVA NA SUA TÚNICA BRANCA. CRAVOU OS OLHOS EM BRITTA, EM PREBEN E EM EBBA. TODOS FICARAM EM SILÊNCIO ENQUANTO OLHAVAM PARA ELA DESCONFORTAVELMENTE. AFINAL DE CONTAS, ERA UMA BRUXA. QUEM SABIA O QUE PODERIA FAZER, AGORA QUE ESTAVA À BEIRA DA MORTE?

SEM TIRAR OS OLHOS DAQUELES QUE A TINHAM CONDENADO À MORTE, AQUELAS TRÊS PESSOAS QUE ESTAVAM ALI COM UM AR TÃO PEDANTE, ELIN DISSE NUMA VOZ FORTE E CALMA: – PODEM TER PERSUADIDO TODOS A ACREDITAR QUE CUMPRIRAM A VONTADE DE DEUS. MAS EU SEI MUITO BEM QUE NÃO É ASSIM. BRITTA, ÉS UMA PESSOA FALSA E REPUGNANTE. É-LO DESDE QUE SAÍSTE DO ÚTERO DA TUA IGUALMENTE FALSA MÃE. PREBEN, ÉS UM LIBERTINO E UM MENTIROSO, UM HOMEM FRACO E COBARDE. SABES QUE TE DEITASTE COMIGO, NÃO APENAS UMA VEZ, MAS MUITAS VEZES, NAS COSTAS DA TUA MULHER E NAS COSTAS DE DEUS. E, EBBA DE MORHULT: ÉS UMA VELHA MALVADA, INVEJOSA E COSCUVILHEIRA E NUNCA SUPORTASTE VER O VIZINHO TER MAIS UMA MIGALHA DE PÃO QUE FOSSE DO QUE TU. QUE TODOS OS TRÊS ARDAM NO INFERNO. E QUE A VOSSA DESCENDÊNCIA SOFRA A IGNOMÍNIA, A MORTE E O FOGO, GERAÇÃO APÓS GERAÇÃO. HOJE PODEM DESTRUIR O MEU CORPO COM AÇO E CHAMAS, MAS AS MINHAS PALAVRAS VÃO PERDURAR POR MUITO TEMPO DEPOIS DE O MEU CORPO SE TRANSFORMAR EM CINZAS. ISTO VOS PROMETO EU, ELIN JONSDOTTER, NESTE DIA DE NOSSO SENHOR, TODO PODEROSO. E AGORA ESTOU PRONTA PARA IR AO ENCONTRO DO MEU DEUS.

VIROU-SE PARA O CARRASCO E ASSENTIU. ENTÃO, ELIN CAIU DE JOELHOS E PÔS A CABEÇA NO CEPO, FIXANDO O OLHAR NO CHÃO. AO LADO DELA ESTAVAM A ACENDER A PIRA NA QUAL LHE QUEIMARIAM O CORPO PRESTES A SER DECAPITADO.

QUANDO O MACHADO SE ABATEU, ELIN JONSDOTTER ESTAVA A DIRIGIR A SUA ÚLTIMA ORAÇÃO AO DEUS QUE INVOCARA. E COM TODA A ALMA SENTIU QUE AGORA ELE A TINHA OUVIDO.

SOFRERIAM O SEU CASTIGO.

A CABEÇA DE ELIN FOI-LHE SEPARADA DO CORPO E ROLOU PARA O CHÃO. QUANDO PAROU, OS OLHOS ESTAVAM VIRADOS PARA O CÉU. DE INÍCIO HOUVE SILÊNCIO, JUNTAMENTE COM O ARFAR CHOCADO DE ALGUNS. ENTÃO, A MULTIDÃO IRROMPEU EM ACLAMAÇÕES DE JÚBILO. A BRUXA ESTAVA MORTA.

*

PATRIK PASSARA TODA A MANHÃ a preparar-se para aquela conversa com Helen. Tinha desempenhado tantos papéis na história. Como mãe de um adolescente morto, deveria ser deixada em paz para chorá-lo. Mas, como mãe de um assassino, tinha de ajudar a polícia na investigação. Patrik sabia que tinha de escolher a abordagem correta. Como pai, queria deixá-la em paz. Mas, como polícia, precisava de obter as respostas que as famílias das vítimas mereciam. E havia tantas vítimas. As manchetes em todos os jornais eram enormes e as letras negras gritavam as notícias sobre a tragédia de Tanumshede.

Quando surgiram os primeiros relatos sobre o tiroteio em Tanumshede, os Amigos da Suécia não tardaram a afirmar nas redes sociais que aquilo fora um ato de terrorismo praticado por um ou mais residentes estrangeiros. «O que é que nós tínhamos dito?» A alegação espalhou-se como o vento através de *sites* e fóruns que simpatizavam com a causa do partido. Mas rapidamente se tornou claro que tinham sido dois adolescentes suecos a provocar aquele massacre inimaginável e as notícias foram difundidas por todo o mundo. Quando os média relataram que os heróis que tinham salvado a vida a tantas crianças eram refugiados sírios, os Amigos da Suécia e os respetivos seguidores calaram-se. Por outro lado, propagou-se uma onda de respeito e de gratidão por parte da população sueca. E de todo o lado vieram manifestações de solidariedade para com os habitantes de Tanumshede. A Suécia era uma nação em estado de choque. Tanumshede era uma comunidade de luto.

Mas, naquele momento, Patrik só via uma mulher de luto. Tanto o marido como o filho estavam mortos. Como haveria de falar com uma pessoa que sofrera tanto? Não fazia ideia.

Quando a polícia foi a casa de Helen e de James, encontrou-o morto. Fora alvejado à frente de um armário com armas que estava escondido por detrás de uma parede falsa, num guarda-fatos. A teoria era de que Sam forçara o pai a abrir o armário onde guardava as armas e depois o baleara na cabeça.

Quando a polícia lhe contou o que Sam tinha feito e que o filho estava morto, Helen chorara histericamente. Quando lhe disseram que James estava morto, Helen não reagiu.

Tinham-na deixado em paz durante meia hora, mas já não podiam esperar mais.

– Lamento muito a sua perda – disse Patrik. – E peço desculpa, mas temos de fazer isto.

Helen assentiu. Tinha o olhar vazio, o rosto pálido. Também haviam chamado um médico para a examinar, mas Helen recusara.

– Eu compreendo – disse.

As mãos delicadas tremiam, mas Helen não chorava. O médico dissera que provavelmente ainda estava em estado de choque, mas considerou estar suficientemente lúcida para responder a perguntas. Tinham-lhe proposto a presença de um advogado, mas Helen também recusara.

– Como lhe disse antes, matei a Stella – disse Helen, olhando Patrik nos olhos.

Patrik respirou fundo. Depois tirou da pasta vários papéis que trouxera e colocou-os sobre a mesa à frente de Helen, para que esta conseguisse lê-los.

– Não, não matou – disse.

Helen abriu muito os olhos. Perplexa, olhou de Patrik para os papéis sobre a mesa.

– Estas são cópias de um documento que encontrámos no cofre de James. Deixou documentos sobre diversos assuntos, para o caso de ser morto numa das missões no estrangeiro em que participava. – Patrik prosseguiu: – A maior parte destes documentos diz respeito a questões práticas: a casa, contas bancárias e a vontade de James em relação ao próprio funeral. Mas também descobrimos isto... – Patrik apontou para o documento no topo da pilha. – É aquilo a que podemos chamar a última confissão do seu marido.

– Confissão? – perguntou Helen.

Olhou para a caligrafia de James nas páginas, depois afastou-as para o lado.

– Diga-me o que está aí escrito.

– A Helen não matou a Stella – disse Patrik com ar sombrio. – Pensou tê-la matado, mas a menina estava viva quando fugiu. O James... O James tinha um relacionamento com o seu pai e apercebeu-se de como seria desastroso se a Stella sobrevivesse e contasse o que tinha acontecido. Então matou-a. E deixou que a Helen e o seu pai acreditassem que a responsabilidade foi sua. O James escondeu o cadáver da menina para a ajudar. Dessa forma tornou-se o seu salvador e o seu pai ficou em dívida para com ele. Foi por isso que permitiu que casasse com o James. No Exército começavam a questionar-se acerca de James; os rumores espalhavam-se. O James precisava de uma família atrás da qual se pudesse esconder. Por isso convenceu o KG de que seria melhor para todos se casasse consigo. A Helen era uma fachada. A proteção para um homem que levava uma vida dupla que poderia custar-lhe a carreira.

Helen olhou fixamente para Patrik. As mãos tremiam-lhe ainda mais e a respiração era superficial, mas continuava a não dizer nada. Então pegou nas folhas. Lentamente foi amarrotando o relato de James até formar uma bola de papel.

– Deixou-me acreditar... – a voz quebrou e Helen apertou com força a bola de papel com ambas as mãos. – Deixou-me acreditar que eu...

A respiração era agora rápida e irregular, e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. A fúria brilhava-lhe nos olhos.

– O Sam... – mal conseguia pronunciar as palavras. – Por James me deixar pensar que era uma assassina, o Sam...

Não conseguiu terminar a frase. A voz denotava tanta raiva que parecia que as paredes estavam prestes a explodir na pequena sala da esquadra.

– O Sam poderia ter escapado de tudo isto! A raiva dele... A culpa que sentia... Não teve culpa. Percebe isso, não é? O Sam não tem culpa de nada do que aconteceu! Não é um rapaz mau. Não é malvado. Antes disto nunca tentou fazer mal a ninguém. Toda a vida teve de suportar tanto a minha culpa que pura e simplesmente não aguentou mais.

Helen soltou um uivo de dor enquanto as lágrimas iam caindo. Quando o grito esmoreceu, limpou o rosto à manga da camisa e olhou com ar esgazeado para Patrik.

– Tudo isto... Foi tudo uma mentira. O Sam nunca... Se o James não tivesse mentido durante todos estes anos, o Sam nunca teria...

Cerrava e abria os punhos. Então pegou na bola de papel e atirou-a contra a parede. Bateu com os punhos na mesa.

– Todos aqueles miúdos de ontem! Todas aquelas crianças mortas! Nada disso teria acontecido se... E a Nea... Foi um acidente. O Sam não queria fazer-lhe mal! O Sam nunca seria...

Helen ficou em silêncio e olhou para a parede com uma expressão resignada. Depois prosseguiu, numa voz que era agora calma e infinitamente triste.

– Devia estar a sofrer tanto para fazer uma coisa destas. Deve ter-se ido abaixo por causa de todos os fardos com que o sobrecarregámos. Mas ninguém vai compreender. Ninguém vai ver o meu querido menino. Vão ver um monstro. Vão pintá-lo como uma pessoa terrível, um rapaz malvado que lhes matou os filhos. Como posso fazê-los ver o meu filho querido? O menino afetuoso e amoroso que foi destruído por todas as nossas mentiras? Como posso fazê-los odiar-me e odiar o James, mas não o Sam? Não foi culpa dele! Foi vítima do nosso medo, da nossa culpa, das nossas obsessões egocêntricas. Deixámos que a

nossa própria dor devorasse tudo o que tínhamos e tudo o que Sam tinha. Como poderei fazê-los compreender que nada disto foi culpa dele?

Helen caiu para a frente, segurando-se à borda da mesa. Patrik hesitou. O papel de agente da polícia não lhe permitia sucumbir à compaixão. Tantas vidas tinham sido destruídas. Mas o pai que havia nele viu o pesar e a culpa paralisantes de outro progenitor e não podia negar aquela parte de si próprio. Levantou-se e contornou a mesa. Pôs uma cadeira ao lado de Helen, sentou-se e abraçou-a. Embalou-a suavemente enquanto as lágrimas lhe encharcavam a camisa. Não havia nenhum criminoso naquela história. Nenhum vencedor. Apenas vítimas e tragédias. E a dor de uma mãe.

*

Só chegou a casa ao amanhecer. Os carros de bombeiros. O hospital. As ambulâncias. Os jornalistas. Era tudo uma névoa. Marie recordava-se de a polícia a ter interrogado, mas mal conseguia lembrar-se do que dissera. Só que não fazia ideia, que não compreendia.

Não lhe tinham permitido ver Jessie. Nem sabia para onde o cadáver da filha tinha sido levado. Ou quanto dele restava. Que danos provocara o fogo. E as balas da polícia.

Marie encontrou os próprios olhos no espelho. Por puro hábito, as mãos moveram-se. Uma faixa de veludo para prender o cabelo. Três gotas de loção de limpeza num disco de algodão. Movimentos circulares para esfregar a loção no rosto. O frasco de tônico facial. Um novo disco de algodão. A sensação agradável e fresca na pele enquanto retirava o creme de limpeza pegajoso. Outro disco de algodão. Marie limpou a maquilhagem dos olhos, tendo o cuidado de remover o rímel sem partir nenhuma pestana. Finalmente o rosto estava nu. Limpo. Pronto para ser rejuvenescido, renovado. Pegou no boião redondo e prateado. Creme de noite *La Prairie*. Absurdamente caro, mas Marie esperava que fosse tão bom para a pele como o preço indicava. Pegou na pequena espátula e mergulhou-a no frasco. Untou as pontas dos dedos com creme e começou a esfregá-lo no rosto. Primeiro as faces. A zona em redor da boca e do nariz. Depois a testa. A seguir outro pequeno frasco prateado. Creme para os olhos. Não devia esfregar muito ou danificaria a delicada pele em torno dos olhos. Uma porção minúscula, cautelosamente pressionada contra a pele.

Estava pronta. Um comprimido para dormir e depois podia apagar-se enquanto as células da pele eram rejuvenescidas ao mesmo tempo que as memórias eram

apagadas.

Não podia começar a pensar. Se pensasse noutra coisa que não fossem os frascos prateados e a pele, que precisava de manter jovem e elástica para que os novos patrocinadores do filme estivessem dispostos a investir o seu dinheiro nela, a barragem rebentaria. O aspeto exterior sempre fora a sua salvação, os holofotes e o *glamour* tinham-na impedido de se recordar de toda a imundície e de toda a dor. Permitia-lhe ter uma única dimensão, que fornecia um refúgio das memórias do que perdera e das memórias do que nunca tivera.

A filha existira numa realidade paralela, flutuando num mundo que Marie se permitira visitar apenas esporadicamente. Houve momentos em que sentiu amor por Jessie? A filha provavelmente teria dito que não. Marie sabia-o. Sempre tivera consciência do desejo de Jessie por um único momento de carinho que fosse por parte da mãe. E houve momentos em que tinha querido ceder. Como na primeira vez em que encostara a bebé ao peito. Jessie estava pegajosa e morna, mas tinha um olhar tão penetrante no rosto quando encontrou os olhos da mãe... E quando Jessie deu os primeiros passos, com uma expressão imensamente feliz por conseguir adquirir uma capacidade que os seres humanos dominavam há milhões de anos. O orgulho que Marie sentiu quase a dominou completamente. Teve de virar-se e ir-se embora para não ceder àquela emoção. Depois veio o primeiro dia de escola da filha. A menina de rabo de cavalo louro e de mochila às costas desatara a correr, cheia de expectativas em relação a tudo o que aprenderia sobre o mundo, sobre a vida. No passeio, de mão dada com a *baby-sitter*, Juanita, Jessie virou-se para acenar a Marie, que estava à porta da bela casa que tinham alugado em The Hills. E Marie quase cedera. Quase saíra porta fora e segurara a menina nos braços para a abraçar e enterrar-lhe o nariz nos cabelos louros que tinham sempre o cheiro a alfazema do caro champô para crianças. Mas conseguira resistir. O preço teria sido demasiado alto.

Todos na vida de Marie tinham concorrido para lhe dar a mesma lição: amar alguém pagava-se muito caro. Acima de tudo, Helen. Amara Helen. E Helen amara-a. No entanto, Helen traíra-a. Escolhera outra pessoa. Escolhera outra vida. Atirara-lhe todo o amor e toda a esperança à cara. Isso não voltaria a acontecer. Nunca mais se deixaria magoar por ninguém.

Jessie também escolhera abandoná-la. Escolhera mergulhar de cabeça no fogo. No fim, Jessie também a traíra. E deixara-a para ali completamente sozinha.

Marie sentiu o cheiro a fumo nas narinas. Pegou noutro disco de algodão, embebeu-o em tónico facial e limpou cuidadosamente as narinas. Sentiu um ardor e um formigueiro, dando-lhe vontade de espirrar. As lágrimas encheram-

lhe os olhos, mas o cheiro recusava-se a desaparecer. Ergueu os olhos, tentando assim evitar as lágrimas. Tirou um lenço da caixa de *Kleenex* e esfregou freneticamente os olhos, mas não conseguiu conter as lágrimas.

Não tinha de ir aos estúdios durante alguns dias. Ninguém precisava dela naquele momento. Estava completamente sozinha, como sempre soubera que ficaria. Mas não podia deixar que aquilo a quebrasse. Tinha de ser forte. O espetáculo tinha de continuar.

*

– Ontem foi um dia negro na história desta comunidade – disse Patrik.

Vários colegas assentiram. A maior parte estava simplesmente a fitar a mesa da sala de conferências, que parecia tão claustrofóbica.

– Que diz o último relatório do hospital? – perguntou Gösta.

O rosto enrugado apresentava uma palidez acinzentada. Nenhum deles dormira um segundo que fosse. O trabalho doloroso de notificar as famílias demorara uma noite inteira e estavam a ser importunados por jornalistas cada vez mais agressivos e obcecados em descobrir o máximo possível sobre o que tinha acontecido.

As pessoas andavam a falar naquilo há muito tempo. Era o que todos tinham temido. Que os tiroteios nas escolas dos EUA pudessem começar a espalhar-se para a Suécia, que alguém, mais cedo ou mais tarde, decidisse matar os próprios colegas. Sam e Jessie não o tinham feito na escola, mas o padrão era o mesmo e os alvos tinham sido alunos.

– Morreu mais uma rapariga há uma hora. Portanto, neste momento há nove mortos e quinze feridos.

– Meu Deus – disse Gösta, abanando a cabeça.

Patrik não conseguia interiorizar aqueles números. O cérebro recusava-se a fazê-lo. Era impossível pensar que havia tantos jovens mortos ou feridos e que fossem ficar com cicatrizes para o resto da vida.

– Dez mortos – se contarmos com o James – disse Martin.

– O que diz a Helen? – perguntou Gösta. – E a Marie? Repararam em alguma coisa? O Sam e a Jessie andavam a agir de modo estranho? Deram alguma pista?

Patrik abanou a cabeça.

– Dizem ambas que não faziam ideia. Mas encontrámos o caderno do Sam em casa dos Jensen, com um plano pormenorizado do que pretendiam fazer,

incluindo esboços do centro comunitário. O Sam parecia andar a planejar isto há bastante tempo e depois, de alguma forma, persuadiu a Jessie a participar.

– A Jessie alguma vez manifestou tendências violentas? – perguntou Paula.

– Segundo a Marie, não. Diz que a filha sempre foi solitária, que pode ter sido alvo de *bullying* nas escolas que frequentou. Tenho a impressão de que a Marie nunca ligou muito à filha.

– O Sam deve ter-se decidido a agir depois da morte da Nea – disse Martin. – Imaginem... Ter quinze anos e carregar aquela culpa. Um rapaz com um pai dominador e uma mãe submissa. Se acrescentarmos o estigma de viver à sombra da vergonha da Helen... bem, não deve ter sido nada fácil para ele.

– Por amor de Deus, não tenham pena dele! – disse Mellberg. – Há muitos jovens que tiveram uma vida familiar muito pior e não andam para aí a massacrar os colegas.

– Não foi isso que eu quis dizer – disse Martin num fio de voz.

– O que diz a Helen? – perguntou Gösta.

– Está desesperada. Dilacerada. O filho e o marido morreram. Vai ser acusada de obstrução à justiça e de dar guarida a um criminoso por causa do que fez depois da morte da Nea.

Paula mostrou a todos um jornal.

– O Adnan está a ser retratado como herói em todos os jornais – disse, mudando de assunto. – O refugiado que deu a vida para salvar crianças suecas.

– Que inconsciência! – disse Mellberg, mas não conseguiu esconder a admiração que sentia.

Patrik assentiu. O que o Adnan e o Khalil tinham feito fora incrivelmente estúpido e incrivelmente corajoso. Tinham resgatado trinta adolescentes. Trinta jovens que sem dúvida estariam mortos se não tivessem sido ajudados pelos sírios.

Patrik passara a noite toda a debater-se com as imagens que lhe ficariam para sempre gravadas na memória. O fogo e os tiros tinham-nos forçado a tomar rapidamente a decisão de entrar no edifício. Patrik e Paula foram os primeiros a entrar pela porta da frente depois de os bombeiros a terem aberto à machadada. Não houve tempo para hesitações. Viram Sam e Jessie costas com costas no meio da sala em chamas, a disparar contra os outros adolescentes que corriam aos gritos para a porta das traseiras que Adnan e Khalil tinham conseguido abrir. Patrik trocou uma olhadela com Paula, que assentiu. Ergueram as armas de serviço e dispararam. Sam e Jessie caíram instantaneamente no chão.

O resto era como uma névoa. As ambulâncias não tinham parado a noite toda. Todos os hospitais do país tinham ajudado e vários populares tinham-se prontificado a transportar os feridos.

Cada vez mais pessoas se tinham juntado à porta do centro comunitário. Acenderam velas e choraram, abraçando-se enquanto faziam milhares de perguntas que talvez nunca viessem a ser respondidas. Tanumshede tomara o seu lugar ao lado dos nomes de outras cidades nos livros de História – aquelas comunidades que ficariam para sempre ligadas a alguma grande tragédia e que para sempre invocariam imagens da morte e do mal. Mas ninguém estava a pensar nisso naquele momento. De momento as pessoas estavam de luto pelos filhos e filhas, pelos irmãos e amigos, vizinhos e conhecidos. Já não conseguiam convencer-se de que, só porque viviam numa cidade pequena, seriam poupados a todo o mal que liam nos jornais. Daí em diante trancavam as portas e iam para a cama à noite com uma sensação desconfortável, uma ansiedade em relação ao que poderia acontecer.

– Como vai isso? – perguntou Annika, olhando para Patrik e para Paula.

Patrik olhou para Paula e ambos encolheram os ombros. Que podiam dizer?

– Não havia outra opção – respondeu Paula com ar grave. – Fizemos o que tínhamos de fazer.

Patrik limitou-se a assentir sem falar. Sabia que a colega tinha razão. Não havia qualquer dúvida acerca disso. A única maneira de salvar os reféns era abater Sam e Jessie. Sabia que tinha sido a decisão certa e ninguém os criticaria pelo que fizeram. Mas ter de disparar sobre um jovem... Tanto ele como Paula teriam de conviver com aquilo para o resto das suas vidas. Porque, independentemente do que Sam e Jessie tivessem feito, eram dois adolescentes perdidos que se tinham levado um ao outro a fazer algo tão horrível que era quase impossível de compreender. Patrik poderia nunca entender o que os levara a fazer aquilo. Poderia nunca compreender como Sam e Jessie tinham conseguido justificar aqueles atos a si próprios.

Aclarou a voz.

– Quando os técnicos revistaram o quarto de Sam esta manhã, encontraram uma *pen* com fotografias íntimas de James com um homem que já foi identificado como KG Persson. O pai da Helen.

– Terá sido o fator decisivo para Sam? – perguntou Martin. – Ver a mãe a beijar outra mulher e ter encontrando essas fotos do pai?

Paula abanou a cabeça.

– Não sei – disse Patrik. – Provavelmente nunca saberemos toda a história. E há outro assunto que temos de debater.

Apontou para Mellberg.

– No jantar de casamento, o Bertil contou-me que recebeu uma informação de um homem que deu boleia a três adolescentes. Deixou-os perto do centro de acolhimento de refugiados mais ou menos na mesma altura em que alguém pôs as cuequinhas da Nea dentro de casa do Karim. A testemunha diz que um dos adolescentes era o filho do Bill, o Nils, que estava acompanhado por uma rapariga e outro rapaz. Morreram os três, ontem. Não vejo qualquer utilidade em tornar esta informação pública. Alguém se opõe? – Percorreu a sala com os olhos. Todos abanaram a cabeça. – Quanto ao incêndio no centro de refugiados, continuaremos a nossa investigação, mas acho que será difícil descobrir quem foi o responsável. Têm sido queimados centros de acolhimento de refugiados por toda a Suécia e ninguém é apanhado. Mas vamos manter os olhos e os ouvidos abertos.

Todos assentiram. O silêncio instalou-se na sala. Patrik apercebeu-se de que deviam fazer um ponto da situação final e rever tudo o que tinha acontecido, mas o cansaço começava a instalar-se e o calor na sala estava a deixá-los ainda mais sonolentos. Estavam tristes, chocados, exaustos e destroçados. O telefone da receção não parava de tocar há horas. Não era apenas a Suécia, era o mundo inteiro que estava concentrado em Tanumshede e na tragédia que lá se desenrolara. E Patrik sabia que todos os que estavam sentados naquela pequena sala da esquadra sentiam que alguma coisa mudara para sempre. Nunca mais ninguém voltaria a ser a mesma pessoa.

Karim temia que as pessoas achassem que era ingrato, que não apreciava tudo o que tinham feito por ele. Mas isso não era verdade. Karim nunca pensara que algum sueco lhe pudesse abrir a própria casa como lhe tinham feito a ele e aos filhos. Nunca pensara que o ajudariam a conseguir encontrar um lar, que abraçariam os filhos e falariam com ele como iguais. Estava feliz por ter vivenciado aquele outro lado da Suécia.

Mas não podia ficar ali. Nem ele nem os filhos. A Suécia tirara-lhe demasiado. Amina estava com as estrelas no céu e os raios quentes do Sol, e Karim tinha saudades da mulher a cada minuto que passava, a cada segundo. Guardou cuidadosamente as fotografias de Amina na mala, envolvendo-as em roupa macia. A maior parte da mala estava cheia de roupa de criança. Não tinha forças para transportar mais do que uma mala, por isso só levaria o essencial. Não precisava de muita coisa. Os filhos precisavam de tudo. Mereciam tudo.

Era impossível levar todos os brinquedos que tinham recebido de Rita, de Bertil e de Leo. Sabia que os filhos ficariam tristes, mas simplesmente não havia espaço. Mais uma vez teriam de deixar para trás coisas de que gostavam. Era o preço que tinham de pagar pela liberdade.

Karim olhou para os filhos. Samia estava a dormir com um coelho nos braços, um coelho de brincar cinzento e branco que Leo lhe oferecera. Recusava-se a dormir sem ele. A filha poderia levar o coelho com ela, mas só aquele. E Hassan agarrava com força um saquinho de berlindes coloridos. Os berlindes reluziam através da rede preta. Hassan era capaz de estar a olhar para eles durante horas. Também os levariam. Mas não havia espaço para mais nada.

Karim ouvira falar de Adnan e de Khalil. Todos tinham telefonado uns para os outros a falar deles com um misto de horror e de orgulho. Os suecos chamavam-lhes heróis. Que irónico. Karim lembrou-se de como Adnan tinha ficado dececionado quando lhe contara como os suecos o olhavam como se fosse de outro planeta. Tinha sido o ocupante do centro de acolhimento de refugiados que mais quisera integrar-se. Que mais quisera ser aceite. E agora os suecos chamavam-lhe herói, mas de que adiantava? Adnan nunca saberia.

Karim percorreu o apartamento com o olhar. Era agradável e luminoso. Espaçoso. Podia ter sido um bom lar para ele e para os filhos. Se ao menos as saudades de Amina não fossem tão dilacerantes. Se ao menos ainda tivesse esperança de que aquele país fosse capaz de oferecer-lhe um futuro. Mas a Suécia apenas lhe trouxera mágoa e rejeição. Sentira o ódio e a desconfiança de que fora alvo, e sabia que nunca se sentiria seguro naquele país. Teriam de continuar em busca de um lugar onde pudessem ficar. Onde se sentissem seguros e tivessem fé num futuro melhor. Algures, Karim seria capaz de imaginar o sorriso de Amina sem sentir a dor a apunhalar-lhe o peito.

Com esforço, pegou numa esferográfica com a mão ferida. As ligaduras tinham sido retiradas no hospital, mas as mãos ainda lhe doíam e, por muito tempo, talvez para sempre, ficariam rígidas e com cicatrizes. Pegou num papel e depois fez uma pausa. Não sabia o que escrever. Não era ingrato. Não, não era. Estava assustado. E vazio.

Por fim escreveu uma única palavra. Uma das primeiras palavras suecas que aprendera. *Tack*. Obrigado. Depois levantou-se para acordar os filhos. Tinha uma longa jornada pela frente.

*

PASSARA QUASE UMA SEMANA desde a tragédia no centro comunitário. O processo de luto entrara lentamente numa nova fase e a vida quotidiana começava a retomar o seu lugar. Como sempre acontecia. Pelo menos para aqueles que estavam na periferia e não no epicentro daquela desgraça. Para os que tinham perdido um ente querido ainda havia um longo caminho a percorrer antes de se aproximarem de algo que se assemelhasse à vida quotidiana.

Martin estivera a matutar toda a manhã sobre o que a estranha conversa do dia anterior com o advogado poderia significar. Olhou para o teto quando Mette rebolou com ar sonolento para o seu lado da cama e murmurou:

– A que horas tens de estar lá?

– Às nove – respondeu Martin, olhando de relance para o relógio. Viu que estava quase na hora. – Que achas que é? – perguntou. – Será que alguém me processou? Deverei dinheiro a alguém? O que poderá ser?

Abriu as mãos com frustração e Mette riu-se. Martin adorava ouvi-la rir. Na verdade, adorava tudo nela, embora ainda não se atrevesse a dizê-lo. Não diretamente. Estavam a levar as coisas com calma, um passo de cada vez.

– Talvez sejas multimilionário. Talvez algum parente americano rico e desconhecido tenha morrido e tu sejas o único herdeiro.

– Aha! Eu sabia! – disse Martin. – Só estás comigo por causa do meu dinheiro!

– Claro! Pensavas o quê? Que era por causa dos teus enormes bíceps ou uma coisa do género?

– És muito engraçadinha! – retorquiu Martin, e começou a fazer-lhe cócegas.

Mette sabia que Martin era sensível em relação aos braços que não eram particularmente musculosos.

– Se calhar devias pensar em vestir-te, senão não chegas a tempo – disse Mette. Martin assentiu e levantou-se relutantemente.

Meia hora mais tarde estava no carro, a caminho de Fjällbacka. O advogado recusara-se a explicar o motivo da convocatória, limitando-se a repetir que Martin devia comparecer no escritório às nove horas em ponto.

Estacionou em frente à vivenda onde funcionava o pequeno escritório de advogados, saiu e bateu à porta. Um homem de cabelos grisalhos na casa dos sessenta abriu-lhe a porta e, com entusiasmo, apertou-lhe a mão.

– Sente-se – disse, apontando para uma cadeira à frente da secretária extremamente organizada.

Martin sentou-se. Desconfiava sempre de pessoas excessivamente arrumadas e, naquele gabinete, tudo parecia estar no devido lugar.

– Bem, não faço ideia do que se trata – disse Martin.

Sentia as palmas das mãos a começar a suar e apercebeu-se de que o rosto e o pescoço tinham ficado vermelhos, o que detestava.

– Não há qualquer motivo para estar preocupado – disse o advogado. – Aliás, muito pelo contrário.

Martin ergueu as sobrancelhas. Agora estava realmente curioso. Talvez Mette tivesse acertado em relação ao milionário americano.

– Sou o executor testamentário de Dagmar Hagelin – explicou o advogado. Martin teve um sobressalto.

Olhou fixamente para o homem.

– A Dagmar? – perguntou, confuso. – Faleceu? Mas conversámos com ela há uma semana!

Sentiu uma pontada no peito. Tinha gostado daquela velhota. Muito.

– A Dagmar Hagelin faleceu há poucos dias, mas estes processos levam sempre o seu tempo – explicou o advogado.

Martin não fazia ideia do que estava ali a fazer.

– A Dagmar tinha um desejo muito específico em relação a si.

– A mim? – perguntou Martin. – Mas nós não nos conhecíamos verdadeiramente. Só estive com a Dagmar duas vezes, por causa de assuntos policiais.

– Estou a ver – disse o advogado, surpreendido.

Depois recompôs-se.

– Nesse caso, o Martin deve ter causado uma boa impressão nessas duas ocasiões. A Dagmar acrescentou um aditamento ao testamento, porque queria que herdasse a casa dela.

– A casa dela? Como assim?

Martin estava confuso. Alguém devia estar a brincar. Mas o advogado parecia completamente sério.

– Segundo o testamento, a Dagmar quer que herde a casa dela. A Dagmar escreveu-lhe uma nota a dizer que, apesar de haver algumas reparações a fazer, acha que o Martin vai gostar de lá morar.

Martin não conseguiu compreender o que o advogado estava a dizer, mas em seguida ocorreu-lhe algo.

– Mas a Dagmar tem uma filha. Será que não vai ficar chateada? Não quer a casa?

O advogado apontou para alguns papéis sobre a mesa à sua frente.

– Tenho aqui um documento a declarar que a filha de Dagmar renunciou completamente à posse da casa. Quando falei com ela ao telefone disseme que era demasiado velha para tomar conta de uma casa tão deteriorada e que não precisava do dinheiro. «Tenho tudo o que preciso», disse. «Se a minha mãe decidiu que era isto que queria, sei que teve um bom motivo para o fazer.»

– Mas... – disse Martin com os olhos marejados de lágrimas.

Lentamente, começou a interiorizar o que acabara de acontecer. Dagmar oferecera-lhe a sua linda casa vermelha. A casa em que não conseguira parar de pensar. Tinha andado a matutar sobre como poderia dar-se ao luxo de comprar aquela casa para si e para Tuva. Tinha visualizado toda a cena: o sítio onde montaria um baloiço no quintal, o espaço onde Tuva poderia plantar uma pequena horta, como teriam uma lareira no inverno e como desbravaria um caminho até aos degraus da entrada. Imaginara mil e uma coisas, mas nunca conseguira descobrir onde iria buscar o dinheiro para comprar a casa.

– Mas porquê? – perguntou, já não conseguindo conter as lágrimas, porque agora estava a pensar em Pia e em como a companheira sempre quisera que Tuva crescesse numa pequena casa vermelha no campo, com baloiços no quintal e o seu pequeno jardim.

Estava a chorar não só porque Pia não veria nada daquilo, mas porque sabia que ficaria feliz por todas as novidades na vida de Martin, mesmo que já não estivesse entre eles.

O advogado entregou a Martin um lenço e depois disse em voz baixa:

– A Dagmar disse que o Martin e a casa precisavam um do outro. E olhe que me parece que tinha razão.

*

Bill e Gun tinham cuidado de Khalil quando este recebeu alta do hospital, completamente dilacerado pela dor. Tinham-lhe dado o agradável e luminoso quarto de hóspedes no rés-do-chão. Os pertences do sírio já tinham sido trazidos do alojamento na cave onde tinha morado. Juntamente com as coisas de Adnan. Bill prometera ajudá-lo a fazer chegar uma carta aos pais do amigo. Khalil queria que soubessem que o filho tinha morrido como um herói. Que cada pessoa no seu novo país sabia agora o nome dele e tinha visto a fotografia dele. Tornara-se um símbolo, uma ponte para os suecos. O primeiro-ministro chegara mesmo a referir Adnan num discurso que passara na televisão. Dissera que

Adnan mostrara que a compaixão humana não tinha que ver com fronteiras nacionais nem com a cor da pele. Adnan não tinha pensado na nacionalidade nem na cor dos jovens quando sacrificou a vida para salvar muitos deles. O primeiro-ministro dissera muito mais. Falara durante muito tempo. Mas era aquilo que Khalil queria dizer na carta aos pais de Adnan.

O primeiro-ministro também falara de Khalil. Mas nessa altura já Khalil parara de ouvir. Não se sentia um herói. Não queria ser um herói. Só queria ser um deles. À noite tinha pesadelos sobre os rostos dos jovens. O medo estampado nos olhos deles, o terror e o pânico. Pensara que nunca teria de voltar a passar por aquilo. Mas o medo nos olhos dos adolescentes era exatamente o mesmo que vira na Síria. Não havia qualquer diferença.

À noite, Bill e Gun sentavam-se à frente da televisão. Às vezes davam as mãos. Outras, sentavam-se simplesmente lado a lado enquanto o brilho da televisão lhes iluminava os rostos. Ainda não tinham tido autorização para enterrar o filho, Nils. A polícia não sabia dizer quando terminaria a investigação. Os filhos mais velhos tinham ido visitá-los, mas depois voltaram para as suas próprias casas, para as suas próprias famílias. Não podiam aliviar a tristeza dos pais e estavam a braços com a sua própria dor.

Khalil supusera que já não iam participar na regata. Não sem Adnan. Nem sem Karim. Tinha saudades do amigo e interrogava-se sobre o paradeiro de Karim e dos filhos. Tinham pura e simplesmente desaparecido.

Na terceira manhã na casa de Bill e de Gun, Bill disse a Khalil que tinha conversado com os outros e que iam encontrar-se no veleiro às dez horas. Não dissera mais nada e Khalil não perguntara. Acabara simplesmente de anunciar que iam tomar parte na regata. Sem Adnan. E sem Karim.

Por isso ali estavam, à espera do tiro de partida. Já tinham competido várias outras classes de barcos e Dannholmen estava repleta de espectadores. Os organizadores tinham tido muita sorte com o tempo e o Sol brilhava num céu azul-claro. Muitas pessoas estavam ali para testemunhar o projeto de Bill. Jornalistas e curiosos, habitantes locais e turistas. Na verdade, parecia que toda a Fjällbacka e a região circundante se tinha reunido na pequena ilha despida. Khalil lera na Internet que vivera ali uma estrela de cinema sueca. A mesma cuja estátua adornava a pequena praça de Fjällbacka. Não a conhecia, mas Bill e Gun tinham passado um DVD de um dos filmes dela na noite anterior. Um filme chamado *Casablanca*. A atriz era linda. Um pouco triste, mas linda. De uma beleza fria, à maneira sueca.

Khalil já vira a ilha, mas nunca tinha ido a terra. Tinham treinado intensamente durante os poucos dias que faltavam para a competição, no percurso em redor da ilha. Quando fora criada, a regata destinava-se unicamente a pequenas embarcações, para as crianças e os jovens do clube de vela de Fjällbacka. Mas quando a competição fora reinstituída, há alguns anos, a classe a que pertencia o barco onde iam participar tinha sido acrescentada. Bill explicou-lhes que se chamava classe C55.

Khalil olhou para Bill, que manobrava o timão. Avançavam e recuavam juntamente com os outros sete barcos da mesma classe, olhando para o relógio para ficarem na melhor posição possível quando soasse o tiro de partida. Ninguém falou de Adnan. No entanto, todos sabiam que aquilo já não era uma mera competição, uma maneira de passar o tempo enquanto esperavam para saber se teriam ou não um novo lar na Suécia.

Três minutos antes do início, Khalil voltou a olhar para a ilha. O zumbido de vozes das pessoas a beber café, das crianças a correr e a falar entre si, dos grupos de fotógrafos e de jornalistas a conversar parou de repente. Todos se deslocaram para o lado da ilha de onde os barcos partiriam. Adultos. Crianças. Jornalistas. Habitantes de Fjällbacka. Turistas. Khalil viu algumas pessoas do centro de acolhimento de refugiados. Rolf estava lá. Gun estava lá com os dois filhos mais velhos. Rostos familiares e desconhecidos. Vários agentes da esquadra. Todos ficaram em silêncio, a olhar para o barco deles. Nenhum barulho se ouvia além do bater da água contra o lado do barco e do esvoaçar da vela ao vento. Bill tinha os dentes cerrados e segurava o timão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Uma criança começou a acenar. Então, outra pessoa acenou. E mais outra. Toda a gente em Dannholmen estava a acenar à tripulação enquanto o barco passava. Khalil sentiu que aquela reação o atingiu em cheio no coração. Aquela não era uma linguagem que precisava de esforçar-se para conseguir compreender. Era igual em todo o mundo. Um gesto universal de amor. Acenou para mostrar que tinham visto, que compreendiam. Ibrahim e Farid também acenaram, mas Bill, à popa, de costas muito direitas, manteve os olhos fixos em frente. Os olhos cheios de lágrimas eram a única indicação de que tinha reparado no que estava a acontecer.

Então foi dado o sinal. Com perfeita precisão, o barco cruzou a linha de partida. Em Dannholmen, os espectadores continuaram a acenar e alguns aplaudiram e assobiaram. O som elevou-se no céu azul-claro. A vela enfunou-se e ficou tensa, e o barco inclinou-se e cortou as ondas. Por um momento, Khalil

pensou ter visto os rostos deles no meio da multidão. Amina. Karim. Adnan. Mas, quando voltou a olhar, tinham desaparecido.

– Ainda bem que estás a gostar – disse Erica, servindo à irmã outra porção de batatas gratinadas.

Parecia que Anna quando estava grávida conseguia comer tanto como um homem de dois metros.

– Não és a única – disse Patrik, pegando na bandeja de filetes. – Estou finalmente a recuperar o apetite.

– Como tens andado? – perguntou Dan. – Todos fomos afetados pela tragédia no centro comunitário, mas para ti deve ser... horrível.

Dan fez que sim com a cabeça a Erica, que estava a inclinar uma garrafa de água mineral *Ramlösa* na sua direção. Sabia que Dan não se atrevia a beber vinho, para o caso de precisar de levar Anna para a maternidade.

Patrik pousou os talheres. Erica sabia que o marido não queria responder àquela pergunta. Havia tanta gente que tinha perdido tanto, tantas pessoas que estavam de luto, e havia tantas vítimas.

– Estamos a receber aconselhamento – respondeu, fazendo girar o copo de vinho. – É uma sensação estranha estar a falar com um psicólogo, mas no fundo... bem, talvez não devêssemos dispensá-lo tão depressa.

– Ouvi dizer que correm rumores de que o filme pode receber um prémio *Guldbagge*³³ – disse Anna, querendo mudar de assunto. – Pela atuação da Marie.

– Bem, tendo em conta toda a atenção mediática, não me surpreende – disse Erica. – Mas a Marie parece ter mudado desde que a Jessie morreu. Não deu uma única entrevista.

– Ouvi dizer que vai publicar um livro sobre o que aconteceu – disse Dan, pegando na saladeira.

– Quer contar a versão dela – disse Erica. – Mas a Marie e a Helen prometeram falar mais comigo. A Sanna também.

– Como está a Sanna? – perguntou Patrik.

– Falei com ela ontem – respondeu Erica, pensando na pobre mulher que também perdera a filha. – Que posso dizer? Está a tentar levar a vida para a frente o melhor que pode.

– Então e a Helen? – perguntou Dan.

– Parece que vai ser presa por obstrução à justiça e por ter dado guarida a um criminoso – respondeu Patrik. – Não sei bem o que pensar disso. Parece-me que a Helen é mais uma vítima como muitas outras pessoas neste caso trágico. Mas a lei é a lei.

– Como estão os pais da Nea? – perguntou Anna, pousando o garfo.

– Vão vender a quinta – respondeu Patrik.

Erica lançou-lhe um olhar de compaixão. Sabia como o marido tinha levado aquele caso a peito, as noites em branco que passara a dar voltas e mais voltas na cama, atormentado por pensamentos e memórias que nunca o abandonariam. Amava-o por isso. Patrik era bondoso. Era corajoso. Era forte e leal. Era um marido melhor do que Erica alguma vez sonhara e um pai incrível para os filhos. A vida do casal nem sempre era cor-de-rosa, romântica ou fácil. Era cheia de *stress* e tumultuosa, com todos os pequenos conflitos quotidianos inerentes ao facto de serem pais de crianças numa idade de teimosia. Erica e Patrik não dormiam o suficiente, não faziam amor o suficiente; tinham muito pouco tempo para si e pouco tempo para falar sobre coisas que eram importantes. Mas era a vida que tinham. Os filhos estavam bem, eram amados, eram felizes. Estendeu a mão para pegar na de Patrik e sentiu o marido a apertar-lha por sua vez. Eram uma equipa. Uma unidade.

Anna choramingou. Tinha repetido três vezes a carne de porco e as batatas gratinadas, por isso não era de estranhar que o estômago protestasse. Mas então o rosto contorceu-se ainda mais. Dan ficou hirto e olhou para Anna, que lentamente descaiu a cabeça para olhar para baixo. Ergueu-a de novo, a respiração ofegante.

– Estou a sangrar – disse Anna. – Ajudem-me. Estou a sangrar.

Erica sentiu o coração parar de bater por um segundo. Então precipitou-se para o telefone.

³³ Os *Guldbaggen*, «Escaravelhos de ouro» são os Óscares do cinema sueco, entregues anualmente desde 1964 pelo Instituto Sueco do Cinema. (*N. do T.*)

BOHUSLÄNINGEN

A MALDIÇÃO DA BRUXA

Coincidência? Ou será que a maldição proferida por uma bruxa há cerca de trezentos anos reclamou mais uma vítima?

As descobertas feitas por Lisa Hjalmarsson, de 15 anos, vão certamente deixar o sangue do leitor gelado. Lisa, aluna da turma 9B da Escola Secundária de Hamburgsund, escreveu um ensaio sobre Elin Jonsdotter, natural de Fjällbacka – uma mulher que foi condenada por bruxaria e executada em 1672. No cepo do carrasco, Jonsdotter lançou uma maldição terrível contra aqueles que a acusaram: a irmã, Britta Willumsen, o cunhado, Preben, e uma mulher chamada Ebba de Morhult.

A história emocionante e bárbara de Jonsdotter acaba de ter uma sequência desagradável, mas excitante, devido à pesquisa de Lisa Hjalmarsson.

Os descendentes dos acusadores do século XVII estiveram envolvidos em todo o género de tragédias humanas inimagináveis: homicídios, suicídios e acidentes fatais.

Tragédias que culminaram num acontecimento horripilante no verão passado.

A tragédia em Tanumshede, que relatámos neste jornal, pode estar diretamente relacionada com a maldição que Elin Jonsdotter proferiu há mais de trezentos anos. Lisa Hjalmarsson conseguiu provar que os adolescentes que incendiaram o centro comunitário e mataram a tiro muitos jovens eram descendentes diretos de Preben e de Britta Willumsen, assim como de Ebba de Morhult.

Coincidência?

Ou será que a maldição de Elin Jonsdotter continua a reclamar vítimas nos nossos dias?

Agradecimentos

Escrever sobre o século XVII foi difícil e desafiador, mas também incrivelmente agradável. Vasculhei uma tonelada de livros, li artigos na Internet e consultei especialistas. No entanto, mal arranhei a superfície desse período fascinante, e todos os erros, conscientes ou inconscientes, são inteiramente meus. O mesmo se aplica à história passada nos nossos dias. Tomei certas liberdades para fazer com que acontecimentos e factos históricos encaixassem na história. Esse é o privilégio dos escritores e dos narradores.

Como sempre, quando escrevo um livro há muitas pessoas a quem gostaria de agradecer. Um livro não é escrito no vácuo; requer trabalho em equipa, embora só eu me tenha sentado ao teclado.

Estou sempre consciente do risco de deixar de fora alguém que tenha desempenhado um papel importante, mas gostaria de agradecer a várias pessoas fundamentais, tanto na minha vida profissional como na pessoal.

A minha editora, Karin Linge Nordh, e o meu editor, John Häggblom, fizeram um trabalho tremendo com o manuscrito de *A Menina na Floresta* – um trabalho que era mais exigente do que nunca por causa da enorme extensão do livro. Com atenção meticulosa e amor podaram as ervas daninhas do jardim e apararam o que era preciso aparar. Estou consciente da contribuição incrível de ambos e estou-lhes imensamente grata. Gostaria também de agradecer a Sara Lindegren, da editora Forum, assim como a Thérèse Cederblad e a Göran Wiberg, da editora Bonniers. Também recebi ajuda na verificação de factos por parte de Niklas Ytterberg, Miriam Säfstrom, Ralf Tibblin, Anders Torewi, Michael Tärnfalk, Kassem Hamadè, Lars Forsberg e Christian Glaumann. A vossa ajuda foi inestimável!

Quero agradecer a todos aqueles que me ajudam a manter a vida nos carris. À minha mãe, Gunnel Läckberg, a Anette e a Christer Sköld, a Christina Melin, a Sandra Wirström, a Andreea Toba e a Moa Braun E aos meus maravilhosos filhos mais velhos, Wille, Meja e Charlie, que estiveram sempre dispostos a ajudar-me a lavar a louça ou a tomar conta da Polly quando eu precisava de trabalhar. Que filhos tão maravilhosos!

Joakim e a equipa da Nordin Agency: são todos o máximo! Estou ansiosa por mais sucessos no futuro.

Também quero agradecer à minha amiga e irmã (embora não de sangue) Christina Saliba, assim como a Sean Canning, que se tornou não só um recurso incrível na minha equipa, mas também um bom amigo. E os meus agradecimentos a todos os seus maravilhosos e talentosos colegas.

Há mais duas pessoas em particular que quero destacar. Em primeiro lugar, Johannes Klingsby, que inspirou um personagem-chave no livro. Num leilão de apoio à instituição de beneficência Musikhjälpen, o seu lance vencedor deu-lhe a oportunidade de ser incluído no romance, ao mesmo tempo que contribuiu generosamente para a causa. A licitar contra Johannes estava Fredrik Danermark, noivo da minha amiga Cecilia Ehrling, que conheci quando participei no programa televisivo *Dança com as Estrelas*. Fredrik perdeu para Johannes e ficou muito desapontado porque planeava oferecer a inclusão no romance a Cecilia como presente de casamento. Então decidi que, como presente de casamento da minha parte e de Simon, Cecilia também teria um papel secundário no livro. Os meus agradecimentos a Johannes e a Cecilia por emprestarem um pouco mais de autenticidade e de personalidade à minha história.

Em seguida, obrigada a todos os meus amigos. Como é habitual, não quero mencionar nomes específicos, porque são muitos e são todos tão maravilhosos que me sentiria mal se deixasse alguém de fora. No entanto, como sempre, quero dar uma menção honrosa a Denis Rudberg. Podemos não nos ver muitas vezes, mas durante toda a minha carreira de escritora tu tens estado sempre a um telefonema de distância, oferecendo-me conselhos sábios e perspicazes. Por falar em conselhos perspicazes, tenho igualmente de mencionar Mia Törnblom. Obrigada por todas as conversas estimulantes!

E agora o meu amado Simon. Por onde hei de começar? Desde que escrevi o meu livro anterior tivemos uma filha adorável, Polly. O nosso pequeno sol e o tesouro de toda a nossa família. Escrevi este romance durante o primeiro ano de vida de Polly. E isso nunca teria sido possível se tu não fosses o homem incrível que és. Simon, és o meu rochedo. Amo-te. Obrigada por tudo o que fazes por mim e pelas crianças. Obrigada por nos amares.

Camilla

Gamla Enskede
Domingo, 5 de março de 2017